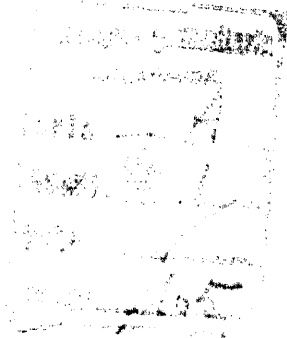
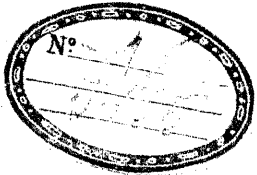


026



20.a.4.  
15.



0  
1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
2

186.

R. 1816  
Al Colegio de la Compañía de Jesus de Granada B. de.

ARTE  
**MILITAR**  
DIVIDIDA EM TRES  
PARTES.

*A primeira ensina a pelejar em campanha aberta, a segunda nos alojamentos, e a terceira nas fortificações.*

COM TRES DISCURSOS ANTES DA ARTE.

*No primeiro se mostra a origem, e principio da guerra, e Arte Militar; e o seu primeiro autor, no segundo a necessidade que d'ella tem todos os estados, e no terceiro como se poder à saber, e conservar.*

E hũa comparação da antiga milicia dos Gregos, & Romanos, com a deste tempo.

COMPOSTA POR LVIS MENDES  
*De Vasconcelos.*

COM TODAS AS LICENCAS NECESSARIAS.

IMPRESSA NO TERMO D'ALENQUER.  
Na quinta do Mascotte.

POR VICENTE ALVAREZ.  
*Anno MDCXII.*

COM PRIVILEGIO REAL.

*Taxada a reis em papel.*



**P** Or ordem do Sancto Officio vi esta *Arte Militar* composta por Luis Mendes de Vasconcelos, não te cousa contra nossa Sancta Fé, ou bõs costumes, antes mostra o autor muita lição, & conhecimento de auctores, & successos antigos concernentes à *Arte*, & prudencia Militar de que assi os capitães, como os soldados se podem aproveitar no uso da guerra polo que me parece muy digna de se imprimir. Em Lisboa em San Francisco d' Encobregas a 4. de Março de 1610.

F. Luis dos Anjos.

**V** Ista a informação pode se imprimir esta *Arte Militar*, & depois d' impressa torne a este Conselho para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrá. Em Lisboa 6. de Março de 1610.  
Bertholameu da Fonseca. Ruy Pirez da Veyga.

**P** Ode se imprimir este liuro vistas as licenças que offerece do S. Officio, & do Ordinario, & antes de correr tornará á mesa para ser taxada. Em Lisboa a 31. de Dezembro de 1612.  
Machado. Pinto. Barbosa. Ruy Pirez da Veyga.

**P** Ode se imprimir vista a licença acima do S. Officio a 29. de Dezembro de 1611.  
Sarayua.

## ERRATAS.

**F**OL. 16. pag. 2. reg. 13. esta no meyo, estava no meyo, 20. 2. 35. trafigere, tranfigere, 12. 2. 28. descensus, descensus, 24. 1. 23. coulas causas, 31. 1. 10. receba receba, 39. 1. 6. serã por fortaleza, sera fortaleza, 40. 1. 26. inspicias, inspiciat, 46. 1. 29. sombrio, sobrio, 53. 2. 16. forão, farão, 56. 2. 17. por, por, e reg. 23. por por, 59. 1. 5. perder vida, perder a vida, 62. 2. 15. puder, puderem, 70. 2. 26. sera perdo ado, serã perdoados, 74. 1. 1. ercite, crecite, 97. 1. 35. toraces, thoraces, 82. 1. 1. incitador, infidiador, 86. 1. 22. a de Mario, e de Iugurta, e de Mario a de Iugurta, 88. 2. 3. nobilis, nobiles, 96. 1. 19. accesos, accensos, 102. 1. 35. empequenos, se em pequenos, 156. 1. 23. sobejão 32. sobejão 40. 178. 2. 8. obrigue, obriguem, 178. 2. 25. cõ o engenho, e o engenho, 181. 1. 15. ficar har, 181. 1. 28. Penco, Penco, 195. 1. 23. a Isthmo, ao Isthmo, 198. 2. 35. para cõ firmar, para os confirmar, 202. 2. 14. a de Orchestia, a Orchestia, 202. 2. 22. orom perão, corromperão, 213. 1. 17. assistirão, assistirá, 213. 2. 18. não se podê, não podê, 215. 2. 10. fabiorum, fabrorum, 221. 2. 7. pois com ella, pois ella, 235. 1. 21. que ja tem, que ja se tem, 235. 1. 29. diã, diante, e 235. 1. 31. aoste, e inimigos, aos inimigos, 245. 1. 34. e 35. Metello, Marcello, 245. 2. 3. a Metello, Marcello, 255. 2. 1. eternum, in eternum.



V E L R E Y,

FAC, O S A B E R A O S  
Que este aluará virem, que Luis  
Mendes de Vasconcelos fidalgo  
de minha casa, me enviou dizer  
por sua petição, que eu lhe tinha  
dado licença para poder imprimir  
hū liuro intitulado Arte Militar,  
que elle compos, & porque lhe fa-

zia muito custo na impressão, por ser grande, & levar muitas es-  
tampas, & não poderia tirar o custo se o imprimissem, ou ven-  
dessem mais pessoas que elle, me pedia lhe fizesse merce má dar  
passar provisão para nestes Reynos nenhũa pessoa o poder im-  
primir, né vender senão elle supplicante, ou que tiuer licença sua,  
& receberia M. E visto seu requerimento; ey por bẽ, & me praz  
de lhe fazer merce, q̃ por tẽpo de dez annos impressor, nem li-  
ureiro, nem outra algũa pessoa de qualquer qualidade que seja  
possa imprimir, né vender nestes Reynos, & Senhorios de Por-  
tugal, nem trazer de fora delles o ditto liuro d'Arte Militar,  
saluo aquellas pessoas que para isso tiuerem seu poder, & licen-  
ça. E qualquer impressor, liureiro, ou pessoa que imprimir, ou  
vender o ditto liuro, ou de fora o trouxer impresso sem licença  
do ditto Luis Mendes, perderá para elle todos os volumes que  
lhe forem achados, & encorrerá mais em pena de cincoẽta cru-  
zados, ametade para minha Camara, & a outra ametade para ac-  
cusador. E mado às justiças, officiais, & pessoas a que o conhe-  
cimento disto pertencer, cumprão, & guardẽ inteiramente este  
aluará, como nelle se contem, o qual se tresladará no principio  
de cada volume do ditto liuro, para se saber como assi o ouue  
por bem, & valerá como carta, sem embargo da Ordenação do  
segundo liuro titulo 40. que o contrario dispõe. João Feo o fez  
em Lisboa a vinte hum de julho de mil seisçẽtos, & doze. Duar-  
te Correa o fez escrever.

R E Y,



A O M A R Q V E S D E  
C A S T E L R O D R I G O, C O M E N D A D O R  
Mòr d'Alcantara, Gentilhomem da Camara de sua Mage-  
stade, do seu Conselho d'Estado, & Vicrey, &  
Capitão General de Portu-  
gal, &c.



E T O D A S As artes sò a Militar  
pertence aos Reys; porque sò a el-  
les està encommendada a defenza  
dos seus pouos: os quais sem ella  
não se podem defender. E assi a sua  
Magestade deuia offerecer esta Ar-  
te Militar: mas como a fiz sò para  
este reyno, a onde tanta falta, &  
necessidade ha d'ella, & V. Exa.  
assiste ao gouerno d'elle em lu-  
gar de sua Magestade, deuida-

mente lha offerço; pois polo lugar que tem poderá fazer que  
receba della este reyno o beneficio que recebem todos aquellas  
aonde perfeitamente se exercita. E quando (deixada esta ra-  
zão) se considerarem as outras, com que semelhantes obras se  
offerecem, a quem senão a V. Exa. a deuia offerecer? por-  
que nos merecimentos adquiridos com propria virtude, não  
sey quem se auentage a V. Exa. & quando dissera iguale,  
não cuido que me julgára o mundo por adulator; pois a to-  
do he notoria, não sò a modestia com que V. Exa. procedeo  
nos grandes cargos que administrou, mas a que teue em to-  
das

# AOS LEYTORES.



**V**ANDO Deixey a milicia sem satisfação de meus seruiços, & sem ter alcançado algum dos cargos que se deuem prouer por merecimentos, parece-me necessario dar de mi algũa satisfação á minha patria, pois era conhecido nella, & como o tempo que tinha seruido de soldado a idade, & o estado me impedião tornar à milicia no mesmo lugar, & os outros em que pudera entrar, para conseguir este fim, não estauão em minha mão, parece-me que não podia auer outro melhor meyo para mostrar que não erão defeitos meus os que por tais se podião julgar, como escrever esta Arte Militar. E não foy menos poderoso o natural desejo q̄ sempre em mi ardeo, & ainda não estã apagado de fazer grandes beneficios à minha patria, & seruiços ao meu rey. E como tambem estando retirado em minha casa tudo isto se atalhaua, entendi que por meyo desta Arte Militar vinha a conseguir o mesmo, antes com muito grande vantagem do que pudera ser de qualquer outro modo; porque os seruiços pessoais, durão em quanto dura a vida, que segundo a ordem da natureza he termo muito breue, & a doutrina desta Arte Militar em quanto o mundo durar pode fazer grandes seruiços a sua Magestade, & beneficios a este Reyno; pois ella tratta da mais importante cousa que ha em todos os estados, que he da sua defenſa, & do seu augmento, ensinando o que conuem para defender, & conquistar: & em meu lugar terãõ este Reyno, & sua Magestade muitos homens que com perfeita doutrina militar, defendãõ, & dilatam as conquistas desta coroa. E assi diz Vegetio, que sendo Catão inuito nas armas, differa muitas vezes depois de ter escrito a Arte Militar, que muito mayor utilidade fizera á republica em a escrever, que em a obrar na guerra. E a gloria que se alcança peleijando he de obras corporais, ainda que vão acompanhadas da fortaleza do animo, & a que se alcança escreuendo he das obras do espirito, que he tanto mayor quanto elle excede ao corpo: & quem pe-

*Vegec li.  
2. cap. 4.*

das as fortunas, que não podia deixar de ser acompanhada de hũa grande fortaleza, & constancia d'animo, & singular prudẽcia: ás quais virtudes seguem todas as outras. E se por obrigação auia d'offerecer este fruto de meus trabalhos, como Portugues, a quem tenho tanta como a V. Exa? porque depois que este Reyno entrou na monarchia de sua Magestade V. Exa. foy hum continuo protector d'elle, sendo hum grandissimo meyo para que sua Magestade com o grande peso de seus estados senão descuidasse do seu governo. E assi sô de V. Exa! podemos dizer como Valerio Maximo de Scipião, & Marcello, que tras a saude da patria sobre os ombros; pois não sô residindo nos conselhos de Castella acodia a este Reyno; mas retirado dos negocios fez sempre o mesmo officio. E depois que no lugar de Vicerey nos governou, quem não conhece a suauidade com que nos governa, & a clemencia com que nos sofre? E assi não podemos inuejar o governo de Pericles; pois em V. Exa. resplandece a virtude de que elle mais se presaua; porque ouuindo louuar as vittorias que alcançara, & outras obras que fizera, disse que se marauilhaua de louuarem aquellas cousas em que a fortuna tinha parte, & que senão lembrãõ, que governando tantos annos Athenas ninguẽ por seu respeito se vestira de dó: mas ainda em V. Exa. isto se vê tão auentajado, que não sô senão condenou alguem por seu respeito, mas ha poucos Portugueses conhecidos que não recebessem grandes beneficios de V. Exa. E assi por obrigação deuem todos dedicar a V. Exa. as suas obras. Eu cumpro com a minha em offerecer a V. Exa. esta Arte Militar, & V. Exa. cumprirá com a que tem ao seruiço de sua Magestade em a amparar, & fauorecer, para que se introduza neste Reyno, & se façãõ com ella a sua Magestade nas conquistas desta coroa os grandes seruiços que ellas promettem se se continuarem com militar disciplina. Nosso Senhor guarde a V. Exa. & vida, & estado augmento, & prosperidade, &c. do Mascotte a 20. de Abril de 1612.

*Luis Mendes de Vasconcelos.*

*V. M. xi. li. 2. c. 3.*

*Plat. in  
vit. Peri.*

leija ainda tem necessidade de quem escreua as suas obras para se perpetuarem no mundo, & quem escreue sem a ajuda de ninguem se pode fazer immortal na memoria das gentes.

Nos preccitos desta Arte mudey algúas cousas que se verão diferentes do que commummente se vfa, nas quais se não duvide, porque nas partes aonde me achei entre Hespanhoes, Italianos, & Franceses sempre procurey alcançar a mayor perfeição della, que fosse possiuel, & disso trattey nesta Arte, escreuendo, não como agora se practica, senão como será mais perfeita: & escreuendo Arte Militar, & não algúa parte della, como atégora se tem feito, assí conuinha. E considerando as razões em que fundo a mudança que fiz, ellas mostrarão que me não determiney sem fundamento. Não imprimo agora mais que a primeira parte: a qual ha muitos annos que está cõposta. As duas que faltão, que trattão dos alojamentos, & fortificações, procurey imprimir o mais depressa que me for possiuel para que fique esta Arte em sua perfeição para mayor beneficio dos que a quizerem professar.

Fiz todas as diligências possiueis por ir sem erros esta primeira parte, & não o pude alcançar, antes me parece impossuiel deixar de os auer nas impressões: aqui pus os que me pareceo que podião fazer danno ao sentido, deixando os de menos importancia. Peço a quem ler esta primeira parte, que em satisfação de meu trabalho, & do desejo que tenho de ser vtil o que nella escreuo emmendem primeiro os erros, pois o podem facilmente fazer, porque não são muitos, & tem notada a folha,

pagina, & regra, & ficarão ganhando não ter em que duuidar, ou em que me reprimir.

\*\*\*

\*

ORIGEM



# O R I G E M,

## E P R I N C I P I O D A

### G V E R R A, E A R T E

Militar, & o seu primeiro autor.

#### D I S C U R S O I.



VENDO DE ESCREUER a Arte Militar, me pareceo necessario mostrar primeiro o seu principio; porque (como diz Aristotolis) muytas das cousas que se desejão saber, polo seu principio se fazem mais claras. E como desejo que esta Arte seja, para augmento da Fè, bem sabida de todos os que a professão, pretendo que me não falte algum dos meynos necessarios para alcançar este fim; polo que antes que della tratte algúa cousa mostrarci o seu principio, o qual se saberà considerando o da guerra; porque sendo a Arte Militar (como a seu lugar se dirá) inuentada sò para fazer guerra com ordem,

A necess-

*Aristotolis Eth. li. 1.*

necessariamente o principio da guerra será também o da Arte Militar; porque sendo ella inventada só para a guerra, não pode ter outro mais principal, como os fins que sendo diversos, conforme a diuersidade das cousas, he mais principal aquelle que he fim de todos, ou por respeito do qual os outros fins se desejão: do mesmo modo sendo a Arte Militar inventada para a guerra, não pode ter outro principio antecedente, ou mais principal que o mesmo da guerra: & assi o principio da guerra he também o da Arte Militar. E como a arte he habito, & os habitos se conhecem polos seus objectos, & o objecto da Arte Militar he a guerra, bem se mostra que sabendose o principio da guerra se saberá o da Arte Militar. Polo que se mostrará o principio da guerra, & por elle se saberá o da Arte Militar. Este principio se entenderá de dous modos, o original, & o primeiro acto com que se manifestou: & assi se dirá neste primeiro discurso a origem da guerra, & o principio donde se começou a pôr em acto, donde também se ficará sabendo quem foy o seu primeiro autor, & polo conseguinte a origem, principio, & autor da Arte Militar.

Para se saber a origem da guerra, se deveu conhecer primeiro, que cousa he; porque sem o verdadeiro conhecimento das cousas, mal se pode saber a origem dellas: polo que se diffinirá que cousa he guerra, & conhecendo a sua effencia se saberá a sua origem. Assi como está ditto, que a Arte Militar se inventou só para a guerra, polo que não ouue Arte Militar sem guerra, do mesmo modo nunca se fez guerra sem Arte Militar, porque fazendose guerra para vencer os inimigos, & sendo a Arte Militar a que isto ensina, qualquer modo com que os inimigos se vencessem he Arte Militar, & assi nunca a guerra se fez sem arte menos, ou mais perfeita. E das cousas que se fazem por arte está o principio no que obra, & não na cousa obrada, polo que fazendose a guerra com arte de necessidade, ha de estar o principio della em quem a faz: & como todas as cousas que obramos são actos das potencias, pois como diz Aristot. *Aristot. Eth. l. 1.* telis, a obra do homem he vida, & esta vida he acto da alma, no que parece que tudo o que na vida se fizer he acto das potencias.

cias; fica claro que a guerra he acto, & acto das potencias. Sendo assi he necessario considerar de qual das potencias he, & como dos effectos se vem ao conhecimento das causas, dos effectos da guerra se conhecerá donde procede: & como nella tudo são mortes, & roubos está claro q̄ procede da parte da alma irasciuel, & concupisciuel. E assi se dirá que a guerra he hum acto da vontade. Mas bem pode a vontade fazer algum acto por onde se manifeste a sua payxão, & não ser guerra; porque a guerra não he só hum acto demonstratiuo, mas executiuo, pois sem execução não se vence o inimigo que se defende, & ao que se não defende não se pode dizer que se faz guerra: polo que se dirá que a guerra he hum acto da vontade executado, ou de vontades contrarias, pois nas concordes não pode hauer guerra. Mas he necessario considerar se esta execução ha de ser entre dous, ou entre muitos, entre dous digo que não; porque então será duelo de desafio de hum por hum, ou briga: parece logo que será de mais; também nisto ha differença, porque ha brigas, ou desafios de muitos, & assi pode ser de mais homens, & não ser guerra, será logo de muitas gentes, & assi dirseha que he hum acto da vontade executado entre muitas gentes, ou húa execução de vontades contrarias entre muitas gentes. Mas ainda assi não fica bem diffinida, porque podem ser muitas gentes dentro de húa mesma terra, que desordenadamente tomãrão as armas, executando com ellas o effecto da sua payxão, & então se rá motim; porque diz Platão, que assi como estes são dous nomes guerra, & motim, assi são duas cousas de baixo de duas differenças, & que destas duas húa he propria, & vizinha, & outra estranha, & q̄ a inimizade entre os proprios se chama motim, & entre os estranhos guerra: & assi não será guerra senão quando as partes, ou bandos contrarios sayrem em campo cõ gente ordenada, conforme ás regras, & preceitos desta Arte, que ja não são quaisquer com que se vencer, como foy no seu principio, porque té já suas regras, & preceitos, sem os quais será hum tumultuoso motim, & breuemête se acabará; que as cousas sem ordẽ não permanecem. E assi se acrescentará à diffinição ordẽ: polo q̄ se dirá que a guerra he húa execução de vontades con-

trarias entre muytas gentes feita cō ordē, armas, & forças corporais, q̄ são os instrumentos, sem os quais não hauerá execução: & se for entre agente de hũa nação, & Reyno chamar-se ha guerra ciuil, porque destroe a ciuil communidade.

Destá diffinição se collige, que não auerá guerra senão preceder a contrariedade das vontades, & porque vontades contrarias he discordia, fica claro, que a origem da discordia o será também da guerra. E porque o peccado dos primeiros pays foy causa de perdermos a justiça original, que era a que de toda a discordia nos preseruaua, & que em perpetua conformidade, & paz nos conseruaria, elle se dirá que foy a origē de toda a guerra que no mundo ouue, & auerá, pois por elle perdemos a justiça original, com o que ficamos sujeitos a perpetua discordia. Mas isto não foy mais que hũa condição sem a qual não podia auer guerra; porque para perfeitamente a auer era necessario que estiuesse em acto tudo o que na diffinição atras fica ditto. E sendo esta hũa causa, ou origem universal de todos os males do mundo, assi como todas as cousas criadas, que são boas, tendo a primeira causa donde procederão, tem particulares causas da sua geração, & corrupção, os males que desta primeira causa sua procederão, tem também suas particulares causas, como as doenças, que sendo esta a sua primeira causa, tem as particulares do destemperamento dos humores, pelas quais se põe em acto, estando pola primeira em potencia. Assi a guerra ficando polo peccado dos primeiros pays em potēcia, ha de ter de necessidade outras causas por onde se ponha em acto. As quais se conhecerão se se cōsiderar a sua diffinição; porque como a guerra he hũa execução da vontade, claro está que procede dos affeitos della: & assi elles são os que como causas segundas a põe em acto. Mas os affeitos, ou payxões da vontade são muytos, & varios, polo que he necessario mostrar particularmente quais são estas segundas causas da guerra: o que se alcançara considerando o fim della, não aquelle em que ella se acaba; porq̄ gerando se todas as cousas dos seus contrarios (como diz Platão) o fim da guerra he o principio da paz, & segundo a natureza lô a esse fim olha, mas aquelle digo que como primeiro agente

Plat. Fe-  
don.

agente foy o que deu principio a guerra. O qual he abater o que se tem por mais poderoso, & de mais nome, & gloria, engrandecer com mayor estado, ou enriquecer com grãde copia de dinheiro. E como por qualquer destes fins que à guerra se faça he injusta, pois se faz a outré o que ninguem quer padecer, será a injustiça hũa segunda causa vniuersal della: mas também parecerá que não sempre a guerra he injusta, porque muitas vezes pode succeder que não comece a guerra aquelle que polos fins referidos faça algũa injuria, ou danno, senão aquelle que o padecce, & então será justa, recuperando a hõra, estado, ou fazēda, & a justiça causa della. Mas ainda assi digo que a injustiça he a sua causa vniuersal; porque se a injuria, ou dāno não forão não se procurara a satisfação, & (como diz Aristotelis) não começa o que faz algũa cousa por ira senão o q̄ o prouocou, polo q̄ aquelle que prouocou a guerra he o q̄ a começou: & assi a injustiça (como disse) he a segunda causa vniuersal da guerra. E ainda que com aparentes razões se mostre, q̄ ambas as partes q̄ fazem guerra tem justiça, como ella não pode ser mais q̄ hũa, não importa que aos homēs pareça outra cousa, porque na mēte diuina, aonde as verdades se apurão, a hũa só parte se concede, & assi aquelle que faz a injustiça esse começou a guerra, sendo a injustiça segunda causa vniuersal della. Mas ja pode acontecer que seja tão duvidosa a justiça dos que fazem guerra, que ambos com sincero animo cuidem que a tem, & então (segundo o entendimento humano) terá contraria causa: mas acontece tão raras vezes q̄ senão deue fazer disto mais consideração, porque *Parum pro nihilo reputatur*, E aqui não se tratão opiniões senão sciencia: & assi dizem Soto, & Vittoria q̄ não pode auer guerra justa de ambas as partes, tirada a ignorância: polo q̄ segundo a verdadeira razão, q̄ na mēte diuina purissima se cōlerua, a injustiça he segunda causa vniuersal da guerra. Mas como o q̄ obra por respeito de algũa cousa obra, & não por respeito do fim vniuersal, mas por respeito de algũ fim particular não teue a guerra principio desta causa vniuersal, senã das particulares, q̄ são (como está ditto) abater o q̄ se tem por mais poderoso, & de mais nome, & gloria, engrandecer cō mayor estado, ou enriquecer

Aristot.  
Eth. 1. 5.

Sot. li. 5.  
de iustit.  
C. iure  
q. 1. ar. 7.  
Vitto. de  
iure belli  
art. 32.  
Aristot.  
Eth. 1. 6.



queſcer cõ grãde copia de dinheiro. Polo q̃ pois a guerra proce-  
de dos affeitos da vontade, aquelles q̃ a eſtes fins conreſpõdem  
ſão cauſas della: & aſſi a inueja q̃ não ſoffre a felicidade alhea, a  
ambiçãõ q̃ de ſenhorear ſenãõ farta, & a cobiça, q̃ como hydro-  
peſia ſempre tem ſede de ouro, ſão ſegũdas cauſas da guerra, &  
ſegunda origẽ ſua: mas para q̃ iſto melhor ſe entenda trattando  
agora de cada couſa deſtas em particular ſe verã como ſão ſe-  
gundas, & particulares cauſas, & origem da guerra.

A inueja he hũa payxãõ do animo pola qual nos peſa do bẽ  
que a outrem vemos, & aſſi como a miſericordia he dor do mal  
alheo, ella he pena das prosperidades em q̃ o enuejoſo não tem  
parte: & aſſi diz Cicero q̃ do meſmo modo q̃ a miſericordia he  
ſentimento das aduerſidades alheas, a inueja o he das prosperi-  
dades: Ariſtotelis lhe dà tambem a meſma diffiniçãõ dizẽdo, q̃  
o enuejoſo com toda a prosperidade alhea ſe perturba, & impa-  
cientemẽte a ſoffre: o meſmo entẽdia della Bias; porq̃ vendo hũ  
enuejoſo, triſte, & delcontente lhe diſſe, não ſei ſe te veõ a ti al-  
gum mal, ou algum bẽ a outrẽ. Socrates tẽ por enuejoſo aquel-  
le q̃ recebe pena das prosperidades dos amigos. E por iſſo diz  
Tito Liuiõ q̃ a inueja he cega, & q̃ não ſabe fazer mais q̃ de trat-  
tar as virtudes, & corromper as hõras, & premios dellas. E aſſi  
(como eſtã ditto) a inueja he dor das prosperidades alheas. Deſ-  
ta fonte manãrãõ todas as guerras; porq̃ ſe o peccado dos pri-  
meiros pays foy (como eſtã ditto) a primeira origẽ da guerra,  
elle de q̃ cauſa procedeo ſenãõ da inueja, q̃ o inimigo da noſſa  
ſaluaçãõ teue de os ver em tanta prosperidade? E aſſi diz Iose-  
pho que habitando a ſerpente familiarmẽte com Adãõ, & Eua  
enuejaua a ſua futura felicidade ſe obedeciãõ aos preceitos de  
Deos, & ſabendo q̃ cayriãõ em grande mileria ſe os deſobede-  
ciãõ, malicioſamente perſuadiõ a Eua q̃ comeſſe da aruore da  
ſciencia do bẽ, & do mal. Eſta ſerpẽte como entẽde a Igreja Ca-  
tholica, & declara S. Auguſtinho foy orgãõ por onde o diabo  
falou: & aſſi diz a Eſcriptura Sagrada no liuro da Sapiencia, q̃  
co a inueja do diabo entrou a morte no mũdo. Polo q̃ pois eſta  
inueja foy cauſa do peccado dos primeiros pays, & elle (como  
eſtã ditto) foy a primeira cauſa, & origem da guerra bem ſe pro-  
ua que

ua que da inueja procederãõ todas as guerras. E aſſi o primei-  
ro actõ com q̃ a guerra, & Arte Militar ſe manifeltãrãõ, ou don-  
de ſe diriuarãõ, que foy ( como a ſeu lugar ſe dira ) a morte de  
Abel, tambem procedeo da inueja; porque vendo Caym que  
Deos fauorecia o ſacrificio de Abel, diz a Sagrada Eſcriptura  
que ſe irou grandemente inclinãdo o roſto para a terra, que  
he ſignal de triſteza, & dor: & pois ( como eſtã ditto ) a inueja  
he dor da prosperidade alhea, & Caim ſentio a que via a Abel,  
ſendo fauorecido de Deos, claro eſtã que da inueja procedeo a  
ira com que o matou: & por iſſo diz Rupperto que o peccado  
de Caim foy peccado diabolico; porque imitou o diabo, inue-  
jando a juſtifiçãõ alhea. E aſſi como a primeira origem da  
guerra, & o primeiro actõ com que ſe manifeltou procederãõ  
da inueja, muytas das guerras, que deſpois deſte principio ou-  
ue no mundo neceſſariamente auãõ de ter a inueja por cauſa  
ſua particular; porque ſemelhantes effeitos de ſemelhantes cau-  
ſas naſcem: polo q̃ pois a inueja foy cauſa de entrar a morte no  
mundo (como eſtã ditto) & de ſe põr em actõ a guerra, matãdo  
Caim a Abel, ſe a guerra iſto meſmo faz; leuãdo a morte aos eſ-  
tados a dõde ſe exercita, & matãdo os inimigos hũs aos outros,  
pois ſão ſemelhantes effeitos, ſemelhantes cauſas deuem ter. E  
aſſi diz Plutarcho, que os Principes que confinãõ não podem  
deixar de ſe fazer guerra, tendo em ſi a inueja natural; porque  
aſſi como ella trouxe ao mundo a primeira guerra, o Principe  
que a tiuer não poderã deixar de a exercitar: & por iſſo diz os  
Principes, porque os particulares não podem ſatisfazer com a  
guerra a dor da ſua inueja: & diz os que confinãõ, porque dos  
remotos, & apartados não ſe pode ter tanta inueja; porque do  
objeito que eſtã mais perto mayores eſpecies ſe recebe, & aſſi  
a gloria, & prosperidade que de longe ſe cõſidera não dà tanta  
materia à inueja de ſe aſcẽder, como a q̃ de perto ſe vẽ, & por iſ-  
ſo dizia Themiftocles, que o tropheo de Melciades lhe tirauz  
o ſono, era Melciades Athenienſe como elle, & aſſi não lhe ti-  
raua o ſono à gloria das vittorias dos Lacedemonios, & de ou-  
tras remotas nações, ſenãõ a de Melciades ſeu vizinho. Polo q̃  
aſſi como os Principes vizinhos tem mais occaſiãõ de ſe inue-  
jar,

jar, he mais difficultosa de se conseruar nelles a paz, tendo forças, & poder para se fazer guerra, executado o effeito da sua inueja. E assi Saul co a guerra pretêdo satisfazer a inueja que te ue da gloria que as molheres Israclitas derão a Dauid, quando tornaua a Hierusalem triumphando da vittoria de Goliath; por que cantando ellas Saul matou mil, & Dauid dez mil, descontentando a Saul estes louuiores disse, a mi derão mil, & a Dauid dez mil, que lhe falta senão o Reyno, & daquelle dia por diante não olhou mais a Dauid com o rosto direito, & despois esta inueja lhe fez intentar contra elle a guerra de que a Escriptura faz menção. E do mesmo modo a gloria, & prosperidade de Arphaxad incitou a inueja em Nabuchodonosor, & o moueo a lhe fazer guerra; porque quando diz a Escriptura que Arphaxad estaua mais glorioso, pelas muytas vittorias que alcançara, & muytas gentes que trouxera a obediencia do seu Imperio, gloriandose na gloria do seu exercito, & na potencia dos seus carros, então conta que lhe fez guerra Nabuchodonosor, & assi acometendo quando elle estaua mais poderoso, & adornado de mais vittorias, & prosperidades, não se apontando outra necessidade, que o constrangesse a lhe fazer guerra está claro que a inueja da sua felicidade deuia ser a causa della; porque se isto não fora a mesma grandeza, & prosperidade de Arphaxad o dissuaderia da guerra, & assi fazêdolla neste tempo não podia ter outra causa senão a inueja, que té por objecto a grandeza, & gloria alhea; pois (como diz Tito Lúuio) he como o fogo que sempre se estende a parte mais alta, & por isto diz C. Vellio Paterculo que a inueja he continua companhia da eminente fortuna, & está pegada às cousas altissimas. Isto se vé na guerra que Esau intentou fazer a seu irmão Iacob quando tornaua de casa de Labão; porque quando lhe vendeo a primogenitura por hũa escudella de lentilhas, não diz a Escriptura que se irou contra seu irmão, & quando o viu adornado, & glorioso, com a benção de seu pay então determinou de o matar; polo que quando tornaua de casa de Labão rico, & prospero lhe sayo ao encontro com quatrocentos homens determinando matalo, como tinha proposto. E assi Polinice

Reg. li. i.  
ca. 18.

Indit. b. c.  
1.

Tito Liu.  
D. 1. l. 8.

C. Velli.

Pate. bis.  
Rom. l. 1.

Gen. c. 32

Gen. c. 25

Gen. c. 27

linice não determinou fazer guerra a seu irmão Etheocles, se não despois que o viu cõ a gloria da dignidade real; porq̃ (como diz Estacio) tendo se concertado pacificamente que cada anno reynasse hum, cayndo a sorte do primeiro anno a Etheocles, começou a inueja a se apoderar de Polinice até que vendoo reter a dignidade real lhe fez a guerra onde ambos morrerão, & assi diz Estacio.

*Protinus attoniti fratrum sub pectore motus:*

*Gentileisq̃, animos subijt furor: agraque letis  
Inuidia, atque parens odij metus, inde regendi  
Seuus amor, ruptaque vices, iurisque secundi  
Ambitus in patiens, & summo dulcius vnum  
Stare loco, socijsq̃ comes discordia regnis.*

*Hum nouo mouimento logo assaltæ*

*O peito dos attonitos irmãos:  
E o furor sogitou toda a familia:  
Aos alegres s' opo a triste inueja;  
Com o temor tambem de qu' odio nasce.  
Daqui de gouernar veo o desejo,  
E a alternação romper, impacientes,  
De succeder em circulo o direito,  
E julgar por mais doce estar no summo  
Trono hum só, & a discordia impacientæ,  
Que sempre acompanhou sociais Reynos.*

Polo que acometêdo Nabuchodonosor a Arphaxad no tempo da sua prosperidade não podia ter outra causa senão a inueja da sua gloria: o que se proua com a guerra que as Cidades da Grecia fizerão a Athenas; porque diz Platão que depois de alcançar gloriosas vittorias dos Persas, lhe aconteeo o que aconteece aos homês a que succedem as cousas prosperamente, primeiro a emulação, & despois della nasceo a inueja, a qual trouxe cõtra sua vôtade esta Cidade a fazer guerra aos outros Gregos. A mesma causa (segundo Sallustio) tiuerão as primeiras guerras dos Romanos, porque (diz elle) despois q̃ as suas faculdades

Pla. Me  
xenus.

Salu. Bel.  
Cat.

dades começãrão a crescer polo ciuil governo em propriedades, parecêdo que tinham muita prosperidade, & poder, assi como aos mais dos homês acôtece, da sua abundancia nasceo em outros a inueja, de modo que os senhores, & poucos vizinhos lhe começãrão a fazer guerra. Polo que não só Nabuchodonosor fez guerra a Arphaxad pola inueja da sua prosperidade, mas desta causa nascerão outras muytas guerras. Esta foy tambem a que moueo a Antiocho, a fazer guerra aos Romanos, considerando as mesmas razões; porq̃ não a intentando quando elles estauão apertados co a guerra de Annibal, quando o Ceo parece que ameaçaua àquella Republica hũa grande ruina, senão despois que desbaratando os Carthaginezes, & fôgeitando as forças, & Cidade de Carthago apparecião mais felices, & gloriosos, que outra algũa nação do mundo, claramête parece que a inueja da sua grandeza, & prosperidade o moueo a esta guerra; pois elles lhe offerescerão muytas vezes a paz, como diz Appiano Alexandrino, & as palauras com que Plutarcho escreue a causa desta guerra prouão o mesmo; porque (diz elle) despois que fôgeitou muytas ferozes, bellicosas, & barbaras nações enloberbecido dissenhaua fazer guerra aos Romanos, parecendo-lhe que elles sôs fôsssem dignos de fazer guerra pola grandeza do Imperio. E assi (como se propôs) a inueja he hũa das causas particulares da guerra, pois não só foy causa do peccado dos primeiros pays, que foy (como está dito) a origem da guerra, & de se pôr em acção coa morte de Abel, mas despois deste primeiro principio, por ella se intentarão, & fizeram muytas guerras.

Appian.  
Bel. Ant.  
Pluta. in  
Vita Cato.

Aristot.  
Eth. l. 4.

Despois que a inueja (como está dito) deu principio à guerra, as primeiras que logo se seguirão tiuerão a cobiça por causa particular: porque a cobiça he hũa infaciauel sede de dinheiro, & riquezas, & assi se entende das palauras de Aristoteles, que tratando da virtude da liberalidade, & dos vicios da prodigalidade, & auareza, diuide a auareza no defeito do dar, & no excessso do tomar, a que nós chamamos cobiça, & esta diz que he infaciauel; porque ainda que parece que fala da auareza; he só daquella parte a que elle attribue o demasiado desejo de tomar

de tomar; pois o defeito do dar, a que nós chamamos auareza; tem só por objecto não dar, como a cobiça o tomar, & ajuntar riquezas por qualquer modo que puder, não olhando outro algum respeito; & assi os que tem este vicio (diz elle) que hũs se fazem tyrannos roubando, & destruindo as cidades, & os menos poderosos roubaõ, & são onzenciros: & assi quando diz que a auareza he infaciauel, entende aquella parte a que nós chamamos cobiça: polo que (como está ditto) a cobiça he infaciauel sede de dinheiro, & riquezas. E assi diz Cicero, que nunca se farta a sede da cobiça. E da mesma opinião he Seneca; porque dizendo que Cyro Annon, & Cambisses, & todos os reys de Persia morrerão com desejo de alargar os confins do seu imperio diz, que não he isto marauilha; porque tudo a onde chega a cobiça se traga, & esconde, & que não importa que seja grande aquillo que se poem sobre a cousa, que se não pode encher com algũa, mostrando nestas palauras que a cobiça destes Principes com nenhũas riquezas se fartaua; porque sendo ella infaciauel não podia auer no mundo riquezas que a satisfizessem. E sendo assi que a cobiça he infaciauel sede de dinheiro, & riquezas, fica claro, que ella foy causa das primeiras guerras que despois da morte de Abel se fizerão; porque diz Iosepho, que tão longe ficou Caim de se emmendar, com o castigo que Deos lhe deu, pola morte de Abel, que antes se fez peor, seguindo seus deleites, polos quais não estimaua fazer injuria a outrem, acrescentando grandemente a sua riqueza, com o que ajuntaua, roubando violentamente, & que viuendo ainda Adão, a geração de Caim era pessima, succedendo a hum mão outro peor, como aquelles que erão promptos a fazer guerra, & ligeiros para roubar: & conforme estas palauras de Iosepho Caim, & seus descendentes pola cobiça fazião guerra a seus vizinhos; porque se Caim ajuntaua fazenda com violencia, & roubos, & elle, & os seus descendentes erão promptos a fazer guerra, & a roubar, claro está, que a cobiça era causa della; porque os homês que tem este vicio estas cousas exercitaõ, & o roubar com violencia, que outra cousa he senão guerra? pois tambem auiaõ de matar a quem se

Cicero  
Parad. l. 1.  
Seneca de  
Bene. l. 6.

Ioseph. l. 1  
cap. 4. de  
Antiqu.

defen-

defendesse, & fazendo isto Caim por ajuntar riquezas, claro está que a cobiça era causa da guerra que fazia; pois ella (como se disse) he insaciavel desejo de riquezas. E assi as guerras que antes do diluio se fizeraõ, a cobiça foy causa dellas, porque não se lé que naquelle tempo fizessem guerra mais que os descendentes de Caim, os quais, seguindo a doutrina do seu progenitor, tambem tinhaõ o desejo de ajuntar riquezas. E como este vicio he muy natural aos homês, muytas das guerras, que despois do diluio se fizerão tiueraõ a mesma causa; porque sendo a nossa vida cercada de mil necessidades, pois até as cousas que a mesma natureza administra aos outros animais, faltaõ ao homem, & como a riqueza he o remedio das faltas da nossa vida, & a natureza appetee remediar os deffeitos della, inclina os homês ao desejo das riquezas, & porque o nosso appetite he insaciavel, pois (como se lê nos Prouerbios) o appetite do homem he semelhaute ao inferno, que nunca se farta, não se cõteta cõ o desejo do necessario, & assi appetee as demasiadas riquezas, que he cobiça: a qual (como diz Plinio) não se contenta do que a terra produz, mas penetrando as suas entranhas no mesmo lugar do inferno busca a riqueza. E assi diz Aristotelis, que he mais natural aos homês a auareza, que a prodigalidade; que muitos mais saõ os cobiçosos de ajuntar dinheiro, que os despendedores delle. E como os principes tem mais comodidade para satisfazer este natural desejo com a guerra, muitos por esta causa a fizeraõ até as remotissimas nações. E Platão não sò diz no Fedon, que muitas guerras se fizeraõ por esta causa, mas que todas se fazem por possuir dinheiro, & do mesmo modo na Republica esta quer que seja a causa de se fazer guerra. E por isso quando Aristotelis ordena a cidade diz, que não haõ de ser taõ grandes as suas riquezas, que as cobicem os vizinhos a que senão possa resistir, dando a entender, que sendo grandes está certo que pola cobiça dellas lhe faraõ guerra os mais poderosos; porque ser rico, & poderoso não he hũa mesma cousa, porq̃ (como elle diz) a cidade donde sayem muitos obreiros, & poucos soldados he impossivel ser grande, que não he hũa mesma cousa grande cidade, & populosa, aonde diz obreiros

breiros entende rica; porque donde faltão riquezas poucas obras se fazê, & populosa do mesmo modo quer dizer rica; porque cidade pobre não pode sustentar muyto pouo, & a onde diz grande se entende poderosa; pois sò no numero dos soldados põe a sua grandeza: & assi porque á cidade rica não se segue ser poderosa quer que tenha moderadas riquezas, mostrando, que as grandes não estão seguras de lhe fazer guerra a cobiça dos vizinhos. Contando Iustino que os Tartaros não desejauão ouro, nem riquezas diz, que prouesse a Deos que semelhaute continencia, & temperança ouesse por toda a parte no desejo do alheo, porque sem duuida não se veriã por todo o mundo tão continuas guerras. E se a continencia, & temperança no desejo do alheo forão causa de não auer guerras, claro está que o contrario, que he a cobiça, será causa dellas. E porque o objeito da cobiça he o ouro, em confirmação de ser ella hũa causa da guerra diz elle (escreuendo o apercebimento do exercito de Antiocho contra os Parrhos) que até os minimos soldados hiãõ tão cubertos de ouro, que despresauão aquella materia por cujo amor as Cidades combatem, & se as Cidades combatem polo amor do ouro, pola cobiça combatem, porque o amor das riquezas (como diz Leão Hebreo) em quanto senão possuem he desejo; porque as cousas deste genero quando se possuem se amão, & em quanto senão tem se desejão, & como se disse a cobiça he desejo de dinheiro, ou riquezas, que tudo no ouro se inclue, & assi fazêdo as cidades hũas as outras guerra polo amor do ouro a cobiça he causa della. Mas quãdo nos Principes não seja esta a causa total de fazerem guerra, sendo algũa das outras referidas, nos soldados sempre esta he a principal, porque a elles não lhes pertence a gloria do grande estado, nem os molesta a grandeza, & fama dos Principes estranhos; porque a inueja não tem lugar senão nos iguais, & assi sò lhes fica o desejo de se enriquecer para os leuar voluntariamente à guerra. E por isso animando Alexandre os soldados para a batalha que estava para dar a Dario lhes disse (como refere Quinto Curcio) que bem sabião elles que elle era hum amoestador da presa commum, & que sò tomava por premio da quella victoria

*Tit. Liv.* toria enriquecelos, & hóralos: & vendo Annibal, quando passava os Alpes co seu exercito, os soldados desconfiados de poder vécer as difficuldades do caminho, os animou mostrando lhes do alto cume daquelles montes, os abundantes campos de Italia, & as ricas cidades, & a esperança de as possuir lhes fez facil o que até então tinham por difficuloso. E querendo dar a primeira batalha aos Romanos, dizendo aos seus as grandes riquezas que alcançarião com aquella vittoria, fazendohe dellas grandes promessas em altas vozes lhe pedirão todos, q̄ rompesse co inimigo, no que parece que mais a cobiça do que esperauão, que outro algum respeito, ajuntou naquelle exercito tão varias nações; & assi quando aos Principes, & Generais não se ja esta a principal causa de fazerem guerra, os soldados nunca, ou raramente terão outra. E no exercito com que Pompeyo passou a Africa se mostra bem; porque achando certos soldados hum pouco de ouro soterrado onde fora Carthago destruida, & cuidando os mais que estauão ali todas as riquezas da sua prosperidade, todo o exercito se pôs a cauar naquelle lugar, não podendo tiralos daquella yaã empresa, a authoridade, & persuasões de seu Capitão, nem a deixarão até que virão que não tinham ali a satisfação da sua cobiça. E assi ella (como está ditto) he húa causa da guerra, & quando nos Principes aja outras nos soldados voluntarios esta he sempre a principal, tirando os que defendem a propria terra de quem injustamente lha quer ganhar.

A ambição que agora se ha de mostrar ser húa das causas da guerra (como diz Aristotelis) he húa parte da cobiça: & assi como se disse que a cobiça he húa insaciauel sede de dinheiro, & riquezas, ella o he de gloria, & assi a declara Aristotelis. E como o grande Imperio parece aos cegos olhos do mundo de mayor gloria, os Principes que tem este vicio, desejão acrescentar co Imperio a sua gloria, & assi entendeu Sallustio pola ambição o desejo do Imperio, fazendoa tambem parte da cobiça; porque contando como se corrôpeo a virtude dos Romanos, diz que a raiz de todos os males forão a cobiça do dinheiro, & a do Imperio, que della nasceo: & assi diz elle que depois que

Cyro

Cyrô na Asia, & os Lacedemonios, & Athenienses em toda a Grecia começarão a fugeitar as cidades, & as gentes se teue por causa bastãte para fazer guerra o appetite de senhorear, entendendo que no grande Imperio estaua grandissima gloria. E porque os vicios (como diz Aristotelis) são excessos, & defeitos, & este da ambição he excesso, não se satisfiz o ambicioso com cousa algũa, porque sendo vicio ha de exceder o meyo, & ha de ter por objecto o superfluo, & demasiado. E assi diz Aristotelis, que mais se costuma fazer injuria polas cousas superfluas, que polas necessarias: & he porque o que quer o necessario he temperado, & por isso não faz injuria a ninguem, & o q̄ deseja o demasiado he destemperado, & assi co seu desordenado appetite, não estima fazer injuria a outrem, por alcançar as cousas que deseja: & como os vicios são payxões d'alma, & ella he eterna não se farta, nem pode fartar cõ cousas que acabão, & perecem, como são os Imperios do mundo: & assi não para em nenhum o desejo do Principe ambicioso; porque nenhuma cousa se pode fartar, nem encher senão com a que for proporcionada a ella mesma, & assi como as cousas temporais não fazem nenhuma proporção co as eternas, não se pode a nossa alma fartar com os Imperios da terra. E por isso diz o Psalmista falando com Deos. *Satiabor cum apparuerit gloria tua.* Sõ me fartarey quando vir a vossa gloria; porque a alma que foy criada a imagem, & semelhança de Deos sõ elle he proporcionado objecto seu, & assi não se pode encher, nem fartar com a gloria da terra. E por isso o ambicioso que deseja a gloria dos Imperios mundanos com nenhum se farta, crescendo o desejo co Imperio, como a sede do hydropico co a agoa que bebe: & assi diz Herodoto, que se não fartarã nos homês o desejo de reynar. Polo que Alexandre ouvindo dizer que auia muytos mundos, manifestou o ambicioso desejo de os conquistar todos, com o sentimento de não ter ainda ganhado hum; porque como a ambição o leuou a fazer guerra a tantas, & tão remotas nações não se podia aquietar com hum mundo quando auia mais que conquistar; este ambicioso animo mostrou elle quando ouvindo as vittorias que seu pay alcançaua, & as cidades que ganhaua,

disse aos moços que o acompanhauão, com tristeza, & sentimento, que seu pay não lhe deixaua, a onde com elles ganhasse gloria. Isto mesmo mostrou Pirro na pratica que teue com Cineas; porque perguntando Cineas, que farião depois de ganhar Italia, Cicilia, Africa, Espanha, Grecia, & em fim todo o mundo, lhe respondeo que viuirião em repouso, com festas, & passatempos, ao que Cineas replicou, que te impede o Rey que não possamos agora gozar este repouso? porque nós temos agora sem trabalho todas aquellas cousas a que não podemos chegar sem o sangue de outros, & nosso: mas impiedialho a ambição que em quanto auia que conquistar não podia repouzar; porque os estados da terra, nem toda ella não podem satisfazer, nem fartar o animo ambicioso; porque tudo o da terra he desproporcionado ao nosso animo, sendo temporal, & elle eterno. E por isso a ambição foy causa de muitas guerras; porque não se satisfazendo com nenhum estado o Principe ambicioso, buscando com que fartar a sua ambição, não deixa de o procurar cõ a guerra, & deste modo de hũa em outra se vão multiplicando as guerras. E assi diz Sallustio, que o desejo de gloria fez crescer em pouco tempo increiuclmente a cidade de Roma, porque não se fartando a ambição dos Romanos co Imperio das cidades vizinhas, tendoas ganhado fizeraõ guerra ás mais apartadas, até ganhar toda Italia, & tendoa, fayerão della, cos seus exercitos, & armadas a sujeitar as outras terras que co ella confinaõ, & dahi passarão às remotissimas nações; porque a insaciavel sede da ambição com nenhum estado se farta, nem he possiuel fartarse, pois sendo paixãõ da alma, que he eterna, todos os da terra que se acabaõ, sendo desproporcionados a ella, sempre a deixãõ com a mesma sede. E assi a ambição he hũa sede insaciavel da gloria de senhorear, & causa pola mesma razãõ de muitas guerras. E as primeiras que ouve no mundo depois do diluuiõ tiuerão sò esta causa; porque o primeiro que neste tẽpo fez guerra, segundo se collige da Escriptura (como a seu lugar se dirã) foy Nemroth, o qual diz Moytes, que começou a ser poderoso na terra, & que teue o seu Imperio em Babylonia, & quando escreue a edificação da torre onde se di-

uidiraõ

uidiraõ as linguas, claramente se vê que a ambição foy a causa della; porque as palauras com que começaraõ esta obra os que a fizeraõ, foraõ façamos hũa cidade, & hũa torre cuja altura chegue ao ceo. & celebremos o nosso nome, nas quais sem outra declaração se conhece bem a ambição com que esta fabrica se intentou, & della diz Iosepho que foy autor Nemroth, & sendo elle autor desta ambiciosa edificação, & o primeiro (segundo a Escriptura) que fez guerra depois do diluuiõ, & que reynou, & teue imperio claramente se proua que a ambição foy a causa della: & as palauras com que Iosepho começa a falar nel- le mostrãõ isto mais claro, dizendo, que Nemroth fez os homens arrogantes, & despresadores de Deos, & que sendo animoso, & robusto os persuadia que não cressem que a felicidade dos homens dependia de Deos, mas que elles com o proprio valor a ganhauão; & que elle só, presumindo apartar os homẽs do temor de Deos, introduzio nos seus parentes a tyrannia. & assi (como nestas palauras de Iosepho se vê) a ambição foy causa da guerra que elle fez. Os autores que não tiuerão noticia da Escriptura Sagrada, ou que não professarãõ a verdade della, tambem dizem ter a ambição causa das primeiras guerras; porque diz Aristotelis, que nos tempos antigos quando hum mesmo era poderoso, & capitãõ da guerra se mudauão as republicas populares em tyrannia, & que muitos dos tyrannos antigos se fizeraõ de homens populares, & que a causa porque isto assi fosse, era, porque sò podião muito os que governauão a guerra. E assi ficando deste modo eleitos reys os que se aluantaũõ com a tyrannia da sua patria pola ambição de senhorear, pola mesma fazião guerra aos seus vizinhos. E crescendo deste modo os imperios, & com elles a ambição, que sempre està faminta, não se contentando os Principes com o que possniãõ o desejo de o acrescentar não sò lhes fez com a guerra sujeitar muitas cidades, & reynos, mas mudar o Imperio de hũas nações em outras, estando hora nos Assirios, hora nos Medos, hora nos Persas, & vitimamente nos Romanos, a quem as ferozes nações Septentrionaes o ti arãõ com a guerra, que pola ambiciosa paixãõ de senhorear fizeraõ

B 3

em

em toda Europa, Africa, & em muita parte de Asia. E não se contentou a insaciavel ambição de fazer guerra aos estranhos, *Inst. l. 39* mas aos proprios irmãos, como diz Iustino, que fizeram Gripho, & Ciriceno, & os principes de Soria, que com as suas ambiciosas guerras desfizerão, & acabarão a sua successão no paterno reyno: & o que he mais que venceo até o brando affecto de materno amor; como se viu na guerra que Cleopatra *Inst. l. 40* raynha de Egypto fez a Ptholomeo seu filho depois de o ter deitado do reyno, por ficar sô no governo d'elle. Perguntando a Pirro o menor de seus filhos, a qual delles auia de deixar *Plut. vit. Pir.* o seu reyno, respondeo que áquelle cuja espada mais cortasse, & fosse mais aguda. E diz Plutarcho, que imitou aquella sentença tragica. *Diuidant fratres ferro domum.* Diuidão os irmãos a casa com o ferro; porque diz elle, tão apartado da concordia, & cruel he o desejo de reynar, como que dissesse não vos espanteis do successor que Pirro deixa, porque a insaciavel ambição a nenhũa cousa respeita: & porque Pirro entendia isto disse que deixaua o reyno ao mais poderoso de seus filhos, entendendo que a ambição a este sô faria rey. E assi pois estes são os effectos da ambição claramente se proua ser ella *Phil. de vita Mo.* hũa das causas da guerra. O mesmo entende Philo a onde diz, *Non de Imperio nunc certamen instat nec de inuadendis occupandisque alienis possessionibus qua causa belli, vel sola mouet alios vel precipua,* Não auemos de pelear agora polo imperio, nem por ganhar as alheas propriedades, a qual he só a causa da guerra, ou a principal: polo que a inueja, cobiça, & ambição (como está ditto) *Iose. l. i. cap. 8.* são causas della: O que mais claro mostra Iosepho dizendo, que diuidio Deos os filhos de Noe, & lhes deu grande terra, & abundantes fructos, porque não nascesse entre elles discordia, a execução da qual he guerra: & assi apartouos; porque entre os remotos tem pouco lugar a inueja, felos senhores de grandes terras, & copiosos fructos, que era a riqueza daquelle tempo; porque a inueja da alhea gloria, a cobiça de riquezas, & a ambição de mōres estados, corrompendo os animos, não fossem causa de se fazerem guerra, & assi a inueja, cobiça, & ambição, como está ditto, são segundas causas da guerra. Sendo o

peccado dos primeiros pays a sua origem.

Em o que está ditto se mostrou a origem da guerra, que tam bem he a da Arte Militar; pois, como ja se disse, ambas nascerão juntas, não se vendo hũa sem outra: agora se ha de mostrar o primeiro acto com que a guerra, & Arte Militar se manifestarão, ou o principio donde se começarão a introduzir no mundo, & quem foy o seu primeiro autor. Varias opiniões tem nisto os que atégora escreuerão os antigos successos das cousas do mundo. Porq̃ a primeira guerra de q̃ Moyses escreue, he a q̃ fizeram Chodorlahomor rey dos Elamitas, & os tres reys *Gene. ca. 14.* is que vierão com elle contra os cinco de Sodoma, Gomorrha, Adama, Seboim, & Segor, quando Abrahão focorrendo a Loth, que os quatro reys leuauão preso, os desbaratou, & restituiu aos de Sodoma a terra, & os despojos que tinham perdido. Mas, segundo Iosepho, ja tinha precedido outra guerra que estes reys, a que elle chama Alsirios, fizeram aos de Sodoma *Iosep. l. i. ca. 17. de antiquit.* doze annos antes, a qual foy causa desta segunda; porque (diz elle) que no tempo em que os Alsirios se apoderarão de toda a Asia possuíão muitas riquezas os reys de Sodoma, contra os quais combaterão os Alsirios, & os vencerão, & puserão certo tributo, o qual pagarão doze annos, & que não querendo pagalo mais tornarão os Alsirios a lhe fazer segunda vez guerra: & desta escreue Moyses, & do seu Texto se collige o mesmo que diz Iosepho; porque diz. *Duodecim enim annis seruiuerant Chodorlahomor, & tercio decimo anno recesserunt ab eo.* Doze annos obedecerão a Chodorlahomor, & aos treze se rebelarão: & pois elles obedecerão doze annos, & depois se rebelarão, não deuião estar voluntariamente nesta sujeição, nem costumão os reys sujeitar se por sua vontade à obediencia de outros; pois né *Quintus Curt.* vécido offerencia Dario a Alexandre mais que igual parte com elle no seu reyno: & assi esta q̃ Moyses escreue foy segunda guerra precedendo a que doze annos antes fizeram os mesmos reys. E ainda de Iosepho se collige q̃ antes destas ouue guerra: *Iosep. l. i. ca. 15. de antiquit.* porq̃ (diz elle) q̃ Nicolao Damasceno escreue no quarto da historia, q̃ Abrahão viera cō exercito de Chaldea a Damasco, on-

de reynara, & q̄ dahi fora habitar em Chananea, que depois se chamou Iudea: na qual esteue muito tempo antes que succedesse esta segunda guerra, como claramente se collige do Genesis: & assi do tempo que elle sayo de Chaldea até o desta guerra muitos mais de doze annos deuião ser passados, & dizer que sayo com exercito, denota que ja naquelle tempo hauia guerra; pois os exercitos para isso se juntão. E Philo não dà pouca força a esta opinião, dizendo, *Maxima enim grauique bella, & suscepit, & bellauit Abraham. Quin, & derelicta patria nec vlla certa sede concessa, homini vltro citroque vaganti per deserta, & in via graue bellum fuisse, ni sustentatus esset à fide oraculi.* Grandes, & graues guerras teue, & venceo Abrahão, porque deixando a patria, não tendo lugar certo onde habitar, andando polos desertos de hūas em outras partes fez graue guerra, a qual lhe fora muito pesada se o não sustentara a fê q̄ tinha na promessa de Deos. Mas ainda (segundo Iosepho) a guerra, & Arte Militar tem outro principio muito mais antigo; porque diz elle que Tubalcaim foy homem fortissimo, & que se exercitou muito na milicia: & Tubalcaim foy quinto neto de Caim, & viueo antes do diluuió: & se elle exercitou a milicia necessariamente auia de auer guerra naquelle tempo. Mas considerando bem os effeitos da guerra, muito mais antigo he o seu principio: porque estes são tirar a outrem os bens que possue, as riquezas, a gloria, ou estado, & a vida; pois sem isso muitas vezes não pode ser. E assi será o principio da guerra quando isto primeiro se executou; & porque o primeiro homem a que se deu morte, & se desejou tirar os bens que possuia foy Abel na sua morte se manifestou o principio da guerra, sendo Caim que lha deu o primeiro autor della; porque quando a Escripura diz, *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera eius,* Fauoreceo Deos a Abel, & ao seu sacrificio, não só este fauor de Deos lhe prometteia os bês espirituais, mas também os tēporais; porque em muitos lugares da Escripura onde diz, *Respexit Deus,* se segue o augmento dos bês tēporais; & assi quando Labão foy cōtra Iacob para lhe tirar o gado, & mais riqueza, que em grande abundancia leuaua

leuaua de sua casa, lhe disse Iacob, que lhe sayo ao ençontro, *Forſitan modo nudum me dimiſiſſes afflictionem meam, & laborem manuum mearum respexit Deus.* Se Deos por ventura me não fauorecera vos me mandareis de vossa casa nú, mas elle fauoreceo a minha afflicção, & o trabalho das minhas mãos: & assi fauorecendo Deos se lhe augmentarão os bês temporais. E também se declara o mesmo com outro lugar do Leuitico, a onde prometendo Deos grandes bens ao seu pouo senão idolatruauo disse. *Respiciam vos, & crescere faciam, multiplicabimini, & firmabo pactum meum vobiscum, comedetis vetustissima veterum, & vetera nouis superuenientibus projicietis.* Eu vos fauorecerei, & farei crescer multiplicar uosheis, & confirmarei o meu pacto com vosco, & dar uoshei tanta abundancia, que pola das cousas novas deitareis fora as velhas: & assi não foy a inueja de Caim só dos bens espirituais, mas dos temporais, que o fauor de Deos prometia a Abel, & da gloria em que o via sendo fauorecido de Deos: polo que a sua morte foy o primeiro acto com que a guerra se manifestou, & o principio della, & Caim o seu author. E também conforme à diffinição da guerra se pode dizer que este foy o principio della; porque aqui ouve vontades contrarias, sendo a de Abel de hum justo, & a de Caim de hum peccador. Abel sanctamēte alcançaua os fauores de Deos, & a inueja de Caim injustamente pretendia tirarlhos. Ouve também a execução das vontades, como se vé na morte de Abel, & se faltou o numero das gentes naquelle tempo não auia mais, & não faltou a Arte; pois qualquer com que se fizesse a execução da vontade, era Arte Militar (como está ditto) E também ouve armas, pois bastarão para o effeito, que a guerra não se ha de fazer de necessidade co estas, ou aquellas armas, senão cō as que forem necessarias para vencer, & em aquelle tempo não auia mais Arte, nem mais armas, & assi diz Lucrecio.

*Arma antiqua manus, ungues, dentesq̄, fuerunt.*

*Unhas, dentes, & mãos, forão as armas  
No mundo mais antigas.*



Polo que não era necessario para esta ser a primeira manifestação da guerra, & o primeiro acto com que se principiou mais Arte, nem outras armas; pois as com que Caim matou a Abel bastaraõ para matar o inimigo, & fazer a execuçaõ de võ rades contrarias. E quando ainda ouuer quem contradiga ser este o principio da guerra, & Arte Militar conforme a diffiniçaõ, não se poderá negar, que deste principio se deriuaraõ. E assi na morte de Abel se deu principio à guerra, & Arte Militar, sendo Caim o primeiro que daquelle modo as pos em acto.

Mas porque os homens tiueraõ dous principios, hum de Adão, & outro de Noe, sendo Adão o primeiro homẽ que Deos criou no principio do mundo, & Noe o primeiro de quem procedeo a geraçaõ humana depois do diluuiõ, deuem tambem dar-se à guerra, & Arte Militar dous principios; porque assi como ouue dous tempos em que o mundo esteve em paz, hum no principio d'elle, & outro depois do diluuiõ, dous principios teue a guerra. E assi tendo na morte de Abel o primeiro principio, cõ que se acabou a primeira paz, agora se mostrará outro, com que a segunda se perdeu: o que tem grande difficuldade pola variedade dos authores que escreuerãõ as antiguas historias, & pola confusaõ que em toda a antiguidade puõeraõ as fabelas. Iustino diz que Vessor Rey de Egypto, & Thano Rey de Tartaria foraõ os primeiros que fizeraõ guerra: os quais diz, que foraõ antes de Nino, & não escreue d'elles outra cousa por onde se possa entender quem foraõ. Diodoro Siculo começa a sua historia das cousas de Egypto, & em toda ella não tratta de outras mais antigas: cujo primeiro Rey diz que foy Osiris: o qual sayndo cõ grande exercito andou a mayor parte do mundo chegando às vltimas partes da India, & a muitas de Europa: & declarando quem fora depois de tratar varias opiniões diz, que na sua sepultura estava escrito em hũa columna este leitreiro. Meu pay he Saturno, o primeiro de todos os Deoses, & eu sou el Rey Osiris, que andei todo o mundo até as vltimas terras dos desertos da India, & cheguei aos pouos que estão debaixo do outro Polo, a onde o Istro tem seu nascimento, &

outra

outra vez torney a andar por todo o mundo até o Oceano, & sou o mayor dos filhos de Saturno, planta nascida da belleza, & da generozidade, & não ha lugar algum no mundo a que eu não tenha ido, ensinando a todos os homẽs aquellas cousas de que fuy inuentor. Consideraudo o que diz Iustino co este lugar *Iust. idẽ* pode-se dizer que Vessor he o mesmo que Osiris, porq̃ diz elle, que Vessor, & Thano não fazião guerra aos vizinhos, & q̃ não buscavãõ gloria para si, senãõ para o seu pouo, & que contêtes da vittoria não fazião caso da senhoria. Mas as fabelas cõ que Diodoro tece a sua historia, & a difficuldade que ha no conhecimento das cousas antiguas, de que a Escripura não tratta, não dão lugar para com certeza se dizer quem fosse Osiris, sabendo que os primeiros que pouoaraõ o mundo depois do diluuiõ foraõ os filhos, & netos de Noe, entre os quaes senãõ acha tal nome: mas nesta escuridãõ apparece hũa pequena luz, com a qual se poderá descobrir algũa cousa da sua origem. Diz o letreiro citado, que Osiris era filho de Saturno: Sabendo agora quem era Saturno se poderá saber quem foy Osiris. E ainda que isto tem muyta difficuldade, considerando o que se conta de Saturno, cõ o que sabemos, & se esereue de Noe, com muyto forçosas razões se poderá prouar que Saturno he o mesmo que Noe: das quaes darey algũas, donde se tirará com bastante clareza esta conclusãõ. Como os Gentios idolatras não tiuerãõ noticia da Sagrada Escripura, nem quando a tiuessem lhe dauãõ credito, não souberãõ nada do tempo que correõ até o diluuiõ, & assi entre os mais doutos ouue tão varias opiniões da criaçaõ do mundo, que Aristotelis diz, que he abeterno, Plinio que he hũa diuidade eterna, não gerada, nem disposta para ter ja mais fim, Zenon, Chrysippo, & Archedamo, tiuerãõ (segundo Diogenes Laercio) que o mundo era o mesmo Deos de toda a substancia propria qualidade, & que era incorruptiuel, & não gerado, artifice de tão grande obra, & ornamento. Democrito disse que tudo se fizera de atomos, Zenon Eliares, foy de opinião que auia muytos mundos, & outros disserãõ que o mundo fora criado a caso: & assi não tendo conhecimento do seu principio não passou a sua noticia das cousas que

*Aristot. Topi. l. 1. Pli. l. 1. 2 c. 1. Diog. Laer. l. 7. de virtis, & sententiis. Philo. Idem. l. 9*

que se fizerão depois do diluvio, & tudo o mais que differão de Demogorgon, do Chaos, & do litigio são fabulas fundadas em algũas razões de Philosophia, & começando a tratar Ouidio das cousas do mundo, depois da fabulosa criação que delle escreue, diz, que a sua primeira idade foy de ouro aonde começa co estes versos.

Ouid. l. I  
Met.

*Aurea prima sata est etas qua vindice nullo  
Sponte sua sine lege, fidem, rectumq; colebat.*

*D'ouro a primeira idade o mundo teve,  
Quando a propria vontade sem castigo,  
Nem ley, direito, & fe sempre guardaua.*

E quando mostra o tempo que esta idade durou diz, que foy todo o que reynou Saturno, como se vé nestes versos.

*Postquam Saturno tenebrosa in Tartara missa,  
Sub Ioue mundus erat subijtq; argentea proles  
Auro deterior.*

*Depois que o grão Saturno foy lançado  
No tenebroso inferno obedecia*

*A Iupiter o mundo, começando  
De prata a idade então peor que a d'ouro.*

Diz Ouidio que Saturno foy lançado no inferno, porque deixando o Reyno a seu filho Iupiter, ou lançado delle (como fingem os Poetas veyo a Italia, a onde está o lago Auerno, que a toda antiguidade tinha por limite do inferno, polo q os poetas o tomarão polo mesmo inferno, como se vé em Virgilio a onde diz, *Facilis deffensus Auerni*, & assi seruindose da figura que na Rhetorica se chama Synedoché, que dos Poetas he muy usada, chama a toda Italia inferno, porque he commum opinião q Saturno veyo a Italia: o q se proua bem com o nome q ella teve no seu principio; porq (como diz Dionisio Halicarnaseo) se chamaua Saturnia, & não fiz menção de outro nome mais antigo, porq ja quando a ella vierão as mais antigas nações, q a senhorcação depois dos primeiros habitadores, tinha este nome, como diz Dionisio Halicarnaseo, & Virgilio nestes versos.

Virg. E-  
ney. l. 6.

Dionisius  
Halic. l. 1

*Tum manus Ausonia, & gentes venere Sicane  
Sapius, & nomen posuit Saturnia tellus.*

Virg. E-  
ney l. 8.

*Então vierão as gentes muitas vezes  
Ausonias, & Sicanas, & esta terra  
De Saturnia deixou o antigo nome.*

A este tempo que Saturno reynou em Italia chamaraõ idade d'ouro, a respeito daquella parte; como seria em Creta antes q della fosse lançado, como fingé os poetas; porq diz Macobrio, q viuêdo os homês em Italia até então como brutos sem leys, nê vfo politico elle os reduzio a viuer politicamente, deulhe leys, ensinoulhes a agricultura, assi das sementes, como do azeite, & vinho, & governouos em suauissima paz, em companhia de Iano que era rey naquella parte: polos quais beneficios foy taõ felice aquella idade em Italia que a compararaõ ao ouro, que he o mais precioso de todos os metais: isto se proua bem cõ estes versos de Virgilio, que são muy cõformes ao q diz Macobrio.

*Tum rex Euandrus Romanae conditor arcis  
Hac memora indigena, Fauni, Nymphaq; tenebant,  
Gensque virum truncis, & duro robore nata:  
Quis neque mos, neque cultus erat: nec iungere tauros  
Aut componere opes norant, aut parcere parto:  
Sed rami, atque asper victu venatus alebat.  
Primus ab aetherio venit Saturnus Olimpo,  
Arma Iouis fugiens, & regnis exul ademptis.  
Is genus in docile, ac dispersum montibus altis  
Composuit, legesque, dedit latiumque vocari  
Maluit, his quoniam latuisset tutus in oris  
Aureaque, vt perhibent, illo sub rege fuere  
Sacula. Sic placida populos in pace regebat:*

Virg. E-  
ney l. 8.

*Começou desta sorte el Rey Euandro  
Fundador da Romana fortaleza.  
Nymphas, & Faunos forão os primeiros  
Naturais moradores destes bosques,*

## Primeira parte,

E gente em troncos d'arvores nascida,  
 E de carvalho duro: os quais não tinham  
 Algum culto, ou costume, nem sabião  
 Unir em duro jugo mansos touros,  
 Ou adquirir, & conservar riquezas,  
 Mas d'aspera comida se mantinham  
 Da caça, & fructa d'arvores silvestres.  
 Veyo Saturno aqui do Echerio Olympo,  
 Que das armas de Iupiter fugindo,  
 Baxava do seu reyno desterrado:  
 Elle a rustica gente que espalhada  
 Polos montes andava vagabunda  
 Compos, & deu-lhe leys, & Lacio qua  
 Qua terra se chamasse, porque nella  
 Escondido, & seguro sempre esteve.  
 Debaixo do governo deste rey  
 (Como dizem) durou a idade d'ouro,  
 Em paz tão doce os povos governava.

Sendo assi, como destes versos, & de tudo o mais que está ditto se vê, que Saturno veyo a Italia, & que nella ensinou a agricultura, & deu leys, reduzindo os homens à vida politica, governando os em paz, & cõ justiça; polo que ao tẽpo do seu governo chamarão idade d'ouro, he hum grande argumẽto de ser o mesmo que Noe. Porque contando Beroso Anniano o que fez Noe depois que sayo da arca entre as mais cousas diz. Veyo a Iztima q̃ agora chamão Italia: na qual reynou, & ensinou muitas cousas que pertencem à Theologia, Physiologia, Policia, & as artes necessarias à vida, das quais cousas deixou muitos liuros escriptos; polo que tanta reputação alcançou entre esta gente, que lhe chamarão Chaos, semẽte do mundo, pay dos Deoses maiores, & menores, & alma do mundo, &c. E assi se Saturno fora outro diferente de Noe, seguirchia aver duas idades de ouro, a q̃ auião de preceder dous tempos, em que os Italianos estivessem sem leys, doutrina, nem artes, o que não he; porque assi como não ouue mais que hum sò diluuiõ as sciencias, & artes que

que depois d'elle se soubẽraõ não se perderão mais: & precedẽ do Noe depois do diluuiõ a todos os homẽs em tempo, & em doutrina, & vindo a Italia donde ensinou as artes, & policia, se Saturno fora outro, quando a ella viesse não a auia de achar tão inculta, & ruda, como nos lugares referidos se diz, que estava quando veyo a ella, polo que Saturno he o mesmo que Noe. Pois tambem (como diz Macobrio) em todo o mundo tiueraõ a Saturno por semente d'elle, & pay dos deoses maiores, & menores, as quais cousas não podiaõ conuir a mais de hũ homẽ: & sabemos de certo, que de Noe procederaõ todos os homẽs q̃ depois do diluuiõ pouoaraõ o mundo, polo que não podia ser outro Saturno, senão o mesmo que Noe, a quem tambẽ (como se vio no lugar de Beroso) se attribuirão as mesmas cousas. E para que isto se veja mais claro porei aqui dous lugares, hum de Beroso Anniano, que diz o que Noe fez depois que sayo da arca, & outro de Diodoro Siculo, em que escreue as cousas q̃ fez Saturno, & elles por si mostraraõ que não pode ser outro Saturno, que Noe. Beroso diz. Acabado o diluuiõ parando a Arca no monte Gordico, desceo Noe aos lugares planos, & em pouco tẽpo se multiplicou grandemente a geração, de modo que enchẽdose aquelle lugar de gente foy necessario repartirse polo mundo, mas Noe ficou no mesmo lugar muito tempo. Ensinou aos Armenios (q̃ depois tiueraõ este nome) a agricultura, & o modo de cultiuar as vinhas, & fazer vinho, & as sagradas ceremonias do culto diuino, & escreueo muitos segredos das cousas naturais, os quais entre os Armenios, & Scithas só aos sacerdotes he licito ler, ensinar, & aprender. Ensinou alẽ disto o curso das estrellas, & diuidio o anno conforme o curso do Sol, & em doze meses segundo o mouimento da Lua, & muitas cousas futuras prophetizava, pola sciencia da Astronomia, pola qual razão o venerauão como hũ Deos, & lhe chamauão Sol, & Ceo, & ordenou q̃ os principes das familias buscassem novos assentos & fundassem cidades, &c. E Diodoro Siculo. Saturno mayor de idade depois de ser rey reduzio os homẽs de hũa rustica, & saluatica vida, à vida ciuil, ás leys, é a hũa perfeita, é humanissima vida: polo q̃ tendo grãde fama entre os homẽs andou por mu-

Ber. Annian. l. 3.

Dio. Sic. l. 5. c. 15.

tas partes do mundo, incitando os homés à justiça, & ás virtudes do animo, & deste modo fez que os seus subditos fossem felices com os bós costumes, & virtude do animo. Teue o seu imperio nas partes que ficão ao Ponente, & foy sempre de todos cõ grandes hõras venerado; polo que atè estes nossos tempos vsão os Carthaginezes, & Romanos, & mais nações vizinhas a estas honralo com ceremonias, & sacrificios, & alé disto muitos lugares tomaraõ d'elle o nome; & porq̃ os homés erã obedientes a quanto as leys ordenauã naõ auia entre elles ne nhũa injustiça, antes estando todos obediẽtes a quãto elle mandaua viuiaõ felicemẽte, & isto affirma Hesiodo poeta nos seus versos. E se dizem isto de Saturno fabulosamẽte, Hiperion diz, que conhescendo com suma diligencia, & obseruação os mouimentos do Sol, & da Lua, & das outras estrellas, & juntamente as horas ensinou estas couzas aos homés polo que o chamaraõ pay do Sol, & da Lua, como aquelle que foy contemplador da sua natureza, &c. Sendo Saturno o mesmo que Noe (como está ditto) fica claro que Osiris he filho de Noe, pois o he de Saturno: & do mesmo modo assi como Saturno he Noe Osiris serã Cham; porq̃ diz Iosepho, q̃ os filhos de Cham pouoaraõ o que ha de Soria, & dos Montes Libano, & Amano contra o mar, & todas as terras atè o Oceano: & descorrendo as prayas de Soria atè chegar a elle fica neste destritto o Egypto: O qual polo nome infere que coube a Mesraim, dizendo que chamaraõ ao Egypto Mesrim, & aos Egypcios Mesrei, & como a Escripura, & Iosepho naõ signalaõ a Cham particular habitaçaõ, ainda q̃ Mesraim, & os seus descendẽtes pouoassem o Fgypto naõ tiraõ isso habitar nelle tambẽ Cham, & reynar primeiro succedendo lhe Mesraim. E nos Psalmos 105. & 78. se mostra, que elle foy o primeiro que reynou em Egypto, chamandolhe nelles o Psal-  
*Ioseph. l. 1. ca. 12. de antiquit.*  
*Psal. 105* mista terra de Chã, *Et intrauit Israel in Ægyptũ, & Iacob accola fuit in terra Cham.* Entrou Israel em Egypto, & Iacob foy morador na  
*Psal. 78.* terra de Cham, & no Psalmo 78. *Et percussit omne primogenitũ in terra Ægypti: primitias omnis laboris, eorum in tabernaculis Cham.* Fecio todos os primogenitos do Egypto, & as primicias de todos os seus trabalhos nas moradas de Chã. E assi chamando nestes dous lugares,

lugares, & em outro do Psalmo 106. ao Egypto terra de Cham he grande proua de ser Cham o primeiro habitador d'elle, & o primeiro que nelle reynou. Isto se proua tambem com o que d'elle escreue Epiphanio; porque (diz elle) que sendo Noe *Epiph. in Ancho. 2. rato.* constituido por Deos herdeiro do mundo repartio entre seus filhos a sua herança, deitando sortes para que cada hum habitasse a parte que lhe caísse em sorte, & que a Sem coube Asia, & a Cham Egypto, & Africa, & a Iaphet Europa; polo que Cham he o mesmo que Osiris; pois (como diz Diodoro) Osiris foy o primeiro rey de Egypto. Isto se proua tambem, porque no Egypto teue principio a idolatria, como dizem Diodoro Siculo, *Dio. Sic. l. 1. c. 1.* & Herodoto, o qual affirma que os nomes dos doze Deoses forã primeiro achados entre os Egypcios, & que delles os tomaraõ os Gregos, & que elles ordenaraõ as ceremonias do culto dos Deoses da gentilidade: & o tempo em que no Egypto comecou a idolatria foy (como diz Diodoro) no em que Osiris *Dio. Sic. l. 1. c. 2.* reynou, sendo o primeiro homem a que se fizeraõ sacrificios, & no mesmo tempo diz que foraõ Hercules, & Mercurio, & outros que os gentios tiueraõ por Deoses, sendo Hercules capitaõ do exercito q̃ Osiris deixou em Egypto, quando foy polo mundo, & Mercurio conselheiro de Isides sua molher, que ficaua co gouerno do reyno, & que Isides foy depois chamada Ceres, Tesmophora, Lua, & Iuno. O mesmo se collige de Herodoto, *Herod. l. 2.* a onde diz que Osiris, & Isides forã Deoses dos Egypcios, & o mesmo diz de Hercules, a quem chama antiquissimo Deos dos Egypcios, & he cõmum opiniaõ de todos os q̃ escreueraõ a historia do Egypto que nelle teue principio a idolatria: & assi naõ ha duuida que Osiris foy o primeiro homem que no Egypto se adorou, & que d'elle comecou a idolatria: o que tambem se afirma de Cham: & assi diz Beroso Anniano: Seguirãõ os Egypcios as pestiferas feitas de Cham, & o puseraõ entre os Deoses, tendoo por mais moço que Saturno. Tambem dá grande força a esta opiniaõ ser Egypto a primeira terra onde a Astrologia, & Magica teue principio, como todos affirmaõ; as quais sciencias se comecaraõ a exercitar no tẽpo de Osiris, como diz *Ber. Anniano.* Diodoro Siculo. E nestas artes diz Casiano Sereno Abbade, *Dio. Sic. l. 1. c. 2. Cas. ser. Abb. ex cola. 8. s. 21.* que

que foy doutissimo Chão, & que as escreueo antes do diluio em pedras, & laminas de metal, porque não perecessem nelle. E Beroso diz, que por ser nellas muito douto o chamarão Zo-roastes. Polo que sendo Osiris, & Chão taõ conformes na doutrina, adoração, & terras onde foraõ tidos por Deoses, não parece que se pode negar ser Osiris o mesmo que Chão; pois sendo filho de Noe não pode ser outro. E assi Chão foy o primeiro que fez guerra; pois (como está ditto) segundo Diodoro lhe deu principio saindo com exercito de Egypto. Mas quem não aprovar esta opiniaõ, por ser noua, & atègora de ninguem seguida, pode ter a Nemroth polo primeiro autor da guerra, & interrompedor da paz em que os homens viuiaõ depois do diluio, o que agora se mostrará deixando em seu vigor os fundamentos com que se prouou ser Chão o primeiro autor da guerra.

Gen. c. 10. ra. Segundo a Escripura, & Iosepho nos lugares que ja se cita-  
Iose. c. 9. raõ, Nemroth foy o primeiro que reynou em Babylonia, &  
l. 1 de an terra Senaar, vsurpando tyrannicamente o reyno, & assi o  
tiquit. declara Sam Hieronymo, dizendo. *Nemroth arripuit insuetam*  
D. Hier. *in primis in populo tyrannidem, regnauitque in Babylone.* Nemroth foy  
in tradi- o primeiro que vsurpou a tyrannia não costumada até então,  
tionibus & reynou em Babylonia: polo que sendo Nemroth o primeiro  
Hebraicis & reynou em Babylonia: polo que sendo Nemroth o primeiro  
in Gen. c. que tyrannizou a senhoria dos homens não podia deixar de fa-  
11. zer guerra; porque nenhum homem se somete voluntariamen-  
te a tyrannia, & menos em tempo que todos gozauão da liber-

dade com q̄ então se viuia. E assi declarando Philo as palauras,  
Phi. de Gi- *Hic capit esse gigas super terram,* diz, que Nemroth não se conten-  
gantibus tando de ser neutral tomou as armas contra os seus compa-  
nheiros, & os acometeo com descuberta guerra. E as palauras

da Escripura, *Et erat robustus venator coram Domino,* tambem mo-  
Gen. c. 10. straõ o mesmo; as quais Sancto Augustinho declara, dizendo.  
D. Aug. *Venator contra Dominum,* & deste modo querem dizer que era ro-  
lib. 16. de busto caçador contra Deos: & assi se seruiu Moyses do nome  
Cui. Dei de caçador, como de metapora querendo dizer que era forte cõ  
c. 4. batedor, porque (como diz Aristotelis) a arte de caçar he par-

te da militar, & do mesmo modo a põem Platão entre os mili-  
Aristot. tares exercicios, & sendo caçador (como diz Sancto Augusti-  
Pol. l. 1. nho)  
Plat. Re-  
pu l 3.

inho) contra Deos não podia ser caçador de feras senão de ho-  
mês, os quais cõ a violencia da guerra trazia a sua obediencia,  
ou mataua: & assi com estas palauras, *Venator coram Domino,* de-  
clara Moyses, metaphoricamente, que era taõ robusto, & forte  
que a guerra era para elle como a caça para os outros homens;  
& que nella cõtinuamente se occupaua como os caçadores em  
caçar. Isto se proua tambem cõ o que Diodoro Siculo diz quan-  
do começa a tratar de Nino; porque diz elle. O primeiro rey <sup>Diod. Si- cul. l. 3. c. 1.</sup>  
de Assiria, que teue quem delle escreuesse foy Nino, que achou  
quem escreueo a historia das cousas que elle fez: este sendo por  
natureza belicoso, & deseioso de gloria, tendo desde o princi-  
pio exercitados os moços mais robustos nas armas muito tem-  
po, & em sofrer pacientemente os trabalhos, & os perigos da  
guerra, pondo em ordem hum exercito fez liga com Arico rey  
dos Arabes, & diz que fayo a conquistar as nações vizinhas, &  
apartadas. Nino era filho de Nemroth, & se elle antes de sayr  
com o exercito tinha exercitados os mancebos nos perigos da  
guerra clarissimamente se proua que antes deste tempo hauia  
guerra: & sendo seu pay rey, & tyranno daquellas partes não de-  
uia exercitalos na guerra dos estrageiros senão na que seu pay  
fazia; & assi conforme a este lugar não se pode negar que Nem-  
roth fez guerra, & que foy o primeiro que a exercitou depois  
do diluio; pois da Escripura, & Iosepho senão pode entender  
que outro a fizesse primeiro que elle. Mas porque se pode con-  
tradizer isto negando ser Nino filho de Nemroth conuem mo-  
strar que o he. Contra esta opiniaõ he Iosepho dizendo. Teue  
Sem primeiro filho de Noe tres filhos, os quais habitaraõ sepa-  
radamente em Asia contra o Oceano, começando do Euphra-  
tes, & primeiro, Elimo deixou por successores os Elimeos, dos  
quais descendem os Persas, outro chamado Assur edificou a ci-  
dade de Ninie, & do seu nome chamou aos seus subditos As-  
siris. Contra esta opiniaõ de Iosepho he necessario cõbater,  
& vencela, porque sem isso fica falso o que com o argumento  
de Nino se prouou. Segundo Estrabo Nino edificou a cidade  
Ninie, & o mesmo se vê em Diodoro dizendo, que os Me-  
dos destruíraõ a cidade Ninie depois do qual edificou Se-  
miramis

## Primeira parte,

Gen. c. 10 miramis Babylonia, & sendo Nino edificador de Niniue será o mesmo que Assur: & assi diz a Escripura. *De terra illa egressus est Assur, & edificauit Niniuem.* E Nino he filho de Belo, como dizem Sancto Augustinho, & Saõ Hieronymo: & se he filho de Belo he filho de Nemroth, porque o mesmo he Nemroth, que Belo. Da Escripura consta clarissimamente que Nemroth edificou Babylonia, & que nella teue o principio do seu imperio, & esta he a cõmum opiniaõ: o mesmo se entende de Belo; porque diz Diodoro que elle edificou Babylonia, & Quinto Curcio diz, que muitos o affirmãõ assi, ainda que elle entende que Semiramis: mas Belo, ou Nemroth a começou, & Semiramis a cercou, & enobreceo, sendo tambem habitada de Nino, como se prouãra se fora necessario; pois a sepultura de Belo que està no meyo della (como diz Estrabo) mostra bem ser elle o primeiro que a começou a fundar, & a adoraçãõ q̃ nella ao seu idolo faziaõ os Babylonios naõ he menor proua, cujo templo diz Plinio que ainda no seu tempo se conseruaua. E assi sendo Nemroth o mesmo que Belo, & Assur, ou Nino, que he o mesmo (como se disse) seu filho naõ he filho de Sem, como diz Iosepho, se naõ de Nemroth, & bisneto de Cham. Prouase isto tambẽ; porque se Nemroth reynou em Babylonia sendo o primeiro tyranno della, & do mundo, como auia de consentir que succedesse no seu imperio o descendente de Sem, & naõ seus filhos, pois os teue, como diz o mesmo Iosepho, os quais escreue que occu paraõ tudo o que ha de Gaza até Egypto: & se Nino, que he o mesmo que Assur naõ fora seu filho, naõ o fizera adorar por Deos, como todos affirmãõ: & se fora filho de Sem, de quem a sancta estirpe dos Patriarchas da ley velha procedeo, naõ he creiuel que idolatrasse, & mais naõ sendo em gloria sua. Polo que Nino he o mesmo que Assur, & filho de Nemroth, a quem os gentios chamaraõ Belo, & assi elle polos fundamentos allegados foy o primeiro q̃ fez guerra, & o primeiro autor della, & da Arte Militar depois do diluuiõ, se lhe naõ preceeder Cham, como està ditto.

Tendo a guerra este principio a continuaçãõ della foy aperfeiçoando a Arte, acrescentando cada hum dos que a cõtinauaõ

uaõ nouas armas, & novos modos de peleijar: & assi diz Aristotelis que he cousa muy posta em razaõ, que a necessidade en sinasse muitas cousas para a vida, & achadas fazeremse aditta mêtos para a forma de viuer mais polido. E deste modo se foy de tempos em tempos aperfeiçoando a Arte Militar, acrescentando os que a exercitauãõ o que as occasiões pediaõ, & o conhecimento das cousas lhe ensinaua, como a Tragedia, & Philosophia; porque (como diz Diogenes Laercio) representando se primeiro a Tragedia sãõ cõ o choro, Tespides inuentou hũ representador, para q̃ o choro algũa vez repoufasse, & Eschilo inuentou o segundo, & Sophocles o terceiro, & assi se aperfeiçoou a Tragedia; & que do mesmo modo a Philosophia era primeiro de hũa sãõ especie, trattando sãõ das cousas naturais, & Socrates acrescentou a Philosophia Moral, & Plataõ a Dialectica com que ficou perfeita. E assi sendo (como diz Diodoro Siculol) inuentadas as primeiras armas em Thebaida sãõ para matar as feras, & laurar a terra, mudandoas a ambiçaõ dos homês, ao vso da guerra foraõ se acrescentando, & aperfeiçoando segundo a necessidade requeria. Plinio diz que a primeira guerra que os Africanos fizeraõ a Egypto foy com maças de ferro, & que Preto, & Acrisso combatendo hum cõtra o outro inuentaraõ o escudo, & no mesmo lugar traz outros muitos inuentores de diuersas armas, cõ que se mostra bem que as occasiões, & necessidades as foraõ inuentando: & as armas que oje se vsaõ sãõ bẽ grande prota disto. Ainda que o arcabuz considerando bem as palauras de Dionisio Halicarnaseo he muito mais antigo do que mostra o tempo em que se communicou a todas as gentes; porq̃ (diz elle.) Depois de Agrippa reynou dezanoue annos Aladio, tendo inimizado com os Deoses, porque desprezando a diuina potencia, achou a imitaçãõ dos rayos, & o estrondo dos trouões, com o que queria, como se fosse Deos, espantar os homês, & trattãdo Ariosto do arcabuz cõ as mesmas palauras o descreue, como se vẽ nestes versos.

*Dietro Lampeggia a guisa di baleno,  
Dinanzi scoppia, & manda in aria il tuono.  
Treman le mura, & sotto il piè il terreno.*

*Ariost.  
Canto 9.*

*Il ciel*

Il ciel ribomba al pauentoſo ſuono:  
 L'ardente ſtral, che ſpezza, & venir meno  
 Fa cio ch' incontra, & dá a neſſun perdono  
 Sibila, eſtride;  
 Detras como relampo reſplandece,  
 E diante o trouão polo ar diſpara  
 Treme a terra, & as paredes, & parece  
 Que o ceo retumba, ao ſom de furia rara  
 O ardente rayo com que deſfalece  
 Tudo o que encontra, & nada ſe repara:  
 Recine, & aſſouia.

E aſſi parece q̄ ja naquella antiquiſſimo tẽpo do reyno de Aladido conheceo elle o arcabuz, & ſe ſeruió d'elle no uſo da ſua tyrãnia. E do meſmo modo q̄ as armas, ſe foraõ tambe inuentando os modos de peleijar, & os preceitos para o fazer melhor, atẽ chegar eſta Arte à perfeiçãõ em q̄ eſtã: & aſſi cõbatẽdo primeiro cõfulamẽte, Ciaſar Rey de Media (como diz Herodoto) *Herõ. l. 1.* diuidio os ſoldados em diſtintas ordẽs, ſeparãdo Infantes, Cavalos, Aſtatos, & Sagitarios, & Palamedes achou o modo de ordenar as eſquadras, & Plinio acreſcẽta q̄ elle foy tambe o primeiro q̄ ordenou dar o ſignal para começar a batalha, e dar o nome *Pli. l. 1. c. 56.* & fazer ſentinella, & aſſi diz Platão, q̄ Palamedes em todas as tragedias moſtra q̄ Agamenõ foſſe hũ ridiculo capitaõ, & ſe gaba de ſer elle inuẽtor dos numeros, & q̄ ordenou as eſquadras no cerco de Troya. E aſſi ſe foy deſte modo cõformẽ a neceſſidade, & occaſiões a perfeiçãdo a Arte Militar: porq̄ como a cobiça, & ambiçãõ foraõ creſcẽdo cõtinuaraõſe mais as guerras, & na cõtinuaçãõ dellas hũs por cõquistar, e outros por ſe defender inuẽtaraõ de cõtino nouas armas, e nouos modos de peleijar a perfeiçãdo a Arte Militar. E aſſi, cõcluindo eſte diſcurſo, o peccado dos primeiros pays foy a origẽ da guerra, & Arte Militar como primeira cauſa, & como cauſas ſegũdas a inuẽta, ambiçãõ, e cobiça ſãõ origẽ ſua, & a guerra, e Arte Militar tuerãõ principio na morte de Abel, ſendo Caim o primeiro q̄ eſtas cauſas executou, & depois do diluuió Néroth, naõ lhe precedendo Cham, & depois a cõtinuaçãõ da guerra a perfeiçõou a Arte.

DA

DA NECESSIDADE  
 QUE TODOS OS ESTADOS TEM  
 Da Arte Militar.

DISCURSO II.



O DISCURSO Atras ſe moſtrou a origem, & principio da Arte Militar, & como ella he o objeito de que ſe ha de tratar, conuem moſtrar ſe he neceſſaria; porque he vãõ o trabalho de couſas inuteis, & de neceſſarias: & aſſi diz Xenophonte, que Socrates aconselhaua *Xenoph. li. 1. vit.* aos ſeus diſcipulos, que ſõ tratasſem das couſas neceſſarias, & que aquillo deuiãõ dizer, & fazer com que entendeffem q̄ me- *Socr.* lhor ſe conſeguriãõ. E o meſmo entende Perſio, quando accusa *Perſ. Sat. tyr. l. 1.* os homẽs, que eſcreuem, ou fazem couſas inuteis, como ſe entẽ de neſte verſo.

O' curas hominum, o quantum est in rebus inane;

O' pensamento humano, o quantas couſas  
 Em tudo vãs ſe fazem.

E aſſi quando Ariſtotelis tratta das couſas de que o orador *Ariſtot. Rhet. l. 1.* deue deliberar, diz que haõ de ſer das neceſſarias. Polo que ſeguindo a doutrina de Socrates, & fugindo as reprehões de Perſio ſe moſtrarãõ agora que a Arte Militar he neceſſaria.

De tres modos ſe diuidem todas as artes, hũas que deleitãõ, outras que ſuſtentãõ, & outras que conſeruãõ: a Militar naõ he das que deleitãõ, que iſſo pertence à muſica, poeſia, & pintura, & o ſuſtentar à agricultura, & arte de paſtorar, & aſſi he das que conſeruãõ, como a medicina, & leys; que aſſi como a medicina conſerua em ſaude os corpos, & as leys a concordia das republicas, a Arte Militar (como diz Ariſtotelis) a liberdade dos eſtados: polo que (diz elle) he neceſſaria; porque he impoſſiuel q̄ *Ariſtot. Poli. l. 4.* mereça chamarſe cidade a que for eſcraua por natureza; no que moſtra

mostra que a cidade que não tiver em si a Arte Militar sempre será fugitiva. E assi pois ella conserva a liberdade não se pode negar ser necessaria; pois não ha cousa que em todos os estados mais se estime que a liberdade. E assi diz Cicero, que he tão illustre, & clara a recuperação da liberdade, que pola alcançar se não deve fugir a morte. Em todos os animais ha hum natural desejo da propria conservação, & por isso todos amaõ a sua especie; porque ja que em particular senão podem conservar se conservem na especie commum, & por isso os pays amaõ tanto os filhos; porque este he o modo com que a natureza conserva as gerações, & sendo a propria conservação tão estimada, se ou uera húa arte que ensinasse a conservar perpetuamente o individuo supposto do homẽ, quem negará ser utilissima, & muito necessaria? & do mesmo modo se proua ser a Arte Militar necessaria a todos os estados, pois ella os conserva, & faz perpetuos. E assi diz Aristotelis, que aquillo he util que conserva o estado das cidades. E como nellas conservaõ os homẽs a sua especie, porque (como diz Aristotelis) o homem he animal civil, pois senão pode alcançar por humano engenho algũa arte que conserve o supposto do homem perpetuamente, não he menos necessaria aquella que conservando as cidades conserva nellas a sua especie, não só em commum, mas tambem as particulares successões, que he o modo com que os homẽs na terra se perpetuaõ: E pois da Arte Militar se alcança este beneficio não se pode negar ser muito util, & necessaria. Mas parece que tem isto algũa duuida, porque a Arte Militar tem por objecto a guerra, a qual (como diz Plataõ) sempre he causa de grandissimos males à cidade, & se ella serve só para a guerra, & a guerra he causa de males, não se pode dizer que he util, & não sendo util, não será necessaria, porque de cousas inuteis não se tem algũa necessidade. Respondendo a esta objecção se concede que a Arte Militar tem por objecto a guerra: mas que seja sempre causa de males se nega, & muito mais não ser necessaria. Todas as cousas uteis o são de dous modos, ou por si, ou por respeito do seu fim, & deixando as que por si são uteis, as outras se dividem de dous modos, hũas que a caso tem bom fim, como a ferida que a

*Cicero. Phi. li. 10.*

*Aristot. Rhe. li. 1. ca. 9.*

*Aristot. Poli. l. 1.*

*Plat. Rep. pub. li. 2.*

tray-

ção deu hũ certo homẽ a Iafon Fereo, porq̃ querêdoõ matar foi causa (como diz Valerio Maximo) da sua laude, rópêdo lhe húa postema interior q̃ nenhũ medico lhe podia curar, & outras cujo fim certissimamente se sabe q̃ he util, & necessario, como as leys q̃ cõdenaõ à morte os homẽs, porq̃ sendo de muito dano às cidades a perda dos cidadãos, como a cõdenação dos maos respeita a conservação dos bõs, este fim as faz utilissimas, & necessarias. Deste modo he a guerra, q̃ ainda q̃ de sua natureza (como diz Cicero) não só ella, mas o temor della traz grãdes calamidades, polo seu fim he utilissima, pois (como diz Aristotelis) o fim da guerra he a paz; & como a guerra não poderá ter bõ successo ordinariamente se senão fizer cõ os preceitos da Arte Militar, pois a Arte he a q̃ ensina a fazer guerra com ordẽ, claro está q̃ se a guerra polo seu fim he util, & esse fim util sem a Arte Militar senão pode alcançar, q̃ a Arte Militar he necessaria, para cõ ella se alcançar o utilissimo fim da guerra, q̃ he a paz dos vencedores, q̃ a dos vencidos como nome de fugição perde o de paz. E ainda que a guerra não consiga sempre este fim, como este he sempre o seu fim não importa que algũa vez senão alcãce, pois não deixaõ de ser uteis as leys, porq̃ o juiz algũa vez interpreta doas mal de roim sentença: & assi sendo o fim da guerra util não se pode dizer que a Arte Militar não he necessaria, pois sem ella não se poderá alcançar.

*Val. Ma. xi. l. 1. c. 8.*

*Cicero. pro lege Ma. Aristot. Pol. l. 7.*

Ainda isto tem duuida; porque sendo a paz a mais felice cousa q̃ ha entre as humanas, pois querendo Deos mostrar a felicidade q̃ a os homẽs prometia a sua vinda quis que a declarassem os Anjos cantando no dia do seu nascimento. *Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus*, E o mesmo entenderaõ os homẽs, como se vé em Cicero a onde diz, que não ha nenhũa cousa tam popular, ou amiga do pouo como a paz, com a qual diz que lhe parece que se alegraõ, não só aquelles a quem a natureza deu sentido, mas as casas, & os campos: & sendo a guerra causa de males, claro está q̃ seguiraõ mais os homẽs a desejada paz, q̃ a aborrecida guerra, e sendo assi (como por boa razão deve ser) não se té necessidade da Arte Militar, pois ella serve só para fazer guerra. A esta duuida se responde q̃ conforme a disposição das cou-

*Luc. c. 2. Cic. pro lege. Agri. contra Po. pu.*



tas do mundo he impossivel, por via ordinaria, hauer nelle paz vniuersal; porque desde o seu principio tudo o que comprêde a parte elemental esteue em continua guerra: a qual não cessará até a fim, se Deos não alterar a disposição das cousas: & assi considerando os elementos, como diz Platão sempre estão em continua guerra combatendo o frio contra o quente, & o humido contra o seco, & assi trattando Ouidio da criação do mundo falando dos elementos, diz.

Plat. Thi me.

*Frigida pugnabant calidis humentia sicca.*

Ovi. Me 14. l. 1.

*O frio contra o quente peleyam,  
E o seco contra o humido.*

E por esta guerra que entre elles ha diz, que a discordia foy a semente de todas as cousas.

*Discordia semina rerum.*

E assi de tal semente semelhante fruto se deuia tirar polo q̄ em todas as cousas que constão dos elemētos vemos a mesma guerra, como se proua com a que nos corpos fazem as contrarias calidades dos humores: as quais (como diz Galeno) correspondendo aos elementos são causa das alterações que ha nos corpos, & ainda mostra mais claro esta guerra dos humores a onde diz, que as doenças que procedem das alterações delles se curé com seu contrario; porque onde os contrarios se ajuntão não pode deixar de auer guerra. A qual sentimos depois q̄ o peccado dos primeiros pays deu principio a todos nossos males, & assi d'elle se seguiu tambem outra guerra interior, que fazê sem cessar, o espirito contra a carne, & a carne contra o espirito, pois (como diz Sam Paulo, *Caro enim concupiscit aduersus spiritum: spiritus autem aduersus carnem, hac enim sibi inuicem aduersantur.*) Pois hū homē cōtra o outro tão sugeitos ficaraõ a se fazer guerra. q̄ os primeiros dous q̄ o mūdo teue depois do seu, & nosso pay Adão, a primeira cousa q̄ delles se cōtra he a guerra q̄ fizeram: & logo as nações tiueraõ taõ cōtinua guerra, q̄ não se sabe auer no mundo paz depois q̄ todo se pouou senão no tēpo em q̄ Christo nasceo, o q̄ parece q̄ não foy sē particular cōcurso da prouidencia diuina: & assi dizêdo Platão q̄ o q̄ deu leys aos

Gal. de cōstitutio ne artis medica. c. 9. Idē, c. 12.

D. Paul. ad Gal. 5.

Gen. c. 4.

Plat. de legi.

Cic.

Creteses as fez como se continuamēte estiuessẽm dispostos para fazer guerra, diz q̄ as fez assi, porque as cidades hūas cōtra as outras tē sempre a guerra apregoada. E assi sendo a guerra no mūdo tão cōtinua, & natural segundo a disposição d'elle, he impossivel cōseruar se nelle vniuersal paz: & deuēdo temer todos os estados, por esta razão, q̄ senão possaõ cōseruar em paz, não se pode negar ser a Arte Militar muito necessaria, pois sem ella não se poderà defender o estado a q̄ se fizer guerra: & assi Aristotelis trattando das cousas uteis aos estados põe entre ellas as forças para fazer guerra, as quais cōsistē só na Arte Militar; por q̄ diz Platão q̄ os soldados pobres, & exercitados na Arte Militar podem combater com duas vezes tantos ricos, & mal exercitados. E assi ainda que a paz seja mais desejada que a guerra, sendo tão continua a guerra no mundo, não se poderà conseruar a paz: polo que he necessaria a Arte Militar, pois ella ensina a fazer guerra com ordem, mediante a qual se vécem os inimigos, & se defende a liberdade, & paz dos estados.

Aristot. Rhe. ad Alexandrum. Plat. Re pu. l. 4.

Das causas de que no primeiro discurso se disse que procedia a guerra se vê, que não deixarà de a auer sempre no mūdo; pois no homē he tão natural o desejo de se engrandecer, q̄ essa foy a primeira herança que dos primeiros pays tiuemos; porque este desejo os fez comer da aruore vedada, o q̄ se mostra nas palavras que a serpente lhes disse quando a isso os incitou, dizem do, *In quocunque die comederitis ex eo aperietur oculi vestri, & eritis sicut Di,* em qualquer dia que comerdes da aruore vedada se abrirão os vossos olhos, & sereis semelhantes a Deos: & como a grandeza das cousas da terra està posta na riqueza, & nos estados não se acabará nunca nos homēs o desejo destas cousas: & assi diz Tito Liuiio, que de tres cousas tem os homēs excessiuo desejo, de terras, de dinheiro, & honras: polo que aquelles que as puderem alcançar cō a força da guerra não deixarão de a fazer: & assi não està a paz naquelles q̄ desejão possuila, senão nos q̄ lha não quiserem interromper fazendolhe guerra, para lhes tirar aquellas cousas com que o humano appetite pretende engrandescernos: & para isto não ha outro mais efficaz meyo que fazer se hum estado muito poderoso; por q̄ ao mais poderoso nin-

Tit. Livi. D. I. l. 6.

*Dio. Ha. lic. l. 3.* quem acómete: & o poder das cidades está (como diz Dionísio Halicarnaseo) nas forças militares, as quais consistem na Arte Militar; pois nella entende Platão, q̄ está a grandeza da republica, & assi nella estão as forças em q̄ Dionísio Halicarnaseo diz q̄ cõsiste o poder das cidades: & pois os estados poderosos não perderão a paz por senão atreuer ninguê a lhe fazer guerra, & o seu poder está na Arte Militar, claro fica, que ella conserua a paz tão estimada dos homês. E assi a paz, que se disse ser a mais felice cousa que ha entre as humanas, sem a Arte Militar não se poderá conseruar; porque o desejo das humanas grandezas a interrópera, se a virtude da militar disciplina a não defender: & por isso diz Aristotelis, q̄ ao principio não se acómetem aquelles q̄ estão bê apercebidos para se defender, & como o apercebimêto para a guerra pertêce sô a Arte Militar bê se proua q̄ ella assegura a paz, com o que fica respondida a duuida proposta.

E assi pois a Arte Militar cõserua a liberdade dos estados, & conseruando as cidades conserua nellas não só a humana especie, mas as gerações, que he o modo cõ que os homês na terra se perpetuão, & ella tem por vltimo fim a paz, cousa vtilissima, a qual sem a Arte Militar he impossivel conseruar-se, não se pode negar ser muito necessaria a todos os estados. E não tô digo que he necessaria, mas muito mais necessaria q̄ todas as outras artes. Aquella cousa será mais necessaria que for mais vtil, & aquella será mais vtil, de q̄ mais utilidade se receber: considerando agora qual he a cousa de q̄ se recebe mayor utilidade essa se dirá que he a mais vtil, & polo consequente a mais necessaria, & se ouer algũa arte com que se possa alcançar, essa será mais necessaria que todas as outras. Entre as cousas humanas a cidade precede a todas, & assi diz Aristotelis, que a mais principal de todas as cousas he a cidade. E tem esta superioridade, porque he a cousa de que a vida humana té mais necessidade; porque como diz Platão a cidade se faz, porque nenhum homê por si mesmo he sufficiente, mas de muitos tem necessidade. O mesmo

*Aristot. Pol. l. 1.* entende Sancto Thomas dizendo. *Vnus homo per se sufficienter vitæ tam transigere nõ possit.* Hum homem sô por si não poderia passar a vida lufficientemente, & como a cidade abraça em si todas as

cousas de que o homem tem necessidade não pode auer outra mais vtil que ella mesma, & polo consequente mais necessaria: & assi diz Aristotelis que os homês fora da companhia da cidade não valem cousa algũa. E considerando de que cousas consta este corpo a q̄ se chama cidade não são outras mais q̄ os artifices de todas as artes, & os ministros q̄ a governão. E assi tratando Aristotelis das partes de q̄ consta a cidade diz ser hũa os lauradores, outra os artifices necessarios, & pertencêtes aos de leiteis, & ornamêto da vida, a terceira os q̄ trattão a mercácia, a quarta os jornaleiros, a quinta os soldados, a sexta os ricos que sustentão os cargos da republica, & a setima os q̄ administrão os officios publicos: & sendo estas as partes de q̄ consta o corpo da cidade se ellas se separarẽ, & cessarem das suas operações não se dirá q̄ he cidade, como não será homê o q̄ carecer do espirito, & das operações humanas: & assi diz Cicerõ que Roma não era cidade quando as leys nella não tinhamõ nenhũ poder, & quando estauão os tribunais ociosos, & mortos os antigos costumes dos seus mayores, & dizêdo q̄ então fora desterrado, diz, *Itaq̄ pulsus ego ciuitate non sum, quæ tunc nulla erat.* E por esta razão (do que arriba está ditto) eu não sou desterrado da cidade, porq̄ ella então nenhũa cousa era; & todas estas partes de q̄ a cidade consta cessão quando se faz guerra, não fazêdo as suas operações, tirando a Militar, & assi se mostra em muitos lugares de Tito Liuiõ, que quãdo os Romanos tinhamõ algũa guerra de importancia cessauão todas as artes de suas operações, como se vê quando Quintio Cincinnato foy criado dittador para so correr Minuncio, q̄ estava cercado nos alojamentos, & Cicerõ dizendo q̄ o medo da guerra traz grãdes calamidades, diz, porq̄ quãdo os inimigos estão perto, ainda q̄ não acoetão nenhũa cousa, cõ tudo o gado se deixa, a agricultura se desampara, e cessa o trafego dos mercadores. E se a cidade he a mais vtil cousa de todas as da vida, & polo consequente a mais necessaria, & ella cõ a violêcia da guerra, deixãdo as artes, & tribunais as suas operações, perde també o nome de cidade, q̄ arte pode auerão vtil como aquella q̄ a conserua, & sustêta na sua dignidade? esta he sô a Militar; porq̄ cessando todas cõ o medo, & tumulto da

*Aristot. Pol. l. 1.*

*Aristot. Pol. l. 4.*

*Cicer. Pa. ra. 4.*

*Tito. D. 1. l. 3. Cice. pro. lege Ma. milia.*

guerra ella sò, obrando os seus nobilissimos preceitos conserua em si a dignidade da cidade, ella defende, & conserua todas as outras artes, as quais debaixo do seu amparo, & proteiçãõ se guaras se exercitaõ, & a cidade que pola fraqueza dellas perdera a gloria, & nome de cidade, cõ o poder da Arte Militar se conserua, que he a mais vtil cousa da vida. E por isso todas as respúblicas bem ordenadas constituirão Arte Militar para custodia, & guarda de todas as outras cousas. E assi o Egypto, que em opiniaõ dos antigos escriptores, foy a primeira prouincia q̃ politicamente se governou, estaua (segundo Herodoto) diuidido em tres especies de gente, em lauradores, sacerdotes, & soldados, & em Creta se guardaua por ley de Minos (como diz Aristotelis) a mesma ordem, & trattando os lauradores da agricultura, & os sacerdotes dos sacrificios, aos soldados ficaua a defen-  
*Hero. l. 2.* saõ de todos. E por isso disse Cicero a virtude militar he mais excelente que todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Aristot. Pol. l. 7.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Cicc. Pro Mure.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Pla. Rep.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Aristot. Pol. l. 2.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Aristot. Pol. l. 4.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Xenoph. Repu. leg. Lacedemonia* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Plu. vita Licar.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Aristot. Poli. l. 7.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-

das ao fim da militar disciplina. E Romulo (segundo Dionisio Halicarnasco) nas leys que deu a Roma seguiu o mesmo estylo, mandando que nenhum Romano pudesse exercitar outra arte mais que a Militar, & d'agricultura. E entendendo todos os que ordenarão respúblicas pólas na mayor perfeiçãõ possiuel se a Arte Militar não fora necessaria não a introduzirão nellas: & como ella serue sò para defen-  
*Dion. Halicar. l. 2.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Cicc. de legi.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Psal. 77.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-

Mas ainda poderão os fauorecedores das leys politicas não conceder que a Arte Militar seja mais necessaria que ellas; por que a ley he hum dom de Deos dado às cidades para que os homens nellas pudessem conseruar a humana especie, viuendo vni-  
*Cicc. de legi.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Psal. 77.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-  
*Cicc. de legi.* saõ de todas as outras, & a gloria, & industria das cousas ciuis se amparaõ debaixo da tutela, & presidio da militar virtude, & juntamente tanto que se diuulga a sospeita da guerra as nossas artes logo immudescem, & finalmente todas as cousas que pertencem ao imperio, & estado da cidade daquelles se entende que serãõ defendidas, & seguras que precedem na militar virtude. E assi sendo ella o amparo, & defen-

difficiloso resistir aos inimigos, que conseruar em concordia os amigos, tanto he mais necessaria a Arte Militar que as leys. E *Cicer. pro Murena.* assi (diz Cicero) muito mayor gloria traz a dignidade das cou-  
 sas militares, que a dos Iurisconsultos, tu vellas de noite para responder aos que te consultão, & elle para alcançar cõ o exercito o que entende que conuem, a ti te incita o canto do gallo, & a elle o das trombetas, tu ordenas acções, & elle o exercito, tu cautamente proues que as tuas partes senão percão, & elle q̃ a cidade, & os arrayais, elle sabe como os inimigos, & tu como as agoas da chuua se aparrarão, elle se exercita em alargar os cõ fins, & tu em es governar. Polo que quanto mais difficilosas, & importantes são as acções da Militar disciplina, que as das ciuis leys tanto mais necessaria que ellas he a Arte Militar. E que negará que he mais necessaria aquella cousa que sempre he util, que não a de que algũas vezes senão recebe utilidade? do mesmo modo se proua quanto mais necessaria he a Arte Militar que as leys; porque ellas contra a força dos inimigos não têm nenhum poder, como se vio em Roma na dittadura de Sila, & *Tit. Liv. D. 1. l. 2.* na de Cesar; porque tendo (como diz Tiro Liui) hũa ley que condenaua os que pretendessem leuantarse com o imperio da patria, chegando a ella Sila, & Cesar com poderosos exercitos não foy esta ley de algum effeito; porque ambos se apoderarão de Roma; mas a Arte Militar na paz, & na guerra serue, assi em defender a patria dos inimigos, como em fazer que os subditos obedeção às leys. E por isso diz Aristotelis que os reys hão de ter poder para fazer guardar as leys: & tratando das partes da cidade diz, que hũa parte della he as armas para fazer obedecer aos desobedientes, & defender dos inimigos. E assi se a Arte Militar he necessaria na paz, è na guerra, è as leys só na paz, è *Aristot. Pol. l. 3.* entre os pacificos se podê exercitar não se pode negar ser a Arte Militar muito mais necessaria q̃ ellas. E como não será mais necessaria; pois ellas sem a Militar disciplina não podem defender o seu imperio? porque mais necessaria he aquella cousa sem a qual outra algũa não pode permanecer, que não a q̃ della tiuer necessidade, & assi se as leys tem necessidade da Arte Militar para se defenderem dos inimigos claramente se proua  
 ser

ser mais necessaria q̃ ellas, pois ella as defende, como se vé no liuro 1. dos Machabeos, a onde diz Iuda. *Nos vero pugnabimus pro animabus nostris, & legibus nostris,* Nos pelcijaremos, polas nossas vidas, & polas nossas leys. E em Grecia se vio mais claro quanta necessidade tem as leys da Arte Militar para as defender; por que todas as vezes que vencião os Athenienses se governauão as cidades com as leys do imperio popular, & vencendo os Lacedemonios (como se vé em Plutarcho) estas perdião a sua autoridade tornando as cidades à Oligarchia, que he o governo de poucos. E tendo Athenas as leys de Solom tão estimadas de todas as gentes, que com ellas illustrarão os Romanos a sua republica, quando Lyfandro a ganhou ordenarãose nouas leys (como diz Xenophonte) com que dali por diante se governasse; porq̃ como pola impericia dos capitães Athenienses as de Solom senão puderão defender, faltadolhe o presidio da Arte Militar, perderão toda a sua autoridade. E por isso diz Quinto Curcio que as leys he costume daremas os vencedores, & receberé as os vencidos. E pois ellas tem necessidade da Arte Militar para serem reputadas, & defendidas não se pode negar ser mais necessaria que ellas. E assi se as leys conseruão a concordia das cidades, & a Arte Militar as defende dos inimigos, & se ellas só na paz conseruão a sua autoridade & a Arte Militar na paz, & na guerra, & se tem necessidade della para as fazer respeitar na paz, & defender na guerra claramente se proua que a Arte Militar he muito mais necessaria que ellas.

Alguns querem antepôr o dinheiro à Arte Militar; porque diz Plutarcho, que os que dixerão que o dinheiro era o neruo de tudo, tiuerão principalméte respeito às cousas da guerra, & para prouar esta opinião traz por exemplo a batalha de Cleomenes, & Antigonos, dizendo. Cleomenes por falta de dinheiro com que pagar os soldados deu batalha a Antigonos, & foy vencido pola traição de Damotelles, & se aguardara dous dias acabara a guerra com decoro, & honra, porque nelles veyo animo a Antigonos que Macedonia era destruida dos barbaros, polo que conuinha acodirlhe: & conforme a isto se o exercito se não pode sustentar sem dinheiro, & faltadolhe o sustento elle  
 por

por si se desfará, ou esta falta obrigará a se dar batalha quando não conuê, & dandoa com peor partido está mais certo ser vencido, que vencer, parece que diz bé Plutarcho, tendo ao dinheiro polo neruo da guerra, pois cõforme a isto sem elle ficará inutil à Arte Militar, & assi elle será mais necessario que ella: mas isto he falso; porque nenhũa arte pode obrar sem instrumétos, & nenhum instrumento he melhor, nem mais necessario que a mesma arte; porque isso fora ser o escravo melhor q̃ o senhor, o que não pode ser em quanto escravo, nem o instrumento melhor que a Arte a que serue: o dinheiro he instrumento, & assi tratãdo Aristotelis dos bẽs externos diz, que tem o fim como de hũs instrumentos, & entre elles põe o dinheiro: polo que se o dinheiro he instrumento, & elle serue á Arte Militar não pode ser melhor, & mais necessario que ella, pois nenhum instrumento he melhor, nem mais necessario que á Arte que d'elle se serue. E assi como nenhũa arte se quer por respeito dos seus instrumentos, mas os instrumentos por respeito da arte, não se quer a Militar por respeito do dinheiro, mas o dinheiro por respeito della, & assi não pode elle ser melhor que aquella cousa por respeito da qual se quer; porq̃ o peor sempre he por causa do melhor; polo que não será elle o neruo da guerra, como diz Plutarcho, & o exemplo que traz não he contra esta conclusãõ; porque Cleomenes ainda que combateo por lhe faltar o dinheiro não foi vencido senão pola traiçãõ de Damoteles, auendo de vencer pola virtude da sua militar disciplina, & dos seus Lacedemonios, como se vé no que desta batalha escreue Plutarcho: & assi não se perdeo por falta de dinheiro senão de fê, & lealdade, com as quais cousas também podia ser destruido sem dar batalha, & assi não foy a falta do dinheiro a principal causa de se perder, né elle he o neruo, & força da guerra: porque se o fora não vencera Alexandre a Dario, né os Romanos aos Gregos, nem os Gregos, a Xerxes, nem a Tigranis Lucullo, pois segundo Appiano Alexandrino Tigranis tinha no seu exercito cento & cincoenta mil infantas, & cincoenta mil cavallos cobertos de ricas guarnições de ouro, & todo o exercito de riqueza, sendo o de Lucullo pequeno, & pobre, mas adornado da

Aristot.  
Pol. l. 7.

Appia.  
De bel.  
Mitri.

da militar disciplina. E querendo Alexandre animar os seus soldados, quando estava para dar a terceira batalha a Dario disse *Inst. l. 11* lhes, que despresassem aquelle exercito cheo d'ouro, & prata, no qual era mayor a presa que o perigo, alcançando se a victoria com a virtude militar, & não com a belleza das armas: cujas palauras, & o effeito desta batalha mostra bem quanto a militar disciplina excede ao ouro. E assi contando Valerio Maximo a grande riqueza do exercito de Antiocho, aparato, & *Val. Max. xi. l. 9. c. 1* pa, diz, que era mais apto para ser presa dos inimigos, que para resistir às suas forças. Polo que não o dinheiro, mas a Arte Militar he o neruo, & força da guerra; porque o neruo he hũa parte do corpo por meyo da qual os membros d'elle se vnem, mouem, & tem força, & agilidade, para todas as acções que se fazem com o corpo, de modo que sem nervos tudo isto faltarã, considere se agora que cousa faz estes effeitos no corpo do exercito, & essa será o neruo d'elle, & assi a Arte Militar, com cujos preceitos, & leys o exercito se vne, & moue, & se faz forte, & agil he o neruo da guerra, & não o dinheiro, que sô he hum instrumento externo.

E não sô a Arte Militar té mais força, & poder que o dinheiro, mas elle se della não for amparado, & defendido he danossissimo; porque sendo o dinheiro o objecto da cobiça, a qual (como está ditto) he hũa das cousas da guerra, que mais tiuer está mais sujeito a lhe fazerem guerra, polo que senão estiuer bem apercebido com a virtude, & disciplina militar, será causa o dinheiro de padecer os danos da guerra, & de perder o mesmo dinheiro, como nas conquistas de Espanha se vé; pois mouidos com a esperança de ganhar as Indianas riquezas, não bastou aos que nas Indias em paz as possuíão, o largo mar que de nós os diuidia, para se liurarem da cobiça que a tantos perigos nos fez auenturar, & assi conquistadas por nós se vé, não sô de quam pouco proueito o seu ouro lhe fosse, mas quanto dano lhe causasse. O mesmo acõteceo a Antigono rey de Macedonia; porque tendo (segundo Iustino) assentado pazes com os *Inst. l. 25* Gallos, que pola morte de Alexandre passaraõ a Grecia, pola cobiça do thesouro que elle polos atemorizar lhes mostrou, que-

*Aristot. Pol. l. 4.* quebrando a paz, lhe fizeraõ guerra, & ganharaõ o thesouro, com que se tinha por seguro. verificandose a sentença de Aristotelis, que diz, que de falsos bês succede verdadeiro mal, & assi como era falso o poder do dinheiro d'elle succedeo a Antigo no o verdadeiro mal da perda d'elle, & os mais que nesta guerra padefceo. E naõ menos se vê na rota de Crasso o danno que se recebe em tratar do dinheiro, deixando o cuidado da militar disciplina; pois (como diz Appiano Alexandrino) elle se perdeo por se occupar em ajuntar dinheiro descuidandose dos militares exercicios. E assi se vê que elle sem a Arte Militar naõ fô naõ a crescenta poder, mas que he causa de muitos dannos, o q̃ na Arte Militar he differente, pois cõ ella naõ só se pode elle defender, mas ganhar. E por isso diz Aristotelis que os homêes adquirem, & conseruaõ naõ as virtudes com os bês externos, mas os bês externos com as virtudes, & sendo o dinheiro bẽ externo, & a Arte Militar virtude, claro estã que se pode elle adquirir com ella: a qual he virtude, porque he habito, & habito louuauel; porque (como diz Aristotelis) as cousas que procedẽ da arte tẽ louuor, & os habitos louuaucis sãõ virtudes, & assi pois he habito louuauel he virtude: polo que com ella se pode adquirir o dinheiro, que he bem externo, & com elle naõ se pode alcançar a virtude da militar disciplina, & assi fica claro, q̃ pois o dinheiro senaõ defende sem a Arte Militar, & com ella se pode de elle ganhar, & ella naõ adquirir com elle, que he muito mayor a força della, que a do dinheiro. Mas assi como as Artes tẽ necessidade de instrumentos, que facilitem a obra ao artifice, a Militar tem necessidade de dinheiro como de instrumẽto, que facilita as suas operações.

Quem naõ concederã agora que só na Arte Militar consiste o poder, & força de todos os estados? pois ella naõ só defende, & ampara todas as cousas, mas he superior ao dinheiro, a q̃ todas as outras se rendem. Mas para que isto melhor se entenda agora se considerará mais particularmente, em cada especie de estado, & governo, como todos sãõ com a Arte Militar se defendem, & conseruaõ, tendo nella sãõ todo o seu poder. E começando polo popular, a terra que com este modo de governo mais

flor-

floreceo foy Athenas, que teue o imperio de quasi toda a Grécia, a qual subio a esta grandeza, pola militar virtude dos capitães, que governaraõ os seus exercitos, como se vê em Plutarcho, & Xenophonte, & depois de posta nella se perdeo pola impericia dos capitães, que elegeo para esta vltima guerra; por que diz Xenophonte, que vendo Alcebiades, que os Athenienses tinhaõ feito os alojamẽtos junto da praya, & apartados das cidades, polo que com difficuldade se podiaõ prouer de bastimentos, ficando Sesto duas milhas da sua armada, & que os inimigos estauaõ em hum porto onde eraõ prouidos de todas as cousas necessarias, mostrou aos capitães que estauaõ em lugar pouco seguro, & os aconselhou, que se fossem a Sesto, o que elles naõ quiferaõ fazer, polo que os Lacedemonios dahi a cinco dias lhe ganharaõ a armada, & tomaraõ em terra todos os soldados sem nenhũa resistencia, & esta foy a ruyna de Athenas quando estaua mais prospera, causada pola pouca disciplina dos seus capitães; pois na mesma guerra, com outros mais peritos tinhaõ alcançado nobilissimas vittorias: & assi em quanto a Arte Militar florescia no exercito foy grande, & poderosa, & como ella negligentemente se exercitou de todo se acabou o seu poder. Thebas tinha o governo da Oligarchia, ou de poucos, & sendo pouco practica nas cousas militares foi muito tempo sujeita aos Lacedemonios, mas como Epanimundas, & Pelópidas sendo doutos na Arte Militar fizeraõ os Thebanos destros nella, naõ sãõ defenderaõ a patria de tornar a sujeição dos Lacedemonios, mas os desbarataraõ muitas vezes, & conseruaraõ o imperio de outras muitas cidades, & depois que elles morreraõ, faltandolhe a sua militar virtude, tornou a perder o que elles com ella tinhaõ ganhado: no que bem se vê que só nella estaua todo o poder daquelle cidade. Pois do reyno temos bem claro exemplo na perda de Espanha; porque os Godos que com a militar virtude se fizeraõ senhores della, tirandoa do poder do imperio, a perderaõ por terem de todo deixado a disciplina militar: & assi aquelles que a ganharaõ a poderosos inimigos, naõ a puderãõ defender a poucos mouros, que passaraõ de Africa a sua conquista. E Roma que teue de-

E pois

*Corn. Ta*  
*ci. l. 2.* pois dos reys hum governo composto do popular, & da Oligarchia, que poder a fez senhora do mundo senão o da Arte Militar? E assi escreuendo Cornelio Tacito o poder do imperio Romano trattou só dos exercitos, & armadas que tinha, não fazendo estima de outra cousa. Polo q̄ não ha cousa nenhũa mais necessaria a todos os estados que a Arte Militar, pois só nella está todo o poder delles.

*Pla. Tim.* Mas não faltará quem diga que a força, & natural esforço são as cousas que defendem as cidades, & que nellas, & não na Arte Militar está o poder de todos os estados, polo que conuê tirar esta duuida. Em todas as cousas por ordem da natureza precede a mais principal: & por isso diz Platão que a natureza manda que o corpo sirua, & a alma seja superior; porque ella he a principal parte de que consta o supposto do homem. E assi entre os animais precede o homem a todos, não pelas forças do corpo, porque nellas muitos se lhe auentajão, senão pelas da alma: polo que a superioridade que elle tem sobre todos he pelas forças da alma, & não pelas do corpo, pois por ellas fora inferior a muitos: do que se segue que as forças do homẽ são as da alma racional, & não as do corpo: & assi diz Aristoteles que as operações do homem são as da alma. Polo que se as forças do homẽ consistem na alma racional, & as artes procedê da razão claro está, q̄ mayor será o poder da arte, que o das forças corporais, pois a arte procede daquella parte em q̄ consiste a força do homẽ, com que he superior a todos os animais, & as forças do corpo são cõmuns cos animais irracionais, a que o homẽ pola razão he superior. E do mesmo modo o natural esforço posto só no ousado acõmeter, guiado por natural inclinação fica muito inferior ao que he governado co discurso do entendimento, & verdadeira razão; porque sendo o homẽ superior a todos os animais se esta fora a mayor força sua ficara inferior a muitos, que em acõmeter ousadamente se auentajão a todos os homens, se guese logo que pois o homẽ a todos he superior, & elles o são ao homem, no ousado acõmeter, que não he a mayor força do homem, o natural esforço posto só no animoso acõmeter sem discurso da razão: & assi fica clara a conclusão

clausão que a razão precede, & he mais poderosa que o natural esforço sem ella, pois com ella domina o homem os animais, que polo natural esforço são superiores a elle. Polo que sendo a Arte Militar hũa força, & poder ordenado pela razão, para cõ ella vencer todas as forças humanas claro está, que ella he superior a todas as forças, & natural esforço que della carecerem. Todas as artes tem hum certo, & determinado sujeito em que se exercitaõ, o da Militar he a guerra: considere se agora fizerem guerra dous exercitos hum contra o outro, com qual destes ficará a vittoria, cõ aquelle que ordenadamente proceder, ou com o que tumultuosa, & desordenadamente combater, sem duuida não auerá ninguê que negue auer de vencer o que se governar mais ordenadamente. Isto mostrou Socrates a hũ *Xenoph.*  
*de fallias*  
*Socrate* discipulo seu dizendo, muyta differença ha entre hum exercito ordenado, & hum desordenado; porque assi como as pedras, os tijolos, a madeira, & as telhas deitadas desordenadamente não são uteis a cousa algũa, & quando são ordenadas todas estas cousas, ponde hũas debaixo, & outras encima, de modo que se sustentem, & não cayão, como nos edificios se costuma fazer, entãõ se faz hũa casa que he cousa muyto estimada. E assi conforme esta comparação bem se vê quãõ inutil será na guerra a gente desordenada, pois assi como a pedra madeira, & telha deitadas sem ordẽ não farão a casa, que he o para que estas cousas seruem, toda a força, & esforço dos homẽs serão inuteis na guerra se com os preccitos da Arte Militar senão ordenarem, & dispozerem como conuem: polo que não as forças, & esforço natural sem arte são o poder dos estados, senão a militar disciplina. Isto se vio na primeira guerra que os Romanos fizeram aos Carthaginezes; porque não podendo os exercitos de Carthago preualecer contra os Romanos, depõs de serem rotos em muitas batalhas, mandarão pedir aos Lacedemonios hũ *Appian.*  
*Alexan.*  
*Bel. Pun.* capitão, porque elles naquelle tempo melhor que todas as outras nações sabião a Arte Militar, & mandando lhe Santippo elle, com os mesmos soldados, que muytas vezes forão vencidos dos Romanos, venceu aos Romanos, desfez de todo o seu exercito, & prendeo Marco Attilio Regulo capitão delle até entãõ

inuito. E se a força, & natural esforço sem arte forão mais poderosos, que a Arte Militar não vétera Santippo os Romanos com os mesmos soldados, que até então lhe não podiaõ resistir: mas como a Arte Militar he superior a todas as forças, & esforço humano, com ella venceo todas as forças, & esforço do exercito Romano. E assi diz Aristotelis nõs sabemos que quando sõ os Lacones se exercitanaõ na militar disciplina venciaõ aos outros, & que agora sãõ inferiores, porq̃ entãõ pelejauaõ contra os inexpertos. E por isso diz Platão que o combater que se faz com a guerra he cousa artificiosa, como que disse se não se rã guerra a que se fizer sem os preccitos da Arte Militar; porq̃ ella he a que dá aos exercitos as forças, & poder com q̃ na guerra se sustentãõ, & vencem. Isto se vê bem claro em Cornelio Tacito, porque diz que sendo iguais em força, & animo os Romanos, & Alemães ficarão os Romanos com a vittória, por serem mais destros na Arte Militar. E pois os Romanos sendo iguais em forças, & animo aos Alemães os vencerão pola virtude da Arte Militar que nelles florescia não se pode negar ser ella mais poderosa que todas as naturais forças, & esforço. E assi nella sõ consiste o poder de todos os estados: mas tambem os que a exercitarem tem necessidade de forças, para sofrer os trabalhos della, & de animo disposto para se imprimir nelle a sua doutrina; porq̃ como diz Aristotelis as virtudes morais não se alcançaõ por natureza, senãõ por costume: mas não se alcançaõ sem natureza.

Concedase agora sem nenhũa duuida, nem contradicção, que a Arte Militar he a cousa de que todos os estados tem mais necessidade: porque ella os conserua, & conseruando as cidades conserua nellas a especie humana, ella alcança o desejado fim da gnera, que he a paz, a qual sem a sua virtude senãõ poderã alcançar, nem conseruar, porque ella assegura da guerra as cidades que perfeitamente a possuirem, ella he mais necessaria q̃ todas as artes, é mais q̃ as leys, è he mais poderosa q̃ o dinheiro, o qual se della não for amparado he dãnossimo, & nella, & não nas humanas forças, & natural esforço cõsiste o poder das republicas, reynos, & monarchias. E assi ella mudou o imperio de hũas

hũas nações a outras, succedendo nelle a q̃ cõ mais perfeicção a possuia: assi q̃ o dos Medos se passou aos Persas por serem nella muy exercitados, como se vê no q̃ Xenophõte escreue de Cyro: *Xenoph. Cyrop.* & elles o perderão pola ventagẽ q̃ nella Arte lhe faziaõ os soldados, & capitães cõ q̃ Alexãdre lho ganhou. Mas como os Romanos a souberão tão perfeitamẽte, q̃ todos affirmãõ q̃ nella se auentajãõ de todas as nações, de hũa cabana de pastores subirão ao mayor imperio q̃ nunca teue o mũdo; porq̃ diz Vegecio *Veg. l. 1.* q̃ polo meyo da Arte Militar vécerão os Romanos a multidão dos Frãccses, os robustos Alemães, a galhardia dos Espanhoes, as cautelas dos Africanos, & a prudẽcia dos Gregos. E Valerio Maximo, q̃ a obseruancia das ordẽs militares lhe alcançou a senhoria de toda Italia, & lhe deu o imperio, & governo de muitas cidades, de muitos reynos, & de muitas nações valerosissimas, & lhe abriu as bocas do mār Pontico, & os estreitos passos dos Alpes, & do monte Tauro, por força rotos, & expugnados polos exercitos Romanos, & finalmẽte (diz) tẽ leuanteado este imperio, q̃ de hũa cabana de pastores teue principio, àq̃lla grandeza em q̃ ao presente estã, a qual he tanta q̃ debaixo da lva monarchia se rege, & governa o mũdo todo. E pois ella dà os imperios, & monarchias aquẽ melhor a sabe, & exercita, & dados ella sõ os pode conseruar cõ razão se poderã reprẽder o estado q̃ a não estimar, & seguir. Sigãõ pois todos os principes esta nobilissima Arte; porq̃ (segũdo o poder das cousas humanas) aos tẽperados, & modestos, q̃ se contentarẽ do estado q̃ possuem, ella sõ lho pode cõseruar, & aos desejosos de mayor grandeza ella sõ a pode dar. E por isso diz Aristotelis q̃ esta he a Arte em cuja doutrina se criãõ os filhos dos reys, & q̃ esta he sõ a q̃ deue apĩder os q̃ hãõ de governar os pouos. E sigãõ todos os homẽs esta soberana Arte, porq̃ ella he aquella que enriquece (como diz Platão) aquẽ a exercita, de prata, & ouro diuino dado por Deos *Plat. Rep. l. 3.* não tendo necessidade do humano. E que poderã acabar de dizer a sua vtilidade, as suas excelencias, & os seus lououres, pois della se preza Deos querẽdo ser chamado Deos dos exercitos, & assi diz Amos. *Dominus Deus exercituum nomen eius.*

*Amos 4.*



DE COMO SE PODE  
RA ALCANÇAR, E POSSUIR A  
Arte Militar.

DISCURSO III.

Dividido em cinco partes. A primeira das leys, & preceitos Militares: a segunda da observancia delles: a terceira da fortaleza Militar: a quarta do premio & castigo: & a quinta que a milicia tenha hũa só cabeça.

Das leys, & preceitos Militares.

Parte primeira.



ONVEM Agora, pois se tem mostrado quam necessaria he a Arte Militar, tratar do modo com q se poderá alcançar em todos os estados a summa perfeição della, & conseruar com a mayor estabilidade, que se pode esperar das cousas humanas; porque de todas as cousas, ainda que se jáo muy vteis, & necessarias, que senão podem alcançar, tão pouquito se tirã como das

inuteis. E assi a Arte Militar, que a todos os estados he vtilissima, se senão puder alcançar, & conseruar nelles serã de pouco fruto tudo o que della se escreuer: porque diz Seneca que elle não tem por beneficios aquelles que não podem fazer melhor o animo de quem os recebe: & como não se podendo alcançar a perfeita disciplina Militar nos estados a que ella he vtilissima não se poderaõ elles cõ ella fazer melhores inutil serã se senão puder alcançar, & possuir. E por isso diz Aristoteles, que o Ora-  
dos

Senec. de  
ofi. l. 5. c.  
13.

Aristot.  
Rhet. ad  
Alexan  
drũ, c. 1.

dor que persuade, ha de tratar das cousas justas, legitimas, proveitosas, honestas, & agradaveis, mas q se possaõ alcançar, por que não se alcançando não se tirará dellas nenhum fruto. E assi agora se dirã o modo como a Arte Militar se poderã, não só alcançar, mas conseruar nos estados pacificos, para que quando for necessario fazer guerra, para se defenderem, ou conquistar alcancem o fim para que a fizerem. E ainda que com as regras, & preceitos pratticos, & especulatiuos, que se escreverão se poderã saber perfeitamente tudo o q pertence à Militar disciplina, não bastará isso para se alcançar o proveito que della recebem todos os estados que a possuem; porque como ella ser ue para a defenfa, ou augmento do corpo mistico da republica he necessario, q não só estè nos particulares, mas q em toda ella aja hũa certa disposição para as cousas militares, pois nas necessidades da guerra não se exercita só hũ, ou dous particulares, mas todo o corpo da republica; & assi se toda nella senão exercitar no tempo da paz, não se poderã dispõr no da guerra como conuẽ, porque assi como hum corpo não serã todo perfeitamente agil se todo iguالمẽte senão exercitar, não serã hũa republica apta para as cousas da guerra, se a militar doutrina for exercitada só de algũs particulares. Dizendo Socrates que queria aprender a arte de saltar, & dançar, tindo se es que o ou uiã, disse, rides vos por vëtura, porque eu com o exercicio que ro estar mais saõ, ou comer, & beber com mais gosto, porque eu desejo estes exercicios não como os correos, os quais tẽ as pernas grossas, & as espaldas sotis, nem como os esgrimidores, os quais tem as espaldas grossas, & as pernas delgadas, mas exercitando todo o corpo tudo se faz de igual proporção. Polo que se todo o corpo da republica ha de seruir nas ações da guerra, quando à sua defenfa for necessario, conuem que todo elle se exercite, porque não sendo assi ficarã desproporcionado, & as partes menos exercitadas, assi como no corpo humano saõ mais delicadas, no da republica serão mais fracas, & impedirã o mouimento, que de todo elle se faz no tempo da guerra: & por isso diz Platão que a saude do corpo, & d'alma cõsiste em senão mouer o corpo sem a alma, nem a alma sem o corpo, porq ten

Xenoph.  
in Conui.

Plat. Thi  
me.

do estas cousas as forças ignais espalhê a faude por todo o homem: do mesmo modo se os nobres de que se ellegem os governadores das cidades, & republicas, que conrespondem a alma, que he a mais nobre parte do supposto do homem, & o pouo, que representa o corpo, se não exercitarem igualmente na militar disciplina não receberá o todo da republica a faude, q̄ se alcança com os seus preceitos. Não se entenda do que está ditto, que todos os homês q̄ habitão as cidades haõ de ser soldados; porque os soldados não conuem que fação outra arte, como em outro lugar se dirà: mas porq̄ de todo o pouo se haõ de tirar os que na guerra hão de servir he necessario, que em todo elle aja hũa certa disposição apta às cousas militares. Polo q̄ antes que se trate dos preceitos da Arte Militar se dirà o modo com que se poderá alcançar, & possuir com summa perfeição em todos os estados, ainda que pacificamente se governem. Para o que são necessarias cinco cousas leys, & preceitos, obseruância delles, fortaleza militar, premio, & castigo, & hum capitão q̄ em todo o tempo entenda no militar governo.

A natureza que todas as cousas fez perfeitissimas, segundo o seu genero, ou especie, de tal modo as compo, que faltando a qualquer dellas algũa parte das que ella entendo que lhe crão necessarias, para a sua perfeição, ficarão imperfeitissimas, & monstruosas, como serà hum animal de qualquer especie se lhe faltat a cabeça, os peis, ou outro qualquer membro, & assi discorrendo por todas as outras cousas se verá o mesmo, & como a cidade he hũa multidão segundo a natureza (como diz Aristotelis) se lhe faltat algũa das partes que constituem o seu corpo ficará hum monstro, & assi como os animais imperfeitos faltão em muitas operações, do mesmo modo a cidade, que não tiuer todas as partes necessarias, segundo a sua natureza, firã imperfeitissimamente todas as suas acções. Polo que ainda que a Arte Militar seja mais necessaria para a conseruação da republica, que todas as outras, & que as leys, a republica tem necessidade de de leys, porque sem ellas, que são hũa parte sua não poderá obrar perfeitamente o que á sua conseruação conuem. Todas as cousas do mundo são imitações; porque (como diz Platão) o mundo

o mundo foy criado a semelhança do simulacro, ou idea, que de sta obra, tinha Deos na sua mente, & assi todas as cousas delle polas semelhantes ideas forão criadas, & depois forão gerando outras semelhantes a si, como Deos lhe mandou depois de as criar, dizendo, *Producat terra animam viuentem in genere suo*, Produza a terra os viuentes segundo o seu genero: & assi sendo todas as cousas feitas por imitação, aquellas serão melhores, que imitaré as melhores: polo que não pode ser boa a republica q̄ não imitar a mais perfeita, q̄ de todas as suas partes estiuer perfeitamente adornada: é como as leys são hũa principalissima parte das republicas, pois (como diz Aristotelis) nenhuma cidade pode estar sem leys, não poderá ser perfeita a q̄ as não tiuer, antes como os animais a q̄ faltaõ os principais mēbros se chamaõ monstros, assi se chamarã a republica, que não tiuer leys, & assi diz Cicero, que não serà Orador o que não quiser imitar a Demosthenes, & do mesmo modo não serà republica a q̄ não imitar a mais perfeita, que he a que de leys, & das mais partes que lhe competem estiuer adornada: polo que ainda que a Arte Militar seja mais necessaria que ellas não podem estar as cidades, & os imperios sem leys, & assi diz Iustiano. *Imperatoriam maiestatem nõ solum armis decoratam sed etiam legibus oportet esse armatam.* A magestade imperial não conuem estar sò adornada da militar disciplina, mas armada de leys. E tambem a mesma Arte Militar tem necessidade de suas particulares leys. Porque o exercito, com que ella ha de fazer na guerra as suas operações, he hũa republica militar; polo que assi como a politica não pode permanecer sem a Arte Militar, a republica militar não se poderá conseruar sem suas particulares leys: & por isso diz Cicero que todas as artes que pertencem às cousas humanas tem hum vinculo commum, & contem entre si hum certo parentesco; polo que não sã a republica politica tem necessidade de leys, mas o exercito, como se dirà.

A ley he (segundo a diffine Aristotelis) hũa oração determinada, que ordena com cõmum consentimento das cidades, de que modo todas as cousas se deuem fazer. Diuidea de dous modos, hũa propria, & outra commum, a cõmum he segundo a natureza,

Gen. c. 1.  
Aristot. Pol. l. 3.  
Cic. de gen. opt. orat.  
Iustin. in pra. inst.  
Cicer. pro Ach. poeta.  
Ari Rh. ad Alex. dram eloquentie laudes. Ar. Rh. l. 1. c. 28.

tureza, & a propria he aquella que pertence a cada particular cidade, ou nação: a qual he não escrita, ou escrita: é do mesmo modo a divide Iustinião, dizendo, *Constat autem in nostram quo tu. l. de in vimur aut ex scripto, aut non scripto, de apud Græcos.* Consta o nosso direito o qual usamos de escrito, ou não escrito, como se entendeu entre os Gregos: & Platão seguindo a mesma opinião diz, que a não escrita he segundo o costume das gètes, & a escrita a que se governa as cidades. Mas nos em duas partes a dividimos, hũa que prohibe os males, & outra que incita às obras boas; porque este he o fim de todas as leys, sendo todas determinadas para que rectamente se viva, o que não poderá ser se com a ley se não prohibirem os males, & incitarem as obras boas, & por isso disse Cleobulo, que o ser bom, ou mau homẽ não he por costume, mas por ley. Porque a nossa natureza, corrupta pelo peccado com que nascemos, mais se inclina às más, que às boas obras, isto quis dizer David quando disse, *Cor mundum crea in me Deus: & spiritum rectum in noua in visceribus meis,* creai em mi Senhor hũa coração limpo, & nas minhas entranhas fazey de nouo hũa espiritu justo; porque tinha ditto antes em maldades fuy concebido, & com peccados me concebeo minha mãy, & assi diz se vós Senhor não creardes em mi hum coração limpo, & hũa espiritu nouo, & justo, este que eu tenho, corrupto pelo peccado original, com que fuy concebido, não deixará de vos offender. Polo que sendo nós, pola corrupção da natureza, mais inclinados às obras más, que às boas, he necessario que as leys nos obriguem a obrar bem, & a não cometer maldades. E assi diz Aristotelis que a ley manda viuer segundo toda a virtude, & prohibe todo o vicio: & por isso a define Cicero dizendo, a ley he hũa sũma razão vnida cõ a natureza, que ordena as cousas que se deuem fazer, & prohibe às contrarias, & Philo a declara do mesmo modo. *Lex porro nihil est aliud quam iubens agenda, & vitanda prohibens.* A ley nenhũa outra cousa he mais, que aquillo que manda o que se deue fazer, & veda o que conuẽ prohibir. Polo que (como està ditto) a ley se divide em duas partes, hũa que prohibe os males, & outra que incita as obras boas.

Da parte que prohibe os males se alcançaõ dous grandes beneficios,

hum de mostrar os vicios com a prohibiçãõ delles, & outro obrigarnos a que não cayamos nelles; porque como as cousas que de sua natureza são más, sempre o forão, sem ley, como o são com ella, senão tiueramos a que nos mostra os males cometeriamos mil brutezas, sem saber o que faziamos, & seria mos abominaueis em nós mesmos, & nos olhos de Deos: & assi diz São Paulo que o peccado não se conheceo senão pola ley; polo que se a ley deu a conhecer os erros de que cousa podia hũa republica receber mayor beneficio? porque o conhecimento dos males he hũa grande parte do remedio delles, que os erros não conhecidos não se podem emmendar, & manifestando se terão a emmenda, que sem se conhecer não tiueraõ: & porque manifestando se com a prohibiçãõ da ley se podẽ os homẽs abster delles, ou emmendar caindo, diz Platão, que as leys fazem bons, & virtuosos aos mancebos; porque não lhe mostrando ellas os erros cayria em muytos a incapaz mocidade, a quem detem o freo da vergonha, que o conhecimento dos erros trouxe ao mũdo para remedio dos moços. E assi por este beneficio, que da manifestaçãõ dos males se recebe, he muy necessaria esta parte da ley que os prohibe.

E como esta parte determina penas a quem comete as cousas que ella prohibe he tanto mais necessaria, quanto he mayor o perigo a donde se obra mal, que a donde senão fazem virtudes, & como a nossa natureza se inclina (pola mayor parte) ao peor se com a pena da ley senão emmendarẽ nossos erros muitos mais se cometerão; porque como diz Platão ninguem por sua vontade he justo, senão polo medo: & se o medo da pena da ley faz os homẽs justos muito necessaria he a toda a republica, & congregaçãõ de gente; porque os injustos não se podẽ conseruar em cõmunidade. E por isso diz Xenophonte que a todo o estado he necessaria a ley; porque não tendo a que castiga os males difficilmente se conseruarã nenhũa republica; porque fazendo os homẽs hũs aos outros o mal que o appetite lhes pedir não poderá auer concordia, & faltando ella he impossivel auer companhia: & pois a cidade (como diz Aristotelis) he companhia de cidadãos senão tiuer concordia desfarfeha a cõ

panhia

Inst. cõsti  
tu. l. de in  
re. nate.  
gen. &  
ciu.  
Pla. de le  
gi.

Diog. La  
er. l. 1.

Psal. 50.

Aristot.  
Eth. l. 5.  
Cice. de le  
gi. l. 1.  
Phil in l.  
& pre. &  
pen.

D. Paul.  
ad Rom.  
7.

Pl. Apõ  
lo. Socra.

Plat. Re  
pu. l. 2.

Xenophõ  
Cyr.

Aristot.  
Pol. l. 1.

*Tit. Liv.* panhia, & sem ella não averà cidade. E por isso diz Tito Livio,  
*D. 1. l. 2.* que a discordia he a quella peçonha, & peste dada ás cidades ri-  
cas, & poderosas para que tambem os grandes imperios fossem  
mortais: & assi perguntando Scipião o menor a Teresias, de-  
pois de destruyda Numancia, que cousa até então fizera aquel-  
la cidade inexpugnavel, respondeo que a concórdia, & que a  
*Dion. Ha* discordia fora causa da sua ruina: & por isso diz Dionisio Hali-  
*li. 3.* carnaseo que às cousas pequenas a concórdia he causa de for-  
ças, & a discordia às potentissimas de fraqueza. Isto quiseraõ  
mostrar os poetas na fabula de Cadmos; porque os homês na-  
cidos dos dentes da serpente entre si pola discordia se desfize-  
raõ, & a fortificação de Thebas, fabricada cõ a harmonia da sua-  
ve musica de Amphion, mostra que a concórdia daquella cida-  
de a fez forte, & poderosa; porque a musica não he outra cousa  
mais que consonancia, & cõcórdia de vozes, assi como nas ci-  
dades a uniaõ das vontades acordadas como as vozes he con-  
córdia. E porque a onde não ouer leys que castiguem os inju-  
stos, & maos não se poderà conseruar a concórdia; pois (como  
*Dion. Ha* diz Dionisio Halicarnaseo) na cidade donde se tiraõ a razaõ, &  
*li. 7.* as leys costuma entrar a discordia, & guerra, não se pode negar  
serem muito necessarias as leys, que determinaõ penas aos que  
commettem culpas, pois o temor do castigo os fará abster del-  
las.

A outra parte das leys que incita a fazer obras boas he mu-  
to mais necessaria; porque se para não obrar mal são necessa-  
rias leys, quanto mais o seraõ para fazer obras virtuosas; porque  
mais facil he deixar de fazer males, que fazer virtudes: porque  
a virtude se alcança com trabalho, & o vicio se deixa sem elle.  
E assi diz Aristotelis, que mais difficil he sofrer dores, que ab-  
ster dos deleites. E sendo o caminho das virtudes aspero, & dif-  
ficuloso, pois (como diz Plauto) *Ad virtutem vna, & ardua via*  
*est.* São mais necessarias as leys que incitem ao seguir; pois tam-  
bem está claro, que se ha de abster dos vicios quem procurar as  
virtudes; porque como diz Aristotelis, mais proprio he da vir-  
tude fazer cousas honestas que abster das torpes; porque as cou-  
sas viciosas não são do sujeito da virtude, que não será virtude

a que

a que as fizer, & assi quem seguir a virtude não ha de olhar pa-  
ra as cousas torpes, senão para as virtuosas: polo que cõ as leys  
que incitem à virtude, se executarão menos vezes as que casti-  
gão os vicios. Não commettendo males poderseha hũa cida-  
de conseruar algum tempo, mas não obrando virtudes não  
se poderà engrandescer. Nem esta conseruação poderà durar  
muito se a cidade, com as virtudes, senão fizer apta a se engran-  
descer. Porque (como diz Platão) por ordem da natureza está  
determinado, que nenhũa cousa permaneça, antes que em hum  
rodeo de tempo receba mudança, sendo assi se a cidade não es-  
tiuer disposta para se augmentar de necessidade, mudandose,  
ha de cayr do estado em que estiuer. Diz Aristotelis q̄ nas cou-  
sas que não tem vida ha hũ imperio à semelhança de harmonia; *Aristot.*  
isto he mais proprio dos homês; porque (como elle diz) em nós *Pol. 1. 1.*  
ha hũa uniaõ com as armonias, & versos, & que muitos homês *Id. 1. 8.*  
doutos disserão q̄ a alma era harmonia, & outros q̄ tinha armo-  
nia. E Platão ainda que no Fedon nega ser a alma armonia, no *Plat.*  
Thimeo diz que a harmonia tem os mouimentos conjuntos, &  
conuenientes com os conceitos da nossa alma, a qual he de ra-  
zaõ, & de armonia participe. Polo que a cidade que he hum a-  
juntamento, & congregação de homês não sò tem como as cou-  
sas que carecem de vida o seu gouerno semelhante à harmonia;  
mas he hũa perfeita harmonia, fazendo consonancia a ordẽ dos  
nobres, que às altas vozes conrespõdem, com a dos medianos,  
& infimos, & com a ordẽ superior dos q̄ administrão as cousas  
do lupremo gouerno, auendo de hũa ordẽ a outra a differença  
dos numeros polas cantidades, & do valor polas calidades, &  
assi sendo a concorde uniaõ do corpo mistico da cidade seme-  
lhãte à musica, ou harmonia, assi como a musica para fazer o seu  
effeito (q̄ he deleitar) ha de mudar ora hũas, & ora outras cõso-  
nâncias, & permanecẽdo em hũa sò as vozes cayrã o, é offendẽrá  
aos ouidos, do mesmo modo a republica q̄ quiser permanecer  
na cõsonância sò de não fazer males, sem se dispór para obrar as  
virtudes, de necessidade ha de cayr. E a natureza ordenou q̄ em  
todas as cousas cõpostas ou esse geração, è corrupção, mas diffi-  
cetemẽte, q̄ de hũas he mais propria a corrupção, & de outras a

F geração,

geração, & como todas as cousas compostas dos elementos se corrompem a especie de aquellas he mais duravel, que são mais aptas a gerar, do mesmo modo aquella especie de republica se conseruará mais, que estiuer com as leys mais disposta a produzir continuamente, com a virtude dos que a constituem, obras generosas. E he impossivel que a que não tiuer esta disposição deixe de se perder, porque querendo Platão pro-  
*Pla. Fed. seu de im mort. a. a. vim.* uar a immortalidade da alma faz este argumento, todo o bem conserua as outras cousas, & polo contrario o mal as destroe, & senão se achar algum mal que dissolua a alma, seguirseha que ella he immortal; & polo conseguinte não tendo a republica leys que incitem ao bem não se conseruará, porque se o bem he aquelle que conserua todas as cousas as q delle carecerem não se conseruarão. E como a republica, que senão dispuzer com as leys a fazer obras de generosa virtude não terá nenhū bem, pois sō na virtude põe os Estroycos o bē, está claro que senão conseruara. E assi diz Aristotelis que não ha tanta firmeza nas  
*Aristot. Eth. l. i.* cousas humanas, como nas obras virtuosas: & estas não as pode fazer o corpo mistico da republica se com leys senão dispuzer, & ordenar a esse fim. & por isso gabão tanto a republica de Lacedemonia; porque (como diz Xenophonte) as suas leys esta-  
*Xenoph. Rep. La. cedemon.* tauão dispostas de modo, q os bōs viuiaō felices, & os maos miseravelmēte. E assi se deuē ordenar as leys de modo q castigando os maos os fação viuer miseravelmēte, & incitando os bōs a fazer obras virtuosas viuão felices; porq a felicidade (como diz Aristotelis) he hūa obra do animo segundo a perfeita virtude, & se a cidade toda tiuer, & seguir obrando a virtude serà felice: polo que são muito necessarias as leys q incitē à virtude.

Com estes dous modos de leys se deuem dispôr as respubblicas para a perfeição da militar disciplina; porque se a toda a comunidade são necessarias leys, que prohibão os malles com o castigo delles, os exercitos, & gente militar tem muita mais necessidade dellas; porque a sua liberdade não tendo o freo da pena, correndo sem impedimento, precipitarà em seus mesmos erros, & assi se a ferocidade da guerra senão téperar có o temor da pena posta nas leys, farà os homēs insolentes, & ferozes

ferozes com os amigos, como com os inimigos, o que será causa de grauissimos dānos, & assi refreando có a pena a ferocidade dos bellicosos animos farsehão os soldados afabeis, modestos, & temperados com os amigos, & pondo logo as leys q os incitē às obras virtuosas serão juntamēte animosos contra os inimigos, & ficarão como Platão os quer dizendo que os soldados hão de ser com os amigos humanos, & contra os inimigos ferozes. Deste segundo modo de leys erão as de Lacedemonia, pois diz Herodoto que obrigauão a pelejar valerosamēte, & do mesmo modo (como diz Aristotelis) em outras muitas partes ouue leys, q prouocauão à militar virtude, & em Carthago (diz elle) que se tomauão os ancis polo numero das expedições de guerra em que se tinhão achado, & que em Macedonia foy ley que se cingisse com hum cabresto o que não tiuesse morto algum inimigo, & que em Scytia, pola mesma razaō, não se podia tomar a taça, que nos banquetes se leuaua a roda da mesa, & que em Hespanha era costume levantar tantas colūnas pyramidais nas sepulturas dos mortos, quantos eraō os inimigos q os sepultados tinhaō morto. E assi he muito necessario este modo de leys, para dispôr a cidade, & republica, aos militares exercicios: porque sendo a guerra cousa muy repugnante a nossa natureza, se hūa emulaçāo de heroyca, & militar virtude, não incitar os homēs a seguir voluntariamente as acções da guerra, poucos a seguirão, & se a seguirem serão de pouco proueito: & por isso diz Aristotelis, que he necessario que estē a intelligencia, & vigor do animo por natureza naquelles que ouuerem de seruir na guerra, mas que o que faz as leys os ha de instituir em virtude: no que mostra que o vigor do animo não basta para seguir a guerra, se com as leys senão incitarem os homēs à generosa virtude das militares acções.

Para se ordenarē hūas, & outras leys, como conuē se deuē có siderar quatro ordēs de milicia, & cóforme a cada hūa se lhe applicaraō as necessarias; porq assi como Aristotelis diz, q não pode ser q hūas mesmas leys sejaō vteis à potēcia de poucos, e aos populares, assi he necessario differētes leys a estas differētes ordēs de milicia. Duas ordēs de gente militar se cósideraō em todas

*Plat. Re. l. 2.*

*Herod. l. 7. Aristot. Pol. l. 7.*

*Aristot. Pol. l. 7.*

*Aristot. Pol. l. 4.*

as republicas, húa dos q̄ haõ de vir a ser soldados, é outra dos q̄ ja o são: esta se diuide em outras duas, húa dos q̄ cõbatẽ andãdo actualmente na guerra, & outra dos que não combatẽ: a qual se diuide nos q̄ estão nos presidios, & fortalezas, & nos q̄ residẽ em suas casas, com obrigação de acudir ao seruiço militar nas occasiões de guerra que se offerescerem. E assi as quatro ordẽs são húa dos que se crião para soldados, outra dos que andão na guerra, a terceira dos que estão nos presidios, & a quarta dos q̄ estando em suas casas tem a obrigação do seruiço militar. Para os que hão de vir a ser soldados se hão de ordenar leys, q̄ os incitem à militar virtude, & obriguem a se occupar no estudo desta Arte, as quais dependem da constituição de toda a republica; porque não (como fizerão algũas nações antigas) se deue separar a gente militar de modo do outro pouo, que só a sua geração succeda nos militares exercicios; porq̄ dos outros homẽs podẽ nascer algũs muito sufficientes para as cousas da guerra: & tambem como a força, & poder dos estados està na gente militar, se sempre succeder a hũs mesmos o imperio da guerra, ficarão sendo temerosos ao outro pouo, que não sem razão podia estar sempre receoso da sua potencia, & assi auendose de fazer a eleição dos soldados de todo o pouo, he necessario que em todo elle aja certas disposições que disponhão à militar virtude os que ouuerem de vir a ser soldados. E assi as leys que a esta ordem pertencem são hũas introduções, que fiquem por costume a toda a republica, como se dirã na terceira parte deste discurso. A ordem dos que andão na guerra tem necessidade das leys que prohibem os males, & tambem das que incitão à virtude, para que as penas, que húa constituir, reprimão os alterados animos dos soldados que seguem a guerra; porque as suas desordẽs são de muito mayor dãno, & as outras os fação peleijar valerosamente: mas as primeiras conuẽ q̄ sejam muito rigorosas, & cõ grande seueridade guardadas, destas se tratarã na segunda consideração, a respeito desta primeira parte, & das outras que incitẽ a peleijar animosamente na quarta parte deste discurso. A terceira ordẽ q̄ he a dos presidios, assi como he mais semelhante à segunda dos q̄ andão na guerra, assi ha de ter as leys

mais

mais semelhantes às suas, & a vltima dos q̄ estão em suas casas são do seruiço militar, porque tem mais da primeira ordẽ, que da segunda, tambem se conformarão as suas leys com as que para ella se apontarem: & assi destas duas a primeira terã mais das que prohibem, & a segunda mais das que incitão, & doutrinaõ: mas estas duas ordẽs não pertencem a esta primeira parte, por isso senão trattarã dellas senão na terceira, q̄ he o seu proprio lugar. E resumindo o que està ditto, a primeira ordẽ ha de ser, com as leys, incitada, & doutrinaõ, a segunda refreada, & animada, & as outras de húa, & outra cousa participã, mas cõ menos rigor, por ser menor o perigo que pode succeder das suas desordẽs: E de sorte haõ de ser postas, & ordenadas estas leys, q̄ ellas disponhão tudo o que cõ as leys se puder ordenar, & proouer deixando sò aos capitães, & supremos officiaes a execução dellas: porque como diz Cornelio Tacito, não se ha de fazer cõ a autoridade o que se pode fazer cõ a ley, & assi tudo o que com ellas se puder ordenar não deue ficar à disposição do general. Porque como diz Aristotelis, os que mandaõ que presida a ley mandaõ ser Deos presidente, mas quem manda presidir o homem acrescenta húa cruel besta. E assi ordenandose em todas as cousas as leys necessarias, conseruar se ha húa perfeita milicia, & ella serã causa de se augmentar a republica que a tiuer; porq̄ como diz Diogenes Laercio, Deos, & as leys apreucitão aos q̄ governaõ a republica, & se governaõ bem, Deos, & as leys lhe são vteis, & ao reues se governaõ mal: polo que sendo estas leys bem postas, & governando bem com ellas as cousas militares, tendo a Deos em seu fauor como não subirà a grande prosperidade a republica donde se constituirem, & guardarem?

Os preceitos militares não são menos necessarios, q̄ as leys antes mais; porq̄ cõ elles se ensina tudo o q̄ conuẽ para fazer a guerra ordenadamente, e assi sem elles não se poderã vècer o inimigo, porque o fim do soldado não he sò peleijar, mas peleijar cõ ordẽ de sorte q̄ mediãte ella alcance a vitoria. Polo q̄ são de tanta importãcia os preceitos militares, q̄ sem elles o mais fica arriscado; porque as leys podẽ dispõr, mas os preceitos são os q̄ obraõ, & nenhũa cousa he forte, & poderosa sò pola disposição

F 3

se senão

se senão seguir a acção: mas como elles são o fugeito da Arte Militar na que se ha de escrever se mostraraõ todos os necessarios, polo que aqui senão diz mais delles.

# DA OBSERVANCIA DAS LEYS, E PRECEITOS Militares.

## Parte II.

**D**E Duas cousas principalmente tem necessidade as republicas para se conservar, & engrandecer, que são justiça na paz, & forças na guerra: & sem estas duas cousas será impossivel, não só augmentar a sua grandeza, mas conservar-se no seu estado, porque (como diz Platão) a injustiça tem tal força, que a onde se acha, ou na cidade, ou em o exercito, ou em alguma gente primeiramente faz impotente aquella cousa em que se acha, pola discordia, & despois a faz inimiga a si mesma. E húa cousa inimiga a si mesma não pode durar muito tempo, porque só as cousas que com amor se vnem se conservão, & por isso o mundo se conserva: porque como Deos está em todas as cousas, & as ama como obras suas, sendo todas feitas por elle, este amor as vne, & faz que se conservem. E assi diz Philo. *Præ esse mundo mundi opif. Dei providentiam semper enim auctor curam gerit operis sui, communi necessariaque lege natura, quemadmodum, & parentes curant suam progeniem.* O mundo se conserva pola providencia de Deos, porque sempre o autor tem cuidado das suas obras, & esta he commum, & necessaria ley da natureza, do mesmo modo que os pays têm cuidado de seus filhos. E como o amor dos filhos obriga os pays a ter cuidado delles; pois Deos como os pays dos filhos têm cuidado das suas criaturas, amor he a providencia cõ que se conserva o mundo. E por isso diz Diogenes Laercio, que a justiça he ley de Deos; porque ella faz q os homês vivão nas cidades unidos em amavel companhia. E assi a cidade, & republica onde a não ou-

ver não deixará de se perder, pois fazendo-se com a injustiça inimiga a si mesma he impossivel durar. E do mesmo modo, a que não tiver forças na guerra, se perderá; pois (como se mostrou no segundo discurso) nenhúa está liure de lhe fazerem guerra, & não têm forças para se defender, claro está que virá a poder dos inimigos. Polo que sem estas duas cousas justiça na paz, & forças na guerra não se poderá conservar nenhum estado.

Estas duas cousas se alcançarão com a observancia das leys, & preceitos politicos, & militares. Porque sendo as leys (como na primeira parte deste discurso se disse) instituidas para se governar a paz com justiça, & na guerra aver forças, está claro que senão se observarem que nenhúa destas cousas se alcançará. E por isso dizia Socrates, que aquella cidade onde os seus cidadãos obedecem às leys he felice na paz, & invicta na guerra. E pelo contrario (como diz Platão) aquella cidade onde as publicas sentenças não tenham força brevemente irá em ruyna. E onde as sentenças não tem autoridade não se guardão as leys, pois ellas se dão cõforme às leys. E assi diz Aristoteles, que não são boas leys as que são bem postas, senão as que são bem obedidas. Porque não se observando as leys pouco importa que estejam dispostas para se alcançar com ellas justiça na paz, & forças na guerra; que *Frustra est potētia que nō reducitur ad actum.* E por isso perguntado a Solom se erão boas as leys, que elle dera aos Athenienses, respondeo que boas erão aquellas a que elles obedecião, dando a entender, q serão de pouco fruto as boas leys senão se observarem, pois senão alcançarão o proveito que dellas se esperava. Em Esparta se vê hum clarissimo exemplo com que se proua bem que cõ a observancia das leys se alcança justiça na paz, & forças na guerra. Porque diz Cayo Vellio, q em quanto observou as leys de Lycurgo altissimamente floresceo. E Tito Livio seguindo a mesma opinião diz, que nenhúa cousa fez mayor dāno àquella republica, que não guardar as leys que Lycurgo lhe dera. E porque nenhúa cidade, & republica pode florescer (como se disse) sem justiça na paz, e forças na guerra, está claro, que pois Esparta floresceo com a observancia das leys de Lycurgo, que com ella alcançou estas duas cousas, justiça na

*Xenoph.*  
*L.4. de fa.*  
*diſt.*  
*Socr.* paz, & força na guerra. E assi dizia Socrates, que em nenhũa cou-  
sa fizera Lycurgo Esparta differéte das outras cidades senão em  
fazer que os seus cidadãos fossem obedientes às leys. E sendo  
Esparta a cidade que se auentajou de todas as outras de Grecia  
na justiça da paz, & forças da guerra (como se vé em Plutarcho,  
Xenophonte, Herodoto, & em todos os mais que escreuem as  
historias Gregas) dizêdo Socrates, que foy differente dellas na  
obseruancia das suas leys, está claro que com ella alcançou es-  
tas cousas; porque se assi não fora também acrescentara, que na  
justiça da paz, & forças da guerra era differente das outras, pois  
ella se auentajou de todas nestas cousas: mas como se alcança-  
uaõ com a obseruancia das leys só nella fez esta differença. Isto  
*Xenoph.*  
*de Rep.*  
*de legi.*  
*Socr.* se proua também com o que de Esparta escreue Xenophonte;  
porque (diz elle) nas outras cidades tem por deshonra os pode-  
rosos obedecer aos magistrados, mas em Esparta obedecem até  
os principes. E assi sendo ella superior a todas as cidades de Gre-  
cia, & a que melhor obedecia às leys (que isto he dizer, que os  
principes obedeciaõ aos magistrados) bem se proua que a ob-  
seruancia das suas leys, & a pouca que nas outras cidades auia,  
nas que cada hũa tinha, lhe deu esta superioridade: & porq̃ não  
pode ser que hũa cidade sugente outra liure sem justiça na paz,  
& forças na guerra, pois Esparta sugitou as outras de Grecia cõ  
a obseruancia das suas leys, está claro que ella lhe deu estas cou-  
sas, com que se fez senhora de Grecia. E assi com a obseruancia  
das leys alcançará qualquer estado justiça na paz, & forças na  
guerra. E não se pode negar que obedecendo às leys, & guardan-  
doas se faz justiça, pois todas a esse fim se ordenaõ, & que estan-  
do (como se prouou no segundo discurso) a força dos estados  
na Arte Militar, que será mais poderoso na guerra o que me-  
lhor obedecer aos seus preceitos; polo que obseruando as leys,  
& preceitos politicos, & militares, será hũ estado justo na paz,  
& poderoso na guerra.

E não só com a obseruancia das leys politicas se alcança jus-  
tiça na paz, mas força para a guerra. Porque as leys são como re-  
ceitas, que curaõ as respublicas dos vicios, como as da medicina  
os corpos dos máos humores: Polo que assi como senão alcan-

çará

çará a saude, que as receitas da medicina promettem, se senão  
fizer o que nellas se ordena, do mesmo modo senão alcançará  
a saude das respublicas, curandoas dos vicios se as leys, q̃ a esse  
fim se ordenaõ, senão guardarem: & porque os corpos q̃ obe-  
decem aos medicamentos, purificandose com elles, dos maos  
humores, cobrão a saude, & com ella se augmentaõ as forças, q̃  
a corrupção delles diminuya, a republica que obseruar as leys  
purificar se ha dos vicios, & cobrando assi a saude acrescentar se  
lhe hão as forças. Porque com a falta dos vicios cresce a virtude,  
& a cidade, & republica onde ella se cõseruar não pode deixar  
de ser muito poderosa. E por isso diz Aristotelis que o intento  
do que faz a ley he, que todos por ella se fação virtuosos; porq̃  
com a virtude se fazem as cidades, & respublicas poderosas, &  
como as poderosas se conseruão, ordenaõ as leys ao fim da vir-  
tude; porque deste modo fazendo se poderosas se poderão me-  
lhor conseruar. E assi diz Aristotelis que aquella cidade de-  
ue ter cuidado da virtude, que em effeito se ha de chamar ci-  
dade. E porque não merecerá este nome a que não tiuer forças  
para se conseruar em liberdade, diz que a que se ha de chamar  
cidade tenha conta da virtude, porque ella lhe dará forças com  
que se conserue. E como hũa cidade não pode ter conta da vir-  
tude senão por meyo da obseruancia das leys, claro está que ob-  
seruandoas crescerá em virtude, & com ella augmentará as for-  
ças, com que se conseruará. E por isso diz Pindaro que a ley he  
raynhã dos mortais, porque a republica, que guardar as que ti-  
uer, crescerá tanto em forças, & poder q̃ tudo senhareará. E as-  
si quando Aristotelis tratta do poder dos reys não diz mais se  
não, que hão de ter poder para defender as leys. Mostrando assi  
que na obseruãcia dellas está todo o poder dos reys, & do mes-  
mo modo o de todas as respublicas. Polo que obseruando as  
leys politicas se purgará a republica dos vicios, & se conserua-  
rá em saude, com a qual se augmentarão as forças para a guer-  
ra. E por isso diz Aristotelis, que a primeira cousa necessaria pa-  
ra se conseruar hũa republica he, que nenhũa cousa se moua das  
leys, & institutos, & como sem forças para a guerra senão po-  
de nenhũa cidade conseruar, se ella com a obseruancia das leys

*Aristot.*  
*Eth. 1.2.*

*Aristot.*  
*Pol. 1.3.*

*Pindaro.*

*Aristot.*  
*Pol. 1.3.*

*Aristot.*  
*Pol. 1.5.*

se



*Herod.* se conseruarà, esta obseruãcia lhe dà as forças para a guerra ne-  
cessarias. E assi dizêdo Cambisses, que com duas cousas se con-  
serua a republica, hũa dellas he quando os que obedecem en-  
tendem quão grande honra he obedecer bem; porque a onde  
bem se obedecer, bem se guardarão as leys. E por isso diz Dio-  
*Dio. Lac.* genes Laercio que se os principes, & os mayores viuerem con-  
*li. 1. vit.* forme ás leys optimamente se governarà a cidade. E como se-  
*Solonis.* não poderà governar bẽ hũa cidade se lhe faltar a virtude, pois  
com a obseruancia das leys se governarà bem, està claro que cõ  
ella alcançará a virtude com que sendo bem governada se lhe  
acrescentará as forças; pois não se pode dizer bem governada  
a cidade q̃ cõ o seu governo senão fizer mais poderosa na guer-  
ra. E aquella vnião, & amiguel concordia, que a obseruancia  
das leys introduz na republica, he hũa grande força para as oc-  
*Pla. RCF,* casões da guerra. Esta razão dà Platão, para apreuar a commu-  
nidade das molheres, q̃ os moços tendo a todos os velhos por  
pays, & os velhos a todos por filhos, este reciproco amor os vni-  
ria com hum laço de incorruptiuel amizade, & concordia, com  
o que ficariaõ faceis de governar na paz, & poderosos na guer-  
ra, peleijando todos com hũa sã vontade. E assi se a obseruan-  
cia das leys pode fazer, que os homês, que com ella se fizerem  
mais virtuosos, amẽ o perfeito estado da republica, do mesmo  
modo esta vniã concordia farà a republica, como a de Platão,  
mais poderosa na guerra.

Mas assi como com a obseruancia das leys se augmentarão  
as forças da republica, com a pouca guarda dellas se enfia que-  
cerão. Porque sendo as leys instituydas para cõ ellas se fazer a  
republica justa, & virtuosa tudo o que se fizer contra ellas he vi-  
cio, & não se executarem he segunda culpa, & tanto mais graue  
quanto fica mais claro o erro, que contra ellas se commetter, &  
assi crescendo os vicios, com a pouca obseruancia dellas, de ne-  
cessidade se corromperà a republica dentro em si, como os cor-  
pos cõ a abundancia dos ruins humores; & porque toda a cor-  
rupção he fraqueza, està claro que se enfraquecerà a republi-  
ca onde não ouer obseruancia das commus leys; pois não se  
obseruando crescerão os vicios, & cõ elles a corrupção, a qual  
he a

he a fraqueza de todas as cousas. E atẽ os muito pequenos descuidos serã causa do mesmo. Porque o costume de passar po-  
las pequenas culpas serà causa de se commetterem as grandes.  
E por isso diz Tito Liuius, que de cousas de pequeno momento *Tit. Liv.*  
depende muitas vezes a summa de grandes empresas. Porque *D. 4. l. 2.*  
deixando passar os pequenos descuidos, ou erros os animos ha-  
bituados a estas faltas, quando se offercem as cousas de mais  
importãcia, não sabẽ ter mais cuidado: isto mostrarão os Mar-  
selheses (como diz Valerio Maximo) tẽdo desde o principio da *V. M.*  
fundação daquella cidade hũa faca ja do tempo tão gastada, & *xi. l. 2. ca.*  
ferrugenta que não podia seruir, para mostrar (como elle diz)  
que atẽ nas cousas minimas se auião de guardar todos os seus  
institutos. E assi conuem obseruar as leys atẽ nas cousas muyto  
pequenas; porque do descuido dellas senão venha a errar nas  
grandes. Porque como diz Quinto Curcio. *Parua saepe scintilla cõ* *Qu. Cur.*  
*tempa magnum excitauit incendium.* De hũa pequena faysca despre- *l. 7.*  
zada se vê a fazer hum grande fogo. E assi acontecerá à republi-  
ca que se descuidar das pequenas cousas, sendo este descuido  
causa de grandes faltas nas mayores. Porque do costume de se  
quebrarem as leys nas pequenas cousas, se vem a desestimar, &  
desestimandose se virão a corromper, & corruptas ellas se cor-  
romperà toda a republica, com o que perderá todas as forças. E  
por isso diz Aristotelis, que quando os que governão despre- *Aristot.*  
saõ as leys, he tyrannia; porque a tyrannia he fraquissima cou- *Pol. l. 3.*  
sa, & assi todas durarão pouco tẽpo, & esse com temor, que he  
grande signal de fraqueza. E assi a republica a onde senão obser-  
uarem as leys não terá forças. Polo que he necessario que a que  
se quizer conseruar, & augmentar o seu poder, & forças, guarde  
com sevéra inteireza, atẽ nas minimas cousas, as suas leys: por-  
que assi desterrando os vicios, crescerão as virtudes, & com el-  
las as forças, & do contrario resultará corrupção, que he a fra-  
queza de todas as cousas.

Mas he necessario para hũa republica se conseruar, & crescer  
em forças obseruar com sevéra inteireza não sã as leys politi-  
cas, mas as leys, & preccitos militares. Porque a obseruãcia das  
leys politicas, vnindo os subditos faz hum sã o corpo da repu-  
blica,

blica, a qual vnião he hũa grande força della: mas se quãdo chegar a fazer guerra for negligẽte na obseruãcia das leys, é preceitos militares, não bastará para se defender a obseruancia das leys politicas, & assi dizẽdo Valerio Maximo o modo com que o imperio Romano sobira á grandeza que teue, diz. Agora veremos a tratar do principal ornamento, & arrimo do imperio Romano, que atẽgora, com saudauel perseuerança dos Romanos, se manteue sincero, & inuiolauel, que he a seuera, & rigida obseruancia das ordẽs militares, em cujo regaço, & proteiçãose cõserua o sereno, & tranquillo estado da beaueventura da paz. E assi pois a obseruancia das leys, & preceitos militares foy sã q̃ conseruou, & engrãdecco aquella republica, bem se vê quão necessaria he para a conseruação, & grandeza de todas. E assi como as leys politicas se instituem para conseruar em concordia os subditos, polo que obseruandose conseruaõ vnidamente a republica, as militares acrescentão as forças na guerra, polo q̃ obseruandose ficará o exercito muito mais poderoso quando succeder fazer guerra. E por isso diz Tito Liui, que quando Papiro procuraua condenar a Fabio, por quebrar a ley que lhe tinha posto, de não dar batalha sem ordẽ sua, se confirmou o imperio militar, como com a morte de Manlio. E não quer dizer que se confirmou o imperio dos capitães com os soldados; por que esse se tinha já bê declarado em outras muitas acções: mas diz que se confirmou fazendose durauel com aquella cõseruancia da ley. E mostra bem ser este o seu intento dizer, que se confirmou o imperio militar, como cõ a morte de Manlio; porque Manlio foy condenado à morte por seu proprio pay; porque tinha mandado que nenhum soldado combatesse em singular de safio com os inimigos, & fazendoo Manlio, ainda que alcançou a vittoria, executou nelle a pena da morte a que o condenaua a ley que tinha feito, & bem se vê que não mostrou nisto tanto o poder do cargo, quanto a seueridade de justo, & seuerio juiz, obseruando, como deuia, a ley; pois sendo seu pay sem o imperio da guerra o tinha sobre elle; porque em Roma por ley de Romulo, podião os pays condenar os filhos à morte, sem os magistrados, como diz Dionisio Halicarnasco, & em Valerio Maximo se

mo se vê esta ley executada, dizendo, que Cassio, porque seu filho sendo tribuno se obrigou o pouo com ambiciosos modos, & foy o primeiro que propós a ley agraria, depois que deixou o magistrado ajuntando em casa os parentes, & examinando a causa o condenou à morte, & lha fez dar. E assi pois com a seueridade de Papiro contra Fabio se confirmou o imperio militar, como com a morte de Manlio, não quer dizer senão que se fez durauel com a obseruancia que todos dali por diante tiuerão das leys militares, pois com tanto rigor as vião executar. E como o imperio da guerra sem forças senão possa conseruar està claro, que a obseruancia das leys lhe daua aquellas que bastauão para preualecer contra os inimigos. E com o que Tito Liui diz quando cõta a condemnação de Manlio se mostra que isto entende, dizendo, esta seueridade foy de grande proueito quando se deu a batalha. E assi dizia Clearco que os soldados auião de temer antes o capitão, que os inimigos: Porque os que temerem o capitão obseruarão as leys militares, & assi se acrescentará a força do exercito. E por isso diz Salustio que mais vezes castigauão os Romanos na guerra aquelles que combatião contra a ordem valerosamente, & aquelles que ao recolher mais tarde se retirauão da batalha, que aquelles que deixauão as bandeiras, ou que não podendo resistir aos inimigos lhe cedião o lugar. Porque tinhão por mayor danno não obseruar as leys militares, que ser em algũas occasiões inferiores, & nisto se mostra bem que tinhão por mayor a força da obseruancia das leys, que a da fortaleza dos soldados; pois della fazião mais caso que das vittorias, que com desobediencia alcançauão. Polo que a republica que obseruar com inteireza as leys militares na paz, & na guerra será muito poderosa. E digo na paz, porque se nella se não habituarẽ os homẽs a obedecer aos minimos preceitos da militar disciplina, será difficultoso fazer que os obseruem na guerra, aonde o temor, & o trabalho perturbão os animos dos homẽs.

Duas partes tem a obseruancia das leys, hũa he mandar, & outra obedecer. A primeira pertence aos que governão, & a segunda aos subditos. E assi o que governa não ha de mandar

Va. Ma.  
xi. l. 2. c. 2

Tit. Liu.  
D. 1. l. 8.

Dio. Hal.  
Va. Max.  
l. 5. c. 8.

Tit. Liu.  
D. 1. l. 8.

Va. Ma.  
xi. l. 2. ca.  
pi. 2.

Salustius  
bel. Catin.

cousa contra a ley, & o subdito não ha de fazer cousa em que desobedeça. Polo que ao que governa compete a seueridade na obseruancia das leys, que ha de fazer guardar, & aos subditos a obediencia com que hão de cumprir o que as leys ordenarem. Disto nos deixaraõ hum nobilissimo exemplo Seleuco, & Antiocho seu filho. Porque tendo Seleuco feito hũa ley em que mandaua tirar os olhos a quem commettesse adulterio, sendo seu filho Antiocho comprehendido nelle mandou que se executasse a pena, & não querendo o seu exercito, que depois da sua morte lhe ficasse hum principe cego, instou com grandes rogos que senão entendesse a ley nelle, & satisfazendo Seleuco a esta justa demanda, tirou hum olho a si, & outro a seu filho; por não ficar hum rey cego, nem hũa ley por guardar: dando assi hum marauilhozo exemplo de justiça, & seu filho de obediencia; mostrando tambem que ha de custar hum olho ao capitão deixar de guardar hũa ley. E assi a republica onde com tanta inteireza se guardarem as leys, & com tanta paciencia se obedecerem, crescerã em virtude, & polo conseguinte em forças. Estas são as cousas que Agefilao reputauã polas melhores, que auia. Porque fazendo com Xenophonte, que trouxesse seus filhos a Lacedemonia lhe disse com grande encarecimento, que lhes ensinasse a melhor cousa que auia, que era saber bem mandar, & obedecer. E assi diz Aristotelis, que a virtude do bom cidadão he poder ser governador, & subdito com louuor. Polo que com a obediencia dos subditos, & a inteireza dos que governão, na obseruãcia das leys, crescerã qualquer republica em virtude, & com ella terã justiça na paz, & força na guerra, com o que não sò se conseruarã, mas se augmentarã como todas as que assi o fizerão.

DA FORTALEZA MILITAR.

Parte III.

Aristot.  
Eth. l. 6.  
Phi, de eo  
qd deteri  
us potiori  
insidiari  
soleat.

**D**VAS Partes tem a nossa alma hũa racional, & outra irracional, a qual pertence a todos os animais, & a racional sò ao homem: E assi diz Philo que cada hum de nós

nòs somos dous, animal juntamente, & homem, a cada hum dos quais coube na nossa alma hũa semelhante força, hũa das quais he vital, com que viuemos, & outra racional, pola qual somos participes da razão, & que a vital tem os brutos, & carecem da racional. Polo que as obras do homem serã aquellas, que procedã da razão; pois a parte racional he a que nos diferença dos brutos, e sendo esta a parte, por onde a natureza nos destinguio dos outros animais, não se dirã, q̃ são obras proprias do homẽ senão as que procederem da razão; porque ainda que o homẽ faça obras que també pretençaõ aos animais irracionais, não se dirã que essas são propriamẽte obras suas, senão quãdo procedã da razão, q̃ guiando a parte irracional a faça obrar segundo o seu discurso. E assi ainda que as virtudes, & os vicios se jão habitos d'alma, não pertencẽ ao homẽ os habitos viciosos, porque esses são guiados polo desordenado appetite, & (como diz Aristotelis) seguir o delcete sem outro nenhũ respeito he de animais brutos. Polo q̃ sò o habito da virtude he proprio do homẽ. De todos os animais o homẽ lô foy criado para a vida eterna, a qual senão alcança senão com a virtude, segue se logo, q̃ as virtudes são proprias do homem, pois com ellas alcança a vida eterna, para que elle sò de todos os animais foy criado. E Valerio Maximo (ainda que sem o lume da nossa fé) entende o mesmo dizendo que senão pode alcançar a immortalidade com obras mortais senão com a virtude. E se elle como gentio fala da immortalidade da fama, també essa a nenhum dos animais pertence senão ao homem, pois elle só a appetesce. E assi as virtudes são as obras proprias do homem. E de todas as virtudes a fortaleza militar he mais propriamente sua; pois as outras tambem pertencem as molheres, mas esta sò a elle, que se algũas molheres a tiuerão como Simiramis, Tomiris, & as Amazonas não a tiuerão como propria, pois lhe são concedidas outras da natureza, como esta aos homẽs. Mas como os habitos não se alcançaõ sem muitos aetos, para alcançar o habito da virtude he necessario fazer muitos aetos virtuosos. Polo que não se alcançaõ a fortaleza militar sem muitos aetos que leuem a esse fim. Estes hũs se fazem aprendendo, & exercitando, & outros experi-

Aristot.  
Eth. l. 1.

Val. Ma.  
xi. l. 6.

rimentando, & executando, & todos seguem ordenadamente hūs aos outros, que primeiro na paz se ha de aprender, & logo exercitar, & depois na guerra se ha de experimentar o que na paz se tem aprendido, & exercitado. Mas para que isto se entenda melhor se dirá que cousa he fortaleza militar.

A fortaleza he hũa virtude do animo, que não consente fazer se cousa algũa contra razão. E assi diz Platão, eu chamo fortaleza esta virtude, que conserua por todos os lugares, & sempre a direita, & legitima opinião. E se ella conserua sempre a legitima, & direita opinião o mesmo he, que não consentir que se faça algũa cousa contra razão. E aquella virtude que obriga a fazer todas as cousas, como pede a razão, mais propriamente se dirá que he hum composto de todas as virtudes. E isto quis dizer Platão, quando diz que a virtude he hũa certa saude, & belleza, que faz hum robusto vigor do animo; porque o robusto vigor do animo pertence sò à fortaleza, & como com este nome generico de virtude se ficam comprehendendo todas as especies das virtudes, dizendo Platão que com a virtude se alcança hum robusto vigor do animo, que he fortaleza, está claro q̄ na fortaleza se incluem todas as virtudes; pois todas, como se entende do nome virtude, são necessarias para se alcançar. E assi o entendião os Romanos, porque diz Plutarcho, que debaixo do nome de fortaleza comprehendião todas as virtudes, polo que alcançando a perfeita fortaleza se alcançarão todas as virtudes: porque o que a tiuer não deixará por temor de fazer algũa cousa justa, não temerá a morte pola fè, & honesta, & vtil defensão da patria, nem acommetterá o em que lhe pode vir danno, será temperado em todas as suas payxões; pois não será fortaleza a que não vencer os vicios. Polo q̄ a fortaleza he hum composto de todas as virtudes. Aristotelis tem a mesma opinião, porque diffinindo o homem forte diz, que o homem que tem verdadeira fortaleza faz todas as suas obras por causa do honesto. E como para fazer todas as cousas, como pede o honesto são necessarias todas as virtudes, claramente se entende destas palauras, que elle tem a fortaleza por hum composto (como está ditto) de todas as virtudes. Mas como para fazer todas

as cou-

as cousas conforme a razão, & o honesto he necessario mais q̄ sò a disposição da natureza; pois muitas requerem arte, & disciplina, não será verdadeira fortaleza a que carecer destas cousas: é assi Philo no liuro de Fortitudine depois de prouar q̄ está no animo, toda a refere aos soldados, no que mostra que não será por fortaleza a que estiuer desacompanhada da arte, & disciplina, pois os soldados sem estas cousas serão de pouco effeito. Polo que a perfeita fortaleza será á que estiuer adornada de disciplina, & arte. E deste modo a entende Platão, dizendo, que não chama fortaleza a que he sem disciplina, & que a tem por ser vil, & bestial, ainda que tenha a mesma opinião que a verdadeira: & assi a perfeita fortaleza he virtude que faz todas as cousas conforme á razão, & ao honesto, adornada da arte, & disciplina. Porque não ha virtude sem prudencia, né prudencia sem disciplina, polo que não pode auer virtude sem disciplina: & pois a fortaleza he virtude necessariamente ha de ter disciplina, pois sem ella não terá prudencia, sem a qual não será virtude. E assi a fortaleza militar he perfeita fortaleza; pois a não pode auer sem arte, & disciplina. E não se entêda que se fala simplesmente da fortaleza militar, que se alcança sò pola doutrina, & practica da milicia, como a entende Aristotelis, senão da virtude do animo adornada com a sciencia, & doutrina da Arte Militar. E porque nenhũa arte se pode saber sem se aprender, nem aprender sem exercicio, não se poderá alcançar a fortaleza militar, sem estudo, & exercicio; pois sem a arte, & militar disciplina não auerá perfeita fortaleza, que he a militar, como está ditto. E assi (como se disse) para se alcançar o habito da fortaleza militar he necessario fazer muitos actos semelhantes, porq̄ dos semelhantes actos se formão os habitos. Polo que he necessario aprêder, & exercitar todas as cousas pertencentes à militar fortaleza para se alcançar. Mas porque isto tem ainda algũa duvida antes que se tratte do que se ha de aprender, & exercitar se declararão as cousas necessarias, para que tudo melhor se entenda.

Quatro duvidas se offerecem, as quais he necessario soltar antes que se tratte do mais, que pertence a esta parte da fortaleza mi-

za militar. A primeira he se a fortaleza he necessaria para a guerra; porque escreuendo a Arte della conuem não tratar senão das cousas que lhe pertencem, como atêgora se tem feito. A segunda, se tem necessidade de exercicio, para se alcançar. A terceira, se o exercicio ha de ser das cousas pertencentes a Arte Militar. E a quarta, se a Arte Militar se ha de aprender na paz, ou se basta só o uso da guerra para se saber. Para se soltar a primeira duuida bastáua só o nome de fortaleza; pois a guerra aonde só se trattão perigos, & asperezas de que outra cousa pode ter mais necessidade, que da militar fortaleza? pois (como diz Xenophonte) Socrates entendia que só erão homês fortes os que sabem tratar bem as cousas perigosas, & asperas. E se isto só pertence à fortaleza, & na guerra sempre se trattão cousas asperas, & perigosas, como poderá succeder bem a guerra faltando fortaleza. E assi como todas as doutrinas té hús primeiros principios cuja natureza não permite questão; porque por si mesmos são conhecidos, assi he esta duuida da fortaleza; pois ella por si está dizendo quão necessaria he para todas as acções da guerra: & assi como não ha duuida em o todo ser mayor que a sua parte, em o fogo ser quente, & a neve fria, não pode auer nenhũa em a fortaleza ser necessaria para a guerra. E se o medo, ainda considerãdo de longe o perigo, perturba o animo fraco, como estará firme na guerra, aonde se anda sempre a braços cõ os perigos, & com a morte? E o animo perturbado, & inconstante, como fará nenhũa cousa ordenadamente? & dependendo todas as cousas da guerra da arte, & da constãte obseruancia dos seus preceitos, como auerã esta aonde não ouuer animo constãte, & forte? E assi a fortaleza he a luz com que resplandece a nobilissima Arte Militar; porque escuros ficarão os seus preceitos se faltar fortaleza nos animos, que os ouuerem de executar. Polo que só direy, que ella faz parecer muita gente os que em numero são poucos soldados, como differão a Xerxes de trezentos Lacedemonios que guardauão o passo de Termopylas, que não podendo com todo o seu innumeravel exercito ganhãlo lhe differãdo, dandolhe conta dos que o defendião, que era muita gente, mas poucos homês. E assi a fortaleza militar tem fei-

Xenoph.  
l. 4. de di.  
c. facti.  
Socr.

Herod. l. 7.

to as maravilhas que as historias contão, & aonde ella faltar os numerosos exercitos parecerão muito pouca gente; porque (como diz Aristotelis) os que não podem entrar com fortaleza nos perigos são escravos de quem os acommette. E assi ella he tão necessaria para a guerra, que a republica aonde a não ouuer será ligeita a quem primeiro a acommetter: & por isso diz Aristotelis, que a republica ha de ser ordenada para a fortaleza militar. Polo que não ha duuida em ser muito necessario ordenar a republica de sorte, que em toda ella aja fortaleza militar; pois sem ella, sendo acommetida não se poderá defender.

Para se alcançar em toda a republica a fortaleza militar he necessario (como se propôs na segunda duuida) introduzir em toda ella hum continuo exercicio da militar disciplina, de modo que fique como costume, & habito de todo o pouo, & nobreza. Porque (como diz Dionisio Halicarnaseo) com a doutrina he ordinario fazer pouco fructo na multidão do pouo; porque difficoltosamente, & com trabalho se pode persuadir: mas que he necessario ter hum costume de exercicios, que guiem à virtude: à qual os homês mais se encaminhão forçados da necessidade; que voluntariamente, & como a fortaleza militar he hũa soberana virtude, que todas inclue em si, não se poderá alcançar em toda a republica, senão obrigandoa com o costume dos exercicios militares, que guião a esse fim. Toda a virtude he acção; porque continuamente está incitando o animo às obras virtuosas, & combatendo com os vicios. E assi diz Philo, *Quod si quis res exutas nominum amictu nudas purasque inspicias, sciet virtutem suapte ingenio masculinam esse, et qua mouet, ac afficit, & honestos conceptus, honestarum actionum, atque orationum suggerit.* Se alguem olhar as cousas nũas, & puras, só cõ o vestido dos nomes saberã, que a virtude de sua propria natureza he masculina; porque moue, dispõe, & dà os honestos conceitos das honestas acções, & orações. Polo que não será virtude a que não obrar honestas acções; porque o vicioso, & o que o não he só nas obras differem, pois em quanto o justo, & injusto dormem, não se podem conhecer polo que são, & sendo a ociosidade semelhante ao sono, se os homês não obrarem não se conhecerã qual he o vir-

Aristot.  
Pol. l. 7.

Idê l. 2.

Dio. Hal.

Phil. de  
Abrab.

tuoso, ou vicioso. E assi conhecendo-se as virtudes polas obras para serem virtudes he necessario obrar. E como das cousas que se obrão senão alcança a perfeição com hum só acto, he necessario fazer muitos para alcançar a virtude; porque como diz *Pl. Tim.* Platão, não logo de improviso se faz hum homé mão, mas por hum certo habito mão, & rustica criação. E do mesmo modo o bom não será virtuoso senão com a continuação de muitos actos. Antes para ser mau muito menos actos, & exercicio são necessarios, q̄ para ser virtuoso, & assi dizia Sócrates, referindo o de Hesiodo, que he facil cousa elleger a maldade toda jūta, por que a ella nos leua hum caminho muito largo, chão, & breue, mas que Deos não quer que a virtude sem tuor se alcance. E assi não se alcançará algũa virtude sem muito exercicio das cousas cō que ella se alcança, & em que versa. Diz Aristotelis, que o soberano bem do homem he operação da alma, segundo a mais perfeita virtude, & na perfeita vida, & que hū dia, ou pouco tempo não faz o homem bemaenturado. E assi por hūa, ou duas obras, não se fará hum homem virtuoso, senão polo continuado exercicio de muitas. Polo q̄ sendo a fortaleza hūa virtude, se muito continuamente, com muitas obras senão exercitarem todas as cousas com que ella se pode alcançar, não se alcançará. De todas as cousas que estão em nós por natureza temos primeiro as potencias, que os actos, como nos sentidos corporais, que não porque vemos, ou ouvimos muitas cousas, & muitas vezes temos estes sentidos, mas porque os temos, vemos, & ouvimos, nas virtudes he diferente, porque em quanto não obramos, não são virtudes, & assi nellas primeiro se vé o acto, que se conheça a potencia. E assi diz Aristotelis, que as virtudes primeiro se adquirem obrando, como as artes. Polo que assi como as artes senão alcanção sem muito estudo, & exercicio, a fortaleza militar do mesmo tem necessidade para se alcançar. Duas partes tem a fortaleza, hūa pertence à alma, & outra ao corpo, na alma ha de auer o habito de não temer os perigos, que por cousas honestas se offerecem, & a doutrina da Arte Militar, & no corpo hūa disposição apta para poder executar tudo o que a alma entender que conuem. Sendo assi, como he possi-

uel

uel alcançar-se a fortaleza sem exercicio; pois nem os preceitos da arte sem elle se podem saber, nem o corpo criado em ocio poderá executar o que lhe ordenar o animo forte. E assi sem exercicio não se poderá alcançar a perfeita fortaleza, que a alma se senão exercitar nos preceitos da Arte Militar não a poderá alcáçar, & sem ella (como está ditto) não pode auer perfeita fortaleza, & o corpo, com o exercicio se faz robusto, & soffredor de trabalhos, parte muito necessaria para ser vtil a fortaleza do animo: de modo que para a alma chegar a ter o habito da fortaleza, & o corpo a disposição para ella necessaria conuem, que ambos se exercitem. E dizia Sócrates, que assi como não podem fazer bem as cousas que se fazem cō o corpo aquelles que não exercitão os seus corpos, assi aquelles que não exercitão o animo, mal podem fazer as do animo. E pois a fortaleza cōsta não só do habito da alma, mas da disposição do corpo, & estas cousas sem o exercicio não se podem alcançar, bem se proua que he necessario para alcançar a perfeita fortaleza, que he a Militar, como está ditto.

*Xenophi  
de dictis  
& factis  
Socr.*

Os exercicios com que se ha de alcançar a virtude da perfeita fortaleza hão de ser das cousas, que pertencem a Arte Militar, que he a terceira duuida. Porque (como se disse na sua definição) não he fortaleza a que não for adornada de disciplina, & arte: & a arte, & disciplina que pertencem á fortaleza he a Militar, segue-se logo, que senão poderá alcáçar a fortaleza sem a disciplina, & Arte Militar: as quais não se alcanção senão exercitando as cousas que lhe pertencem. E assi os exercicios cō que se ha de alcançar a fortaleza hão de ser das cousas pertencentes à Arte Militar. Ainda que a fortaleza he hūa guarda, & defenſa de todas as virtudes, polo que na paz, & na guerra faz as suas operações, o seu mais proprio objecto he a guerra, porque nella tem, com mais vehemencia, tudo o que obra na paz, pois nella ha de resistir, com mais força à injustiça, à crueldade, & à intemperança, & tem os perigos presentes, que são o seu proprio objecto. E se a guerra he o seu particular objecto, & na guerra he mayor a força da Arte Militar, que outra algũa (como se disse no segundo discurso) claramente se conclue, que não pode

pede

pode auer fortaleza onde faltar a Arte Militar, & a Arte Militar sem exercicio não se pode alcançar, segue-se logo, que necessariamente a fortaleza se ha de alcançar com os exercicios da Arte Militar. Não ha cousa que na guerra mais se estime que animos fortes, & corpos robustos, & quando estas duas cousas se ajuntão adornadas com os preceitos da Arte Militar formão a perfeita fortaleza. E todas estas cousas sò com os exercicios da Arte Militar se alcanção, polo que não se pode negar que sem elles não se alcançará a fortaleza. E por isso P. Rutilio sendo côsul ordenou, que os soldados se exercitassem nos militares exercicios, & isto diz Valerio Maximo, que veo a fazer os homens mais destros, & aduertidos, & que assi ajuntou a animosidade com a Arte, & a Arte com a animosidade; para que esta co impeto daquella fosse mais atreuida, & valerosa, & aquella com a sciencia desta andasse mais aduertida, & moderada. E assi compondo com os militares exercicios hum animo forte, aduertido, & moderado, que cousa fez senão adornar os soldados de perfeita fortaleza; pois diz Platão que chama homem forte a-  
quelle, no qual o vigor da ira de tal modo está amestrado, que o preserua de dores, & delcites quando a razão o manda. E isto he o mesmo que faz o animo forte, & moderado. Polo que pois os soldados Romanos com os militares exercicios alcançauão animos fortes, & moderados alcançarão a fortaleza, & assi não se pode negar, que com os militares exercicios se ha de alcançar a fortaleza. E pois se concede que sem os exercicios da Arte Militar não se alcançará a virtude da fortaleza, tambem se ha de conceder, que se pode ensinar, porque se os exercicios com que se ha de alcançar são os da Arte Militar, & as artes para se saberem se hão de aprender, fica claro que se pode ensinar a fortaleza. E assi no conuite de Xenophonte vendo saltar húa moça por dentro de hum arco cheo de naualhas com as pontas para o centro, disse Socrates, eu creio, que os que olhão este espectáculo não me negarão que a fortaleza do animo, & o desprezar os perigos se possa ensinar. E assi como a esta moça, que (segundo a natureza) como as outras mulheres auia de temer mais os perigos, a arte com que estaua ensinada a saltar polo arco

Pl. Ma  
xi. l. 2.

Plat. Rep.  
l. 4.

Xenoph.  
Conui.

lhe fazia não temer o perigo das naualhas, assi com a Arte Militar, que he a que ensina a não temer os perigos da guerra, se alcançará a fortaleza, exercitando os seus preceitos como conuem.

Para se saber perfeitamente a Arte Militar, de modo que com ella se alcance a fortaleza, ha se de aprender na paz, q̄ he a quarta duuida. Contra esta he a commum opinião, entendendo o indouto vulgo ( que o vulgo são só os ignorantes ) que sò co vso da guerra se sabe perfeitamente a Arte Militar, sem outro estudo mais que aquelle exercicio. Para se defender esta opinião se ha de negar, que a Militar não he arte, & que não consta mais que de húa simplez practica, que facilméte com a continuação de andar na guerra, se sabe. Respondendo à primeira duuida digo que a Militar he Arte; porque não se pode negar que ella consta de regras, & preceitos que ensinão a fazer guerra ordenadamente, & como, *Ars est quæ dat rationes certas, & præcepta faciendi aliquid, quæ habet ordinem.* Se a Militar dá regras, & preceitos para fazer guerra com ordem, claro está que he Arte. E por tal está recebida de Aristotelis, & de Platão que no segundo liuro *Plat. Re.* da sua republica lhe chama Arte. E em todas as escolas de Philosophia a põe no numero das artes. E se he arte necessariamente para se saber bem tem necessidade de se apréder; pois a mais vil de todas senão sabe se senão aprende. A isto se pode responder com a segunda razão, dizendo que basta sò o vso da guerra para se saber. Não se pode negar, que todas as artes se aprendem exercitando as cousas pertencentes a ellas mesmas: mas ha muita differença de apréder, a obrar, que o que aprende não faz as obras perfectas, que isso pertence lô aos artifices perfectos. A guerra he a obra mais perfeita, que faz a Arte Militar, & assi como as obras perfectas das outras artes não as fazê senão os perfectos artifices, assi não deuem fazer guerra senão os que ja estiuerem perfectos artifices da Arte Militar. E sendo assi que sò deuem fazer guerra os que bé souberê a Arte Militar, quando forem a ella ja a deuem ter sabida; polo que na paz se deue aprender. Ainda se responderá a isto que ordinariamente vão à guerra homês que não sabê cousa algũa da Arte Militar, & que

esses são os que a fazem. Não nego que a guerra neste tempo, pola geral corrupção que ha em todos os bõs costumes, se faça com gente inexperta, mas não por isso se fará bem, & aqui tractase da mayor perfeição que ella requiere. E ainda que co vso da guerra se venhão a saber algũas cousas da Arte Militar serão aquellas que se exercitarem, porque com nenhum vso se pode saber o que se não vso, & assi ainda que o vso da guerra ensine algũas cousas aos soldados, serão aquellas que elles vfarẽ, que são disparar o arcabuz, & servir co pique, ainda que mal; porque requiere saberse delle mais que aruorallo, & calallo, & marchar co elle aruorado, que he tudo o q̄ oje delle se sabe, & quando se saiba jogar com toda a perfeição necessaria, não se poderá saber, com o vso só de soldado, como se ordena hũa batalha, como se faz o alojamento, & fortificação, & como se planta hũa bateria, porque elle não exercitou estas cousas. E se destes se fazem os capitães, & officiais supremos, como saberão administrar na guerra, o que não tem aprédido. Se hum çapateiro não sabera fazer hũs çapatos, senão tiuer muito bem aprédido a sua arte, & se estando quieto sem temor que o perturbe ha mister tempo, & doutrina para a saber, como se poderá aprender a Militar na guerra entre o temer, & a morte. Primeiro se aprédem as cousas que se obrem, & não pode ser aprender, & obrar perfeitamente em hum mesmo tempo hũa mesma cousa. E assi mal pode o soldado aprender na guerra a Arte della, quando he necessario que obre o mesmo que aprende. E por isso diz Platão, que nenhum homem se faz bom jogador de tauolas, ou xadrez se de minino senão exercita nestes jogos, & os continua: & queremos diz elle, que hum homem tanto que toma o escudo, ou qualquer arma, & instrumento militar, em hum dia se faça bõ, & sufficiente soldado. E por isso Vegecio com grandes persuasões ordena, que os homẽs que se ellegerem para soldados aprendão muito tempo antes que vão à guerra o que nella hão de obrar. E Tito Livio he da mesma opinião, dizendo que a gente que ha de pelear ha de ter estudo, & exercicio com q̄ aprenda no tempo da paz o que na guerra ha de fazer. E assi na paz, & não na guerra se ha de aprender a Arte Militar para se saber, & ser

Plat. Re. l. 2.

Vege. de Re. Mi. li. l. 1.

Tit. Liv.

ser vtil à republica quando fizer guerra; porque a fará com gente sufficiente, & não sendo assi nunca, ou raras vezes alcançará a vittoria, senão se fizer guerra a gente que não seja melhor doutrina. Porque como dizia Socrates he perigosa cousa dizer, ou fazer aquellas cousas que senão sabem. E assi está certissimo o perigo, & danno da republica que fizer guerra com gente que não saiba a Arte Militar. Polo que na paz se deve aprender; porque quando se chegar a fazer guerra, tendo cõ o exercicio da paz dispostos os animos para alcançar perfeitamente, com os actos da guerra a fortaleza, não se pode duuidar do bõ successo, segundo o discurso humano. Auédose de apréder na paz a Arte Militar he necessario dizer como se ha de ensinar, para que perfeitamente se saiba, & se introduza em toda a republica o habito della; porque (como ja se disse) para ser poderosa na guerra he necessario que em toda ella aja hũa disposição apta às belicofas acções. Bem sey que parecerá cousa noua, & a muitos digna de ser réprouada dizer q̄ se lea em publicas escolas, mas porque sô deste modo se pode saber perfeitamente assi conuẽ que se ensine. He cousa ordinaria dos q̄ estão constituidos em dignidade, è que governão os exercitos, & republicas desprezar o que elles não sabẽ, & ainda as pessoas de mais doutrina; porq̄ ninguem se entenda que lhes excede no q̄ importa ao que administram. E como em nossos tépos (como diz Gulhelmo Choul) dandose os cargos militares, por fauor a homẽs inexpertos, estes governẽ as cousas da guerra não ha duuida em que esta opinião seja desprezada: mas para que os que seguem as cousas de razão, & conuenientes a tenham na reputação de que ella he digna se mostrará como não he cousa noua ensinar se a Arte Militar em publicas escolas.

Xenop. l. 3. de dist. & fusti. Socr.

Gulbel. Chou. da castiramação dos Romanos

Cicero diz, Anibal ouiuo em Epheso, Formião Philosopho Peripatetico, o qual copiosamente falaua do officio de capitão, & de toda a Arte Militar. E ainda que não declara de que modo, & a donde o ouiuo se em particular conuersação, ou na escola publica, a palavra ouiuo mostra ser no lugar onde publicamente lia. E dizer falaua denota cousa continuada: & assi parece que não falou sô aquella vez da Arte Militar, senão que era

Cicer. da Orat.



prattica continuada, antes, & depois de Annibal o ouvir. E sendo assi deuia ser esta continuação em escola publica. O que tambem se pode collegir, porque diz Cicero, que os seus hospedes o conuidaraõ ao ouvir, & se fora em sua casa vsara de outro termo. E de qualquer modo que fosse, não deuia hum Philosopho de tanto nome falar copiosamente da arte que não tiuesse aprendido, & fosse das que nas escolas se ensinuaõ. Em Plutarcho na vida de Themistocles está hum lugar donde tambem se collige com muita probabilidade, que a Arte Militar se ensinua. Porque o que o interprete Latino declara deste modo. *Mnesephilo itaque potius accedendum qui Themistoclem Threarij imitatore[m] fuisse perhibet: hunc autem nec Rhetoricam, nec naturalem Philosophiam, professum, sed sapientia[m], quam vocant, quæ est pericia in republica versandi, & prudentia ad actiones accommodata operam dedisse.* O Italiano o entende assi. *Parmi dunque che sia più da credere a Mnesephilo il quale dice, che Themistocle fu auditore di Freario, che non fu né oratore, né fisico, ma insegnaua quella scientia, che si chiama l'arte de la guerra, & vna certa prudenza, & cognitione delle cose del mondo.* E assi a donde o Latino, diz que Freario ensinua hũa prudência accommodada para as acções, diz o Italiano, que ensinua aquella arte, que se chama arte da guerra, que he a Militar. E não differe do Latino; porque ainda que todas as artes são accommodadas para certas acções, as mayores, & mais importantes a hũa republica são as da guerra, & assi dellas fala. Polo que a prudencia para ellas accommodada he a Arte Militar. O que se proua tambem, porque todas as respublicas constão do gouerno politico, & militar. E assi dizendo o interprete Latino, que Freario era professor da sapiencia, a qual era pericia em gouernar a republica, & prudencia acomodada para as acções, está claro, que entende pola pericia em gouernar a republica a sciencia politica, & pola prudencia accommodada para as acções a Arte Militar; pois tratta sõ destas duas cousas em que está toda a sapiencia humana, q̄ diz ser a doutrina de Freario. E assi diz bê o Italiano declarando q̄ Freario ensinua a arte da guerra, q̄ he a Militar, polo q̄ não ha duuida que ella ja se ensinou. O q̄ mais claramente se proua com hum lugar de Xenophôte, o qual não

tem

tem necessidade de interpretaçõ para claramente se entender que a Arte Militar se ensinou ja em publicas escolas: Porq̄ diz elle no terceiro liuro dos dittos, & feitos de Socrates, que veõ a Athenas hum certo homẽ chamado Dionisiodoro, o qual ensinua a Arte Militar. E assi he cousa certissima, que ella se ensinou ja em publicas escolas. E q̄ outra cousa era a arte gymnastica dos Gregos, e Latinos taõ vsada, senão hũa parte da Militar? a qual tinha lugares certos em q̄ se ensinua, como em Roma o cãpo Marcio, deputado por Bruto, & Valerio para este effeito, & diz Dionisio Halicarnaseo que constringeraõ os Romanos a se exercitarẽ nelle na Arte Militar, & em Grecia os gymnasios onde os mesmos exercicios se faziaõ, como se vé em Vitruuio, quando tratta da edificaçõ da palestra, que he o mesmo q̄ gymnasio; porque como diz Hieronymo Mercurial todo o lugar aonde se exercitauaõ se chamaua gymnasio: & o que he necessario aprender das artes liberaes, para se saber perfeitamente a Militar que deilas he cõposta (como se verá quando se tratar dos exercicios) he clarissima proua de senão poder saber senão ensinando se em publicas escolas. Polo que não só se ensinou, mas assi conuem que se faça aprendendo, & exercitando o que agora se dirã.

## EXERCICIOS NECESSARIOS PARA ALCANÇAR A Fortaleza militar.



**P**ARA SE Alcançarem as virtudes tres cousas se requerem, natureza, Arte, & exercicio: natureza disposta para as perceber, arte que as ensine, & exercicio com que se aprendaõ, & conseruem. E assi diz Aristotelis, que por tres cousas são os homens virtuosos, natureza, costume, & razão: costume he o mesmo que exercicio, & razão que arte, pois todas as artes da razão procedem. E assi para se alcançar a virtude da militar fortaleza, estas tres cousas são

H 2

necessa-

necessarias , natureza habil para aprender, robusta para sofrer os trabalhos da guerra , & de competentes forças para comodamente se poderem vsar as armas necessarias , & arte para saber combater, & ordenar o que conuem para vencer, & exercicio das cousas que pertencem à militar fortaleza para a adquerir, & conseruar. Mas a natureza não he em todos os homens de hum mesmo modo ; porque hús são delicados , & faltos de forças , & outros robustos , & forçosos , & pode ser que o falto de forças seja mais forte de animo , que o robusto, & assi ordinariamente se errará na eleição dos soldados escolhendo húa vez os robustos do corpo , & faltos de animo , & outra os de animo forte, mas sem báltantes forças corporais, & hús, & outros serraõ defeytosos; porq̃ não auerã perfeita fortaleza sem estas duas cousas animo forte, & robustas forças. Conhecendo isto os antigos procuraraõ vécer coa industria este defeyto da natureza, ordenãdo de modo as suas republicas, q̃ em todos os homés ouuesse animos fortes, & corpos robustos, & forçosos. Para o q̃ ordenaraõ por leys, è cóstituições os exercicios militares có q̃ estas cousas se alcãção. E assi os Egypcios, que se gundo Estrabo crão effeminados, & fracos có o cótinuo exercicio q̃ tinha a gête militar se fizeraõ robustissimos, & fortes. Por *Str. l. 17.* q̃ diz Diodoro, q̃ por ordê do reyno, succediaõ na milicia os filhos aos pays, exercitando desde mininos có elles todas as cousas pertencentes à milicia, & co este cótinuo exercicio diz, q̃ se faziaõ bonissimos soldados. Em Lacedemonia as molheres, & *Diod. Si cul. li. 1. part. 2.* os homés se exercitauaõ nestes exercicios , có o q̃ se fizeraõ superiores na fortaleza militar a todos os Gregos , os Romanos do mesmo modo por ley de Romulo se exercitauaõ na Arte Militar, & o mesmo fizeraõ outras muitas nações, cada húas segũdo o seu costume. E por isso Plataõ na sua republica, & Aristotelis na sua Politica encomendaõ ranto o exercicio militar, que he a cousa em que mais força fazem. E dizia Aristippo, que *Diog. La er. l. 2.* o exercicio era poderoso para alcançar a virtude . E assi com o exercicio se suprirá o defeyto da natureza. Porque (como em *Xenop. l. 3. de disc. & facti. Socr.* tendia Socrates) toda a natureza cresce có a doutrina, & exercicio na fortaleza. Porque sendo húa parte da fortaleza militar, a força,

a força do corpo robusto , & soffredor dos trabalhos da guerra; pois sem isto ella ficara imperfeita, & manca não podêdo executar as acções do animo , he clarissima cousa que có o exercicio se pode alcançar, como a experiencia cada dia mostra; pois em toda a parte são mais robustos , & forçosos os q̃ mais exercitaõ o corpo nos trabalhos, & asperezas, como os pastores que nas mal abrigadas choças passaõ o rigor do inuerno com mais faude, que os cidadãos nos abrigados aposentos, & nas artes mecanicas ha algús instrumentos com que os que nellas se exercitaõ ligeiramente trabalhaõ todo hum dia, os quais difficultosamête qualquer outro homé pode sustentar hũ pequeno espaço na mão. E por isso dizia Diogenes Cinico, que nenhúa cousa se podia fazer no mundo sem exercicio, & que elle vécia tudo. E do mesmo modo o animo polo exercicio , & doutrina cresce na virtude da fortaleza; porque a doutrina ensinando como se haõ de defender dos perigos assigura o animo do temor delles, & o exercicio faz q̃ se desprezem, alcançando co elle fazer perfeita méte aquellas cousas có que a doutrina ensina a defender. Isto entende Plataõ dizendo no Timeo , q̃ em nós estaõ tres especies d'alma distribuidas triplicadamente, tendo cada húa o seu proprio mouimento, & q̃ qualquer destas q̃ viue em ocio, & se abstê dos proprios mouimétos se faz fraquissima, & a q̃ se exercita robustissima. E assi cos exercicios se alcançará, não ló força no corpo, mas fortaleza no animo. Isto mostraraõ Licó, & Polemon, porq̃ sendo este lasciuo, & destéperado, indo hũ dia bebendo à escola de Senocrates, ouiuo falar da téperança, & resentindo se continuou a escola dali por diãte, & co este exercicio pouco a pouco se fez taõ perfeito nas virtudes, que socedeo a Senocrates que foy o mais téperado de todos os philosophos Athenienses. E Licon que era delicado, & fraco do corpo co exercicio se fez ligeiro, & robusto. E assi có o exercicio da militar disciplina se alcançará a virtude da fortaleza militar, desprezando os perigos, & soffrendo os trabalhos: pois (como diz Estrabo) a natureza não fez aos Athenienses estudiosos das letras , & não aos Lacedemonios, & Thebanos seus vizinhos, nem aos Egypcios, & Babylonios philosophos, mas o exercicio, & costume.

*Diog. La er. l. 5.*

*Pl. Tim. del natu. ra.*

*Diog. La er. l. 4.*

*Estr. l. 2.*

De dous modos hão de ser os exercicios da militar disciplina, hús se hão de fazer com o corpo, & outros com a alma, & juntamente hús, & outros se hão de ir continuando, não consentindo que a alma, nem o corpo estem ociosos. Porque se o corpo sô se exercitar, ficando esta parte mais robusta, & forte, fará que o espirito a siga, & como o corpo he semelhante aos brutos, o animo que o seguir ficará com a mesma semelhança, fazendo-se, pola robusta força do corpo atreuido, & insolente com os amigos, & temerario com os inimigos: & assi na paz, & na guerra será muito prejudicial. E o que sô exercitar o animo nas cousas que a elle pertencem faltar-lhe hão as forças corporais, & assi ainda que fique mais capaz das cousas de importancia, faltará nas acções, que com o corpo he necessario fazer na guerra. E assi diz Platão que os que exercitão sô a gymnastica ficam mais rusticos do que conuem, & os que exercitão a musica mais effeminados do que lhes he necessario. E como elle diz a gymnastica se aprende por respeito do corpo, & a musica por respeito da alma, & ambas elle quer que os soldados exercitem.

*Plat. Rep.* 1.3. Do mesmo modo dizia Diogenes Cinico, que o exercicio era de dous modos hum do corpo, & outro da alma, & que hũ sem o outro era imperfeito. Polo que he necessario, que igualmente se vão fazendo estes exercicios; para que os que os continuarẽ fiquem perfeitos, tendo hum animo adornado de doutrina, & forte, & hum corpo robusto, & forçoso. Mas não se poderá alcançar isto perfeitamente senão continuandose os necessarios, & convenientes exercicios desde os primeiros annos da meninice; porque as imagẽs que se quiserem imprimir naquella tenra idade melhor se imprimirão, que quando tiuerem ja concebido as especies de outras; porque assi como a materia prima para receber em si todas as especies era necessario estar falta de todos os generos, assi os mininos que tem o animo liure de todas as especies, melhor conceberão a doutrina que lhe quiserẽ imprimir, do mesmo modo, que para imprimir em materia brã da algũas figuras he necessario que ella não tenha algũa em si.

*Plat. Rep.* 1.3. E por isso diz Platão que as imitações que se costumão de mininos se mudão em natureza; polo q̃ começandose daquella tenra, &

ra, & informe idade (que assi se pode chamar) a doutrinar imprimi-seha de modo nelles o que exercitarem que ficará como natural. Quando se quer fazer algũa massa, ou outra cousa cheyrosa, pretende-se que aquella cousa, ou massa onde se quer imprimir o cheiro, não tenha outro, & depois que ella tem perfeitamente o cheiro não se conhece polo que d'antes era, senão polo cheiro que nella se introduzio, do mesmo modo, para se imprimir a fortaleza nos que ouuerem de ser soldados, he necessario que se comecem os exercicios della daquella idade em que ainda senão tem recebido outra doutrina; porque depois sô a que então nelles se imprimir se conhecerã. E por isso diz Xenophonte que Lycurgo punha grandissimo cuidado na doutrina dos moços; porque julgaua (diz elle) q̃ se elles se fizessem quais conuinha seria grande bem para a republica, & porque o meyo para alcãçar isto era sô este de os doutrinar desde mininos pòs tanta diligencia nisso, & foy-lhe de tanto fruyto, que dizião as mulheres de Lacedemonia, que ellas sô parião homẽs. Querendo Xenophonte mostrar hũa monarchia perfeitamente gouernada, tomando por exemplo a dos Persas, a cousa de que mais caso faz he da criação dos moços, repartindo polas idades os exercicios: os quais erão todos das cousas pertencentes à fortaleza militar, até ter idade para ser soldados, & então experimentauão o que tinhaõ aprendido, & exercitado na paz. E a republica que assi o não fizer está muy arriscada a grandissimos trabalhos. Porque (como diz Aristotelis) não pôr cuidado na doutrina dos moços traz detrimento à republica; porque os que estiuerem criados em delicadezas, & vicios desde sua meninice, como poderaõ sendo homẽs sofrer trabalhos, & asperezas, nem como teraõ o animo constante nos perigos, & sombrio, & temperado na vida. Porque como diz Sallustio hum animo habituado a mãos costumes difficulosamente pode ser temperado. Polo que para ter a republica os soldados que conuem de ue criar os mininos com tais costumes, que quando forem soldados não estranhem os trabalhos da guerra. Para o que na comida, no vestido, è no tratto da criação em tudo deue auer hũa certa disciplina, que encaminhe a este fim, & assi o entende Platão na

*Xenoph. de Repu. Laced.**Plut. vit. ill. vit. Ly. curg. Xenoph. vit. Ciri. l. i.**Aristot. Pol. l. 8.**Salu. bel. Cat.*

*Plat. Re.* tão na sua republica. E pola mesma razão ordenou Lycurgo que  
*l.4.* não vſassem os moços mais de hum vestido veraõ, & inuerno,  
*Xenoph.* & que não andassem calçados, & que a comida fosse muy pou-  
*de Repp.* ca, & não delicada. E assi criandose os moços desde mininos  
*Laced.* em aspereza de costumes depois de homês seraõ robustos, &  
 fortes. Isto mostra Virgilio quando Numano, vituperando os  
*Virg. l.9,* Troyanos, porque estauão dentro dos alojamentos sem sair a  
*Aneyd.* combater, diz.

*Quis Deus Italiam? quæ vòs dementia adigit?  
 Non heic Atrida, nec fandi fictor Ulyſſes  
 Durum à stirpe genus, natos ad flumina primum  
 Deferimus, sauoq; gelu duramus & vndis  
 Venatu in vigilanti pueri, syluasque fatigant:  
 Flectere ludus equos, & spicula tendere cornu.  
 At patiens operum, paruoque assueti iuuentus,  
 Aut rastris terram domat, aut quatit oppida bello.*

*Que Deos vos trouxe a Italia, ou que doudice?  
 Não achareis aqui de Atrida os filhos,  
 E o fingidor Ulyxes: nos trazemos  
 A natureza ja da estirpe dura,  
 Quem nascendo nos rios nos banhamos,  
 Sofrendo o rigor da agoa, & caramelo.  
 Os moços vigilantes para a caça  
 Não deixão repouſar as mudas seluas;  
 Tem por jogo do mar brauos caualos,  
 E do arco despedir a veloz setta  
 E os trabalhos soffendo em parca vida;  
 Depois co curuo arado a terra fendem,  
 Ou co a guerra combatem fortes pouos:*

E assi não seraõ valerosos soldados os que de mininõs senaõ  
 criarẽ co estes exercicios, & aspereza, como nestes versos mos-  
 tra Virgilio, querendo que esta seja a causa de se auerem de te-  
 mer

mer os soldados de Turno. Polo que fazendo (como elle diz)  
 deste modo a natureza mais robusta, & forte, vencercha o seu  
 defeyto, & de robustos, & exercitados moços sem duuida se fa-  
 raõ valerosos soldados. E assi diz Iustino que os Luqueses cria- *Iust. l.23*  
 uaõ seus filhos nas seluas entre os pastores, não seruindo a  
 ninguem, nem dormindo em cama, comendo o que caçauaõ, &  
 que assi se faziaõ bonissimos soldados. Isto entende Cornelio *Corn. Ta*  
 Tacito quando diz, que os moços estão melhor no exercito, q̃ *ci. l.2.*  
 nas delicias da cidade; porque criados com o trabalho da guer-  
 ra se faraõ robustos, & fortes, sendo o trabalho, & aspereza da  
 vida com o que isto se alcança; porque (como diz Aristotelis) *Aristot.*  
 os de Laconia com os trabalhos faziaõ os mancebos ferozes. *Pol. l.8.*  
 Ordenandose o que parecer que conuem, conforme o clima,  
 & calidade da terra, no vestido, & comida sobria, & tempera-  
 da, & aspera criação, tanto que começarem a ter vſo de razão  
 se começaraõ a doutrinar assi nos exercicios do corpo, como  
 no que conuem ao espirito. Para exercitar o corpo, respeitando  
 a idade, se ordenaraõ algũs jogos, em que fazendo algũs faceis  
 mouimentos com o corpo, & com golpes de paos proporcio-  
 nados as forças se vaõ exercitando. Isto ordena Aristotelis na *Aristot.*  
 sua politica dizendo, que atè idade de cinco annos se exercitem *Pol. l.7.*  
 os mininos com algũs mouimentos, para que fujão à preguiça  
 do corpo, os quais diz que se deuem ordenar por algũs golpes,  
 ou jogos não deshonestos, nem trabalhosos, nem remissos. O  
 mesmo entende Plataõ na sua republica quando diz, que os mi- *Pla. Rep.*  
 ninos se criem com o exercicio das danças; porque nellas ha *l.5.*  
 tudo isto sendo todas ordenadas com o mouimento do corpo,  
 & algũas com golpes. E assi com semelhantes exercicios come-  
 çaraõ a exercitar os mininos o corpo atè a idade que diz Aristo-  
 telis, ou atè sette annos como faziaõ os Lacedemonios, & jũta *Plat. vit.*  
 mente neste tempo irão dispondo o animo, começando a apriẽ *Licur.*  
 der as primeiras letras, & ordenando que as pessoas que os cria-  
 rem, & doutrinareem lhe contem fabulas, ou historias, que inci-  
 tem os animos ao desprezo dos perigos, introduzindo nelles a  
 fortaleza. E assi diz Aristotelis que as praticas que nesta idade  
 ouirem os mininos sejaõ todas encaminhadas ao fim da for- *Aristot.*  
 taleza. *Pol. l.7.*

*Va. Max.* *l. 2. c. 1.* taleza. E Platão do mesmo modo ordena que se criem cõ practicas que os fação de animo forte; porque as practicas que se cõtinuaõ imprimem no animo o seu conceito. E por isso diz Valerio Maximo, que costumauão os velhos em Roma mandar cantar nos seus conuites os generosos feitos de seus mayores, para inflammar os animos dos moços com o desejo de os imitar. E porque a lição dos liuros he semelhante às practicas diz Plutarcho, que Phelipomenes lia as obras de Homero principalmente aquellas que incitauão o animo à virtude, & desejo de honra; porque sendo elle deseioso destas cousas com a lição que dellas trattaua entendia que o animo se faria mais cõstante em as procurar. O mesmo entenderão os Lacedemonios quando mandaraõ prohibir Archiloco excelente poeta; porque tendo cousas deshonestas naõ viessem coa lição dellas a se effeminar os moços. E assi criando os mininos com practicas que os disponhaõ para alcançar a fortaleza do animo, ficaraõ de modo aquelles conceitos impressos nos seus animos, que toda a vida lhe durarã o desejo de obras generosas, & esforçadas. Por que (como diz Platão) das cousas que aprendemos de mininos sempre nos lembramos. Passando os sete annos costumauão os Lacedemonios distribuillos em companhias, & assi os exercitauão, fazendo capitaõ ao que se auentajaua dos outros, & a este obedeciaõ os que eraõ da sua companhia, sofrendo sem queixa o castigo q̃ elle lhes daua: & diz Plutarcho que era esta disciplina hum certo exercicio de obedecer. E todos os moços que assi se exercitauão diz Xenophõte, que estauão sujeitos a hum dos homẽs, que se ellegiaõ para os magistrados, de mais autoridade. O mesmo se ordenarã para que naõ sã façãõ com os exercicios o corpo robusto, mas o animo obediente; porque sem obediencia, naõ pode auer perfeita milicia. Para os corporais exercicios diz Aristotelis, que se doutrinẽ os moços na gymnastica, & pedotribica, Hieronymo Mercurial entende pola gymnastica o conhescimento de todos os exercicios, & pola pedotribica a practica dos corporais, de modo que faz a gymnastica sciencia especulatiua de todos os exercicios, & a pedotribica a practica delles. Do mesmo modo a entende Aristotelis; por que

que diz que os moços hãõ de aprender a gymnastica, & pedotribica, & que hũa ensina a boa disposiçãõ do corpo, & outra as operações: mas debaixo deste nome gymnastica hũa, & outra cousa se comprehende, como mostra Platão no 7. das leys *Pla. de le* dizendo, que contẽ em si todos os exercicios bellicosos, & naõ *gi. l. 7.* tratta da pedotribica. Polo que assi como as outras sciencias debaixo de hum só nome comprehendem o practico, & especulatiuo dellas, co este nome gymnastica se entendẽ estas duas cousas: polo que tambem Galeno as naõ separa dizendo, *Gymnastica est quæ omnium exercitationum facultates nouit.* A gymnastica he aquella que conhece todos os modos de exercicios. E Hieronymo Mercurial quando a diffine hũa, & outra cousa comprehende na diffinição, & assi diz que he hũa facultade que contẽpla todos os modos de exercicios, ensinando todas as variedades delles, ou para conseruar a saude, ou para alcançar, & conseruar hũ perfeito habito do corpo. E porque o perfeito habito do corpo he ser robusto, ligeiro, & agil em todas as cousas que o corpo exercita, diz Platão, que os soldados hãõ de aprender, & exercitar por respeito do corpo a gymnastica, & debaixo deste nome *Pla. Rep.* fica comprehendendo todos os exercicios militares. E assi a gymnastica he arte de todos elles, como tambem se vé nos que Hieronymo Mercurial lhe atribue dizendo, cõ hum lugar de Plauto, que era lançar o disco, & o dardo, jugar o pique, vestir, & exercitar o cossolete, correr a pẽ, & manejar os caualos, & no *Mer. l. 1* capitulo sexto acrescenta a luta, & no treze diz, que nenhũa *cap. 5. de* cousa auia melhor para alcançar a militar pericia, *Arte* *Gymn.* que *palestrica, & saltatoria gymnastica,* Que era a dança Pirrhicha, a que em certo modo conrespondem os nossos torneos. E assi estes seraõ os exercicios com que os moços se iraõ dispondo para alcançar a perfeita fortaleza militar: imitando as illustres, & valerosas nações que ouue no mundo, que com estes exercicios doutrinauão os moços, para que depois de homens fossem perfeitos soldados, como se vé no que se escreue dos Gregos, & Romanos. E sendo os Gregos os primeiros, que nas suas respublicas ordenaraõ estes exercicios, & por respeito delles os gymnasios, ou palestras onde se faziaõ, com outros tambem que pertenciaõ ao animo,

Vitr. I. 5.  
 Hora. como se vé em Vitruuio, em Roma se continuaraõ tanto, que se tinha por afronta dos mancebos faltar nelles (como se vé na esta Ode de Horacio, em que falando com Lidia reprende a Sybaris nobre mancebo Romano, porque os naõ cõtina dizendo.

*Lydia dic per omnes*  
*Te Deos oro: Sybarim cur properes amanda*  
*Ferdere? cur apricum*  
*Oderit campum patiens pulueris, atque solis?*  
*Cur neque militares*  
*Inter aequales equites: Gallia ne lupatis*  
*Temperat ora frenis?*  
*Cur timet Flauum Tiberim tangerere? cur oliuum*  
*Sanguine viperino*  
*Cautius vittat? neque iam liuida gestat in armis*  
*Brachia saepe disco,*  
*Sæpe trans finem iaculo nobilis expedito?*  
*Quid latet ve marina*  
*Filium dicunt Thetidis sub lacrimosa Troia*  
*Funera, ne viriles*  
*Cultus in cadem, & Lycias proriperet cæternat.*

Lydia dize agora,  
 Polos Deoses te peço, porque amanda  
 Sybaris, o destroys apressando  
 O mal a quem te adora?  
 Porqu' está sempre fora  
 Do campo bellicoso?  
 Do sol, & pò soffrer sò temeroso?  
 Porque não apparece  
 Entre os iguais de idade, & de nobreza?  
 No brioso cavallo, & com destreza  
 A Marte s' offerece?  
 Que ja não lhe obedece  
 Com a brida domada

O cavallo

O cavallo Frances bem doutrinado:  
 Porque teme a corrente  
 Tocar do riuo Tibre? & porque astuto  
 Procura doleo ter o corpo enxuto  
 Entre lasciuua gente?  
 Que cautelosamente  
 O foge de contino,  
 Como se sangue fora viperino:  
 Nem ja trazer lhe vejo,  
 Polo peso das armas, & exercicio  
 Denegridos os braços; porque o vicio  
 Lhe tira este desejo.  
 Nem por lançar sem pejo  
 O dardo alem da meta,  
 Muitas vezes o disco, ou veloz setta.  
 Porque está escondido,  
 Como o filho de Thetis mal segura,  
 Quando de Troia o fim Grecia procura  
 Com todo o seu partido?  
 E sem viril vestido,  
 Porque o não leue à morte  
 O culto, nem de Lycia a gente forte.

Com esta Ode se proua bé tudo o que está ditto dos gymnasticos exercicios, & se vem todos os que deuem exercitar os que ouuerem de ser soldados; porque nella mostra Oracio que tinhaõ os Romanos lugar disputado para elles, q̄ era o câpo Marcio, a q̄ elle chama apricum, & q̄ de spois de esta rem cubertos de suor, & pò, os mancebos q̄ nelle se exercitauaõ, se lauauaõ no Tibre nadando, o q̄ se entende quando diz q̄ Sybaris temia tocar a corréte do Tibre. Isto mesmo diz Vegecio, Veg. l. 1. q̄ vltimaõ os Romanos, dizêdo, q̄ os antigos ordenaraõ jũto ao c. 10. Tibre o câpo Marcio, para q̄ os mancebos de spois de suados, & cheos d' pò se lauauaõ nelle, è nadado se refizesse do trabalho da terra: è q̄ os caualeiros, é até a gente inutil dos exercitos sayba

nadar. Polo fugir do oleo entêde Oracio a luta, porque os que se exercitauão nella costumauão vntar-se cõ oleo, & assi quãdo Vitruuio mostra a edificação da palestra, descreue junto ao lugar donde se exercitauão os moços outro chamado Eleothesio donde os lutadores se vntauão: & Hieronymo Mercurial, declarando os gymnasios dos antigos cõ as palauras de Galeno, diz q̃ o gymnasio era hum lugar publico, edificado em hũa parte se parada da cidade, no qual se vntauão, esfregauão, & lutauão: & assi ajuntando ao vntar o lutar, claramente mostra que se vntauão com oleo os que lutauão, & o esfregar era com pò deitando os que queraõ lutar sobre o oleo, & assi diz Vitruuio, que auia na palestra, junto a onde se exercitauão os moços, outro lugar donde os lutadores se cobriaõ de pó, chamado Conestorio, polo que estas duas cousas pertenciaõ à luta, & tambem depois de lutar se esfregauão tirando o suor, & o oleo com huns instrumentos chamados strigilis, & assi dizendo Oracio, q̃ Sybaris fogia do oleo entêde da luta, porque os que lutauão se vntauão com oleo, como tambem se vê neste verso de Virgilio.

*Virg. E. ecy. l. 3.*  
*Exercet patrias oleo labente palastras*  
*Nudati socij*

*Co oleo macio nũs os companheiros*  
*Como na patria as lutas exercitãõ.*

Os outros exercicios de que Oracio tratta nesta Ode se cõprendem bẽ, assi na mesma Ode, como na cõstruiçãõ, & o disco que oje naõ està em vso conrespõde à nossa barra, posto que era de diferente forma, sendo redondo como hũ pratto, & tambẽ como globo, & de chũbo, ou de pedra: & assi se acrescetarã aos exercicios que se tê ditto tirar a barra q̃ he naõ menos efficaç q̃ os outros, para alcãçar a força dos braços. O naõ apparecer Sybaris entre os iguais caualeiros, se entêde de dous modos, nos exercicios ordinarios q̃ os caualeiros costumauão, è nas mostras q̃ dauão duas vezes no anno, como diz Valerio Maximo, sendo hũa nas festas Lupercais, & outra no dia da resenha, è nestas duas naõ faltaua nenhũ macebo nobre, porq̃ elles eraõ os q̃ em Roma chamauão caualeiros, polo q̃ ainda q̃ è todos os exercicios milita-

militares se deũ exercitar a nobreza, este da caualleria he mais proprio seu, polo q̃ mais q̃ todos o cõtinuaraõ. E assi (como do q̃ està ditto se vê) feraõ os exercicios que cõtinuaraõ os mancebos, para alcãçar a militar fortaleza, a respeito do corpo, os parios de pé, com que se faraõ ligeiros para qualquer acõmetimẽto, & chegar ao passo (que muitas vezes ambos os exercitos que rem occupar) primeiro que os inimigos: a luta com que todo o corpo se faz mais forte, & manhoso; porq̃ posto q̃ agora senaõ peleija de taõ perto, que se venha aos braços, quãdo succeda he bom naõ temer o inimigo, tirar a barra endurecendo os braços co peso della, para lhe ficarem mais leues as armas, & os instrumentos com q̃ os soldados na guerra muitas vezes trabalhaõ, fazendo as trincheiras, & mais reparos, nadaraõ, porque muitas vezes se tê necessidade na guerra desta arte, polos rios que se offerece passar, & polos assaltos que succede dar-se por mar, onde sempre se alagaõ algũs barcos: & Cesar, & Pirro saõ bons exemplos de quãdo proueitoso seja o nadar; porque ambos se perderaõ se nadando se naõ saluaraõ, Pirro em hũa praya dos Mesapios, onde com fortuna se perdeu a sua armada, & Cesar no faro de Egypto, na batalha que teue com os rebeldes que se guiaõ a Achilla. Iugaraõ as armas exercitando se em todas as q̃ estaõ em vso, & só as palauras de Vegecio bastaõ para mostrar quãdo necessario seja saber vsar de todas; porque (diz elle) a arte da esgrima (assi como se vsa em toda Italia) deue aprêder cõ diligencia o soldado bisonho, porque aquelles que bem a sabẽ saõ melhores que todos os outros que combatem: & que o soldado exercitado valha mais que o naõ exercitado facil cousa he de crer, semelhantemẽte os destros nas armas precedẽ a todos os cõpanheiros q̃ dellas saõ ignorantes. E cõ tanta diligencia se obseruou dos antigos esta disciplina, que aos mestres della se daua dobrada despesa, & aos que naõ sabiaõ exercitar-se nesta arte, dauão ceuada em lugar de trigo, nem alcançauão a raçãõ de trigo atẽ que diante do perfeito, tribuno, ou principe da legião mostrauão q̃ sabiaõ o q̃ desta arte pertence a Militar. Nestas palauras de Vegecio se vê em quanta estima os antigos tiueraõ esta Arte, o q̃ mostra quãdo necessaria seja, cõprêdendo nella

todas as armas que na guerra se vſaõ, q̃ ſaõ o arcabuz, mosquete, pique, & coſſoſete, & aſſi em todas eſtas ſe exercitaraõ com muita diligencia todos, & os nobres na caualeria continuando as juſtas, & torneos de caualo, & hũs, & outros os de pê a imitação da dança Pyrrhicha que os Gregos por respeito da guerra exercitauaõ, a qual faziãõ armados de todas as peças, accomodando os mouimentos aos accents de algum verſo hyporchematico, da qual diz Plinio que foy inuentor hum certo Creteſe chamado Pyrrho. Eſtes ſaõ os gymnasticos exercicios que os antigos costumauãõ deſde os primeiros annos para diſpõr os corpos dos moços à fortaleza militar, fazendoos com elles robustos, forçoſos, & ligeiros. E aſſi a republica que quiſer ſuſtentar o ſeu eſtado, ou engrandecerſe faços continuar, & a noſſa tem mais obrigaçãõ, que outras muitas para o fazer aſſi, pois os antigos Luſitanos gente bellicoſa, & inuẽciuel, de quem diz Appiano que peleijauaõ ſem voltar o roſto, è morriãõ ſem dar hum gemido, nelles particularmente ſe exercitauaõ, como diz *Appian. bel. Hiſp. Stra. l. 3.* Eſtrabo no terceiro liuro da ſua Geographia. Polo que ſe deue fazer agora, como diz Plutarcho, que fez Cleomenes, que tẽdo *Plut. vit. Cleom.* Esparta quando elle começou a reynar perdido o antigo, & louuauel coſtume dos exercicios gymnasticos, & ſendo por eſta cauſa os Eſpartanos inferiores na guerra a muitos, a quem elles foraõ superiores, para tornar Esparta a antigua grãdeza tornou de nouo a fabricar gymnasios, & fez exercitar os moços ſe gundo o coſtume Laconico.

Com eſtes exercicios ſe iraõ juntamente aprendendo as couſas que pertencẽ ao animo, q̃ ſaõ Arithmetica, Geometria, Aſtronomia, Geographia, Architettura Militar, & a eſpeculatiua, prattica da Arte Militar, que he a que enſina, como todas eſtas couſas ſe haõ de vſar, para receber dellas o beneficio, que fazẽ a quẽ na guerra dellas ſe ſabe ſeruir. Sem a Arithmetica nenhũa couſa ſe pode fazer, porque cõ ella ſe numera a gente, & ſe ordena para marchar, & cõbater, & ſe ſabe o que ſe ha de prouer de munições, baſtimentos, bagajes, & mais couſas de que hum exercito tem neceſſidade, & todas as outras artes de que ſe ſerue a Militar não podem ſem ella fazer as ſuas operações. E

aſſi

aſſi diz Platão, que todas as artes tem neceſſidade da arithmetica, & dizendo que ſe deue aprender, encarecendo muito a vtilidade della, diz que ſenãõ ha de aprender por respeito de vender, & comprar como os mercadores, ou eſtalajadeiros, mas para ſer inſtruidos nas couſas da guerra, & para conuerter o animo facilmente à natureza da verdade, & da ſciencia. E aſſi ella he o primeiro fundamento da Arte Militar, & não conſente mentira, nem ſabe negar verdade, que as ſuas certiffimas operações nunca ſe podem contradizer, & por iſſo Dom Hieronymo Oſorio Biſpo do Algarue, quer que o principe ſeja exercitado nella. Inclina o animo à ſciencia; porque he neceſſario hum *Oſori. de inſt. prin.* ſubtiliſſimo engenho para ſe ſaber perfeitamẽte, & como era a primeira arte q̃ os moços aprendiãõ, o que moſtra Platão dizẽdo, que no primeiro lugar aprendãõ os moços a arithmetica, facilitando, cõ a ſua ſubtileza, o engenho diſpunhão o animo cõ ella mais facilmente, para as outras ſciencias. A Geometria he neceſſaria, porque ella moſtra as diſtancias, alturas, & profundidades, & aſſi ſem ella não ſe poderã plantar bem hũa bateria; porque ſe as peças não eſtiuerem a angulos rectos com a parte que hãõ de bater, & na juſta diſtancia a que as balas chegãõ, com o impeto com que ſayem, não ſerãõ de effeito. E ſendo neceſſario fazer pôtes em algum foſſo, para dar aſſalto à fortaleza, ſe ella não moſtrar a largura delle não ſe farãõ como cõ uem, & do meſmo modo ella moſtra a altura de que hãõ de ſer as eſcadas com que aos muros dos inimigos ſe quiſer ſubir, & a largura dos rios para ſe fabricarem as pontes, como a ſeu lugar ſe dirã, & não ſó neſte tempo, por raziãõ da artelheria, he muito neceſſaria, mas ſempre o foy, & aſſi diz Plutarcho, que he parte da Arte Militar. E Platão entende o meſmo, dizendo, que ſó he vtil em quãto he neceſſaria às couſas da guerra, & aſſi *Plut. vit. ill. vit. Marce. Pla. Rep. l. 7.* a deue ſaber todo o ſoldado. Em lugar da Aſtronomia põe Platão a Aſtologia dizẽdo, q̃ não he menos neceſſaria conhecer a mudança dos tẽpos à Arte Militar, que a Agricultura, & arte de nauegar. E ainda que debaixo deſte nome Aſtologia ſe entẽda tambẽ a Aſtronomia ha differença entre ellas; porque a Aſtronomia tratta ſõ dos mouimẽtos dos ceos, do conhecimẽto das



estrellas, & cursos dellas, & de cousas deste genero não se metê do nos futuros successos, & a Astrologia, como aqui a entende Platão, he a que nos chamamos judiciaria: a qual no tempo de Platão se deuia saber melhor que agora, ainda q̄ sempre se sou-  
*Str. l. 16,* be della muito pouco, & assi o mostra Estrabo dizendo, q̄ em Babylonia auia muitos Chaldeos, os quais erão muy dados a esta arte, & que tirauão os nascimentos dos moços, mas que nos mais errauão, & se os Chaldeos, que forão os que mais a profesarão, sabião della tão pouco, que as mais das cousas errauão, como se pode agora saber tanto della que em tudo se acerte, & se he assi, que das suas determinações senão tem infaliuel certeza, não conuem vsar della na guerra; porque os erros da guerra não tem emmenda, & por isso dizia Scipião o mayor, q̄ he grande erro, & ignorancia nas cousas da guerra dizer não cuidaua; porque em hum sô ponto está a ruina, & a vittoria, & se se erra a cousa com que se esperaua vencer, segue-se necessariamente a ruyna de quem a errou, & assi sendo incertas todas as resoluções da Astrologia judiciaria, deuese fugir della como de hum grande inimigo; porque fazendo algũa estima dos seus pronosticos, errando o effeito não se perca a empresa, o exercito, & a patria, ou reyno. E quem melhor quizer conhecer a incerteza das suas operações lea Sancto Augustinho, no segundo liuro de Ge. ad *literã l. 2* sobre o Genesis, aonde traz o exemplo de Iacob, & Esau nascidos em hum mesmo ponto com tão differentes inclinações, vida, & successos. E alem disto, o que he de mais consideração, he arte mal soante à nossa sagrada religião q̄ não admite nenhũa superstição, & assi foy ja prohibida pelo Papa Sixto Quinto, & he abominauel não sô a todos os santos, mas a todo o homem de animo generoso, & catholico. E assi não se aprenderá mais que a Astronomia, sciencia digna de grande estima, & necessaria aos generais dos exercitos, como experimentou Paulo Emílio; porque estando co exercito na guerra de Macedonia tomãdo os soldados por mão agouro hum eclipse da lua encheose todo o exercito de temor, & dizendolhes a causa do eclipse, os tornou a confirmar no animo que d'antes tinhão. Com ella se conhecem os sollicitios, & equinocios, para ordenar cõforme

aos

aos tempos o que conuem à saude do exercito, & se sabem às horas que tẽ os dias, & as noites em qualquer parte cousa muyto importante; porque he necessario muitas vezes medir o tempo, para não errar algũas facções que se fazem de noite, ou a tẽpo certo, & serue tambem para a nauegação, sendo muito ordinario em todas as guerras vsar muito do mar, & em outras muitas cousas se alcanção della grãdes beneficios. A Geografia não he menos necessaria, porque fazendo guerra em prouincias remotas, & de que o general não tenha bastante conhecimento por ella conhece a calidade da terra, os rios, bosques, montes, & campos que nella ha, & a donde he fertil, & adonde esteril, & leuando o disenho della bem tirado considerando com elle todas estas cousas conhece porque parte lhe conuem entrar co exercito, & a que parte o ha de guiar para fazer a guerra com mais commodidade sua, & mais danno do inimigo, & assi todos os grandes capitães antigos (como diz Vegecio) quando fazião guerra às prouincias que não sabião, as leuauão desenhadas. E tambem com os angulos de opposição, que são proprios desta arte, se sabem as distancias que ha de hũs lugares a outros, & quando senão tiuer outra noticia da terra entrando na prouincia se podem alcãçar della deste modo muitos beneficios. E a Architettura Militar he tão necessaria, q̄ sem ella não serã possiuel fazer guerra; porque em todas se fazem alojamentos, trincheiras, & mais reparos, & em todas as prouincias he necessario auer fortificações nos lugares conuenientes, & assi não poderã nenhum exercito sem ella durar muito tempo em campanha, nem hũa prouincia conseruar-se. E não sô he arte pertencente à Militar, mas hũa parte della, sem a qual não pode auer Arte Militar; pois ella he o principal sujeito das duas partes que se seguem depois desta primeira. Tendo sabidas todas estas cousas se aprenderã a Arte Militar, ensinando a formar os esquadrões, os modos de marchar, & ordenar as batalhas, & tudo o mais que nesta arte se ensinarã, como em seus lugares se verá. Sabendo todas estas cousas ficarã hum soldado perfeito, & apto a pelejar como soldado, & a gouernar como capitão general; porque (como diz Platão) o principio de todas as cou-

14

sas he

*Plat. Rep. l. 2.*

fas he mais importante, que todo o resto, & assi doutrinados cõ estes principios com pouco uso da guerra ficarão muito perfeitos nesta Arte. E a republica a onde a nobreza, & pouo se occupa nestes exercicios florecerã nas armas, & augmentarã o seu Imperio, como todas as outras que nellas se auentajarão, & perseverando nelles conseruarseha na sua grandeza liure das mudanças: pois a todos os estados do mundo succedeo a ruyna á perguiça, descuido, & pouco exercicio, destas cousas, como se disse no primeiro discurso. Mas o modo de que oje se governaõ todos os estados, & o deleite que de todos os homẽs se tẽ apoderado, parece que impossibilitaõ poderẽse introduzir este modo de exercicios, & criaçaõ dos moços; porq̃ todos os homẽs recebem mal costumes novos; & por isso Lycurgo antes q̃ des-

*Plut. vit. Licur.* se a Esparta as suas leys mandou Talete poeta Lirico, para que com a suavidade do verso dispusesse os animos para as receberẽ quando as publicasse, & naõ bastou esta prevençaõ para dei-

*Pl. in A. polo Socr.* xar de lhe custar hum olho. Nem a Socrates a sua innocencia pa- ra lhe salvar a vida sendo accusado de querer introduzir novos ritos. Mas porque as mais das cousas ainda que difficultosas se alcançaõ acertando os meyo conuenientes se diraõ os com q̃ mais facilmete se poderaõ introduzir no estado politico os militares costumes, & exercicios.

Para se introduzirem os militares exercicios se deve considerar se a terra que os ha de receber he reyno sogeito a hum sõ principe, ou republica como foraõ as de Grecia, & a de Roma, & agora saõ as de Veneza, Genoua, & Luca, & algũas terras de Alemanha. Se he reyno o melhor, & mais facil modo he, que o principe cõtinue todas as cousas em que quer que os seus vassallos se exercitem. Porque o principe he no seu reyno, como a razãõ no homem, sendo a mente com que todo se governa, & assi naõ deixarã de seguir o caminho por onde elle o guiar: pois o appetite que no homẽ muitas vezes desbedece à razãõ no rey no he obediente; porque ou o temor o refreia, ou a esperança o extingue de todo, estando na mão do principe o castigo que todos os homẽs temem, & a honra, dignidades, & riqueza que todos appetecem. E assi diz Cornelio Tacito, que aconselhauã a

*Corn. Tac. ci. l. 1.*

Tiberio,

que fosse aquietar as legiões que se tinhaõ amotinado em Alemanha, porque (diz elle) vendo o seu principe em quem estã o supremo poder de castigar, & premiar logo se aquietarã. E assi se elle continuar os exercicios militares naõ auerã quem os deixe de seguir: & isto deuia entender quem deu as leys a Esparta; porque diz Herodoto que ellas obrigauã os seus reys a ser os primeiros que entraessem nas batalhas, & os vltimos a se retirar. E assi todos os que escreuem as historias Gregas louuã muito o animo cõ que os Espartanos peleijauã nas batalhas, & tendo diante o exemplo do seu rey naõ podião deixar de ser animosos. E por isso que fez as leys obrigou com ellas a entrar animosamente nas batalhas sõ aos reys, porque isso bastaua para todos fazerem o mesmo, & se as leys obrigãõ sõ aos vassallos, se os reys seguissem outro caminho scriã de pouco effeito: porque como diz Cornelio Tacito o costume do principe he mais poderoso que a ley. E assi todos fizeraõ seguir aos subditos o que elles costumauã, naõ sendo para isso necessarias leys: polo que no tempo de Trajano ouue juyzes justos, & no de Tiberio falsos accusadores, & do mesmo modo em todos os outros tempos seguiraõ os homẽs sempre a natureza do principe. E porque Pirro entendia isto estudou sempre (como diz Plutarcho) a Arte Militar; porque tendo elle necessidade de bõs soldados naõ entẽdeo que auia melhor modo para lhe naõ fallarẽ, porque sendo elle o melhor capitaõ do mundo, como entendia Annibal, este sõ deuia ser o fim com que sempre se exercitou na Arte Militar; pois para si naõ tinha necessidade de tanto exercicio. E isto se proua com todos os grandes capitães que teue o mundo; porque Pompeyo, segundo Appiano Alexandrino, sendo ja velho, & tão reputado entre os Romanos, como se vè no que delle se escreue, em quanto leuantaua o exercito cõtra Cesar todos os dias se exercitaua cõ os soldados trabalhando mais do que as suas forças, & idade permitiã; porque sendo elle entãõ o principe d'aquella republica, & tendo necessidade de bõs soldados entẽdeo que naõ auia para isso outro melhor meyo que exercitar-se com elles. O mesmo fazia Scipiãõ o mayor Africano sendo Emperador do exercito de Espanha. E

*Hero. l. 6.*

*Corn. Tac. ci. l. 3.*

*Plut. vit. Pirr.*

*Plut. vit. Scipi. & Pirr.*

*Appian. de bell. Ciuit.*

pola

*Qu. Cur.* 1.3. pola mesma razaõ se exercitava Alexandre continuaméte com os seus soldados, & por isso os teve taõ bõs, como mostraõ as grandes vittorias que com elles alcançou. E assi se o principe quer que o seu reyno siga os militares exercicios seja o primeiro que os continue, que isso bastará naõ só para introduzir estes, mas para prohibir todos os que tiuer sendo diferentes; por que occupando se nos que elle continuar não ficará tempo para outros, & assi pouco a pouco se irãõ descuidando delles, & fazendo habito dos que continuaré; porque a virtude que por algum tempo se exercita persevera. E assi se os militares exercicios se continuarem perseverarãõ; pois como diz Aristotelis *Aristot. Reto. l. 1.* todo o costume he deleitoso, & se o costume for bom, & deleitar quem deixará de o seguir? Polo que continuando o principe os militares exercicios seguirãõ o seu reyno, & seguindo-os algum tempo naõ só perseverarãõ como necessarios, mas delectando se foraõ eternos. Roma he disto clarissimo exemplo, porque ficando pola morte de Romulo mais militar, que religioza succedendo Numa Pompilio dado ao culto dos seus deuses bastou continuar elle os seus ritos, & ceremonias para todo aquelle pouo se voltar às cousas da religião, & costumando isto todo o tempo da sua vida perseverou depois aquella republica na observancia da sua religião com inuiolavel cõstancia, como verá quem lèr as suas historias. E assi este he o principal meyo para qualquer reyno se voltar aos militares exercicios, continualos o seu principe. Tambem será necessario fazer algũas constituições, para que em nenhum tempo aja descuido em cousa taõ necessaria; porque o que por costume, & ley se estabelecer muito menos sujeito está à mudança: mas estas constituições se poderaõ ver no que agora se dirá que conuem à republica, para introduzir os exercitos militares.

Na republica se ha de ter diferente estylo, porque como naõ depende de hum só o castigo, ou beneficio he necessario contentar a muitos, & como em muitos homẽs ha muitas vontades, & inclinações, & polo conseguinte diferentes exercicios, q̃ hum se inclina à caça, outro ao jogo, outro a passear, outro à musica, & cada hum conforme a sua inclinação, naõ pode hum homem seguir

seguir os exercicios de todos os que administraõ no senado o governo da republica, polo que hũs se inclinaõ a hum, outros a outro, ou porque a sua natureza o pede, ou porque delle esperaõ favor em suas pretensões. E querer que todos os que constituem o senado de sua vótade se disponhaõ a seguir hum exercicio he impossivel; porque sendo iguais no poder, & diferentes nas inclinações nunca se concordarãõ. Polo que na republica se ha de começar a introdução dos militares exercicios pelas leys, & constituições necessitando cõ ellas o pouo a seguir o que ordenarem: para o que saõ necessarias duas cousas, prohibir os costumes, & exercicios que encontraõ os militares, & introduzir de nouo os que conuem. E assi quando Lycurgo chamado dos Espartanos tornou à patria, diz Plutarcho, que determinou mudar a republica, vendo que naõ teria leys se senaõ introduzia por alguem nouo modo de viuer, cõ aquella arte (diz elle) que costuma quem quer tornar à saude hum corpo cheo de muitas doencas, que primeiro com diuersos medicamentos purga a causa intrinseca do mal, & depois lhe ordena hũa dieta, ou outro modo de viuer. Mas estas duas cousas saõ taõ difficultosas, como se vê; pois hũa he tirar costumes antigos, & outra introduzir de nouo os necessarios, & conuenientes. E por isso diz Aristotelis, que naõ he menos difficultoso, emmendar a republica ja ordenada, que ordenala de nouo. E assi custou a vida a Tiberio Gracho a publicação da ley agraria, & a Agides que reverter a Esparta as leys de Lycurgo, annulladas ja pola corrupção do tempo. E por isso (como diz Quinto Curcio) ordenado Alexandre as cousas do Egypto, não mudou cousa algũa dos costumes da terra; porq̃ tendo ainda por acabar a mayor parte da guerra, se mudara aos Egypcios os antigos costumes, pudera se temer algũa rebelião com q̃ impedira o curso das suas vittorias. E assi he necessario vsar não de prohibições, senão de hũas transmutações, com que suauemente se venha a introduzir o q̃ se pretende. Quando Hercules passou de Espanha a Italia, diz Dionisio Halicarnasio, que costumavaõ os Italianos sacrificar homẽs a Saturno, os quais adornados a seu modo, com as mãos & peis atados deitauãõ no Tibre, & que parecendo a Hercules hum

*Pluta. in vit. Licu.*

*Aristot. Pol. l. 4.*

*Appia. Alex. de bell. ciui.*

*Pluta. in vit. Agi. Qu. Cur. l. 4.*

*Dion. Ha. lic. l. 1.*

hum brutissimo costume, para o prohibir, & introduzir os sacrificios conuenientes, segundo o gentilico rito, fez hum altar no monte Saturnio, onde primeiro em Italia, se queimaraõ victimas, & que ordenou, porque os homẽs senaõ alterassem deixando de todo os antigos sacrificios, que em lugar dos homens que sacrificauaõ se fizessem hũs de palha, & que adornados do mesmo modo que os viuos os deitassem no Tibre. E deste modo ficou prohibindo suauemẽte este barbaro costume, & introduzindo o que lhe parecia conueniente. O mesmo se farã para introduzir suauemente os militares exercicios, & prohibir os inuteis; porque o rigor que se vfa contra o costume dos pouos sempre resulta em graue danno, se com a força das armas senaõ tem quietos os animos dos homens, & porque vfar a força, & violencia das armas he tambem perigoso, pola occasiaõ que se dà à tyrannia, & à guerra ciuil, naõ ha outro meyo mais suaue, & conueniente que ordenar de modo as cousas, que naõ se tirando os antigos costumes, com elles mesmos se introduzaõ os necessarios. E assi se a republica costumara ter festas publicas em certos tempos do anno, nas quais se exercitẽ effeminados jogos, & passatempos, naõ se tiraraõ as festas, mas em lugar dos inuteis exercicios se ordenaraõ nas mesmas festas outros, q̃ sen do militares tambẽ delcitem. E naõ he cousa noua celebrarem se as festas com os militares exercicios, ou jogos, porque assi o costumaraõ as nações mais illustres que teue o mundo, que os jogos Pythios, celebrados polos Gregos em honra de Apolo, eraõ militares, ou gymnasticos combates, coroando o q̃ vencia, por hõra da vitoria, cõ ramos de azinheira, como se vè em Ouidio, a onde diz que despois de Apolo vencer a serpente Pythiõ ordenou estes jogos, cujos versos dizem.

*Instituit sacros celebri certamine ludos,  
Pythia per domita serpentis nomine dictos.  
Hic iuuenum quicumque manu, pedibus ve rotant,  
Uicerat; esculia capiebat frondis honorem.*

*Com famosos combates ordenou  
Os jogos que tomado da vencida.*

*Serpente o nome, Pythios são chamados  
Onde qualquer mancebo que vencia  
No combate das mãos, ou na carreira  
Com os velozes peas, ou leues rodas  
Com as ensineas folhas era honrado.*

E nas festas Olympiadas, que celebrauã cada cinco annos em honra de Iupiter, o mesmo se exercitava, & por isso diz Ca- c. Velli-yo Vellio, que os jogos Olympicos eraõ efficacissimos para ter. histo. exercitar o corpo, & o animo. E Virgilio mostra nos Troyanos Rom ad o mesmo costume, a onde diz, que celebrou Eneas o dia annual Mi. Veni da morte de seu pay Anchises cõ estes militares exercicios; por cium l. 1. que tendo por hũ dos seus deoses, eraõ festas, & naõ execu- Virg. Æ, & assi depois de contar Eneas aos companheiros os sacrificios ney. l. 5. que lhe auia de fazer diz.

*Præterea si nona diem mortalibus alimum  
Aurora exculerit, radijsque retexerit orbem,  
Prima cita Teucris ponam certamina classis.  
Quique pedum cursu valet: & qui viribus audax  
Aut iaculo incedit melior, leuibus ve sagittis,  
Seu crudo fudit pugnam committere castu:  
Cuncti adsint: merita que expectent præmia palma.*

*Se mostrar aos mortais a bella Aurora  
Tranquillo o nono dia, alumiaando  
O mundo cos seus rayos, alem disto  
O primeiro combate serã logo  
Aos nauios Troyanos concedido.  
E quem vencer correndo, & quem co as forças  
Atais atreuido for, lançando o dardo,  
Ou as ligeiras setas, ou co cestu  
A briga acommetter mais confiado,  
O justo premio espere da vitoria.*

Os Romanos do mesmo modo todas as suas festas cõ seme-  
lhantes

lhantes exercicios celebrauão, & em algũs excedião com a ferocidade a humana natureza, ferindose, & matandose: mas o que entre elles mais se estimaua erão hũs jogos a q̄ chamauão Troya, em que combatião a pè, & a caualo como em hũa batalha cápal. E assi diz Suetonio Tranquilo, contando as festas que em Roma se fizerão a Octauiano Augusto, que frequentemente se exercitou este jogo, com escolhidos moços grandes, & pequenos, & que era este hum generoso costume em que se conhecia a virtude, & valor dos moços de nobre geração. O mesmo diz Dion Nisceno na vida de Cesar. E os nossos mayores com que celebrauão as suas festas senão com bellicosos exercicios? lutando correndo a pè, & a caualo, justando, & fazendo semelhantes cousas, do que ainda em algũas partes deste reyno se vem algũs pequenos vestigios? E se os homẽs soubèrão quanto mais gloriosa he a coroa de louro ganhada com a propria virtude, que a das flores colhida por delicadas mãos, mais quiserão apparecer na sua patria adornados com ella, que passar a vida nas delicadezas deste tempo. Mas fazendo esta transmutação se virà a introduzir em toda a republica hum generoso costume dos militares exercicios, cõ que toda ella alcançará o habito da perfeita fortaleza: porque tambem deste modo se ficarão prohibindo suauemente as cousas que a encõtraõ; porque como sã nas festas determinadas se permite andarem polas ruas as danças, mascaradas, & mais inuencões de inuteis passatempos, se nellas se fizerem as festas, & jogos apontados não ficará lugar para se continuarem os outros. O mesmo se fará nas outras cousas: & assi se a republica continuar cõ excessõ os estudos das letras deuese acudir a este danno, fazendo que em algũas das escolas onde a grãmatica, & outras doutrinas semelhantes se liaõ, se ensine em lugar dellas a Arte Militar, fazendo ouir aos que ouuerẽ de ser soldados, que aos mais basta sã exercitar se (como està ditto) na gymnastica, & os que assi a aprenderem, não vsarãõ outra algũa arte; porque assi como lenão consente q̄ hũ mesmo official seja juntamente alfayate, & çapateiro, assi tambem conuem que o soldado sã exercite a Arte Militar. E assi diz Platóo mais conta de uemos ter da Arte Militar, que da do çapateiro,

Sue. Trã  
qu. in vi.  
Octauia.  
August.

Dio. Nic.  
in vita  
Cesa.

Pl. Rep.  
l. 2.

do çapateiro, & nós não queremos que o çapateiro, o laurador, & qualquer outro artifice faça mais que a sua arte, & importando mais a arte da guerra, o mesmo se deue fazer, não exercitando outra desde mininos os que ouuerem de ser soldados. E assi mudando sã o modo do estudo se virà a introduzir o necessario. E não se faça disto pouco caso; porque com o nome desta virtude do estudo das letras se encobrem vicios muito perjudiciaes; porque como diz Philo he costume dos viciosos, & couardes encobrir com honestos vocabulos torpissimos vicios, & assi diz elle, *Ignavi cantos se vocant, timidi consultos, segnes prouidos, pratexendo vitia turpissima honestis vocabulis.* E assi os que neste tempo se dão ao estudo das letras, não seruem na guerra, porque sã letrados, não se aventuraõ na defensão da patria, porque os doutos sã para conselho, & não para pelejar, & cõ esta honesta capa se encobrem a priguiza, & couardia. E por isso começando Roma a se dar toda às letras Gregas, diz Plutarcho, que o sentio muito Catão, temendo que delectandose os mancebos dellas desprezassem a gloria da guerra, & procurou que os que as ensinuaõ se saysem de Roma. Os catholicos não podemos fazer isto taõ rigurosamente; porque não podemos deixar a sagrada Theologia, & santos Canones, que sã a deffensa, & ornamento da nossa verdadeira religiãõ, mas em hum reyno hũa escola basta; que para dar leys a Esparta bastou hum Lycurgo, & a Athenas Solom, & a Roma Numa Pompilio, mas para defender estas republicas não bastarãõ muitas vezes todos os seus naturais. Responderse ha a isto que os capitães Gregos, & Romanos que o mũdo celebra erão Philosophos, & oradores, o que he verdade, mas entãõ erãõ os capitães Philosophos, & agora não sãõ os Philosophos capitães. Polo que sendo a republica muito dada ao estudo das letras se mudarãõ as escolas de grammatica em gymnasios da Arte Militar, onde os moços nella se doutrinem, & assi mudando a sorte do estudo se virà a instituir hũa militar disciplina, & com ella se alcançará a verdadeira fortaleza. E he cousa de muita consideração, que sendo a Arte Militar tanto mais necessaria que todas as outras, sã ella senão ensina tendo as de menos importancia tantos mestres,

Phil. de  
fortitu.

Plut. in  
vit. Catõ.

Pla. Rep.  
l. 5.

& he impossivel que nenhũa arte se sayba bem sem se aprender muito particularmente. E assi diz Platão, os filhos dos oleiros quanto tempo gastão em olhar os pays como fazem os vasos? & primeiro os seruem que fação algum: deuem estes (diz elle) ter mais cuidado em doutrinar seus filhos, que os soldados? Polo que se em arte de taõ pouca importancia se põe tanta diligência, porque na Militar ha tanto descuido? Põe hum homem hũ filho a çurrador, & outro a jurista, porque não porã outro a soldado? mas não pode ser, porque não ha a donde esta Arte se ensine, polo que conuê muito os estudos onde se aprenda deixando os demasiados, que trattaõ de outras artes.

Dig. tit.  
de aleato  
rib<sup>o</sup>, legi.  
solët, &  
in quibus

Nos particulares exercicios, & passatempõs se seguirá a mesma ordẽ. E assi se a republica se der toda aos jogos de cartas, & dados se ordenarã que em lugar delles se joguẽ a pella, palama lho, choca, xadrez, & outros semelhantes, onde cõ algũ exercicio se ganhe mais por virtude, & destreza, que por fortuna. Os Romanos ordenarã o mesmo mandando pôr hũa ley que ninguẽ jugasse a dinheiro jogos occiosos, permitindo só aos referidos. Estes jogos també tem algũa cousa da militar disciplina; porque nelles se exercita o corpo, & engenho; como em o xadrez disposto para as estratagemas da guerra. E os outros jogos de cartas, & dados sempre sãõ perjudiciaes; porque mais se exercitãõ por cobiça, que por entreter, & assi deste costume vem a fazer hum habito, que por ganhar facilmente se commetterã qualquer baixezza; & em fim sempre he cousa impia, pois o desejo de ganhar faz dos amigos inimigos, & assi muy ordinariamente he causa de desordens, principalmente entre os soldados: & na guerra, qualquer inda que pequena faz muito danno. E alem de serem todos estes jogos de cartas, & dados villissimos, por não terem em si cousa algũa generosa, sãõ muito poderosos a corromper os animos, pola cobiça do ganho, & por isso os Egypcios mandauãõ pôr hũa ley que nenhũ jogador pudesse accusar outro, nem ser testemunha contra ninguem; & com razão; porque quem como inimigo procura por cobiça fazer danno ao proprio amigo, ganhando lhe a sua fazenda, que fará contra qué não tiuer por amigo, ou for inimigo? E

Cubilão

Cubilão entendia bem quaõ vil cousa sejaõ estes jogos; porque indo por embaixador dos Lacedemonios a Chorintho, para fazer liga com os Chorinthios, vendo ao tempo que queria dar a embaixada, que estauãõ jugãdo os dados os mais velhos, & graues senadores, se tornou sem lhes falar, dizẽdo, que não queria escutecer a gloria dos Espartanos, com se dizer que faziaõ liga com jogadores. E assi conuem tirar da republica este vil, & inhumano vicio ordenando em lugar destes jogos outros de pouco dinheiro, & a onde com algum honesto exercicio se estime mais a gloria de vencer, que o proueito do ganho. Nos mais costumes que parecerem contrarios à militar disciplina, & politico governo se seguirá a mesma ordem, & deste modo se prohibiraõ os delicados, & corruptos exercicios, & se instituirãõ os militares, com que se alcançará a militar fortaleza, & a republica ficarã segura de ser em algum tempo opprimida dos inimigos que a accõmetterem; porque diz Aristotelis, que aqueles que querem que a sua republica estẽ segura, conuem que a parelhem hũs temores, no que quer dizer que estẽ continuamente apercebida; porque o que teme se apercebe, & assi diz elle, q̃ o homem que teme entende com mais vigilancia na guarda da sua republica. E por isso diz C. Vellio, q̃ Scipião abrio primeiro o caminho a grãdeza dos Romanos, & os que vieraõ despois delle à laciuiã, porque tirado o medo de Carthago, & destruida a competidora do imperio não pouco a pouco, mas com precipitado curso deixãõ a virtude, & seguirãõ os vicios, & que desamparando a antigua disciplina, tomãõ outra noua, mudando a cidade das vigias ao sono, & das armas as dilicias. E Valerio Maximo diz, que quando se ganhou Carthago disse Q. Metello, no senado que não sabia qual fosse mayor se o danno, ou o proueito que o pouo Romano alcançara; porque assi como lhe era vtil fazer pazes com os Carthaginezes, assi lhe vinha a fazer danno tirar Annibal de Italia; porque quando viera a ella se resentira a virtude que estava dormida nos peitos dos Romanos, & que affirmãua que era muito para temer que sendo liure de tamanho aduersario não fossem os Romanos opprimidos do mesmo sono: & assi pois os temores asseguraõ a republica,

Aristot.  
Pol. l. 5.

Idem.

C. Velli.

Pater. hi

Ro. Rom.

ad. M. ni

nici.

Va. Ma

xi. li. 7. c.

blica, porque os que temem se apercebem, estê sempre a república apercebida com os militares exercicios, que assi ficará segura de perder a sua liberdade, & imperio.

## D O P R E M I O, E C A S T I G O.

### Parte III.



Cicer. ad  
Att.

SSI Como os ceos tem dous pótos fixos sobre que se mouem, conseruando o mundo co seu mouimêto, sem o qual pereceria: do mesmo modo as respublicas tem outros dous polos, sobre os quais mouendo se continua, & vniformemente se conseruação, estes são o premio, & castigo, & assi disse Solom, que estas duas cousas conseruação a re

publica. E nenhũa sem ellas se poderá conseruar, que sem premio não se farão obras boas, & sem castigo não se deixaráo de fazer as más. Isto nos mostra Deos nosso Senhor, porque querendo que os homês se saluassem, para reparar a cayda dos Anjos com a subida delles, em todas as partes a onde nos mostra o caminho por onde auemos de chegar á bemauenturança nos propõe o castigo de nossas culpas, & o premio das obras virtuosas. E assi dando a ley a Moyse, diz, não façais, nem adoreis os simulacros das imagês que estão no ceo, na terra, & na agoa, porque eu sou o vosso Deos forte, que castigo até a quarta geração os que me desobedecem, & faço infinitas misericordias aos que me amão, & guardão a minha ley. E o mesmo se verá em todo o testamento nouo, a onde **C H R I S T O** Senhor nosso, que para nos saluar veo à terra, como elle diz por Sam Marcos, em todas suas praticas propunha sempre o premio dos bõs, & o castigo dos mãos, como se vê

Exod. ca.  
20.

Deu. c. 5.

Marc.  
cap. 9.

se vê no Euangelho de São Matheus, nos capitulos 5. 6. 7. 10. & 11. & no 13. com estas palauras parece que quis rematar tudo o que sobre isto se podia dizer. *Mittet filius hominis angelos suos, & colligent de regno eius omnia scandala, & eos qui faciunt iniquitatem: & mittent eos in caminum ignis, ibi erit fletus, & stridor dentium. Tunc iusti fulgebunt sicut Sol in regno patris eorum.* Mandará o filho do homem os seus Anjos, & ajuntaráo todas as offensas do seu reyno, & todos os que obraão maldades, & deitaloshaão no fogo, onde auerã pranto, & apretar de dentes, & entãõ os justos resplandecerãõ como sol no reyno de seu pay. E assi entendo Deos nosso Senhor, que era necessario mostrar aos homês o castigo que auiaão de ter suas culpas, & o premio das obras virtuosas, para q̄ deixando os vicios seguissem as virtudes, com que auiaão de alcançar a vida eterna, & reparar a cayda dos Anjos occupando as cadeiras que ficaraão vazias. No que bem se mostra, que para os homês obrarem como conuem são necessarios o temor do castigo, & a esperança do premio. E por isso diz Philo, que se castiguem as maldades, porque ainda que sejaõ abominaueis, aos insipientes aproueita muito o castigo, como ao corpo enfermo as medicinas, & a esperança, diz que he alimento das almas que amaão a virtude: & que por respeito della mouemos a priuigiça ainda que de sua natureza se leua forçadamente às obras virtuosas. E assi como hum caualo tem necessidade de freo, & esporas, para ser do caualeiro manejado com destreza difficoltosamente se encaminharã o homem a fazer obras virtuosas, & deixar as contrarias sem o freo do temor do castigo, & a espora da esperãça do premio. E assi diz Diogenes Laercio, que são necessarios o louuor, & a vergonha, como o freo aos caualos. Porque em quanto o espiritu està vnido com o corpo alcança a noticia das cousas por meyo dos sentidos corporais, & assi se não tiuer o temor do castigo, & a esperança do premio, que às obras virtuosas o incitem, sempre seguirã as cousas que os sentidos aprouarem, que seraõ conforme a natureza do corpo. E por isso diz Aristotelis, que da virtude todos julgaão que tem o que lhes basta ainda que seja pouca: mas que das riquezas, dinheiro, & fama, & cousas semelhantes querem cõ excessõ infini-

Matth.  
c. 13.

Phil. de  
agri.

Idẽ de eo  
quod de-  
terius po-  
tiori insi-  
diari so-  
leat.

Diog. La  
er. li. 5. in  
vit. Licõ.

Aristot.  
Pol. l. 7.

nito, porque da virtude não pode julgar os sentidos, & das outras cousas si. Polo que deixando a virtude procuraõ alcançá-las: & assi vemos em toda a parte mais homens occupados nas pretenções da riqueza, & honras, que no desejo das virtudes. E *Idem 15*, por isso diz Aristotelis, que a nobreza, & a virtude todos a vsurpaõ em palauras, mas que em nenhum lugar se acharaõ cento que sejaõ perfeitamente nobres, & virtuosos. E assi para que aja muitos na republica sigase a doutrina q̄ Deos nosso Senhor nos prègou, ordenando premio para os bõs, & castigo para os mãos, premiando a cada hum segundo as suas obras. Porque o temor do castigo como freo deterà os mãos na carreira de suas maldades, & a esperança do premio farà aos bõs trabalhar pelo alcançar. *Phil. de* *premiis,* *Opænis* *ma gemellis est gravida, quippe qua malum, & bonum concepit ex utriusque imaginatione ubi vero in beatam felicemque partem incidit ad bonum proclinet perpetuo, non amplius ambigua pendens in aequilibro at cui præter bonum ingenium instructio quoque bona contegit.* Em todos os homês a alma de seu nascimento està prenhe de dous gêmeos, porque logo concebe o mal, & o bem de hũa, & outra imaginaçãõ, mas a donde acertou hũa boa natureza ao bem se inclina perpetuamente, não pendendo com ambiguidade, mas alem do bem engenho lhe he necessario ter boa doutrina, & instituiçãõ. E pois atè aos homês de boa natureza he necessario ser bem doutrinado, como se pode esperar que sem o premio, & castigo, os que não seguirem por sua natureza a parte boa, obrem como conuem á republica, seguindo as virtudes, & deixando os vicios? Polo que se deuem ordenar premio, & castigo para que excitados da esperança obrem os homês cousas virtuosas, & temerosos do castigo deixem de cometer as contrarias.

Muitos, & muy grandes premios se alcançaõ com a virtude, os quais obrigarãõ todos os homês a seguilla se a fraqueza humana lhos deixasse conhecer perfeitamente. Porque a virtude he apartamento dos vicios, & hũa possessãõ das virtudes, & assi quem a segue deixa a intemperança, a crueldade, a injustiça, & coulas semelhantes, & alcança a temperança, a clemencia, a justica, & as mais virtudes, que he o mayor premio que nas cou-

fas

fas humanas pode auer; porque as riquezas, imperios, & honras em breue tempo, ou se perdem, ou se deixaõ co a vida, mas as virtudes permanecem eternamente na alma. Diz Plataõ que aos mãos serà de grande proueito, pois a alma he eterna, liurar se do corpo, & de suas maldades. E assi se he vtil ao mão perder vida por deixar as maldades que nella cõmetia, grande premio he seguir na vida as virtudes, pois co ellas se deixaõ as maldades. He outro premio da virtude a constancia nos perigõs, & a paciencia nas aduersidades; porque sem cõstancia não se vencem os perigos, & perde se a honra, & sem paciencia qualquer pequena aduersidade parecerà insuffriuel, dando grandissima molestia a quem a padecer: & assi saõ clarissimo premio da virtude a constancia, com a qual se ganha honra vencendo os perigos, & a paciencia, com que ficaõ leues as aduersidades. E assi diz Cicero, que não ha cousa algũa que honre tanto, como a constancia em todas as cousas que se haõ de fazer, & em todos os conselhos. E a paciencia diz, que he causa das cousas honestas, & proueitosas: & assi saõ grandes dous premios da virtude a constancia, & a paciencia. Alcançase da virtude outro grandissimo premio, que he a confiança com que aparece em toda a parte; porque o vicio de sua natureza teme andar em publico, & assi diz Philo. *Omnem malum esse exulem, ciuitas enim sapientium propria virtus ipsa est, in hanc quisquis admitti nequi exulat, & nemo malus vnquam in eam admitti potest, ergo solus malus hinc pellitur, & exulat.* Todo o mão he desterrado, porque a cidade he propria dos sapientes, & esta he a virtude, que todos a admittem, & ninguem a desterra, & ninguem pode em nenhum tempo admittir na cidade algum mão, & por tanto sò o mão della se deita, & desterra. Em quanto Adão esteue em graça não se apartou da presença de Deos, & como peccou logo se escondeo, & não teue confiança para aparecer diante de Deos, como se elle o não vira em toda a parte, mas como o peccado de sua natureza desconfia de aparecer em publico, elle mesmo obrigou Adão a se esconder, & se conseruàra a graça tiuera o premio della, na confiança có que apparecêra, como terá todo aquelle em quem a virtude não faltar. Porque diz Salamão, *Fugit impius nemini persequente: iustus*

*Pla. Fed.*

*Cicer. de offici.*

*Cicer. de inn.*

*Pb. sacræ legis allegoriatâ, l. 2.*

*Gen. c. 3:*

*Prou. 28,*

*autem*



*aurum quasi leo confidens absque terrore erit.* Foge o mão não o perseguindo ninguém, mas o justo será sempre confiado, & sem medo como o leão. E deixando outros muitos premios, que com a virtude se alcanção o mayor de todos he, que ella em si mesma tem o premio: tirando o supremo da bemaventurança, que só se recebe da infinita misericordia de Deos, ainda que a virtude seja como meyo que a justiça toma para a misericordia se manifestar, mas não sôbe tão alto este discurso: polo que tornando ao que se tratta. O mayor premio da virtude (como está ditto) he que ella a si mesma se premia, porque he tão illustre, & generosa que ella só he premio de si mesma, os titulos, as honras, & fazenda que os homés alcanção dos reys são premios de outras cousas, mas a temperança, a justiça, a fortaleza, a confiança, & mais virtudes, são premio da mesma virtude, de sorte que sendo hum virtuoso tem todas estas virtudes, que são o premio da virtude. E por isso diz Philo que a virtude se deve hórar só por si mesma, porque nenhũa outra cousa té em si o premio do seu merecimento, polo que tambem lhe chama raynha, porque assi como os reys se honrao, & premião a si mesmos com as obras generosas que fazem nos seus estados, a virtude em si mesma té a honra, & o premio dos seus merecimentos. Mas como estes soberanos premios da virtude são conhecidos só do puro entedimento, que a possui, & não são objecto dos sentidos corporais, a alma que por meyo delles alcança as cousas tem necessidade de outros premios de que elles possuão julgar, para por elles vir em conhecimento da virtude, & por ella destes soberanos premios, polos quais depois de a possuir fará todas as suas obras: & assi he necessario ordenar premios ás obras virtuosas, que se comprehendão dos sentidos corporais, para que elles incitem os homés a fazellas. E por isso se constituirão em todas as republicas bem ordenadas, como que sem elles era impossivel auer homés virtuosos. E assi diz Xenophonte, que ordenou Lycurgo nas suas leys premios a todos os Lacedemonios segundo o merecimento de cada hum, & que daqui succede que elles entre si se fazem muito illustres, & entre os estranhos muito valerosos. E o mesmo ordenou (como diz Aristotelis) Hippadamo

*Phil. leg. allegoria xum l. 2.*

*Idem l. 1.*

*Xenoph. de Repu. Lacede.*

*Aristot. Pol. l. 2.*

man

mandando nas suas leys, que fosse premiado aquelle que fizesse, ou achasse algũa cousa vtil à cidade. E este só remedio entendo de Xenophonte que ha para os estados se engrandecerê, dizem *Xenoph. Hiero.* que se todos soubessem que não auia de ficar sem premio aquelle que fizesse algum bem à republica isto despertaria infinitos ao estudo de achar algum beneficio. E assi conuem muito, para ser bem gouernada a republica, auer premios para os que bem a seruirem, & por suas obras o merecerem; porque o desejo delles fará que todos sigão as obras virtuosas, & os virtuosos sustentarseão na sua virtude: porque (como diz *Va. Mario Maximo*) dar hõras he fertilissimo nutrimento da virtude. *xi. l. 2. c. 1* E assi referindo Plataõ, que Homero escreue que Ajax era honrado de muitos que o seguiaõ polo seu valor diz, que isto conuem muito, porque o valor, & esforço cresça có as honras. De toda a gente que constitue a republica a nenhũa se deuem dar tão grandes premios, como aos soldados. Porque assi como a sua arte he mais illustre, & necessaria (como se disse no segundo discurso) assi deue ter mayores premios, & tambem, porque elles com trabalho do corpo, & do espiritu trattão da mais importante cousa da republica, que he da sua guarda, & segurança, & os que a gouernão na paz, com descanzo, honra, & decoro, administraõ seus cargos. E conuem que os premios que aos soldados se ordenarem sejaõ muy certos; porque sendo certos os perigos não deuem ser duuidosos os premios, que por premios duuidosos ninguém se aventurará a perigos certos. E assi nunca ouue em nenhũa republica determinados premios senão para os soldados, que na guerra fizessem obras que os merecessem; porque em nenhũa historia se lê q os Lacedemonios, Athenienses, & Romanos tiuessem determinado os premios que auiaõ de dar aos que bê administrassem as cousas politicas, sendo certos, & infalíveis os que dauão aos soldados, como se vê neste lugar de Polibio, no qual se comprende bem quanta conta os Romanos fizeraõ de premiar os soldados, é quão vtil lhes era. Porque (diz elle) illustremente incitaõ, & prouocaõ os mãcebos a entrar nos perigos; porque quando a occasião o pede, & algum delles fez algũa cousa forte, & animosamente, conuo-

*Polibi. in lib. castr. Romano.*

ca o

ca o capitão general todos os soldados, & põe à roda de si todos aquelles que fizeraõ cousas egregias, & logo lhes dà louvores sobre o feito presente, & sobre qualquer outro que em sua vida tiuerem feito digno de memoria, & louvor. Depois disto dá hũa hasta àquelle que tiuer ferido algum inimigo, mas a que o derribar, & despojar, sendo infante dà hũa raça, & aos cavalleiros hum jaez, ainda que antiguamente se lhes daua hũa hasta. Mas não ganha estes premios quem ferir, ou despojar o inimigo na batalha, ou na expugnação da cidade, mas quem correndo separado, ou na escaramuça, ou em tempo onde não aja nenhuma necessidade de se pôr a perigo, de sua propria vontade entrar nelle. Do mesmo modo quem defender algum cidadão, ou companheiro, ou o guardar he do capitão general honrado com dadiuas, & os tribunos constangem aos que foraõ saluos ( se elles alem disto não fazê algũa cousa ) a coroar o seu defensor, o qual daquelle a que saluou he toda a vida honrado como seu proprio pay, & todas as cousas lhe deve conferir, & levar como se o gerasse. E verdadeiramente tal incitação não sò os presentes, & diante dos ouuintes prouoca a combater, & à emulação nos perigos, mas áquelles que estão encerrados em suas casas. E aquelle que tem alcançado semelhantes premios, assi da gloria que teue no exercito, como da fama na sua casa, quando torna à patria nos jogos, & nas pompas, onde entra he olhado; porque sò aquelles a que pela sua virtude o general deu semelhantes ornamentos os pode trazer. E tambem nos templos põe a parte delles mais digna de se ver, por indicio dos despojos, & testemunha da sua virtude. E finalmente co esta diligencia que os Romanos tem em dar nos seus exercitos premios, & penas dignamente os successos da milicia entre elles saõ illustres, & felices. Atèqui saõ as proprias palauras de Polibio, nas quais se vê que tinhaõ os Romanos certos, & particulares premios para os soldados segundo o feito de cada hum. E com outro lugar de Cornelio Tacito se proua o mesmo, porque (diz elle) Eluidio Rufo teue o premio de saluar hũ cidadão Romano, que foy hũa cadea, & hũa hasta que lhe deu Apronio proconsul. E não sò nas palauras de Polibio se mostra a certeza dos premios militares,

Corn. Ta  
l.3.

litares, mas que elles eraõ hũa principalissima causa do valor com que os Romanos peleijauaõ alcançando grandes, & illustres vittorias. E assi toda a republica, ou principe que tiuer determinados, & certos premios aos soldados segundo as obras de cada hum, do mesmo modo terá nas suas guerras prosperos successos. E por isso Plataõ quando fala dos premios, à milicia refere todos, porque sempre por ella começa a tratar delles, & assi no segundo liuro da sua republica diz, que se constituaõ premios, & se dem muitas cousas aos moços que na Arte Militar, ou em algũa outra cousa virtuosa se auentajarem, & no quinto, que aquelle que proceder egregiamente, & for mais valeroso que todos os outros, nas expedições dos mancebos, & dos mininos deve ser coroado de todos hum por hũ. E do mesmo modo Xenophonte particularmente diz, que se premiê os soldados, falando sem expicificação nos mais premios, & assi diz elle, se algum principe (como se faz nos choros) proposer premios aos subditos, ao que tiuer melhores armas, & guardar melhor a ordẽ, è for mais destro na arte de caualgar, & peleijar com mais valor nas batalhas, & pola justiça nos ajuntamentos verisimilhe, que estas cousas melhor se façaõ pola competencia de alcançar o premio. A guerra he cousa muito repugnante à natureza, porque a natureza procura a conseruação dos suppostos, & a guerra a dissoluição delles; porque ainda que ella tenha respeito à conseruação do todo, fazendose para conseruar, ou engrandecer o corpo mistico da republica, he cruel inimiga das partes singulares, procurando a morte de quem a exercita, & assi todo o homem, que por outros accidentes não tiuer o animo mal affecto, aborrecherà a guerra, pois ella he hũa inimiga da sua vida, cousa que naturalmente todo o animal deseja conseruar: polo q̃ como serà possiuel q̃ vá à guerra cõ animo deliberado de fazer obras valerosas, metêdose a todos os perigos animosamête, aquelle q̃ incitado co premio, pola esperança de o alcançar senaõ esquecer do natural desejo da conseruação da vida? Muitos homês té hũa natural ferocidade q̃ os inclina a procurar os perigos, & entraõ nelles animosamête sem esperança de premio, mais q̃ sua propria inclinação: mas

Pl. Rep:  
L.2.

Idem l.5.

Xenoph:  
Hieron.

estes assi como obraõ mais por distincto que por discurso, o que he contra a natureza humana, que obra por discurso, & razãõ, assi ficaõ menos sujeitos às inclinações da nossa natureza, & por isso naõ té necessidade de serẽ leuados cõ a esperãça do premio aos perigos esquecẽdo o natural desejo de cõseruar a vida, & obraõ como brutos, porq̃ todo o homẽ trabalha pola esperãça do premio. E assi diz Philo. A esperança do proueito mete o mercador em varios modos de ganhar, o marinheiro esperãdo prospera viaje passa o mar, ao ambicioso leuanta a esperãça das hõras a tratar as cousas da republica, a esperãça das coroas leua os homẽs aos cõbattes gymnasticos, a esperãça da felicidade applica à phisophia o animo de todos aquelles q̃ saõ dados ao estudo das virtudes. E assi sendo a açãõ da guerra mais perigo sa que nenhũa destas, & polo consequente cõtraria à nossa natureza, como iraõ os homẽs a ella cõ animo deliberado sem a esperança de grandes premios. E assi ordenẽ se grandes, & certos premios aos soldados, para que a esperança delles naõ sò os leue à guerra, mas tambem os faça esforçados, & diligentes.

Phil. de premiis, & penis

Mas se o premio he necessario para incitar às obras virtuosas os homẽs de boa natureza, para os mãos conuẽ que aja muito riguroso castigo: porque mais facil he fazer q̃ o bẽ inclinado siga a virtude, nas cousas perigosas, q̃ naõ fazer q̃ o mão deixe as maldades nas q̃ deleitaõ a sua mã natureza, poi q̃ he mais facil a perfeiçoar qualquer cousa na sua mesma natureza, q̃ muda la na cõtraria. Os q̃ viaõ a arte chimica com pouco trabalho, & brandas fusões purificaõ os metais, mas naõ podẽ mudalos em outros sem grandissima força de fogo: & assi como he contra a natureza do mãõ deixar de cõmetter maldades, & seguir o caminho das virtudes, assi he mais difficultoso emmedalo a elle, q̃ a perfeiçoar o q̃ tiuer boa inclinaçãõ, & naõ poderã ser sem grã de força de riguroso castigo. E por isso diz o Psalmista falãdo cõ Deos, *In camo, & freno maxillas eorũ constringe, qui non approximat ad te.* àquelles que se naõ chegaõ a vòs, apertay as queixadas cõ as re deas, & co freo, & como os mãos saõ os q̃ senaõ chegaõ a Deos diz, q̃ a estes seja o castigo, como aos caualos o freo, sem o qual senaõ podẽ meter na carreira, & assi naõ se poderã trazer ao caminho

Psal. 32.

minho das virtudes sem riguroso castigo aquelle que por sua mã natureza, ou criaçãõ seguir o das maldades. Polo que conuẽ ordenar graues penas, & executalas com grande rigor, para que o temor do castigo faça diligentes, & animosos os que o naõ forem, porque assi como aos bõs confirma, & faz meliores o premio de suas obras virtuosas, aos mãos emmenda o temor do castigo. E assi despois que Polibio escreue as penas cõ que os Romanos castigauãõ os soldados polos delitos que cõmettiaõ diz, *Plurimum ex eo more capitur, & terroris, & correctionis.* Este costume de castigar he causa de grandissimo medo, & emmenda. E assi necessariamẽte ha de succeder à pena do castigo a emmenda da culpa. Isto mostrãrãõ certos soldados de Marcello, que perdẽdo por sua culpa na batalha as bandeiras castigandoos elle cõ lhes tirar a elles, & aos seus officiaes as espadas, & cintos militares ao outro dia pondoos na frente da batalha pelejaraõ cõ tanto valor, que deraõ a vittoria a Marcello rõpendo Annibal; & assi os que erãõ fracos antes do castigo despois delle ficãrãõ fortes: & por isso diz Aristotelis, que as penas que se dão polos vicios, saõ como receitas q̃ curãõ cõ contrarios, porque tirar as armas, & ornãmẽto militar antes parece que seria causa de acrescentar fraqueza, q̃ de criar nouo esforço: mas como se tirãrãõ a estes soldados por castigo da sua culpa, em virtude do castigo, este cõtrario remedio curou a fraqueza mudando em esforço. Os vicios, & as virtudes saõ habitos, & os habitos constãõ de muitos actos, logo se cõ o rigor do castigo se impedirẽ os actos viciosos naõ se poderã ter o habito de nenhum vicio, & naõ se pode estar no meyo do vicio, & da virtude; porque necessariamente quem deixar o vicio ha de seguir a virtude; porque em deixar o vicio ja a segue, & assi necessariamente, se com o temor do castigo se impedirem os actos viciosos alcançarse a virtude, & o destemperado se fará sobrio, o impaciente traua el, o couarde animoso, o reuolto so pacifico, & assi serã nas mais virtudes succedẽdo aos vicios q̃ cõ o castigo se desterrarẽ, assi como à penitencia succede a remissaõ. Se todos os homẽs forãõ de boa natureza bastaua o premio das obras virtuosas para as fazerem: mas como muitos saõ de ruim natureza

Pol. in ca. Stra. Roman.

Tito 254

Aristot. Eth. 12.

estimaraõ mais os premios de suas maldades, que os que se pro-  
 metterem às virtudes, & assi tem necessidade do castigo para se  
 emmendam. Em quanto os Niniuitas não temeraõ o castigo  
 que Ionas lhe denunciou viuiaõ com descuido em seus vicios,  
 mas como aos seus ouvidos chegou o castigo, & ao coração o  
 temor d'elle, logo mudarão a gula em abstinencia, as delicade-  
 zas em cilicios, o riso em lagrimas, as pompas em cinza, & ficã-  
 rão tão differentes do que de antes erão que senão podião jul-  
 gar polos mesmos. Das culpas que não tem castigo não se pode  
 emmendar quem as commette, né fugir dellas os que as vem  
 por castigar: porque todas as culpas té dous objectos interesse  
 de fazenda, ou gosto, & deleite da vida, em que entra tambem a  
 vingança, que não he pequeno deleite para os que segué as leys  
 do múdo, sendo assi como deixaraõ os cobiçosos postos no go-  
 uerno da republica de ajuntar dinheiro pola via que puder, né  
 os capitães, & soldados, hús corrompendo a justiça, outros fur-  
 tando os soldos, & outros roubando os pouos sem o temor do  
 castigo? nem como deixaraõ de fazer o mesmo os que viré sem  
 elle os que commettem estas, & as mais culpas? porque diz C.  
 Vellio, que não cuida ningué que para elle he afrontoso o que  
 para outros foy util. E assi se viré que ficando estas cousas sem  
 castigo são vteis a quem as cõmette julgando de si o mesmo co-  
 mo se absterão de as cõmetter? E assi he necessario que aja casti-  
 go para as culpas, para que os que as cõmetterem se emmen-  
 dem, & os outros não cayão nellas. Mas com muito mais rigor  
 se ha de executar nos soldados, que na gente politica; porque  
 são piores de emmendar os erros que se fazem na guerra, que  
 os que se cõmettem na cidade; porque està tão perto a ruina da  
 vittoria, que muito pequenos erros podem fazer inrecuperauel  
 danno, & assi diz Valerio Maximo que he necessario, para q̄ as  
 ordés militares sejam bé guardadas, ser aspero, & seucro em ca-  
 stigar quem as quebra; porque as forças consistem nas armas,  
 as quais apartandose do dercito caminho estão a ponto de seré  
 opprimidas, se logo o não são. Polo que he necessario castigar  
 seueraméte os erros dos soldados, porq̄ sem isso todas as ordés  
 militares, & o valor dos soldados irão em ruina, & cõ o castigo  
 tudo

tudo florescerà. Decrio foy desbaratado, & morto por lhe fugi-  
 rem vituperosamente os soldados, & de spois castigandoos Ca-  
 millo cõ os dizimar (que era matar de dez hū, antigo castigo en-  
 tre os Romanos) fez que hūa só legião desbaratou os inimigos  
 de que todo o exercito vilmente fugira. Em Espanha tinha po-  
 sto Quinto Metello cinco cohortes à guarda de certo lugar, do  
 qual as deitou grande força de inimigos, mas elle sentido deste  
 successo mandoulhes que o tornassem a recuperar, cõ pena que  
 qualquer soldado dellas que se retirasse aos alojamentos seria  
 morto como inimigo, o que logo fez publicar com hū bando,  
 & elles cõ o temor deste castigo véendo todas as difficuldades  
 ganharaõ o lugar que não puderaõ defender. E assi conué que  
 se ordenem grandes, & rigurosas penas aos soldados, porque o  
 temor dellas os farà não só deixar os vicios, mas seguir as vir-  
 tudes. Nas cidades todos os homés tem suas particulares habi-  
 tações, & exercicios, em que variamente se occupaõ, & assi não  
 se podem ajuntar facilmente, né conferir as suas opiniões; polo  
 que estão mais seguras de reuoltas, & motins que os exercitos  
 aonde os soldados andaõ sempre juntos trattandose cõ grande  
 familiaridade, polo que facilmente, & cõ confiança se cõmuni-  
 caõ as opiniões, & se podé concertar para seus intentos. E tam-  
 bé donde ha muitos ajuntamentos sempre succede porfias, &  
 descõposturas, de que podé nascer nos exercitos graues danos.  
 Etudo isto não tem outro remedio senão preuenir cõ o temor  
 do castigo que todos se contenté de viuer quietos. Diz Valerio  
 Maximo, q̄ no Ariopago (que era hū supremo conselho de Athe-  
 nas) se inuestigaua diligenteméte a vida de cada hū dos Atheniê-  
 ses, sabédo o que faziaõ, & em que modo se sustentauaõ, & que  
 ordenaraõ isto para que todos procuraassem viuer honestamen-  
 te lébrandose que auiaõ de dar conta da sua vida. E assi lébra-  
 remse os soldados, que os haõ de castigar polas culpas que cõ-  
 metteré, serà hū grandissimo remedio para se absteré dellas. Po-  
 lo que se deué ordenar rigurosas penas aos soldados segúdo as  
 culpas, & executandose seueramente, cõ o temor do castigo se  
 reprimiraõ os vicios, & cõ a esperança do premio (como està  
 ditto se prouocaraõ as virtudes.

Tendo ja mostrado quaõ necessarios sejaõ o premio, & castigo conuem agora tratar das cousas que se hão de premiar, ou castigar, & que premios, & castigos se hão de dar: mas dos castigos não se dirã aqui mais que o necessario para o conhecimento do que se ha de castigar; porque o mais pertence a segunda consideração. Todos os vicios, & virtudes procedê do consentimento da vontade, & assi diz Sancto Thomas, que sã na vontade cayê o peccado, & do mesmo modo a virtude; porque a vontade he hũa potencia irasciuel, & concupisciuel, & como diz Sancto Thomas pode se dizer irasciuel em quanto quer impunhar o máo, *Non ex impetu passionis, sed ex iudicio rationis*, E que do mesmo modo se pode dizer concupisciuel polo desejo do bom. Todo o homem tem liure aluidrio de obrar bem, ou mal, & o liure aluidrio não he outra potencia diuersa da vontade, pois como diz Sancto Thomas, assi como o entendimento, & a razão não são duas potencias senão hũa, assi a vontade, & o liure aluidrio não são duas senão hũa sã potencia, logo a vontade he a que obra bem, ou mal, pois he a mesma potencia com o liure aluidrio polo qual se obra bem, ou mal. E assi da vontade procedem todas nossas obras mãs, ou boas; porque ainda que a razão impe re, & mande a vontade, pode não lhe obedecer, & não lhe obedecendo não se obrará, & não se merece, ou desmerece senão polas obras; porque (como diz Philo) o vicio estã no habito, & no mouimento, & as virtudes que senão manifestão com obras diz, que não são virtudes. Daqui se segue que senão deuem premiar, ou castigar senão as obras que procederem da vontade; porque se ella he causa das obras boas, ou mãs, & as boas se deuem premiar, & as mãs castigar, às obras da vontade se deue dar o premio, ou castigo. E assi diz Aristotelis, que às obras voluntarias, ou da vontade se deue os lououres, ou vituperios, que he o mesmo que premios, ou castigos. Polo que antes q se determinê os premios, ou as penas, conuem saber quais são as cousas voluntarias, ou não voluntarias: & por isso diz Aristotelis tratando da instituição das leys, que he necessario aos que as estabelecê, para constituir os premios, ou penas, saber quais são as cousas voluntarias, ou inuoluntarias: & assi agora se tratarã

tarã dellas mostrando quais são hũas, & outras.

De quatro modos são todos os successos das cousas humanas: porque hũs são necessarios, outros a caso, outros violêtos, & outros voluntarios. Necessario he aquillo que não pode não ser, & que necessariamente ha de succeder de hum certo modo, ou por respeito do principio material, ou natural, & absoluto, & tambem o que não pode não ser por algum intrinseco agente, ou fim. Nenhũa cousa que deste modo succeda se dirã que he voluntaria, tirando as que por respeito do fim se fizerê, porque estas não repunhaõ a vontade, quando sem ellas senão pode alcançar o fim que se pretende, estas se entendem de dous modos, ou que sem ellas senão pode alcançar o fim, ou que são necessarias para o alcançar melhor, como se quizer defender a patria do inimigo que a procura ganhar, com a força da guerra, que senão pode alcançar este fim de a defender sem fazer tambem guerra, & para a fazer bem são necessarias armas, & boas armas, & destros soldados. As cousas que succedem a caso são todas aquellas que acontecem contra a opiniaõ dos homês, como se estando hum soldado atirando à barreira se atraueffasse diante outro ao tempo que elle disparaua o arcabuz, & o mataffesse, ou atirando a vulto aos inimigos mataffesse o capitaõ delles. Estes acontecimentos, a que vulgarmente se chama fortuna, ou fado, não são outra cousa senão hũa ordem da diuina providencia à qual todas as cousas estão sujeitas. E assi o diz Sancto Thomas, de sorte que não ha fado, fortuna, nem caso, senão a providencia de Deos: mas com estes nomes se declaraõ os successos não ordenados pola vontade dos homês, os quais são todos inuoluntarios. As cousas violentas são todas aquellas que se fazem contra vontade de quem as padece, como se estando certos soldados à guarda de hũa fortaleza ella se ganhaffesse polos inimigos derrubando, com a violenta força da artilheria, hum lenço de muro não se dirã que foy a respeito dos que defendiaõ successo voluntario, senão violento. E as cousas voluntarias absolute são todas aquellas que se fazem voluntaria, & não necessariamente, & as que depois do primeiro acto puderaõ ser de outro modo, como serã ir à guerra, quando liuremente se vay a ella, q

Depois deste primeiro acto da vontade todos os que se fazem estando nelle são tambem voluntarios; porque o que he bõ soldado puderao ser mão, & se hum dia peleija bem també podia peleijar mal. E assi a conclusãõ de tudo isto he que sò são cousas voluntarias as que liuremente se fazem que puderaõ ser, & não ser, & que puderaõ ser de outro modo, & aquellas que ainda que são necessarias, se querem para alcançar algum fim voluntario: & deste modo não terãõ premio, nê castigo as cousas que necessariamente succedê, nem a caso, ou violentamente, nê as que se fazê por respeito do fim, quãdo o fim não for voluntario. Mas as cousas q̃ são voluntarias por respeito do fim se forê dignas de castigo se lhe darã, é ainda q̃ Aristotelis diz, q̃ algũas vezes se louuaõ aquelles que fazê algũas cousas torpes por respeito de algũas grandes, & honestas (*Non sunt facienda mala, ut veniant bona.*) E assi os voluntarios males sempre se deuem castigar, não respeitãdo o fim, & os voluntarios bês se premiaraõ, & os necessarios, quando sejaõ por respeito do fim honesto, & voluntario. Contra isto (segundo Polibio) era o costume dos Romanos; porque diz elle, que não dauãõ premios aos soldados que feriaõ, ou matauaõ algum inimigo quãdo combatiaõ na ordem da batalha, ou nos assaltos das cidades, senãõ aos que fõra da ordem, & quando não auia necessidãde de se pôr a perigo se metiaõ nelle, & Iusto Lypcio aproua este modo de premiar: mas o contrario se farã; porque, ainda que o soldado de necessidãde estando na ordem da batalha ha de procurar matar os inimigos, voluntariamente chegou aquelle acto, & voluntariamente nelle ha de combater com mais, ou menos feruor. E assi não desmerece o soldado que na batalha faz valerosamente o que lhe toca, pois pudera ser de outro modo, & aquelle voluntario esforço he digno de premio, como o contrario o serã de castigo. E algũas vezes aconteceo, & pode acontecer muitas, deixarem se vencer os soldados voluntariamente, & també voluntariamente vencerem, sem serem obrigados da necessidãde de combater, como se vê em Tito Liuio deixandose vencer os soldados Romanos polo odio que tinhaõ a Lucio Papiro seu capitaõ, & despois ganhãdo elle as vontades, mudãdo o odio

Aristot.  
Eth. l. 2.

Elpici. de  
Milit.  
Rom. Dia,  
17.

Tit. Livi  
D. 1. l. 8.

odio em afeiçãõ, desbarataraõ na primeira batalha os inimigos, de quem por sua vontade antes se deixaraõ vencer. E pois os soldados ainda que estem nã ordem da batalha, onde de necessidãde haõ de peleijar, voluntariamente o faraõ bê, ou mal, não se deuem deixar sem premio os que nella valerosamente combatterem. Antes ao reues do que diz Polibio, & louua Iusto Lypcio, se deuem castigar os soldados que sem ordem, ou necessidãde se meterem em voluntarios perigos, porque pôde succeder que por acudir ao perigo de hum se ponha todo o exercito nelle. E o soldado não he membro separado do corpo do exercito, & assi como todos os membros do corpo humano ajudaõ à conseruaçãõ do supposto segundo as necessidãdes que se offerecê, assi o soldado que he hum membro do exercito não se ha de aventurar senãõ nas cousas necessarias à conseruaçãõ, & vittoria do mesmo exercito, & o que assi o não fizer merece castigado, & o que se aventurar animosamente por salvar o exercito, ou peleijando na batalha, ou em qualquer outra açãõ deue ser muito bê premiado. Plataõ segue esta opiniaõ, porque diz. Eu julgo que aquelle que na batalha sayr da ordem, ou deitar de si as armas, ou por temor fizer algũa cousa semelhante, se mande viuer entre os artefanos, ou lauradores: & a donde se merece castigo tambem se merece premio. A todo o extremo vicioso responde outro virtuoso, & se o vicioso merece castigo, o virtuoso, porque não merecerã premio? Fazer couardias na batalha he hum extremo vicioso, & fazer obras esforçadas he outro virtuoso, se o que segue o primeiro, merece ser castigado, o que animosamente peleija deue ser premiado. E assi o costumãdo fazer os Gregos; porque (como diz Herodoto) despois que Xerxes sayo de Grecia se juntaraõ no Istmo, os Gregos que o desbarataraõ em Salamina para se julgar a quem se auia de dar o premio de peleijar melhor na batalha. E assi não como diz Polibio se premiaraõ os que combatterem fora da ordem, & sem necessidãde, senãõ aquelles que na batalha, & quando a necessidãde o pedir peleijarê valerosamente: mas não se daraõ premios a todos os que na batalha matarê algum inimigo, mas aos que nella melhor peleijarem, & fizerê cousas mais generosas. E assi

Pla. Rep.  
l. 5.

Hero. l. 2.

*Dion. Ha*  
*lic. l. 5.* o vsauão os Romanos; porque a Marcio Coriolano deu grandíssimos premios o consul Postumio por ser o que peleijou cõ mais valor quando venceo os Antiacios, & lhes ganhou a terra. E isto falta ao lugar de Polibio, & á declaração de Iusto Lípicio, & quãdo o tiuera nisto se aprouara, & no mais se reptoua.

*Plat.* Polo que està ditto se pode saber vniuersalmente quais são as cousas que se deuem premiar, ou castigar; & agora se mostra raõ em particular os premios, & as cousas a que se deuem constituir. Mas està particular distincão dos premios, & castigos, & a applicaçõ delles aos merecimẽtos pode se alterar segundo o costume das gentes, porque em hũa terra serã honra o que em outra for afronta; que os Persianos tinhaõ por honra beber muito vinho, porque (como diz Plutarcho) escreuendo Cyro o menor aos Lacedemonios, que o fauorecessem contra seu irmão, os quis persuadir gabandose de beber mais vinho que elle, & em Roma se tinha o mesmo por afronta, como se vê em

*Pa. Ma*  
*xi. l. 1.* Valerio Maximo, quando tratta da sobriedade dos Romanos, & tãto estimauão não beber vinho, q̃ alem de prohibirẽ às mulheres por ley que o não bebessem, por assegurar mais a obseruancia della, lhes concederaõ em troco que tiuessem joyas, & se vestissem de purpura, & fizessem os cabellos louros. E també

*Idem.* o que em hũas partes se estima por grande premio, em outras se

*Corn. Ta*  
*ci. l. 2.* não tem em conta, como se vê em Cornelio Tacito, porque (diz elle) que contando Flauio a Ariminho seu irmão, os premios que lhe deraõ os Romanos quando peleijando perdera hum olho, que foraõ acrescentamento de soldo, hũa cadea, & hũa coroa, elle o reprendeo, porque por aquelles premios seruia aos Romanos. E assi ainda que sempre os premios, ou castigos se deuem dar às cousas voluntarias (como està ditto) os feitos particulares, & os particulares premios, ou castigos que a elles se applicarem, podem se alterar segundo o costume das gentes onde se constituirem. De tres modos são todos os premios, porque, ou são vteis, ou honrosos, ou gloriosos, vteis são os que acrescentaõ fazenda, os honrosos são aquelles com que se acrescenta em honra a successãõ de quem os recebe, & gloriosos se entenderãõ aquelles que com fama, & lou-

& lououres derem gloria só à pessoa que os recebe; porque a gloria não olha a vtilidade, que os homens generosos estimaõ mais a gloria de seus feitos, que o proueito do premio, & por isso diz Cornelio Tacito, que os homẽs deuem considerar nos seus negocios o que lhes he vtil, mas que os principes deue ref- *Corn. Ta*  
*ci. l. 3.* peitar nas suas ações só o seu nome, & fama; porque ao príncipe conuem ser adornado de hum animo generoso, & assi não lhe he decente tratar da vtilidade sua, senãõ da sua gloria, & assi os premios gloriosos são os que não tem de vtilidade mais que a gloria delles. Também se cõmunicaõ todos estes premios; porque os vteis são gloriosos, & honrosos; que não pode deixar de ser glorioso o premio, que por obras virtuosas se alcança, & polo conseguinte honroso, principalmente quando a vtilidade seja perpetua, ou durante a vida. Os honrosos podem ser também vteis, pola vtilidade que se recebe das preminencias da nobreza, & sempre são gloriosos. E os que pertencẽ à gloria tem dos honrosos algũa cousa, & dos vteis nada, & assi todos se cõmunicaõ: mas distinguem se deste modo, porque como huns tem mais de proueito, outros de honra, & outros de gloria he conueniente, que cada hũ se intitule daquillo de que mais participa. E considerando bem os premios que os Romanos dauaõ aos soldados, & capitães que mereciaõ premiados do mesmo modo se diuidem. Porque hũs eraõ de peças de ouro como manilhas, cadeas, & coroas, das manilhas faz mençaõ Festo dizendo. *Armillas ex auro quas viri militares ab imperatoribus donati gerunt.* Os soldados alcançaõ do capitaõ general manilhas de ouro, & dos collares tratta Vegecio, & no mesmo lugar diz, que junta- *Veg. l. 2.*  
*ca. 7.* mente a quẽ dauaõ collar acrescentauãõ a comida, & estas são as proprias palauras, *Duplares, & torquati simplares erant, quibus torquis aureus solidus virtutis premium fuit, quem qui meruisset prater laudem interdum duas consequebatur annonas, duplares duas, simplares vnam.* E as coroas mural, & castrense eraõ de ouro, como se vê em Agellio, dizendo, *Et muralis autem, & castrensis, & naualis fieri ex auro solent.* Também dauaõ dinheiro, como se vê em Plutarcho na *Plut.* vida de Octauiano, & terras, como (segundo Tito Liuius) se deraõ a Oracio Cocle. E os premios que pertencem à honra eraõ

em Roma as estatuas, triumphos, consulados, & levantar da ordem plebea à dos padres aquelles que por suas obras o mereciaõ, como foy Mario, & T. Varron, & outros, que todas estas honras ennobreciaõ perpetuamente a familia de quem as recebia. E os premios gloriosos eraõ as coroas ciuica, & obcdional, sendo sõ de gloria sem outra algũa utilidade; porque a ciuica era de azinheira, & a obcdional de grama, & proua se bem que estas eraõ gloriosas, pois todos os que dellas trattão as preferem a todas as outras, sendo de cousa de que nenhũa utilidade se recebia, nem honra mais que a da gloria presente. Da ciuica que era a de azinheira diz Zonaras, *Qui vero ciuem in praelio, aut* *2. annal. alio periculo, siue, & obsidione liberasset, maxima in laude erat, donabiturque corona equestris facta quæ longe, & aureis, & argenteis honoratior, digniorque habebatur, Quæ saluasse algum natural de Roma na guerra, ou em qualquer outro perigo, ou estando cercado tinha grandes lououres, & dauaõlhe hũa coroa de azinheira, que era muito mais honrada, & gloriosa que a de prata, ou de ouro. E da obcdional diz Plinio que era a mayor de todas; porque os que a recebiaõ liurauaõ da morte naõ hum sõ, mas muitos cidadãos. Esta sorte de premios era tambẽ a que os Gregos mais estima-uab; como se vè no que deraõ a Euribiades, por ser o que mais valerosamente peleijou na batalha de Platea, sendo hũa coroa de oliueira, a qual tambem dos Romanos era tida em grandissima estima, & assi diz Agellio, *Postremam coronam esse Oleagineam.* A vltima coroa era de oliueira. Athenas foy a primeira cidade q̄ começou a coroar os bõs, & virtuosos cidadãos, & o primeiro que se coroou, diz Valerio Maximo, que foy Pericles, com a coroa de oliueira, o que he grande proua de ser tida em grandissima estima; porque naõ teue Athenas outro homem a quẽ mayores premios deuesse. E assi (como està ditto) de tres modos se diuidem os premios, que saõ vteis, honrosos, & gloriosos. Mas no modo de os repartir grandes difficuldades se representaõ, porque em todos os exercitos ha homẽs de todas as condições, hũs nobres, outros plebeos, & outros que ficaõ em meyo de hũs, & outros, & assi como saõ diferentes nas calidades, assi o quereraõ ser nos premios. O mesmo entende Aristot-*

telis

telis dizendo, que o pouo sofre mal a desigualdade dos premios, & os homens esclarecidos á igualdade das honras. E contra isto era o que Lycurgo ordenou nas suas leys mandãdo que os que comprião com sua obrigação, fazendo obras generosas, tiuessem igual premio ainda que nas outras cousas fossem desiguais. E assi se todos se igualão os nobres ficarão queixosos, & se os premios forem desiguais, pola desigualdade das pessoas, sendo os feitos, que os merecerão iguais he injustiça; porque diz Aristotelis que a justiça he igualdade. Polo que nem dar a todos iguais premios parece que conuem, nem dar los desiguais parece justo: & assi naõ he facil accommodar hũa regra gèral que a todos satisfaça: mas conuem naõ deixar isto indeciso; porque sendo tão importante para a perfeiçã da milicia auer premios para os soldados, que por suas obras os merecerem, serã grande imperfeiçã desta obra ficar por declarar a repartição delles. E assi se dirã agora como se deuem repartir. Tres ordens de premios se signalarão, & tres ordens de gente tem todas as respublicas, & exercitos, (como està ditto) parecera conueniente que a cada hũa ordem de gente se applique outra dos premios, que a ella conresponda. E deste modo aos plebeos se darão os premios vteis, aos nobres os gloriosos, & aos do meyo os honrosos; porque o pouo tem por objeito a utilidade, & assi quando os Romanos faziaõ merces à cõmum multidaõ dos soldados sempre eraõ de dinheiro, como se vè em Appiano, escreuendo o triumpho de Cesar, & o mesmo vsaraõ os mais que triumpharão, & os q̄ despois de Cesar subiraõ ao imperio quando queriaõ ter gratos os soldados, cõ dinheiro o procurauão, repartindo muito por todo o exercito, mas a nobreza pola sua natural generosidade, sõ appettece a gloria, & os do meyo, como se vè inferiores dos nobres occupaõ todo o seu desejo em chegar ao grão superior deixando ennobrecida a sua descendencia. Mas na guerra naõ se premiaõ as calidades das pessoas, senão as dos feitos; porque naõ vence os inimigos a nobreza da familia, senão o valor dos soldados, è capitães, & assi com os feitos se ha de fazer esta differença, sendo hũs infimos, outros sublimes, & outros medios, & aos infi-

M mos

Aristot. Pol. l. 2.

Xenoph. in Repu. Lacc.

Aristot. Eth. l. 5.

Appia: de bel. ci. vi. l. 4.

Zon. To. 2. annal.

Pl. l. 22 cap. 4.

Plut. vit. Themis.

Agelli.

Val. Ma. xi l. 2. c. 1



mos se applicaraõ os premios vteis , aos sublimes os gloriosos, *Aristot.* & os honrosos aos medios. E assi diz Aristotelis nos jogos O-  
*Eth. l. 1.*lympios naõ coroaõ aos muito bõs , & muito fortes, senaõ aos  
 que vencem. Accio Poeta naõ fez nunca cortesia a Cesar quan-  
 do hia à academia dos poetas, porque na poesia que ali se exer-  
*Va. Ma* citava lhe era superior, & diz Valerio Maximo, que lhe naõ foi  
*xi l. 3. ca.* mal reputado; porque ali (diz elle) naõ se trattava das antigvas  
 7. estatuas , né da nobreza da geraçaõ: & o mesmo he na guerra,  
 pois nella só do valor se tratta: polo que naõ se deuem auenta-  
 jar nos premios os nobres dos plebeos; pois só ao merecimen-  
 to das obras se deuem , salvo aquelles premios que senaõ per-  
 mittem aos plebeos, como saõ habitos, & comendas: mas quan-  
 do algum fizer taõ generoso feito que mereça semelhantes pre-  
 mios deue darlhe aquelle grão de nobreza em q̄ elles caybão,  
 & juntamente os mesmos premios; porque o melhor princi-  
*Aristot.* pio da nobreza he o que se alcança por obras virtuosas , que  
*Pol. l. 3.* nobreza ( segundo Aristotelis ) he virtude , & assi o que por  
 obras virtuosas merecer estes premios , pois ellas o fazem no-  
 bre , naõ se lhe deuem negar . Nem he justo que possa mais a  
 baixeza do sangue, que a nobreza do espiritu, & que tire na ter-  
 ra ao espiritu a gloria que merece pola virtude , com que o po-  
 de despois do vltimo dia fazer eternamente glorioso, & confor-  
 memonos assi com Deos que não premia as calidades do cor-  
*Va. Ma* po senaõ a virtude d'alma. E (comodiz Valerio Maximo) sem-  
*xi l. 8. ca.* pre os homens se alegraõ de serem premiados os virtuosos.  
 16. Não costumavaõ os Romanos pór estatuas às molheres ;  
 mas como Cloelia pola sua virtude a mereceo naõ lhe impe-  
*Dion. Ha* dio o costume esta honra. E por isso diz Cornelio Tacito, que  
*lic. l. 5.* em Roma só a virtude daua o merecimento , para se alcança-  
 rem os premios. E assi os feitos se premiaraõ , & naõ as calida-  
 des , & a republica a donde senaõ guardar esta ordem naõ po-  
 derá crescer em grandeza , porque sabendo os nobres que só  
 elles haõ de alcançar os grandes premios , como saõ menos  
 que a outra gente poucas cousas generosas se farão , & como  
 nelles deste modo ficará a repartiçaõ dos premios com pe-  
 quenas obras alcançaraõ muitos , & assi naõ se aventuraraõ

nas

nas muito grandes , & os outros sabendo que naõ podem su-  
 bir a mais naõ se meteraõ nos perigos com que deuiaõ alcan-  
 çalos.

Os premios vteis saõ de tres modos , ou presentes, ou tem-  
 porais, ou perpetuos , os presentes seraõ como os dos Roma-  
 nos , cadeas de ouro , espadas douradas , armas de infante , ou  
 caualo , & cousas semelhantes : os temporais acrescentamen-  
 to de soldo , cargo na milicia , & comenda , ou tença em vida,  
 ou algum officio na republica , & estes dons se daraõ aos que  
 ja pola idade , ou por outras causas de aleijaõ , ou doença naõ  
 possaõ servir na guerra : os perpetuos seraõ terras , & outras  
 rendas que fiquem aos successores de quem as alcançou , mas  
 estas sempre se procurará que sejaõ nas terras cõquistadas; por  
 que com mais animo conquistaraõ os soldados que entenderé  
 que haõ de ter na mesma cõquista o premio de seus merecimen-  
 tos, entraraõ també nesta parte os cargos de q̄ se pode, sem en-  
 carregar a consciencia, tirar proveito de que se possa adquerir  
 perpetua fazenda, em mediocre quantidade. Estes premios se cõ-  
 cederaõ à ordem dos feitos infimos, & assi em cada companhia  
 de infantaria se darã hũa espada dourada ao soldado que vier  
 melhor armado, na primeira mostra, ou seja cossolete, ou arca-  
 buzeiro, ou mosqueteiro, comparando cada hum com os mais  
 do seu genero, & o general ao que na primeira mostra se auen-  
 tajar de todos estes que alcançaraõ o premio da companhia da-  
 rà hũa cadea de hũa volta, & de preço moderado, mas se as ar-  
 mas naõ forem proprias, & naõ serviré co ellas perderaõ os pre-  
 mios que lhe deraõ os capitães, ou o general. O soldado q̄ sain-  
 do à escaramuça por ordẽ do seu superior matar o inimigo con-  
 tra que sayo, ou algũ cõpanheiro seu, aquẽ naõ a caso ferio, mas  
 determinadamẽte, serã premiado do mestre de câpo dandolhe  
 hũa cadea, & hũa taça de prata, & do mesmo modo ao q̄ arre-  
 metendo a bateria matar primeiro que os cõpanheiros algũ ini-  
 migo. E aos caualeiros por feitos semelhãtes se lhe daraõ seme-  
 lhãtes premios, mas as cadeas de duas voltas respeitãdo ser ma-  
 yor a sua despesa , & assi ao que na primeira mostra for melhor  
 armado, & com melhor caualo , se lhe darã alem da espada al-

M 2 gũa

gũa ceuada mais cada mes alem do soldo. Ao soldado assi de caualo como de pè, que despois do primeiro premio das armas ganhar o segundo se lhe acrescentará hum cruzado de soldo, & quantos mais premios ganhar, tantos cruzados se lhe acrescentará em dobro no soldo, de modo, que se no segundo teue hũ cruzado no terceiro se lhe acrescentem dous, & no quarto, quatro, & no quinto oyto, & não passará daqui. E ainda que alcance todos em hum dia, o que não pode ser, ficará habil para ser prouido nos cargos da milicia, & seruindo tres annos sempre sem fazer couardia, ou baixeza será obrigado o general a lhe dar algum cargo na guerra, com que se tenha por satisfeito, & ficando no cabo deste tempo aleijado, ou com algum defeito dar selheha na paz o soldo que ganhou em premio dos inimigos que matou, ou algũa porção nas terras conquistadas: mas o que seruido dez annos, & nelles ganhou dez premios não que rêdo seruir mais, ainda que o possa fazer, dar selheha tença auentajada do soldo, & senão chegar a esta cantidade de premios, chegando á dos annos sem fazer baixeza, nem auer sido official dar selheha em tença o mesmo soldo. E ao soldado que morrer na guerra pelejando, & não fugindo será obrigado o principe, ou republica a lhe amparar os filhos que lhe ficarem segundo a sua calidade, & merecimento: isto diz Aristotelis que ordenou Hyppodamo nas suas leys, & o mesmo escreue Diogenes Laercio das leys de Solon, & he cousa justissima que aquelles que perdem o pay no seruiço da republica, ou do principe achem nelles outro nouo pay. Os outros premios de mayor utilidade se darão aos capitães, que matarem o capitão inimigo por sua mão, ou ganharé o lugar que acõmetterem, ou defenderé valerosamente o que tiueré, ainda que nestas cousas não fação mais q̄ gouernar os soldados, mas cõ tal valor q̄ mostre que delle nasceo a vittoria, & co estes vteis premios q̄ serão comendas, ou officios, & cargos de proueito alcançaraõ també os premios hõrosos segũdo as calidades. E os mesmos premios ganhará o soldado q̄ seruir á sua custa na guerra, acrescentãdo se lhe aos premios q̄ aos mais soldados se tẽ finalado, porq̄ a despesa da sua fazêda merece esta vetaje, & outras mayores. Os soldados

Aristot.  
Pol. l. 2.  
Diog. La  
er. li. 1. in  
vit. Sol.

dados ganharaõ també os hõrosos quãdo sã co seu valor defenderé algũa bateria, ou outro passo, ou quando sendo o primeiro que acõmetta se entender q̄ foy causa de se ganhar o que se acõmetteo, & aos nobres que não tem que acrescentar na nobreza acrescentar selheha a moradia, neste nosso reyno, & nos outros se lhe fará conforme a ordem delles outra ventaje, que fique em honra da sua descendencia. Os gloriosos (como está ditto) são os que sã não tem mais utilidade, que a do glorioso nome com que fica quem os ganha, & está oje o mundo taõ sũgeito ao interesse que se pode cuidar que serã pouco estimados, senão se acompanharem com algũa utilidade, de que a cobiça possa fazer objeito. Quando a virtude se estimaua a gloria das obras virtuosas era grande premio; & por isso diz Suetonio, que Augusto daua mais facilmente as coroas de ouro, & prata, que aquellas que na gloria se auentajauã destas, que assi declara Iusto Lipcio este lugar. *Dona militaria aliquanto facilius phaleras, & coronas* Sue. Trã. l. 25.  
*quas quidquid auro argentoque constaret, quam vallares ac murales coronas, quae honore praecellerent, dabat.* O que Iusto Lipcio declara deste modo. *Quidquid auro argentoque constaret, vallares, ac murales coronas* Iust. Lip. lib. 5. de Mil. Ro. Dia. 17.  
*quam quae honore praecellerent dabat.* E deste modo diz Suetonio que Augusto daua mais facilmente os collares, ou cadeas, & os jaczes, & as coroas vallares, & murales, que eraõ de ouro, & prata, que não aquellas que se tinhaõ por mais honradas, as quais (como está ditto) eraõ as de azinheira, grama, & oliueira: & isto era, porque sendo os Romanos homẽs generosos estimauãõ mais a gloria dos mayores feitos, que a utilidade dos menores: mas neste nosso infelice tempo a onde a gloria está posta no dinheiro, & não na virtude, como se estimarã hũa coroa de ramos, & folhas de aruores? Mas se da virtude senão fizer mais estima q̄ do ouro, não será possivel auer perfeita milicia, nẽ conseruar se muito tẽpo nenhum estado; polo que se deue introduzir algũs premios gloriosos, & fazer que se estimẽ mais que os vteis, para que se conheça o grande merecimento da virtude, o qual só por si he gradissimo prêmio, & por isso ás obras onde ella mais se conhece, se darão premios em q̄ só ella se manifeste, & resplãdeça. Estes serã cõforme ao que delles está ditto, pondo entre

elles as estatuas, & retrattos, que se collocarão em partes publicas. Não se applicarão aqui estes premios (como nos outros se fez) aos particulares feitos; porque o principe que quizer seguir esta doutrina o poderá fazer conforme os costumes, & vsos do seu estado, mas dirseão os feitos que merecem estes premios, & conforme a elles se applicarão, os menores aos menores, & os maiores aos maiores. Seraõ estes gloriosos feitos salvar na batalha, na escaramuça, ou em qualquer outra parte algum soldado de evidente perigo da vida ferindo, ou matando os inimigos, & fazer o mesmo a hũa companhia, terço, ou mais soldados, liurar o capitão dos inimigos, soffrer o alferes ferido por não perder a bandeira, & os officiaes superiores merecerão estes premios quando, tendo algum corno da batalha, ou o corpo della, romperem a parte da batalha do inimigo que lhe ficar defronte, & o general quando alcançar a vittoria dos inimigos a que fizer guerra, & tábé se daraõ os maiores àquelle soldado por cujo respeito se alcançar algũa signalada victoria, & ao que se julgar que na batalha peleijou melhor que todos os mais. Deuemse tambem signalar algũs premios aos moços que se exercitarẽ na Arte Militar, para que com mais propriedade se applicuem, & sejaõ conformes à ordem dos gloriosos, porque se costumem a estimar mais a gloria dos feitos que o interesse do premio.

Pedia agora a razão, que se trattasse tambem em particular dos castigos, que se deuem dar, applicandoos aos delitos, mas (como ja se disse) na terceira consideração se ha de tratar delles, & assi agora só se dirà o que conuem para melhor declaração dos premios, & para ficar mais claro o que na terceira consideração dos castigos se differ. A primeira cousa que se offerece neste lugar he, que assi os premios, como os castigos que se determinarem se executem com muita pontualidade, como se disse quando se trattou da obseruancia das leys; porque nem entre os homẽs, nem entre os Deoses (diz Platão) ha quem negue deuerse de castigar quẽ obra mal, & as obras dignas de louvor, diz Valerio Maximo, que não esquecem ainda que sejaõ de pessoa de baixa condição. Mas auendo algũa alteração seja antes

Plat. *Eu  
tiphron.*

Va. *Ma  
xi. l. 5. c. 1*

antes em perdoar a culpa, que em deixar de premiar o merecimento, porque o perdoar a culpa muitas vezes pode ser beneuolencia, & o deixar sem premio sempre he injustiça, & a beneuolencia gera amor, & a injustiça odio, & muito melhor se obedece amando, que temendo. E assi dizendo Sallustio como a república Romana chegara à grandeza do imperio que teue, diz que os Romanos região o seu imperio mais có beneuolencia, que com temor, & mais depressa queraõ perdoar, que tomar vingança das injurias, & por isso o imperio Romano cresceu tanto; porque como trattaua com clemencia os subditos elles com amor obedeciaõ. E por isso dizia Pitaco que o perdoar era melhor que a pena; porque o castigo cria odio, & o perdoar amor, & a donde com amor se obedece, & serue que cousa se farà mal feita? Polo que quando se ouer de alterar, ou o castigo, ou o premio seja antes o castigo: mas tambem se haõ de respeitar os casos; porque algũs não admittem clemencia, como saõ rebellião, inorim, traiçãõ, tyrannia, & outros semelhantes. E quando com qualquer destes casos se encontrar algum grande merecimento da pessoa que o cõmetteo não se descontará a pena pelo merecimento; tudo isto se proua bem com o caso de Manlio Capitolino; porque quando defendeo o Capitolio dos Gallos não deixou o senado de o premiar, ainda que estaua taõ apertado que se sustentauaõ os que defendiaõ o Capitolio com muita estreiteza, & o premio foy para a quelle tempo o mayor que podia ser, porque lhe dobrarão a razão, & quando despois intetaua cousas novas, prouocando motins, a fim de ficar co gouerno da republica, não lhe valeo o merecimento deste generoso, & vtilissimo feito, para deixarem de o condenar à morte, a qual lhe deraõ deitando do Capitolio que elle defendera. Mas nos outros casos diferentes pode auer razão para se perdoarem, ou pola generosidade do feito, & do animo de quem o cõmetteo, conhecido polas obras, & polas palauras, ou por outro extrinsecõ respeito. O primeiro se proua bem com o exemplo de Manlio, que perdoou a hum soldado mancebo a morte do proprio capitão, & sobrinho do mesmo Mario; porque o matara defendendose, de consentir no peccado de Sodoma, & não só

Sall. *beli  
Cati.*

Diog. *La  
er. li. 1. in  
vit. Pita.*

Tit. *Manl.*

Plut. *in  
vi. Mar.*

lhe perdoou, mas lhe deu hũa coroa em lugar do castigo q̄ merecia quem mataua o proprio capitaõ. Rebelãraõse aos Romanos os Preuertinos, & trazendo algũs dos principaes a Roma despois de se lhe ganhar a terra, para determinar o senado o castigo que se lhes auia de dar, perguntou hum senador a hũ delles, que castigo mereciaõ? & elle respondeo, a quelle que merecem os que se julgaõ por dignos de viuer em liberdade, cuja generosa repostã alcançou o perdaõ da commettida culpa, & liures do castigo se tornaraõ para a sua patria. A el Rey Dom Ioãõ o segundo deste nome Rey nosso succedeo hum caso muito digno de se lembrar neste lugar. Indo à Rolaçaõ hũa festa feira, como costumauaõ os nossos Reys, por ser dia em que se julgaõ os casos crimes, querendo com paterna piedade que ninguem injustamente se condene á morte, trattouse de condenar hum moço que mataua hũa irmã sua, & hum mancebo co ella, polos achar juntos deshonestamente, veyo este moço à presença del Rey, o qual lhe perguntou se sabia quando fizera aquella delitto que o auiaõ de condenar por elle à morte? & respondendo elle que si, replicou el Rey, que se o sabia, porque o cometera? ao que o moço respondeo que o fizera por não viuer co aquella infamia, & esta generosa repostã, manifesta dorado generoso animo, fez com que el Rey lhe perdoasse o delitto, & com honras, & merces o mandou seruir em hum dos lugares de Africa. E assi os crimes que se cõmetterem com hũa generosidade de animo semelhante a estes, manifestandose o animo, ou polo feito, ou pelas palauras, justissimamente serã perdoado, & na guerra com muita mais razaõ, porque he mais decente a hum soldãdo fazer cousas generosas, & a hum general perdoalas. Do segundo caso he clarissimo exemplo o de Horacio Romano; porque vindo com a grande vittoria dos tres Curiacios Albanos matou hũa irmã sua, que choraua a morte de hũ dos Curiacios, com quem estaua para casar, não sofrendo que ella chorasse quando elle vinha com taõ gloriosa victoria, com que libertou a patria da sageiçaõ dos Albanos, que esse era o preço della, & não bastou o grande merecimento deste feito, para deixarem de o condenar logo à morte, pola que dera a sua irmã

Tit. Liv. D. I. l. 8.

Tit. Liv. D. I.

irmã, mas perdoaraõlhe por satisfazer ao pay a perda dos dous filhos que na mesma batalha perdera, & porque se lhe matauaõ este, não lhe ficaua outro: & assi pode tambem auer algũas causas extrinsecas pelas quais seja justo perdoarẽse os delittos, como os Romanos fizeraõ a este. Mas os premios nunca se deixaraõ de dar a quem os merecer, & podersehaõ augmentar quando o caso tiuer algũa novidade digna de mayor louuor; porque assi como o perdaõ da culpa, quando tem algũa cousa que o mereça, mostrando a beneuolencia de quem o dà, gera amor, a crescentar o premio quando ha causa para isso mostra confiança, & pouca inueja, & hum animo generoso, & liberal, com que todos os homẽs se obrigaõ, & assi o clarissimo senado de Roma não deu a Emilio Lepido sã coroa de azinheira, que era o premio de salvar hum cidadão Romano, mas poslhe hũa estatua, porque fez este valeroso feito sendo minino de quẽ senaõ esperaua pola pouca idade. E assi não sã se daraõ os premios sinalados, mas acrescentarsehaõ quando a occasiaõ o pedir, & as culpas se perdoaraõ se a generosidade do caso, ou algum extrinseco respeito for digno de liurar de castigo a quẽ as cõmetter, & nunca se descontarã o premio polo castigo.

Estes premios se daraõ em presença de todo o exercito, os q̄ derẽ os capitães, que seraõ os primeiros, no seu corpo de guarda, louuando juntamente o soldado a quem se der o premio, & os mais seraõ dados polo general na praça d'armas, tendo junto todo o exercito, & louuarã com magnificas palauras todos os soldados que merecerem premio, contando os feitos de cada hum dignos de louuor. E assi diz Polibio que o faziaõ os Romanos, pondo o consul á roda de si todos aquelles que mereciaõ os premios, & a todos com lououres incitaua a novos feitos, & os outros co a inueja desta gloria a procurar alcançala. Iusto Lipcio sobre este lugar de Polibio diz hũas palauras, que illustremẽte declaraõ quanto este costume leuantasse os animos dos soldados ao desejo de fazer obras generosas, as quais se porã aqui, porque com nenhũas outras se poderã melhor declarar o proueito deste generoso costume. E assi diz elle. *Cogita cum animo tuo ipsam hanc scenam rerum. Stare imperatorem in tribunali loco edito.*

Polib. Ma xi. l. 3. c. 2.

Polib. Ca. 5. tra.

Just. Lip. de Mil. Rom. l. 5. Dia. 7. edito.

*edico, te iuxta illum à tergo, à latere duces, antè. Et circa immensam multitudinem, nos ignotos que vnum te illic conspicuum voce imperatoria laudari, mox donari cuius animus non crescat? cuius pectus ad virtutem non incalcescat cui modo scintilla sit à meliori igne.* Considera co teu pensamento esta representaçõ, das cousas que nella se trattaõ, estar o capitaõ general em lugar alevantado no seu tribunal, & tu jũto a elle, & detras, & aos lados os capitães, diante, & à roda immensa multidaõ de gente conhecida, & não conhecida olhando todos a ti só, que da voz do capitaõ general es louuado, & logo seremte dados os premios: qual animo co isto naõ crescerà? & qual peito naõ se ascenderà co desejo da virtude, & de q̃ modo de hũa faísca se farã melhor fogo? Com estas palauras de Iusto Lipcio he justo dar fim a este discurso, porque ficando que o lér co ellas no pensamento, quanto mais as considerar, tanto melhor conhecerã como conuem signalar aos soldados certos premios, & dalos (como està ditto) para que hús se confirmem na virtude, com o premio, & gloria do acto em que o recebem;

*Tit. Liu. D.1.1.4.* porque (como diz Tito Liurio) os animos grandes com as honras se fazem mayores, & os outros concebendo hũa generosa inueja procurem fazerse melhores do que saõ, porque quando sò à virtude se daõ premios naõ se inuejaõ os premios, senaõ a

*Plut. in vit. Peri.* mesma virtude, que os mereceo, porque diz Plutarcho, que a virtude he tal que com as honras que lhe fazem logo dispõe os homés de modo, que naõ sò se admiraõ das obras, mas se ascendem com grandíssimo desejo de imitar os autores dellas. E assi quem verã naquelle illustre ajuntamento de soldados, & capitães louuar o general algum soldado, & darlhe os premios determinados, que naõ leuante o espiritu a hum ardentíssimo desejo de fazer outro valeroso feito, para receber outro igual premio, & outra semelhante gloria? Polo que se ordenaraõ premios certos, & dandose aos soldados em presença de todo o exercito acompanhados de louvores serã mais poderoso exercicio para fazer bõs soldados, que todos os outros militares; porque como naõ faltarem as honras para os homés valerosos

*Tit. Liu. D.1.1.10* naõ faltaraõ os homés valerosos para as honras, & assi diz Tito Liurio, que em Rema naõ faltavaõ as honras para os homés vale-

valerosos, né os homés valerosos para as honras, & era porque nella naõ faltava o premio para as obras que o mereciaõ, & assi naõ faltavaõ os homés que o merecessem.

## Q V E A M I L I C I A TENHA HÛA SO CABEÇA, A.

### Parte V.



**E S T A** Quinta, & vltima parte deste discurso se ha de mostrar (como se propos) que conuem ter a milicia hũa sò cabeça, que no tempo da paz, & da guerra, tenha a seu cargo as cousas militares; porque assi como a resoluçã, & presteza, que nas acções da guerra saõ mais necessarias que em outra algũa, pedé naõ ficar a execuçã em muitos pareceres: assi conuem que na paz aja

hũa sò cabeça, que entenda na milicia; para que fazendo exercitar os que na guerra ouerẽ de servir não possa o descuido da ociosa paz diminuir as forças militares. E assi trattando Aristotelis dos officios da cidade diz, que saõ de mayor dignidade, & mais necessarios os officios da guerra, & que ha necessidade de muitos na paz, & na guerra: & quando declara quais saõ estes officios diz, que o todo algũa cousa he, querendo mostrar nisto a protecçã das cousas militares, a qual pertence ao general, que he o supremo officio a quem o todo da milicia està entregue. E esta protecçã não se entende na guerra, porque entãõ he imperio, & execuçã, & assi se entende na paz, porq̃ nella naõ pode fazer mais officio o capitaõ general, que de protector, ou procurador da milicia, para que se conserue a militar disciplina. Polo que conuem que na paz aja hũa sò cabeça, que conserue a milicia em sua perfeiçã, para que em todo o tempo estè

*Aristot. Pol.1.6.*

po estè

po estê a republica guardada, & defendida. Mas pode averſdu-  
nida em ser húa sô a cabeça da milicia, parecendo melhor o go-  
verno de muitos; porque os Romanos em todo o tempo que  
florescero a dous côsules encômédauão a administração das  
couſas militares, & algũas vezes a dez tribunos, & em Athenas  
muito ordinariamente elegião muitos capitães com igual po-  
der, & Lacedemonia tinha dous reys, que eraõ os capitães gene-  
rais della: & sendo estas respublicas as que melhor se governa-  
rão, & mais florescerão parecerã que se deue seguir o que ellas  
aprouarão, não concedendo a hum sô capitão o imperio mili-  
tar. Polo que he necessario mostrar como o governo de hum he  
melhor, que o de muitos, & mais vtil não só às couſas da guer-  
ra, mas em qualquer administração. E mostrando primeiro isto  
vniuersalmente se virã ao particular de que se tratta, para que  
mais facilmente se perceba esta conclusão.

Considerando a ordem da natureza clarissimamente se cõ-  
prehenderã, que não pode ser perfeito o governo a donde to-  
das as couſas senão reduzirem a húa sô cabeça. Porque a natu-  
reza he perfeita em todas as suas obras, & se a natureza he per-  
feita, & ella segue esta ordem, reduzindo todas as couſas a húa  
sô cabeça, claro fica, que serã mais perfeito o governo de hum,  
que o de muitos. E que a natureza seja perfeita em todas as suas  
obras he couſa sem duuida, porque Deos he a mesma natureza  
primeira, & increada, autora de todas as couſas, como entendê  
os Philosophos Gentios, & os Theologos Catholicos: & assi

Seneca. de diz Seneca, *Quid aliud est natura quam Deus, & diuina ratio*, Que ou-  
tra couſa he a natureza senão Deos, & a diuina razão, & San-

cto Augustinho diz, *Deus implens caelum, & terram presente potentia,*  
de ciuit. non absente natura. Enche Deos o ceo, & a terra co a presente po-  
tência, & não ausente a natureza; porque como elle he a nature-  
za de todas as couſas não pode estar ausente dellas, porque em  
se elle apartando não serão. E assi sendo elle a mesma nature-

za, como podem deixar de ser perfeitissimas todas as couſas  
que a natureza fez; pois como diz Sancto Augustinho, *Nec au-*  
tor est excellior Deo, nec ars efficacior Dei verbo. Não ha autor mais ex-  
cellente que Deos, nem arte mais efficaç que a sua palavra: &

traz

traz hum lugar do Timeo de Platão, a donde trattando da crea-  
ção do mundo diz, que o mundo he bom; porque de bom Deos  
boas obras deuiaõ ser feitas. E assi as obras da natureza são per-  
feitissimas, pois Deos he a natureza, & elle fez perfeitissima-  
mente todas as suas obras. Polo que se a natureza ( como es-  
tà ditto ) reduz todas as suas obras à administração, & gover-  
no de húa sô cabeça não se pode negar ser este o mais perfeito  
governo.

Tudo o que a natureza criou se cõpreheende no capacissimo  
corpo do mundo, os ceos, os elementos, & todas as couſas que  
nelles se contem, & os espiritos, assi os bõs, como os maos, que  
todos são criaturas de Deos, & bõs quanto à natureza, que os  
mãos são o por deſfeito da culpa. Cõsiderando agora todã esta  
grande machina, quem a governa senão hũ só Deos a cuja von-  
tade, & poder todas as couſas estaõ sujeitas? & não só o todo tẽ  
este só, & soberano principe, mas as partes que o constituê, do  
mesmo modo cada húa, em seu genero, guarda a mesma ordẽ,  
porque como a natureza entende fazer o mais perfeito, todas  
as couſas que criou pretendeo que fossem, quanto era possivel,  
semelhantes ao mais perfeito, & assi como he grande perfeição  
vnir-se todas as couſas a húa vidade sô, & a húa só potencia,  
assi como sô de húa só sabedoria, & bondade procederaõ, assi to-  
das as outras couſas em seus generos quis que a húa só cabeça  
se reduzissem, & todas á suprema, que he Deos. Polo que consi-  
derando os espiritos, que não perderã a graça, verſcha que tẽ  
por seu Principe, & gẽral capitão sô ao Archangelo S. Miguel,  
como a Igreja lhe chama no hymno da sua festa, dizendo.

*Collaudamus venerantes  
Omnes cali milites  
Sed precipue primatem  
Caestis exercitus  
Michael em virtute  
Conterentem Zabulum.*

*Louamos venerando  
Os celestes guerreiros  
Mas primeiro o principe  
Do celeste exercito  
Michael cuja virtude  
Venceo o rebelde spirito.*

E do mesmo modo a outra parte dos que perderã a graça,  
N como

como não perderão a natureza, também seguirão a mesma ordem, sendo Lucifer seu principe, ou Belzebud, como lhe chama o Euangelho, que ambos os nomes lhe pertencem, hũ em quanto esteue em graça, & outro despois que a perdeu, & assi quando Sancto Augustinho argumenta contra os que dizem que os demonios são animais aereos, diz, *In qua fortassis partem si fuerunt ante transgressionē suā transgressores angeli cū principe suo nunc Diabolo tūc Archāgelo.* Se antes da rebelião foraõ onde estiueraõ os anjos, q̄ se rebelãraõ cõ o seu principe, agora o Diabo, & entãõ o Archāgelo, & assi quãdo diabo se chama Belzebud, & quãdo Archāgelo Lucifer. E assi cada parte destas a hũa sãõ cabeça se reduzio. E cõsiderando as cousas corporais verſcha, que os ceos obedecẽ ao primeiro mobil: o qual estã como principe collocado na parte superior, donde presidindo, todos moue, & governa segundo o seu natural mouimento, com que nos faz o dia, & a noite: & assi entre os Mathematicos primeiro se chama não sãõ polo mouimento, mas pola dignidade. E não faltou a mesma ordem nas criaturas q̄ a natureza collocou nos ceos que sãõ as estrellas pois fez ao sol seu principe: & assi quando a Escriptura diz, que fez Deos o Sol, chama lhe, *Luminare maius*, & este nome *Maius*, denota dignidade, & por isso todos lhe chamaõ principe das estrellas, como diz Sancto Augustinho: & Cicero, quando trata delle diz, *Qui astrorum obtinet principatum*, O qual alcançou o imperio das estrellas, & assi toda a luz dellas se reduz a elle, não tendo algũa dellas mais da que elle lhe cõmunica. E por isso foy hum sãõ, porque auendo de ser principe das estrellas não podia ser dous, porque hum sãõ, segundo a natureza, ha de reynar, que ainda que diga a escriptura, que fez Deos duas luminarias grandes, logo chama ao Sol mayor luz, & a menor diz, que presida de noite em ausencia delle, como os governadores postos polos principes, que não presidẽ senãõ em ausencia do superior, & assi como o Sol aparece ainda q̄ a Lua estẽ no mesmo Hemispherio, não dá mais luz, como os vassallos diãte do seu principe, ainda q̄ em ausencia resplãdeçãõ. E cõsiderãdo as criaturas da parte elemental també se verã, que o homẽ foy criado para principe de todas: è assi como Deos o criou, logo lhe disse.

*Crecite,*

*Crecite, & multiplicamini, & replete terram, & subijcite eam, & dominamini piscibus maris, & volatilibus cali, & vniuersis animantibus quæ mouentur super terram.* Creceray, & multiplicay uos, enchey a terra, fugeitaya, & dominay os peixes do mar, as aues do ceo, & todos os animais que andaõ sobre a terra. E por esta causa criou Deos hum homem sãõ, porque como auia de fazer hũ sãõ supremo principe de todas as cousas criadas na terra, se criara mais, como em cada hum auia de auer a mesma natureza, era necessario criar para cada hum outro mundo, porque não podendo reynar todos, não aueria entre elles paz, sendo cada hum por natureza rey dos outros animais, & de todas as cousas da terra. E porque também o mundo não auia de estar cõ hum sãõ homem, o criar hum sãõ foy remedio para poder reynar em paz, porque sendo pay dos que o mundo tiuesse obedecelohiaõ, que os filhos naturalmente se fugeitaõ ao imperio dos pays. E assi diz Sancto Augustinho que criou Deos hum homem sãõ, não para que sem humana companhia procreasse, como as plantas, que se enxertaõ, mas para que lhe ficasse mais encomendada a vniãõ da cõpanhia, & o vinculo da concordia, porque senãõ pudesse vnir os homẽs a semelhança da natureza, o fizesse o amor do parentesco. E assi criou Deos hum homem sãõ, porque o queria fazer rey na terra. E por isso diz Philo que era necessario que o homẽ fosse criado despois dos outros animais, para que apparecendo diante delles o temessem, & que assi auia de acontecer na sua primeira vista, & o auiaõ de adorar como a governador, & senhor dado pela natureza: & que por esta razãõ todos a hũ tempo se fizeraõ mansos, deixando a propria ferocidade, mitigando contra o homem a ira com que hũs, aos outros se offendiaõ; & que o seu pay, & criador constituy o animal adornado desta natural razãõ em rey, não sãõ no acto, mas com autoridade de palauras, sobre tudo o que estã debaixo da Lua, na terra, agoa, & ar. E assi não sãõ o homem por ordem da natureza foy eleito rey de todos os animais, mas segundo a sua natural desposiçãõ não podia deixar de o ser, porque para esse fim foy criado. Polo que a soberana natureza, que todas as cousas criou em summa perfeiçãõ, segundo o seu genero, & especie,

N 2

naõ

Gen. c. 1.

D. Aug. de Ciuit. Dei. l. 12. ca. 21.

Phil. de Mundi opificio.

Luc. c. 11

D. Aug. de Gene. ad. Lite. l. 3.

Gen. c. 1.

D. Aug. de Gene. ad. Lite. l. 2. Cicer. de nat. de li. 2.

naõ só fez o mundo sujeito a hum só, & supremo governador de todas as cousas, mas a todas as outras partes delle deu distinctamente só hum particular governador. E assi diz Sancto Tho-

*D. Thom de Regi. prin. l. 1. ca. 2.* *mas. Omne autem naturale regimen ab vno est. In membrorum enim multitudi- ne vñ est quod omnia mouet. S. cor: & in partibus anima vna vs prin- cipaliter presidet. S. ratio, est, etiam apibus vnus rex: & in toto vniuerso vnus Deus factor omnium rerum.*

Todo o governo das cousas naturaes he de hum só governador. Porque na multidão dos membros hum só que he o coração, moue todos os outros, & nas partes d'alma húa força principalmente preside, que he a razão: & as abelhas tem hum só rey, & todo o mundo hum só Deos criador de todas as cousas. E assi pois as obras da natureza são perfectas, & ella ordenou em todas as cousas criadas o governo de hū ou real este he o mais perfeito.

E naõ só o governo de hum segundo a natureza he o mais perfeito, mas tambem segundo o costume das gentes, & os successos humanos.

De tres modos diuide Aristotelis o bom governo das respublicas que são: o real, dos optimates, & o popular. E diz que são perfectos quando procuraõ a vtilidade commum.

*Aristot. Poli. l. 3. ca. 5.* *D. Thom de Regi. prin. li. 1. cap. 1.* E Sancto Thomas faz a mesma diuisão. Mas bem considerado quatro são os modos de governo: o real, o de poucos, o popular, & o mixto. O real he quando hum só governa com suprema autoridade, o dos optimates, quando poucos, & bons governaõ para a commum vtilidade, o popular quando a todo o pouo se reduz o imperio, & o mixto quando se misturaõ o real co popular, ou co dos optimates, ou este com o popular.

*Pl. Rep. l. 2.* Plataõ faz a mesma diuisão. Porque diz que ha quatro modos de respublicas, a Cretense, ou Espartana, a segunda a dos optimates, a terceira a popular, & a quarta a tyrânia. E ainda q̄ no liur. 9. diz q̄ são cinco, acrescētando o governo real, naõ são mais de quatro; porque a tyrannia he transgressão, ou corrupção do governo real, como diz Aristotelis: & assi a Cretense, ou Espartana he a mixta; porque era composta dos optimates, &

*Aristot. Poli. l. 3. ca. 12. Idem. l. 2. ca. 9.* do real, como se vê em Aristotelis: & as duas mais, são a de poucos, & a popular. Considerando qual destes he o melhor governo claramente se conhecerá, que o real precede a todos.

Por-

Porque aquelle governo será melhor que for mais vtil: & aquelle será mais vtil, que for mais apto a conseruar a republica, em vnida paz; porque fazendo de toda hum só corpo, naõ ha parte nella que naõ procure a conseruação de toda, como os membros dos corpos dos animais racionais, ou irracionais, que naturalmente serué a conseruação do todo. E como todo o semelhante appetitece o seu semelhante, aquelle governo será mais apto a conseruar a republica em hum corpo de vnida paz, que for mais semelhante a vuidade. E porque o governo real, sendo de hum só, he muito mais semelhante a vuidade que nenhum dos outros, pois todos constaõ de muitos governadores, elle he mais apto a conseruar a republica em vnida paz: & polo consequente he mais vtil, & assi he melhor que nenhum dos outros.

E por isso diz Sancto Thomas. *Provincia, & ciuitates qua sub vno rege reguntur pace gaudent, iustitia florent, & affluentia rerum latantur.*

As prouincias, & cidades, que se governaõ por hum só rey gozaõ a paz, florescem com justiça, & viuem alegres na abundancia de todas as cousas. Alem disto o governo de hum he mais poderoso que o de muitos. Aquella couza será mais poderosa que vnir toda a sua força em qualquer acção que fizer, porque

*D. Thom de Regi. prin. l. 1. ca. 3.* (como diz Sancto Thomas) *Virtus vnita magis efficax est ad effectum inducendum quam dispersa, vel diuisa.* A virtude vnida he mais efficax para conseguir o effeito, que separada, & diuidida. E se

o governo de hum (como está ditto) vne em hum só corpo toda a republica, claro está, que será mais poderoso q̄ o de muitos. Quando muitos governaõ com igual poder de necessidade os subditos se haõ de separar; porque a variedade das inclinações, & a igualdade da esperança, que podem ter em qualquer dos que governaõ faraõ que cada hum siga aquelle a que mais se inclinar. E deste modo seguindo hūs a hum, & outros a outro separadamente, vem a fazer diuersas facções, desunindo o corpo da republica, cõ o q̄ se perde a vuidade da paz, & a força, & poder q̄ se alcançaua estando a republica vnida em hū só corpo. E assi disse Deos pelo Propheta Hieremias. *Pastores multi demoliti sunt vineã meã,* Os muitos governadores destruíraõ o meu pouo. E fazedo por Ezechiel grãdes queixas dos q̄ governaõ

N 3

Israel,

*D. Thom de Regi. prin. l. 1. ca. 2.*

*D. Thom de Regi. prin. l. 1. ca. 3.*

*Jeremi. ca. 12. Ezechiel ca. 34.*



Israel, de pois que tratta dos grandes males que fazião, è do castigo que lhes daria, volue se ao remedio das ouelhas, que elles mal pastorauão, & querendo encarecer muito quão bem as remediaria diz: *Et suscitabo super eas pastorem vnum qui pascas eas.* E leuantarey sobre ellas hum sò pastor que as apascente. E considerando este, com o lugar arriba claramente se verá, que o governo real he o vnico remedio de todas as respublicas, como nestas palauras mostra Deos por Ezechiel; porque se os muitos governadores destroem as respublicas, necessariamente o governo de hum sò as conseruarà. E assi o governo de hũ he melhor que nenhum dos outros, pois constaõ de muitos governadores, He tambem muito mais facil de alcançar a perfeição no governo real. Porque (como estã ditto) a perfeição de cada hum delles em si mesmo consiste em serẽ administrados por bõs governadores, & mais depressa se acharà hũ bom governador, q̃ muitos: polo q̃ he mais facil de alcãçar a perfeição no governo real, que em nenhum dos outros. E assi diz Aristotelis, que o rey foy eleito desde o principio do mundo, porque era difficultoso achar muitos homẽs de excellente virtude. E assi ainda que algũ dos outros governos estando em sua perfeição, fosse mais perfeito, que o real não se deue aprouar, porque he quasi impossivel alcançar se. E quando se ordena qualquer cousa, não sò se ha de olhar como serà mais perfeita, mas tambem se serà possivel; porque nas cousas que necessariamente se haõ de reduzir a acto, não conuem considerar como serã mais perfectas, senão como se poderã fazer com mais perfeição; porque o que he necessario fazer se, não se effectuar faz mayor danno, que não ser menos perfeito do que se considera. Polo que pois he necessario que as respublicas tenhaõ governo; porque (como diz Santo Thomas) onde não ha quem governe se destroem, ha se de eleger o governo, que mais facilmete se pode alcançar cõ mais perfeição. E por isso diz Aristotelis. *Non solum enim optimam rem publicam considerare oportet sed etiam illam que in usum cadere possit, & que sit faciliior, & communior omnibus.* Não conuem considerar sò a melhor republica, mas aquella que for mais conforme ao uso das gentes, & mais facil, & commun a todos. E porque he mais facil

Aristot.  
Poli. l. 3.  
cap. 11.

D. Thom  
de Regi.  
prin. l. 1.  
ca. 1.

Aristot.  
Poli. l. 4.  
ca. 1.

facil achar hum homem sò de competente virtude, para gouernar, que muitos, deue se eleger antes o governo real, que nenhũ dos outros. Mas supponhase que qualquer dos outros tenha a mayor perfeição a que pode chegar: a qual serà estar vnido todo em hũa sò vontade; porque nisto cõsiste a sua conseruação, q̃ os conformes se sustentão, & os contrarios se destroem. Sendo assi toda a sua perfeição cõsiste na semelhança do real; pois este sò de hũa só vótade depende: polo que assi como o proprio he mais perfeito que o semelhante, o governo real serà mais perfeito, que os outros, cuja perfeição he a semelhança delle. E assi tratando Plataõ da desigualdade destes governos, põe o dos optimates ( que he dos que perfeitamente governaõ ) em hum mesmo lugar com o real. E Aristotelis diz, que o governo dos optimates, & o real saõ semelhantes. Polo que sempre o governo real he mais perfeito, pois a perfeição dos outros està em se rem semelhantes a elle.

Pl. Rep.  
l. 9.

Aristot.  
Poli. l. 5.  
ca. 10.

Mas considerem se estes governos, não como serã mais perfectos, senão como ordinariamente saõ, & claramente se verá ser muito mais perfeito o governo real, que os outros. Porque no dos optimates ha sempre duas discordias, hũa entre os que governaõ, & outra entre elles, & o pouo. Em Roma (que teue este governo, de pois dos reys, até o tempo em que se criaraõ os tribunos da plebe) temos disto clarissimos exemplos; porque os primeiros consules que teue foraõ de taõ contrarias opiniões, que hum condenou à morte dous filhos, não tẽdo mais, & não desceo do tribunal até lhe não cortarem as cabeças; & o outro não queria que se condenassem dous sobrinhos seus complices no mesmo delitto: & o pouo ordinariamente estava opposto ao parecer dos consules, & senado, chegando por esta discordia a desamparar Roma, sò por se separar do senado. E assi diz Aristotelis, que no governo de poucos ha duas discordias, hũa entre si mesmo, & outra com o pouo. E não pode ser bom o governo, onde sempre ha de auer discordia. O governo popular (segundo Plataõ, & Aristotelis) está entre o dos optimates, & o real. Porque diz Plataõ que o homem deseioso do governo de poucos he o terceiro de pois do rey: & Aristotelis,

Dion. Ha  
li. l. 5.

Idem:

Aristot.  
Poli. l. 5.  
ca. 1.

Pl. Rep.  
l. 9.

*Aristot.* que o estado de poucos dista muito da perfeita especie do go-  
*Pol. li. 4* uerno, & que o popular he mediocre: mas o contrario se deue  
*ca. 2.* ter. Porque se a perfeição do governo está na vniidade a quelle  
 que mais se chegar a ella mais perfeito será, & assi o dos opti-  
 mates q̄ está mais perto deue ser preferido, & o popular quan-  
 to mais se aparta da vniidade, tanto mais dista do perfeito go-  
*M. Thom* uerno. E assi diz Sancto Thomas, *In regimine iusto quanto regens est*  
*de Regi-* *magis vnum, tanto est vtilius regimen: vt regnum melius est quam aristocra-*  
*prin. l. 1.* *cia, aristocratia quam politia.* No justo governo, he tão vtil o mesmo  
*ca. 3.* governo, quanto o que governa he mais hum vnido a republi-  
 ca em hum só corpo, & em hũa só vontade, porque o governo  
 real he melhor q̄ o dos optimates, & o dos optimates melhor  
 que o popular. E assi não só o governo popular he menos per-  
 feito que o real, mas ainda lhe excede o dos optimates. E com  
 razão se deue reprovár; porque quando o pouo governa he im-  
 possível ser bem governada a republica; porque ordinariamen-  
 te o pouo he ignorate, & em toda a parte os bõs são os menos:  
 os quais não são parte do pouo, que a ignorancia, & a sapiência  
 não podem concorrer na mesma opiniaõ: & assi ficando separa-  
 dos da opiniaõ do pouo não são parte delle. E não se chama-  
 raõ bõs, & sapientes os que se tem por doutos só nas sciencias  
 humanas, mas os que são adornados de virtudes diuinas. E assi  
*Phi. de sa* diz Philo, que o pouo he multidaõ ainda que se acrescentem a  
*era. A-* este numero os doutos naquellas sciencias, que se aprendem  
*bel, &* polo ouuido, mas que separa do pouo aquelles, que deixando  
*ca.* as sciencias humanas, voluem a Deos todo o seu entendimen-  
 to, fazendo se doutos por diuina virtude. E deste modo os vir-  
 tuosos, & verdadeiros sapientes não são parte do pouo. Do que  
 he grande proua o ostracismo de Athenas: porque esta cidade  
 se governaua cõ o estado popular, & assi não soffria dentro em  
 si os homés de inteira virtude, & grande merecimento, para o q̄  
 tinha este modo de condemnação, a que chamauaõ ostracismo,  
 que era desterro de dez annos: o qual dauaõ por votos do po-  
 uo ao homem q̄ mais se auentajaua em virtudes, & merecimen-  
*Plu. in vi* tos. E dando se os votos quando se desterrou Aristides, chegou  
*na Arist.* se a elle hum laurador que o não conhecia, & disse lhe que lhe  
 escre-

escreuesse o nome de Aristides em hum pedaço de telha; ou te-  
 sto em que se costumauaõ escrever estes votos, & perguntãdo  
 lhe elle, q̄ mal lhe fizera Aristides, para o querer desterrar? res-  
 pondeo que nenhum, & que o não conhecia: mas que o odiaua  
 porque em toda a parte o ouuia chamar justo. E assi pois basta  
 ser justo para o pouo separar de si os que tiuerem este nome, he  
 bem grande proua de não serem elles parte sua. Polo que não  
 pode ser bem governada a republica popular; pois não se pode  
 governar bem o estado a onde faltaõ os bõs, & justos, & impe-  
 raõ os ignorantes, & maos. E por isso Aristotelis reprovou o ostracismo, porque co elle se deitauaõ da cidade aquelles que são  
*Aristot.* deuiaõ imperar. E como deste modo no estado popular ficaõ  
*Pol. l. 3.* governando os indoutos, como cego sem guia vay continua-  
*cap. 9.* mente dar em grauissimos dannos. Isto quis mostrar Plutarcho  
 contando esta fabula, diz elle, que aconteceu ja que o cabo de  
 certa serpente se amotinara contra a cabeça dizendo que tam-  
 bem elle auia de guiar as outras partes do corpo, porque não  
 era justo que a cabeça o leuasse sempre arrastrando tras si a on-  
 de lhe pareceffe, & que concedendo selhe esta superioridade, co  
 mo não tinha olhos encontrava em grandissimos impedimen-  
 tos, leuando consigo a cabeça á mesma ruina, & isto (diz elle) a-  
 contece aos que no governo das republicas se deixaõ guiar do  
 pouo. Polo que como os bõs, & justos não são parte do pouo,  
 os ignorantes, & maos que ficaõ no governo da republica po-  
 pular, faltandolhe os olhos do entendimento, não podem dei-  
 xar de commetter mil erros, com que façaõ grauissimo danno.  
 E desta ignorancia nasce ser inconstante o governo popular;  
 porque como sem discurso se governa, das cousas que precipi-  
 tadamente faz logo se arrepede: como muitas vezes aconteceu  
 na republica Atheniense que condenando furiosamente à mor-  
 te algũs homés de esclarecida virtude, depois de mortos cayaõ  
 no erro, & com noua furia se voltauaõ a hõralos com estatuas,  
 & a perseguir os accusadores dos condenados, como fizeraõ  
 na morte de Socrates, & nas condemnações, & absoluições de Al  
 cibiades. E ainda que arrepende dos erros he virtude, em hũa  
*Diog. La* republica he grauissima culpa cayr precipitadamete naquelles  
*cr li. 2. in* de que  
*vit. Socr.*

de que necessariamente se ha de arrepender. E pode ser isto causa da sua vltima ruina: como foraõ a Athenas as varias conde-nações dos seus illustres capitães, como se pode ver em Plutarcho, & Xenophonte, & nos mais que escreuẽ a sua historia. Tẽ outro graue dãno o governo popular, & he que nas cousas que conuem deliberar com maduro conselho nunca seguem hũa sã opiniaõ, nem he possiuel; porque se os poucos naõ podem concordar, como concordarã a multidaõ. Isto quis mostrar Virgilio, quando diz.

Virg. Æ-  
ney l. 2.

*Scinditur in certum studia in contraria vulgus.*

*Dividese em contrarios pareceres.*

*O incerto, & vario pouo.*

Aristot. Pol. li. 3. ca. 11. E assi diz Aristotelis, quando tratta da preferencia do gover-no real ao popular, que a multidaõ do pouo, com as facções, & bandos combatte entre si. E com as differenças que disto nascẽ he sempre maõ de governar, principalmente na paz, a onde como està liure do temor de fora tem mais lugar as discordias de dentro, como a vontade que nos grandes perigos sempre obedece à razãõ, & na prosperidade, paz, abundãcia, & regalo, naõ se deixa governar. E assi diz Cornelio Tacito, que o pouo naõ tem meyo, porque quando naõ teme procura fazer medo a outros, & que quando està com temor se pode sem perigo governar. E por isso diz Herodoto, que naõ ha cousa mais ignorante, insolente, & perigosa, que o pouo, porque quem teme a guerra, & se faz temer na paz estes attributos merece. E pois no governo popular naõ entraõ os justos, & sapientes, polo que cae em mil erros sendo inconstante, & entre si discorde, & maõ de governar na paz, quem negarã deuerse de reprovar? porque naõ ferã bom governo o que naõ foy justo, sapiente, & constante, & que naõ puder governar suavemente os subditos. O governo misto, com o nome só està mostrando quaõ facilmente se corromperã; porque assi como as cousas compostas de calidades contrarias saõ sujeitas à corrupçaõ, o governo que for distribuido

buido em contrarias facções naõ pode durar muito tempo sem grandes alterações. E assi nunca Lacedemonia, & Roma (que tãhaõ este modo de governo) estiueraõ entre si quietas: o de Lacedemonia era composto do real, & dos optimates, a que chamauaõ Ephoros, & o de Roma do popular, & dos optimates, & assi em hũa, como em outra sempre estas duas facções contendiaõ de modo que se matauaõ hũs aos outros, como se vê em Plutarcho nas vidas de Agides, & Cleomenes, reys de Lacedemonia, hum desterrado por fugir ao poder dos Ephoros, & outro morto por elles; & em Roma chegaraõ ao mesmo, o senado, & os tribunos da plebe, como se vê na morte dos Graccos, e muitas vezes estiueraõ estas duas facções taõ desaccordadas q̃ parecia impossivel naõ se arruinar de todo, pelas suas discordias, aquella cidade. E o mesmo acontecerã a toda a republica que tiuer este modo de governo: porque (como diz Plataõ) a hũa potencia de natureza diuersa conuem que obre cousas diuersas. E assi sendo este governo composto de partes cõtrarias, como estas haõ de obrar diuersamente, nunca terãõ concordia, com o que necessariamente se virã a aruinar a republica.

O governo real està liure de todos os inconuenientes q̃ nos outros se tẽ apontado. Porque hũ principe sã naõ tẽ com quẽ conteder: & assi està o seu estado seguro da discordia, polo que quando Aristotelis diz que muitos com as facções, entresi combattem: *Unus autem non contendit*. Hum sã naõ combatte. E assi como o estado real he governado por hum só principe naõ tem com quem combatter: polo que està menos sujeito à discordia, que nenhum dos outros: & por isso diz Quinto Curcio, que o mundo naõ pode ter dous summos reys, estando saluo o estado das cousas; porque sendo dous de necessidade auiaõ de contender, & a sua discordia aruinarã tudo. O rey està liure de todo o particular respeito; porque como o poder, a renda, a autoridade, & todas as mais cousas a elle se reduzem o cuidado commum fica sendo nelle particular, o que naõ he nos outros governos; porque ou seja dos optimates, ou popular, ou misto, os que o administraõ tem a sua particular casa, renda, & familia, ao que haõ de acudir mais de pressa que às cousas commuas,

*Aristot. Poli. l. 2. ca. 2.* mūas, & assi diz Aristotelis, que os homens tem muito cuidado das cousas proprias, & das cōmūas quanto conuem aos particulares: mas o rey como tem o commum por particular troca este cuidado pondo nas cousas cōmūas, porque sendolhe particulares de necessidade ha de succeder assi. Quando Plutarcho louua o modo do governo de Pericles, depois que nelle sō se reduzio todo o poder de Athenas diz. Naõ era como no principio affabil, & humano para o pouo, nem facilmente concedia, & largava o freo aos desejos, & appetites do pouo, mas daquelle dissoluto, & licencioso modo de governar a republica, reduzio a cidade a hum optimo, & real modo de governo, & este manteue honrada, & louua uelme. E naõ sō mostra Plutarcho nestas palauras, que o governo real he o melhor, mas que sō elle respeita as cousas publicas, & naõ as particulares; pois diz q̄ Pericles em quanto governaua a republica sem o real poder cōdescendia aos appetites dos particulares, & despois que a elle sō se reduzio todo o governo daquella cidade mudando o estilo, naõ respeitaua os particulares, & errados desejos do pouo, mas seguindo o modo do real governo trattaua sō da cōmum utilidade. E assi pois hum mesmo homem fez taõ grande differença no modo do seu governo, que governando como ministro da republica alargava o freo ao dissoluto proceder do pouo, & despois tendo hum imperio semelhante ao real o fazia seguir as cousas de razãõ, claramente se proua que da autoridade, poder, & modo do governo procedeo esta mudança. Polo que sō o governo real se occupa nas cousas commūas, como os outros nas particulares. E como o bom governo consiste sō no cuidado da utilidade cōmūa; pois isto he mais proprio do real, claramente se vé que elle excede a todos os outros. E por isso diz Cornelio Tacito, que naõ pode auer verdadeiro modo de governar senaõ referindose todas as cousas a hum sō. E diz elle que assi como o corpo da republica he hum do entendimento de hum sō principe deue de pender o governo della. Polo que assi como no homem naõ ha mais de hũa sō razãõ na republica naõ deue auer mais de hum sō principe. Mas que poderá negar ser o governo real o mais perfeito de todos? pois a ordem da na-

da natureza assi o pede, as razões o prouaõ, & com autoridades se confirma; porque Xenophonte o antepõe a todos, como se vé na Cyropedia, & Aristotelis lhe chama diuinissimo governo, & Plataõ o prefere dos mais dizendo q̄ naõ ha cidade mais felice que aquella onde o rey governa, & Sancto Thomas segue a mesma opiniaõ. E naõ sō a autoridade aprova isto, mas o cōmum consentimento de todas as gentes: pois ajuntandose os Persas para elleger o modo com que se auiaõ de governar ficado sem rey, pola morte que deraõ a Esmerdio, q̄ se tinha levantado com o reyno, ellegeraõ o governo real, ainda q̄ largamente se disputou da preferencia dos outros. E Aristotelis diz que os antigos reys nos primeiros tempos do mundo governaõ as cidades, as gentes, & nações. O mesmo se vé na Sagrada Escripura, pois naõ sō os Hebreos pediraõ a Samuel q̄ lhes desse rey, mas quando lho pediraõ, disseraõ. *Constitu nobis regem, ut iudicet nos, sicut, & vniversa habet nationes.* Ellegimos hum rey, que nos mantenha justiça, assi como o tem todas as nações.

Mas se na paz he perfeito o governo que se reduz a hũa sō opiniaõ, na guerra conuem muito mais, que naõ aja outro. Porque na paz sempre os negocios daõ mais tempo para se poder consultar, que na guerra, a onde muitas vezes he necessario resolver por momentos cousas de grandissima importancia. E nunca as cousas na paz saõ taõ perigosas que senaõ possa emmendar o que se errou, & na guerra hum pequeno descuido pode ser a ruina de tudo. E dependendo as cousas na guerra de muitos pareceres naõ deixará de auer descuidos; porque a onde ha muitos pareceres, sempre ha pouca resoluçaõ, & faltando esta nas cousas da guerra o vagar fará descuidos, & estes naõ sō impediraõ o bom successo das cousas, mas seraõ causa de o terem felice as do inimigo a quem metterãõ a victoria nas mãos. Vindo Timoleon socorrer Adrano, cidade de Sicilia com mil, & duzentos soldados, tendo lestes, que defendia a contraria facção, cinco mil, entendendo quando chegaua perto da cidade, que os inimigos estauaõ fazendo os alojamentos junto a ella, mandaraõ os seus capitães aos soldados que comessem, porque auiaõ caminhado todo aquelle dia por lugares

lugares asperos, & fragosos, para que accommettessem os inimigos com mais forças: mas Timoleon mandou que não comessem, senão que assi como estauão fossem accommetter os inimigos, que os acharião descuidados da sua vinda, & desordenados, & succedendo assi os desbaratou facilissimamente. Se os capitães q̄ têm mandado comer os soldados forão iguais a elle no poder, querendo defender a sua opinião, que têm razões com que o puderão fazer, com a detença que nisto farião, ainda que o parecer de Timoleon se aprouasse, darião lugar para ter os inimigos noticia delles, & como excedião tanto em numero era mais certo ficarem co a vittoria, pois toda esteue na resoluta determinação de os accommetter estando elles descuidados. E ainda que algũs republicas (como està ditto) não admittião o governo real, na guerra sempre se valião delle tendo por vnico remedio nas mayores necessidades. Polo que os Romanos, que tanto auorrecião o nome de rey, quando se vião mais apertados dos inimigos têm por vltimo remedio elleger o Dittador, que era Rey, em quanto a necessidade duraua, & sempre lhes foy vilissimo; porque muitas vezes com os mesmos soldados, com que os muitos capitães erão vencidos elle desbarataua os inimigos, & daua à patria gloriosas victorias, como se vé em Tito Liuius, a onde diz, que tendo os Romanos no cerco de Viento dous capitães, cõ titulo de tribunos militares foy hum desbaratado nos alojamentos, polo não querer socorrer o outro tribuno, por auer entre elles particular inimizade; & ellegendo por este caso a Camillo Dittador, desbaratou os inimigos, cõ os mesmos soldados q̄ elles têm vencido. E isto mesmo se verá na guerra dos Toscanos, na de Annibal, & em outras muitas: & com a discordia dos tribunos militares, que Tito Liuius escreue no liuro quarto da primeira Decada se mostra bem quão certa he a ruina do exercito a onde governaõ muitas cabeças. E por isso quando Camillo era hum dos tribunos militares ( que então governaõ as cousas da guerra ) todos os companheiros lhe cederão o seu poder, dando-lhe a elle só a autoridade de capitão general: como que a certeza da vittoria estaua em ter o imperio da guerra hum só capitão

*Tit. Liui. D. I. l. 5.* Romanos no cerco de Viento dous capitães, cõ titulo de tribunos militares foy hum desbaratado nos alojamentos, polo não

*Idē. D. I. l. 4.* querer socorrer o outro tribuno, por auer entre elles particular inimizade; & ellegendo por este caso a Camillo Dittador, desbaratou os inimigos, cõ os mesmos soldados q̄ elles têm vencido.

*Idē. D. I. l. 6.* E isto mesmo se verá na guerra dos Toscanos, na de Annibal, & em outras muitas: & com a discordia dos tribunos militares, que Tito Liuius escreue no liuro quarto da primeira Decada se mostra bem quão certa he a ruina do exercito a onde governaõ muitas cabeças.

capitão digno do cargo; porque serem elles iguais a Camillo não diminua a sua prudencia, & disciplina: mas com estar em muitos pareceres a resolução das acções da guerra, ficaua mais duuidoso o successo della. O mesmo entenderão as outras republicas. E assi Athenas ainda que costumaua elleger dez capitães com igual autoridade ellegia tambem o Polemarcho que era principe da guerra, como declara Herodoto. Polo que se deue elleger hum só capitão que representando o real governo administre as cousas da guerra, porque só com o governo de hum só capitão se pode esperar que succedaõ prosperamente. E por isso ellegendo os Romanos, para a guerra dos Franceses que ganharaõ Roma, muitos capitães com o titulo de tribunos, tem Tito Liuius por causa da victoria que delles alcançaraõ os Franceses não criarem dittador, como nas guerras de menos importancia costumauaõ fazer. Polo que ainda que no governo das republicas por algũs respeito, aja muitos governadores, na guerra conuem que se elleja hum só capitão. E assi quando os filhos de Israel despois da morte de Iosue pedi- raõ a Deos que os aconselhasse q̄ capitão fariaõ contra os Chaneos não lhe disse Deos que fizessem muitos capitães que só lhe nomeou Iudã, & elle só se ellegeo por capitão.

No tempo da paz se deue conseruar o mesmo cargo; porque assi como a resolução das cousas da guerra pede a determinação de hum só parecer o descuido da paz tem necessidade de quem particularmente entenda na conseruação da militar disciplina, para que fazendo exercitar os mancebos, & os que estiuerem obrigados à milicia não possa o descanso da paz debilitar os corpos para os trabalhos da guerra; porque como he mais ordinario appetter o regalo, & a dilicia que o trabalho, & exercicio, se faltar quẽ tenha cuidado de solicitar os animos ao desejo destas cousas, não auerã na paz quem deixe por ellas de seguir as que deleitaõ a corrupta natureza, que ordinariamente poem o seu deleite nas cousas inuteis. E pois ( como està ditto ) he necessario exercitar na paz os que houuerem de seruir de soldados na guerra, assi como na guerra tem necessidade de hum capitão que os faça obrar com ordem o que

na paz tiuerem aprendido, assi deuem ter na paz hũa cabeça que os faça ter cuidado dos exercicios necessarios para a guerra. Porque se na guerra o general impede as desordens, na paz impedirà os exercicios viciosos com que os homês para a guerra se fazem inuteis. E com terem os soldados na paz hũa cabeça a que reconhecão superioridade viraõ a ser na guerra mais obedientes; que o costume de obedecer facilitarà este preccito tão contrario á nossa natureza, & tão necessario para a guerra. E alem disto se na paz tiuer o capitão general á sua conta a proteiçãõ dos soldados tem lugar para ser amado delles, & para os conhecer, & hũa, & outra cousa he importatissima na guerra; porque o soldado que he conhecido do capitão com mais tẽto procede, & o capitão amado he melhor obedecido. E assi na paz deue auer tambem hũa cabeça que tenha à sua conta as

1. Reg. 9. cousas militares. Isto nos ensina a Sagrada Escripura; porque os filhos de Israel pedirão a Samuel, que lhes ellegesse hum rey q̃ os governasse, & despois que Deos lhe concedeo esta sua pretenção, disse a Samuel. *Hac ipsa hora que nunc est cras mittam virum ad te de terra Benjamin, & unges eum ducem super populum meum Israel.*

A manhaã te mandarei hum homem da terra Benjamin, & tu o ungràs em capitão do meu pouo. De modo, que quando Samuel auia de elleger hum Rey, lhe diz Deos que elleja hum capitão, para que com este nome conhecesse que o rey que se ellegia, na paz auia de fazer o officio de capitão, porque sendo

Phil. 1. os reys ellecitos para a paz dos pouos; pois como diz Philo pastor de vitta  
Mos. torar as mansas ouelhas he hum ensayo para reynar, chamando ao rey de Israel capitão mostra que na paz ha de exercitar este officio, & assi ajuntando o cargo de rey com o nome de capitão, quer dizer, que governando em paz o seu pouo seja juntamente capitão nas cousas militares, para que, nem na guerra, nem na paz a milicia estè sem hũa cabeça que a governe.

O mesmo entenderão os Egypcios, que foy a prouincia que primeiro se governou politicamente; porque na paz tinha sempre hum capitão general, como se vé na Escripura: pois quando diz que Phutiphar principe do exercito de Pharaõ comprou a Ioseph, naõ conta que houuesse em Egypto

Gen. 39. algũa

algũa guerra; nem Phutifar sayo da corte de Pharaõ dõ tempo em que comprou a Ioseph até que o soltarão da cadeia, & assi na paz fazia o officio de capitão general. Polo que na guerra, & na paz, deue ter a milicia hũa sã cabeça que na guerra governe o exercito, & na paz tenha a proteiçãõ, & cuidado das cousas militares. Mas porque sendo hũa conuem muito mais ser sufficiente, pois do seu entendimento depende a mais importante cousa de todas as respublicas que he o governo militar, he necessario mostrar as partes que ha de ter, porque sabendoas ficará mais facil acertar na eleiçãõ do que conuem.

## DAS PARTES DO CAPITAM GENERAL.



CAPITAM General no governo he semelhante ao rey, porque no exercito tem a mesma autoridade que o rey no reyno, que no exercito a sua vontade he ley, & nelle depõe a multidão dos soldados todo o seu imperio, & potestade: as quais cousas sã ao rey pertencem, & assi diz Iustiniano, *Iust. li. 1. Sed, & quod principi placuit legis habet & in. nat. gen. & civ.*

*vigorem. Cum lege regia que de eius imperio lata est populus ei, & in eum omne imperium suum, & potestatem contulerit.* Tudo o que ao principe parece bem tem vigor de ley, porque o pouo com a ley que fez tocante ao real estado a elle deu, & nelle pos todo o seu imperio, & poder. E assi reduzindo Aristotelis o reyno, que primeiro tinha diuidido em cinco especies, a duas, hũa he quando hum são principe tem todo o poder á imitação do governo da casa, ou do pay de familia, & a segunda a laconica que he o officio de Capitão general, porque isso exercitavaõ os reys de Lacedemonia. E pois o capitão general he rey no exercito, como o rey no reyno as mesmas partes lhe cõuirão q̃ conuẽ ao rey. E

*Plut. in Pol.* in assi terà as q̄ Plutarcho attribue aos principes dizendo, q̄ haõ de ser affabeis ao pouo, graues na conuersaçãõ, continentes na lasciuia abstinentes no beber, temperados nos desejos, sabios em se aconselhar, pôderados no resolver, justos no determinar, amigos do honesto, cobiosos do justo, amadores do perdãõ, naõ asperos nem seueros. E tambem lhe conuiraõ as que Dom

*Oso. Epif. co. de inf. pria.* Hieronymo Otorio Bispo do Algarue quer que tenha o principe que saõ grãdeza de animo para defender os seus subditos, com hũa recta moderaçãõ, para ser amado, prouidencia, equidade, fortaleza, temperança, & religiaõ; às quais partes ajunta por dependentes dellas, à grandeza do animo, vergonha dos erros, & desejo de gloria, à moderaçãõ, clemencia, & auorrecimento da adulaçãõ, à prouidècia practica das cousas proprias, & estrãgeiras, & das historias antiguas, & communicaçãõ de homens doutos, dizendo que destes tem a prouidencia necessidade, à equidade hum animo liure de paixãõ, para justamente premiar, & castigar, ao que ajunta pasciencia para ouuir partes, & arithmethica para contar, & saber o que a cada hum ha de dar, à fortaleza exercicio das armas, sciencia militar, & eloquencia, & à temperança regra no seu gasto, & com estas partes pôe mais a liberalidade, como dependente de todas, & à religiaõ attribue

*Phi. de vita Moisi.* a perfeiçãõ de todas estas virtudes. E tambem as que Philo tem por partes conuenientes ao rey naõ faraõ menos adornado, & menos digno do cargo o capitãõ general: as quais saõ continècia, fortaleza, sobriedade, vigilancia, prudencia, sciencia, industria, sofrimento, justiça, desprezo do gosto, exortaçãõ para a virtude, castigos, & reprehensões aos que peccãõ, & lououres, & premios, aos que obraõ bem. Mas o capitãõ ainda tem necessidade de algũas partes mais alé das referidas; porque se he semelhante no imperio ao rey, no exercicio he differente, & assi lhe conuem algũas mais accõmodadas ao que exercita, como se vè nas

*Xenoph. l. 3. de di. Et. Ofac. Socr.* que Socrates lhe attribua; porque dizia elle, he necessario que hum capitãõ general seja experto em prouer aquellas cousas q̄ saõ necessarias á guerra, & em buscar as necessarias ao sustento dos soldados, em fazer machinas, & em obrar, & alé disto conuem que seja diligente, paciente do corpo, prudente, humano, duro,

duro, ligeiro, incitador, sagaz, liberal, inclinado mais a dar, que a receber, seguro, & apto a accommetter os outros. E muitas outras cousas (dizia) lhe saõ necessarias, as quais conuem que tenha hũas por natureza, & outras por arte, quem ha de guiar hũ exercito, & que he tambem necessario saber ordenar hum esquadraõ.

Mas ainda que todas estas partes, & as mais que aos reys se attribuem (como se disse) conuem ao capitãõ general a tres reduzimos a sua perfeiçãõ, naõ reprovando o que està ditto, mas, porque a multidaõ naõ escureça o entendimento, nem desanime o espirito de quem seguir a milicia pretendendo com generosos pensamentos chegar ao summo lugar della. As quais saõ boa vontade, conueniente doutrina, & perfeita virtude. Como a vontade he causa efficiente de todas as nossas obras se ella se naõ inclinar às boas todas as mais partes que o capitãõ tiuer quanto mais perfeitas forem de mayor danno seraõ a quem o elleger, porque seguindo particulares respeitoes quanto melhor capitãõ for, & melhor souber ganhar a vontade dos soldados, muito melhor conseguirà o que intentar, & por isso se viraõ no imperio tantas mudanças succedendo os capitães generais muy ordinariamente ao Emperador que os ellegia. E assi a principal parte do capitãõ he a boa vontade desejando com summo cuidado chegar a prospero fim a empresa para que foy eleito. E por isso considerando Socrates a virtude do bõ capitãõ, deixando todas as outras virtudes sò dizia procurar a felicidade de quem o ellegeo; porque se nisto naõ puser toda a sua vontade, ainda que naõ iutente o ultimo de todos os males, que he a traiaçãõ, naõ conseguirà o effeito para que foy eleito, & se receberà o graue danno de se fazer em vão a despeza do exercito, ou armada: cõ o q̄ todos os grãdes estados se aruinarãõ em breue tẽpo: porq̄ este he o fim de grandes gastos de que senãõ tira nenhum proueito. E assi he principalissima parte do capitãõ a boa võta de desejosa do prospero fim da empresa para que o ellegerãõ, & da futura felicidade do seu principe. Isto se entende em Sancto Thomas, quando diz, *Qui de ratione regis est, qui sit qui presit, & qui sit pastor cõmune multitudinis bonum, & non suum querens.* Aquel-

*Xenoph. l. 3. de di. Et. Ofac. Socr.*

*D. Thom. de Regi. prin. l. 1. cap. 1.*

le que com razão he rey, presidente, & pastor, procura o bem  
*Idem. li. I. ca. 7.* commum, & não o seu: & em outro lugar diz. *Regis est bonum mul- titudinis querere.* He proprio do officio de rey procurar o bem cõ- mum, & como o rey tem esta dignidade de commum consenti- mento dos pouos, em procurar a vtilidade commum procura a felicidade de quem o ellegeo: & do mesmo modo o capitão ge- neral que he o que preside no exercito deve procurar a com- mum vtilidade, & assi procura a de quem o ellegeo; porque se he elleito de algũa republica do commum consentimento foy elleito, & se de algum rey, como he particular officio dos reys procurar a vtilidade commum procurando o capitão, procu- ra a felicidade do rey: porq̃ a felicidade de qualquer cousa está na perfeição da sua operação, & como a operação do rey he pro- curar a vtilidade commum conseguindo essa será felice: & assi procurando o capitão elleito polo rey a felicidade cõmum pro- cura a de quem o ellegeo. E porque isto não pode ser se faltar a boa vontade; porque sem boa vontade não se pode obrar bem, conuem que o capitão seja adornado desta principalissima par- te. Quando nosso Senhor disse a Salamão, que pedisse o que que- ria que lhe desse, respondeo Salamão, *Dabis mihi ergo seruo tuo cor- docile, ut populum tuum iudicare possit, & discernere inter bonum, & ma- lum.* Day ao vosso seruo hum coração habil para aprender pa- ra que possa julgar o vosso pouo, & determinar o mau, & o bõ. E porque nisto mostrou a boa vontade que tinha de procurar a felicidade do seu pouo, que a felicidade dos pouos está no ju- sto governo delles, lhe fez Deos mayores merces do q̃ elle lhe pedia, como no mesmo lugar se vê. E assi a quem tiuer boa von- tade se entregará o gouerno do exercito, & precedencia da mi- licia; porque elle desejará a felicidade de quem o elleger. Cha- ma Valerio Maximo a Scipião o mayor, clarissimo lume da  
*Va. Ma xi. l. 3. c. 1* verdadeira virtude, & nas palauras que seguem a estas declara a causa deste glorioso nome, dizendo, o qual trazia sobre os ombros a saude da patria. E assi porque este he o effeito da boa vontade trazer o capitão sobre os ombros a saude da patria, mereceo Scipião o nome q̃ lhe dà Valerio Maximo: & o mes- mo merecerá o capitão, que por sua boa vontade se occupar cõ  
 todo

todo o seu desejo no beneficio da patria, & felicidade de quem o elleger. E assi a primeira cousa que se deve considerar no ca- pitão he a boa vontade. Porque esta fez sempre illustrissimas obras, & grandes beneficios aos pouos que crão governados de homês que possuíão esta diuina parte. Que ella fez a Codros *Tit. Liu. D. I. l. 8.* entregar-se à morte por saluar os seus Athenienses, & a Decio offerecer-se em sacrificio pola vittoria do seu exercito. E agora senão vem semelhantes feitos, porque falta aos nossos capitães a boa vontade que estes tinham. Quando Zopiro, ou Sobrio, co- *Iust. li. 1.* mo lhe chama Iustino, appareceo diante de Dario com as dif- formes feridas que se fez dar em diuersas partes do rosto, diz Herodoto, que perguntandolhe el Rey, quem o trattara daquel *Herod. l. 3.* le modo, lhe respondeo, que elle o fizera, por estar indignado de não poderem os Persianos sujeitar os Assirios. E que dizen- do el rey, se por aquellas feridas se rendiriaõ os Assirios? elle respondeo. Não: mas se os outros teus subditos fizessem (co- mo he razão) mais conta da magestade real, que da sua pessoa, & propria commodidade, não tardarias tanto em conseguir o prospero fim das tuas empresas. E assi se os capitães deste tem- po tiuerem tanta vontade como Zopiro de alcançar a prospe- ridade do seu rey, ou da sua patria dariaõ prospero, & breue fim às suas empresas, como Zopiro á de Babylonia, a qual co esta industria entregou a Dario.

Mas porque a boa vôtade não basta para fazer aquellás cou- fas que tem necessidade de arte, & doutrina, terá tambem o ca- pitão a doutrina conueniente para gouernar o exercito, & fa- zer as mais operações necessarias ao bom successo da guerra q̃ emprender. De duas partes consta a conueniente doutrina que ha de ter o capitão, que são a Arte Militar, & a sciência ciuil; por- que assi té necessidade de gouernar politicamente o exercito, como de peleijar ordenadamente contra os inimigos. E assi diz *Plut. vit. Scip.* Plutarcho, que he necessario que seja o capitão não menos a- dornado da virtude ciuil, que da Arte Militar. Porque assi lhe conuem para vencer os inimigos a conseruação dos seus solda- dos entre si, como a força, animo, & arte para combatter. A Ar- te Militar tem duas partes hũa consta das regras, & preceitos praticos



praticos della, & outra da especulacão do entendimêto, alcançando co ella hũa alta sciencia, pola qual saiba como delles se ha de servir para vencer os inimigos. Para a primeira he necessario estudo, & para a segunda claro entendimento, & grande experiencia. E assi ha de saber o capitão todas as cousas pertencentes à Arte Militar, como na terceira parte deste discurso se apontarão, & as mais que nesta Arte se mostrarão, & ha de ter continuação da guerra, & lição das historias, & liuros que della trattão: com o que se alcançará a necessaria experiencia, a qual (como diz Vitruvio) he noticia de muitas cousas semelhantes, fugeitas aos sentidos; o que obrando, & lendo se pode alcançar. A sciencia ciuil, tomada em toda a perfeição que nella se requiere he hum supposto de todas as doutrinas, & assi o entende Aristotelis, & Philo lhe chama arte das artes, & sciencia das sciencias. Mas ao capitão general basta ter hũa meã noticia das cousas pertencentes ao governo politico; porque o exercito não he cidade permanente, & assi basta só conservar em paz, & união durante a guerra, para o que menos cousas se requerem, que para estabelecer com perpetua duração o politico governo das cidades. Mas da Rhetorica que he doutrina ciuil não se contentará co a mediocridade; porque muitas vezes faz co ella mais o capitão, que com a Arte Militar, & força dos soldados. E assi dizia Pyrro que mais cidades ganhara Civena co a sua eloquencia, que elle co as suas armas. E porque ella faz semelhantes effeitos, dizia Socrates, que o capitão devia saber a Arte de orar. E como falta esta parte aos capitães deste tempo ha tantos amotinados nos exercitos, & tantas desordens: por cuja causa senão podem conseguir as empresas que tem o fim dilatado; porque os animos alterados da gente militar co ella se costumão domar: & disto ha clarissimos exemplos em todas as historias Gregas, & Latinas, & assi diz Valerio Maximo, que a eloquencia de Valerio Publicola reduzio o pouo Romano à concordia estando amotinado, & fora de Roma. E assi tendo o capitão com mediocridade as doutrinas pertencentes ao ciuil governo, na Rhetorica ha de ser tão perfeito como na Arte Militar. E co estas cousas, a sciencia ciuil, a Arte oratoria,

torio, & a Militar terá o capitão que as possuir conueniête doutrina.

A terceira parte, que ha de ter o capitão he (como està ditto) perfeita virtude; porque quem ha de ser superior no cargo conuem que não seja inferior no merecimento. E por isso diz Platon que fez Deos a cabeça mais prudente que todos os outros membros, porque os auia de governar; como que temesse, que qualquer dos outros que se lhe auentajasse, ou igualasse, poderia aspirar ao governo, ou quando assi não fosse poderia co elle amotinar-se os mais por qualquer desordem que succedesse, que isto succede de dar o governo ao menos digno: & se poderá temer no exercito a onde o capitão senão auentajar conhecidamente em doutrina, & virtude a todos os outros homens q militão debaixo do seu governo. E por isso diz Aristotelis, que he necessario que o rey por natureza seja mais excellente que todos, & igual na geração, & assi quer que seja superior na virtude, porque não ha excellentê virtude sem excellentê natureza, que não pode auer habitos contrarios ao fugeito donde estão, como as plantas que cada hũa dà o fruto segundo a sua natureza, & assi o capitão mais excellentê que todos por natureza tambem o será na virtude. Mas conuem saber como se entêde esta perfeita virtude para assi se conhecer se a tem o capitão. Muitas são as especies das virtudes, as quais tẽ seus particulares objectos: mas agora não se tratta das particulares virtudes, senão da virtude em vniuersal: a qual conuem que tenha tambem seu particular objecto, ou fim; porque não sendo assi não será virtude, que como a virtude he habito, & os habitos se fazem de operações semelhantes, & não se pode obrar sem determinado sujeito: a virtude tomada vniuersalmente tem tambem seu determinado fim. E assi diz Aristotelis. *In vniuersum autem virtutis quidem est facere studiosum, & probum affectum in animo, quietis, & constantis motibus utentem, omnibus ex partibus consonantem.* He proprio da virtude em vniuersal fazer hum bom, & estuioso affecto do animo, procedendo com quietos, & ordenados mouimêtos de todas as partes conforme, & cõsoante. Nas quais palauras põe Aristotelis particular objecto, ou fim à vniuersal virtude, que he hum

Vitru.

Aristot.  
Mora.  
Nicom.  
l. 1. ca. 2.  
Phil. de  
Creat.

Plut. in  
vit. Pirr.

Xenoph.  
l. 3. de di  
Eti. & sic  
Soer.

Val. Ma  
xi. l. 8. ca.  
9.

Pl. Tim.

Aristot.  
Pol. li. 1.

Aristot.  
de virtus  
tibus.

he hum bom afeito do animo, com o qual concordem todas as obras que se fizerem. E como para todas as obras concordarem com a virtude conuem que obrem todas as virtudes, porq̃ hũas vezes he necessaria a temperança para abster dos desordenados appetites, outras a fortaleza, para não temer os perigos, & assi as mais virtudes segundo a sua natureza, entende Aristotelis, q̃ a vniuersal virtude he hũa fonte de todas as virtudes. O mesmo

*Phil. l. 1. legis alle gor. Gen. c. 2.* entende Philo; porque declarando as palauras da Escriptura. *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum paradysum, qui inde dividitur in quatuor capita.* E say a hum rio do lugar do deleite para regar o parayso, o qual se diuide em quatro cabeças, diz:

Por estes quatro rios quis Moyses mostrar particulares virtudes, que são em numero quatro prudencia, temperança, fortaleza, & justiça, & o mayor rio donde estes se dituão he a vniuersal virtude. E assi a virtude em vniuersal he hũ habito de todas as virtudes, & este he o seu particular objeito, ou fim. Mas como as virtudes são muitas, & os habitos dellas varios difficilmente se poderá alcançar este habito de todas ellas não tẽdo hũ sò objeito inseparavel, no qual todas as virtudes se inclaão.

*Aristot. Ecb. l. 1. ca. 2.* E assi diz Aristotelis. *Nam si quemadmodum sagittarij scopum habemus, magis bonum, & honestum assequi possemus.* Se nõs tiuermos hum aluo sò como os besteiros melhor alcançaremos o bom, & o honesto. Polo que conuem buscar hum sò, & simplez objeito de todas as virtudes ao qual como o besteiro ao aluo se encaminhem todas nossas acções, & quando por elle se fizerem todas as cousas se possuirà a perfeita virtude. O fim he mais nobre q̃ a obra que se faz para esse fim; porque se as obras não seruem se não para o fim não podem ser melhores que o fim para que seruem, & isto se vê em que despois de se alcançar o fim não se obra mais; porque alem do fim não ha que appetecer, & assi em quanto se obra não se tẽ conseguido o fim. Se a virtude (como está ditto) he hum habito de todas as virtudes consiste no acto,

*Aristot. Mon. l. Alicom in multis locis.* pois como diz Aristotelis as virtudes são acções, & se ella obra não conseguio o vltimo fim, polo que necessariamente deve auer outra cousa mais nobre que a virtude, & que seja o seu fim, pois ella he obra, & toda a obra appetee algũ fim. E pois

a virtude he habito de todas as virtudes o seu fim necessariamẽte serà o aluo ao qual se deuem encaminhar todas as acções, para assi possuir a perfeita virtude. O vltimo fim da virtude he a bemaumentança, porque nella se aquieta todo o nosso desejo.

E assi diz Sancto Thomas. *Beatitudinem quidem dicimus vltimum desideriorum finem.* A bemaumentança he o vltimo fim de nossos desejos. E a bemaumentança não he outra cousa senão Deos,

*Quoniam Bonum, & pax, est electis eius.* Porque he bem, & paz dos seus escolhidos, segue se logo que Deos he o fim a que como aluo se hão de encaminhar todas as nossas obras, & quando todas a elle sò se encaminharem se possuirà a perfeita virtude. E

assi diz Sancto Augustinho. *Neque enim est vera virtus, nisi que ad Deum finem tendit.* Não ha verdadeira virtude senão a que tem por seu fim a Deos. E esta he a perfeita virtude, que ha de ter o capitão, & com ella alcançará todas as virtudes; pois este he o fim de todas ellas. E assi esta sò se deue cõsiderar no capitão, cõ

a qual illustrado as outras partes ficará perfeitoissimo, & elle, & o exercito q̃ gouernar seraõ felices, & consequentemẽte a republica, ou principe q̃ o elleger. Porq̃ diz S. Thomas em hũ lugar q̃ refere de S. Augustinho. *Nõ enim (ut Augustinus dicit) Christianos Principes quia diutius imperarunt, vel imperatores filios morte placida reliquerunt, vel hostes reipublica diminuerunt, vel ciues aduersum se insurgentes, & cauere, & opprimere potuerunt, sed felices eos dicimus si iuste imperarunt, si malunt cupiditatibus potius quã gentibus quibus libet imperare, si omnia faciunt non propter ardore inanis gloria sed propter charitate felicitatis eterna.* Porq̃ como diz S. Augustinho, não chamamos felices aos principes Christãos, porq̃ imperarão muito tẽpo, nẽ porq̃ deixarão despois da suaue morte seus filhos emperadores, nẽ porq̃ diminuirão os inimigos da republica, nẽ porq̃ opprimirão os cidadãos q̃ cõtra elles se leuãtarão; mas chamamos felices aquelles q̃ pretendẽ as cousas justas, & q̃ querẽ antes imperar sobre os seus mãos desejos, que sobre os homẽs, & fazẽ todas as cousas não polo desejo de gloria vã, mas polo amor da felicidade eterna: a qual he a fruição de Deos. E não pode ser felice o principe, ou capitão sendo infelices os subditos; porque assi como a cabeça sente o danno dos outros membros do corpo, & co

*D. Thom de Regi. prin. l. 1. cap. 8. Sap. c. 3.*

*D. Aug. de Ciuit. Dei, li. 5. c. 12.*

*D. Thom de Regi. prin. l. 1. ca. 8.*

elles se perturba, & inquieta, o principe, ou capitão, que são a cabeça do corpo da republica, ou exercito não podem ser felices quando estes corpos sentirem algũa infelicidade. E assi se co esta perfeita virtude o capitão for felice, tambem o será o exercito que governar, & a republica que o elleger. E esta, & as outras partes o farão perfeitissimo. Mas porque no modo da elleição se pode errar a que se deue fazer do que tenha estas partes, se dirá agora como se ha de fazer a sua elleição, para que senão de este importantissimo cargo a quem não for digno d'elle.

## DA ELEIC, AM DO CAPITAM.



Aristot.  
Mor. Ni  
com. li. 6.  
ca. 2.

Aristot.  
Proble  
sect. 10.

ELLEIC, AM He o principio de todas as obras, porque primeiro se ellege o que se ha de fazer, q̄ se obre cousa algũa. E assi diz Aristotelis que a elleição he principio das acções. E como do principio depêde toda a obra necessariamente tudo o q̄ se obrar será conrespõdête ao seu principio; porq̄ (como diz Aristotelis) as cousas pequenas conuem q̄ tenham pequeno principio.

Polo q̄ sendo a elleição o principio de todas as obras, & ellas conrespondêtes ao seu principio, necessariamente tudo o q̄ se obrar será segúdo a sua elleição, bõ se for boa, è máo se for ruim. Mas para se cõseguir o fim de qualq̄ obra hão de cõcorrer duas elleições. A primeira he da mesma cousa q̄ se q̄r fazer, & a segunda dos meynos cõ q̄ se ha de effectuar. Porq̄ primeiro o architecto ellege a traça da fabrica q̄ ha de fazer, q̄ elleja os officiaes q̄ a fabrique, mas sem elles não poderá pôr em obra a traça q̄ tem elleito: & considerando as outras artes o mesmo se verá em todas; que primeiro o orador ha de elleger o que quer persuadir, & despois os conceitos, & palauras com que o conseguirá. E  
assi

assi nas acções da republica estas duas elleições concorrem, assi nas da paz, como nas da guerra; porque os que primeiro a insti tuiraõ ellegeraõ o seu governo politico, & despois he necessario elleger os meynos com que a republica nelle se conserue o que pende da elleição dos ministros: & do mesmo modo primeiro se ellege a guerra que se ha de fazer, & despois o meyo para alcançar a vittoria. E he necessario que estas duas elleições sejaõ igualmente perfeitas para ser perfeita a obra que se fizer; porque se a primeira he indecente não podem os meynos fazela boa, nem ainda que seja perfeita conseguirá a sua perfeição se lhe faltarem os meynos conuenientes. E assi aproueitou pouco a Roma ter elleito segundo aquelles tempos, hum bom modo de governo, para se conseruar, pois ellegêdo reinos meynos, que foraõ Cesar, & Pompeyo, elles a destruireã, nem as guerras de Perseo, Numancia, & Iugurta, ainda que foraõ bem elleitas tiueraõ prospero fim em quanto ellegeraõ para as fazer ruins meynos, que foraõ os capitães que infelicemente as governaraõ; porque o capitão he o principal meyo com que se aperfeioa o fim da primeira elleição da guerra, & assi como Paulo Emilio foy elleito para a guerra de Perseo logo se alcançou d'elle vittoria, & do mesmo modo, por meyo de Scipião o menor, a de Numancia, a de Mario, & de Iugurta. Estas duas elleições da guerra pertencem ao magistrado que guerna a republica. Da primeira se tratará no principio das considerações, & agora da segunda, que he a do capitão, como se propos; porque d'elle (como está ditto) depende o bom successo da guerra como principalissimo meyo de se alcançar. E pois as obras conrespondem à sua elleição, a da guerra se fará prosperamente, se despois de ser bem elleita, se começar com a boa elleição de hum perfeito capitão, & polo contrario se se errar este certissimo principio do seu prospero fim se virá a hũa grande ruina. Porque, *Ubi semel de recto erratum est.* (Como diz Cayo Vellio) *In praeceptis peruenitur.* Como hũa vez se erra o direito caminho se vem a precipitar.

Plut. Vit.  
Pau. Em  
Appia.  
Alexan.  
bel. His.  
Sall. Bell.  
Iugur.

Cai. Vell.  
Pat. l. 2.

Todas as republicas entenderã quanto conuinha ter conta com a boa elleição dos seus magistrados, & das pessoas que

os auiaõ de governar na paz, & na guerra. E assi sempre procuraraõ estoruar os inconuenientes que nisso ordinariaméte succedé. Em Herea diz Aristotelis que ellegião os magistrados por vottos, & que dandose a homés indignos delles deixaraõ os vottos, & ellegeraõ por sortes. O primeiro interreino dos Romanos, diz Dionisio Halicarnasio q̄ se ellegeo por sortes succedendo cada cinco dias hum, & que o pouo naõ soffreo este gouerno, pola variedade das condições dos que se ellegião, polo que ajuntando o senado determinaraõ q̄ todo o pouo por vottos ellegesse hum rey, & que o senado o aprouasse. E isto diz Tito Livio que se vsou dali por diáte nas elleições dos mais reys, & dos consules que despois dos reys governaraõ. E despois de elleitos os consules que eraõ os capitães dos exercitos Romanos elles diuidiaõ (como se vé em Appiano Alexandrino) entre si por sortes as prouincias onde auiaõ de fazer guerra: Mas sendo a de Antiocho muito importante, como Scipiaõ o mayor se offerreco a ir por legado de seu irmaõ deixando este costume ellegeraõ por capitaõ della a Lucio Scipiaõ, que era hum dos consules. Outras republicas que menos entendiaõ o que conuinha para serem bem governadas ellegião o seu rey, segundo a grandeza do corpo, naõ dando credito senaõ ao que julgauaõ os sentidos, ou porque nesta elleiçaõ entendiaõ que naõ podia auer engano, porque da grandeza (como diz Plataõ) naõ ha questaõ, porque a medida tira a differença. Aristotelis diz, que os Ethyopes ellegião deste modo os seus magistrados, prouendo nelles os de mayores, & mais bem feitos corpos: & Herodoto diz o mesmo. Em Apollonia, & em Thera cidades de Ionia dauaõ as honras, & dignidades sò aos nobres, & primeiros habitantes dellas. E os Carthagineses julgauaõ que se auiaõ de elleger aos magistrados, naõ sò os muy bons, mas os muy ricos, porque entendiaõ que os pobres naõ podiaõ administrar bem os officios publicos. E conforme ao que está ditto saõ seis os modos de elleições húa sò dos ricos, outra nobres, a terccira segundo a disposiçaõ do corpo, a quarta por sortes, a quinta por vottos, a sexta por vottos com a approuaçaõ do superior. Mas porque todos tem grandes inconuenientes

res se mostrarãõ agora, para q̄ polos seus defeitos se venha ao conhesciméto do que mais conuem para se acertar, ou se errar menos na elleiçaõ do capitaõ.

Dando os cargos, dignidades, & honras sò aos ricos seguir se hãõ dous graues dannos. O primeiro he não se daré aos virtuosos, & o segúdo tirar da republica o estudo da virtude, pois não tendo ella premio ninguem a seguirã. No primeiro se fazé duas injustiças, que se tira à virtude o premio que se lhe deue, & à republica o felice gouerno, que do virtuoso ministro seguramente se espera. E quãdo senaõ faça esta segunda injustiça por auer algum rico virtuoso a primeira sempre se cõmette; pois senaõ ellege a virtude senaõ a riqueza, & na intençãõ dos elleitores ambas se fazé, porq̄ elles não entendé elleger o virtuoso senaõ o rico, & assi també ficãõ cayndo no segundo danno de tirar os homés do estudo da virtude. E ordinariamente os q̄ saõ muito cobiçosos de riquezas não o saõ das virtudes. E por esta razão deuiãõ ordenar os Thebanos húa ley, que nenhum homé fosse habil para tomar os cargos, & hõras da republica senaõ tiuesse deixado primeiro dez annos a mercancia; porque sendo o estudo desta arte posto sò na cobiça do ganho entediãõ, q̄ em quanto a exercitassem não poriaõ nenhũ em procurar as virtudes. E não sò os que procurãõ as riquezas se descuidãõ das virtudes, mas ordinariamente aos possuidores dellas acompanhaõ algũs vicios, como seus familiares: que saõ a lasciuia, cobiça, & soberba. E assi diz Sallustio, q̄ com as riquezas entrãõ nos moços Romanos estes vicios. E por isso diz Aristotelis. *Cur diuitia magna ex parte ab hominibus prauis potius, quam bonis habeantur?* Porque razão os mãos pola mayor parte té mais riquezas que os bõs? E assi se os mãos saõ mais ricos, conuertendo o problema, os mais ricos serãõ mãos. *Si diues fueris* (Diz o Ecclesiastico) *Non Ecclesiaris immunis á dilicto.* Se fores rico não estarás liure de peccado. Este rico se entende como o do Euangelho, auarento. E assi os q̄ se occuparem sò no desejo das riquezas, & em gozar, co a liberdade que ellas offerrecem, os vãos deleites do mundo, sempre serãõ muito perjudiciaes ao gouerno da republica. Porq̄ todas as cousas amãõ o seu fim, & todo o amante appetitece a cousa

amada, & assi todas procuraõ o seu fim, a fortaleza, a segurança nos perigos, a justiça, a igualdade, & bom governo, & as outras virtudes segúdo o seu fugeito, & assi a riqueza appetecerá a grãdeza, soberba, & dilicias. E as republicas para se defender nos perigos tẽ necessidade de fortaleza, & para se governar na paz de justiça, segue-se logo, que a riqueza, que não tem por fim algũa cousa destas, não he vtil no governo das republicas, & assi não se deve elleger nos seus magistrados. E a republica a onde a ella se derem os officios, dignidades, & hõras, não poderá deixar de se perder; porque em breue tempo faltaraõ nella as virtudes, com que só todas se conservaõ, & assi faltando ellas serà impossivel conservar-se. Contando Sallustio a causa da ruina de Roma diz. Despois que a honra se pos nas riquezas, & a ellas se seguia a gloria, imperio, & poder, começou a se desprezar a virtude. E assi diz Plataõ, que quando nas cidades saõ honradas as riquezas, & os homẽs ricos se despreza a virtude, & os homẽs virtuosos: & se prezando as riquezas se despreza a virtude, a republica donde a riqueza sò se estimar não terã virtude; porque sempre os homẽs procuraõ o que mais se estima, & sem virtude necessariamente se perderã; pois não terã justiça, & fortaleza, cõ que todas se conservaõ. E assi não se ellegerã segundo a riqueza o capitaõ, pois nelle se reduz a fortaleza, com que a republica dos perigos se defende.

Sallu. de  
coni. Ca-  
zil.  
Pl. Rep.  
l. 7.

Fazendo a elleiçãõ por respeito da nobreza, sò daquelles a quem chamaõ nobres seguir-se haõ os mesmos inconueniẽtes; porque ainda que a nobreza proceda da virtude, nem todos os nobres saõ virtuosos; & porque só os virtuosos se deuem elleger, serã injusta a elleiçãõ, que se fizer sò por respeito da nobreza. A nobreza, que em todas as nações se conserva, he virtude dos primeiros progenitores, conservada nos descendentes com a riqueza: & se esta só se considerar nas elleições, far-se ha hũa cousa muito injusta; porque não ha de governar a virtude dos progenitores mortos, senãõ a do nobre que se elleger, & muito ordinariamente não passa a virtude dos primeiros progenitores aos descẽdentes, ainda que pelas leys do mundo passe a nobreza, & a isto daõ fẽ os filhos de Scipiaõ Africano, & Fa-

bio

bio Maximo, q̃ foraõ infames nascendo de taõ generosos pays. Trazendo Aristotelis hum lugar de Theodectes, diz sobre elle. *Putant enim, ut ex hominibus hominem, & ex bestiis bestiam, sic ex bonis bonum generari, sed natura quidem hoc vult, attamen plerunque non potest.* Cuidaõ que assi como dos homẽs nasce o homem, & dos animais o animal, dos bõs se gẽre o bom, mas ainda que a natureza isto pretende as mais das vezes o não pode alcançar. E assi pois não he certo serem bõs os filhos dos bons, não se deue elleger os nobres; porque pola virtude de seus passados alcançaraõ a nobreza. E considerando a diffiniçãõ que Aristotelis dà à nobreza melhor se verá quaõ dignamente se reprova esta elleiçãõ. Porque despois que diffine a nobreza das gentes, & das cidades diz, que a particular, assi dos homẽs, como das mulheres he hũa legitima gẽraçãõ, cujos mayores foraõ claros em virtude, & riquezas, ou outra algũa cousa louuavel. E assi ainda que os homẽs gẽraraõ sempre os filhos com semelhantes habitos, aos seus não conuinha esta elleiçãõ; porque segundo esta diffiniçãõ de Aristotelis algũa nobreza procede da riqueza, a qual se podia adquerir cõ injustos, & cobiçosos modos, cousas muito perjudiciaes ao governo das republicas; Os nobres q̃ não saõ virtuosos he a peor gente das republicas; porque como té presente a memoria de seus passados, as honras que alcançaraõ, & os cargos que seruireãõ appetescem as mesmas cousas, & como lhes faltaõ as virtudes com que se merecem, & deue alcançar, não os deixa repouzar a ambiçãõ, & sendo ricos, & pola nobreza poderosos enchem tudo de corrupçãõ, até alcançarem o que pretendem. E assi diz Aristotelis. *Nobilitatis igitur mores sunt, ut ambitiosior sit qui nobilior est, nam omnes cum quid adsit ad id solent coaceruare.* Os costumes da nobreza saõ, que o que he mais nobre seja mais ambicioso, porque como tenhaõ algũa cousa costumaõ acummullar a ella tudo o que podẽ. E se nos magistrados se ellegerem homẽs semelhantes, como se governarã a republica? Não he a nossa intençãõ excluir os nobres dos officios publicos, & do cargo de capitaõ general, senãõ aquelles em quem faltarem as virtudes necessarias, para bem administrar o publico governo: os quais não saõ nobres; porque a verdadeira no-

Aristot.  
Poli. l. i.  
ca. 4.

Aristot.  
Rhet. l. i.  
ca. 5.

Aristot.

*Phil.* breza he propria virtude, & quem a não tiuer ainda que proceda de illustre geração será innobilissimo. E assi diz Philo. *Nobilitas expiata purgataque mentis fors est principua, nobilis dicendi sunt soli prudentes, & iusti, etiam sic vernis, aut emptitijs nati sint, malis vero prognatis ex honestis maioribus nullus locus est inter nobiles.* A nobreza he húa principal sorte de entendimento limpo, & puro, & só se deuem chamar nobres os prudêtes, & justos, ainda que sejam nascidos de escravos, mas aos máos nascidos de nobre geração não se dará algum lugar entre os nobres. Polo que a elleição destes he a que se reprovaa; porque os viciosos não são nobres, & porque ellegendose só os nobres se respeita só a geração, & não a virtude, & a natureza não se obrigou a fazer sempre os nobres virtuosos, & os plebeos viciosos: he verdade que mais ordinariamente se acharão entre os nobres mais virtuosos, que entre os plebeos; porque o sangue, a memoria de seus passados, o serem mais conhecidos os obriga a trabalhar por não degenerar; & assi diz Aristotelis, que he mais prouavel que dos melhores nascão melhores: mas como isto pode faltar, não ha de ser só a virtude dos mayores causa da elleição; pois a verdadeira nobreza he propria virtude. Cõtando Platão húa fabula da geração dos homêes diz, que na cidade todos fomos como irmãos, mas que Deos quando nos formaua, misturou o ouro na geração daquelles, que nascerão aptos a governar, polo qual ouro diz são muitos honrados, & que misturou a prata na daquelles, que hão de ser soldados, mas que na dos lauradores, & outros artifices misturou o ferro, & o cobre, & que todos, pola mayor parte, gerão outros semelhantes a si, mas que tambem acontece que do ouro nasce a prata, & da prata o ouro. Polo que diz, q̄ Deos manda mais encarecidamente, que outra algũa cousa, aos principes, que de nenhúa tenham mais cuidado, que dos moços, para q̄ conheção q̄ metal destes está misturado em seus animos. Isto he o q̄ se deue fazer nas elleições, considerando se os nobres, q̄ deue governar, pola nobreza da sua geração, & virtude de seus mayores, conresponde á gloria da sua descêdêcia, & o q̄ não de generar se ellegerà. E assi não se ellegerà o capitão só por respeito da nobreza, mas dos nobres se ellegerà, segundo a virtude.

Os

Os escultores que fazê húa bellissima estatua são dignamente louuados; porque da sua arte não se deseja mais, que húa boa compostura dos membros corporais: mas os que ellegerê hum homê para governar semelhante a húa perfeita estatua, de grande, & bello corpo, & falto de entêdimêto, serão dignos de grandissima reprehensão; porque, para o governo das gentes mais se deseja hum puro, & ornado entendimento, que hum perfeito corpo. E assi não se ellegerà o capitão segundo a disposição do corpo; porque se só isso se respeitar ellegerseão estatuas, & não homens capazes de governar; porque para governar os povos, & os exercitos são necessarias as virtudes do animo sem as quais será impossivel administrar bem as cousas publicas. E assi diz Platão, que elle julga, que os que não sabem em que modo as cousas justas, & honestas são boas não podem ser governadores dignos de ser estimados. Se o entendimento conrespondera à grandeza do corpo, & á perfeita compostura dos seus membros não desaprouara esta elleição; porque ao grande, & perfeito corpo se seguira hum grande, & perfeito entendimento: mas como a alma he substancia separada do corpo, nem o acrescenta, nem diminuye, nem o faz mais, ou menos perfeito. E assi diz Aristotelis. *Anima autem inexistentis corpori non reddit ipsum maius.* A alma não faz o corpo mayor, ainda q̄ exista nelle. E em outro lugar diz, *Anima non est perfectio vnus membri, vt visus oculi.* A alma não he a perfeição de algum membro, como o ver aos olhos. E pois a alma não acrescenta o corpo, nem aperfeiçoa os seus membros, menos receberà ella delles algum augmento, ou perfeição; que o mais perfeito não pode receber perfeição do menos perfeito. E assi ao grande, & perfeito corpo não se seguirá grande, & perfeito entendimento, q̄ he a principal parte d'alma. Isto se proua bem com Alcibiades, & Isopo; porque Alcibiades teue muito perfeito, & bello corpo, & húa corruptissimo espiritu, & Isopo; foy pequeno, negro, & de disformissima figura, mas teue hum entendimento adornado de muitas virtudes, & foy hum illustre philosopho moral. Polo que para a elleição do capitão senão terá respeito à disposição do corpo, senão à do animo, porque os que tem por natu-

reza

*Aristot. Poli. l. 3. ca. 8. Pl. Rep. l. 3.*

*Pl. Rep. l. 6.*

*Aristot. de Theol. l. 3. c. 1. Idê. ca. 7.*

*Plat. vita Alcibi.*

Pl. Rep.  
l. 4.

reza algum defeito no corpo não se reprimem, mas os que o tem na alma de todos são reprimidos. E assi o serão aquelles que ellegerem para o governo bellos corpos, & torpes entendimentos. Quanto mais sapiente for a republica melhor será, & pelo conseguinte o exercito: & a republica, como diz Platao, será toda sapiente pela sapiencia que ha na parte principal, & que a governa, & a sapiencia não está no corpo senão na alma, segue se logo, que ellegendose os ministros segundo o corpo não serão sapientes, & não o sendo elles não o será a republica, nem o exercito que governarem, com o que ficarão muito imperfeitos o exercito, & a republica. E assi não se fará a elleição do capitão segundo o corpo.

As tres elleições de que se tem tratado são segundo as pessoas que se haõ de elleger, & as que se seguem segundo o modo da elleição: das quais a primeira (como está ditto) he a que se faz por sortes. Esta pode ser de dous modos, que são, ellegendo por sortes de toda a multidão os que haõ de tomar os magistrados, ou de certos: & estas tambem se podem diuidir de dous modos, ou fazendo a elleição co as primeiras sortes, ou ellegendo por sortes os elleitores, & elles os magistrados por votos: porem todos se deuem reprovár, porque como em todas fica à sorte o melhor lugar, sendo ella a que determina, ou os magistrados, ou os elleitores, não conuem deixar a cousa tão incerta o que errando se pode ser a ruina da republica. Os antigos Romanos que tinhaõ por Deosa a fortuna, a pintavaõ cega, & assi lhe chama Bocacio na sua visãõ amorosa, cega, & surda: & como a fortuna não he cousa algũa daõ lhe estes attributos, porque são tão fora do entendimento humano os casos a que chamamos de fortuna, que para se declarar o vario successo delles se chama cega a fortuna, & sendo assi como se ha de pôr nesta contingencia a elleição dos magistrados, & do capitão general, sendo tão necessario não errar a elleição das pessoas que haõ de subir a estes cargos. E assi diz Philo. *Quibusdam placet sortito creari principes nullo sane subditorum commodo.* A algũs contenta crear os principes por sortes sem nenhũa utilidade dos subditos. Porque pode cair a sorte em quem seja a ruina da republica: & assi não he

commo-

Boc.

Phil. de  
creation.  
prin.

commodidade sua pôrse nesta contingência, podendo com maduro conselho elleger o que lhe for mais util. Grande doudice seria pôr grande cuidado nas cousas minimas, & nenhum nas muito importantes; porque para as cousas pequenas, pouca diligencia basta, & as grandes muitas vezes, né com muita se podem alcançar, & as pequenas pouco danno podem fazer, & as grandes podem ser a ruina de tudo se senão fazem como conuem. Se a republica fizer as suas elleições por sortes, põe pouco cuidado na mais importante cousa que ha para a sua conservaçaõ; pois a deixa à sorte: & nenhũa ellege por sortes os officiaes mecanicos, senão precedendo o exame, & conhecendo a sufficiencia. E assi a que fizer por sortes as suas elleições será falta de juizo; pois põe pouco cuidado no que muito importa, & muito nas cousas em que vay muito menos. E assi dizia Socrates que era doudice elleger os magistrados por sortes, porque não ouve nenhum homem que se servisse do piloto, do pedreiro, nem do trombeta escolhidos por sortes: os quais (dizia) podem fazer muito menos danno nas cidades, que os que nellas presidem, & governaõ. Para o governo das republicas, & dos exercitos são necessarios entendimentos adornados de virtudes convenientes para bem administrar estas cousas, & a sorte (como diz Philo) não pertence à virtude, senão á felicidade: polo que aquelle que se elleger por sortes, será mais felice, mas não será mais virtuoso, & assi não se ellegerá o que conuem, pois a virtude he necessaria para governar. A todos os animais deu Deos particulares inclinações, virtudes, & forças. *Homo unus* (diz Aristotelis) *Ex numero animalium omnium vim obtinet cogitandi.* O homem que he hum dos animais tem toda a sua força no discurso da razaõ. Polo que se o homem se priuar do discurso perderá toda a sua força, & como a republica não he mais que congregaçãõ de homẽs, se ella ellegendo por sortes não usa o discurso perderá a sua força, pois ellegendo os magistrados por sortes entrega à sorte tudo o que conuinha determinar com bom discurso. E assi em nenhũa elleição se deuem usar as sortes, senão a boa consideraçaõ do entendimento ellegendo o que for mais util. E muito menos na do capitão general; pois mais que todos

Xenoph.  
l. 1. d. dic.  
C. facti.  
Socra.

Phil. de  
Creatio.  
princi.

Aristot.  
de Anima  
mal. li. 1.  
ca. 1.

## Primeira parte,

os outros ministros conuem que seja sufficiente, & não elleito a caso; porque no discurso de hum experimentado capitão se podem confiar todas as republicas, & nenhũa o deue fazer na incerteza da sorte. E assi disse Annibal a Eumenes, que não deuia confiar mais nos figados de hum bezerro, que no conselho de hum experimentado capitão. E os figados dos animais que sacrificauão erão hum certo modo de sortes supersticiosas, que os gentios vsauão. E assi não se deue deixar à sorte o que deue determinar o entendimento.

A elleição de vottos, ainda que he mais conforme à razão, tambem tem grandes inconuenientes. Porque, ou os vottos são de todo o pouo, como costumauão os Romanos, & Athenienses, ou de certos ministros, & hús, & outros podê vottar liures, ou em certos pretendêres dos magistrados, que se prouem, como se fazia em Roma, ellegendo dos candidatos, que erão os q̄ pretendiaõ ser elleitos, & se chamauaõ assi, porque para mostrar que eraõ pretendêtes se vestiaõ de branco. Se os vottos são de todo o pouo, ordinariamente se faraõ imperfeitissimas elleições; porque o pouo he ignorante, & não sabe elleger o q̄ conuem, que o ignorante não pode conhecer o douto. E assi nunca a republica Romana padeceo mayores calamidades, que quando o pouo seguindo o seu parecer ellegia os magistrados, como se vio no segundo decem virato, conuertendo se em dez tyrannos os dez homês que ellego a este magistrado, & no consulado de Marco Varron, leuantado a esta dignidade por fauor do pouo, o qual foy causa da grãdissima rota de Canas. He tambẽ o pouo facil de corromper, como as partes baixas da terra, que com pouca agoa que choua fazem lama, & assi com pouco dinheiro se podem comprar todos os vottos do pouo, porque como todos os plebeos gèralmente são ignorantes deixo se gouernar de algũs que entre elles tẽ reputaçãõ, ou por faladores, ou por sollicitos, como forão em Roma L. Iunio Bruto, & G. Scinio que foraõ os que fizeraõ elleger os tribunos da plebe, sendo elles os primeiros: & por estas cabeças facilmete se podem ter os vottos de todo o pouo. E assi segũdo Plutarcho, & Appiano Alexandrino, a pretura, & consulado de Cesar foraõ alcançados

çados por este modo, & Seruio diz, que Curiaõ vendeo Roma a Cesar por vinte & seis mil escudos, sendo este o dinheiro q̄ deu pola pretura. E se os vottos são de certos particulares, muito maior corrupçãõ padescẽ; porque os poucos podẽse corromper por si mesmo, & estaõ sугeitos a outra corrupçãõ de q̄ o pouo està liure, que he do parentesco, & amizade dos homês de qualidade, que são os que mais appetecem os magistrados, & os q̄ ordinariamente se ellegem; porque os poucos sempre são dos mais nobres, como o senado em Roma, & os conselhos no estado real. E assi difficulto samete neste modo de vottos deixarã de auer sobornos, & apaixonadas elleições; & co estas duas coufas não se podem fazer como conuẽ. Se em todos os senadores, ou conselheiros ouuera a modestia, & cõstancia de animo dos nobres de Sidona, aprouara este modo de elleição; porque mandando Alexandre a Ephestion, que fosse elleger rey em Sidona, elle cõmetteo aos nobres da terra, que tinha por amigos, q̄ elle gessem de entre si hum rey, & elles o não quiseraõ accitar, dizẽ dolhe que ellegesse hum certo Abdolomino, que viuia de cultivar hũa horta, mas era da familia dos reys, & este ellegeraõ por rey: o qual foy dignissimo do cargo: mas he taõ difficultoso achar semelhantes naturezas, & taõ ordinario auellas sугeitas à corrupçãõ das peitas, do parentesco, & da propria ambiçãõ, q̄ senaõ pode aprouar este modo de elleição: nem a que os Romanos costumauão ellegendo s̄ dos candidatos, que era elleger s̄ dos pretendêtes; porque os bõs, modestos, & doutos, que conhecem o grande trabalho de gouernar, & o grande perigo para as consciencias não pretendem, porque ninguem procura o que julga por máo, & assi ordinariamente os pretendentes não são dos melhores. Isto parece que entẽdeo Aristotelis, quando diz. *Insuper creatio ipsa senatorum quam per suffragia faciunt per leuis est, ac ipsum petere magistratum qui eligendus sit non recte se habet: oportet enim, & volentem, & non volentem ad magistratum assumere si dignus sit eo magistratu.* A elleição dos senadores q̄ se faz, votando nos pretendêtes tẽ pouco fundamento, & o pedir o magistrado, aquelle q̄ se ha de elleger não tẽ em si algũa coufa justa: porq̄ conuem elleger ao magistrado, o q̄ o quer, & o q̄ o não quer, se for digno delle.

Seruius

Quintus Curt. l. 4.

Aristot. Poli. l. 2. ca. 7.



no delle. E assi se os pretendentes forão os melhores, quando Aristotelis diz, que se ellejão os mais dignos não differa que se ellegessera os que não pretendem: mas como ordinariamente os que pretendem não são os melhores, tem por injusta a elleição que só delles se fizer. Ia Socrates sentia isto; porque mandãdo a hum discipulo seu (como diz Xenophonte) que aprendesse a Arte Militar lhe disse. He cousa vergonhosa ô moço, que aquelle q̄ pretende ser elleito capitão não queira aprender quando pode, & a cidade condenaria este com muito mayor justiça, que algum que não sabendo quisesse fazer estatuas. E aquelle (dizia) em fim que não quer aprender estas cousas, & pretende ser elleito capitão, porque não será com muita razão condemnado? Nas outras cousas não fará tanto danno a elleição dos pretendentes ignotantes, mas na do capitão pode ser a vltima ruina. E assi como dizia Socrates era justa cousa condemnar a quem não sabendo a Arte Militar pretendesse ser capitão; porque em nenhũa republica se permite fazer algũa arte que a não tenha aprendido, & todos querem ser elleitos capitães sem saber da Militar cousa algũa. E assi dizia Socrates que nenhum homem que não sabe procura ser mestre de tãgedores de cytara, & guia de dançantes, mas que todos aquelles que governão estes podem mostrar de quem aprenderão aquellas cousas, nas quais são governadores, mas que logo de improviso se fazem muitos capitães. E pois os que pretendem ser elleitos capitães, ordinariamente sabem pouco do que querem administrar não se ellegerã o capitão só dos que procurarẽ selo: nem esta elleição se usará; porque os melhores deue governar, & esses ordinariamente não pretenderão ser elleitos. E assi se entenderã que todo o pretendete pola mesma razão de o ser fica inhabil; pois se sabe que os melhores não pretenderão, & aquelle que se dispõe a pretender, de necessidade ha de usar todos os meynos convenientes para conseguir o fim q̄ deseja, peitando, & sobornando; pois sem grande desejo de alcançar ninguem pretenderã; que requerer não he cousa suave.

A vltima elleição das apontadas he por votos com a approvação do senado, ou do principe. Nas republicas pode ser muito princi-

principal causa de grandissimos danos; porque se o senado desaprouar o que o pouo fizer pode se temer a sua furia; porq̄ o pouo (como diz Tito Liuius) ou vilmente serue, ou soberbamente senhorea; & assi tendo elle a autoridade de elleger quererã sobberbamente usar o seu imperio, & não poderã o senado emmendar o q̄ elle mal elleger, ou se arriscará a discordia ciuil. O reyno está mais liure deste inconueniente; porque o pouo no estado real sempre he mais sugeito. E se a elleição tocar só aos conselhos, como ordinariamente oje se usa, de todo fica liure deste perigo, mas não dos sobornos. E assi ellegendo só dos que o conselho nomear virseã a dar no mesmo incôueniente de elleger os incapazes antepostos polos parentes, amigos, ou pelas peitas cõ q̄ grangearẽ os votos, & deste modo se tirará pouco fructo da approvação do principe, polo q̄ tãbẽ senão approva esta elleição. E he tão difficultosa cousa conhescer o animo dos homẽs, & tão limitado o entendimẽto, que quando senão temera a corrupção dos elleitores do mesmo modo reprovarã toda a elleição feita por homẽs; porque nem o entendimento dos que ellegem pode conhescer o animo do elleito, nem ha nenhum que não seja sugeito á corrupção, ainda que purissimo pareça: & assi quando se cuidar que se tem feito muito boa elleição, poderá sayr ao reuez. Ellegeo Deos a Saul por capitão do seu pouo, o qual diz a Escripura, que era o melhor homem de Israel, & que era como hũ minino de hum anno quando começou a reynar: & despois foy injusto, cruel, & quebrantador dos preceitos de Deos, & reprovado. E se conforme a isso se pode dizer q̄ Deos errou na sua elleição, como cuidarã os homẽs, que podem acertar nas que fizerem. E Deos a quem estão todas as cousas presentes não podia errar, polo q̄ se pode cuidar q̄ cõ a elleição de Saul nos quis aduertir a grande difficultade de acertar as elleições. E assi não ha outro modo, para se acertar a elleição do capitão, se não o da elleição de Aron. Não queria o pouo de Israel q̄ Aron administrasse o sacerdocio, & amotinando se por este respeito, cõtra elle, & Moyses, disse Deos a Moyses, que tomasse de cada hũ dos principes dos tribus hũa vara, & outra d' Aron, & que as pusesse no tabernaculo, onde estava a arca do testamento, & q̄

*Deute. 6. 31.* a vara do q̄ elle ellegeffe floresceria, & floresceo a d' Aron, ficando deste modo elleito sacerdote. E assi em quanto Deos fauorecia aquelle pouo não fiava d' outrem as elleições dos seus capitães, que elle ellegeo despois de Moyses, Iosué, & despois de Iosué, Iudas, & assi outros que bê governaraõ, & alcançaraõ grandes vittorias. E os Romanos entendiaõ bê que sò he boa a elleição que Deos faz; porque não ellegiaõ rey côsul, & pretor sem terê por certo, segundo os agouros, & ceremonias do seu rito, que Deos o aprouava, & quando lhes parecia o côtrario não sò não confirmavaõ os elleitos, mas despois de confirmados elles depunhaõ o magistrado, como diz Valerio Maximo q̄ fizeraõ Gayo, Figulo, & Scipiaõ Nasica: & assi não he cousa a elleição de hũ capitaõ que a deua nenhum homê tomar sobre si, ainda que do q̄ quer elleger tenha bonissima opiniaõ; porque (como diz Philo) não quis Moyses elleger Iosué em capitaõ, ainda q̄ o estimava mais que todos os outros Israelitas, sem primeiro ser elleito por Deos. E diz que se perguntassem a Moyses, porq̄ não ellegia hũ de seus filhos, ou sobrinhos, ou quãdo não; porq̄ não ellegia o mesmo Iosué, de quem tinha grandissima satisfaçaõ, q̄ responderia, que ainda que nenhũa cousa se deue fazer cõ precipitado juizo, naquellas se deue pôr muito mayor cuidado, q̄ sendo bem, ou mal administradas são causa a muitos de felicidade, ou calamidade, & que nenhũa cousa ha mayor que o cargo a quem os cidadãos cõmettem a paz, & a guerra, & que do mesmo modo que para a prospera nauegaçaõ he necessario hũ bõ piloto, para defender a trãquillidade da republica bem ordenada, conuê hum sapiente principe. E que da sabiduria, q̄ he mais antiga q̄ elle, & que todo o mundo não he licito julgar senão Deos, ou algũ sincero, & puro amator della. E pois para gouernar a republica conuê hũ sapiente principe, & da sapiencia não pode julgar senão Deos, elle sò entende Philo, que poderà fazer boa elleição, & o amator da sapiencia, o qual será algũ santo, por q̄ Deos he a verdadeira sapiencia, & assi o amator della he amator de Deos: mas como pela infelicidade deste tẽpo não merecemos q̄ Deos assista às elleições dos humanos gouernos, nem os santos quando os ouuera se entremeteraõ nellas, conuê mo

strar

strar algum outro modo, de que se possa vsar, que tenha menos inconuenientes que os referidos.

A primeira cousa que se deue considerar na elleição he a virtude, & partes necessarias para administrar o cargo em que ha de seruir o elleito, & isto se ha de antepôr a todas as outras cousas; porque o gouerno das gentes destas tẽ necessidade, & aonde se interessa o commum bem, ou danno sò isso se ha de respeitar imitando a Deos, que tanto cuidado tem da commum conseruaçaõ do mundo, que despois que o criou não faltou cõ algũa das cousas para isso necessarias, como vemos nas cõtinuas reuoluções dos ceos, & do tẽpo. E assi a nenhũa cousa os homêes estaõ mais obrigados (despois da ley de Deos) que â commum conseruaçaõ das respUBLICAS. E como o mais efficaç meyo para se conseruarem he ter optimos gouernadores na paz, & na guerra, isso se deue procurar nas elleições que se fizerem. E assi diz Aristotelis que deue ser perpetuo rey nas cidades, o que nas virtudes exceder a todos os outros. E por isso a natureza que olha a cõmmun conseruaçaõ de todas as cousas, ordenou que as melhores precedessem, & assi se verã discorrendo desde os Anjos até a mais infima criatura: polo que diz Dionisio Halicarnasio que he cõmmun ley da natureza, nunca polo tẽpo annullada, que os melhores mandê sempre aos peores. Isto pretenderaõ todas as respUBLICAS bê ordenadas, & prudentes; & assi diz Valerio Maximo, q̄ em Roma sò à riqueza do animo dauaõ os supremos magistrados. E assi do arado ellegeraõ Attilio Collatino para a dittadura. E cõ outros fizeraõ cõusas semelhantes; porq̄ no gouerno dos pouos sò a virtude, & partes deue ser preferidas. E este he o ouro de que diz Plataõ, que haõ de ser ricos os que gouernarẽ a republica. Deitaraõ os filhos de Galaad de casa a lephte dizendo que era bastardo, & não podia ser herdeiro na fazenda de seu pay: mas sendo despois necessario elleger hũ capitaõ, que defendesse o pouo de Israel da guerra q̄ lhe faziaõ os Ammonitas, os mesmos que o desterraraõ da paterna casa o foraõ buscar, & ellegeraõ por capitaõ, & principe; porq̄ como nelle auia as partes necessarias para gouernar o exercito, & as cidades não respeitaraõ a bastardia, por cujo respeito o tinhaõ

Q.3

deshe.

desherdado dos paternos bês. E assi para elleger o capitão só a virtude, & partes conuenientes se deuem respeitar.

Isto he segundo a pessoa que se ha de elleger: cuja elleição se não fará por sortes, nem por votos, mas o supremo principe terá com summo cuidado, & vigilancia alcançado hum claro conhecimento dos subditos, que podem seruir a republica, & elle, sem preceder outra consulta fará a elleição do capitão general, & deste modo se tirará os outros inconuenientes apontados; porque o supremo principe não se pode corromper com peccados, nem valias; porque tudo está na sua mão; & como proprio senhor procurará sempre elleger o que conuem, para a boa conservação, & augmento do que está debaixo da sua administração, & imperio, como os senhores das propriedades q buscão, para as cultuiar; os homês que melhor o podem fazer, & se tem por mais doutos na agricultura. E os conselheiros são como os arrendadores, que não querem mais que desfruitar, & da propriedade não tem nenhum cuidado. E por isso disse Christo Se-

Secund.  
Ioan. 6.10

nhor nosso, que era bõ pastor; porque (disse elle) o bom pastor põe a sua vida pelas suas ouelhas, & o mercenario foge quando o lobo as accõmette. E assi sendo o supremo principe o proprio senhor do rebanho do seu pouo, necessariamente desejará acertar no que mais conuem à sua conservação. Este modo de elleição vsaua el Rey Dom Ioão o segundo deste nome Rey de Portugal: o qual tinha hum liuro em que assentaua os homens dignos de administrar os cargos do gouerno do seu reyno, signalando a cada hum o cargo, para que era sufficiente, & quando algum cargo vagaua daua-o à pessoa em quem no seu liuro o tinha provido. He este hum clarissimo exemplo digno de o seguir todos os principes que quizerem gouernar bem seus estados; porque assi farão o perfeito officio de verdadeiro pastor; pois como disse Christo, o pastor conhece as suas ouelhas, & assi o que as não conhecer não será bom pastor, & será quasi mercenario. Polo que conhecendo os subditos, & ellegendo os que forem dignos de gouernar, & o capitão general, segundo as partes que se lhe attribuyraõ, será dignissimo principe,

& o seu estado felice, & prospero.

COM-

# COMPARAC, AM DA ANTIGVA, E MODERNA Milicia.



ARTE Militar (como se disse no primeiro discurso) he antiquissima, & foy em todos os tẽpos muito estimada: & assi não só a tiueraõ as nações antigvas, segundo o costume de cada hũa, mas sempre os seus preceitos (como se vé em Elia Ellian. de nom. e ord. mil. no) foraõ escritos por graues autores. E porque a que se ha de escrever differre em algũa cousa da que os antigos vsaraõ, & escreueraõ, cõ-

uem mostrar antes que della se trate a ventage que faz à antiga a moderna milicia; para que se veja que não he vaõ o trabalho de chegar esta Arte à mayor perfeição que pode ter; porque se a moderna senão auentajara bastáua o que escreueraõ da antiga Vegetio, Polibio, & Eliano. E como os Macedonios, & Romanos foraõ (segundo Polibio) superiores na milicia a todas as outras nações do mundo, os Macedonios (como elle diz) aos Asiaticos, & Gregos, & os Romanos a toda a Libia, & Europa, mostrando que a moderna milicia he mais perfeita da que tiueraõ estas duas nações, se verá que excede à de todas as outras do mundo. As principais cousas em que consiste toda a milicia são, a forma dos esquadrões, com que se ordenaõ as batalhas, as armas com que se armaõ os soldados, & o modo de peleijar: & assi comparando nestas tres cousas a milicia dos Macedonios, & Romanos, com a moderna se verá a grande perfeição da que se escreuerá, & polo conseguinte que ella só se deue seguir; porque de todas as artes se deseja a perfeição.

Os Macedonios vsauaõ hum esquadraõ de forma quadrangular,

Q4

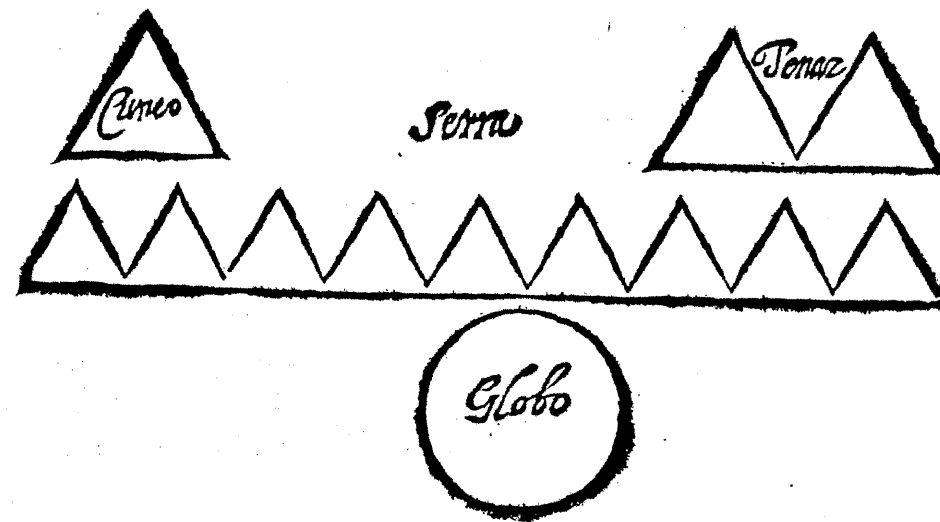
*Elian. de nom. & ord. mil.* gular, como paralelògramo, porque ( como diz Eliano a Phalange, ou esquadrão Macedonio era perfeito quando se ordenava com quatro Phalangarchias, ou quatro esquadrões simples, que o mesmo he Phalangarchia, que esquadrão simplez: cada hum dos quais tinha quatro mil, & nouenta, & seis soldados, postos em duzentas, & cincoenta, & seis fileiras de deza seis soldados cada hũa: as quais se entendião da frente ao fundo, & não de hum corno ao outro, como agora se vsa, & assi fallando a nosso modo tinha a Phalangarchia deza seis fileiras de duzentos, & cincoenta, & seis soldados cada fileira. O mesmo se entē de de Polibio, porque diz, que a Phalange tinha de fundo deza seis soldados. E assi ficava este esquadrão de grande frente, & pouco fundo, como nesta figura se vê.

PHALANGARCHIA.



*Elian. de nom. & ord. mili.* Estes quatro esquadrões, ou quatro Phalangarchias se união polos lados, & quando deste modo se juntaão ficava o esquadrão perfeito, a que chamaão Tetraphalangarchia: & assi vinha a ter, fallando a nosso modo, deza seis fileiras de mil, & vinte, & quatro soldados cada hũa, & continha todo deza seis mil, & trezentos, & oytenta, & quatro soldados. Diante deste esquadrão punhão os armados á ligeira, em outras mil, & vinte, e quatro fileiras de oyto soldados, ou segundo o nosso modo, em oytro fileiras de mil, & vinte, & quatro soldados cada hũa, postos em cõrespondência dos outros do esquadrão. E todos se ordena uão cõ tres differenças de espaços, segundo a necessidade requeria, & o mais largo era de quatro cubitos, & o estreito de dous, & o serrado de hũ. Estes espaços erão tâto por frente, como por fundo, e assi no mais largo occupava cada soldado 6. peis por frõte, no estreito 3. e no serrado hũ & meyo, porq̃ o cubito (segũdo *Vitr. l. 3. ca. 1.* Vitruuio) tinha 6. palmos, & hũ pè 4. sendo cada palmo de quatro dedos. E assi no espaço mais largo occupava este esquadrão quatro

quatro mil & nouenta & seis cubitos de frente, que são seis mil & cento & corenta & quatro peis, & no estreito tres mil, & setenta & dous peis, & no serrado mil, & quinhentos, & trinta, & seis. Os Romanos (segundo Vegecio) vsauão quatro modos de *Veg. l. 3. ca. 19.* esquadrões, a hum chamaão Cuneo, a outro Tenaz, ao terceiro Serra, & ao quarto Globo, cujas formas se mostraõ nestas figuras.



E em outro lugar diz, que ordenauão o exercito em forma quadrada, com grande frente, mas que dos peritos na Arte Militar não era estimada esta ordem. E como se mostra em Tito *Tit. Livio D. 1. l. 8.* Linio este esquadrão era semelhante à Phalange dos Macedonios, do qual se seruirão até o tempo em que pagaraõ os soldados, que foy no decimo oitauo Tribunato Militar, & deste tempo por diante diz, que ordenaraõ o esquadrão de mais manipulos. E assi de outros lugares se collige ordenarem o exercito de forma quadra, como se vê indo o Consul Romano socorrer hum lugar que Annibal combatia junto a Piacenza. E na mesma forma ordenou Flaminio o seu exercito para socorrer os soldados, que andando soltos pollo campo maltrattados de Philippo: mas como nenhuu autor declara a gente com que o exercito nesta forma se ordenava, se era com a infantaria ordenada em esquadrões, como agora se vsa, ou se toda a infantaria, & caulleria unidamente faziaõ a batalha quadrada, não

naõ se tratterà destes esquadrões quadros, pois tambem (como diz Vegecio) naõ eraõ estimados dos peritos na Arte Militar: & quando os Romanos os vßassem, como elle mostra no cap. 26. do 3. liuro, daraõ mais credito ao que se differ quando se approuarem os modernos: mas se elles os vßauão como os de agora, porque razaõ naõ tratta Vegecio delles, quando declara a forma dos outros esquadrões? & assi he mais prouauel que eraõ todos quadrangulares à imitação da Phalange, como està ditto. Cada soldado nestes esquadrões occupaua tres peis por lado, & sette por fundo, como se vê em Vegecio, & naõ ordena mais q̃ atè seis fileiras, polo que este parece que era o mayor fundo dos esquadrões dos Romanos.

Vege. l. 3. ca. 13.

Elian. de nom. ca. 17.

Plu. in vi. ca. Paul. Emil.

Pol. l. 10. Elian. de nom. ca. ord. mili.

As armas dos Macedonios eraõ sariffas, ou piques compridos, cossolletes, ou outra armadura semelhante, & escudos. Dos soldados que seruião co estas armas se ordenaua a Phalange. Tinhaõ tambem outros armados á ligeira, que peleijauão com armas de arremeço: os quais (como està ditto) se ordenauão diante da Phalange. As sariffas, segundo Eliano, & Polibio, eraõ de catorze cubitos, dos quais occupauão quatro entre as mãos, & no espaço que ficaua detraz, segundo Polibio, mas Eliano diz que dous, & se eraõ quatro, tinha cada soldado na fronte cinco sariffas, & se dous, seis estando na ordẽ estreita, pois (como està ditto) nella occupaua cada soldado dous cubitos, & assi tirando a cada fileira despois da primeira dous alem dos que occupauão as mãos, assi vem a ser. E na ordem serrada era o dobro, porque naõ occupaua nella cada soldado mais de hum cubito. Das armas com que armauão o corpo faz menção Plutarcho, porque contando como Perseo ordenou a Phalange na batalha em q̃ o vécco Paulo Emilio, diz, o terceiro esquadraõ era de Macedonios escolhidos, os quais tinhaõ bellissimas armas douradas, nouas, & resplandecetes sobre vestes. Isto se proua tãbẽ cõ hũ lugar de Polibio, aõnde diz q̃ a Phalãge abraçaua os que saye à escaramuça, & os de graue armadura. E Eliano distintamente falla nos armados, & nos velites, & assi sendo os velites os q̃ se armauão à ligeira, os a q̃ chama armados eraõ (como està ditto) de cossolletes, ou outra armadura semelhante. Dos escudos todos

todos fazem menção, & quando Tito Liuiõ tratta das armas dos Macedonios diz, que eraõ escudos, & sariffas. Os velites, ou soldados de armas ligeiras se armauão (como se vê em Eliano) com settas, dardos, & fundas. E o mesmo se entende do lugar allegado de Polibio; pois diz, que a Phalange constaua dos que sayem à escaramuça, que saõ os velites: os quais peleijauão com settas, dardos, & fundas, que eraõ as armas cõ que naquele tempo se saye às escaramuças, como agora cõ os arcabuzes. E assi (como està ditto) os Macedonios ordenauão a sua Phalange com soldados de piques, cossolletes, & escudos, & com velites que peleijauão com settas, dardos, & fundas.

Tit. Liuiõ D. 1. l. 9. Elian. de nom. ca. ord. mili.

Os esquadrões, & batalhas dos Romanos se ordenauão (segundo Vegecio) com seis ordẽs de soldados, & segundo Eliano cõ tres. Porque Vegecio diz, que a primeira ordem era dos principes, a segunda dos hastates, a terceira dos ferentarios, a quarta de scutatis, & sagittarios, & dos que com dardos, & plombadas combatiaõ, os quais chamauaõ de leuc armadura, na quinta punhaõ carrobalista, besteiros, & fundatarios, & os que atirauão co a mão a que chamauaõ accesos, & na sexta os triarios. E Eliano ainda que na ordem dos esquadrões tratta da Phalange Macedonia, quando começa a fallar nos soldados entende os Romanos; porque diz que o exercito que combate a pé se diuide em tres modos, sendo hũs armados, outros peltates, & outros velites: & vese que falla dos Romanos, porque diz os armados traziaõ as armas à vßança Macedonia. E se fallara dos Macedonios naõ os auia de cõparar co elles mesmos, polo que dos Romanos falla. E assi considerando simplesmente estes dous autores grande duuida se offercia: mas penetrando bem o sentido de cada hum, vese que naõ discordaõ, porque Vegecio diuides, segundo as dignidades, & Eliano segundo as armas. Isto se proua cõ o mesmo lugar de Vegecio; porque elle vay collocando esta differença de ordẽs, segundo a antiguidade da milicia, & quando diz as armas com que se armauão naõ saõ mais que tres especies dellas, como diz Eliano, porque nas primeiras duas ordens diz, que punhaõ os de madura idade, & de confiança, polo vßo da guerra, os quais se armauão de graue ar-

Vege. l. 3. ca. 14.

Elian. de nom. ca. ord. mili.

madu.

madura, & na terceira os de armadura velocíssima, & bons atiradores, & sagittarios, & na quarta *scutatos*, sagittarios, & os que combatião com dardos, & plumbadas, & na quinta outra sorte de atiradores, & instrumentos, & na sexta arma também os Triarios de graue armadura. E assi não são mais que tres sortes de soldados, segundo as armas, que são armados à ligeira, & atiradores, que Eliano comprehende na ordem dos Velites, & os *scutatos*, são os peltates, & os príncipes, hastates, & triarios, são os de graue armadura. E no liuro 2. mostra Vegecio isto muito claramente; porque trattando do modo có que os Romanos combatião diz. Isto não só se deue saber, mas conservar firmíssimamente, que começada a batalha, o primeiro, & segundo esquadrão, quasi immobiles se viao, & os triarios (como se disse) inclinados repousaõ, mas os Pherentarios, & os que traziaõ escudos, os sagittarios, & fundatarios, que são os de ligeira armadura, indo diante dos esquadrões, prouocauão os inimigos, & se os podiaõ fazer fugir seguitaõs, & senão lhe podiaõ resistir tornauão se aos seus, & punhaõ se detraz delles, & entãõ se começaua a batalha com a graue armadura, a qual estaua como se fosse hum muro de ferro. E deste modo acaba Vegecio a batalha: na qual só falla dos atiradores dos peltates, & dos de graue armadura. E considerando Dionisio Halicarnasio esta diuisão que Vegecio faz segundo a idade, & antiguidade da guerra (diz elle) q̃ a fez Tullio sexto rey dos Romanos segundo a fazenda, precedendo os mais ricos na ordem, & nas armas, & se Dionisio faz só cinco ordens, he, porque não tratta da em que Vegecio diz, que se punhaõ *carroballista*, & artificios para atirar aos inimigos: & trattando das armas có q̃ se armauão, todos se reduzem às tres ordens de Velites, peltates, & de graue armadura, porq̃ a primeira ordẽ dos mais ricos tinhaõ graue armadura, & a segunda tinha as mesmas armas tirando a armadura do peito, & os escudos eraõ differetes, a terceira, era do mesmo genero, tirádolhe os peitos, & greuas, & á quarta ordẽ deu só rodellas, & espadas, q̃ são os peltates, & na quinta pós os velites q̃ eraõ os mais pobres: osquais seruião có fundas, & armas de arremeço, ficãdo fora dos esquadrões. E como no tempo de Tullio senão pagauão os sol-

Veg. l. 2.  
ca. 17.

Dio. Halic.  
l. 4

os soldados era necessario diuidilos, segundo a quantidade da fazenda, para poderem ter as armas có que deuaõ servir, mas como no de Vegecio (que escreueo imperando Valentiniano) se pagauão os soldados, não conuinha fazer a precedencia das ordens, senão polos merecimentos. E assi as seis ordens em que Vegecio diuide a infantaria são segundo as dignidades, & conforme as armas tres, como diz Eliano, húa dos armados de graue armadura, outra dos Peltates, & a terceira dos Velites. Isto se vê em Tite Liuiio considerando o que escreue, quando tratta da ordem da milicia Romana, & em Polibio, conformando se mais có Dionisio Halicarnasio, ainda q̃ nas primeiras palauras com que começa a escreuer estas ordens se pode receber engano, dizendo que são quatro, mas logo fallando separadamente com a dos que tinhaõ mil dragmas faz a quinta ordem, como Dionisio Halicarnasio.

Conuem agora saber particularmente como se armauão estas tres ordens de milicia. A de graue armadura era de soldados armados de cossolletes, & greuas, escudos, espadas, adagas, & piques cópridos, & para que isto melhor se entenda se prouará, que seruião có estas armas, trattando de cada parte dellas separadamente. E começando pelas armas có que armauão o corpo, em Vegecio se vê serẽ as que està ditto; porque quando falla nos Triarios diz. *Sextus ordo post omnes à fortissimis, & scutatis, & omni genere armorum munitis bellatoribus tenebatur, quos antiqui Triarios appellabant.* Despois de todos se continha na sexta ordem os mais fortes soldados armados com escudos, & todo o genero de armas. Polo q̃ se se armauão de todas as armas, claramente se vê que vsauão as que està ditto, que são todas da celada até as greuas, & assi quando elle declara as armas que traziaõ os soldados de graue armadura diz. *Hac erat grauis armatura qui habebant Idem l. 2; cassides cataphractas ocreas.* Estas erãõ as armas dos soldados de graue armadura, celadas, cossolletes, & greuas. Dionisio Halicarnasio mostra claramente o mesmo dizendo, que a primeira ordem se armava com escudos Argolicos, celadas de cobre, toraces, ou cossolletes, & greuas. E Polibio quando tratta das armas com que se armauão os soldados Romanos, diz, *Pol. deca*

Tit. Liui.  
D. 1. 18.  
Pol. de ca  
l. r. Rom.

ca. 15.

Dio. l. 4.

Pol. deca  
l. r. Rom.

R que

que os hastates vsuaõ inteira armadura, & declarando esta inteira armadura, diz que era (entre as mais cousas que a seus lugares se dirião) hũa celada, & as armas com que cobrião o corpo, no que se mostra serem as mesmas que diz Dionisio Halicarnasio, & com ellas, diz, que se armauão os principes, & triarios, & os que tinhaõ de fazenda mil dragmas, fazendo só differença entre hũa, & outra ordem nas armas do peito, & nos piques. E assi os soldados de graue armadura se armauão de cosfoletes, ou armas semelhantes, & greuas, como se propos. Traziaõ mais escudos o que se proua com todos os autores que escreuem da milicia, & historia Romana, & assi se vê em Vegetio, Tito Liuiio, Dionisio Halicarnasio, & Polibio. As espadas eraõ (segundo Polibio) quasi como as nossas, ás quais chamauaõ Espanholas, & as punhão da parte direita, polo que não deuião ser muito compridas; pois para se desembainhar com a mão direita era necessario serem curtas, mas eraõ de dous cortes, & boa ponta. E ainda que do Texto de Polibio assi se entende, Gulhelmo Choul, diz, que traziaõ espada do lado esquerdo, & que isto era adaga, & deuese seguir esta opinião, porque o mesmo diz Vegetio. Mas a que tem dos piques se reprovará; porque não cre que se pudessem servir delles os Romanos trazendo escudo, parecendo-lhe de tão embaraço, que o té por impossucl, contradizendo a Polibio, que elle diz, que signala aos Romanos hũa lança com ferro, & cuberta de crauos até a ponta. E pola mesma razão contradiz Eliano, que arma os Macedonios com escudos, & sarissas de catorze cubitos, allegando em proua disto, que na batalha de Paulo Emilio, & Perseo não faz Tito Liuiio menção mais que de sarissas, & q̄ não falla em escudos: mas em tudo se engana; porque Polibio não escreue o q̄ ouiuo, senão o q̄ vio muitas vezes, & assi he de crer que contando com pureza todas as outras cousas, não faltaria nesta, em q̄ não podia interessar nada. Nos feitos dos principes, & na genealogia delles, se pode cuidar q̄ mêtirá hũ ecriptor, polo interesse q̄ pode esperar do mesmo a que, ou hõra mais do q̄ merece, ou encobre os vicios, & defeitos q̄ o podiaõ infamar: mas na ordẽ da milicia em q̄ não concorre este interesse, não se pode

pode crer que senão diga a verdade. Alem disto Eliano claramente diz, que os Romanos traziaõ piques compridos, por que diz que os Romanos traziaõ à vsança Macedonica os escudos redondos, & as hastas compridas. E pois Gulhelmo Choul não nega o comprimento das sarissas, deue conceder o mesmo às hastas dos Romanos, pois Eliano diz, que são semelhantes às sarissas, às quais Polibio dá o mesmo comprimento de catorze cubitos, & esse tinhaõ as hastas dos Romanos. E do embaraço do escudo, & pique comprido tira toda a duuida Tito Liuiio; porque diz, que quando se daua a batalha, os principes, & os hastates se retirauão aos Triarios, os quais estauão baixos co a perna direita estendida, & o escudo deitado para tras, tendo as hastas com os contos na terra, & as pontas sã leuantadas, & pois elles quando auiaõ de pelejar co as hastas deitauão os escudos para tras, bem se vê que lhe não fariaõ impedimento, & se foraõ curtas como os pilos, com que atirauão, não era necessario deitar para tras os escudos, pois sem isso se poderiaõ servir dellas. E dizer que não falou Tito Liuiio em escudos na batalha de Emilio, & Perseo, com o que quer prouar que os Macedonios não vsuaõ sarissas, & escudos, não contradiz feruirem-se elles destas armas; pois o mesmo Tito Liuiio, falando das armas dos Macedonios diz, que eraõ escudos, & sarissas, que são piques compridos, & pois elle tinha ja ditto que estas eraõ as armas dos Macedonios, não tinha necessidade de as tornar a repetir. E Plutarcho satisfaz esta duuida dizendo, quando escreue esta mesma batalha, que os Macedonios plantauão as sarissas nos escudos dos Romanos, & que não combatiaõ de tão perto, que pudessem ser feridos co as espadas, & que algũa vez deitando os escudos para tras todos a hum tempo feriaõ com as sarissas. E assi não ha duuida em os Macedonios vsarem escudos, & piques compridos. Mas neste lugar de Plutarcho se pode representar outra duuida de mais consideração, para quem não estiuer bem na ordem das batalhas dos Romanos, & he que diz elle, que os Romanos erã feridos com as sarissas dos Macedonios, & não podião chegar a ferilos com as espadas, & se os Romanos vsaram pi-

Veget. l. 3. c. 14. Tit. Liv. l. 2. c. 15. Polib. de Cast. Rom. Gulbe. de Castre Rom. Veget. l. 2. ca. 15.

Elian. de nom. c. ordi. Mil. li.

Tit. Liv. D. I. l. 8.

Tit. Liv. D. I. l. 9.

Plut. vit. Pau. Em.

piques compridos, como as sarissas, co elles igualmente ferirão os Macedonios, & assi parece (segundo este lugar) que elles não tinhaõ piques compridos, & que os não vsauão. Mas isto he facil de soltar, porque os Romanos começauão sempre as batalhas polos principes, & hastatos, & quando estes não podião romper os inimigos retirauão se aos triarios, em que estava posta a esperança da vittoria, & estes triarios erão os que trazião os piques compridos, & assi quando Plutarcho diz, que os Romanos polo comprimêto das sarissas dos Macedonios não podião chegar a ferilos, era no principio da batalha, a onde não combatião mais que os principes, os quais não tinhão piques compridos. Tudo isto se proua bem com muitos lugares dos autores referidos; porque Vegecio diz, que na frente da batalha se collocauão os principes, & os hastatos, & no vltimo lugar os triarios, de quem pendia a esperança da vittoria, quando os mais a não alcançauão. E Tito Liuiio diz, que os triarios se mouião contra os inimigos, despois que recebião entre si os principes, & hastatos, quando se retirauão. E quando Polibio tratta das armas com que os Romanos se armauão diz, que os triarios tinhão as mesmas armas que os principes, mas que em lugar dos pilos vsauão as hastas, arma mais comprida: & assi os Romanos, que na batalha de Perseo não podião ferir os Macedonios, polo comprimento das sarissas, erão os principes, que trazião pilos, & não os triarios que seruião com piques compridos: & assi os Romanos (como està ditto) delles vsauão na sua infantaria. E isto se proua com outros muitos lugares dos

*Tit. Liui. D. 3. l. 10* que Scipião deu ao seu exercito na batalha em que venceo a Annibal; porque diz elle, que ordenou os hastatos, & principes na frente, com grandes interuallos, para que por elles pudessem passar os elefantes, & que encheo este espaço desocupado dos Velites, aos quais mandou, que sendo accommettidos dos elefantes se apartassem aos lados dandolhe o caminho liure, para que se fossem a inuestir nas hastas dos triarios, que tinha collocado na vltima parte da batalha. E se as hastas dos triarios não forão do cóprimento dos nossos piques não mandàra isto;

ra isto; pois sendo curtas não seriaõ de effeito, que só podião resistir aos elefantes sendo compridas, & aguardandoos com o conto no chão sustentado firme com o pè direito do soldado que tem a hasta, & com o esquerdo do que lhe fica detras, como agora se aguarda a furia da caualeria com os piques, & sendo as hastas curtas não podião fazer isto, & tendoas só com as mãos, ainda que foraõ compridas, muito pouca resistencia podião fazer. E assi os triarios com a graue armadura traziaõ escudo, & pique comprido.

Os Peltates erão soldados armados com rodellas: os quais Vegecio põe na quarta ordem das seis em que reparte a milicia Romana. Tito Liuiio falla tambem distintamente em hũa ordem de *Scutatis*: os quãis diz, que seguiaõ aos principes: & assi fallando com particularidade em soldados que seruião com escudos, bem se mostra que eraõ os Peltates, pois lhe não signala outra arma, como aos mais, que traziaõ escudos. Isto se proua tambem cõ outro lugar seu, a onde diz, que os soldados de Philippo armados à ligeira, ou quasi sem armas defensiuas, não eraõ iguais aos Romanos, que trazêdo a espada, & rodella eraõ igualmente aptos a se defender a si mesmos, & a ferir os inimigos: & estes dous lugares são muito conformes, pois em ambos não falla mais que em rodella, & assi os Peltates era hũa ordem da milicia Romana, como diz Eliano. Polibio falla mais confuso; por que não fallando em Peltates, arma os Velites de rodellas, & pilos. E se tratta sò dos soldados a que propriamente chamauão Velites, como deixa os mais, q̄ se armauão à ligeira, & seruião com settas, & fundas, & se comprehende todos os armados à ligeira debaixo do nome de velites, (como despois se entendeo) como lhe signala sò rodella, pilo, & celada, deueno tratar das settas, & fundas? E assi mal se pode determinar de que soldados falla: & se considerarmos os proprios Velites, não são os que elle chama co este nome; porque os proprios traziaõ hum escudo pequeno (como logo se dirá) & a rodella dos seus diz que tinha tres peis de diametro, que fazem de circunferencia noue: polo que se poderà dizer, que estes são os Peltates, & que não falla nos outros que seruião com armas ligeiras, porque fica-



*Dio. Ha. li. 1. 4. Dio. idē.* uaõ fora da batalha, como diz Dionisio Halicarnasio. Porque esta ordem a que elle chama Velites he semelhante à quarta das cinco em que (segundo Dionisio) Tulio diuidio a milicia Romana; porque diz, que os armou com escudos, espadas, & pilos, que são as mesmas armas que Polibio dá aos seus Velites, & no tempo de Tulio ainda senão sabia o nome aos Velites; porque tiueraõ principio na guerra de Annibal, & no cerco de Capua, como se dirá. E assi não errará quem chamar Peltates aos que Polibio chama Velites. Polo que os Peltates (como diz Eliano) era hũa ordem da milicia Romana, segundo as armas.

O nome de Velites, tomado segundo a propria, & estreita significação, pertécia sò a certos soldados infantis, que peleijauão entre a caualeria, tendo por armas sete dardos, & hum escudo pequeno: os quais indo nas ancas dos caualos, quando queraõ acometter a caualeria dos inimigos, saltauão no chaõ, & pondo se diante dos seus, com grãde destreza, despediaõ os dardos, & pola velocidade com que faziaõ isto se chamaraõ Velites, diriuado de velox, que quer dizer ligeiro. E este costume teve principio no cerco de Capua, por industria de Q. Nauio tribuno; porque vendo, que os Capuanos eraõ superiores na caualeria aos Romanos, ordenou este modo de soldados, cõ os quais se acentajou a caualeria Romana. E quando Vegecio fala dos Velites os mesmos entende; porque diz elle. *Quod si equites impares fuerint, more veterum velocissimi cum scutis leuibus, pedites ad hoc ipsum exercitati iisdem miscendi sunt, quos expeditos velites nominabant.* Se a caualeria for inferior misturar se haõ co ella, segundo o costume dos antigos, velocissimos infantis exercitados para isso cõ leues escudos: os quais chamauão velites. Mas como o nome de velites se tomou da velocidade com que combatiaõ, he muito verisimil, que a todos os soldados de armas ligeiras chamasse velites. Isto se pode prouar com hum lugar de Tito Liuius, a onde contando hum combate que Marcello daua a Caragoça diz. E das outras naos combatiaõ os Sagitarios, & Fundatarios, & tambem os armados à ligeira chamados Velites. Polo q̄ parece que este nome era commum a todos os soldados de armas

mas ligeiras; pois quando este combate se deu ainda em Capua se não tinhaõ ordenado os que chamaraõ velites. E assi tomando se este nome sò da velocidade, no tempo em que Eliano escreue se deuiaõ comprender nelle todos os soldados de armas ligeiras, & assi entrauaõ nesta ordem os sagittarios, & fundatarios, que se armauaõ mais ligeiros que todos, & de muy longeferiaõ. Polo que a milicia Romana se diuidia, segundo as dignidades, em seis ordens, & segundo as armas em tres, sendo hũdos armados de graue armadura, a qual era celada, peito, espalda, & braçoes, ou armas semelhantes, greuas, escudo, pique cõprido, espada, & adaga, outra ordem era de soldados, que traziaõ por armas celadas, rodellas, & espadas, & a outra dos que seruiaõ com fundas, dardos de arremeço, & setas, & os mais que com semelhantes armas combatiaõ.

Agora conuem dizer o modo cõ que os Macedonios, & Romanos peleijauão, pois se tem ja mostrado a forma dos esquadroes, & das armas. Todo o combater dos Macedonios se reduzia à Phalange: a qual sempre se ordenaua de hum mesmo modo, que he o que está ditto, & quando não tinha lugar accomodado, para se ordenar, segundo o seu modo, ficaua inutil. E assi diz Tito Liuius, contando hum recontro que Philipo teve com os Romanos junto a Erdua, que a terra onde tinhaõ os exercitos era cheia de bosques, & que por esta causa ficaua muito incommoda à ordem militar dos Macedonios, chamada Phalange, a qual (diz) he quasi inutil quando senão põe diante dos escudos, como hũa estacada, hum reparo de piques: mas que para se poder fazer isto tem necessidade de campo desempedido, & liure. E se a Phalange senão ordenara sempre de hum modo accomodara se ao terreno, & assi remediara as incommodidades delle, mas como sempre se ordenaua de hum modo, & esse tinha necessidade de taõ grande espaço, como está ditto, poucas vezes o achaua, & quando lhe faltaua ficaua inutil. Isto mostra Polibio, quando diz que Tito Flaminio rompeo o exercito de Philipo em Thesalia; porque diz elle, que os Macedonios voltauão as costas, por não poderẽ ordenar a direita forma da Phalange, pola difficuldade do lugar, & porque não podiaõ a-

juntar a ella os que combatiaõ. E assi pois os Macedonios não pelejauão senão na Phalange, & essa não se podia ordenar em todo o lugar, & raras vezes o tinha accommodado pola muita terra que occupaua co a sua grande frente, claraméte se vê, que poucas vezes era vtil o seu modo de pelejar. Mas quando a Phalange se podia ordenar em toda a sua perfeição era inexpugnauel, segundo a opiniaõ dos antigos; porque nella estãuão os soldados com dous peis de interuallo entre hum, & outro, assi por frente, como por fundo, & nesta ordem cerrada aguardauão os inimigos, armados de todas as peças, com os escudos diante, como hũ reparo, & trincheira, polos lados dos quais fayaõ dez sarissas, cinco de cada parte. E assi quem não terá por fortissimo este modo de esquadraõ? & quẽ não temeria hũa frente de mil, & vinte & quatro soldados dispostos nesta ordem, como a te-  
*Plu. in vi* meo Paulo Emilio? o qual diz Plutarcho, que vendo na batalha  
*ta Paul.* de Perseo a fortaleza, & impeto da Phalange se espantou, & te-  
*Emi.* meo, & que lembrando se despois muitas vezes della dizia, que senão lembrava de ter visto mais temeroso, & terribel expecta-  
*Pol. l. 17,* culo. E assi diz Polibio que quando a Phalange tinha a sua pro-  
 pria disposiçaõ, & força não era possiuel poderse lhe resistir. Po-  
 lo que na Phalange eraõ superiores aos Romanos, se ella sem-  
 pre se pudesse ordenar na sua perfeita forma, & os inimigos fos-  
 sem obrigados a ir entãõ cõbater com ella, mas como isto não  
 podia ser, polos varios accidentes da guerra, & pola industria  
 dos inimigos, que sempre procuraõ melhorar se, & os soldados  
 Phalangarios não se podiaõ accõmodar ao tempo, as occasiões,  
 & terreno; porque sã na Phalange pelejauão, foy de pouco frui-  
 to o seu modo de pelejar contra os Romanos. Faz Polibio hũa  
 comparaçaõ da milicia Macedonia, é Romana, na qual despois  
 que mostra a inexpugnauel furia da Phalange diz. Qual he lo-  
 go a causa, porque os Romanos vencem? E porque ficaõ infe-  
 riores os que vsãõ a Phalange? O que acontece, porque os tem-  
 pos, & os lugares das facções da guerra sã incertos, & indeter-  
 minados, & a Phalange tem hũa sã especie de tempo, & de lu-  
 gar para poder bem obrar. Polo que se os inimigos fossem con-  
 strangidos a combater co ella nos tempos, & nos lugares accõ-  
 moda-

modados á sua ordem, quando combatessem com todas as for-  
 ças he verisimil, que a Phalange alcançasse a vittoria: Mas se se  
 pode estoruar o combater co ella (o que muito facilmente se po-  
 de fazer) não será ja tão temida, & espantosa esta ordem. E ver-  
 dadeiramente todos confessaõ que a Phalange tem necessidade  
 de lugares chãos, & desembaraçados de todos os impedimétos  
 como sã couas, rochedos, barrancos, montes, & rios. Porque  
 todas estas cousas podem impedir, & desfazer a sua ordem, &  
 he quasi impossuuel achar se em cada vinte estadios de espaço  
 lugar onde não aja não sã algũas, mas muitas destas cousas. E  
 senão he impossuuel polo menos he raro, & ninguem o negará.  
 Mas supponhamos que se achem estes lugares, se os inimigos  
 não quizerem combater nelles, mas discorrendo em torno sa-  
 quearem as cidades, & a terra dos confederados, de que utilida-  
 de será esta ordem da Phalange? Porque se ella se deixar estar  
 nos lugares a ella accommodados não sã não poderá socorrer  
 aos amigos, mas nem saluar se a si mesma; porque os bastimen-  
 tos, & as cousas necessarias serão facilmente impedidas dos ini-  
 migos, quando liuremente forem senhores da campanha: & se  
 ella quizer fazer algũa facção deixando o lugar commo se-  
 rà vencida. E se tambem combatendo nos lugares chãos o ini-  
 migo não arriscasse todas as forças ao impeto da Phalange, mas  
 se retirasse hum pouco no feruor da batalha, polo successo dos  
 Romanos se conhecerà o q̃ deue succeder. Atèqui sã as mes-  
 mas palauras de Polibio: nas quais se vê que sendo os Macedo-  
 nios superiores aos Romanos na ordẽ da Phalange elles os ven-  
 ciaõ, porque pelejando os Macedonios só na Phalange, não se  
 podiaõ accommodar às occasiões, & à disposiçaõ dos lugares.  
 E ainda alem destes defeitos tinha outros muy grandes, polos  
 quais quando melhor ordenada estiuesse podia ser rota. Por-  
 que como tinha pouco fundo se pujante caualeria rompesse as  
 primeiras fileiras facilméte poderiaõ as outras padecer o mes-  
 mo, & se por vanguarda, & retroguarda fosse acõmettida co-  
 mo se poderia defender não ficando mais que oyto fileiras pa-  
 ra cada parte? & sendo acõmettida por lado seria facilmente  
 cercada das armas, & impeto dos inimigos, não tendo nelle  
 mais

mais que deza seis soldados, & voltar a frente era cousa muito difficullosa, & de muito perigo pola demasiada grãdeza della.

Differente desta era a ordem com que os Romanos peleija-uaõ; porque diuidiaõ em tres partes toda a infantaria, & cada hũa dellas em muitos esquadrões. E pondo hũa destas partes diante da outra, quando a primeira não podia resistir retirauase à segunda entre os espaços que ficauaõ de hūs esquadrões aos outros. E assi como a batalha se ordenaua de esquadrões pequenos facilmete, quando era necessario, se voltaua para onde que-ria, & se accommodaua ao terreno, & ás occasiões, & todo o lu-gar lhe ficaua cómodo. E podiaõ todos estes esquadrões acom-metter vnidamente os inimigos, ou separados, como melhor lhe estiuessse, & correr a campanha desempedidamente. Tudo isto se comprende claramente dos autores que escreuem a his-toria, & milicia Romana. Porque a primeira cousa das referidas

*Pol. l. 14* que he diuidir a infantaria em tres partes se vé, em Polibio quã-  
*o 15.* do contra a batalha de Scipião, & Magon, & a do mesmo Sci-piãõ, & Annibal; porque em hũa, & outra ordenou Scipião em tres partes os infantes pondo na frõte os armados à ligeira, &

*Tit. Liu. D. 3. l. 10* logo os principes, & detras de todos os triarios. Tito Liuiõ tam-bem diz, que na batalha de Annibal diuidio em tres partes os infantes: mas põe no primeiro lugar os hastates, no segundo os principes, & no terceiro os triarios. & aos hastates ajunta os ar-mados á ligeira, postos entre os espaços dos esquadrões. Mas

*Pol. l. 15* Polibio troca a primeira ordem destas, dizendo, que pós os ha-states entre os ligeiros, & tudo he hũa mesma cousa, que como entre esquadraõ, & esquadraõ ficaua espaço vazio, se esse se en-chia com outro esquadraõ, bem se podia dizer, que os ligeiros estauaõ entre os hastates, ou os hastates entre os ligeiros, & assi como os hastates, & os armados à ligeira estauaõ juntos não se ha de fazer delles mais de hũa sò ordem, pois todos juntos constituyaõ a vanguarda. E assi em tres partes distintas se orde-naua nas batalhas a infantaria Romana. O mesmo diz Vegecio, como nos lugares allegados se pode ver. A diuisão destas tres partes em pequenos esquadrões se proua cõ a mesma batalha

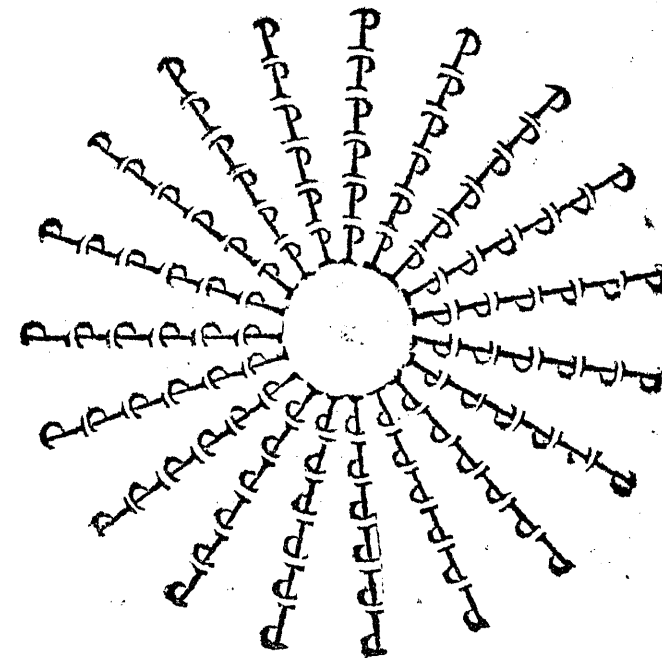
*Pol. idẽ.* de Annibal, & Scipião. Porque Polibio diz: detras dos armados à ligeira

à ligeira pos os esquadrões dos principes, não segundo o espa-ço dos primeiros, como costumauaõ os Romanos, mas mais largo pola multidaõ dos elefantes. E assi bem se vê destas pala-uras, que os Romanos ordenauaõ estes esquadrões separados, pois diz que pos os principes mais largos, que os ligeiros, cos-tumando os Romanos ordenallos todos em espaços iguais, mas que fez isto por respeito dos elefantes; & se os Romanos não costumaraõ ordenar estas partes em diuididos esquadrões, com algum espaço entre hum, & outro não dissera Polibio que pos os principes mais largos do costumado, mas trattara sò de-sta ordem como propria daquella batalha, & não como depen-dente do costume. E assi quando Tito Liuiõ diz que os Roma-nos mudaraõ aquella forma de batalha, que primeiro era seme-  
*Tit. Liu. D. 1. l. 8.* lhante à Phalange em hum esquadraõ de muitos manipulos, quer dizer, q̃ ordenandose primeiro como os Macedonios em hũ sò corpo de esquadraõ despois costumaraõ diuidir este cor-po em pequenos esquadrões, postos com algum interuallo en-tre hum, & outro; porque logo abaixo diz. A primeira parte do esquadraõ erãõ quinze manipulos de soldados com hastas dis-tantes entre si por algum espaço. E do mesmo modo vay diui-dindo as outras ordẽs. E dizẽdo como todas se ordenauaõ nas batalhas diz, que os hastates primeiro que todos começauaõ a combater, & que quando não podião resistir aos inimigos se retirauaõ pouco a pouco aos interuallos da ordem dos princi-pes, & que do mesmo modo quando os principes eraõ inferio-res, os recebiaõ os triarios a elles, & aos hastates entre os inter-uallos da sua ordem. Polo que he cousa clara que os Romanos ordenauaõ as suas batalhas em tres partes cada hũa dellas diui-dida em pequenos esquadrões; pois de outro modo não podia auer interuallo a onde se recolhessem os que se retirauaõ. E na comparaçãõ que Tito Liuiõ faz dos Macedonios, & Romanos se vê o mesmo, porque diz que a ordem dos esquadrões Roma-nos era distinta, & composta de mais partes, & mais apta a se diuidir facilmente, & a se tornar a vnir segundo a necessidade, o que não podia ser em pequenos esquadrões senãõ compuse-  
*Tit. Liu. D. l. 9.* ra. E como por este modo com que se ordenauaõ os Romanos

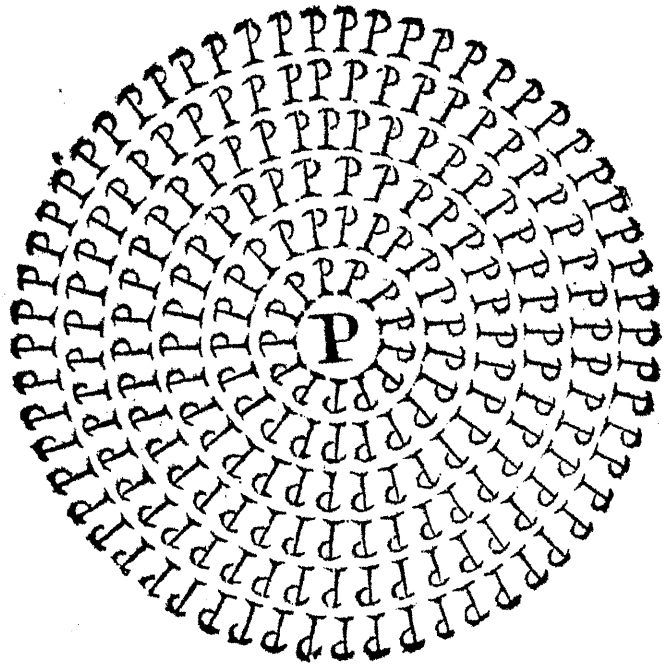
ficas,

Pol. l. 17. ficassem (como está ditto) aptos para se accommodar a todas as occasiões, & a combater separados, & unidos, & a correr a campanha, esta he a razão que Polibio dá para elles vencerem os Macedonios. Porque (diz elle despois que tratta da Phalange dos Macedonios) a ordem dos Romanos pelo contrario he muito apta, & accommodada a todas as facções; porque qualquer Romano quando despois de armado he leuado a combater igualmente está apercebido, & accommodado a todo o lugar, & a todo o tempo, & a todo o improviso assalto, & tem a mesma disposição combatendo todos juntos, ou parte, ou cõpanhia por companhia, ou homem por homem. Polo que sendo esta commodidade de poder combater particularmente muito excelente, & de grande ventage conrespondem os successos das empresas muito mais, segundo o dissenho dos Romanos, que dos outros. E conforme a estas palautas de Polibio, & ao mais que está ditto, a ventage que os Romanos tinham aos Macedonios, com a qual os vencerão, era poderem pelejar juntos, & separados, accommodandose ao terreno, & aproveitando se das occasiões segundo o tempo lhas offerecia. E por esta disposição, sendo os Macedonios superiores na ordem, & força da Phalange bem ordenada, foram vencidos dos Romanos. E assi os Macedonios eraõ superiores na ordem da Phalange, & os Romanos na disposição apta a todas as occasiões. Mas os seus esquadrões eraõ fraquissimos. Porque o Cuneo como não tem por frente mais de hum sò soldado com facilidade será roto podendo ser accommettido polos lados. E assi dizendo Tito Livio q̃ na batalha de Canas inuestio Annibal aos Romanos com hum Cuneo diz que era fraquissimo por ser muito sutil na póta, ou frente. Arouauase este esquadrão segundo opiniaõ de alguns autores para penetrar os outros de grande, & continuada frente. Isto quis dizer Vegecio quando diz que se a ala, ou corno forem accommettidos do esquadrão, a que chama Globo, se voltará contra elle o mesmo corno, ou ala pondo na estremitade do angulo os mais fortes soldados. E assi voltar o angulo para os inimigos, que outra cousa he senão hum esquadrão Cuneo; pois o Cuneo accommette com o angulo. E o Globo a quem elle quer

le quer q̃ se opponha té cõtinuada frõte. Mas não tudo o q̃ cõue à cantidade cõtinaua pode cõuir à discreta. E assi ainda q̃ nos corpos solidos possa penetrar a cunha, nos q̃ são de partes discretas nã pode fazer esse effeito. Polo q̃ este esquadrão cõposto como cunha não penetrará o de grande frõte, antes se rõperá facilmente; pois começando pola unidade he fraquissimo tendo cõtra si o mayor numero. Cõ a mesma razão se reprobua també o q̃ chamauão Tenaz; pois na sua frõte que he de duas pontas não té mais que dous soldados hum em cada hũa. Ordenauase este esquadrão contra o Cuneo, & sò nesta occasião podia seruir. O feito como serra té a mesma imperfeição tendo a frente de partes singulares, polo q̃ pelas mesmas razões he fraquissimo. O Circular não he menos imperfeito q̃ os apõtados; porq̃ como o circulo exterior he sempre mayor q̃ o interior, fazendo os piques dous circulos hũ pelas pontas exterior, & outro polos cõtos interior, ficarão os piques muito mais largos pelas pontas q̃ polos contos, cõ o q̃ ficará fraco sendo grãdes os interuallos. E pondo os soldados em direito hũs dos outros (como deuẽ estar) ficarão na circũferência, ou frente tão largos q̃ necessariamente darão lugar aos inimigos para entrarẽ nos espaços vastos. O q̃ facilmente se comprẽderá considerando a presente figura.



E querendo pôr em cada fileira todos os soldados que couberem, segundo a justa distancia em que deuem estar ficaraõ defencontrados, porque quanto mais se forem chegando ao centro, menos caberaõ em cada fileira. E assi não podendo os de diante ser fauorecidos dos que lhe ficaõ detraz, pois sempre são menos, ficaraõ o esquadrão fraquissimo, consistindo toda a força d'elle em estarem os soldados com tal ordem que ficando os de hũa fileira em direito dos que estão na outra se possam fortalecer, & ajudar hũs aos outros, como a seu lugar se dirá. E o que está ditto na figura se compreenderá.



Claramente se vê do que está ditto a forma dos esquadrões Macedonios, & Romanos, a grande força da Phalange, & a fraqueza dos esquadrões Romanos as armas com que hũa, & outra nação se armava, & o modo cõ q̃ pecejauaõ, no que os Romanos se auentajauaõ dos Macedonios, sendo elles superiores na força da Phalange. Agora conuem considerar estas mesmas cousas na milicia moderna para se ver a ventage que faz à que os antigos vsaraõ.

Os

Os modernos esquadrões imitaõ a Phalange sendo quadros, ou quadrangulares, & nas distancias em que nelles se poem os soldados fazem pouca differença, & essa he de mais commodidade nos modernos, como se verá quando se tratar da distancia que ha de auer de soldado a soldado, & de fileira a fileira: mas são muito mais perfeitos, porque não se fazem sô de hum modo, & de hũa forma, sendo quadrados, ou na gente, ou no terreno, ou de grande frente, ou de grande fundo, & de mais, & menos numero, segundo a gente, & occasiões. E assi em todo o tempo, & em todo o lugar se podem ordenar com perfeição, podendo se aproueitar de todas as commodidades que o terreno, ou tempo offerecerem, como a seu lugar clarissimamente se verá. E pois elles sendo semelhantes à Phalange não tem os seus defeitos não se pode negar serem muito melhores que ella, & polo consequente melhores que os esquadrões dos Romanos; pois a Phalange os excedia. E se a elles particularmente se compararem, muito melhor se verá a ventage que lhe fazem; porque em qualquer modo que se ordenê té sempre a sua frôte de muitos soldados vnidos em hũ corpo, assi a respeito do fundo (ficado hũs em direito dos outros) como dá frente, guardando sempre hũas mesmas distancias, & não lhes falta a perfeição em que Tito Liuius auenta os esquadrões Romanos da Phalange; que he poderem se com facilidade diuidir, & tornar a vnir, segundo a necessidade; porque ordenando se por manipulos, são aptissimos para se diuidir, & vnir com grande presteza, & facilidade. E assi tendo conforme a Phalange a força em que ella excedia aos esquadrões dos Romanos, & como elles a facilidade de se ordenar em partes separadas, & em hum sô corpo vnidamente, não se pode negar serem muito mais perfeitos que a Phalange, & esquadrões dos Romanos?

As armas cõ que se armaõ os soldados de que se ordenaõ os esquadrões modernos são semelhantes ás dos Phalangarios, & ha graue armadura dos Romanos; porq̃ são peito, espaldar, barças, escarceas, murriaõ, espadas, adagas, & piques cõpridos. E assi diferê sô nas greuas, & escudo. E as greuas para os infantes

S 2

são

saõ embaraçosas, & o escudo pouco necessario a quem traz o corpo bem armado, & assi faltando estas duas peças ficão os soldados mais aptos para marchar, & para se mouer a qualquer acção mais ligeiramente; porque as greuas impedê o caminhar, & o escudo cansa, & debilita o corpo co trabalho do seu peso, & para defender bastaõ as outras armas defensiuas. E nas armas ligeiras dos infantes grandissima ventage faz a milicia moderna à Macedonia, & Romana sendo arcabuzes, & mosquetes, & as suas, fundas, dardos de arremeço, & settas. Mas por que Iusto Lipcio pretende prouar o contrario dizendo serem melhores as fundas dos Romanos, que os arcabuzes serã bem mostrar o engano da sua opiniaõ. Porque o vulgo, que ordinariamente não considera a verdade das cousas, deixando se guiar, sem mais discurso, da autoridade dos que nelle ganhã reputaçã, viue muitas vezes em grandissimos erros: dos quais se liurarã que procurar conhescer a razã das cousas, considerandoas como ellas requerem, & quem assi o fizer bem conhescerã que algũas cousas se podê reprovã na comparaçã, que Iusto Lipcio faz da milicia Romana com a moderna: entre as quais he hũa esta das fundas, que não deixa de me maravilhar, conhescendo que todos os homens que se querem mostrar doutos, louuando as cousas antiguas, & desprezando as deste tempo procuraõ fazerse illustres, auendo de ser por razã muitas de agora melhores que as passadas; pois he facil acrescentar o que outrem inuentou: & assi huns dizem que os Romanos se alojauã melhor, & Ascanio Centorio, que tinhaõ melhor ordem de marchar; & quando vema dar razã do que disserã fora digno de reprehensã o que agora seguisse as mesmas cousas: mas deixando estas para seus lugares, diz Iusto Lipcio que eraõ melhores as fundas, que os nossos arcabuzes, & para mostrar o seu impeto, & força allega Seneca no liuro onze das questões naturais, capitul. 56. a onde diz, que o ar com o mouimento se adelgaça, & adelgado se accende, & assi se derrete o pelouro da funda, *Et attritu aeris*. Como no fogo se destila. Nas quais palauras senã vê mais que hũa razã philosophica, a qual não entêdo ter neste caso tanta força, que

faça o effeito que diz; & quando o faça (o que negamos) que danno fará ao inimigo? pois derretendo se se derramara antes que a elle chegue, & se chegar como pode hum corpo liquido penetrar por hum solido, & denso? poderã leuemente queimar, mas ferir, nem matar, não sey como possa ser? & certo me admiro, que sendo Iusto Lipcio tão douto, & conhecendo quãta mais força tem as nossas peças de artelheria, que as antigas fundas dos Romanos, de mayor effeito às ballas das fundas; pois diz que com o mouimento accendendo o ar se derretião, o que não faz a nossa artelheria, sendo mais aptas as ballas de chumbo que dellas saem, para accenderem o ar, & se derreterẽ, pois alé da sua furia, saem enuoltas no fogo que as expelle, por cujo respeito mais facilmente o ar se deuia accender, & ellas derreter se: & não he inconueniente serem mayores as ballas da artelheria, que as das fundas, pois hũas, & outras saõ conformes ao instrumento que as faz mouer; & assi, ou se ha de conceder que as fundas tenham mais força que a artelheria, ou que não podião com o mouimento das suas ballas adelgaçar de sorte o ar que se accendesse, & ellas se derreteressem, & se a artelheria té mais força que ellas a experiencia o mostra: & quando este argumento não bastar, Iusto Lipcio concede que os mosquetes são mais poderosos, que as fundas, os quais vemos que não derretem a sua balla, logo não se derreterão as ballas das fundas, pois o menor não excede ao mayor, & assi nesta parte não se auentaja a funda ao arcabuz. Mas poderã dizer q se não derretia sempre o pelouro da funda, cõ a força do seu mouimento, se não atirãdo co ella algũ forçoso braço: sendo assi ja a força não estaua na funda, se não em quem co ella atiraua; o que nos arcabuzes he tão differente, que não recebem augmento, nem diminuiçã da força de quem co elles atira, pois qualquer pessoa por fraca que seja, he bastante para matar o Goliath, com quem elle allega; sem que seja necessario, que Deos particularmente concorra, como he de crer concorresse com Dauid na morte de Goliath; & quando assi não fosse, bastante era a força de Dauid para sem funda o matar; pois com as suas mãos partia os Leões polo meyo. E deixando as razões

Reg. I. 63  
17.

*Vege. l. 2. e 23.* venhasse à verdade dos escriptores antigos: Vegecio diz, que os soldados Romanos se costumauão a atitar co a mão com hũa pedra de arratel, & que semelhante vfo se tinha por mais despedido que a funda podendo se fazer co a mão, o que co a funda se fazia. E pois a força da mão se igualaua à da funda, bem se mostra quanta ventage o arcabuz tem à funda; pois não ha forçosa mão por mais exercitada que esté, que com elle se iguale. E são bem claro exemplo desta verdade as armas com que os antigos, & nós nos defendemos, elles das fundas, & nós dos arcabuzes, pois com sayas de malha, & escudos de madeira resistão aos golpes das fundas sendo estas (como diz Polibio) *Polib. in Castra.* as armas dos Romanos, & do arcabuz nenhũa arma defende, se não a que particularmente para esse fim se fizer: & se elles co as mesmas armas se defendião das espadas, & das fundas, sendo tão diferentes as que agora se vsão contra as espadas, ou contra os arcabuzes, como se vê, prouão polas armas defensiuas, o poder das offensiuas, bem claro se vé a ventage que o arcabuz faz á funda. E quem ainda negar esta verdade em Vegecio *Vege. l. 1. ca. 16.* verá a proua della a onde diz, encarecendo muito a funda, que se vio em algus lugares fazer mais danno que as settas, & que sem tirar sangue mataua; o que mostra serem ordinariamente as settas melhores que ellas; pois polas encarecer diz, que algúas vezes se vio fazerem as fundas mais danno; porque se sempre o fizeraõ, não era necessario pôr as settas por encarecimento. E em dizer que matauaõ não por isso as faz melhores, que se não mataraõ escusadas foraõ na guerra, nem fazem nisso muito, porque em parte se pode dar a hum homem com hũa pedra que atirando sò com a mão o matem. E bem se vé a duuida que faz na sua força dizer que matauaõ, porque se isto fora nellas tão ordinario como nos arcabuzes não tinha necessidade de o especificar, mostrando assi ser tão grande cousa matar hũa funda como será não matar hum arcabuz. E quanto a dizer Iusto *Iust. Lip.* Lipcio que eraõ melhores as fundas que as settas allegando para isso a guerra dos Parthos com os Romanos em que diz, que *Appian. de Bell. Par.* eraõ melhores as fundas: deixando Appiano Alexandrino, que clarissimamente mostra o danno que as settas fizeraõ a Cra-

so, &

so, & Antonio elle mesmo se encontra dizendo que os Parthos ferindo de longe com as suas settas desbarataraõ os Romanos; *Iust. Lip. no.* que bem claro se vê o engano, porque se as fundas chegaraõ *idem.* mais que as settas, puderaõ reprimir as escaramuças dos Parthos, de sorte que não chegaraõ co as settas a ferir os Romanos: o que não fizeraõ, pois o exercito de Crasso pereceo em Parthia, & Antonio com muito danno veyo fugindo della: & assi claramente se conclue que não eraõ as fundas melhores, q as settas. Diz Tito Liuius, que combatendo os Romanos a cidade de Samo mandaraõ bulcar os fundatarios de Egio, Patra, & *Tit. Liv. D. 4. l. 8.* Dima, para os ajudarem a expugnar a terra, os quais mostra se rã melhores que os Balearios q eraõ melhores que os Romanos, do que se segue que estes eraõ muito melhores que os Romanos. E quando engrandece a força com que estes atirauão diz, que saya a pedra da sua funda como de hũa bêsta: no que se vê não serem de mais força estas fundas, que as bêstas, pois sempre as cousas que se comparaõ, para se engrandecer, são menores que aquellas, a quem são comparadas: & assi se tiueraõ mais força as fundas, que as bêstas, cóparara a ellas as bêstas, & não as fundas às bêstas, no que bem se conclue, que estas fundas de Egio, Patra, & Dima, não eraõ melhores que as bêstas, às quais fundas se tem mostrado serem inferiores as Balearias, & às dos Balearios as Romanas: & assi sendo os arcabuzes melhores que as bêstas (como sem duuida são) melhores ficão que as fundas de Egio, Patra, & Dima, & polo consequente melhores có muita ventage que as Romanas. E assi parece que não diz bem Iusto Lipcio em ter por melhores as fundas dos Romanos, que os arcabuzes. E quanto a dizer que chegauão mais, bem se vê, que se não atirauão có mais força que as bêstas não chegariaõ mais, & não chegãdo mais, né nesta parte podião ser melhores q os arcabuzes, cuja experiencia mostra chegar mais longe a sua balla, que a setta das bêstas; & quanto ao atirar direito não podião as fundas fazer ventage aos arcabuzes, pois ellas atirauão com o mouimento do braço, & o arcabuz seguro, & firme se aponta sendo infaliuel o tiro, senão se moue o ponto. E isto quanto às fundas deixãdo o mais das armas, & instrumentos bellicos,

pois elles mesmos mostram, quanto melhores são que os antigos; que não se podem comparar os Arietes às nossas peças de bater, nem as Catapultas à nossa artilheria, & as fortificações de agora mostram bem a differença que nelles ha. E porque Justo Lipcio tambem com grande exclamação, louuando a ordem dos Romanos a auentaja grandemente da moderna, & chegando ao particular não proua o que diz, se mostrará que conforme as suas razões a ordem da nossa milicia he semelhãte à dos Romanos. Diz elle, que quanto á diuisão das partes era muito perfeita a milicia Romana, porque diz, o corpo das legiões era mayor, os membros as cohortes, & as junturas delles os manipulos, vede os capitães, & centuriões ordenados, os signiferos, & a repartição dos outros soldados, nenhũa cousa lhe faltava, nenhũa lhe sobejava, de sorte que todas são mais para uso, que para embaraço, & pompa. E conforme a isto que lhe falta á moderna milicia para ser como esta? pois os terços, que conrespondem às legiões, são quasi do mesmo numero, as quais segundo Polibio erão de 4200. infantes, segundo Tito Liuiu de 4000; & só quando a necessidade o pedia as acrescenta-uão a cinco como mostra Polibio; & a seis mil, & duzentos, como diz Tito Liuiu passando Scipião em Africa, & o mesmo fez Polibio. o senado na guerra de Macedonia contra Perseo. Os terços da milicia moderna são de tres mil numero mais apto, & disposto para ser governado dos seus officiaes; & se os Romanos usauão algum tanto mayores as legiões era, porque a cada consul não dauão mais que duas, como diz Polibio, & em muitos lugares Tito Liuiu, & não por ser melhor acrescentalas de numero, o que agora não he necessario, porque se acrescentão os exercitos (quando conuem) com mais terços, & não com mais soldados em cada hum, sendo melhor assi, pois com mais membros, & esses accommodados para ser melhor regidos, mais ordenadamente se fará a guerra. E quanto a os membros das legiões que são as cohortes, em que se auentaja nisso a milicia Romana? pois tambem os terços em companhias se diuidem, & as companhias em esquadras, como os Romanos as cohortes em manipulos. E se elles dauão quatro tribunos a cada legião, agora se dão a cada ter-

da terço hum mestre de campo, hum sargento mayor, hum ajudante, & hum auditor: nos quais officios se bem se considerar se achará mayor perfeição ficando o gouerno do terço em hũ só, que he o mestre de campo, com o que sempre toda a milicia se vem reduzindo a hũa só cabeça, cousa tão necessaria na guerra, como se mostrou na quinta parte do terceiro discurso. E se elles tinham signiferos, agora ha alferes, & assi que sobeja, ou falta, á moderna milicia? ou que cousa lhe serue de embaraço, & pópa? antes se achará tanta perfeição nella que se os seus preceitos, & leys se obseruãrão fizera muita ventaje em tudo à Romana; porque os Romanos só se auentajauão na seuera inteireza cõ que soldados, & capitães obseruauão os preceitos, & leys da sua milicia. E assi não tendo a milicia Romana tão boas armas, nem melhor ordem que a moderna, sendo no modo de peleijar conformes correndo como elles a campanha, & peleijando sós, & acompanhados, bem se vê que não faz nesta parte ventaje a sua milicia à moderna: a qual fica nisso como a Romana superior à Macedonia. E tendo mostrado que os esquadrões modernos são melhores que a Phalange com que os Macedonios dos Romanos se auentajauão, claramete se proua ser melhor a moderna milicia que a destas duas nações, pois tem como os Romanos o modo de peleijar, com que vencerão os Macedonios, & como os Macedonios a Phalange (mudada nos esquadrões) com o que elles se auentajauão dos Romanos; & assi sendo iguais aos Romanos no em que elles se auentajauão aos Macedonios, & superiores aos Macedonios, no em que elles o erão aos Romanos bem se conclue a muita ventaje que à milicia destas duas nações faz a moderna? polo que se dará principio ao nosso intento, começando a escrever a Arte Militar, como se propòs.

\*





# PRIMEIRA

## PARTE DA ARTE

MILITAR, NA QUAL SE TRATA,  
ta, & ensina o modo de pelcjar em cam-  
panha aberta.

*DEFINICAM, E DIVI-  
são da Arte.*



COMO TODAS AS ARTES tem seus principios, sem os quais senão pode vir a perfeito conhecimento dellas, a Militar, ainda que atégora confusamente se tenha trattado, declarando algũs preceitos seus, para se cõprender perfeitamente tem necessidade de seus certos principios, osquais serãõ como em todas, a escada por onde se poderà chegar ao alto cume da sua perfeição. E assi começaremos definindo que cousa seja, & de q̃ partes consta, & em quantas se diuide: & cõ esta ordem se irá se guindo o mais que em si conté. Mas porque andaõ confusos estes nomes, guerra, milicia, & Arte Militar, se mostrará primeiro a differença que nelles ha. Da guerra està ditto no primeiro discurs-

Primeira parte,

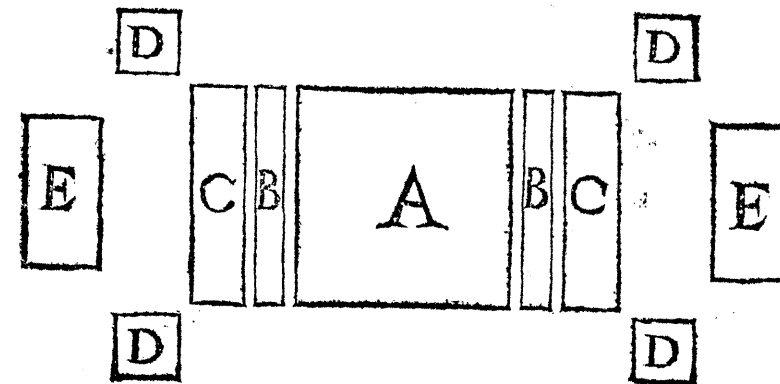
discurso, q̄ he hũa execução de vontades cōtrarias entre muitas gentes, feita cō ordē, armas, & forças corporais. A milicia he aquelle exercicio, & continuação q̄ té dos preceitos da arte a gēte q̄ está à guerra diputada: & a Arte Militar he aquella q̄ por regras, e preceitos ensina a fazer guerra cō ordē. E para q̄ melhor se entēda, proseguindo successiuamēte dizemos, que a milicia he o exercicio da Arte, & a guerra a execução d'ambas, pois he o fim para que a Arte ensina, & a milicia exercita. Toda esta Arte consiste em practica, & especulatiua, practica cō que se obraõ as cousas necessarias, & especulatiua com que se entende, & determina tudo o que por practica se ha de fazer. diuide se em duas partes principais, que são offensa, & defenſa; offender ao inimigo sobre q̄ formos, & defender do q̄ sobre nós vier. Cada hũa destas se diuide em tres, offender, ou defender em câpanha aberta, dentro em alojamento, & em fortaleza, ou terra bē fortificada: destas tres partes se tratarã, da primeira, nesta primeira parte, dos alojamentos na segunda, & das fortificações na terceira; & a ordē da Arte assi ensina q̄ se deua fazer; porq̄ que em câpanha aberta senão pode defender do inimigo, por meyo dos alojamentos o vê muitas vezes a vécer, & que nos alojamentos não pode preualecer, por meyo das fortalezas, ou bē fortificadas terras se defende. Ha outra parte que he a nual, de que agora senão trata, porque pende d'outros principios muy diferentes, & assi não he o nosso intēto mais que mostrar, o que para hũa guerra terrestre he necessario.

**DEFINIC,ÕES DO QVE**  
 CONTEM ESTA PRIMEIRA parte.

**M** Esta primeira parte se tratarã das formas, & ordem dos esquadrões, mangas, cornos, alas de caualleria, & homens d'armas, ordenanças de batalhas, & modos de marchar, que são as cousas, que com os preceitos da practica se obraõ, & das emboscadas, melhoramentos de sitios, & estratagemas,

gemas, que a especulatiua ensina, cō as mais cousas a estas pertencentes, que em seus lugares se iraõ mostrando, & agora se diffiniraõ as que estão dittas.

Esquadrão he gente q̄ conforme ao seu numero, armada de piques, & cossoleres está na forma q̄ conuē, para se defender, ou offender. As mágas são sempre d'arcabuzeiros; tem este nome; porq̄ ordinariamēte se fazē de forma de mágas cōpridas, & estreitas, ainda q̄ d'outras nos seruiremos, como a seu lugar se verá. As alas chamaõ se assi, porq̄ ficaõ parecendo alas da batalha, & assi em nossa lingua alas se deuiã chamar, pois em todas as nações donde tomamos a ordē militar, isso quer dizer ala, mas porq̄ ja está este nome como proprio desta Arte delle se usará. A guarnição he hũ certo modo de mága d'arcabuzeiros q̄ se chama assi, porq̄ guarnece o esquadrão. Os cornos são hũs esquadrões pequenos d'arcabuzeiros q̄ se põe nos angulos exteriores das mágas; também todo o angulo de manga, esquadrão, guarnição, & ala, se chama corno, & quando he hũa batalha perfeita, as partes mais exteriores se chamaõ cornos. O lugar do esquadrão he no meyo de todas as mais cousas nomeadas, e aos lados se põe a guarnição, e mangas, & por fora as alas, & os cornos, como se disse nos angulos exteriores das mangas, & tudo na figura se comprenderã melhor.

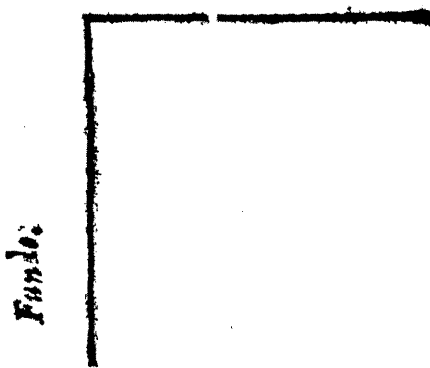


- A. Esquadrão.
- B. Guarnição.
- C. Mangas.
- D. Cornos.
- E. Alas.

**T** Ordenan-

Ordenanças de batalhas he o modo com q̄ todas estas cousas se ordenaõ, assi para marchar, como para cõbater, q̄ batalha se entenderá não por sò o esquadrão (como dizẽ os Italianos) mas polo esquadrão cõ suas mãgas, & guarnição, cornos, & alas de caualleria, e assi dizemos q̄ batalha he hũ todo cõstituido destas partes. Diuidese a batalha em 3. partes, vãguarda, retroguarda, e corpo: vãguarda se chama a parte q̄ vay diãte, & retroguarda a q̄ fica detras, & a do meyo corpo. Té mais frõte, e fundo, q̄ se hão de considerar tambem nos membros, a frente olha sempre para o inimigo, & entẽde-se a largura q̄ ha do corno direito da vãguarda até o esquerdo, & fundo he o cõprimeto do lado da primeira fileira da vanguarda até a vltima da retroguarda; & assi quãdo a batalha for de gran frente serà mais larga q̄ cõprida, & quãdo mais cõprida q̄ larga serà de gran fundo, & deste modo se hão de entẽter a frente, & fundo dos mēbros separados, mas estas distâncias se consideraõ como linhas imaginadas tendo cõprimeto sem largura, porq̄ a frõte representa só a largura da vãguarda, & o fundo o cõprimeto do lado, como aqui se verá.

Frente.



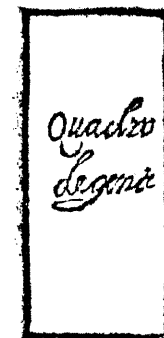
As emboscadas, & melhoramētos de sitios são cousas tocãtes à especulatiua, a qual nesta Arte té tão pouca probabilidade, q̄ se lhe não podẽ dar regras certas, & infaliucis como aos preceitos da pratica, porq̄ aindaq̄ se tenha muito bẽ especulado a emboscada, e estratagemã pode o successo ser differēte do q̄ se esperaua, e assi o q̄ della se tratar seraõ algũas regras gerais, prouadas cõ os exēplos dos successos das antigvas gneras, cõ o q̄ se darã a mais clara noticia della q̄ a incerteza da materia permittir.

## DAS ESPECIES DOS ESQUADRÕES, E DIFFINIÇÕES DELLES.



O Genero dos esquadrões ha quatro especies principais. Quadro de gente, quadro de terreno, de grão frente, & de grão fundo: a estas duas vltimas são subalternadas infinitas especies, podendo-se fazer em numero infinito de mais, ou menos frente, & de mais, ou menos fundo: mas a todas estas especies de esquadrões de grão frente, & de grão fundo se darã hũã sò regra geral com que se fação de qualquer proporção que se quizerem fazer.

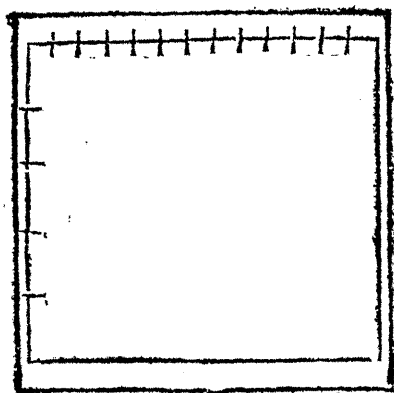
O esquadrão quadro de gēte he aquelle q̄ té tantos soldados por frõte, como por fundo, ou tãtos por fileira, como té fileiras, chama-se quadro de gēte, porq̄ na gēte he quadro tendo por todos os lados o numero da gēte igual, & no terreno não he quadro, sendo o terreno 2. vezes, e hũ terço mais por fũdo, q̄ por frõte, & assi fica duplo sexquitercio a respeito do terreno o fũdo à frõte, como na figura se vê: & só serã quadro perfeito quãdo for accõmetido por todas as partes, ou quãdo a caualleria q̄ o accõmeter for tão poderosa q̄ seja necessario apretarẽse mais as fileiras, como a seu lugar se dirã.



O quadro de terreno he aquelle, q̄ tendo os soldados em sua justa distancia, & proporção não sendo quadro na gēte he quadro no terreno, & he na gente como o quadro da gente no terreno, tendo a frente nos soldados dupla sexquitercia ao fundo,

como aqui se vé, sendo as diuisões da fróte, e fundo os soldados postos na justa distancia, como a seu lugar melhor se dirá.

Quadro de terreno.



E porque este esquadrão não pode ser perfeitaméte quadro senão contando o espaço de terreno, que mais occupão os soldados do que estando aruorados mostra a planta, as linhas que vão por dentro diuididas mostraõ o q occupão os soldados estando aruorados, & as que estão por fundo da parte de fora mostraõ pé, & meyo, que mais occupão por lado de fora do esquadrão, & as que estão por frente, & retroguarda o lugar q occupão alargando o passo para se defender da caualleria, que são 3. peis, & meyo por vanguarda, & tres, & meyo por retroguarda, cõ o que fica perfeitaméte quadro, & a seu lugar se demonstrará melhor, que neste basta o apontado para se entender.

Aos esquadrões de grão fróte, e de grão fundo quizerão algũs modernos dar numero certo, dizêdo q o de grão fróte tinha 3. vezes mais soldados por fróte, q por fundo, & o de grão fundo as mesmas 3. partes mais por fundo, q por frente: outros q parece especularaõ mais não diffinẽ estes esquadrões, mas põe hũas taboas das proporções cõ q a respeito da gente se poderá fazer de mais, ou menos fróte, ou fundo: mas hũs, e outros entédẽrão mal estes esquadrões, porque se haẽ de ter numero certo, como querem os q lho daõ, seguir se ha q como senão fizer esquadrão quadro de gente, ou de terreno que se ha de fazer sò o de grão frente, com tres partes mais por frente, na gente que por fundo, ou com a mesma proporção o de grão fundo; pois dizen-

do que

do que sò estes dous modos de esquadrões ha, & não ensinando a formar outros, parece que sò destes querẽ que se vse, o q he grãde defeito, porque são muito varias as proporções em q pode ser necessario fazerem se, como a seu lugar se dirá: Os outros que sò com as taboas das proporções, querem ensinar a fazellos de grão frente, ou de grão fundo a respeito da gente, tambem (ainda que melhor o entenderão) lhes faltou muito, pois sò a respeito da gẽte os fazem sem dar regra gẽral para se formarem sem as taboas. Mas deixando estes defeitos se entenderá que todo aquelle esquadrão, que não for quadro de gente, ou de terreno será de grão frente, ou de grão fundo a respeito da gente, ou do terreno. E assi quando se considerar a respeito da gente chamar se ha de grão frente ao que nella exceder o quadro de gente que do mesmo numero se podia fazer, & de grão fundo ao que nella exceder ao mesmo quadro de gẽte do mesmo numero, & quando a respeito do terreno do mesmo modo o que nella exceder o quadro de terreno em mais fróte, será de grão frente, & de grão fundo quando occupe com elle mais terreno, que o quadro de terreno, que do mesmo numero se fizer. E porque com o apontado parece fica bem entendida esta forma de esquadrões senão declara com algũas figuras, & auctõ tambem de fazer quando se ensinarem a formar então se entenderá o q aqui ficasse escuro. Debaixo desta diffinição se entédẽ todas as especies q deste modo d'esquadrões pode auer; pois todas são de mais, ou menos fróte, & de mais, ou menos fundo.

## REGRA PARA FAZER O ESQVADRAM QVADRO DE GENTE.

○ Esquadrão quadro de gẽte se forma sò cõ a regra da rayz quadra, q he a q ensina a tirar de qualquer numero o seu quadrado, ou a que mostra como se ha de quadrar qualquer numero: & assi potemos o modo cõ que se tirará de qualquer numero proposto a sua rayz quadra: & com ella sem outra operação se saberá o modo de formar o quadro de gente.

Rayz quadra he hum numero multiplicado por si mesmo como 7. vezes 7. que fazem 49. & de 49. sette sera a sua rayz, que não he outra cousa senão aquelle numero, q̄ multiplicado por si mesmo produz o numero proposto; porque propondo 49. de que se quer tirar a rayz quadra, multiplicar se hão 7. por si mesmo, & produzirão 49. & assi de 49. sera 7. a rayz, & dos mais numeros o mesmo se entende.

Para de qualquer numero se tirar com facilidade se fará o seguinte. Propôdo que se quer tirar a rayz deste numero 8649. escreuer se ha do modo que aqui está, & começando da vinda de, se irão pondo hús pontinhos debaixo das letras saltando sempre húa, como aqui se vê.

feito isto por se ha húa linha como se faz para par  $8649$  tir, & aqui se mostra. & logo se com  $8649$  eçará do primeiro pôto da mão esquerda, q̄ he o que está debaixo do 6. & nas letras q̄ elle cõprender se buscará a rayz

quadra, & não achando rayz q̄ seja justa ao numero das letras, que o ponto cõprende, tomar se ha a mais chegada a elle, como em este numero proposto.

de o primeiro pôto, começando da mão esquerda  $8649$  as letras que comprẽda são 86. nestas duas se buscará a rayz mais chegada, que será 9. porque multiplicando 9. por si mesmo fazê 81.

& de 81. a 86. não pode aver outro numero mayor que cõ os 86. mais se ajuste, porque acrescentando mais hum aos 9. farão 10. & 10. vezes 10. fazem 100. polo que não podem ser os 10. rayz de

86. & assi selohão 9. os quais se porão debaixo do ponto, & na linha, como aqui se vê.

da linha com a que está  $8649$  logo multiplicar se ha a letra rão 81. os quais se abat  $9$  à debaixo do ponto, que farão do numero que o ponto comprẽde, que são 86. & sobejarão 5. os quais se porão encima da letra, q̄ está sobre o pôto, como aqui se vê.

feito isto dobrar se hão os 9. que estão sobre a linha  $8649$  & farão 18. os quais se porão debaixo dos 9. que estão debaixo do ponto, & da letra que se segue, que he 4. advertindo q̄ nũca o partidor ha de passar da

letra q̄ estiuer sem ponto deixando sempre liure o pôto q̄ se segue

que para se pôr debaixo delle a letra q̄ der o partidor, & por se hão os 18. como aqui estão, feito isto riscar se hão as letras com que se tem  $8649$  fallado, como quando se parte, & aqui se mostra.  $98$  tra.

to isto ver se ha quantas vezes  $8649$  os 18. cabem no numero que tem encima, & não ca bẽdo algũa por se ha junto dos 9. que estão na li- nha húa o, & debaixo do ponto seguinte outra, & todo o numero que ficar encima são os que sobejão; & se couber algũa vez

ajuntar se ha a letra, das vezes que os 18. cabem no numero que tem encima aos mesmos 18. & multiplicando todo aquelle numero pola mesma letra: se o q̄ resultar desta multiplicação não exceder o numero que está encima até a letra que tem o ponto,

está bem tirada a rayz, & se for mayor não; & para mais clareza cõtinuando com a rayz. 18. em 54. q̄ he o numero q̄ está sobre o partidor entrão tres vezes, por se ha hum 3. jũto dos 9. q̄ estão na

linha, & o mesmo debaixo do ponto seguinte, & logo multiplicado 183. que são 18. do partidor, & mais os 3. que se puserão debaixo do pôto polos mesmos 3. produzirão 549. que he o mesmo numero que está encima, & não sobejará nada, polo que se

riscarão todas as letras, como aqui se vê, & a raiz está bem tirada; mas se restado o produto de esta multiplicação do numero que está

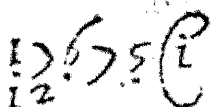
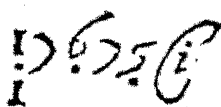
sobejar algũa cousa, este sobejo será os  $8649$  que sobejão do numero proposto, & ficão fora da rayz, & os 93. da linha sua rayz. E multiplicando os 93. por si mesmo farão 8649. que he o numero proposto conforme a diffinição, & esta he a

proua real para ver se está certa esta operação. Auendo de tirar esta rayz de numero que tenha o vltimo ponto debaixo da primeira letra começando a contar da mão esquerda, & essa

letra for tão pequena, que senão possa tirar della algũa rayz, por se ha na linha, & debaixo do ponto hum, como se se quise se tirar deste numero 17975. far se ha como no outro se tem feito, assentando os pontinhos, como aqui se vê.

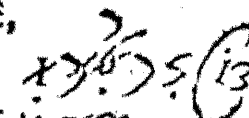
saltando sempre húa letra até chegar á vltima,  $17975$  que

que he hum, & posto o numero deste modo, porque de hum senão pode tirar rayz, por se ha hum na linha, & debaixo do ponto, como aqui se vê, & dir se ha hũa vez hum faz hum, que tirado de car se hão o hum que está o que está encima, como se tem feito, & logo dobrar se ha o hum que está na linha, & farã dous, que se porão debaixo da letra que se segue, que he 7. como se vê nesta figura, & ver se ha as vezes que cabem estes dous nos 7. que serão tres, os quais tres se porão na linha & debaixo do ponto que tem encima os 6. e

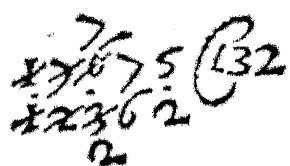
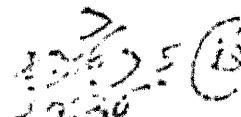


& logo multiplicar se hão 23. por 3. & farão 69. que abatidos dos 76. que estão encima ficarão 7. os quais se porão sobre os 6. que estão sobre o ponto, como aqui se vê,

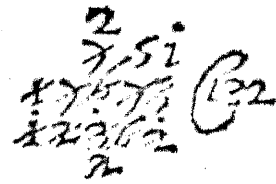
car se hão feito isto as letras com que se lado, como se vê, & logo dobrar se ha outra vez o hum da linha, que fará 16. os quais se porão debaixo das letras que estão por riscar não chegando ao ponto, como está ditto, & aqui se vê,



isto ver se ha quantas vezes os 16. cabem nos 77. que lhe ficarão encima que serão duas, & multiplicar se ha o partidor 16. ajuntando lhe os dous das vezes que os 16. cabem nos 77. polos mesmos dous, & farão 324. & porque he menor numero que os 775. que estão encima, por se hão os dous debaixo do ponto, & na linha como aqui estão,

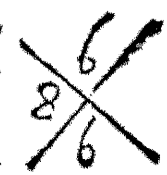


que lhe ficarão encima se porão encima, & riscar se como esta figura mostra, he a rayz deste numero, & os cada fileira fazendo hum



& restão os 324. dos 775. cima sobejarão 251. os quaes se tirarão os que sobejarão todas as mais letras, & os 132. da linha ro, os quais serão soldados que terá o quadrão de 17675 soldados.

soldados. E querendo provar por regra de 9. se está certa esta operação, far se ha o seguinte, tirar se hão os 9. do numero que está na linha, & os que ficarem se porão em hũa cruz em duas partes, & porque neste numero não ha mais que 6. esses se porão na cruz, como aqui se vê, & logo multiplicar se hão estes 6. hum polo outro, & farão 36. dos quais se tirarão os 9. & não ficará nada os q̄ sobejarão da rayz, & de todos se tirarão os 9. & pois não ficou da multiplicação dos 6. nada, s̄ dos q̄ sobejarão da rayz se tirarão os 9. & não chegarão a 9. por se hão os que forem que são oyto de hum lado da cruz, como aqui se vê, & tirando os nove do numero de que se tirou a rayz, se ficarem 8. estará certa, como aqui se vê, que tirando os 9. de 17675. ficarão oyto, & está bem tirada a rayz.



Sabendo se tirar a rayz quadra (como se tem mostrado) para se formar hum esquadraõ quadro de gente, saber se ha o numero da gente de que se ha de fazer, & d'elle se tirará a rayz quadra, a qual como está ditto será os soldados que terá cada fileira, & as fileiras que terá todo o esquadraõ, & sobejado algũ se forẽ tantos como he o numero das fileiras, acrescentar se hão dando hum mais a cada fileira, & quando não sobejarẽ por se hão no lugar que adiante se dirã, & para mais clareza se porã aqui o exemplo em mais pequeno numero, & com esta ordem se irã mostrando as mais cousas. E supondo que se ha de formar o esquadraõ de 200. soldados, tirar se ha d'elles a sua rayz, a qual será 14. & tantos soldados se porão em cada fileira, & tantas fileiras terá todo o esquadraõ, como na figura se vê, & sobejarão quatro, que não têm lugar (como ja se disse) que se sobejarão 14. acrescentar se hum mais a cada fileira.

pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp  
 pppppppppppppp

Com esta regra se farão todos os esquadrões quadros de gente de qualquer numero que se offerecer.

## REGRA PARA FAZER O ESQVADRAM QVADRO DE Terreno.



**P**ARA Se fazer o esquadrão quadro de terreno, se ha de ter respeito ao espaço que occupa cada soldado posto na justa distancia em que ha de estar para combatter; a qual como a seu lugar melhor se dirá he, que cada soldado occupa por fronte tres peis, & por fundo sette, & assi segundo esta proporção se ha de quadrar o terreno, para o que se multiplicaraõ os tres com os sette, & com o que esta multi-

multiplicação produzir, que seraõ 21. se partirá o numero dos soldados de que se ha de fazer o esquadraõ. E do que sayr desta partiçãõ se tirará a rayz quadra polo modo acima ditto, a qual se multiplicará húa vez por sette, & o produzido desta multiplicação seraõ o numero dos soldados que terá cada fileira; & multiplicando a mesma rayz por tres dará o produzido desta multiplicação o numero das fileiras que terá todo o esquadraõ, & assi ficando a proporção dupla, se xquitercia na gente fica quadro o terreno. E suppondo que de dous mil soldados se ha de fazer hum esquadraõ quadro de terreno, multiplicar se hão tres por sette, & farão 21. com estes 21. se partirão os 2000. & sayrão 95. dos quais se tirará a rayz quadra que seraõ nove, & sobejarão 14. logo multiplicar se hão os nove, que he a rayz quadra por tres, & farão 27. & tantas são as fileiras que terá todo o esquadraõ. E multiplicando os mesmos nove por sette o produzido desta multiplicação, que são 63. he o numero dos soldados que terá cada fileira. E querendo saber os que sobejão multiplicar se hão os 14. que sobejão da rayz quadra com 21. da primeira multiplicação, & farão 294. aos quais se ajuntarão os cinco que sobejarão da partiçãõ dos 2000. por 21. & todos farão 299. que são os que ficão defora do esquadraõ, os quais não tendo outro lugar onde seruir se podem accommodar no mesmo esquadraõ, o que se farà de sorte, que ainda que não fique perfeito, seja com a mais perfeição possível, para o que se irão repartindo de modo que acrescentando tres mais em cada fileira se acrescente mais húa fileira, o que se farà multiplicando o numero das fileiras por tres, o qual he 27. que multiplicados por tres farão 81. & estes 81. se abaterão dos 299. que sobejão, & ficarão 218. & ajuntando aos 63. que tem cada fileira, mais tres que são os que acrescentarão a cada fileira, ficarão em cada húa 66. os quais se abaterão dos 218. que sobejão, & ficarão 152. & acrescentar se ha hnm mais aos 27. que he o numero das fileiras, & ficará todo o esquadraõ com 28. fileiras a 66. cada fileira. E querendo ainda acrescentar se mais os 152. com a mesma ordem se irão repartindo, & porque os 152. não bastão para dar a mesma proporção, tomar se ha o

numero mais chegado a ella, & acrescentar-se-hão dous solda-  
dos a cada fileira, & hũa fileira mais, o que se fará multiplicando  
o numero das fileiras por dous, & farão 56. os quais se abaterão  
dos 152. que sobejão, & ficarão 96. & acrescentar-se-hão aos 66.  
que tem cada fileira 2. mais, & ficarão de 68. os quais se restarão  
dos 96. & ficarão 28. & acrescentando ao numero das fileiras  
mais hum ficará todo o esquadrão de 29. fileiras a 68. por fileira.  
Mas querendo acrescentar o esquadrão só por frôte, ou só por  
fundo se fará mais facilmente, & auendo de ter mais frente par-  
tir-se-ha o sobejo polo numero das fileiras, & o que sayr na linha  
se acrescentará ao numero que tem cada fileira. E acrescentan-  
do em fundo se partirá o que sobeja polo numero dos solda-  
dos que tem cada fileira, & o que sayr na linha se ajuntará ao nu-  
mero das fileiras, & continuando cõ o mesmo exemplo os que  
sobejarão são 299. os quais querendo se acrescentar por frente  
se partirão por 27. que he o numero das fileiras, & darão 11. os  
quais se ajuntarão aos 63. que tem cada fileira, & sobejarão 2. E  
querendo se acrescentar por fundo partir-se-hão os mesmos 299.  
por 63. que he o numero dos soldados que tem cada fileira, &  
sayrão 4. na linha, os quais se ajuntarão ao numero das fileiras,  
que he 27. & farão 31. & tantas fileiras terá todo o esquadrão a  
63. por fileira, & sobejarão 47. dos quais agora se não tratta por  
que (como ja se disse) os sobejos que não podê ter lugar no es-  
quadrão tem outro de que a seu tempo se tratará.

O modo de fazer o esquadrão quadro de terreno que aqui  
se tem mostrado he o mais perfeito; porque saye com a propor-  
ção certissima; mas porque sobejão sempre muitos, como no ex-  
emplo atras se vé se mostrará outro modo, que ainda que não  
saye com tão perfeita forma sendo a differença pouca he facil,  
& saye mais justo ao numero proposto. E supondo segun-  
do o passado exemplo, q se ha de fazer hum esquadrão de 2000  
homens, ordenar-se-ha a regra de 3. pondo os 7. por primeira, os 3.  
por segunda, & os 2000. por terceira, como aqui se vé.

Primeira.	Segunda.	Terceira.
7	3	2000
—————		
Multiplicar-se-ha a segunda 3. pola terceira 2000. & darão 6000.		

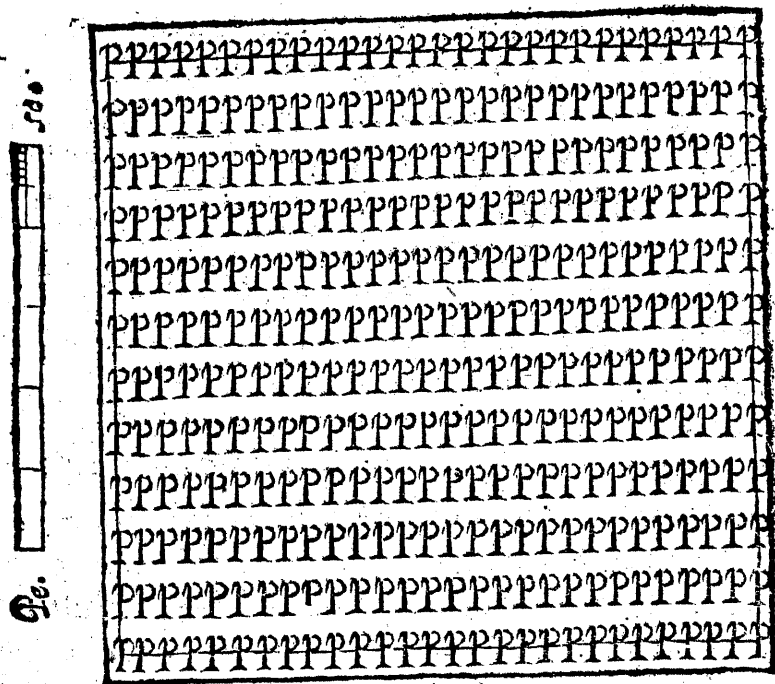
os

os quais se partirão por 7. que he a primeira, & darão 857. sobe-  
jando 1. do qual senão faz caso, porque não he nada. E destes 857  
se tirará a rayz quadra que serão 29. & tantas são as fileiras que  
terá todo o esquadrão, & sobejarão da rayz 16. os quais també  
não são nada, e para saber os soldados que ha de ter cada fileira  
se partirão todos os 2000. q se puserão por terceira, polos 29. q  
he o numero das fileiras, & sayrão 68. e sobejarão 28. que são os  
soldados que não tem lugar no esquadrão, & ficará todo de 29.  
fileiras a 68. por fileira. Esta regra não he tão perfeita como a pri-  
meira, porque o numero das fileiras ha de fazer a mesma pro-  
porção com os soldados que tiuer cada hũa que fazem os tres  
com os sette, que he dupla sexquitercia, como ja se disse, o que  
raras vezes succederá: mas não he assi na primeira regra, por-  
que sempre saye com proporção dupla sexquitercia, como são  
os sette aos tres, mas como sempre nella sobejão muitos, & se  
gasta tempo em os accommodar para mais presteza a segunda  
he melhor. E hũa, & outra se saberá se está certa, multiplicando  
o numero dos soldados que tem cada fileira com o das fileiras,  
ajutãdo a esta multiplicação os sobejos, porq se toda esta soma  
for conforme ao numero proposto de q se ha de fazer o esqua-  
drão, estará certo, senão errado. E tomãdo o exêplo do segũdo  
modo, & multiplicãdo 68. cõ 29. ajuntãdo-lhe os 28. q sobejão fa-  
rão 2000. que he o numero proposto, e está certa a operação.

Esta mesma ordem se terá em todo o numero que se offerer  
cer. E para melhor se comprender o que está ditto se mostrará  
hum exemplo em menor numero com a sua figura. E profun-  
dando que se ha de fazer hum esquadrão de 400. soldados or-  
denãdo-o com o primeiro modo, multiplicar-se-hão tres com  
sette, & farão 21. & por estes 21. se partirão os 400. de que se ha  
de fazer o esquadrão, & sayrão na linha 19. & sobejarão hum, lo-  
go tirar-se-ha a rayz dos 19. que serão 4. & sobejarão 3. & multi-  
plicando os 4. que he a rayz dos 19. por 3. produzirão 12. & tan-  
tas fileiras terá todo o esquadrão, & multiplicando os mesmos  
4. por 7. darão 28. que serão os soldados que terá cada fileira, &  
ficará todo o esquadrão de 12. fileiras a 28. cada fileira, como me-  
lhor na figura se verá.

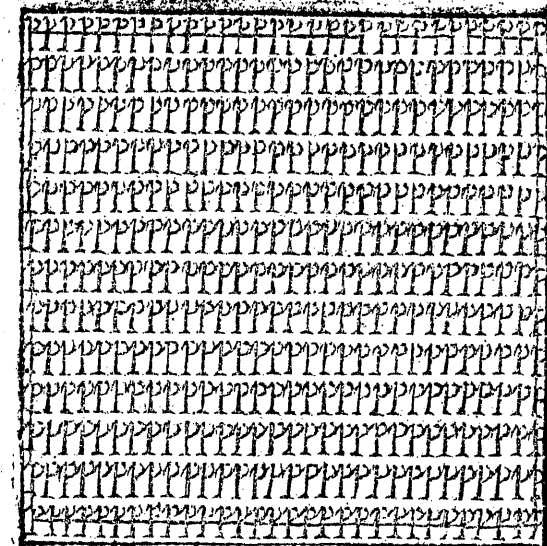
V E que.





E querendo saber se he quadro o terreno que occupa todo o esquadrao multiplicar se haõ os 28. que saõ os soldados que tẽ cada fileira por 3. & daraõ 84. & tantos peis tem por frõte o esquadrao, porque cada soldado por fronte, ou na fileira ( como ja se disse) occupa tres peis, & porque cada fileira por fando occupa 7. multiplicar se haõ o numero das fileiras q̃ he 12. por 7. & faraõ 84. & como dous lados saõ iguais claro estã que os seus oppostos tambem o seraõ, pois tantos soldados tem a primeira fileira da vanguarda, como a vltima da retroguarda, & tantas fileiras mostra o lado direito, como o esquerdo, e sendo a retroguarda igual à vanguarda, & a vanguarda igual a hũ dos lados, igual seraõ a retroguarda ao mesmo lado, porq̃ as cousas iguais a hũa mesma saõ iguais entre si, & o mesmo he do outro lado, & assi se vê que he quadro o terreno, que era o que se pretendia: mas naõ seraõ quadro perfeito ( como ja se disse ) senãõ quando estiverem os soldados com os piques calados para resistir á cavalleria, porque entãõ alargando os da primeira fileira os peis esquerdos para diãre ( como a seu lugar se dirã ) & os da vltima fileira os direitos para tras ficãõ occupando assi os 7. peis que na

na planta do esquadrao acima disenhado se vê q̃ faltaõ, o q̃ se conhecerã cõ o petipẽ que tẽ ao lado, & as duas linhas q̃ estãõ por fora da vanguarda, & retroguarda, mostraõ o espaço q̃ mais occupaõ quando alargaõ o passo para calar o pique contra a cavalleria, e as outras mais a dẽtro mostraõ o lugar q̃ occupaõ cõ os peis estãdo armorados, & as dos lados signalaõ os mais espaços q̃ na diffiniçãõ deste esquadrao se tẽ mostrado, sendo as de dẽtro o lugar onde tẽ os peis, e as de fora o pẽ que de cada lado falta: & cõ isto se ficará cõprendeõ bẽ o q̃ se tẽ mostrado. Querendo acrescetar a este esquadrao os seus sobejos se farã ( como ja se disse) multiplicando os 3. q̃ sobejaõ da rayz por 21. & faraõ 63. aos quais se ajutarã o q̃ sobejou da partiçãõ dos 400. por 21. & faraõ todos 64. & porq̃ destes 64. senãõ pode acrescetar ao esquadrao mais hũa fileira, & 3. soldados em cada fileira, como no primeiro exẽplo se fez, acrescetar se haõ dous soldados em cada fileira, & hũa fileira mais, o q̃ se farã ( como ja se disse ) & assi multiplicando 2. com 12. faraõ 24. os quais se abateraõ dos 64. que sobejaõ, & ficaraõ 40, e acrescetando 2. aos 28. que tem cada fileira faraõ 30. os quais se abateraõ dos 40. & ficaraõ sobejando dez, & acrescetar se haõ aos 12. que he o numero das fileiras mais hũa, & faraõ 13. fileiras a 30. cada fileira, como na figura se vê, & sobejaõ 10.

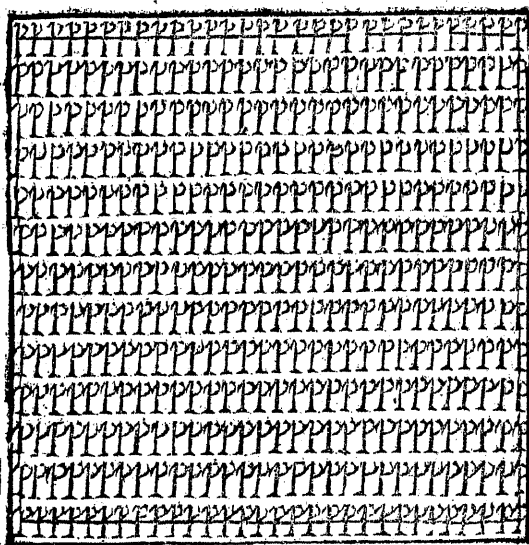


50 ————— Pes

E fazendo o mesmo esquadrao com o segundo modo, accommodando a regra de 3. como esta ditto se porao os 7. por primeira, & os 3. por segunda, & os 400. por terceira, como aqui se ve.

Primeira. Segunda. Terceira.  
 7 ————— 3 ————— 400 —————

Multiplicar-se-hão os 3. polos 400. & farão 1200. os quais se partiraõ polos 7. & daraõ 171. sobejando 3. de que senão faz caso: do que sayo desta partiçãõ, que saõ os 171. se tirará a rayz, & o que della resultar, que saõ 13. he o numero das fileiras, que terá o esquadraõ, & dos 2. que sobejão da rayz tambem senão faz caso, & partindo os 400. por 13. que he o numero das fileiras sayraõ 30. na linha, que saõ os soldados que terá cada fileira, & sobejão 10. & assi fica todo o esquadraõ de 13. fileiras a 30. soldados cada fileira, como na figura se ve.



50 ————— 20

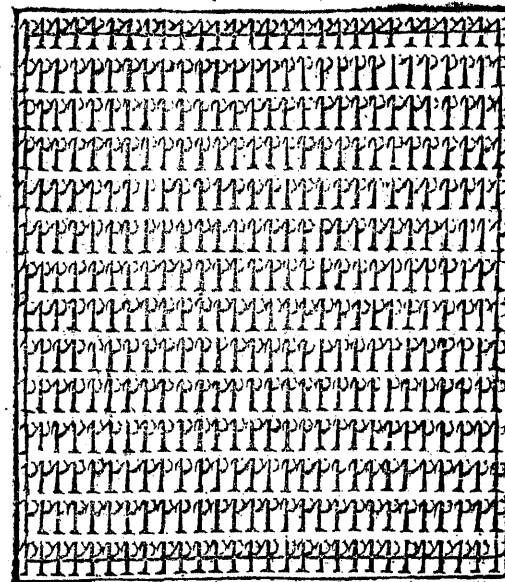
Algũs aprouãõ fazerse o quadro de terreno com proporçãõ dupla sendo por frente o dobro do fundo, & as razões cõ que aprouãõ esta opiniaõ saõ que esta proporçãõ faz pouca differença da dupla sexquitercia, & que he mais facil de achar em qualquer numero sobejando sempre poucos; & assi Hieronymo

Catanio em hum liurinho que fez das taboas dos esquadraõs, sempre mostra o quadro de terreno com dupla proporçãõ, & ainda que em rigor senão possa chamar quadro de terreno, pois no terreno não he quadro, he tão pouca a differença que faz, que pouco, ou nenhum inconueniente será seruir delle, como dos outros, visto como tambem os outros por respeito dos sobejos nunca ficão perfeitamente quadros, & assi a quem estas razões parecerem bem, e desta forma d'esquadraõ se quiser seruir fará a sua operaçãõ com o segundo modo atras escrito, pondo 8. por primeira, & 4. por segunda, & o numero de que se ha de fazer o esquadraõ por terceira, mas sayrá mais perfeita pola regra que aqui se pora, a qual he a seguinte.

Multiplicar-se-hão 4. com 8. & com o que produzir esta multiplicação, que saõ 32. se multiplicará o numero de que se ha de fazer o esquadraõ, & do que produzir esta multiplicação se tirará a rayz quadra, & o que nella sayr se partirá hũa vez por 4. & darã o que produzir esta partiçãõ os soldados que terá cada fileira. E partindo a mesma rayz outra vez por 8. darã o numero das fileiras, & querendo saber os que sobejão multiplicar-se-ha o numero dos soldados com o das fileiras, & o produzido desta multiplicação se abaterã de todo o numero de q se quer fazer o esquadraõ, & os que ficarẽ saõ os que sobejão, os quais sobejos se acrescentaraõ sempre por lado, por que faltando lhe a terça parte do fundo mais por frente para ser quadro de terreno perfeito acrescentandoo por lado se lhe faz mais frente, & se vay chegando mais à sua perfeiçãõ. E prosupondo que se quer fazer este esquadraõ de 2000. soldados, multiplicar-se-hão 4. por 8. (como esta ditto) & farã 32. com estes 32. se multiplicaraõ os 2000. & farã 64000. dos quais se tirará a rayz quadra, que seraõ 252. & sobejão 496. que não saõ nada, & os 252. que he a rayz quadra se partiraõ hũa vez por 4. & o que sayr será o numero dos soldados que terá cada fileira, que saõ 63. & partindo os mesmos 252. por oyto daraõ 31. que he o numero das fileiras, sobejando quatro que não saõ nada, & assi ficará o esquadraõ de 31. fileiras a 63. por fileira, & ainda que neste numero fica hum de differença não deixa de estar bem fei-

ta a operação, porque como isto são contás que senão podem fazer com quebrados não se lhe podem dar meyo, como neste numero era necessario auendo de ser as fileiras amedade dos soldados que tem cada hũa, & assi auiaõ de sayr da partição dos oytos 31. & meyo, o que não pode ser ( como está ditto) que auendo se de fazer com quebrados, bem claro está, que os quatro que sobejaõ da partição dos oytos, são os meyo que faltão com o que ficará justa a dupla proporção. Para se saber os que sobejaõ se multiplicarão os 63. com os 31. & restando o produzido desta multiplicação dos 2000. que he o numero proposto, os que restarem que são 47. são os que sobejaõ. E se se quiser saber se está certa, verseha primeiro se he duplo hum numero 20 outro o dos soldados q̄ tẽ cada fileira ao das fileiras q̄ tẽ o esquadraõ, & achando certo multiplicarseha hũ cõ o outro, & se o produzido desta multiplicação for justo, ou menor q̄ os 2000. está certa, & sendo mayor errado, & porque a multiplicação que se fizer dos 63. & 31. dará 1953. que são menos de 2000. & (como se tem mostrado) a proporção dos 63. aos 31. he boa, certa está a operação que se fez, & para se mostrar na figura se tomarã o numero dos outros exemplos, que são 400. E prosseguindo com a mesma ordem, multiplicarsehaõ os oytos com os quatro, & darãõ 32. com os quais se multiplicarão os 400. & farãõ 12800. dos quais se tirará a rayz quadra que são 113. & sobejarãõ 31. que não são nada, & os 113. se partirãõ hũa vez por quatro, & darãõ 28. que são os soldados que terá cada fileira, & partindo os mesmos 113. por oytos darãõ 14. & tantas são as fileiras que terá todo o esquadraõ, & ficará todo de 14. fileiras a 28. soldados por fileira, como na figura se vê, & sobejaõ 8. que não tem lugar no esquadraõ (como está ditto) & destes tres modos apontados se poderá servir quem quiser fazer o esquadraõ quadro de terreno.

REGRA



so ————— pe

## REGRA PARA FAZER OS ESQVADRÕES DE GRAN FRONTE, E gran fundo, & os seus subalternados.

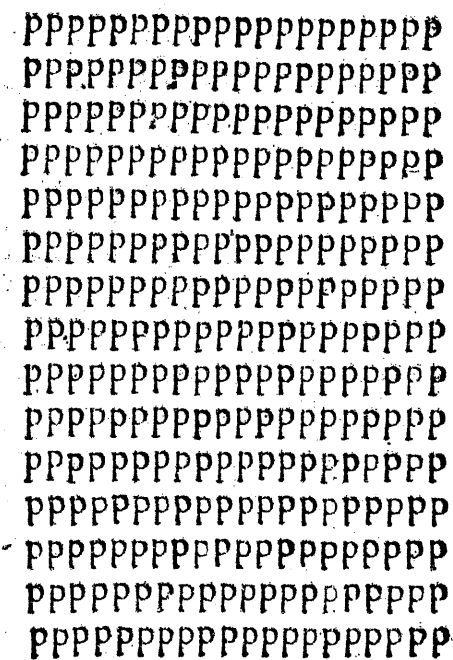


OS Esquadrões de gran frente, & gran fundo não ha numero certo, podendo se fazer de mais, ou menos frente, como na sua diffinição está ditto, & assi querendo fazer de gran frente a respeito da gente, como o numero dos soldados, que estão por frente em cada fileira exceder ao numero das fileiras que estão por fundo, será de gran frente, & de gran fundo quando o numero das fileiras que estão por fundo exceder aos soldados que tem cada fileira, & do mesmo modo se entenderã a respeito do terreno, como na diffinição fica ditto.

V 4 Que-

Querendo agora fazer hum esquadrão de gran frente, a respeito da gente, que tenha hum terço de gente mais por frente, que por fundo seruindo do primeiro modo com que se fez o quadro de terreno se formará mudando os 7. & 3 com que se fez a primeira multiplicação em 4. & 3. porque os quatro tem hum, terço mais que os 3. E assi para se fazer de qualquer proporção que se quiser por esta regra, se buscarão dous numeros que tenham entre si a mesma proporção q se quer dar ao esquadrão. E se ha de ser de grande frente no mayor numero se respeitão os soldados que terá cada fileira, & no menor as fileiras, & ao reues se for de gran fundo. E para mayor clareza se porão dous exemplos como nos mais se tem feito, & supondo que se ha de fazer hum esquadrão de 2000. soldados que tenha hum terço mais por frente, que por fundo, multiplicar-se-hão 4. com 3. & farão 12. com os quais se partirão os 2000. & sayráo na linha 166. sobejando 8. & destes 166. se tirará a rayz quadra, que serão 12. sobejando 22. & estes 12. se multiplicarão hũa vez por 4. & darão 48. que são os soldados que ha de ter cada fileira, & multiplicandoos outra vez por 3. darão 36. & tantas fileiras terá todo o esquadrão. E ficando com 48. por frente, & 36. por fundo, bem se vé que tem hum terço mais por frente, que por fundo, que he o que se queria fazer: o que se provará partindo os 36. por 3. & sayráo 12. que 3. vezes 12. são 36. & acrescentando se he mais aos 36. este terço, que são 12. farão 48. que he o numero da frôte, & assi fica prouado que tem hum terço mais por frente, que por fundo, querendo saber os que sobejão, multiplicar-se-hão os 22. que sobejarão da rayz quadra por 12. & darão 264. os quais se juntarão aos 8. que ficarão da partiçãõ, & farão todos 272. & tantos sobejão; & querendo saber se está certa esta operação multiplicar-se-hão 48. que he a frente com o fundo 36. & darão 1728. aos quais se juntarão os 272. que sobejão, & farão 2000. com o que se proua que está bem feita a operação. E querendo accommodar os sobejos no esquadrão farseha como no primeiro modo está mostrado, mudando a proporção, que assi como lá se acrescentarão 3. por frente, & 1. por fundo, aqui se acrescentarão 4. por frente, & 3. por fundo, & quan-

quando não bastarem os sobejos para fazer esta proporção, será (como se disse) a mais chegada, & porque isto fica ja bem declarado senão torna a repetir aqui. E sempre os sobejos se acrescentarão a respeito da proporção do esquadrão. E fazendo com a mesma proporção de 400. soldados: multiplicando os 4. & 3. darão 12. & com estes se partirão os 400. & sayráo 33. dos quais se tirará a rayz quadra, que são 5. & sobejão 3. & multiplicando os 5. por 4. darão 20. que será a frente do esquadrão, ou os que terá cada fileira, & multiplicando os mesmos 5. por 3. darão 15. & tantos terá por fundo, ou tantas fileiras, & prouando se como na operação atas fica ditto se achará que esta está certa, pois os vinte da frente tem hum terço mais que os 15. do fundo, & ficará todo o esquadrão de 15. fileiras a 20. por fileira, como na figura se vê.



Sobejão deste esquadrão acima 100. soldados, os quais se accommodarão, como ja se disse. E querendo fazer hum esquadrão de gran fundo da mesma proporção, não se ha de fazer mais, que mudar a frente para o fundo, & o fundo para a frente: com o que ficará em sua perfeição, como aqui se vê.

pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp  
pppppppppppppppp

Tambem se podem fazer estes esquadros polo segundo modo com que se mostrou o quadro de terreno, que he pola regra de 3. fazendo 4. primeira, & 3. seguda, & o numero proposto terceira, & querendo não gastar tempo em accommodar os sobejos esta regra he muy commoda, porque sempre saye cõ menos sobejos, como nella se verá. E como com ella ficão logo accommodados os sobejos não saye com as proporções tão justas, como se pretende, & como pola regra atras se mostra, porque nunca, ou raras vezes os numeros são perfeitos, segundo a proporção de que se quer fazer o esquadro. E continuando cõ o mesmo exemplo de 2000. para mostrar esta regra accommodar se ha, como aqui se vê.

Primeira.  
4

Segunda.  
3

Terceira.  
2000

E deste

E deste modo se accommodarão os numeros de todas as proporções de que se quiser fazer o esquadro sendo sempre o mayor numero primeira. E multiplicando a segunda 3. pola terceira 2000. dará 6000. os quais se partirão pola primeira 4. & sayrão 1500. não sobejando cousa algũa, & quando sobejara tambem não era nada, & destes 1500. se tirará a rayz quadra, que serão 38. que he o fundo, & sobejão 56. que tambem não são nada, & com os 38. que sayrão da rayz quadra se partirão os 2000. & darão 52. que tantos serão os soldados que terá por frente, ou em cada fileira, & sobejão 24. os quais se accommodarão, como se dirá dos mais sobejos que não té lugar no esquadro. E querendo prouar se está este esquadro na proporção que se pretendia partirse haõ os 38. por 3. & darão 12. & sobejão dous, acrescentando agora a 38.12. farão 50. E como esta operação se não pode fazer com quebrados accommodando os sobejos não pode ficar a proporção perfeita: mas sempre será a differença tão pouca, como aqui se vê. E querendo prouar se está certa esta operação multiplicarse haõ os 38. com os 52. & farão 1976. a que se ajuntarão os 24. que sobejarão, & farão 2000. & foy a operação bem feita.

Para mostrar (como as mais) com a sua figura esta operação se tomarão os mesmos 400. como nas mais se tem feito, & pondõ os 4. por primeira, & os 3. por segunda, & os 400. por terceira. da primeira multiplicação sayrão 1200. os quais se partirão pola primeira 4. & sayrão 300. dos quais se tirará a rayz quadra que serão 17. & sobejão 11. os quais não he nada, como está dito, & partindo por estes 17. os 400. darão 23. & sobejarão 9. & ficará o esquadro de 17. fileiras a 23. soldados por fileira, ou 17. por fundo, & 23. por frente, & ajuntando a terça parte dos 17. que são 5. & dous terços, aos 17. farão 22. & dous terços, e ficará hum terço menos por fundo q̃ por frôte do q̃ auia de ter na sua diuida, & justa proporção quando padeceraõ estes numeros diuisão, & porque a não padecem ha hũ de differença que he tão pouca que não deixa de ficar em sua perfeição, & ficarão em todo o esquadro sobejando 9. que nelle não tem lugar, & elle será de 17. fileiras a 23. por fileira, como na figura se vê.

E que-

*Primeira parte,*

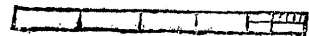
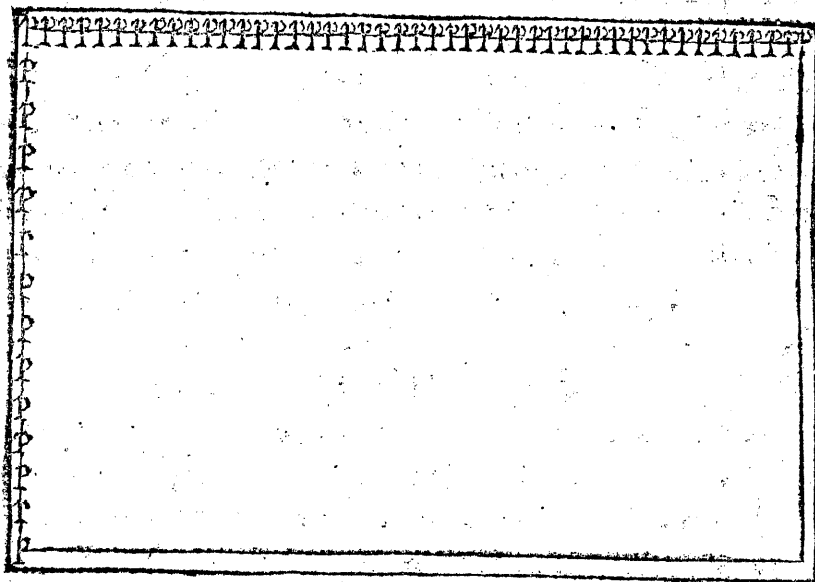
pppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppppppppp

E querendo que seja de gran fundo nesta mesma proporção far-se-ha (como está ditto) mudando a frente para o fundo, & o fundo para a frente, como no passado exemplo se fez, & se vê na figura, onde se mostra, que ainda que na gente tem hum terço mais por frente, que o não tem no terreno, sendo a respeito delle ao reves. Com as regras apôtadas se farão todos os esquadros de gran frente, & de gran fundo em qual quer proporção que se quiserem a respeito da gente achando (como está ditto) dous numeros que tenham entre si a proporção de que se quer fazer o esquadrao, para com elles se fazerem as operações.

Os que se fazê a respeito do terreno são de dous modos, ou de terreno determinado, o qual he facil, ou querendo pôr os soldados de modo, que ficando nas suas diuidas distancias occupem hum terço mais de terreno por frente que por fundo, ou por fundo mais que por frente o mesmo terço, ou de qual quer outra proporção que se quiser fazer. O de terreno determinado se fara medindo os dous lados, que não são opostos, & partindo o que ha de ser frente por 3. os que esta partiçao der serao  
 os sol-

*Da Arte Militar.*

os soldados que terà cada fileira, & partindo o outro lado que não he oposto a este por 7. os que desta partiçao resultarê serà o numero das fileiras que terà todo o esquadrao. E suppondo que se ha de formar o esquadrao em hû determinado terreno, que com elle se ha de ocupar todo, que tenha por hû lado 138. peis, o qual ha de ser a frente, & por outro 98. que ha de ser o fundo, partirse-haõ 138. que ha de ser frente por 3. e os que esta partiçao der são os soldados que terà cada fileira, que serao 46. & partindo os 98. por 7. daraõ 14. que serao as fileiras, & assi tendo o esquadrao por hum lado 138. peis, & por outro 98. sendo o dos 138. frente, como se suppos, & o dos 98. fundo terà 46. soldados por frente, & 14. por fundo, como se vê na figura.

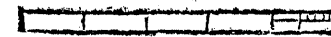
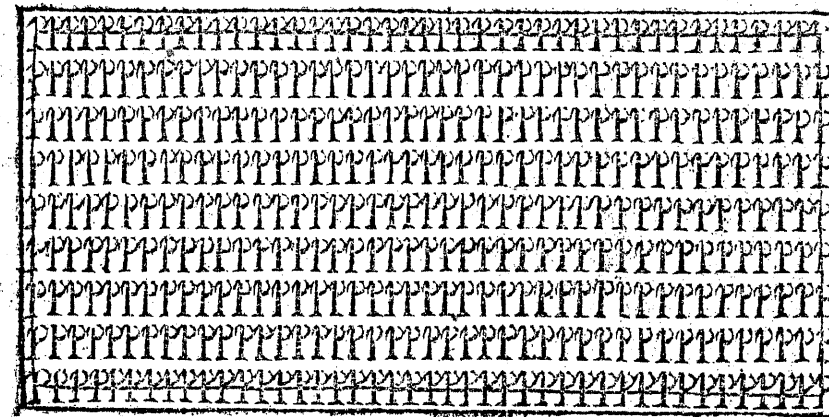


As linhas que na presente figura estão por fora das letras que mostraõ os soldados, mostraõ o espaço de terreno em q estava determinado fazerse o esquadrao, que com o petipé se vé q tem pola frente 138. peis, & por fundo 98. os quais se occupaõ cõ 14. fileiras a 46. soldados cada fileira, como se tinha achado q auia de ser, & os espaços q ficão entre as linhas de fora, e os soldados mostraõ, o que mais occupão os soldados do q na planta se mostra, como na diffinição do quadro de terreno se té mostrado.

E cõ esta regra se poderá formar o esquadrão em qualquer terreno que se offerecer, como se lhe puderé medir os dous lados, o que he facil, porque o terreno em que se pode fazer hũ esquadraõ, tambem se poderá medir, & quando a breuidade do tẽpo, ou outras occasiões, que podê acontecer, não deré a isso lugar, a estimacão do official que ouuer de fazer o esquadrão serà a medida; q̃ 4. peis mais, ou menos he pequena falta, mas o mais certo he medir se o melhor q̃ se puder, & querendo saber quantos soldados leua todo o esquadrão multiplicando os dous lados hum polo outro se saberà, & assi multiplicando 46. com 14. farãõ 644. & tantos terá todo o esquadrão, como se verà multiplicando os dous lados da figura atras.

Este esquadrão q̃ aqui se tem mostrado de gran frõte serà de gran fundo quãdo se puser o mayor lado por fundo, & o menor por frõte, & assi cõ a mesma regra se fará o de gran fundo. O outro esquadrão q̃ tambem se faz a respeito do terreno té mais larga operacão. E prosupõdo q̃ se ha de fazer de 400. soldados de modo q̃ occupe por frõte dobrado terreno q̃ por fundo, farãõ dos soldados peis, e logo daquelle numero se tirará por hũ das regras apontadas esta dupla proporçãõ, de modo q̃ fique fazendo hũ figura de hum paralelogramo que tenha por hũ lado o dobro do outro, & logo como se fez na operacão passada partirseha o lado q̃ ha de ser frõte por 3. & o que ha de ser fundo por 7. como na passada demonstracão, & o que sayr da partiçãõ dos 3. serà os soldados que terá cada fileira, & a dos 7. as fileiras, & tudo se fará, como no exemplo se vê. Auendo de fazer, como está proposto hũ esquadrão de 400. soldados q̃ seja duplo no terreno, multiplicarsehaõ estes 400. por 21. porq̃ tãtos peis occupa cada soldado, pois (como está ditto) de soldado a soldado ha 3. peis, e de fileira a fileira 7. os quais vê a fazer os 21. q̃ occupa cada soldado, como ja se disse, & da multiplicacão destes 21. polos 400. resultaraõ 8400. & tãtos peis superficiaes occupaõ os 400. soldados, e assi destes 8400. peis se fará hũ paralelogramo q̃ seja duplo à base: o qual se fará para sayr cõ mais perfeicão pela primeira regra cõ q̃ o quadro de terreno se mostrou multiplicado 1. cõ 2. porq̃ assi como no quadro de terreno se multiplicãõ 3. cõ 7. por-

7. porq̃ he de proporçãõ dupla sexquitercia, neste se multiplica 1. com 2. porque he de proporçãõ dupla, & multiplicando 1. cõ 2. darão 2. & com elles se partirão os 8400. & darão 4200. dos quais se tirará a rayz quadra, que serãõ 64. os quais se multiplicarão hũa vez por 1. & darão o menor lado do paralelogramo, & multiplicando os outra vez por 2. darão 128. q̃ serà o mayor lado, e assi fica hũ paralelogramo q̃ té 2. lados de 128. peis cada hũ, porq̃ os opostos saõ iguais, & outros 2. de 64. peis, querêdo agora accõmodar os soldados partirsehaõ os 128. por 3. e os 64. por 7. & querendo q̃ seja com o fundo duplo à frente, partirsehaõ os 128. por 7. & os 64. por 3. Mas prosupõdo (como está ditto) que ha de ter a frente dupla ao fundo partirsehaõ os 128. por 3. & darão 42. & tantos soldados terá cada fileira sobejãdo 2. peis de que senão faz caso, & partindo os 64. por 7. darão 9. & sobeja 1. pé que tambem não he de consideracão, e o paralelogramo em que se forma o esquadrão terá no mayor lado 126. peis, & no menor 63. & ficarà o esquadrão de 9. fileiras a 14. soldados cada fileira. E querendo saber os que sobejão multiplicarsehaõ os 9. com os 42. & darão 378. & acharseha que sobejão 22. & o esquadrão ficarà, como na figura se vê.



Cõ as regras apõtadas se poderão formar todos os esquadros de grã frõte, e de grã fundo de qualq̃r numero, e proporçãõ q̃ se quise-

quiserem fazer a respeito da gente, ou do terreno: ou seja terreno preciso, ou voluntariamente elleito, & cõ as q̃ tras se mostram se formarão de qualquer numero o quadro de gente, & de terreno. E assi tendo se mostrado pratticamete, como se saberã formar qualquer esquadrão q̃ se offerecer agora, se dirã como se hão de ordenar com as suas bandeiras collocando em seus lugares a guarnição, mágas, cornos, & alas de cavalleria. Mas por que antes que se venhão a pôr em acto estas cousas, he necessario que os officiais, e soldados saybão muy bem o que lhes toca fazer, se mostrarã primeiro o que deue exercitar, & saber os officiais, & soldados, & tambẽ como isto he dispôr para cõbater he necessario que todos saybão o que hão de fazer; porq̃ quãdo se ha de obrar qualquer arte os mais destros mais facilmente alcanção o desejado fim, & assi nunca se cõseguirá a vittoria se os officiais, & soldados não souberem o que toca a cada hum, & o exercitarem com perfeição.

## DO QUE TOCA AOS SOLDADOS, E OFFICIAIS E M. G. E. ral, & particular.



**P** R A Se entender o que toca a cada official, & soldado se deuem considerar tres ordẽs de milicia, milicia superior, milicia inferior, & media, porque (como se disse no primeiro capitulo da Arte, toda consiste em prattica, & especulatiua, & sendo aquella sciencia mais nobre, que mais tem do especulatiuo, & menos nobre a que tem mais do prattico, & nas que são mixtas a parte especulatiua mais nobre que a prattica, tendo a milicia estas duas partes, hũa totalmente prattica, & outra especulatiua; pois hũa sempre especula, & outra sempre obra, como se dirã, fica assi, & com razão, como em todas as artes, & sciencias a parte

a parte especulatiua a superior, e a prattica a inferior, como em hũ corpo humano, o entendimento, & os mēbros que sã obrão o que elle determina, & fundado nesta opiniã disse Epicrates, que hum exercito era semelhante ao corpo humano: mas como no suposto do homem ha outras potencias do espirito, q̃ o entendimento domina, & gouerna mais nobres que os membros do corpo, he necessario que as mesmas em hum exercito se dem para ser a comparaçã perfeita, & assi auerã em hum exercito tres ordẽs de milicia hũa superior, e outra inferior, & outra media, q̃ são hũa sã especulatiua, & outra sã prattica, & outra mixta. E assi considerando os effeitos de cada hũa se virã a alcançar quem são os que exercitã estas tres especies de milicia, & sabẽdo se dirã em gẽral o que toca a cada hũa, e logo em particular àquelles que as seguem, & exercitão.

A milicia superior he aquella que sã considera o que os inferiores hã de fazer, & assi he a que sã impẽra, & manda, como o entendimẽto às potencias do espirito, & aos mēbros do corpo. E porque este particular officio he sã do general, a quẽ o imperio do exercito estã entregue, sendo elle o q̃ o gouerna como a nãos o nosso entendimẽto, q̃ Deos pos na alma para guia de nossas açções, nelle sã estã a milicia superior. A inferior do mesmo modo polo seu effeito se conhecerã, porq̃ como ella he a q̃ sã obra cõparada aos mēbros do corpo, q̃ faz todas suas operações guiadas polo entendimẽto, não podẽdo obrar nada sã primeiro o entendimento entender o que se ha de obrar, aquella parte do exercito, que fizer sã este effeito terã a milicia inferior; & porque assi como no general he proprio especular o que ao seu exercito conuem, polo que sã nelle estã puramente a milicia superior, o soldado cujo effeito he sã exercitar o que se lhe ordena, sendo hum prattico executor das ordẽs militares, he o que sã segue a parte da milicia inferior sendo prattico como o general especulatiuo, q̃ nunca ao soldado se diz manday, senão fazey, não ao general fazey, senão ordenay, & assi (segũdo Plutarcho) sendo Paulo Emilio elleito cõsul cõtra Perseo Rey de Macedonia achando no exercito os soldados muito liures, querẽdo entendẽr, & saber tudo mandou que estiuessẽ quietos, & q̃ sã

Plu. in vi  
ta Paul.  
Emil.



só entêdessem, cõ as suas armas, que das outras cousas elle teria cuidado: q̃ a elle só como general tocava o mandar, & a elles só obedecer. E isto he o que gèralmente toca a estas duas especies de milicia, & assi a perfeição do soldado està em saber bẽ obedecer, & a do general em saber mandar, & o soldado que não sabe prõptamête obedecer aos seus mayores, nẽ o general q̃ não sabe m̃adar seueramente aos inferiores nunca faraõ cousa de importancia: mas isto se entenda nas cousas da guerra, que sõra dahi poderà auer occasiã em que o obedecer no soldado seja vileza, & a seuẽra inteireza no general soberba, ficando o soldado desprezado, & elle auorrecido.

Aqui se tẽja mostrado as duas especies de milicia superior, & inferior, exercitando a superior o general, & a inferior os soldados, & o que toca a cada hum, que he mandar ao general, & ao soldado obedecer: falta agora mostrar a outra especie de milicia, que he mixta a estas apontadas, porque juntamente entende, & obra, dominando, & sendo dominada, & fica sendo hum meyo entre o general, & o soldado, obedecendo ao general, & mandãdo aos soldados polo q̃ os que seguẽ esta especie de milicia são todos os officiais, q̃ abaixo do general dominaõ militar mête sobre os soldados: polos quais se entenderão o mestre de cãpo general, general da infantaria, & da cavalleria, corõneis, e os mestres de cãpo de qualquer terço, sargentos mayores, capitães, cẽturiões, alferes, sargẽtos, cabos de esquadra, & das fileiras, tenẽtes dos capitães dos cauallos: q̃ os mais officiais q̃ em hũ exercito ha como auditor, capitão de cãpanha, barrachel, & outros, não tẽ lugar na milicia, porq̃ são ministros politicos, e não militares, & assi como às outras milicias toca à superior m̃adar & a inferior obedecer, a esta toca m̃adar, & obedecer, o q̃ bẽ se mostra em Polibio, a onde diz, q̃ indo Annibal sobre Taranto chamando os officiais do seu cãpo lhes disse, q̃ tiuessem cõta cõ leuar recolhidos os seus soldados, & q̃ castigasse ao q̃ se desmãdasse, e em fim q̃ olhassem bẽ o q̃ lhe m̃adava, e q̃ nenhũ fizesse cousa de seu proprio parecer, & vôtade, o q̃ bẽ declara o q̃ a esta especie de milicia toca, q̃ he m̃adar, & obedecer; pois estes officiais auiaõ de obedecer a Annibal, & m̃adar aos soldados. Polo  
que

q̃ he muito difficultosa de seguir cõ perfeição, porq̃ a hum ha de obedecer, & a outros ha de m̃adar em quanto representa a pessoa do general, & assi para se exercitar cõ a perfeição q̃ se pretẽde, são necessarias duas cousas aos q̃ a seguirem, sofrimento para obedecer, & conueniente modestia para mandar, porque nẽ ao general desobediçaõ, nem aos subditos agrauẽ, não deixando de vsar o rigor quando for necessario, para castigo dos delinquentes, & bom successo da guerra.

Nesta milicia ha muitos grãos, porq̃ quãto se chegaõ mais ao general, tanto tẽ mais da superior, & tãto mais se apartaõ da inferior, como as sciẽcias, & artes, q̃ quanto mais se chegaõ à especulatiua, mais nobres ficaõ, & menos quanto mais se apartaõ, e assi vaõ os officiais por graos de nobreza sobindo de cabo de esquadra até mestre de cãpo general, q̃ por ser o mais chegado ao general fica tendo mais da superior, & polo consequente sendo mais nobre, & a mais apartada menos. E porq̃ a elleiçaõ dos q̃ estas milicias haõ de exercitar he o principal fundamẽto de se porẽ em sua perfeição, se dirã gèralmente os q̃ para ellas se haõ de elleger. E assi cõforme ao q̃ está ditto, q̃ a cada hũ toca se fara a elleiçaõ, & porq̃ ao general se disse q̃ em gèral tocava mandar, & governar o seu exercito, encaminhando cõ o seu entẽdimẽto todas suas acções he necessario q̃ se elleja, como na quinta parte do terceiro discurso se disse. Para a milicia inferior se ellegerão homẽs q̃ possaõ servir, & sejaõ adornados de virtude, assi para pelear animosamente cõtra os inimigos, como para viuer quietamête entre os amigos, obedecendo aos superiores: & porq̃ disto se tratarã na 2. consideraçãõ senão dirã aqui mais; Aos q̃ exercitaõ a milicia media se disse q̃ lhe tocava gèralmête mandar, & obedecer, polo q̃ cõforme a isto se ellegerão de cõpetẽtes forças cõforme ao cargo q̃ servirẽ, q̃ em hũs haõ de trabalhar mais q̃ em outros, & de entẽdimento capaz de saber m̃adar, e entẽder as ordẽs q̃ lhe derẽ. E cõforme ao lugar em q̃ estiverẽ (como ao diãte se dirã) se ellegerão cõ mais, ou menos sciẽcia da Arte Militar, procurãdo sempre os q̃ mais souberẽ, ainda que menos sciencia baste para o cargo que haõ de exercitar.

Tendo mostrado as tres especies em que gèralmête a milicia

se divide, & quais são os que distintamente seguem cada hũa, & o que em geral lhes toca, & os que para ellas se hão de elleger, agora se dirã o que em particular toca a cada hum dos que as seguem começando do soldado até o general; pois como na ordem de suas precedencias se tem mostrado, polos mesmos grãos se vay subindo da inferior até a superior.

A milicia inferior té duas partes principais diuidindo se em soldados infantés, & em soldados de cavallo; a parte dos infantés se divide em tres, q̄ são mosqueteiros, arcabuzeiros, & cossoletes, q̄ de todas as mais armas senão tratterã tendo todas por inúteis: tirando hũa q̄ agora senão vfa de que nos seruiramos se tiueramos lugar de exercitar o que entendemos.

A outra parte se divide em outras tres. Arcabuzeiros de cavallo, cavallos ligeiros, & homês d'armas. E deixão se os ginetes porque ainda q̄ se serué delles, parecê de pouco effeito na guerra que se faz cõ ordenados, & praticos exercitos, como são os que em Europa nestes tépos cõbattem, aonde sô podiaõ seruir de descobridores, & ainda isto fazê melhor os cavallos ligeiros, por ser a sua tela mais accõmodada para se poder andar nella mais tépo cõ menos trabalho; e assi né neste particular se admitirá a cela gineta, & tambem senão tratterã de herreruelos, e estardiotes, porque sô se pretende mostrar a perfeição da Arte Militar. E ainda q̄ se siraõ de outras especies de soldados, mais das q̄ se apontão, não se aprouarão senão as de que aqui se tratterã: das quais se discorrerã agora, segundo o que particularmente toca a cada hũa a respeito desta primeira parte, que nas outras se dirã o mais que a ellas pertence.

O mosqueteiro em opinião de todos he o menos nobre soldado da infantaria, & he de pouco seruiço, mas de muita importância, de pouco seruiço, porque não pode escaramuçar, por respeito da sua arma, como se dirã, nem o podem mandar correr a campanha, pola mesma razão, nem tem lugar certo em hũa batalha, que não pode guarnecer o esquadrão, nem fazer as mangas que lhe seruem de trauezes: mas são de muita importancia, porque postos em lugares onde possaõ estar firmes, ou bem amparados da caualleria, podem ser a ruyna do inimigo que por  
aquell-

aquella parte vier, porque os mosquetes chegão muito, & onde chegão não ha reparo de armas defensiuas que lhe possa resistir, & assi para guardar hum passo, para tomar hum cume onde ajão de ficar, para o deffender são de muito effeito, e do mesmo para guardar a bagaje; porque amparados da carriagem a poderão deffender com muito danno dos inimigos que a accõmetterem, & em outras occasiões q̄ a seu lugar se dirã são muito importantes. As suas armas são todas offensiuas, & nenhũas defensiuas, que não trazem mais que o mosquete cõ as coulas a elle pertencêtes, que são forquilha, balas, poluora, corda, frasco, poluorinho, portafasco, & bolsa com a sua espada, & adaga que serã grande, & com que em hũa necessidade possaõ cortar madeira, & fazer estacas, para os reparos que pode succeder se remhe necessarios. Os que para esta arma se hão de elleger serão homês membrudos, & torçosos, que não sendo tais não poderão seruir como conuem, saberão disparar com presteza marchando, & estando parados, & carregar do mesmo modo. Quando o mosqueteiro for na ordẽ, sendo cabo da fileira em que for leuarã o mosquete no ombro que ficar de fora, sendo cabo esquerdo no esquerdo, & direito no direito.

O arcabuzeiro he soldado de muito seruiço, & proueito; porque em todas as cousas he sempre o primeiro nas escaramuças, no correr a campanha, trazer os bastimentos, ganhar os passos asperos, & difficultosos, & em fim elle he o primeiro em todas as cousas do seruiço de hum campo, o seu lugar nas batalhas he nas mangas, & guarnição (como ja se disse) & em guarda da bagaje, & em outros lugares, como se dirã. E se he de proueito, basta para se entender, que os piques em que se entende que está o neruo, & força de hũa batalha sem os arcabuzeiros forão com facilidade desbaratados, como em outro lugar se mostrarã. Seruem se de armas defensiuas, que he o morrião, & de offensiuas que he o seu arcabuz, espada, & adaga que serã como nos mosqueteiros se apontou pelas mesmas razões, as mais pertencas da sua arma são, poluora, balas, corda, frasquinho, frasco, & portafasco, donde nunca o tirará, & por isso o fará hum pouco comprido, que he muy grande de ordem meter o frasco  
na cinta,

sinta, porque sendo a mayor perfeição do arcabuzeiro carregar, & descarregar de pressa, muito mais o fará descuidandose do frasco tanto que carregar, que não indo com elle buscar a sinta onde às vezes não acertará; & quando logo acerte perde tempo em a buscar, podendo sem isso carregar, & tambem se não tirará o frasco do portafrasco, porque se se andar metendo, & tirando o frasco nelle fica tendo o mesmo inconueniente do vagar, que he grãde defeito no arcabuzeiro, & assi trará o frasco no portafrasco, & delle carregará o arcabuz, & em carregando o deixará cayr sem entender mais com elle. Os que para esta arma se hão de elleger são homẽs de meã estatura, porque estes se cobrem melhor, & se mantem mais em campanha: os arcabuzes se ha de aduertir que sejaõ todos de hũa mesma bala, & o mesmo os mosquetes. Saberá este soldado carregar com presteza, escaramuçar, & ir na ordem compassado.

O cossolete, ou piqueiro em gẽral opiniaõ he o neruo, & força dãs batalhas, & assi se chama a sua arma raynha de todas he de muita importancia, mas de pouco seruiço, porq̃ peleija a pẽ quedo estando firme no seu esquadrão, ou defendẽdo algũa trincheira, muralha, ou bateria, & tambem para as ganhar, este soldado he o mais nobre de toda a milicia inferior, o seu lugar (como ja se disse) he no esquadrão, tẽdo em torno de si os mais soldados de pẽ, e de cavallo, como fazẽdo lhe guarda; as suas armas são offensiuas, & deffensiuas; as offensiuas são o pique, espada, & adaga ordinaria, as deffensiuas são peito, espaldar, escarcelas, braçais, morrião, & manoplas. A estes soldados conuem mais que a todos saber marchar em ordem, leuando sempre a fileira muy direita, & que por fundo vão fazendo outra fileira, indo sempre os de detras em direito dos que forem diante: saberão aruorar, & callar o pique, virar os rostos para onde lhe mandarem, o que faraõ aruorados, porque d'outro modo interromperão a ordem dandose com os piques hũs nos outros, & assi quando ouuerem de virar os rostos aruorarão primeiro. E aduertase que (porque a ordem do marchar he sempre mais larga, que a do esquadrão, por respeito dos piques) quando se ouuerem de pôr na justa distancia em que hão de estar para combatter

batter, a qual cada hum saberá perfeitamente, hão de aruorar primeiro, & aruorados se cerrarão que de outro modo se farà com difficuldade, & muita desordem: & em quanto estiuerem nesta ordem cerrada nunca porão o pique ao ombro, porque se desordenarão dandose com os piques hũs aos outros, os da primeira fileira aos da segunda, & os da segunda aos da terceira, & assi de mão em mão, e por isto se diz que hão de dar cinco passos com o pique aruorado, porque auendo de marchar, para o poderem fazer da ordem cerrada em que se peleija, he necessario dar os cinco passos, por não dar com os piques nos que lhe ficaõ detras, & não por outro respeito se mandaõ dar os cinco passos, & assi o faraõ quando se ordenarem para marchar. E todos os cossoletes, & arcabuzeiros, entẽderão o som do tambor, & saberão marchar ao seu compasso ordenadamente. E quando marcharẽ leuaraõ os piques de modo que o conto fique em direito da curua dos soldados que vão diante, porque assi ficarão pique bem compassados.

Querem algũs que aja outros piqueiros, que não trazẽ cossoletes dizendo que tambem são necessarios para ajuda dos arcabuzeiros, que forẽ a algum effeito por passos asperos, & montuosos, & para subir por hũa bateria, & que a estes se darã hum morrião sem outra arma deffensua, & o pique espada, & adaga, como aos mais auendoos o seu lugar serã no centro dos outros por serem mais fracos, & a todos toca o referido neste capitulo dos piqueiros. Mas nós samos de contraria opiniaõ parendonos sempre de muito pouco effeito estes soldados, & para as occasiões em que seruem seraõ de muito se forem armados de cossoletes, sem escarcelas, & braçais, porque tendo o corpo defendido ficaõ liures do embaraço destas peças. E porq̃ a estes soldados, ou sejaõ piques secos (q̃ assi se chamaõ os que não tẽ cossolete) ou cossoletes conuẽ mais q̃ a todos saber a distancia em que hão de marchar, & combatter se dirã agora neste lugar. Para marchar he ordinario dar a cada soldado de 4. a 6. peis de espaço entre hum, & outro, & de fileira a fileira de 20. a 24. por razãõ da grandeza do pique, q̃ indo mais juntos não o poderaõ aruorar: para combatter darãõ a cada soldado na fileira

*Primeira parte,*

fileira 3. peis hum em que está, & outro por cada lado, de sorte q̄ ficão entre hũ & outro soldado 2. peis; & ao espaço q̄ ha de hũa a outra fileira se darão 6. e assi cada soldado té por frente 3. peis & por fundo 7. hum em q̄ está, & 3. para diante, & 3. para trás, & fica assi occupando cada hũ hum paralelogramo de 21. peis com dous lados de 7. & dous de 3. como na figura se vê.



Mas advertase (como ja se disse) que senão haõ de pôr nesta distancia senão com os piques aruorados, & quando os calarẽ para combatter, não calarã todos a hum tempo, mas calarã a primeira fileira, & logo a segunda, & de mão em mão até a vltima. Estando os soldados postos nesta distãcia fica o esquadrão muito forte, porque auendo entre soldado, & soldado por frente dous peis ficão fazendo hum muro à vista dos inimigos com os corpos, & as pontas dos piques que por entre elles sayem, & assi cerrados nesta forma estando firmes serã impossivel podellos romper, estando tambem por fundo (como se disse) distantes hũs dos outros 6. peis; porque quando forem accõmettidos da caulleria alargaraõ o pê direito para tras occupando naõlle meyo passo os 3. peis q̄ lhe ficão para tras, e ametade do pê em q̄ estauã plátados, & alargãdo o esquerdo para diãte, occuparaõ os outros tres peis e meyo, e assi ficaraõ tocando os soldados da segunda fileira com os peis esquerdos nos direitos dos da primeira fileira, & deste modo de mão em mão irão fazendo os outros o mesmo, pondo o conto do pique no pê direito (como porãõ para resistir a caulleria, & abaixando a ponta na altura dos peitos dos canllos, se ao pê direito, aonde se affirma o conto

conto do pique senão arrimar o esquerdo, do soldado que está detras, ficará fraquissimo, como a experiencia pode mostrar: & arrimandose os peis (como está ditto) farãõ hũa cadea da frente ao fundo com que todos ficarãõ vnidos fortalecendose hũs aos outros: & sendo estas distancias mais largas não terãõ esta comodidade, porque não poderãõ chegar com o passo a se ajudar (como está ditto.) Mas se o esquadrão for acommettido de poderosa caulleria he necessario fortalecelo mais, o q̄ se farãõ mettendo os soldados da segunda fileira os peis esquerdos no meyo do passo que os da primeira fileira alargãõ, para callar o pique, & os da terceira farãõ o mesmo, ficando cõ os peis esquerdos no meyo do passo dos soldados da segunda fileira, & arrimados aos peis direitos dos soldados da primeira fileira, è deste modo se irãõ trauando até a vltima fileira, & della até a primeira irãõ todos os soldados arrimando os ombros esquerdos, aos direitos dos q̄ lhe ficão diante. E deste modo ficará o esquadrão fortissimo estando taõ vnido que parecerá todo de hũa sãõ peça, como se dizia da Phalange. Mas contra infanteria só da primeira distancia se seruireãõ ficando seis peis de hũa fileira a outra, por q̄ cõtra infanteria se pelejarã cõ os piques terçados arrimados ao peito, & firmes sobre o braço esquerdo, alargando a mão direita para o conto do pique o mais q̄ puder ser, para q̄ quando se chegar aos inimigos, possaõ dar mayores botes correndo o pique com furia polo braço esquerdo, o que não poderaõ fazer se as fileiras estiuerem mais juntas; porque se impediraõ hũas as outras, & estando mais largas não poderaõ a segunda, & terceira fileira defender a primeira como farãõ estando nesta forma. E assi com estas distancias se mostraraõ todas as figuras que se fizerem, para declaração do que se differ. Estando os soldados deste modo com os piques calados para resistir á caulleria deitaraõ mão das espadas por cima do braço esquerdo, & cruzandoas sobre o pique se seruireãõ dellas sendo necessario. Para seruir com esta arma se ellegerãõ homens grandes de corpo, & de conuenientes forças, para sofrer o peso do cossolete, porque aos de grandes corpos estão ellas melhor, & chegando elles a combatter rosto a rosto com os inimigos os homens grandes

des bem armados tendo igual animo fariaõ bom effeito, das outras cousas q̃ a estes, & aos mais soldados infantos tocãõ se farà mençaõ em seus lugares, como està ditto.

Os arcabuzeiros de cavallo são soldados de muito serviço, porque são os primeiros, como os arcabuzeiros de pé, em todas as expedições necessarias a hum exercito, & são de tanta importancia, que sãõ cõ elles em terra chã se poderaõ desbaratar grandes, & poderosos exercitos, & assi destes soldados se farà muito caso procurando sempre ter os mais q̃ puder ser, porq̃ elles corré a câpanha, trazê os bastimétos, escaramuçãõ cõ os inimigos, & na batalha são os primeiros, & em todo o tépo della feruê correndo em torno dos inimigos. São as suas armas, o seu arcabuz, q̃ segũdo opiniaõ de algũs modernos não ferã de corda, porq̃ he embaraçosa a cavallo, & se por esta razaõ for de pederneira, conuê andar sempre muito a pôto, & bẽ concertado, porq̃ não falte no fogo, espada, & adaga, & trarãõ a poluõra em cargas postas em hũ cinto; porq̃ o frasco posto no portafasco embaraçará ao correr do cavallo, & na cinta ferã detençoso. Se ruirheãõ de cavallos ligeiros, & não de muito preço, & de sellas de brida. O seu lugar nas batalhas he por fora das alas da cavalleria, & o seu officio he escaramuçar, & descobrir, como a seu lugar se dirã.

Os cavallos ligeiros tambem são de serviço, & de importancia em hum exercito; porque elles descobrem os passos, & trazem os bastimentos, correm a campanha, & rompem com os inimigos, & são grande ajuda dos homẽs d'armas, as suas armas offensivas são lanças de ristre, espada, & adaga, & hum esto que pendurado no arçãõ, as defensivas são peito, espaldar, escarcelas, celada, borgonhona, & sobre as armas trazem hum sayo vaqueiro com mangas compridas, & estreitas que andãõ de peduradas. Os cavallos hãõ de ser corredores, & sofredores de trabalho, & a cella com arções d'aço. O seu proprio officio he fazer correrias, & descobrir os passos por onde ha de passar o exercito. Na batalha peleijãõ contra os mesmos cavallos ligeiros, ou rompem a arcabuzeria, & em outras occasiões que podem succeder conforme ao gẽral parecer que conuem.

Os

Os homẽs d'armas são os mais nobres dos soldados de cavallo, & são amparo do seu campo, & terror dos inimigos, o seu serviço he pouco, porque só servem no vltimo trance, quando se rompe de todo. Acompanhaõ sempre o esquadrão, & rompem com o dos inimigos se a sua cavalleria lho não impede. O seu lugar he aos lados das mangas, ou do esquadrão, & tambem dos cornos, & sempre ficaõ por fora delles os cavallos ligeiros, se bem se pode alterar esta ordẽ segundo a disposiçaõ das cousas, & aduertencia do gẽral, as suas armas são inteiras com grevas, & coxotes; não trazem sayo como os cavallos ligeiros, mas na cinta põe hũas fraldas que lhe chegaõ quasi ao giolho, a que chamaõ toneletes, & o resto he descoberto. Trazem os cavallos armados, polo que deuem ser fortes, a sella he de brida, cõ arções d'aço, & grandes. Em Espanha se costuma prouarê a sua fidalguia os que hãõ de servir de homẽs d'armas, & em França toda a nobreza serue com estas armas, polo que he taõ estimada, & temida a cavalleria Francesa.

A outra ordẽ de milicia que segue a esta, & toca aos officiais, se divide tambem em duas partes principais, que são officiais d'infanteria, & officiais da cavalleria, das quais se tratarã pela mesma ordẽ q̃ na milicia inferior se fez. A infanteria se divide em terços, & os terços em cõpanhias, & as cõpanhias em cõturias, & as centurias em esquadras, & as esquadras em fileiras. E porque o numero de q̃ estas cousas hãõ de ser, he de muita importancia saberse, se tratarã neste lugar d'elle, & tãbem conuê q̃ seja aqui, porque saibãõ os officiais a gente q̃ hãõ de governar.

Considerando os respeitoos q̃ se deue olhar para ordenar hũ exercito, hũ terço, & hũ cõpanhia, farseha o terço de tres mil homẽs, & a cõpanhia de trezentos; porque o terço ha de ser capaz de o poder cõ facilidade governar hũ mestre de câpo, & hũ sargento mayor, conhecendo todos os officiais d'elle, & cõ modo para se alojar, com facilidade em qualquer lugar, & não deue ser tão piqueno que por auer muitos em hum campo façãõ mais custo ao principe, pois quantos mais ouuer, mais officiais se pagarãõ, & polo conseguinte auerã mais despeza, & assi, nem ha de ser tão grande que seja difficuloso de governar, né tão

Y 2 piqueno

pequeno que por ser necessários muitos em hum exercito venhão a ser de tanto custo, que se difficulte as empresas por causa delle. E o mesmo respeito se ha de ter nas companhias, polo que são estes numeros muito acomodados. Os 300. soldados que terá cada companhia serão cento cossoletes, cento, & oytenta arcabuzeiros, & vinte mosqueteiros, porque tẽdo as duas partes de piques, & hũa d'arcabuzeiros (como algũs querem) será o exercito mal servido, & mal defendido, porq̃ se os piques são amparo dos arcabuzeiros, tambem os arcabuzeiros os defende a elles, porque hum esquadrão que os não tiuer, será de poucos arcabuzeiros desbaratado. E se os arcabuzeiros guardarem o esquadrão, fazem as mangas, guardão os bagajes, correm a câpanha, tomão os passos, & fazem outras cousas como muitas vezes he necessario, mal poderão tão poucos acudir a tantas partes? E como a companhia não he outra cousa mais que a primeira gẽte ordenada que se pode defender das occasiões, que no marchar de hum alojamento a outro lhe podem succeder. E o primeiro numero de gente que marcha em ordẽ, ha de ser de tal modo compartida que eõ facilidade se ordene na forma necessaria para se defender, pois tãbem o exercito depende da ordem das cõpanhias, fazendo elle necessariamente a mesma proporção entre as suas partes que fizerem as da cõpanhia entre si. E assi se a companhia estiuer repartida de modo que tenha a proporção necessaria, para se defender, & servir nas occasiões que se lhe offerecerem a mesma terá todo o exercito. Polo que pois os arcabuzeiros no exercito são tão necessarios, & servem em tantas cousas, q̃ poucos não poderão acudir a ellas o mesmo será em hũa cõpanhia; & assi não poderá ser bẽ defendida sem ter a repartição q̃ está ditto, porq̃ tãbem he necessario ter arcabuzeiros para guardar os bagajes para tomar os passos, para fazer mangas ao esquadrão, & para escaramuçar cõ os inimigos, & todas estas cousas não se poderão fazer com 85. arcabuzeiros. E assi será cada companhia de 300. homẽs, nos quais auerã cem cossoletes 180. arcabuzeiros, & vinte mosqueteiros, & deste modo ficará para todas as occasiões que succederẽ, bẽ ordenada. Pola qual razão as não auerã de arcabuzeiros, como

agora

agora se usa, porque sem piques não são tão aptos a se defender, pois em terra chaã qualquer caualeria os romperã. E como este he hum membro do exercito, que separado delle, & do terço faz por si corpo, conuem que seja perfeito, & porque faltando os piques o não será não auerã companhias d'arcabuzeiros: pois tambem as alabardas que nellas se usão são de pouco effeito. E assi terá hum terço dez companhias de piques, & cada hũa dellas se diuidirá em tres esquadras de cento, ou tres centurias, & cada centuria em duas esquadras de cincoenta, & cada esquadra em cinco fileiras de dez soldados cada hũa. E os cabos de cento serão superiores aos de cincoenta, & os de cincoenta aos das fileiras, os quais serão dous em cada fileira, hum do corno direito, & outro do esquerdo, & o do corno direito terá cõta com a sua fileira. As cõpanhias, & esquadras se conhecerão por numeros dizendo, primeira, segunda, & terceira, & assi as companhias chegarão até dẽcima, as centurias até terceira, & as esquadras até segunda, & as fileiras até quinta. E os terços do mesmo modo no exercito se nomearão por primeiro, segundo & terceiro, até o numero a que chegarem. Esta ordem he diferente da que agora tẽ as companhias, mas muito perfeita, porque desde o mais pequeno mẽbro dellas que he a fileira se vão todos reduzindo a hũa cabeça, vindo se deste modo melhor com a suprema, todas as partes da companhia. E terem as fileiras sempre hũs mesmos soldados cabos, & lugares he grandissima commodidade para se ordenarem facilmente, & sem as desfordes, que muitas vezes succedem no tomar dos cabos. E tem outras muitas commodidades, que a seus lugares se irão apontando. E agora se dirã o que toca aos officiais em que está a ordem da milicia media.

Os cabos das fileiras são os infimos officiais da companhia & da infantaria. Cada fileira terá dous que entrarão no numero dos soldados della, hũ será cabo direito ao qual obedecerã o outro, & toda a fileira. Faltando o cabo direito o esquerdo se passará ao seu lugar. E ao cabo esquerdo, o direito da fileira q̃ lhe ficar detras, & deste modo se irão mudando até a vltima fileira, & no cabo esquerdo della se porã hũ soldado da primeira fileira qual

Y 3

o capi-

O capitão elleger cõ parecer do ceturiaõ a que tocar, & do mesmo modo para prouer o lugar do soldado q̃ falta irá subindo de hũa fileira a outra segũdo a elleiçãõ do capitãõ, & na vltima fileira se porã o soldado q̃ vier de nouo para suprir o numero. E deste modo sempre se terã muito cuidado com ser justo o numero dos soldados que querendo todos passar adiante elles solicitaraõ naõ auer falta. Cada fileira terá dez soldados entrando nelles (como està ditto) os cabos, & assi cada esquadra terá cinco fileiras, as quais por dignidade se chamaraõ primeira, segunda, terceira, quarta, & quinta, & deste modo se collocaraõ na ordem naõ alterando nunca o lugar que se lhe signalar. O cabo direito serã obedecido dos mais soldados da sua fileira, & darã conta delles aos superiores. Terã conta com os fazer andar bem armados, & na ordem, farã ir a fileira compassada, direita, & bem ordenada. E seruindo com pique, arcabuz, ou mosquete, leualoha no ombro direito, & o cabo esquerdo no esquerdo, o qual serã ministro do cabo direito, & o obedecerã em tudo o que lhe ordenar sendo do seruiço militar. Alem dos beneficios que se seguem desta ordem alcançarseha della este de se furtarẽ as praças com mais difficuldade do que agora se faz; porque nestes numeros pequenos facilmente se conhescerã a falta, & como a companhia fica toda composta delles tambem se conhescera sem trabalho o estado do seu numero, como melhor se verã quando só se tratar da sua ordem.

O cabo d'esquadra he o primeiro official superior aos cabos das fileiras, & assi a elle haõ de obedecer todos, & elle terã cuidado com saber se fazem bem seu officio, & sendo necessario os reprenderã, & desobedecendo os prenderã, & naõ lhe dando os seus subditos, & os mais cabos da companhia o fauor para isso necessario serãõ castigados. Terã na sua esquadra cincoenta soldados em que entraraõ cinco cabos direitos, & cinco esquerdos, & assi toda se ordenarã, quando marchar na companhia em cinco fileiras, & precederã a primeira a segunda, & sempre terãõ os mesmos lugares, faltando este official, se for da primeira esquadra, o da segunda subiraõ ao seu lugar, & o cabo direito da primeira fileira da primeira esquadra se prouerã em

cabo

cabo da segunda esquadra, & por esta ordem iraõ subindo (como està ditto) os outros cabos, & soldados. No gouerno da cõpanhia he o cabo d'esquadra como ministro do sargento, porque sendo necessario prender algum soldado, ou fazer outra diligencia, elles saõ os primeiros que haõ de seguir o que o sargento lhes mandar, que em quanto representa a pessoa do seu capitãõ he seu superior. O que particularmente lhe toca he ter conta com o gouerno da sua esquadra fazendo que os soldados della tenhaõ as armas que lhe tocaõ, & essas sempre em ordem, & muy limpas, & concertadas, que tenhaõ camaradas, & vindaõ bẽ, & do que assi o naõ fizer darã conta ao seu centuriãõ, ou sargento, porque das desordẽs da sua esquadra a elle se ha de attribuir a culpa. Terã cuidado de fazer exercitar os soldados da sua esquadra, para que saibaõ bem seruir com as suas armas estando sò com a sua esquadra he capitãõ della, & estando com toda a companhia terã sò as preminencias referidas. Marchando a companhia para algum alojamento, ou presidio, ou para outra algũa parte donde for necessario ir em ordem se repartiãõ os cabos com as suas esquadras hum dia de vanguarda, outro de retroguarda, & outro com õs bagajes. E terãõ no marchar muita vigilancia, leuando os soldados recolhidos, porque desmandandose na terra dos inimigos mataloshãõ, & na dos amigos farãõ as desordens, & insolencias que costumãõ os soldados desmandados, & desobedientes. O mais que lhe toca se dirã a seus lugares, as suas armas saõ as dos mesmos soldados de que he cabeça, se for de cossoletes, cossolete, & de arcabuzeros arcabuz. Na elleiçãõ deste official se deue ter muita conta, porq̃ como elle he o mestre dos soldados noueis, ou bisonhos, com a doutrina que lhe der se ficarãõ, que o de que hũa vez se faz habito tarde esquece.

Sobre os cabos d'esquadra serã o centuriãõ, ou cabo de cento, o qual terã debaixo da sua obediencia cẽ soldados em duas esquadras, & dez fileiras, gouernarã toda esta gente como capitãõ della, & assi serã o mais nobre cargo da cõpanhia, & ao que for cabo dos piques obedecerã o alferez quando estiuer no esquadraõ que se fizer sò de hũa centuria, & for guiado polo

Y 4

centu-

centurião della. E este cabo succederà ao capitão quãdo faltár, & em sua ausencia governará a companhia, & não o alferes, por que não conuem que se encômende a guarda da bandeira, se não sô ao official que se escolheo para dar conta della. E assi este cabo deve ser elleito com muita consideração das pessoas de mais partes, & mais qualificadas da companhia. E ainda que o el legerà o capitão não será sem dar conta ao seu mestre de campo, & o mesmo fará dos mais. Cada centurião destes trará as armas da sua centuria os de arcabuzeiros servirão nas escaramuças, como os capitães d'arcabuzeiros polo que nellas poderão trazer rodella, & o de piques sempre servirão no esquadrão. Todos obedecerão às ordés do sargento, não porque o sargento seja superior em cargo, ou nobreza de officio: mas porque representa a pessoa do capitão.

O sargento he o official de mais seruiço de toda a cõpanhia, & de quem pende toda a ordem, & menço della, polo que conuem que seja muito prattico em todas as ordés militares, principalmente nas que tocão à sua companhia, na qual não té lugar quando marchão; porque deve correla toda para ver se vay bem ordenada, saberà dar nella a cada hum o lugar que lhe toca, como aqui se vay apontando, o seu particular officio he servir ao capitão em todas as cousas do governo da sua companhia, & ser mestre dos soldados, justiça della para prender, mas não para soltar, poderá castigar os soldados com a espada, ou alabarda, que he a insignia do seu cargo, nos esquadrões se encomendarà a cada hum que tenha conta com quatro, ou cinco fileiras, como a seu lugar se verá; hão de ser diligentes, próprios, & experimentados, a elles toca tomar as ordés do sargento mayor, & dâlas ao capitão, & com sua ordem as executará, as suas armas são hũas mangas de malha, coura d'anta, & hũ morrião, espada, & adaga, & alabarda, que he a insignia do seu cargo, as mangas de malha, & as couras d'anta são oje pouco usadas, & como he officio de muito trabalho andando de hũa parte para outra, bem podem andar sem ellas. Quando marchar a companhia elles hão de repartir aos cabos d'esquadra os lugares em que hão de servir, & a elles hão de obedecer os cabos  
como

como ao seu capitão, & delles saberà todos os dias os soldados que tem, assi piques, como mosqueteiros, & arcabuzeiros, para que o diga ao seu sargêto mayor, que sem isso não poderá fazer esquadrão, nem ordenar a sua gente. Quando ordenar a sua cõpanhia para marchar ao corpo de guarda, ou para outra qualquer parte porá os 90. arcabuzeiros, & dez mosqueteiros da segunda centuria diãte em dez fileiras, & detras delles os piques, ou primeira ceturia em outras dez fileiras, & a terceira de retro guarda ordenada como a segunda, & deste modo levarà sempre feito hũ esquadrão quadro de gente cos arcabuzeiros, de modo q̃ facilmête os poderá ordenar em suas mágas, ou como melhor lhe parecer. Faltando o sargento fará o seu officio o primeiro cabo d'esquadra da primeira centuria, & auendose de prouer de propriedade será à vontade do capitão.

O alferes tem por particular officio guardar a sua bandeira, não se empachará em outra cousa, porque tudo o mais que na companhia se ouer de fazer toca ao sargento, & porq̃ em guardar a bandeira, & defendella está toda a sua honra, & a do seu capitão procurará ter por amigos todos os soldados, porque te nhão conta (como deuem) com lha ajudar a defender, & guardar. A elle mais que a todos os officiais toca procurar que todos vião concordes, com as vontades em hum querer vnidas, pois a bandeira que elle guarda significa a vnião, & concordia dos seus soldados, sendo o sinal a onde todos se recolhem, & v-nem: & por isso deve ser o alferes antes hum compoedor, & terceiro nas differenças delles, que justiça para os castigar acordados a elles, & desculpandoos cõ o capitão nas cousas em que totalmente senão encontrar o seruiço da companhia, & do seu principe: será o alferes hum conselheiro do seu capitão, & hum exéplar, donde os soldados possaõ retrattar todas as virtudes, pois nelle hão de trazer de continuo os olhos: o seu lugar no esquadrão he no centro com a sua bandeira na mão, & diante o abandeirado com o venablo em quanto senão peleija, que então como se dirà, terão os abandeirados outro lugar, & estando assi em suas fileiras, os alferes guardarão a ordé que aos soldados se tem dado, governandose polos cabos da fileira marchando,



chando, indo o seu capitão diante da companhia levará a bandeira, & não a dará ao embandeirado senão quando marchar em tropa, ou o capitão não guiar a companhia, passando o Sacramento por diante da companhia abaterá quatro vezes a bandeira, & estendela ha no chão, para que passe o sacerdote por cima, ao seu príncipe a abaterá tres vezes, & porá o giolho no chão, ao gèral abaterá duas vezes, & fará duas medidas hũa com hum pè, & outra com o outro, quando marchar, todas as vezes que fizer alto aruorará a bandeira, & sempre a levará de modo que não toque no chão, as suas armas são as do infante cossolete sem o pique senão só as suas armas defensivas, & espada, & adaga, & por insignia do seu cargo tem hum venablo cõ hũa borla grãde o qual lhe trará o embandeirado em quãto não levar a bandeira, que dando a bãdeira ao embandeirado elle trará o venablo, a bandeira será das cores que elle, ou o seu capitão quizerem; mas trará sempre atrauessadas de canto a canto, duas bandas da cor com que o seu príncipe quizer que se differencem os seus soldados, dos inimigos, & da mesma cor trará cada soldado hũa banda. Mortendo o alferes toca a bandeira ao fargêto, mas porque às vezes pode succeder, que os officiais prouidos em algũs dos cargos referidos não mereção por seus deffeitos passar adiante, com os tais senão guardará esta ordẽ, antes se lhe tirarão os que tiuerem polo que senão deuem nunca prouer em cabos de fileiras, ou esquadra senão soldados que possaõ merecer subir a capitães, & deste modo sempre estarão todos os cargos militares, com a perfeição necessaria.

Porque na vltima parte do terceiro discurso se poderá ver nas partes que ao gèral se attribuirão, as que todos os capitães deuem ter, pois respectiuamete aos soldados ficão sendo o que o gèral a todo o campo, não se dirá aqui mais que o que no seu particular officio lhes toca. O capitão he o primeiro official, q̃ representando só a sua pessoa tem poder, & autoridade na militia, porque os mais atègora nomeados são obedecidos, em quãto representão a autoridade do seu capitão, & assi elle he o senhor da sua cõpanhia, & pode dar, & tirar officios, & vèitages da cõpanhia, è castigar os soldados em flagrãte delicto cõ a gine

ta, ou

ta, ou espada, o q̃ fará sem paixão por não exceder o modo, & poderá dar licença aos soldados q̃ quizer para mudarem a praça a outra companhia, & prendendo algum soldado por delictos que cõmettesse, remeteloha ao mestre de campo, que não tem mais poder que para castigar aquellas cousas a que basta por castigo a sua gineta, ou espada. Deue o capitão saber tudo o que aos seus soldados, & officiais toca para os emmendar no q̃ não acertarem, & assi será bẽ que o que a este cargo chegar pãse primeiro por todos os da companhia, & quando assi não for tenhase delle tal satisfação que se entenda que lhe não faltão as partes necessarias. Marchando a sua companhia elle irá diante, & diante delle o paje com a gineta, & rodella, & logo a companhia que o seguirá, & se passar por diante do gèral aruorando o pique fará duzs medidas, hũa com hum pè, outra com outro, & diante do príncipe tres, & logo dando algũs passos cõ o pique, o tornará a pôr ao ombro. No esquadrão que do terço, ou de todo o campo se fizer, o seu lugar he na primeira fileira, de modo, que quando não bastarem a occupala toda fiquem fortalecendo os angulos, ou cornos da vanguarda, & retroguarda quando se temer que por ella acommeta o inimigo, & quando se fizer o esquadrão de hũa cõpanhia sòmente o capitão della, no tẽpo do cõbater terá o lugar que ao gèral se dará, q̃ he na retroguarda, pois então a mesma autoridade representa. Na batalha q̃ se ordenar do terço, ou de todo o exercito, servirão tambem os capitães de guiar as mangas, & fazer outras facções com os arcabuzeiros, como o general ordenar, o que farão sem pique, porque esse sò no esquadrão serue, & no tempo em que as mangas combatem deixando a gineta, ficarão diante dos soldados com a espada, & rodella, as armas do capitão são as dos cossolletes, & a insignia do seu cargo he hũa gineta com hũa borla grãde, & outra piquena dependurada de hũ cordão, a rodella que tambem trazem ainda que parece insignia do cargo como a gineta he concedida polas muitas occasiões em que o capitão se aproueita della, & a principal he polo reconhecer que he mais particular officio seu, que de outro algũ official. As mais cousas a seus lugares se irão apontando.

O sar-

O sargento mayor he o primeiro official que precede aos capitães, em quanto representa a pessoa de mestre do campo, por cujo respeito como ministro seu he obedecido de todo o terço, foy elleito segundo opiniaõ d'algũs para aliuar o trabalho ao mestre de campo, & no que exercita assi o parece, sobre elle carga todo o seruiço do seu terço, polo que conuẽ que seja muy diligente, elle dà as ordẽs aos capitães, & as recebe do mestre de câpo, quãdo està o exercito junto, toma as ordẽs do mestre de câpo general, ou do mesmo general, & as leua ao seu mestre de campo, & aduertirà que as ordẽs que der sejaõ por escrito, & por escrito as tomará, porque pode algũa succeder mal, & porque senão disculpe o capitãõ com trocar as palauras da ordem que lhe deraõ he bem tella por escrito, assi elle, como o capitãõ: a este official toca como ministro do mestre de campo fazer os esquadrões, ordenar a gente para marchar, repartir os bagajes, & as postas que os capitães hãõ de ter, no marchar, & na batalha, & emfim elle faz todas as operações necessarias ao seu terço, polo que nunca em nenhum tempo se lhe impede o falar ao general, & polo muito trabalho que nestas cousas tẽ, a que muitas vezes não pode acudir, se lhe dá hum ajudante, o qual se rá como elle obedecido, & como elle visto, & practico em todas as cousas de seu officio estando em câpanha todo o exercito, a todos os terços poderã dar as ordẽs q̃ do general, ou do mestre de campo general tiuer, quando algum capitãõ governar o seu terço o ajudante tomarã delle as ordẽs, & as trará ao sargento mayor, quando a necessidade os não obrigar a que todos trabalhem, porque sendo elle o que dà as ordẽs aos capitães, não he razãõ que as tome senão por necessidade de hum capitãõ, q̃ segundo a importãcia deste officio em tudo deuia preceder aos capitães, no que hoje parece que se lhe faz agrauo tendo por mais nobre cargo o de capitãõ, que pois elle manda aos capitães com razãõ lhe deue ser preferido, & a culpa de o não ser está nas elleições, porque como cobrou este nome de menos nobre que os capitães, qué pode ser capitãõ não quer ser sargento mayor, & assi se costuma ellegerẽ homẽs de menos respeito do que communmente sãõ os capitães, polo que fica o cargo cõ o

mesmo:

mesmo: para saluar este inconueniente, & para que tenha o lugar q̃ merece cõforme ao q̃ exercita se ellegerã do capitãõ mais practico, & experimẽtado nas cousas da milicia, & não do alferes do mestre do câpo, como se costuma, & que delle se elleja o mestre de câpo, q̃ cõ justa razãõ se deue dar este cargo ao sargento mayor, pois polo trabalho cõ que lhe ajuda a governar o seu terço merece o premio de ficar cõ elle, & auendo se de prouer o cargo de mestre de câpo em pessoa eminentissima na Arte Militar, de qué se pode presumir q̃ o seja mais q̃ o sargento mayor? pois alẽ do continuo exercicio, que della tẽ no gouerno do seu terço, quando o ellegẽ, he por se ter delle a mesma satisfaçãõ, & se antes de sargento mayor se entendia, que por suas partes merecia hũ cargo em q̃ cõsiste o bõ gouerno de hũ terço, que serã despois de o ter largo tẽpo exercitado? & assi por partes com razãõ a ninguẽ se deue dar o cargo de mestre de campo senão a elle, que o que tais as não tiuer tambem se deue tirar de sargento mayor. E assi conuem que ande em pessoa, que por qualidade tambem mereça o de mestre de campo. Para este official ser merecedor do seu cargo ha de saber tudo o que nesta Arte se escreue, & tudo o que nos discursos se disse ser necessario para a perfeiçãõ de hũa ordenada guerra, & assi, o mais que delle se pudera apontar se verá em toda esta Arte, polo que aqui senão dirá mais.

O ajudante do sargento mayor conuem que tambẽ seja practico nas cousas da guerra, & este se prouerã do alferes do mestre de campo, pois da sua companhia não pode ser capitãõ, & de ajudante virã a capitãõ de companhia, q̃ de nouo se alcuantar, porque as leuantadas se prouerãõ, como està ditto.

O officio de mestre de campo, a cuja ordem està sujeito hum terço de 3000. homens, com todos os officiais delle he muy eminente em autoridade, honra, & poder, porq̃ do seu terço he respeitado como o proprio general, sendo dos mais cõ não menor respeito trãtado: & na honra bem se vè quãõ auentajado he, pois tẽ debaixo da sua mão tãta gẽte nobre, como de ordinario ha em hũ terço, sendo o seu particular officio ser capitãõ dos capitães delle. Pois no poder excede tãto a todos os

officiais atéqui nomeados, que só elle pode castigar cõ o seu poder aos q̃ o merecerẽ, pois elle he a justiça do seu terço, de que poderão appellar sô para o tribunal supremo do general: & assi sendo tão auentajado, & de tãta importancia, bẽ se deixa entender quanto cuidado conuem que se tenha, na sua elleiçãõ, porq̃ ainda que (como ja se disse) se ha de fazer do sargento mayor, quando elle não tiuer as partes que se requerem, antes serã de posto de sargento mayor, q̃ passado adiante. E para saber quais são as que no mestre de campo se deuem buscar, na vltima parte do terceiro discurso se acharã nas que ao general se attribuirãõ, que este officio he mais semelhante ao seu, q̃ outro algum, pois assi gouerna o seu terço, como o general o campo, dando ordẽs, ouuindo partes, prouendo officios, como abaixo se dirã. O que no seu cargo lhe toca he ordenar o esquadrão com o seu sargento mayor, dar ordem para marchar, & quando o seu terço marchar em ordem irã diante do esquadrão a pé, & todo o demais tẽpo a cavallo, porque a pẽ não poderã acudir como cõ uẽ a tudo o que for necessario. No cõbater estarã em parte q̃ estado seguro possa ver como procede a sua gente, para poder socorrer aonde for necessario. Os officiais q̃ lhe toca prouer são todos os ministros da justiça, & assi ellegerã hũ accessor letrado que cõ elle julgue os casos ciueis, & crimes, & as sentenças se darã em seu nome cõ parecer do accessor, & porelle serã affinadas, porque como està ditto, elle só no seu terço tem autoridade para sentenciar, prouerã tambem furriel, & arambor mayor, phisico, & cirurgiãõ, & assi deue ser ainda que outra cousa estẽ em vso; & porque està ditto que o mestre de campo se prouerã do sargento mayor, não se aponta o mais, que das ordẽs militares deue saber, pois se profupõe, q̃ o sargento mayor deue ser tão practico nellas, como se disse. As suas armas são as dos capitães depiques, & por insignia hum bastão. O coronel he o mesmo que mestre de cãpo sô differem, em que o coronel proue liuremente as companhias do seu terço, ou regimento, & o mestre de campo não, & com esta differença he muito mais auentajado, & com razão o deue ser quem tem poder para honrar a tantos homens, como com o titulo de capitãõ se hon-

honrãõ. Em Espanha senão costuma auer coroneis, senão em Portugal, mas ainda que não sabemos o intento com que na infantaria Espanhola senão vsa agora este titulo de coronel, parece acertado não o auer na milicia, porque prouendo elle as cõpanhias diminuesse a autoridade do general, & não fica sendo de nenhum fruto, antes pode dar em sugeito que cause muito danno, que em animos inquietos sempre o muito poder, & autoridade he perigoso: & assi com mestres de campo se gouernarã a milicia. Auendo de marchar hum terço só sem o exercito como muitas vezes acontece serã necessario darlhe algũa caualleria, polas occasiões que se lhe podẽ offerrecer, principalmente em falta de bastimentos, porque representando entãõ cõ o seu terço hum pequeno exercito, he necessario que tenha todas as cousas que a hum exercito pertencem. E assi tambem terã todos os officiais mechanicos, que em hum exercito são necessarios, como ferreiros, & carpinteiros, que são de muito seruiço, & outros semelhantes.

Auendo general da infantaria, a elle obedecerã os mestres de campo, que fica seu superior, & a elle toca gouernar toda a infantaria de hum campo, quando por ser de nações diuersas não tenha outros q̃ das suas sejão generais, mas seguirã as ordẽs do general supremo, & sem sua ordẽ não farã nada, as quais lhe darã o mestre de cãpo general, q̃ em quanto representa a pessoa do general supremo, a todos fica superior, terã tenẽte, e este mais de ordinario tomarã as ordẽs, e as farã executar por mãdado do seu general. Este cargo succede auer poucas vezes, & parece superfluo, polo que senão dirã delle mais.

Dos officiais da caualleria se tratarã agora, os quais são cabos de fileiras, caporais, ou cabos d'esquadra, alferes, tenẽte, capitão, coronel, & general, assi de homẽs d'armas, como de cavalloos ligeiros, & os arcabuzeiros estarã à obediência do general dos cavalloos ligeiros, as cõpanhias d'arcabuzeiros, & as dos cavalloos ligeiros terã cada hũa 100. soldados, nos quais auerã 4. caporais que tenham à sua obediencia 25. soldados, & cada esquadra destas cinco cabos de fileira, auerã mais hum alferes, & hum tenente, & o capitão, Ao cabo da fileira, & ao caporal toca

o mesmo nas suas fileiras, & esquadra q̄ aos cabos de fileiras, & d'esquadra da infantaria, & pelas mesmas razões que se aprovaão os cabos das fileiras da infantaria se aprovaão também na cavalleria, sendo nella também muito necessarios alem das mais razões, porque servindo os cavalloos ligeiros, & arcabuzeiros de defender, ao q̄ sempre se mandão poucos soldados, não poderão ir nunca a este effeito tão poucos que não leuê hũa propria cabeça, que he o cabo da fileira, & também por respeito dos alojamentos he muy necessario reduzirse hũa companhia a estes pequenos membros, porque nunca possa alojar os soldados separados da companhia sem a propria cabeça a que obedece, as armas destes officiaes serão as mesmas dos seus soldados. As cõpanhias de homêes d'armas terão sessenta soldados partidos em tres esquadras, & as esquadras em quatro fileiras com seus quatro cabos, & nos mais officiaes também são conformes: dos quais agora particularmente se tratará.

O alferes na dignidade corresponde ao sargento da infantaria, no mais he como o alferes da mesma, não tendo cõta mais que com o seu estandarte, & quando se dà hũa batalha, & a cavalleria arremete com os inimigos elle faz o mesmo, na companhia tem pouca jurdição, antes senão deve meter nas differenças dos soldados, senão para accommodar ambas as partes, porque como entra nos perigos com o estandarte deve procurar q̄ todos os soldados lhe sejam amigos para que tenham cõta com o ajudar a defender o estandarte, em ausencia do capitão, & tenente, elle faz o officio de capitão, & então procederá como tal: as suas armas são as dos seus soldados, salvo o que for d'arcabuzeiros que andarà armado d'armas fortes.

O tenente he o officio que apos este se segue, o qual tem na companhia o segundo lugar, & tem conta com todas as cousas tocantes á ordem, & bom governo della, & elle governa em ausencia do capitão, & quando marcha elle a põe em ordem, & para o poder fazer sendo necessario vay sempre detras da companhia em quanto o capitão a guia, que em sua ausencia elle toma o seu lugar, as suas armas são as dos seus soldados.

O capitão de lanças, ou cavalloos ligeiros he mais nobre, que

que o d'arcabuzeiros, & o de homêes d'armas mais que elle, & assi em Espanha não se dà senão a pessoas de muita qualidade. Todos são liures administradores da sua cõpanhia, & prouê os cargos della como lhe parece, hão de ter muito particular cuidado com a bondade dos cavalloos, & com o exercicio delles, para que nem admitta os que não forem para isso, nem os bons com ocio se dannem, & ainda que os caporais são obrigados a fazer que os cavalloos estem sempre em ordem com todas as armas, & guarnições necessarias, elle não deixará de ter disso particular cuidado, porque a ruim guarnição, & sella de hum cavallo pode ser a ruina de seu dono, & consequentemente o da cõpanhia. As armas do capitão são as mesmas dos soldados da sua cõpanhia. Em Alemanha se costuma aver coroneis de cavalloos: em Frandes os ha de balões: em a milicia Espanhola não se vta este cargo, mas às vezes encõmendão algũas companhias a hum cabo, que em quanto as governa té as vezes do general de cavalleria, como também os coroneis, mas estando a onde o seu general os pode governar a elle hão de obedecer guardando as suas ordês.

Os generais da cavalleria, & homêes d'armas são nobillissimos cargos, & de muita necessidade, & cõfiança polo q̄ sempre se deve prouer em pessoas de muita qualidade, & partes. Proueraõ os capitães cõ a autoridade do capitão general a que obedecerão como todos os officiaes do exercito. Serão muito praticos na arte da cavalleria em conhecer, & manejar os cavalloos, & nas mais cousas pertencentes á cavalleria. E as mais partes serão as que se attribuirão ao general no discurso que tratta da sua elleição, concédeselhe hum tenente, o qual tomarà as ordês do mestre de campo general, & será vigilantissimo em todas as cousas tocantes ao general da cavalleria, & elle em sua ausencia fará o officio de general.

O mestre de campo general he o supremo officio de hum campo, em quanto representa a pessoa do seu general, & assi elle o ordena para marchar, & combater, & elle se pode dizer, que he como em hum homem avontade, fazendo pôr em execução aos membros, que são os mais officiaes, & soldados o que o en-

rendimento determina, que he o seu general ( como está ditto. ) O seu particular officio he ser sargento mayor de todo o campo, & assi a elle acudirão os sargentos mayores a tomar as ordens, & seguirão as que elle der, & lhe darão todos os dias pola manhã por escrito o numero da gente que os seus terços tiuerem para que elle a disponha para marchar, ou combater como mais conueniente lhe parecer, & como o seu general lhe mandar, marchando elle repartirá as bagajes, & munições pelos terços, & regimentos de infantaria, & caulleria, & a elles os lugares em que haõ de ir, terá conta com mandar reconhecer os passos, & o caminho que ha de fazer para conforme a isto ordenar a sua gente, conhecerá as causas ciuéis, & criminaes por appellação mas não de proprio officio senão remetidas do general a elle, em ausencia do qual exercita elle o seu officio, & assi as suas partes serãõ como as do general, e do mesmo modo a sua elleição, & a elle mais que a todos os officiaes toca ser perfeitissimo mestre da Arte Militar, & assi tudo o que nesta se escreue, assi practico, como especulatiuo se entende que não he mais que mostrar o q̄ hũ mestre de campo general deue saber, pois o que ignorar algũas cousas das que esta Arte contem não merecerá este officio; & assi delle senão dirã mais aqui, pois tudo o que nesta Arte se escrever he o que a seu cargo toca, & a seus lugares se apontarãõ as mais cousas que em particular por razãõ do officio lhe tocaõ.

Da milicia superior que he só a que exercita o general se não dirã aqui nada, pois incluindo se toda só nelle, polo que ja das suas partes, & elleição está ditto, & polo que ao diante se dirã se entenderã tudo o que a respeito desta parte lhe toca: entendendo se (como está ditto) que elle he só o que impéra, & manda com supremo poder a todo o exercito. E assi quando com todo junto se fizerem as operações se dirã em particular como se deue gouernar, & as considerações, que farã para chegar as empresas ao fim que pretende, pois entãõ

representa, & exercita o seu

cargo.

\*

DO

# DO MODO COM QUE

SE ORDENARA HVM ESQVADRAM,

& hũa batalha para combater.



OMO O Principal sũgeito desta Arte he ensinar a ordem com que se ha de fazer guerra para alcançar a vittoria, conuem mostrar ( antes que se trate das cousas q̄ na guerra com a especulaçãõ do general se mandaõ por em execuçãõ ) tudo o que praticamẽte nella polos seus officiaes, & soldados se ha de obrar: porque o exercito que sayr a fazer guerra com soldados, & officiaes, que não saibaõ tudo o que nella deuem obrar, serã impossivel vencer. E assi he preceito desta Arte não sayr cõ exercito em cãpanha, nẽ fazer guerra, senãõ cõ soldados, & officiaes taõ practicos em todas as cousas q̄ lhe conuem, & deue saber, que não tenhaõ nella mais que aprender, senãõ executar o que sabem pola ordem que os superiores lhe derem. E assi antes que se trate da ordem com que se ha de fazer a guerra, he necessario mostrar tudo o que a practica ensina. E tendo ja mostrado as regras cõ que gẽralmente se formarãõ os esquadrões de qualquer numero, & proporçãõ que se quiserem fazer, & forem necessarios, & o que aos officiaes, & soldados toca a respeito do que nesta parte hãõ de exercitar: agora se mostrarã como se ha de armar hũ esquadrãõ, & ordenar hũa batalha para marchar, & combater, de modo que com presteza se possa para hũa & outra cousa reduzir na forma necessaria. Mas para que isto se mostre com a clareza que conuem se resolueraõ primeiro algũas duuidas.

Hũa das cousas mais importantes nas occasiões da guerra he o modo com que se poderã com muita presteza, & facilidade dispõr hũa batalha para combater, & logo reduzilla cõ a mes-

Z 4

ma

na forma em que ha de marchar; & assi para este effeito se tem feruido de varios modos.

Hús quizerão que cada cõpanhia separadamente por si, sem se misturar com as outras se viesse a pór no esquadrão, outros disenhando no chão o espaço que lhe parece o enchem de soldados a tantos por fileira como no espaço cabem, outros depois que sabem o numero dos soldados que ha de ter cada fileira fazem passar húa fileira ao lado da outra até que venhão a fazer na frente húa fileira do tamanho que ja tem determinado q̄ seja, & assi de mão em mão vão formando as demais.

Estes modos são muito imperfeitos; porque quanto ao primeiro, que he irse pór cada companhia por si no esquadrão, & logo as demais ao lado daquella, não podem ser as cõpanhias, principalmente andando na guerra, sempre de numero rão conforme que não fação húas mais fileiras q̄ as outras, & assi virá o esquadrão a estar pola retroguarda desigual, tendo em húa parte mais soldados que em outra, o que ficará fazendo pola retroguarda o esquadrão muito fraco. E querer dos que sobejão em húas companhias acrefctar os soldados que nas outras faltão, perde-se tempo, que he o que muito se deve fugir.

O segundo modo, também se não deve vsar; porque he impossivel disenhando no chão hum quadro enchelo de soldados sem lhe sobejarem, ou faltarem algús, não se regulando polo numero delles, & perde-se tanto tempo compondo fileira, & fileira, q̄ gastarão nisso mais o mestre de campo general, & sargentos maiores do que conuem, pelas mais cousas a que tem que acudir. O vltimo modo dos tres apontados, ainda que he mais perfeito que elles, pois se faz conforme a forma em que se tem ja pola sua regra determinado que se faça o esquadrão, tem o mesmo inconueniente do vagar compondo cada fileira de por si; & alem disso não se poderá reduzir na forma em que ha de marchar com a presteza necessaria, & todas as vezes que succeder fazer hum esquadrão se tornará de nouo ao mesmo trabalho; & assi dos modos apontados se não vsará.

Por fugir dos inconuenientes apontados nos tres referidos modos, quando se ouuer de formar hum esquadrão, ou ordenar a gente

a gente para marchar, de sorte que sem gastar nisso mais tempo quando se aja de formar della o esquadrão se possa com facilidade, & diligencia ordenar na forma necessaria se saberá primeiro que tudo o numero da gente de que se ha de fazer, assi piques, como arcabuzeiros, & somando cada hús separadamente se fará dos piques, o esquadrão que se tem determinado, & dos que sayrem por cada fileira, ou por frente se farão 3.4. ou 5. partes, ficando em cada húa os soldados que couberem a respeito do numero da frente, & tantas fileiras como tem por fundo, & fazendo outro tanto dos arcabuzeiros pondo tantos por fileira como parecer cõforme ao que se té determinado que hão de servir se mandará marchar cada parte destas a que chamão manipulo ( & assi se nomearão daqui adiante ) para onde se ha de formar o esquadrão indo hús traz outros, leuando diante parte dos arcabuzeiros, & parte detraz, ou como melhor lhe vier conforme ao que té determinado, & assi como foré entrando se porão hús ao lado dos outros os arcabuzeiros, & piques separados nos lugares que lhe signalarem, & ficará a batalha ordenada, & querendo tornar a marchar se desfará pola mesma ordẽ sayndo hũ manipulo traz outro. E para q̄ fique mais claro o modo apontado se mostrará cõ o exẽplo, & figura para o que se tomará hũ terço, & cõ elle se irão fazendo esta, & as mais operações necessarias: o qual (como está ditto) té tres mil soldados diuididos em dez cõpanhias de 300. soldados cada húa, & a este respeito se irão fazendo as demonstrações.

## PRIMEIRA BATALHA QVADRA DE GENTE.



VERENDO Ordenar húa batalha quadra de gente, como se costuma ordinariamente cõ sua guarnição, & duas mangas compridas aos lados do esquadrão, somarseão os piques das dez companhias de piques que tem cada terço, & farão 1000. & o mesmo se fará aos arcabuzeiros somando os por si,

por si, & farão 1800. & dos mosqueteiros se tratará em outro lugar. E para que melhor se entenda nas figuras o que se differ se irão signalando os soldados, & officiais cõ letras diferentes do modo que aqui se vem os piques, & arcabuzeiros.

¶ Terço.	3000. Soldados.
¶ Companhias.	10.
¶ P. Piques.	1000.
¶ O. Arcabuzes.	1800.

Tendo somado desta sorte toda a infantaria, querendo fazer a batalha que se propôs, dos piques se tirará a raiz quadra, que será 31. soldados em cada fileira, & logo se ordenará a guarnição de cinco por fileira, que são os que hũ pique pode cubrir: a qual se fará multiplicando o lado do esquadrão por 5. & porque o esquadrão he quadro de gente, o qual tem tantas fileiras como soldados em cada hũa, será també o numero das fileiras 31. os quais multiplicados com 5. fazem 155. & tantos soldados arcabuzeiros terá a guarnição de hum lado; & para fazer a do outro se tomarão outros tantos soldados, fazendo todos 310. que abatidos dos 1800. arcabuzeiros ficão 1490. os quais se partirão polo meyo, & ficarão a cada parte 745. os quais se ordenarão a tantos por fileira, como parecer que conuem: & porque aqui se determina fazer hum esquadrão com sò a guarnição, & mangas, ordenar-se-hão as mangas de sorte que tendo mais fileiras q̃ o esquadrão sobejem tantos na vanguarda, & retroguarda, que fiquem seruido de cornos: para o que se verá quantas fileiras he bem que fiquem de hũa, & outra parte em lugar dos cornos; & querendo que sejam 10. de vanguarda, & 10. de retroguarda, q̃ fazem 20. ajuntar-se-hão as 31. que se hão de dar polo comprimento do lado do esquadrão, & assi virão a ser em todas 51. cõ o qual numero se partirão os 745. de que se ha de fazer hũa manga, & darão 14. sobejando 31. de que agora senão tratta, porque a seu lugar se dirá o que os sobejos hão de ter, & assi virá a ser cada manga de 51. fileiras, a 14. soldados por fileira. Feito isto ver-se-ha os que se porão em cada fileira dos manipulos, não seguindo a

do a opiniaõ dos que querem que sejam sempre nones, porque parece mais supersticiaõ gentilica o agouro dos numeros impares, que ordem militar, & assi, ou pares, ou impares, dos que melhor vieré se vsará; & querendo que vão a 10. por fileira em cada manipulo, se partirão os 31. que fazem a fronte do esquadrão por 10. & darão 3. & tantos manipulos se farão dos piques de 31. fileiras cada hum, dous de dez soldados por fileira, & o outro de onze, & de cada manga se farão dous manipulos a 7. soldados por fileira, & 51. fileiras.

Tendo determinado isto mandar-se-ha juntar toda a gente na praça d'armas, ou em a parte que para isso se elleger, & logo o sargento mayor cujo officio (como está ditto) he ordenar a gente do seu terço mandará que os arcabuzeiros se ponhão a hũa parte, & os piques a outra, & logo mandará marchar 51. fileiras d'arcabuzeiros a sete cada fileira, as quais guiará hum capitão, ou centurião, & logo outras tantas traz ellas do mesmo modo que fazé os dous manipulos da manga, traz elles mandará marchar 31. fileiras a cinco por fileira para a guarnição de hum lado, & logo marcharão os manipulos do esquadrão que são 3. como está ditto de 31. fileiras cada hũ, dous a dez soldados por fileira, & outro a onze, & traz elles outras 31. fileiras d'arcabuzeiros para a guarnição do outro lado, & os dous manipulos que formão a outra manga.

Mas porque pode succeder (como agora se costuma) ter o exercito alabardas se dirá o lugar que terão. Algũs querem que se ponhão nas mangas entre a arcabuzeria, outros nos cornos do esquadrão entre elles, & as mangas. Mas em nenhum destes lugares ficão bem; porque nas mangas como ellas tem as hastes curtas não podem resistir à caualleria, & como ella rompe com facilidade hũa manga, em terra desempedida ficão também ellas rotas, & sem defenfa, & em quanto a arcabuzeria escaramuça, ou dà hũa carga, de que podem ellas seruir? pois he arma para de perto: & pelas mesmas razões não seruem nos cornos do esquadrão, pois nem de longe poderaõ ferir, nem de perto defenderse da caualleria; & assi conuem que se ponhão no esquadrão aonde ficarão liures destes incõuenientes: mas polo mes-

mo defeito de não poderem resistir à cavalleria, he necessario ordenalas de modo que por respeito dellas não fique o esquadrão mal defendido. E assi no centro delle teraõ o seu lugar fazendo dellas hũ esquadrão que por todas as partes fique igualmente cercado dos piques, porque deste modo ficará o esquadrão de todas as partes defendido, & ellas poderaõ servir naquelle lugar, porque quando os inimigos a elle chegarẽ pelearão ja de tão perto, que não servindo os piques poderaõ ser de muito effeito.

Para se porẽ neste lugar se ajuntará o numero dellas ao dos piques, & de toda esta soma junta, se tirará a raiz do esquadrão que se quer fazer, & logo do numero dellas separado por si se fará outro da mesma forma do primeiro que dellas, & dos piques se tem feito, o qual se porá no centro de todo o esquadrão. E supõdo que entre os mil piques de que o esquadrão se fez, ha cem alabardas dellas só se fará outro esquadrão da mesma forma do que se fez de todos os 1000. piques, & alabardas jutos. E porque o esquadrão que de todos se fez he quadro de gente, fazendo da mesma forma o das alabardas, ficaraõ dez em cada fileira, & dez fileiras, & para se accommodarem (como està ditto) no cetro do esquadrão se poraõ no segundo manipulo dos piques da vndecima fileira por diante em dez alabardas por fileira, & hum pique mais; porque este manipulo será o de onze soldados por fileira, como atras fica ditto. E deste modo ficaraõ ellas no centro do esquadrão igualmente defendidas por todas as partes, & o esquadrão por nenhũa menos forte por respeito dellas.

He tambem necessario saber, que lugar teraõ os cabos de esquadra, centuriões, & capitães, para que em nada aja defeito. Os cabos d'esquadra d'arcabuzeiros se poraõ sempre nas primeiras, & ultimas fileiras das mangas, & guarnição: & não bastando para as occupar todas, por se haõ junto aos cornos nas mesmas fileiras. Os centuriões de arcabuzeiros se poraõ nos cornos das mangas, & guarnição de vanguarda, & retroguarda. Os cabos d'esquadra, & centuriões de piques, teraõ o seu lugar na frente, & retroguarda do esquadrão. E os capitães nos cor-

nos delle, & logo os ceturhões, & no meyo os cabos d'esquadra. E tãbẽ algũs capitães guiarão as mãgas indo diante dellas, fora da ordẽ dos soldados: o q̃ tãbẽ se poderã encõmentar aos ceturhões de arcabuzeiros. E neste particular se guardará esta ordẽ em todas as batalhas q̃ se mostrarẽ, ainda q̃ esta em outras cousas se reprõue; porq̃ como os cornos he a parte mais fraca, & a q̃ fica mais perigosa, nella se deũ collocar as pessoas de mais cõfiãça. E tãbẽ polo corno direito se governa todo o esquadrão, ou mãga; porq̃ o esquerdo ha de seguir a sua ordẽ, & toda a fileira a de ambos, & a 2. fileira segue a 1. & assi de mão em mão até a retroguarda se governaõ as de detraz polas de diãte, polo q̃ todo o esquadrão, ou mãga se fica governado polo official q̃ estiver no corno direito. Para isto se fazer somarse haõ os capitães cõ o numero dos soldados de q̃ se ha de fazer o esquadrão, e de todos se tirará a raiz da forma do esquadrão q̃ se quiser fazer. E ordenado os manipulos na frõte do 1. & na do ultimo, & nas ultimas fileiras de ambos se collocaraõ, de sorte, q̃ fique nos angulos q̃ haõ de fazer os cornos do esquadrão, q̃ são o direito do 1. manipulo, e o esq̃do do ultimo, ou começado a formar o esquadrão pola parte esq̃da no angulo esq̃do do 1. manipulo, & no direito do ultimo. Mas podẽdo occupar toda a primeira fileira do esquadrão iraõ na primeira de todos os manipulos, & não sendo tantos iraõ como se diz metidos na ordẽ do esquadrão, e nos cornos delle; porq̃ indo 3. ou 4. capitães diãte do esquadrão não podẽ ser de effeito quando os inimigos o acõmettaõ; pois ficaõ desãparados dos lados, & recolhẽdo se na primeira fileira seraõ causa de se rõper o esquadrão, porq̃ estãdo neste lugar ficaõ elles sõs á defẽsa delle, não tẽdo detraz de si soldados q̃ os favoreçaõ, & ajudẽ, como se tẽ ditto q̃ he necessario, e assi poderaõ ser facilmete atropelados, ou mortos, o q̃ ficará por aquella parte abrindo hũa porta no esquadrão, q̃ será causa bastãte para se rõper. Polo q̃ não se poraõ senaõ nos cornos, ou occupando toda a primeira fileira, tirado os que se puserẽ na retroguarda, que seraõ polo menos dous que occupẽ ambos os cornos. E querẽdo accommodalos (como està ditto no mesmo exẽplo) somãdoos cõ o numero dos piques, & alabardas, de todos se tirará a raiz. E porq̃ neste esquadrão ha 8. capitães, ficãdo 2. para as



mãgas, que não chegaõ ao numero de hũa fileira, serà a mesma raiz de 31. sobejãdo 8. soldados mais dos q̄ sobejauãõ. E no corno direito do primeiro manipulo se porãõ 2. capitães de vanguarda, & outros 2. no mesmo manipulo, & corno da retroguarda. E nos 2. cornos esquerdos do vltimo manipulo se porãõ outros 4. capitães 2. em cada hũ. E como os centuriões, & cabos d'esquadra entraõ no numero dos soldados não ha q̄ dizer delles mais q̄ mostrar cõ letras o lugar q̄ terãõ, como aqui se verã. E os 2. capitães q̄ faltaõ guiarãõ as duas mãgas ficãdo hũ de retroguarda & outro de vanguarda. E a frente, & retroguarda dellas que ficaõ sem capitães seraõ guiadas por dous centuriões.

OFFICIAIS DO TERÇO.

X.	Mestre de campo.	1
Z.	Sargento mayor.	1
T.	Capitães.	10
N.	Centuriões de piques.	10
	E d'arcabuzeiros.	20
S.	Sargentos.	10
Q.	Cabos d'esquadra de piques.	20
	E d'arcabuzeiros.	40
R.	Alabardas.	100
B.	Bandeiras.	10
T.	Tambores.	20

Faltaõ por accõmodar neste esquadrão as bãdeiras de q̄ ainda senãõ trattou, polo q̄ se dirã agora o lugar q̄ terãõ, mostrãdo tãbẽ os defeitos cõ q̄ ordinariamẽte se accõmodãõ, para q̄ melhor se entẽda o q̄ se differ. O lugar das bãdeiras he no cẽtro do esquadrão; porq̄ he o mais defendido, & melhor guardado. E como he hũa grãde afrõta da gẽte militar perder as bãdeiras, & grãde hõra defẽdelas bẽ, cõuẽ q̄ tenhaõ o lugar mais seguro, o qual he (como estã ditto) o cẽtro do esquadrão. E deste modo ficaõ tãbẽ seguros os soldados de se arriscar muitas vezes por leues occasiões: como succederã tirandoas à escaramuça, como fazẽ os Frãceses; porq̄ empenhãdo se os alferes co ellas não podem os soldados deixar de os focorrer, & pode ser em occasiãõ q̄ se aucture todo o exercito, & a empresa. E assi no cẽtro do esquadrão he o seu lugar, mas o modo cõ q̄ ordinariamente nelle se accõmodãõ tem grandes defeitos. Porque despois de feito o esquadrão

drãõ o cortãõ cõ ellas polo meyo, de hũ a o outro lado, como se vê nesta figura, a qual mostra hũ esquadrão quadro de gente de 144. soldados cõ duas bãdeiras finaladas cõ esta letra B.

pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 B B

pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp  
 pppppppppppp

Fica este esquadrão cõ as bandeiras postas em esta forma fraco polos lados estãdo defarmado todo o lugar q̄ ellas occupãõ, & assi sendo accõmettido por lado poderã ser cõ facilidade roto, pois mudar as bandeiras he muito difficiloso, & não pode ser sem interrõper a ordẽ que he grandissimo perigo. E ainda por frente fica o esquadrão pouco forte, pois não poderãõ os soldados ajudarse hũs aos outros da primeira fileira atẽ a vltima, fazendo da vanguarda atẽ a retroguarda fileiras direitas, como estã ditto que conuem, pois ficando as bandeiras em meyo, o lugar que ellas occupãõ impedirà que os soldados da fileira que lhe fica detraz não possaõ ajudar aos da que tẽ diante. E quando por estoruar este inconueniente se faça dellas hũa fileira inteira, sendo tantas que bastem (o que he impossivel se o esquadrão não for de muito grande fundo) tambem ficarrã polos lados pouco defensauel, pois tendo no lugar de hũa fileira só os alferes cõ as suas bandeiras mal se poderã defender q̄ não penetrẽ polos lados os inimigos no esquadrão; & assi o seu lugar serã no cẽtro, accõmodãdoas de sorte, q̄ por todas as partes fique o esquadrão iguالمẽte defendido, & as bandeiras

*Primeira parte,*

delle iguالمême guardadas: o q se fará como agora se mostrará. Ajustar-se ha ao numero principal de q se ha de fazer o esquadrao o numero das bandeiras q nelle hão de estar, & de todo se fará o esquadrao que se determinar, & logo se fará outro ló do numero das bandeiras: o qual se collocará no centro de todo o esquadrao ficando iguالمême por todas as partes guarnecidas. E para q melhor se entenda se mostrará cõ o exêplo: o qual será o mesmo quadro de gête q de todo o terço se fez. E assi ajustar-se haõ aos 1008. de todo o esquadrao cõ os 8. capitães, 10. mais q tâtas são as bãdeiras de todo o terço, & faraõ 1018. dos quais se tirará a raiz quadra, & dará os mesmos 31. sobejãdo 57. Fazêdo agora (como está ditto) o mesmo quadro de gête das bandeiras sobejarã 1. & ficarã o 3. em cada fileira, & 3. fileiras. E para se accommodarẽ todas no esquadrao feitos os manipulos no 2. do esquadrao, & quinto em ordẽ, passãdo 14. fileiras se porã no meo da q se seguir às 3. bandeiras da primeira fileira, cõ 4. alabardas de hũa parte, & 4. da outra, & logo seguirã as duas fileiras mais cõ a mesma ordẽ, & no meo da fileira q seguir se porã a bãdeira q sobeja. E como ellas occupã o lugar de 10. alabardas, esses me nos terã o esquadrao. E cõ esta ordẽ se porã em todas as especies de esquadraões q se offerecerẽ fazendo dellas outro esquadrao da forma do mayor em q ellas se puserẽ: & assi ficarã o esquadrao iguالمême defendido, podendo sem interio per a ordẽ virar o rosto para onde bẽ lhe estiuer, & tudo se cõprenderã nestas figuras, com o mais q está ditto das mangas, guarniçaõ, officiais, & alabardas. Aduertindo q como aqui ficaõ as bandeiras no meo das alabardas, que assi haõ de ficar em todos os esquadraões em que as ouuer, ou qualquer outra arma, que por ser de hasta curta se ponha no meo como as alabardas, ou piques secos, cujo lugar será o mesmo. Na primeira figura se mostra a diuisãõ dos manipulos, os quais se ha de enteder q marchãõ hum traz outro, seguindo o 2. ao 1. & o 4. ao 3. & assi os mais, & nãõ se puserãõ na figura deste modo, por ser descommodidade para a impressãõ, & enquadernaçaõ, mas cõ os numeros se entederã o q no texto se diz, & na figura se mostra. A segunda figura mostra a batalha ordenada para combater.





# DA PERFEITA FORMA DAS BATALHAS.



**B**ATALHA (Como se disse na sua diffinição) he o corpo vnido q̄ formão todos os membros ordenados com a gente que ha de combater: polos quais se entendé (como está ditto) as mangas, guarnição, esquadrão, cornos, & alas, que todas estas cousas fazem hũa batalha inteira, & tambem terá este nome a que acima se mostrou, ainda que não tenha as alas: & como ella

se constitue destes membros será perfeita segundo a perfeição que elles tiuerem; porque com membros imperfeitos, não pode ser hum corpo perfeito, & assi se tratará da imperfeição, & perfeição de algũs para q̄ se veja mais distinctamente de quais se usará, & que forma terãõ para fazerem hũa batalha perfeita.

A batalha acima ordenada com o esquadrão quadro de gente, guarnição, & mangas aos lados em a forma que nella se vé, tem muitos deffeitos; porque o quadro de gente não serue senão quando ouuer de ser accõmettido por todas as partes; porque cerrandose iguالمéte por todas, ficando algũs soldados no meyo mais largos, fica quadro, assi na gente, como no terreno, tendo igual frente por todas as partes, & não serue quando for accõmettido sò por hũa parte; porque se perde nelle muita gente, que posta na frente fora de mais effeito; pois quantos mais soldados estiuerem na frente, mayor resistencia farão aos inimigos tendo bastante fundo para sofrer o impeto. E sendo assi que o quadro de gente não serue senão quando for accõmettido por todas as partes, de que effeito podé ser a guarnição, & mangas que tem aos lados: pois não podem fazer resistencia cõtra caualleria, nem contra cossoletes, como ja se disse, & rotas serãõ causa bastante para se romper o esquadrão; porque védo

os que

os que estão nelle rotas as mangas, & guarnição que esperauãõ os ajudassem a se defender, perderãõ o animo, como ordinariamente acontece em semelhantes occasiões. O que se proua bé com a rota do Conde D'Artembergue, porque vendo os tudescos da sua coronelaria rota a vanguarda, perderãõ o animo de sorte, que sem pelejar se entregarão aos rebeldes que seguiãõ Ludouico Nasau, q̄ erãõ os que contra elles combatiãõ. E quando polo valor, & fê dos soldados que estão no esquadrão senão tema que védo as mangas, & guarnição rotas percão o animo, não se podendo (como está ditto) as mangas, & guarnição defender dos piques, nem caualleria, de força se haõ de retirar, o que não podem fazer sem se meter polo esquadrão com o que elles mesmos o ajudaraõ a romper, pois se ha de abrir para os recolher. E esta dizem que foy a causa da rota que Gonçalo Fernandez deu a Nemors junto a Cirinhola, porque retirandose a caualleria de Nemors, deu polo seu esquadrão, & desordenandoo foy roto polos inimigos. E não importa ser o exemplo de caualleria; porque não rompo este esquadrão a caualleria, senão a desordem em que ella o pós. E como os arcabuzeiros entrando nelle o haõ de desordenar, o mesmo effeito farãõ. E não lhe dando os piques lugar para entrarem no esquadrão, por se não abrirem, nem interromperem a ordem acabaraõ às mãos dos proprios amigos, como aconteceu aos soldados pagados de Annibal na batalha de Scipião, porque retirandose ao esquadrão dos Carthaginezes, & não os recolhendo começaraõ a ferilos, & os Carthaginezes a elles de sorte, que hũs aos outros se mataraõ. E segundo Polibio teue Annibal particular cuidado nesta batalha em guardar o esquadrão na sua primeira ordem, não consentindo que por cousa algũa se desordenasse. E assi neste esquadrão quadro de gente saõ de muito danno as mangas, & guarnição postas no lugar em que se tem mostrado, pois (como está ditto) serue sò quando for accõmettido por todas as partes. Considere se agora se accõmettendose hum esquadrão por frente, & retroguarda seruem a guarnição, & mangas feitas em esta forma. He cousa sem nenhũa duuida, que quãtos mais arcabuzeiros estiuerem contra a frente dos inimigos ma

Os Comd  
de Fla. de  
D. Bern.  
de Min.

Guici. l. 5

Pol. l. 15

yor danno lhe farão; porque despedindo mais balas a hum tempo mais offenderão. Sendo isto assi claramente se vé que são de pouco effeito as mangas ordenadas na forma em que atras se té mostrado; porque sendo de tanto fundo, & de tão pouca frente, a mayor parte dos seus arcabuzeiros ficaraõ perdidos; porque ferindo, os arcabuzes conforme a distancia, fazendo pouco danno as balas que vem de longe, ainda que cheguem, he clara demonstração, que os que estiuerm na segunda fileira, não feriraõ tambem como os da primeira, & assi de mão em mão quanto mais forem para a retroguarda, tanto menos effeito faraõ, & tão pouco que os da quinta, & sexta fileira ja não concorreraõ com os da primeira. E como os arcabuzes contra a caulleria, & piques que com elles quizerem certar não tem mais que a primeira curriada, primeiro seraõ rotos que possa a mayor parte delles fazer danno aos inimigos. E pola mesma razão, & pelas ja apontadas a guarnição he sempre de pouco fructo; porque para ferir por frente tem tão pouca, que fica sendo mayor o danno, que se recebe de occupar os arcabuzeiros, que nella se põe, em parte que nenhum proueito podem fazer, do que faraõ aos inimigos: podendo tambem ser causa de grandes inconuenientes aos amigos, como ja se disse; pois alem do referido, quando sô a guarnição sem a manga estiuer ao lado do esquadrão, sendo por aquella parte accommettido não he possiuel ampararse dos piques, porque ( como ja se disse ) ou seraõ aluo dos inimigos, ou destruição dos amigos, interrompendo a sua ordem, & assi não sendo de proueito quando o esquadrão for accommettido por frente, & de muito danno quando o accommetterem por lado, claramente se proua serem inuteis, pois he occupar sem necessidade os arcabuzeiros que nella seruem, podendo em outras partes ser de proueito. E se isto he quando da caulleria, ou piques forem accommettidos, tambem se mostrará como a guarnição contra arcabuzeiros he de pouco proueito, ainda que Cesar d'Euoli a aproua sendo hum esquadrão accommettido por lado d'arcabuzeria; porque diz que hão de oppor arcabuzeiros contra arcabuzeiros, o que concedemos, mas esta mesma razão he a que ha para a guarnição

nição ser de pouco proueito, pois ( como ja se disse ) nunca a guarnição he, nem pode ser de mais que de sette soldados em cada fileira, & aperfeiçãoandoa mais dizem, que de cinco: os quais hão de estar sempre firmes junto aos lados do esquadrão polo que não podem apartar delle tanto os arcabuzeiros dos inimigos, que as suas balas o não possaõ ferir, porque he tão pouco o espaço que cinco soldados occupaõ na fileira, que na mesma distancia que os inimigos tomarem para os ferir, poderaõ fazer danno ao esquadrão. E se disserem que tambem podem sayr a receber os inimigos apartandose do seu lugar ja se não chamará guarnição, pois faz o effeito das mangas. E ainda assi não serue, porque he necessario ordenarse para isso em outra forma differente da em que está, pois virando o rosto para o lado, & accommettendo assi aos inimigos fica com muy demasiada frente, & pouco fundo. E ainda que estando mais arcabuzeiros na frente fazem mais danno, quando essa he tão grande, como ficaraõ a da guarnição, a respeito do fundo, não estão tão dispostos para se retirar, & escaramuçar com a orde necessaria. E quando a guarnição estè firme junto ao esquadrão, ás duas curriadas que aguardar seraõ desfeita, polos poucos soldados que nella estão em cada fileira, que por frente, & por lado a fazem fraquiíssima, tendo por frente cinco até sette soldados, & fazendo frente do lado o mesmo numero de fileiras.

Para tirar estes inconuenientes se ordenarão quatro mangas, como adiante se mostrará, as quais sendo mais grossas que a guarnição não deixaraõ chegar se tanto os inimigos ao esquadrão que o possaõ offender, & se quizerem sayr a recebellos, esse he o seu officio, & a sua forma seraõ aptíssima, como se mostrará para tudo o que hũa manga deue fazer, & como se verá melhor quando dellas se tratar, não se apontão as mais razões neste lugar. E quando em algum esquadrão se ajão de feruir de guarnição, não seraõ nunca no quadro de gente, como ordinariamente se vís; pois elle não he de effeito senão quando de todas as partes for accommettido. E assi nos esquadrões que daqui por diante se mostrárem não se porá guarnição, &

as mangas ( cuja forma ja se reprouou ) terão outra muy diferente: que será sempre a que tiver o esquadrão, porque assi como o quadro de gente tem igual frente para todas as partes, para igualmente por todas se defender, o mesmo respeito se guardará nas mangas, pois como o esquadrão podem ser accómettidas. E continuando có o mesmo quadro de gente agora se mostrará a sua perfeita forma da batalha.

Este esquadrão ( como ja se disse ) não serue senão sendo accómettido por todas as partes, o que pode ser de dous modos, hum dos quais he quando marchar por terra de inimigos, que o possaõ accómetter por qualquer dos lados, ou por aquelles juntamente que mais commodos lhe vierem, o outro he quando os inimigos excederem tanto em numero, que cercandoo em hum mesmo tempo por todas as partes, por ellas o possaõ accómetter. E quanto ao primeiro, temendo ser accómettido por qualquer dos lados que o inimigo quizer, far-se-hão em lugar das mangas, & guarnição que se tem reprouado, & agora se vsão, quatro esquadrões de toda a arcabuzeria, que não for necessaria em outros lugares, os quais se collocarão nos angulos, ou cornos do esquadrão, de modo, que fiquem seruindo de trauezes ao esquadrão, fazendo cortinas dos seus lados, como nesta figura se vé, na qual se mostra hũa companhia ordenada na forma referida.

\*

Se os

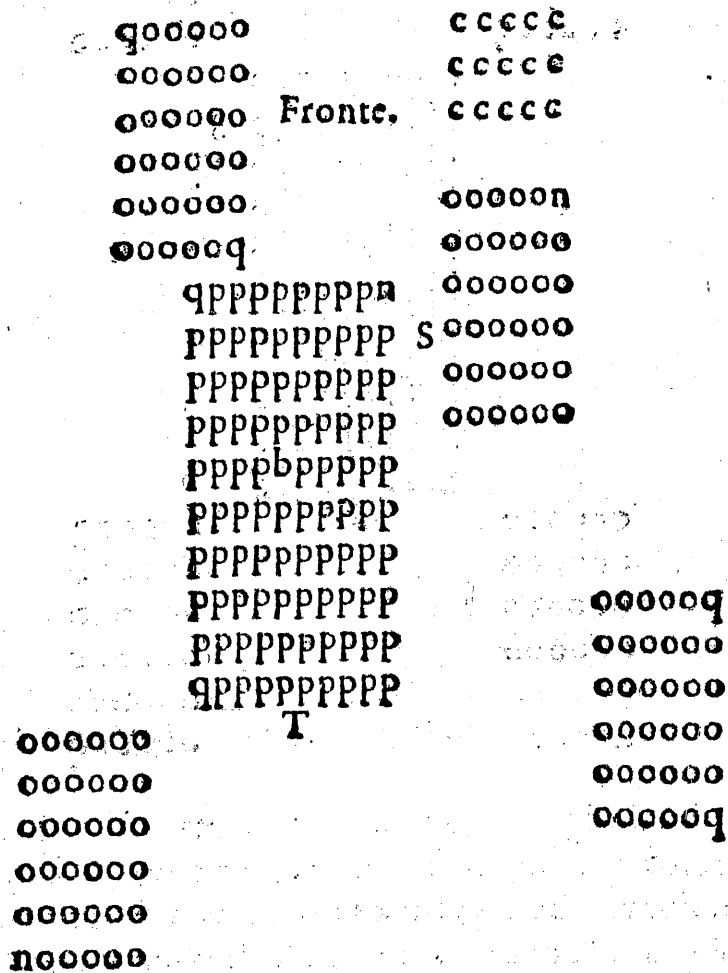
qooooo		ooooon
oooooo		oooooo
oooooo	Fronte:	oooooo
oooooo		oooooo
oooooo		oooooo
oooooq		oooooq

qppppppppn  
 ppppppppp S  
 ppppppppp  
 ppppppppp  
 ppppppppp  
 ppppppppp  
 ppppppppp  
 ppppppppp  
 ppppppppp  
 qppppppppp

oooooo	T.	oooooq
oooooo		oooooo
oooooo		oooooo
oooooo		oooooo
oooooo		oooooo
nooooo		oooooq

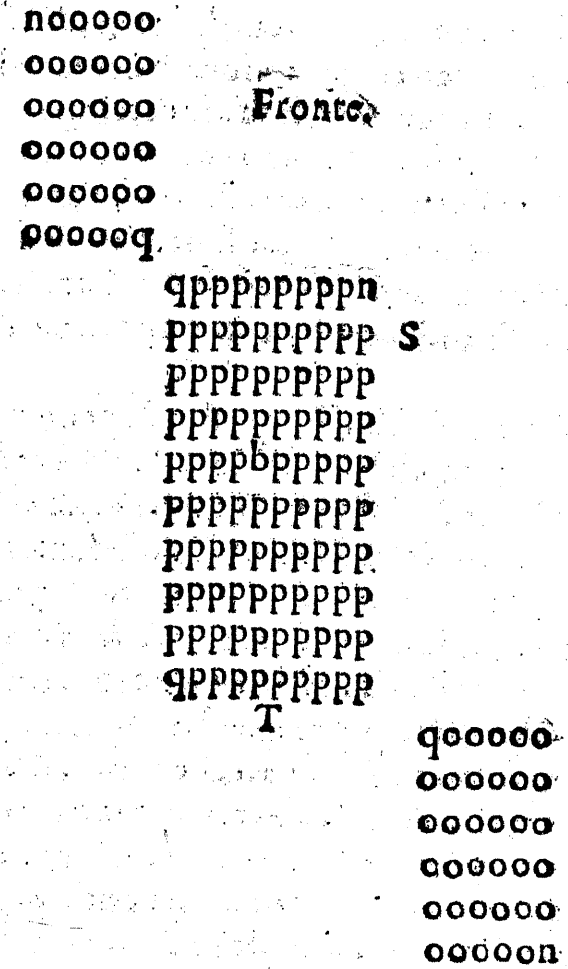
Se os inimigos quizerem accómetter este esquadrão sem fazer caso das mangas enuestindo por entre ellas, bem se vé o danno que receberaõ, pois os tomaõ as mangas no meyo ferindoos de hũa, & outra parte. E querendo romper primeiro as mangas, não seraõ menos offendidos, por que accómettendo hũa, tanto que essa der a sua çurriada se retirará có muita pressa, & a que lhe fica defrente no outro angulo que tem ao lado do em que está, fazendo se hum pouco adiante, ao lado do esquadrão dará outra, & a que está no angulo que té detraz dando lugar à que se retira chegádo se por fora della mais adiante, dará outra çurriada, & ja a que se retirou pode ter carregado, & poderá dar outra carga, & quando os inimigos ainda apertem, seguin do a ao longo do esquadrão, pode se retirar arrimandose

do se a elle socorrendo a outra manga, & as que ja dispararaõ poderaõ ferir o inimigo pelas costas, & tudo nesta figura se comprehenderá, advertindo que o esquadrão de C.C. he de cavalleria.



Accommettendo duas mangas ambas de hum lado, ou de lados diferentes, tambem se poderaõ retirar, & ajudar hũas às outras, como pola figura arriba se pode entêder. E se por serem poucos os arcabuzeiros senaõ puderem fazer quatro mangas faraõ duas, pondo hũa no angulo direito da vanguarda, & outra no esquerdo da retroguarda, ou ao reuez a da vanguarda no corno esquerdo, & a da retroguarda no direito, como na figura se vê.

Mas



Mas sendo accõmettido juntamente por todas as partes cercado da multidaõ dos inimigos naõ seruem, nem estas, nem outras mangas, porque apertadas de todas as partes naõ tendo para onde se retirar, nem se podendo ajudar hũas a outras feraõ rotas donde se seguirãõ os inconuenientes apontados contra as outras mangas prolongadas. Polo que sendo o esquadrão juntamente accõmettido por todas as partes no meyo d'elle se porãõ todos os arcabuzeiros: & ficando deste modo amparados dos piques em quanto elles se naõ romperem estaraõ seguros, & poderaõ offender os inimigos a seu saluo; principalmente sendo gente de cavallo. E quando lhe façaõ pouco danno sempre serãõ algum, & qualquer que seja he de momento para accõ metterem com menos ousadia, porque he cousa ordinaria pô-

Bb rem



*Primeira parte,*

*Os Comẽ.  
d' D. Ber.  
de Men.*

rem grande temor as armas que ferem de longe, & assi accõmettendo o Conde Ludouico cõ dous esquadrões muy bem ordenados hũa bãda de arcabuzeiros, & mosqueteiros Hespanhoes, muy inferiores em numero cuidando rompelos, tanto q̃ os seus de longe sentiraõ as balas que a meudo os feriraõ se retiraraõ, & apertandoos arcabuzeiros, & mosqueteiros mais foraõ rotos. E assi destes dous modos se poraõ os arcabuzeiros neste esquadraõ, os quais se ordenaraõ, como agora no exemplo se mostrarã.

Querendo ordenar hũa batalha quadra de gente com quatro mangas (segundo o primeiro modo dos dous apõtados) de forte q̃ se possa cõ facilidade dispõr para marchar, & cõbater, proseguindo com o mesmo exemplo dos 3000. infantas que se tem proposto, farsêha o mesmo esquadraõ quadro de gente todo de piques, porque tratando da perfeita forma das batalhas não se vsará daqui por diante da alabardas, como arma reprovada, & no centro deste esquadraõ se poraõ as bandeiras, como se mostrou, & logo diuidindo todos os arcabuzeiros, q̃ saõ 1800. em quatro partes, ficaraõ a cada hũa 450. dos quais se farã hum quadro de gente que ficaraõ de 21. fileiras a 21. soldados cada hũa, & sobejaõ 9. Estas 21. fileiras se diuidiraõ em dous manipulos, hum de 11. soldados por fileira, & outro de 10. dous manipulos destes marcharaõ diante dos 3. de piques, & tras os piques os outros 3. esquadrões d' arcabuzeiros, cada hũ diuidido em outros dous manipulos como o primeiro: & chegando ao lugar onde se ha de ordenar a batalha, os dous primeiros manipulos se jũtaraõ, & logo detraz do seu angulo esquerdo da retroguarda se junta raõ os 3. dos piques, & tras elles se collocaraõ no corno esquerdo do esquadraõ outros dous manipulos de arcabuzeiros, & logo os que ficaõ se poraõ nos angulos da retroguarda pola ordẽ q̃ os primeiros se ordenaraõ, & ficaraõ, como nestas figuras se vè, mostrando a primeira, como ha de marchar esta batalha diuidida em seus manipulos, como na figura atras se vio, & a segunda ordenada na forma em que ha de combater.

\*





O segundo modo apontado para se defender hũa batalha ac commettida igualmente por todas as partes se ordenarã com os arcabuzeiros, & mosqueteiros no centro, porque nella este he o lugar dos mosqueteiros, naõ tendo outro donde possaõ, estando seguros fazer danno aos inimigos. Para se fazer este esquadrão se somaraõ juntamente os arcabuzeiros, mosqueteiros, bandeiras, piques, & capitães, & de todos se farã hum quadro de gente, que serã de 55. soldados por fileira ficando cinco lugares vazios no centro, porque neste esquadrão naõ he de feito, sendo o centro a retroguarda, & delle para todas as partes fica igual, & bastante fundo: & quando sobejaraõ tambem no mesmo centro se auiaõ de accommodar, pondoos mais apertados. E logo dos arcabuzeiros, mosqueteiros, & bandeiras se farã outro quadro de gente, & no centro delle se porã as bandeiras cercadas dos mosqueteiros do modo que se puserãõ entre as alabardas, o qual ficarã de 44. fileiras a 44. soldados cada hũa, sobejando 74. soldados, com os quais se farã outra fileira ajuntandolhe quinze cossoletes. E assi ficarã de 45. fileiras tendo repartidos nos cornos os 15. piques, que por serem a parte mais fraca, nelles se ha de pór sempre mayor defensa. Este esquadrão ficarã no meyo dos piques guarnecido em torno com cinco fileiras delles. E querendo marchar com esta batalha, diuidirseha o esquadrão que se fez de toda a soma junta em manipulos, que auendo de ser de onze soldados por fileira cada manipulo, partirseha a frente de todo o esquadrão por onze, & darã cinco, & tantos manipulos se faraõ a onze soldados por fileira. E para que toda a batalha fique armada com os piques por todas as partes, na frente do primeiro manipulo se porã cinco fileiras todas de piques a onze cada fileira, & outras cinco tambem de piques a onze cada hũa na retroguarda, & as outras fileiras, que sãõ 45. se ordenaraõ com cinco piques, & seis arcabuzeiros, ficando os piques no lado que se ha de oppor contra os inimigos, & no angulo com que o esquadrão dos arcabuzeiros se vne com os piques ( que he na sexta fileira ) se porã quatro piques de vanguarda, & quatro de retroguarda, de forte, que fiquem em torno do mesmo angulo. O segundo

*Primeira parte,*

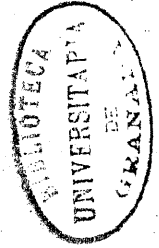
manipulo se fará com cinco fileiras todas de piques na frente, & outras cinco na retroguarda, & as mais serão todas de arcabuzeiros com dous mosqueteiros em cada hũa das 22. fileiras até as 36. os quais ficarão na parte que se juntar com o terceiro manipulo. O terceiro terá cinco fileiras de piques na vanguarda, & cinco na retroguarda, & das 22. fileiras até as 36. se pôrão todas de mosqueteiros com as bandeiras no meyo deixando vazio o lugar dos cinco soldados que faltarão, & as bandeiras ficarão a tres por fileira, como ja se tem feito, ou todas dez em hũa fileira cortando o manipulo pelo meyo, porque bem guardadas ficam com os dous manipulos que tem aos lados. Os mosqueteiros se signalarão com esta letra M. E porque sobejaõ catorze do esquadraõ que delles se fez se accommodarão nas fileiras dos arcabuzeiros junto aos mesmos mosqueteiros. O quarto manipulo se fará como o segundo, mas com hum mosqueteiro nas fileiras a onde elle tem dous,

& o quinto como o primeiro, tendo os piques no lado contrario, & tudo nas seguintes figuras se verá.



Handwritten text consisting of multiple lines of characters, including letters (p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z), numbers (0-9), and symbols (., /, -, +, =, %, &). The text is arranged in a grid-like pattern, with some lines starting with a dash or a tilde. The characters are densely packed and appear to be a form of shorthand or a specific code.

*Accommodação de 19. mes que seiros entre os arcabuzeiros, porque de seu esquadro se fizeram 14. por respeito das banderias e cinco lugares mais que  
ano de occupar, que ficou vazios no centro de todo o esquadro.*



Se ouuer bagajes, mercadores, & gente de armada que não tenha lugar aonde cõ mais segutidade se possaõ defender por-fichão no centro da batalha fazendo de tudo hum quadro, & á roda delle os arcabuzeiros, mosqueteiros, alabardas, & piques, & ainda que seja cousa que raras vezes aconteça estar tão desamparado de sitio hum exercito, ou caminhar com tão pouca vigilancia, que forçosamente não tenha outro remedio se não fazer hum muro dos soldados, com que ampare como em hũa cercada fortaleza, as cousas que por si senão podem defender, apontar-se ha a ordem que em as accommodar se deue ter, aduertindo que sendo os bagajes muitos senão ponhaõ no cetro, senão os que muito importarem, porque sendo muitos ficarão enfraquecendo a defenfa que se lhes pode fazer com os piques, pois quanto mais terreno occuparem, mais piques auerão mister. Tendo tres bagajes que accommodar no esquadraõ dar-se-hão a cada hum com o homem que o gouerna por frente noue peis, & por fundo dez, & assi vem a occupar todos por frente 27. peis, & por fundo 10. aos quais se acrescentarão mais cinco peis por cada parte, & virão a ser 37. por frente, & vinte por fundo com a qual proporção se fará hum paralelò gramo que tenha 37. peis por hum lado, & vinte por outro, & virá a ter de area 740. o qual se riscará no chão, & á roda delle se porão os soldados, & dentro os bagajes; mas para se fazer com a perfeição que se requiere, se ha de ver que soldados caberão no paralelò gramo, & esses se ajuntarão a toda a soma de que a batalha se ha de ordenar, & caberão 82. soldados sobejando dous peis, que repartindose por todos não são de consideração. E cabem estes 82. soldados no paralelò gramo, porque os soldados hão de distar nesta batalha com iguais distancias de fundo, & frente; porque sendo accommettida por todas as partes, & fazendo para todas frente em todas ha de ter os soldados na distancia da frente, que he tres peis por cada soldado por frente, & fundo, & assi occupa cada hum noue peis polo que partindo os 740. peis do paralelò gramo por noue, vem a occupar todo 82. soldados, os quais se ajuntarão aos 3020. que he todo o numero dos soldados bandeiras, & capi-



*Primeira parte,*

tães, & farão 3102. dos quais se tirará a raiz quadra, que serão 55. sobejando 77. os quais se porão em torno dos bagajes não alargando o esquadrão, mas estreitando os lugares dos soldados, & tudo ficará, como na figura se mostra, & não se ensina a armar este esquadrão com os piques, arcabuzeiros, & mosqueteiros, porque pela regra que no passado exemplo se tem mostrado se saberá fazer sem o tornar

a repetir.

\*

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

Na batalha que aqui se tem mostrado conuem para ser defendida que sejaõ mais os piques que os arcabuzeiros; porque como elles ampãrãõ, & defendem os arcabuzeiros, pondose à roda delles, como se tem visto, se forem poucos viraõ a fazer tão pouca defenfa que não bastem a resistir o impeto dos inimigos ficando poucas fileiras delles na circumferencia da batalha, & se forem mais que os arcabuzeiros sempre ficarão com mais proporcionada disposiçaõ para se defender. Mas sendo arcabuzeiros os que accommetterem, & cercarem o esquadraõ, não se meterã dentro a arcabuzeria, nem seraõ menos os arcabuzeiros, que os piques, antes mais; porque os piques não podem ferir de longe aos arcabuzeiros, & os arcabuzeiros a elles si, polo que he necessario opporlhe arma que faça o mesmo effeito, & assi deuem os arcabuzeiros ser mais que os piques, & ficarem suas mangas, os quais se collocaraõ como ao gèral parecer que mais conuem conforme a occasiã, & sitio que escolher, o partido, & ventage que em hũa batalha pode ser de proueito, he cousa que só na occasiã se pode determinar polo que agora se deixa a elleiçaõ disto ao discurso, arte, & experiencia do general, & a seu lugar se apontaraõ algũas regras gèrais de que se possa fazer arte para melhor acertar o que neste caso conuem.

\*



# BATALHA QVADRA DE TERRENO.



VANDO De igual numero, & de gente igualmente armada for hũa batalha accommettida, servir-se-hão assi para offensa, como defen-  
sa da batalha ordenada com o es-  
quadrão quadro de terreno, por-  
que como he de igual numero não  
pode ser accommettida senão por  
hũa só parte, & quantos mais sol-  
dados nessa estiuere mayor resi-  
stencia farão, & se por duas partes

quiserem os inimigos atecommetter, ficaraõ em ambas com taõ pouca força tendoa diuidida, que será pouco o danno que dellas se receberã. E porque os inimigos estaõ bem armados não ha de ser a frente taõ grande, que polo demasiado numero que nella se puser, se venhaõ a enfraquecer os lados. E a batalha quadra de terreno tem a proporção mais conforme ao que se pretende; porque a frente he muito mayor que a do quadro de gente, & o lado não he taõ estreito, que não tenha bastante força para se defender, & offender ao inimigo. E como se propõe que esta batalha não ha de ser accõmettida mais que por hũa só parte essa só se ha de fortalecer: polo q se porã os arcabuzeiros na frente em duas mangas, & as badeiras no meyo do esquadrão fazendo ellas outro que imite o primeiro, como se fez no quadro de gente.

Para se ordenar esta batalha se saberã (como em todas) o numero da gente, o qual será o mesmo que se tem proposto nos mais exéplos que são 1000. piques, 1800. arcabuzeiros, 10. bandeiras, & 10. capitães. Dos piques 8. capitães, & 10. badeiras, que todos fazem soma de 1018. se fará hum esquadrão quadro de terreno pola primeira regra, como já se tem mostrado, & terá 18. fileiras a 42. soldados por fileira, & sobejã 262. que se accom-  
modarãõ

modarãõ no esquadrão, como está ditto, sendo necessario, & aqui senão porã nelle, porque sabendose ja a regra com que se ordenãõ quando se ajãõ de por no esquadrão, não ha para que o repetir, & determinar o lugar em que se porãõ depende da occasião, & o general deve considerar se os acrescentarã ao esquadrão por retroguarda, fazendolhe mais fundo, se por lado dandolhe mais frente, ou se guardarãõ os bagajes, ou se servirãõ em outros lugares onde mais necessario for, & partindo os arcabuzeiros em duas partes, ficarãõ a cada hũa 900. soldados, & dellas se farãõ dous esquadrões na mesma forma de que se fez o de piques, & estas serão as mangas, & cada hũa dellas ficará de 42. soldados por fileira, & dezoito fileiras, & sobejã 144. dos quais se fará o que dos piques está ditto. Querendo ordenar esta batalha para marchar saber-se-ha (como em todas conuem) quantos por fileira caberãõ no caminho, por onde ha de caminhar, & a tantos se ordenarãõ os manipulos, & não cabendo mais que a sette por tantos se partirãõ as frentes das mangas, & esquadrão, & farãõ de cada manga seis manipulos de dezoito fileiras cada hum a sette por fileira, & do mesmo modo se partirãõ o esquadrão fazendo outros seis manipulos conformes aos das mangas, & assi marcharãõ os seis manipulos que fazem hũa manga, diante dos seis que fazem o esquadrão, & de traz dos manipulos do esquadrão os outros seis da outra manga. E as bandeiras se porãõ no centro do esquadrão (como está ditto) & para ordenar a batalha se irãõ pondo hũs manipulos ao lado dos outros, assi dos arcabuzeiros, como dos piques, mas em tres esquadrões dous de arcabuzeiros, & hum de piques, como nas passadas figuras ja se tem  
mostrado, & nesta se  
vé.

Pode



Pode acontecer que seja esta batalha accommettida, assi por retroguarda, como por vanguarda, em tal caso farão quatro mangas, & se collocarão duas na vanguarda, & duas na retroguarda, como na seguinte figura se mostra, para que assi tenha por ambas as partes igual defenfa, advertindo que sempre as mangas se haõ de ordenar de sorte, que possaõ sem mudar lugar retirar-se, & marchar por todos os lados do esquadrão sem elle lhe fazer impedimento, & assi se verão em todas as figuras que atègora se mostrãõ, & se verá nas que adiante se mostrãõ, guardando o mesmo respeito na caulleria, como se verá, quando della se tratar.





# BATALHA DE GRAM FRONTE.

**A** Batalha de grão fronte sendo fraca quando de gēte bem armada, ou de pujante caualleria for accōmettida, he de muito effeito quando se combatter com gēte mal armada, & com pouca ordem, ou com pouca, & fraca caualleria, ou querendo o inimigo tomar terra defendendolhe a desembarcaçãõ, porq̃ se os inimigos sãõ mal armados facilmente de gente bem armada podē ser desbaratados, & naõ temendo os bē armados o danno que lhe podē fazer os q̃ o naõ forem, quantos mais com os mal armados peiejarem mayor effeito faraõ, pois naõ podem temer q̃ o pouco fundo lhe faça o esquadrão fraco, pois os mal armados naõ poderaõ penetrar nelle, & se o inimigo vē mal ordenado, interroto, & cōfuso, tambē naõ poderã penetrar no esquadrão q̃ estiuer cō a sua diuida, & bē proporcionada ordē, & assi naõ lhe farà dãno o pouco fundo, sendo muito o q̃ os inimigos receberã dos muitos q̃ na frõte cōbaterẽ, & de gēte mal ordenada pouco se pode temer a q̃ cō ordē resistir, & assi diz Tito Liuiõ, q̃ a mais perigosa guerra q̃ os Romanos *Tit. Liviõ* tiueraõ foy a dos Latinos, porq̃ peiejauaõ cō a mesma ordē q̃ *D. 1. 1. 8.* elles. Mas porq̃ no segundo discurso estã bē prouado quanto a boa ordē valha cōtra a q̃ tal naõ for naõ se mostrarã aqui com mais exēplos. Serue tãbē este esquadrão quãdo a caualleria for pouco pujãte como a de Affrica, ou outra semelhãte, porq̃ naõ pode pola sua fraqueza rōper a segura fortaleza dos bē ordenados piques; & assi cōta Affonso Adriano, q̃ diz acharse cō o exercito do Emperador em Tunes, q̃ mandãdo 2500. Espanhoes, & *Alfonf. Adriano* 500. Italianos a saquear as terras do cõtorno de Tunes ja ganha da, encõtraraõ 20000. cauallos Arabios, os quais naõ puderaõ rōper pola virtude dos piques taõ pouco numero de gēte, antes todas as vezes q̃ cerrauaõ cō os piques se tornauaõ com muita perda, fazēdo aos Espanhoes, & Italianos pouco danno, & assi naõ podendo a fraca caualleria rōper os piques, antes receber delles muito dãno cōtra ella se farà o esquadrão de grãde frõte



*Primeira parte,*

porque ficão assi peleijando nella mais soldados cõ q̃ o inimigo serà mais offendido. E porque, quando desembarca para ganhar a terra a quem lha defende, não podê o inimigo vir ordenado he de muito effeito em tal occasião a batalha de grão frõte, porq̃ occupãdo assi mayor espaço dà menos cõmodidade aos inimigos de poder desembarcar, & assi fica sendo muy vtil esta batalha (como ja se disse) cõtra gente mal armada, ou mal ordenada, & cõtra fraca caualleria, ou desembarcando o inimigo, a qual se ordenarà como no seguinte exemplo se mostra.

A batalha de grão frõte se ha de fazer cõ as mesmas cõsiderações que para formar os esquadrões da mesma proporçãõ se té mostrado podendo ser de grão frente a respeito da gẽte, ou do terreno. Quando for a respeito do terreno, porque conforme a elle se ha de ordenar, basta o que ja neste particular se té ditto no lugar referido. E quando a respeito da gẽte se ordenar tendo terreno capaz de a poder accõmodar como melhor estiver, ha se de cõsiderar, a força, armas, ordẽ, & poder do inimigo, & cõforme a elle se farà de mais, ou menos frõte. E cõ estas cõsiderações se virã a determinar o fundo q̃ bastarà para resistir ao impeto dos inimigos se serà 3. partes, 4. ou 5. menos q̃ a frente, ou qualquer outra proporçãõ q̃ melhor parecer, & cõ a mesma q̃ se determinar se farà o esquadrão, & mangas pola regra que ja se tem mostrado. E suppondo que se deue fazer com a quinta parte da frente em fundo, que he quatro vezes mais por frente: que por fundo dar-se-ha essa mesma proporçãõ a toda a batalha q̃ ordenada cõ os mesmos 3000. soldados do terço com que as mais operações se fizerão serà o esquadrão de 14. fileiras a 70. soldados cada hũa juntando piques, bandeiras, & capitães, os quais se collocarão nos cornos, como està ditto, & as bandeiras no centro dos piques o que se farà como ja se té mostrado, advertindo, que em todos os esquadrões que com ellas se ordenarem serà o esquadrão que dellas se fizer, da mesma proporçãõ que for o que primeiro dellas, & dos piques se fez; & fazendo duas mangas de arcabuzeiros terá cada hũa 65. soldados em cada fileira, & 13. fileiras, & ficarà toda a batalha, como na figura se vé.

BATA.



# BATALHA DE GRÃO FUNDO.



**N**ESTA Primeira parte em que se trata o modo de pelejar em campanha aberta he de tão pouco effeito a batalha de grão fundo que só a necessidade do sitio deue obrigar a vsar della; não sendo boa para offender, nem defender, porque como tem poucos soldados por frente não pode offender muito ao inimigo, & para defender se a cavalleria do inimigo he tão pujante que se entenda não lhe poder resistir o fundo do quadro de gente, nem o do quadro de terreno, tão pouco bastará a lhe resistir o mayor fundo, que a cavalleria que rompe dez, ou quinze fileiras tambem romperá sete, ou oytto mais, pois bastará aos soldados da retroguarda verem toda a frente desfeita para a desconfiança de se poderem salvar os fazer antes render, que defenderse. E assi desta batalha senão vsará nesta parte senão quando a respeito do terreno se fizer, porque aonde elle obriga he necessario accommodar com a sua disposição, & assi como elle ha de ser a medida, & proporção da batalha não se pode dar aqui algũa certa proporção, & medida, mas suppondo que se ha de ordenar a batalha em hum terreno que tenha cem peis de largo, & o comprimento capaz de todo o numero que nelle quizerem meter, considerarse ha primeiro a gente com que se ha de combater, & sendo mais cavalleria, ou piques que arcabuzeiros, por se hão na frente mais piques; & tendo o inimigo mais arcabuzeiros, mais arcabuzeiros que piques se porão na frente. E assi considerando que o inimigo he mais pujante na cavalleria, & piques que nos arcabuzeiros tendo os lados seguros tomar se hão 60. peis para o esquadrão, nos quais

*Primeira parte,*

se porão 20. soldados que fazem hũa fileira. E partindo os 1018. por 20. darão 50. fileiras a 20. soldados por fileira com os oito capitães, & dez bandeiras, & sobejão dezoito, que se porão na retroguarda, ainda que não vão signalados na figura, & do mesmo modo os mais sobejos. Os arcabuzeiros se porão nos corenta peis que ficão; dando 20. a cada lado do esquadrão, os quais partidos por tres darão seis, que tantos terá por fileira cada manga que ao lado do esquadrão se ha de pôr: mas he tão pouco inconueniente estarem os arcabuzeiros hũ pouco mais apertados, que nos dous peis que sobejão bem se poderá pôr outro soldado, & assi terá cada manga 128. fileiras a 7. soldados por fileira, como na figura se vê.

\*\*\*

\*



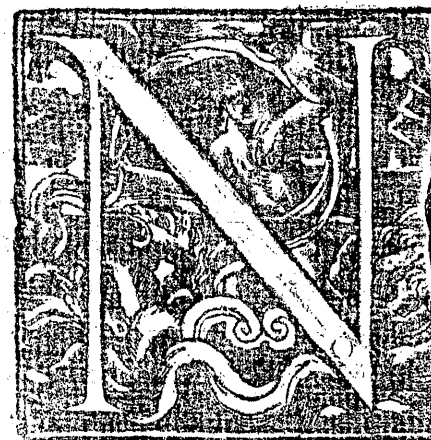
Das mais occasiões em que esta batalha de grão fundo serue, a seus lugares se tratará nas outras partes desta Arte, porque nesta não ha occasião em que sirua senão necessitados do terreno, como ja dissemos. Mas porque pode ser que pareçam as mangas que em todos os exemplos atéqui referidos se tem mostrado demasiadamente numerosas será bem apontar a razão, porque assi se fizerão. Do numero dos arcabuzeiros procede serem as mangas grandes, ou pequenas, porque como conforme ao seu numero se fazem, se elles são muitos, grandes hão de ser ellas, & pequenas se forem poucos: & porque na repartição que se fez das companhias se deu a cada húa as duas partes de arcabuzeiros com os mosqueteiros, & húa de piques de força ha de exceder muito o numero dos arcabuzeiros ao dos piques. E q̃ajão de ser mais os arcabuzeiros se té ja mostrado, & quem algum tempo seguiu a guerra bem entenderá polas muitas occasiões em que seruem, que não podem estes ser demasiados: porque tirando os que hão de acompanhar a artilheira, & gastadores, os que hão de ir de vanguarda, & em defesa dos bagajes, sempre virão a ficar tão poucos, que não possão ser as mangas demasiadamente numerosas. Algũs querem que nunca sejaõ de mais que de 300. soldados, nem de menos de 200. o que tem muitos incõuenientes; porque como ellas hão de ser ordenadas conforme ao numero dos arcabuzeiros, não se lhe pode dar numero certo, pois elles podem ser mais, & menos; & se são mais que se ha de fazer dos que sobejarem? & se menos com que se ha de encher aquelle numero? & querer que sempre as companhias se ordenem de sorte que venhaõ a fazer aquella proporção com os arcabuzeiros, he notavel erro necessitar a milicia a húa só ordem, & numero de piques, & arcabuzeiros, sendo isto cousa que pende das considerações da guerra que se ha de fazer, como a seu lugar se dirá. Dirão que para escaramuçar será defeitosa a manga que de mayor numero se ordenar: o que concedemos, mas as mangas que hão de estar em defesa do esquadraõ não deuem escaramuçar, pois tirandose do seu lugar fica por aquella parte o esquadraõ mal defendido, como húa fortaleza a que falta hum baluarte, pois

as mangas esse effeito fazem sendo ellas os baluartes do esquadrao, que he hũa segura fortaleza; pola qual razão deuem ser antes mais que menos numerosas: pois quanto mais pujantes traueses tiuer o esquadrao, como a fortaleza, melhor defendido será: & para escaramuçar nunca serão boas as mangas de muitos soldados, antes muitas mangas de poucos soldados cada hũa, porque as mangas pequenas mais facilmente accõmettem & se tiraõ que as grandes; & sendo muitas, muitas vezes accõmetteraõ, & assi faraõ muito mais danno aos inimigos, & teraõ tẽpo de carregar hũas em quanto as outras disparaõ. Polo que as mangas que hãõ de acompãhar o esquadrao serão do mayor numero que puder ser a respeito da ordẽ que no repartir das cõpanhias se tiuer dado, & auẽdo de escaramuçar de todo o numero dos arcabuzeiros, se tirarãõ os q̃ parecerẽ necessarios, & quãdo não das mãgas: & assi todos os arcabuzeiros seruem para as mangas, & essas seraõ as mais numerosas que puder ser, em quãto guarnecem o esquadrao, & as que escaramuçarẽ serãõ muitas, & de pouco numero cada hũa, a q̃ chamarãõ trõpas: as quais escaramuçarãõ arremetẽdo, & retirandose, seguindo hũas tras outras de modo que não dem lugar aos inimigos para as romper, & ellas o tenham para carregar; pois fogindo a que disparar, & disparando a que traz ella se seguir não poderãõ os inimigos romper a que foge, & ella terã lugar para carregar sendo elles impedidos com as curtiadas das outras. E para isto fazer bom effeito se farãõ sempre as mais trõpas destas que puder ser & nenhũa passará de 20. soldados. Os mosqueteiros de quem atẽgora se não tem trãtado não tem lugar certo na batalha, como està ditto, porque não sãõ aptos para escaramuçar, nem accõmetter; & assi todos os que atẽgora se tem seruido delles he em algum passo, guardado cõ aruores, & outras cousas aonde com pouco risco possaõ offender aos inimigos, como segundo Dom Bernardino fizeraõ em Mõs os que hãõ de vanguarda o dia que romperãõ os inimigos. E quando não tiuerem lugar seguro, ou passo que defender, porchãõ na batalha entre a cavalleria, & mangas de arcabuzeiros, de modo que se possaõ retirar amparados delles; & assi ordenou o Duque d'Alua a batalha

Os Cõmẽ.  
de Flan.  
de Dom  
Bern. de  
Men.

talha cuidando combatter com o principe d'Orange, guarnecendo o esquadrao com mangas de arcabuzeria, & mosqueteira, o que se mostrarã em algũas figuras que adiante se disenhãõ. No marchar os põe de vanguarda, o que se não deue sempre obseruar, porque pode auer occasiãõ em que não conuenha darlhes este lugar, mas collocaloshãõ aonde se vir que mais conuem, conforme à disposiçãõ do caminho, & da batalha cõ que se determinar cõbatter. Tambem sãõ de muito effeito em dar hũa carga ao inimigo, como foy a que derãõ aos rebeldes em Lemmingen, que foy a principal occasiãõ de os romper. *Idem.*

## DE COMO SE ORDENARA' A CAVALLERIA NAS BATALHAS QUADRAS DE GENTE.



AS Batalhas que se tem mostrãdo se não trãtõ da cavalleria, por não perturbar a clareza necessãria para se entender com mais facilidade o que nesta Arte Militar se escreuer. E para seguir o mesmo intento conuem dizer, antes que se trãtte das batalhas dobradas de 2. 3. & mais esquadroes, como nestas simplez, que atẽgora se mostrãõ, se deue ordenar a cavalleria com o que ficarã muito mais claro o que se differ quando as batalhas dobradas se ordenarem. E daqui por diante não se mostrarãõ as operações com tanta meudeza, como se tẽ feito, porque polos exẽplos que atẽgora se mostrãõ se pode facilmente saber, como se procederã nas operações de diferentes numeros, polo que se trãtãrã mais succintamente o que falta desta Arte tocante às operações da practica.

Na batalha quadrã de gente se repartirã a cavalleria do mes-

### *Primeira parte*

mo modo que os arcabuzeiros em quatro partes; porque ha de guardar os mesmos respeito, sendohe necessario fazer igual frente para todas as partes; pois esta batalha ( como ja se disse ) não serue senão sendo accommettida por todas as partes, & assi he necessario que para todas possa igualmente fazer seu effeito. E prosupondo que estão com o terço cõ que se tem mostrado as batalhas atraz disenhadas 200. cauallos ligeiros, 100. homés d'armas, & 100. arcabuzeiros de cauallo, cada hũa destas especies de caualleria se diuidirá em 4. partes, & cada hũa dessas se porá nos angulos das mangas, fazendo cada hũa dellas seu esquadrão, como se verá no seu dissenho, & para que melhor nelle se comprehenda o que se disser se porão aqui as letras com que nas figuras se hão de signalar.

C	Cauillos ligeiros.	200
H	Homés d'armas.	100
A	Arcabuzeiros de cauallo.	100

Partindo os cauallos ligeiros em 4. partes ficarão 50. em cada hũa, das quais se farão 4. esquadrões de 7. fileiras com 7. cauallos cada hũa, & os 4. que sobejão nestes 4. esquadrões serão os officiais que os hão de guiar. Dos homés d'armas se farão outros 4. esquadrões com 5. fileiras à 5. por fileira, & entrando nelles o capitão ficará no angulo direito da vanguarda pondo o tenente no esquerdo da retroguarda; & o mesmo se fará dos arcabuzeiros. Estes esquadrões se collocarão de sorte que possam marchar, & retirar se por todas as partes sem o esquadrão dos piques, nem as mangas de arcabuzeiros lhe fazerem impedimento, porque retirando se não causem desordem. Os homés d'armas tem junto às mangas o seu lugar, & os cauallos ligeiros junto aos homens d'armas, & por fora os arcabuzeiros de cauallo, & esta figura o mostrará melhor.

\*

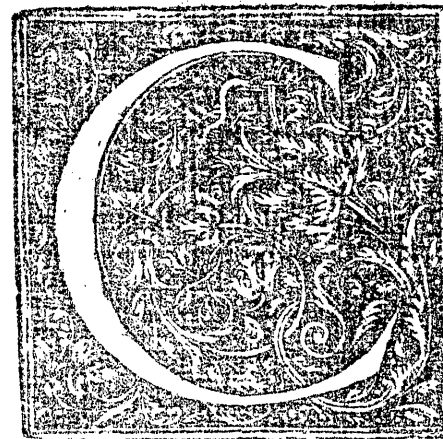
Como





Como ja se tem mostrado com as mangas de arcabuzeiros quão bẽ esta batalha, ordenada nesta forma, se defende não he necessario tornar a repetir as mesmas razões, pois ellas mostram que a caualleria està deste modo bem collocada, podendo para todas as partes retirar-se, & accõmetter sem impedir, nem ser impedida das mais partes da batalha, dando assi menos comodidade ao inimigo de a poder cercar, podendo tambẽ os arcabuzeiros de cauallo escaramuçar entre os cornos, que he o mais de que elles serũẽ. Os mosqueteiros estarãõ no centro do esquadrãõ, ou entre os arcabuzeiros, & homẽs d'armas: no meyo do esquadrãõ estãõ mais seguros, & tambẽ farãõ danno aos inimigos, mas mais entre os arcabuzeiros, & homens d'armas, porque assi virãõ a receber os inimigos cõ as ballas antes que cheguem à batalha. Auendose de pôr no centro se ordenarãõ como ja se ordenarãõ as alabardas, & diante das mangas se porãõ com a mesma ordem dos esquadrões da caualleria. Mas se a caso se tiuer de hũa parte hum rio, monte, ou outra cousa que lhe possa assegurar as costas porsehão entre o rio, & os cornos que ficãõ ao lado d'elle; porque não se ha de meter o inimigo entre o rio, & a batalha, pois o poderãõ ferir pelas costas.

## DE COMO SE ORDE- NARA' A CAVALLERIA NAS BATA- lhas quadras de terreno.



COMO Ia se disse a batalha quadra de terreno serue, & he de muito effeito quando for accõmettida de iguais, ou menores forças. E assi como poreste respeito se ordenou com duas mangas de arcabuzeiros, na frente tambem se deue ordenar com duas alas de homens de armas duas de cauалlos ligeiros, & duas de arcabuzeiros de cauallo, porque todos fazem o mesmo effeito. E assi diuidir-se-ha

*Primeira parte,*

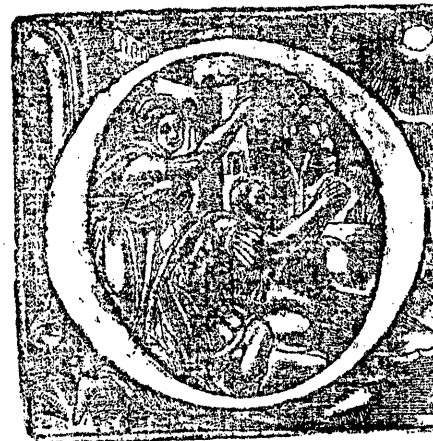
dir-seha toda a caualleria em duas partes, separadamente cada especie por si, & fazendo de cada hũa destas partes hum quadro de terreno se collocarão, como na batalha quadra de gente se tem feito, pondo diãte dos arcabuzeiros os homês d'armas; & diante dos homês d'armas os cauallos ligeiros, & diante delles os arcabuzeiros de cauallo, de sorte que no retirar, & marchar senão impedão hús aos outros: ainda que nesta batalha he menos inconueniente ficarem estes esquadrões de sorte q̄ não possaõ sem mudar lugar atraueffar pola frôte do esquadrão dos piques, porque sendo igualmente accõmettidos ambos os cornos ( como de igual inimigo podem ser ) he forçoso não desfamparar nenhum dos membros desta batalha o seu lugar, & se hum sò corno se accommetter, bem poderão os que estiuerem no outro fazerse adiante 20. ou 30. passos para o socorrer se for necessario. Os mosqueteiros nesta batalha estarão entre os homês d'armas, & mangas d'arcabuzeiros, porque tendo a retroguarda liure para se poderem retirar, quando os apertarẽ a pro ueitar-sehãõ desse remedio. E pondose, como està ditto neste lugar se farão delles dous esquadrões quadros de terreno que terá cada hum 84. soldados postos em 6. fileiras a 14. por fileira, & sobejarão 32. de que agora senão faz caso, porque a seu lugar se dirá o que terão os sobejos. Os homês d'armas, porque em nenhum lugar podem ser de mais effeito, que neste accommodar-sehãõ de sorte que não sobejem nenhús, ainda que não fique na perfeita forma do quadro de terreno, mas chegar-sehãõ a ella o mais que puder ser: & assi se porão em cinco fileiras a dez cada fileira. Do mesmo modo se ordenarão os arcabuzeiros de cauallo que são iguais em numero. E os cauallos ligeiros para ficarem em sua perfeita forma se porão em seis fileiras, & catorze em cada fileira, & sobejão 32.

& assi ficará a batalha, como na figura se vê.

\*



# DE COMO SE ORDE- NARA A CAVALLERIA NAS BA- talhas de grão frente.



S Respeitos que se tiverão nas batalhas apontadas para accomodar a cavalleria se haõ de considerar na batalha de grão frente, ordenando a cavalleria cõ a mesma proporção que o esquadraõ dos piques, & arcabuzeiros se ordenar. E querendo que tenha a mesma que ja se lhe tem dado que he a que ha de cinco a hum, com a mesma se ordenará a cavalleria, &

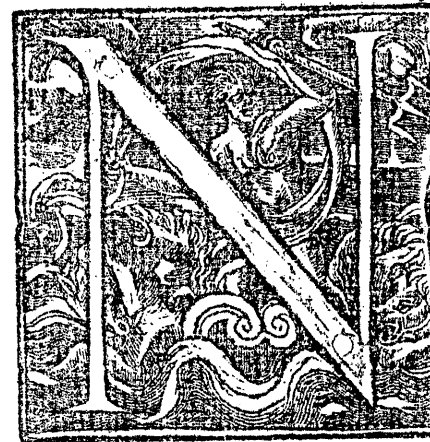
diuidindoa em duas partes iguais, como da arcabuzeria se tem feito, ficaraõ os homẽs d'armas com 3. fileiras a 15. cada fileira: mas pelas razões que ja se deraõ na batalha atraz se accõmodaraõ mais os 5. q̃ sobejão de cada Ala, acrescẽtandoos por lado, ainda que na figura senão ponhão. Os arcabuzeiros de cavallo, porque saõ do mesmo numero se ordenarão do mesmo modo: & os cauallos ligeiros estarão em quatro fileiras a vinte cada hũa, & sobejão corenta de ambas as alas. Os mosqueteiros se collocarão entre os homens de armas, & os arcabuzeiros, como nas mais batalhas se tem feito, & por se hão em quatro fileiras a vinte por fileira, & sobejão trinta & dous, & tudo se verá nesta figura.

\*\*\*

\*



# DE COMO SE ORDE- NARAM COM A CAVALLERIA AS BA- talhas de grão fundo.



A M Seruindo (como está ditto) a batalha de grão fudo nesta primeira parte senão obrigando a estreiteza do terreno a fazella nessa forma para se accômodar com elle; o que della se té ditto basta para se entender, como todas as desta sorte se ão de ordenar, & assi não se dirã aqui della mais q̄ apôtar algúas cõsiderações que deue aver antes de se formar. A primeira serã o espaço de ter-

reno q̄ té por fronte, & por fundo, & ver a gente q̄ lhe cabe nel le, de pè, & de cavallo; logo o numero, & calidade dos inimigos cõ que se ha de cõbatter, & em que parte lhe saõ superiores, ou inferiores se tem mais caualleria, ou saõ melhor armados, se té mais piques, ou arcabuzeiros, & cõforme a isto se disporã a frõte da batalha pondo nella o que se entender que pode fazer mais danno ao inimigo, sabendo primeiro a gente com que elle ha de accõmetter: porque à caualleria se oppõe caualleria, aos piques os mefmos, & aos arcabuzeiros os arcabuzeiros, saluo quando ouuer outros respeito de que aqui se não pode aduertir; porque de pèdem mais das occasiões, q̄ dos preceitos desta Arte se bé de algús a seu lugar se tratarã por não interromper com os tratar neste o intento que seguimos.

## DAS BATALHAS DO BRADAS, E REDOBRADAS.

NESTE Capitulo se tratarã das batalhas que se ordenão com 2. 3. & 4. esquadrões que se chamaraõ batalhas dobradas, & redobradas a differença das que atéqui se tem mo-

*Elian. de  
de nom.  
& ordi.  
mil.*

*Vege. l. 1.  
ca. 28.*

strado, que são simplez. E porque parecerà termo nouo, & não usado dos modernos se darà a razão, porq se deue introduzir. Os Gregos principes de todas as artes, tendo a Militar em tanta estima como ella merefce, foraõ os primeiros q deraõ principio a escreuer as suas regras, & preccitos, como mostra Eliano, os quais a todas as cousas della deraõ particulares nomes, como se verá no liuro referido: & delles com o imperio passou a perfeição desta Arte aos Romanos que muito tẽpo a possuirãõ até que també nelles se foy perdẽdo, como Vegecio diz, & assi de forte se acabou aquella antiga milicia, q quãdo esta moderna q agora se vfa se leuantou, ainda que té com ella muita semelhaça, fezse nos nomes muita differença, & em algũas cousas lhe faltãõ os necessarios para q se possaõ com poucas palauras entender: entre as quais são as batalhas q se ordenãõ com hum, dous, tres, ou quatro esquadrões, & assi não se achando nos modernos nomes por onde estas batalhas distinctamẽte se conheçaõ auendose por força de tratar dellas deuese (& com razão) seguir a doutrina dos Gregos, aonde a nossa falta, como primeiros artifices que desta Arte nos derãõ noticia. E assi a batalha q com hũ sò esquadrãõ se ordenar se chamarã batalha simplez, porq isso quer dizer Phalangarchia, q era hũa de quatro partes principais de q a Tetra Phalangarchia se cõpunha, q quer dizer batalha redobrada, & assi se chamarã a que se ordenar cõ 4. esquadrões, & duas faziaõ a Diphalangarchia, que continha duas batalhas simplez, & quer dizer batalha dobrada. E sendo estes nomes conformes aos que deraõ a estas mesmas cousas os primeiros que escreuerãõ esta Arte, & não tendo nós outros parece que deuemos vsar delles, & assi se farã nesta Arte chamando às batalhas de hum sò esquadrãõ simplez, & às de dous dobradas, & às de 3. & 4. redobradas, como os Gregos Phalangarchia, Diphalangarchia, & Tetra Phalangarchia.

Todos os exercitos, & batalhas marchãdo, ou cõbattendo se diuidẽ (como ja se disse) em tres partes vãguarda, corpo, & retroguarda, & a cada hũa se repartem igualmente piques, arcabuzeiros, & mosqueteiros, & tambem algũas vezes a caualleria, mas não he sempre obseruada esta igualdade, porque conform

me a

me a occasião se deue reforçar mais a vanguarda, ou o corpo, ou a retroguarda, & às vezes, assi no marchar, como no combatter se põe a caualleria toda de vanguarda, ou retroguarda, ou de ambas as partes juntamente, ou repartida, como ja se disse em corpo, vanguarda, & retroguarda igualmente, ou mais em hũa, que em outra, conforme a occasião, do que a seu lugar se tratarã. Mas ainda que no marchar sempre ha vanguarda, retroguarda, & corpo, no combatter muitas vezes conuem que em duas partes se diuida o exercito, como se for pouco numeroso, q repartindoo em 3. ou 4. partes ficarã cada hũa com pouca gente, & polo conseguinte cõ pouca força, & separado em partes pequenas sendo assi cada hũa mais facilmente desbaratada, tambem o serã todo o exercito. E tambem quando se combatter contra muitos inimigos mal armados, porque aos tais se deue oppor na frente a força toda, pois não podendo a gente mal armada, & pouco destra preualer muito tempo contra soldados praticos, & bem armados serã assi com mais facilidade rotos; ou també quando se ha de combatter com gente que sã com a primeira furia peleija, como se diz de algũas nações, porq achãdo que lhe resista ao primeiro impeto como este lhe passa, são façeis de desbaratar. As batalhas de tres esquadrões q se chamarã redobradas são perfeitas tendo vanguarda, retroguarda, & corpo, das quais se vsarã quando o inimigo tiuer igual numero & a gente for igualmente destra, & armada, porque estando assi em duuida a vittoria, não combattendo com toda a força a hũ tẽpo pode se focorrer a q primeiro cõbatter quando for apertada, & sempre até o vltimo fica hũa esperãça de poder vècer: mas o principal he ter conta com a ordẽ em q o inimigo se apresenta para ordenar a batalha como parecer que melhor offenderã, ou se defenderã, como a seu lugar se dirã. Aos esquadrões com que estas batalhas se ordenarãõ quizerãõ algũs dar numero certo, dizendo que nestes exercitos que oje em Europa se vem de 20. ou 30. mil homens, não seãõ os esquadrões de mais que de 4000. & nos exercitos de 100000. como são os do Turco de 10000. & a razão que Cesar d'Euoli dá para isso he, que sendo o esquadrãõ muito numeroso se ordenarã com mais trabalho,

Dd 3

& que



*Primeira parte,*

& que rompendo se receberà mayor danno, mas o numero dos esquadrões não sô se ha de regular pola gente com que se ha de ordenar, senão tambem pola contra quem se ha de combatter; porque se o inimigo vier com hum esquadraõ muito numeroso, mal lhe poderà resistir o q̄ tiuer muito menos gente, & quanto a dificuldade de o ordenar he pouca, porque tendo a gente em seus manipulos pouco mais tempo se gastará em juntar 5. q̄ 4. manipulos, podendo tambem engrossalos, quando por serem muitos parecer q̄ se formará o esquadraõ mais de vagar: & roto hum esquadraõ, ou hum exercito sempre he o danno tamanho que senão pode remedear com fazer os esquadrões mais pequenos; quanto mais que não se ha de ordenar hũa batalha para fugir senão para vencer, & assi não auerá nisto numero certo, & seráõ de mais, ou menos conforme a occasião, & auêdoas, ou por ser grande o numero de gente, ou por não consentir a estreiteza do terreno grandes esquadrões, ou porque a ordem do inimigo assi o peça se poderaõ fazer mais esquadrões, mas sempre repartidos em vanguarda, corpo, & retroguarda com tal ordem que a vanguarda seja sempre mais reforçada, & logo o corpo, & a retroguarda menos, se bem temêdo ser accommettido pola retroguarda não se deue enfraquecer, antes engrossar. A collocação destas batalhas simplez para formar as dobradas, & redobradas será de sorte que possaõ passar adiante os do corpo, & retroguarda sem se impedire hũs aos outros, & q̄ do mesmo modo se possa retirar a vanguarda pelas razões q̄ se deraõ trattando das batalhas simplez. Na forma dos esquadrões, mangas, & alas, se guardaraõ tambem as mesmas razões que nas batalhas simplez se apontaraõ, & porq̄ se té ja mostrado o modo de ordenar hũa batalha cõ os seus manipulos senão torna a repetir aqui; entendêdo q̄ como se formou a simplez se formaõ as dobradas, & redobradas, pois estas cõstaõ de batalhas simplez, & assi cõ as figuras sô se mostraraõ, sendo hũa batalha dobrada de duas simplez cõ o mesmo numero q̄ ja se té mostrado, & a redobrada de 3. & assi a de 4. & a de 5. sendo todas ordenadas cõ o quadro de terreno, porque he a forma que mais ordinariamente seruc. E tudo se verá nestas figuras.



**n**  
 nqqoocococococococqgn  
 y oocococococococococococ  
 oocococococococococococ  
 ococococococococococococ  
 ococococococococococococ  
**S** ococococococococococococ  
 ococococococococococococ  
 ococococococococococococ  
 ococococococococococococ  
 ococococococococococococ

y nqqppppppppppppppqqnt  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 nqqpppppppppppppppppp

**T**  
 nqqoocococococococqgn  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ



**n**  
 nqqoocococococococqgn  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ

y nqqppppppppppppppqqnt  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 nqqpppppppppppppppppp

**T**  
 nqqoocococococococqgn  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ

**n**  
 nqqoocococococococqgn  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ

y nqqppppppppppppppqqnt  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 ppppppppppppppppppppp  
 nqqpppppppppppppppppp

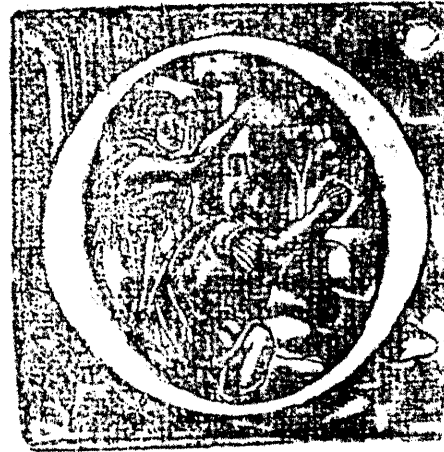
**T**  
 nqqoocococococococqgn  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ  
 ocococococococococococ

*Os arcabuzeiros estão em proporção dupla, e são menos dos q deuião ir em quadro de terreno perfeito por caberem na folha, como em outras figuras se tem feito.*

# DAS CONSIDERAÇÕES

## QUE ANTES DA GUERRA SE

### Hão de fazer.



S Preceitos da practica, de que se  
 tẽgora se trattou, tem por fim par-  
 ticular seruirem na guerra, polo  
 modo, & ordem, que a especula-  
 tiua determinar. E de sorte estas  
 duas cousas practica, & especula-  
 tiua estaõ determinadas ao fim  
 da guerra, que hũa sem outra não  
 poderã ser de proueito; porque  
 os preceitos, & regras das cousas,  
 que com a practica se obraõ tem  
 necessidade de quem determine o que com elles se ha de fazer,  
 & a especulatiua de quem obre o que ella determinar. E assi  
 com estas duas cousas juntas se ordena hũa guerra perfeita, re-  
 sultando dellas, quando ambas com o engenho, & armas se e-  
 xecutaõ o supposto da guerra, não sendo para outro fim deter-  
 minadas. E pois he necessario que a guerra destas duas partes  
 conste, & esta Arte he para ensinar a fazer guerra, tendo ja mo-  
 strado as regras, & preceitos da practica, conuẽ q̃ agora da espe-  
 culatiua se tratte: cõ a qual se saberã tudo o q̃ a hũa guerra per-  
 tence, a respeito do q̃ nesta primeira parte se tratta Polo q̃ para  
 que cõ mais clareza se entẽda o que della se disser, se supponha  
 que se ha de dar principio a hũa guerra, que ja o principe, ou  
 republica tem determinado que se faça, não se lembrando (co-  
 mo disse Annibal a Scipiaõ) que he melhor cousa, & mais se-  
 gura, a paz certa, que a esperada victoria. Mas com este sup-  
 posto de que ja està determinada se irã discorrendo por tudo o  
 que antes della se ha de considerar, & prouer, & logo se mo-  
 strarã o que nella se ha de fazer: aduertindo primeiro que se  
 procure estoruar quando a necessidade não obrigar a fazella;  
 porque se està na nossa mão começalla, não està muitas vezes  
 deixalla.

Tit. Livii  
 D. 3. J. 10

deixalla. E assi diz Sallustio, que o principio da guerra he facil, mas muito difficultoso o fim; porque não está em poder de hũ sô o principio, & o fim; porque o começar he licito a qualquer pessoa, por inutil que seja, mas que o dar fim he concedido só aos vencedores. E sendo o fim de todas as cousas incerto, & o da guerra tão importante, que nelle está a conseruação, ou ruina da patria, não se deue começar sem grande necessidade; pois o seu fim não está no poder de quem a começa, & delle depende a conseruação da patria. E por isso diz Philo, que a paz, ainda que seja muito roim, se deue preferir à guerra. Porque sendo tão incerto o fim da guerra, por não auenturar co elle tudo, he melhor ter hũa desigual paz, que pôr ao perigo do roim successo da guerra. E assi com razão se deue reprovar o conselho do principe, ou republica que sem necessidade se dispor a fazer guerra, que ignorante será aquelle que auenturar tudo o q̄ possue seguramente, polo acrescentar cõ o duuidoso. E por isso diz Xenophonte, que he officio de homẽs sabios pôr fim algũa vez à guerra, ainda que tenham recebido algũa grande offensa. Porque he menos danno dissimular a offensa, que pôr a perigo a liberdade da patria, ou o estado, como aconteceu a Carthago, Mytridates, & Antiocho, que se perderão pola guerra que sem necessidade fizeram aos Romanos. Mas quem poderá refrear a cobiça, ambição, & inueja dos homẽs, que são as causas da guerra (como se disse no primeiro discurso). E por isso diz Herodoto, que nos estados que confinão não ha meyo, ou termo em as inimizades; porque sempre conuem fazer hũs aos outros danno, ou soffrello. E assi pois senão pode escusar soffrer, ou fazer dãnno, deuese considerar muito bem a causa com que a guerra se moue; porque sendo os dannos que della procedem os mayores de todos os que aos estados se podem fazer, não se deue empreder senão quando seja necessaria, para os não padecer; porque (como diz Philo) melhor he soffrer males, que fazelles. E como não se pode dizer que os faz senão quem injustamente os faz, quando se mouer guerra se deue cõsiderar, se he justa a causa della. Porque he tão dura cousa tomar a outrem o seu, & despossar a ninguem do que justamente possue, que bem se pode

affirmar

Sallu. de Bel. Jug.

Phil. de creation. principis.

Xenoph. de fact. Gre. l. 6.

Herod. l. 7.

Phil. de Joseph.

affirmar, que a guerra injustamente feita não poderá ter bom fim; porque não se podendo obrar nada prosperamente sem a vontade de Deos concorrer cõ o seu fauor, & sendo elle a summa justiça, mal se pode esperar q̄ fauoreça as empresas que não forẽ justas: & assi sendo injusta a que se fizer, não a fauorecerá Deos, & não a fauorecendo não se poderá acabar felicemente. E tanto he isto assi, que (deixando a nossa verdadeira fẽ que assi o ensina) no tempo em que a seita dos falsos idolos se seguia daua Deos mayores castigos polas injustas guerras, que polo abominavel crime que cõmettião em adorar os que indignamente se tinham por Deoses: como se vio quando Brenno capitão dos Gallos, que passarão em Grecia, despois de serem por Camillo lançados de Roma, accommetteo o templo de Delphos, pois quis Deos antes castigallos a elles, pola injustiça de quere rem ganhar as riquezas em que não tinham parte, que àquelles que confiando nos seus falsos idolos se punhão á defenia dellas; porque sendo poucos os que defendião o templo, & muitos os inimigos que o querião ganhar, veyo tão grande tempestade do ceo improuisa, & miraculosamente, que não sô lançou os Gallos do combatte, mas com morte de mais da metade os fez perder de todo as esperanças de ganhar o templo. E assi com razão el Rey dos Macobrios tinha em pouco a guerra de Cambisses, pois conhecia que era injusta; porque mandando Cambisses, com nome de embaixadores de paz, & amizade, hũas espias ao Rey dos Macobrios, entendendo elle a sua intenção lhes disse, que Cambisses não era homem justo, pois com injustiça queria os reynos alheos, molestando a quem lhe não daua molestia, & dandolhe hum arco para que o dessem a Cambisses, os conuidou a lhe fazerem guerra; entendendo que sendo injusta não teria o fim que pretendessem, como logo se vio; porque tentandoa Cambisses, se tornou do meyo do caminho com muito danno sem fazer nenhum aos inimigos. E que considerar a Cresso, & Cyro, bem conhecerá como Deos castiga as injustas guerras, pois Cresso perdeu o seu poderoso reyno de Lydia, por querer injustamente o de Persia que Cyro possuia, & Cyro q̄ venceu a Cresso, & lhe tomou o reyno foy por Tho-

Just. l. 24

Herod. l. 3

Idem

Herod. l. 3

*Qu. Cur. 13.* exercito. E assi quando Alexandre soube que era morto Menon capitão de Dario, entêdeo que facilmente acabaria tudo prosperamente, não sendo impedido d'elle, julgando que elle só valia mais que todo o exercito de Dario. E o capitão que for tal, que valha mais que todo o seu exercito, não se tirará do cargo até acabar a guerra, por não succeder como aos Romanos no mudar dos capitães na guerra de Annibal, vencendo com hús, & sendo desbaratados com outros. E assi Fabio Maximo aconselhou que se ellegeisse o melhor capitão que então auia em Roma para aquella guerra, & que elleito o não mudassem, como até então tinham feito: & entre as razões que para isso daua dizia, que não podia hum capitão elleito por hum anno combater com hum capitão continuo no exercito, pois esse anno auia mister para ordenar o seu. E por isso reprendeo Paulo Emilio a Terencio Varron dizer (sendo elleito consul) que em chegando ao exercito auia de dar batalha a Annibal; porque se espantaua (lhê disse) de não saber de que modo hum capitão antes de conhecer o seu exercito, & saber o sitio da terra em que o inimigo estaua, nem saber qual essa era, & ainda dentro da cidade pudesse conhecer o que auia de fazer co as armas nas mãos. E porque para conhecer todas estas cousas he necessario muito tempo, não se mudará o capitão que proceder bem; porque ou o fim da guerra, co a mudança, se prolongará, gastando os nouamente elleitos muito tempo em conhecer o que conuem, ou se perderá o exercito, se o capitão, ignorante das cousas referidas se meter repentinamente nos perigos da guerra. Isto entenderão os tribunos da plebe Romana; por que querendo o senado elleger nouo capitão para a guerra de Philippo Rey de Macedonia, o estoruarão dizendo, que nenhũa cousa fizera mais dano àquella guerra, que mudar cada anno o capitão. E assi o capitão se ellegerá, como está ditto, & elleito, senão mudará, se não quando a sua negligencia merecer, que o deponhaõ do cargo. E logo desde o dia que for elleito terá em seu poder todo o imperio da guerra, pois (como ja se disse, na quinta parte do terceiro discurso) assi conuem, porque logo começará a considerar todas as cousas necessarias, para dar prospero fim à guerra para

para que foy elleito, & o modo com que nella procederá. E assi a duas considerações se reduzirão todas as que se hão de fazer; Hũa antes da guerra, & outra no transe della. A primeira se diuidirá em tres, & são. Que guerra se ha de fazer, que exercito se leuantará, & que munições, & bastimentos serão necessarios.

PRIMEIRA CONSIDERAÇÃO DA GUERRA QUE SE HA DE FAZER.



**M** Esta primeira consideração da guerra que se ha de fazer, se deue cõsiderar se a guerra he offensiva, ou defensiva; pois (como no primeiro capitulo está ditto) as duas partes principais em que esta Arte se diuide, são offensa, & defensiva, & sobre estas se irá fundando tudo o que com as considerações da especulatiua se tratar. E assi, ou se ha de defender a propria terra

dos inimigos que a querem conquistar, ou se hão de offender os inimigos, querendo he ganhar a sua. Se a propria se ha de defender, considerar se ha qual he melhor partido, se defendella aguardando o inimigo nella mesma, ou se fazendo he guerra na sua, para que não tenha lugar de vir à nossa. Nestes dous partidos ha varias opiniões, polo que absolutaméte senão pode aprouar hum só, mas apontando as razões que ha por hũa, & outra parte, se mostrará a occasião em que hum, ou outro se deue elleger. As com que se aproua aguardar os inimigos na propria terra, são que nella pelejarão com mais animo os naturais não consentindo ver as suas casas, & propriedades destruydas, & os seus téplos queimados, pois a todos obriga o amor das cousas proprias. E assi estimauão os Athenienses, quando Themistocles os mouia a desamparar a patria na guerra de Xerxes, que não ti

*Plu in vi ta Them.*

nhão

nhão para que procurar a vittoria, nem salvarse quando os tēplos, & as sepulturas de seus pais fossem destroydas. E vendo todos que no valor com que pelejarem consiste a salvação da patria, a vida da mulher, dos filhos, & dos parentes, & amigos tendo estas cousas presentes cō muito mayor animo pelejarão. O q̄ se proua bē com aquelles dous cães irmãos q̄ em Egypto matarão o leão diante de Cambisses Rey de Persia, porque fazêdo elle combatter hum delles com o leão, o outro que estaua preso vendo o perigo do irmão quebrando as prisoēs o foy ajudar & matando ambos o leão liurou o irmão da morte. Também he boa razão que na propria terra estão mais praticos dos lugares, & sitios em que hão de combatter cō o inimigo, & elle menos, podendolhe acontecer como a Annibal, que por ir a Casilino foy a Casilino, lugar muito contrario ao que lhe conuinha; & como Pyrrho que querendo accommetter de noite os alojamentos de M. Curio, por não saber a terra, andou perdido toda a noite até que sendo descoberto pela manhã, não conseguiu o seu intento, antes dahi a pouco foy toto. E deixando outras razões de menos importancia, se apontarão agora as que ha para defender a propria terra fazendo guerra na do inimigo, & logo as contrarias, que a hūas, & outras se podem dar, & o que se deue seguir.

Perfuadindo Scipião a guerra de Africa, para liurar a patria da que Annibal lhe fazia, disse. Muito importa, & he muito grã de a differença que ha de saquear, queimar, & destroyr as terras dos inimigos, a ver fazer às proprias o mesmo, & q̄ muito mais animo tem aquelle que accõmette, & offende, que aquelle, que sendo accommettido se defende. E assi se virão cidades poderossissimas, temerosas, sendo accommettidas dos inimigos, que ja muitas vezes desbaratarão: como Roma, que tendo muitas vezes desbaratado os Volscos, quando elles a cercarão foy tanto o temor dos Romanos, que sō se defenderão com rogos, & lagrimas das matronas. E por isso diz Tito Liurio, que Annibal julgaua que os soldados pelejauão melhor fora da sua patria. E assi indo fazer guerra ao inimigo na sua terra, para defender a propria, ficará elle recebendo os danos della, vendo queimar, & des-

Hero. l. 3.

Plut. in vit. Annib. Idem in vit Pyrr.

Tit. Liv. D. 3 l. 8.

Tit. Liv. D. 1. l. 2.

Idem D. 3. l. 1.

& destroyr os seus lugares, & os proprios soldados serão mais animosos; porque os que accommettem, com o mesmo acto, de accõmetter, se lhes acrescenta o animo. E não he menos poderosa a razão do interesse, que se lhe pode seguir, pondo os olhos na esperança dos ricos sacos, com a qual muitos capitães acabarão em breue tempo empresas, que em muito, sem esta esperança, não tiuerão tão bom fim: como se vê na tomada da cidade de Vacca, que indo Metello sobr' ella, & consistindo o ganhalha na breuidade com que a accõmettesse, vendo que os soldados, pola muita pressa do caminho, de cansados se deixauão ficar sem querer passar adiante, prometeolhes liuremente o sacco da terra, com o que não sō caminharão, mas aquelle mesmo dia a ganharão, & com muita mais instancia o pouo de Athenas forçou a Nicias, que fizesse a guerra de Cicilia, do que pos diligencia em seguir Themistocles, para a defensão da patria. E sendo o regalo das proprias casas tão contrario à muita aspereza da vida, que fazendo guerra se passa, como poderão ser melhores soldados os que não sayrem das delicias das ricas cidades, q̄ os endurecidos nos trabalhos das estrangeiras guerras? Licurgo instituyó as leys da sua republica a fim de que senão engrandecesse mais; pois lhe prohibio as artes, que seruem à magnificencia, & o ouro, & prata, com que as cidades se engrandecem. E assi diz Plutarcho, que o seu principal intento, não foy, que os Lacedemonios senhocassem muitos pouos. E segundo isto não era o seu intento, que accommettessem as outras nações, para as sujeitar com a guerra. E mandando juntamēte, que os mininos se criassem nas aldeas, sofrendo a aspera vida dos robustos pastores, mostrou que para defender a patria era necessario deixar todos os regalos della, & porq̄ isto não pode ser sem a aspereza da criação, & vida, ordenou deste modo a criação dos mininos. E assi melhor pelejarão os q̄ fora da sua patria habituaré a vida às descõmodidades da guerra. Metello senão atreueo a fazer guerra a Iugurta, cō os soldados q̄ Albino tinha deixado, costumados a todas as delicias, & regalos, até os não tornar a reduzir cō a aspereza da vida, à antigua disciplina militar. O q̄ tudo dá bē clara proua de quão melhores soldados serão os que

Saluf. de bel. Iug.

Plut. in vit. Alcebi. & Thuc.

Plut. in vit. Licur.

Idem.

Saluf. de bel. Iug.

peleijado nas terras dos inimigos fugirem ás delicias das suas.

Respondendo ás primeiras razões, que aprouaõ aguardar o inimigo na propria terra, para delle a defender: a primeira tem facil repõta; porque o mesmo amor das cousas proprias, com que se proua ser melhor defender a propria terra, nella mesma, he bastante razão para quererem mais gozallas sem guerra, que não com a guerra auenturarse a perdellas: E assi sabendo que as cidades que se ganhão por força, & os reynos violentamente conquistados, são saqueados, destroydas as casas, & os templos queimados, mais queterão entregarse sem guerra, para saluar estas cousas, que não auenturallas fazendo: de que he bom exemplo a vltima ruina de Carthago; pois o amor da patria fez aos seus naturais entregar aos Romanos as armas, & mais cousas com que se podião defender. E quantas terras de Asia, & India se entregarão a Alexandre por se não auenturarem a padecer os danos que succedendo lhe mal a guerra padecerião? Não se querião os Athenienses entregar a Lyfandro, ainda q̄ tinhão pouca esperança de se defender, mas como tiuerão hum decreto dos Lacedemonios, em q̄ lhe concedião a posse das suas propriedades logo se réderão, & deixarão derribar o muro da cidade. E a razão de saberé melhor a terra q̄ os inimigos parece mais traca, q̄ as outras; porque cõ hũa boa, & fiel guia, remedeia o capitaõ prudente todos os inconuenientes, que em não saber a terra pode auer: como Marco Antonio fugindo dos Parthos, que não sabendo a terra se saluou pola diligencia, practica, & fé de hũa guia, que o leuou por caminho aonde a caualleria dos Parthos lhe não podia fazer dano, & assi saluou o seu exercito. E estando Philippo Rey de Macedonia alojado, em hum sitio fortissimo, no qual era impossivel vencello, tendo tambem muito perigoso aos Romanos seguir outro caminho, offerceose, hũa guia a T. Flaminio, a qual leuou parte do seu exercito, por desusado caminho, a tomar os lugares superiores ao campo de Philippo, & accommettedoo por duas partes o rompeo. E assi com a diligencia das boas guias fica sendo pequeno o inconueniente de não ser natural da propria terra, para poder fazer nella a guerra, cõ a ordẽ

necessa.

necessaria. Defender a terra cõ fazer guerra ao inimigo na sua; té tambem seus inconuenientes, q̄naõ deixaõ de ser muy forçosos, quando os ouer: os quais são ter inimigos, que vendo a terra enfraquecida das forças a accommettaõ; como fez Philip po pay d'Alexandre, que estando Grecia debilitada, pola guerra, que ella, assi mesma se fazia, combattendo hũas cidades contra as outras, entrando nella com o seu exercito a fugeitou. E assi hũa das razões que dauão a Carlos Rey de França, quando disse no seu conselho a determinação da jornada de Napoles, era a necessidade que tinha de procurar a amizade dos reys seus vezinhos; porque o bom principe primeiro ha de procurar a conseruação dos seus estados, que a conquista dos alheos. Querião os Persas fazer guerra a Grecia, & para a liurar della foy Agefilao Rey de Lacedemonia fazella a Persia: mas deixando pouco segura a patria, foylhe forçado deixar a guerra, quando melhor lhe succedia, por acudir a Lacedemonia, que se perdera sem o seu socorro. E assi se a patria ficar com poucas forças, & tiuer algum inimigo que a possa offender, sempre será arriscado partido ir fazer guerra a nouo inimigo na sua terra, para defender a propria da que elle lhe quer fazer; porque se ficarão diuidindo as forças, com o que em ambas as partes serão poucas, & mais facilmente se romperão. E assi venceu Fabio Maximo os Toscanos, Gallos, Umbros, & Samnitas; porque sabendo como estauão concertadas todas estas nações, para accommetter o seu exercito, mandou a dous legados Romanos, que estauão nos confins da Toscana, que se viessem chegando a elle saqueando as terras dos inimigos, para que assi, tirados à defenfa dellas, separando se ficassem menos para combatter com elle; o que lhe succedeo como esperaua; porque os Toscanos forão defender a sua terra, & dando batalha aos q̄ ficauão os desbaratou; porq̄ separando as forças ficarão cõ poucas, como necessariamete succederá a quẽ as diuidir. E por isso o Duque d'Alua em Flandes procuraua desbaratar a Ludouico Nasau, porq̄ senão juntasse cõ o principe d'Orãge, que vinha a entrar nos estados. Mas não auendo este inconueniente de temer outros inimigos, que accõmettão a patria quando a virem

Ec 2 com

Appia.  
Alex. de  
bel. Pan.

Plu in vit  
da Lisar.

Appi. de  
bel. Par.

Tit. Liu.  
D. 4. l. 2.

Iust. l. 80

Guic. l. 13

Xenoph.  
in ora.

Agas.

Tit. Liu.  
D. 1. l. 10

Cômẽ. de  
Flan. de  
D. Bern.  
de Mem.



cõ as forças separadas, sempre será melhor partido ir fazer guerra ao inimigo na sua, para defender a patria da que elle lhe quer fazer; porque alem das razões ditas por esta parte, fazendo a guerra na terra dos inimigos, a elles se lhe consumem os mantimentos, com os sacos, que o exercito der as suas terras, & com não deixar cultiuar outras, cousa de muita consideração polos muitos exercitos que por falta de bastimentos se perderão, entre os quais foy o de Mythridates vécido a Cirico pola fome a que não pode resistir. E por isso Seruio Sulpicio, com tanto cuidado, fazendo guerra a Philipppo, fez recolher os trigos, & quei-  
*Appi. de bel. Metr. Tit. Liu. D. 4. l. 1.* mar os q̄ não auia mister, & assi não sò se tirão ao inimigo os bastimētos, mas sustentase com elles o exercito, & as proprias terras não se gastão, nem enfraquecem: sendo tambem de muita consideração as terras que se rebellaraõ ao inimigo; pois essas ficão sempre dando favor a quem as possui, & isto parece que se não pode escusar, porque ou por medo do inimigo se lhe entregão, ou por serem os homēs amigos de nouidades, vicio muy costumado no pouo, como se mostra em Capua entregue a Annibal, & Thebas, & outras cidades Gregas a Xerxes, & outras muitas de que as historias estão cheas. E se o inimigo se aguarda na propria terra são todas estas cousas ao reues, que elle saquea as terras, rouba os bastimentos, destroe as nouidades, & em fim sustenta á custa da terra que conquista o exercito, como Annibal que deza seis annos teue o seu em Italia, sem de Carthago o prouerem. E assi quando os Romanos o viraõ nella se arrependeraõ de não ter começado antes que elle passasse á guerra em Africa. E isto entendia bem Annibal, quando aconselhaua a Antiocho, que fizesse a guerra em Italia, antes que aguardar que os Romanos passassem a Asia, & polo não fazer se perdeu como Carthago, por mandar sayr Annibal de Italia contra o seu parecer. E concluindo o partido que se deve seguir, na guerra defensua (segundo o que ja está ditto) farseha a guerra na terra do inimigo, quando senão temer outro, ou quando se deixarem na propria terra forças bastantes para a defender; & quando estas cousas faltarem se elegerá o outro partido de aguardar o inimigo na patria, com  
 as for-

as forças vnidas. Mas isto he no principiar da guerra; porque poderá ser, que antes de a poder fazer ao inimigo na sua terra, este elle com o seu exercito na nossa, como fez Annibal, que quando os Romanos quizerão determinar a guerra, estava elle ja detrás de Italia. Sendo assi seguirse haõ as mesmas razões, porque o mesmo he ter o inimigo a que quero fazer guerra na sua terra, dentro na nossa, que temella dos outros, a que a não faço, antes assi he muito mais seguro partido, porque se cõbatte contra hum sò poder, & sò com entreter a guerra se poderá acabar a que na patria se faz, pois será necessario aos inimigos acudir a defesa da sua, como aconteceu aos Carthaginezes, que tendo cercado em Caragoça Agathocles tyranno de Sicilia, não se atreueudo elle a defender muito tempo a terra fez hum exercito de escravos, a que prometeo a liberdade, & passando com elle em Africa apertou tanto os Carthaginezes, que mandaraõ chamar o capitão, & exercito que tinhaõ em Sicilia. E assi ainda que Fabio Maximo estornaua a passada de Scipião em Africa, não pode deixar de se ter por melhor o parecer de Scipião: o qual julgaua por impossuel deitar Annibal de Italia senão fazendo guerra em Africa, como succedeo; porque passando a ella com o exercito fizeraõ os Carthaginezes, que Annibal por força deixasse a guerra que fazia aos Romanos em Italia. Mas se for possuel sem tirar exercito da patria, levantar noua guerra na do inimigo, será mais seguro partido; porque sem nenhum risco se conseguirá o mesmo intento. E assi diz Xenophonte, que a guerra que as cidades de Grecia fizeraõ aos Lacedemonios, quando Agesilao estava com o exercito em Asia, foy por industria de Tethrausti, porque não podendo liurar a Asia da guerra, q̄ Agesilao lhe fazia, mandou Timocrates cõ 300. talentos d'ouro a Grecia, para q̄ corrópendo os principes das cidades, as fizesse mouer guerra a Lacedemonia, & succedendo assi, vindo Agesilao socorrer Lacedemonia, ficou Asia liure de todo o perigo. E assi quando puder ser, por algũa via, conseguir o mesmo, fazedo levantar noua guerra ao inimigo, em q̄o proprio exercito senão auéture, será melhor, & mais seguro partido. Mas que não tiuer poder para defender a terra, & tirar del-

*Tit. Liu. D. 3. l. 1.*

*Just. l. 22.*

*Tit. Liu. D. 3. l. 8.*

*Idē l. 10.*

*Xenoph. de fact. Grec. l. 3.*

la bastante exercito, para fazer a guerra na do inimigo, ou não tiuer outro meyo para outrelhe fazer guerra, procurese fazella sem sayr dos limites da patria, com tal ordem, & prudencia que chegue ao desejado fim: polo que a seu lugar se tratará da ordem, & modo com que se deue seguir, & agora das considerações que antes da guerra offensua se deuem fazer.

A guerra offensua (como está ditto) he aquella que tem por fim ganhar as terras dos inimigos; & assi de força para o conseguir nas mesmas terras se hade fazer. E (como ja se disse) deuese primeiro cõsiderar a justiça com q se faz. Mas porque pode auer guerra, que sendo justa não conuenha fazerse se apontarão agora quais se hão de seguir, & quais deixar, porque a necessidade muitas vezes antepoem o vtil ao honesto, como fizeram os habitadores de Thesalia, quando passou Xerxes contra Grecia, que vendo que senão podião defender, ainda que fizessem companhia cõ os Gregos, sem resistir se entregatão a Xerxes, sendo este partido mais vtil, ainda que era mais honesto ajudar a defender a Grécia. E assi diz Plutarcho, que Pericles foy illustrissimo nas cousas da guerra; porque não se metia sem necessidade nos perigos; & por isso elle dizia aos Athenienses, sendo seu capitão, que quanto ao que delle se esperaua nunca os leuaria a morrer. Mas para que melhor se vejam os inconuenientes q nas conquistas pode auer, mostrando quais se hão de seguir, & quais deixar, se farão antes q a guerra se comece, estas duas considerações, a que inimigos se ha de fazer, & que região se ha de conquistar.

*Hero. l. 1* Querendo Cresso Rey de Lydia fazer guerra a Cyro, lhe disse Sandonio: tu vas ò Rey contra gente que anda vestida de pelles, & que não té cousa boa; porque habitão aspera região, que se pode ganhar com gente que não tem nada? & que fructo se tirará da tua victoria? mas se elles gostão as bellas cousas que a fertilidade da nossa terra produz, não poderemos deitallos della, como as moscas das aruores. E assi quanto aos inimigos a q se ha de fazer guerra se consideratão estas mesmas razões. Porque se as conquistas se fazem para enriquecer, com o que nelas se ganhar, donde não ha nada mal se pode este intento conseguir

seguir? & se por ambição de senhorear, que acrescenta hum rey rico, & poderoso ao seu estado ajuntandolhe terra esteril, & gente miseravel, senão hum continuo trabalho de os sustentar em paz? para que (como dizia Sandonio) não sejam mais importunos que as moscas, em destroyr as terras que tiuerem mais fertilidade. Nem se pode ter esperança do animo com que os soldados pelejarão, quando sem nenhum fructo, tem o trabalho certo, indo contra a morte, & não contra a presa, porque os que não esperão premio, não se auenturão a algum trabalho, & perigo. E assi se marauilhãtão os Tartaros de Vessor Rey de Egipto, que era muito rico, lhes fazer guerra, sendo elles tão pobres. E he de crer polo contrario, que aquelles que não té nada que perder, & se auenturão a ganhar, pelejem com muito mais valor que os outros que deixão as ricas casas, & as abundantes cidades, por irê às estrangeiras terras, a pelejar contra a fome, & os trabalhos da guerra, dõde sã a miseria, & morte podem esperar. Isto mostrou hum soldado de Antigono, que (como conta Plutarcho) em quanto foy magro, & doente entraua animosamente nos perigos, & depois de saõ fugia delles, & perguntandolhe Antigono (que o fizera curar) a causa desta mudança, lhe respondeo, que elle tinha a culpa de ser menos animoso liurandoo daquella enfermidade, que o fazia estimar pouco a vida pola miseria da doença. E assi esta differença ha nos soldados de terras ricas, & deliciosas, aos que pobremente habitão as esteriles, & asperas. E por isso hum Sibaritano (como refere Plutarcho) disse aos Lacedemonios que não merecião muito louuor por se meterem animosamente nos perigos das batalhas, porque a morte os liuráua de muitos trabalhos, & da aspereza da sua vida. Polo q parece senão deue fazer guerra aonde não ha que ganhar, nem o inimigo tem que perder. Mas quando isto não for, & antes se pretêda cõquistar inimigos ricos, & cidades abundantes, se deue considerar o poder que té; porque muitas vezes a cobiça das riquezas, & a ambição de fugeitar grandes estados, não considerando bê os inconuenientes que nisso pode auer, fazem auenturar os homês a grandissimos, & manifestos perigos: como aconteceu a Crasso leuado pola cobiça, &

ambição a guerra dos Parthos, aonde juntamente com o seu exercito acabou. E assi as barbaras nações do Norte que deixaram as pobres terras que habitavaõ, por ganhar as de Italia abundantes, & ricas acabaraõ nas mãos de Mario. Pode tambem acontecer que os inimigos tenham por si pouco poder, & ajudados dos amigos, & confederados tanto, q' fação a empresa difficullosa, como a de Taranto foy aos Romanos, que com a amizade, & confederação que fizerão com Pyrrho, em estado que senão podião defender dos Romanos, lhe derão tanto q' fazer, que se conta esta guerra entre as mais memoraveis que elles tiveram. E por isso determinando Scipião fazer guerra a Carthago, procurou tratar amizades com os Principes de Africa; porque não favorecessem aos Carthaginezes. E Philippo pay d' Alexandre, querendo fazer guerra a algũs povos de Grecia, procurou fazer com os outros pazes, & algũas cõptou com o dinheiro. E quando Antiocho queria fazer guerra aos Romanos, a primeira cousa que fez foy confederarse com todos os que podião dar favor aos inimigos, & para isso mandou, por ordem de Annibal a Carthago Aristão, que mouesse os animos dos Carthaginezes a rebellião: & assi diz Appiano Alexandrino, que a mais perigosa guerra q' os Romanos tiveram foy a de Mythridates, porque cõ todo o mundo se tinha confederado. E por isso Themistocles fez o bello estratagemã para tirar os Ionios da companhia de Xerxes, porque vendo que os Ionios acrescentavaõ o poder dos inimigos, para q' os não seguissem, ou ficassem sendo sospeitosos, partindo se de Artimísio deixou escritas nas pedras da praya, onde elles avião de ir fazer agoada, estas palavras. Injustamente o Ionios procurais que venha em socoço a Grecia, que vos gèrou, devedo da nossa parte, & por nos combatter, ou pelo menos estar neutrais. E lèdo elles estas palavras fizeram muitos o que nellas se dizia. E não sò se ha de procurar tirar aos inimigos os seus confederados, mas que fazendo com elles a mesma confederação, que com os inimigos tinham feito se jão contra elles em nosso favor: como Pelopidas que não sò tirou os Athenienses da companhia dos Lacedemonios, mas trouxeos à dos Thebanos de quem era capitão fazendo com elles

elles a guerra aos Lacedemonios. E tambem se hade procurar, q' os proprios confederados se conferuem na amizade; porque (como diz Herodoto) a discordia entre os confederados he tão to peor que a guerra, q' concordemente se faz, quanto essa guerra he peor que a paz. E assi Themistocles vendo que os Gregos querião deixar a armada de Salamina, com o que tinha por certo desampararião a guerra indo se cada hũ para a sua patria, não tendo outro remedio, para os sustentar, na concordia, & liga, q' ja se mostrava quererem romper, fingindo se amigo de Xerxes lhe mandou dizer por hum homẽ de quem se fiaua, que os Gregos se querião retirar, indo se a defender cada hum a sua patria, com o que lhe ficava a guerra mais difficullosa, por isso q' não perdesse a occasiã de os tomar a todos juntos, pois em hũa batalha acabava a guerra toda, com cujo conselho presentou Xerxes a batalha, impedindo aos Gregos o dissenho de se irem, & romperẽ a confederação, & liga, & estando vnidos alcançãõ a tão memoravel vittoria de Salamina. Tambem se deuem considerar os costumes da gente a q' se ha de fazer guerra, para por elles conhecer o animo; porque ha algũas nações de animos inuitos contra os quais serã a guerra sempre muito perigosa, como foy a de Xerxes contra os Gregos gente inuita, & bellicosa. E assi o entendeo Tritantechino capitão de Xerxes, quando ouviu contar o costume dos jogos Olympios, porque perguntando Mardonio (outro capitão Persa, que incitou Xerxes a guerra) a certos fugitivos d'Arcadia que fazião os Gregos, lhe responderão, que celebravaõ os jogos Olympios, & querendo saber q' premio dauão ao que nelles vencia, disserão que hũa coroa d'oliveira, o que ouvindo Tritantechino disse o Mardonio, cõtra que gente nos trouxeeste a fazer guerra, que polavirtude, & não polo dinheiro contende? Razaõ digna de muita consideração, pois de gente que sò a virtude por premio pretendia, não se podia alcançar leuemente a vittoria, & assi se vio no successo da guerra. E Alexandre em nenhũa cousa mostrou mais o valor do seu inuèciuel animo, que em escreuer a Aristotelis, quando manifestou os liuros da Philosophia especulatiua, queixãdo se disse, que elle queria mais vencer aos outros de sciencia, & singular

Plu. in vi  
ta Mar.

Tust. L. 18  
Plu. in vit  
Pit.

Tit. Liu.  
D. 3. l. 8.

Dio. Sic.  
li. 16.

App. A  
le. de bel.  
Autio.

Idem de  
bel. Mit.

Plu. in  
vit. The.

Plu. in  
vit. Pelo.

Hero. l. 8.

Plu. in vit  
ta The.

Hero. l. 8.

Plu. in vit  
ta Alex.

lar doutrina, que de imperio. E assi serà difficil a empresa que se fizer contra gente que só estime a virtude, & que por ella for de animo inuenciuel. E resumindo esta consideração, quando a guerra for justa, senão deve fazer contra gente pobre, & terra esteril, aonde senão pode ganhar, & se aventura a perder, nem contra poder tão auentajado, que se tenha por mais certo o dâno, que o proueito; & que para qualquer guerra que se ouuer de fazer se procure ter confederados, & amigos que nella ajudé procurando cōseruallos, & tirar aos inimigos os que tiuerem, & que se entenda quão difficultosa guerra he a que se faz contra gente, que tem a virtude por premio dos seus trabalhos, & merecimentos.

A consideração da prouincia, que se ha de conquistar, não he de menos importancia que a passada, auendose de considerár se confina com a propria terra a que se quer conquistar, & quãdo não a distancia que ha dōde se parte, a onde se ha de fazer a guerra, & sendo distante, que terras se meté no meyo, se a terra por onde se hade caminhar he deserta, falta de agoa, ou de bastimētos, & tãbem se he ilha. Se a terra a q̄ se ha de fazer guerra cōfina cō a q̄ a faz, auēdo forças bastantes, por esta razão, fica a cōquista mais facil, pois da propria terra pode ser o exercito socorrido, & prouido de bastimentos sendolhe necessario. E he tambem de grande cōmodidade poderse retirar na propria terra, quando não puder, ou não for conueniente estar na do inimigo. E assi a guerra que se faz à terra que confina tem poucos mais inconueniētes, que os que no discurso della succederem. Polo que quãdo se tratar de fazer a guerra se verá o mais, que ha neste lugar que aduertir. Mas se a distancia da prouincia onde se ha de fazer a guerra for grande, metendose no meyo muita terra, & varias nações, não se intentarã conquistalla, polo perigo a que se porá o exercito, tendo o socorro, & prouimento longe, & faltandolhe segura retirada; que como os successos da guerra são incertos de tudo se deve preuenir o bom capitão. E assi procurando Aristagoras mouer os Lacedemonios a fazer guerra com elle, & algũs confederados a Dario Rey de Persia, perguntandolhe Cleomenes que dias se gastarião em ir domar a onde

*Hero. l. 5.*

aonde a sua armada ficasse a Susa, & respondendo que tres meses, mandoulhe que logo se saysse de Lacedemonia, parecendo-lhe homem de pouco juizo, em cuidar que poderia leuar os Lacedemonios tres meses de caminho apartados da sua armada. Polo que não se emprenderà a conquista da terra, que for tão distante, que pondo o exercito nella, fique tão apartado da sua armada, ou terra amiga, que não possa ter socorro, prouimēto, & segura retirada. E assi os Romanos primeiro conquistã os seus vezinhos, que se occupassem em outra empresa, nē se verá em todas as suas guerras, que começassem nenhũa fora de Italia, antes de a ter toda debaixo da sua obediencia, & que não passarão a Grecia, senão despois q̄ algũs pouos da mesma prouincia os fauorescerão, nem passarão a Alemanha sem primeiro ter França; & assi nunca leuarão os seus exercitos por largas jornadas às terras dos inimigos, pois sempre tinham terras amigas onde se amparar, & guarecer quando lhe fosse necessario. E assi quando a guerra se aja de fazer em terras apartadas, sempre se procurará ter nellas algum amparo aos reueses, que podem succeder, ou ajuda quando for necessaria, & não sendo assi senão fará. Mas pode acontecer, que nem seja muy distante, nem confine com a propria terra aquella onde se ha de leuar o exercito, que he a terceira cousa das apontadas nesta consideração: & metendose algũa prouincia em meyo, por onde de força se aja de passar, he necessario que seja de amigos. E assi quando Lucio Scipião passou em Asia, contra Antiocho, difficultosamente conseguiu o seu intento, se (como diz Appiano Alexandrino) não fora recebido amiguelmente de Philippo Rey de Macedonia, porque auia de leuar o exercito pelas suas terras, & quando Cambisses Rey de Persia queria passar a Egypto lhe disserão, que não podia fazer a empresa daquelle reyno, senão tinha a amizade del Rey de Arabia, por cujas terras auia de passar, & assi a procurou, & lhe foy de muito effeito, como tãbem ao Duque d'Alua, darlhe o de Saboya passo pelas suas terras para conduzir o exercito a Flandes, negandolho el Rey de França, a quem se tinha pedido. E não tendo a amizade das terras por onde se passa, conuem ganhar o passo por força, com o que

*App. A  
le. de bel.  
Antio.*

*Hero. l. 3*

que

que se ficão fazendo duas guerras, & ganhando dous inimigos, sendo o segúdo peor, pois impede o primeiro disenho, & acrescenta as forças do inimigo, com enfraquecer as nossas. E por isso

*Tit. Liu. D.3. l.1.* so Annibal quando hia contra Italia procurou ganhar as vontades dos Gallos, auendo de passar por Gallia, & até não entrar em Italia não quis nũa combatter, nem com os capitães Romanos, entendédo que não conuinha consumir a força do seu exercito antes de chegar á causa principal da guerra; & assi tendo defronte quando auia de passar o Rodano Gneo Scipião cõ o exercito dos Romanos foy vadear o rio por outra parte, & por differente caminho seguiu a via de Italia. Polo que até não chegar ao fim principal da guerra não se deue combatter com outro algum inimigo, em quanto se puder escusar, ainda que se

*Plu. in di. 74 Ser.* compre o passo por dinheiro, como fez Sertorio em Espanha, que sendo, por hum rijo temporal, detido em hús passos estreitos, comprou aos Espanhoes o passo dandolhe o dinheiro com q̄ se cõtentáto. Mas se a terra he deshabitada, & seca, he cousa muito difficultosa levar o exercito por ella, como experimétou

*Hero l.3.* Cábisses Rey de Persia, quando passou a Ethyopia, q̄ caminhando por terra esteril, & deshabitada chegou a tal extremo de fome o seu exercito, que se querião dezimar os soldados, para se sustentar daquelles em quem cayste a sorte. E não em menos perigo se viu Marco Antonio, quando se retiraua da terra dos Parthos, perdendo muita gente por respeito da fome. E assi he cousa esta de muita consideração, & sem muita causa, & sem muita diligencia, senão deue levar o exercito por semelhantes terras: mas com bom cuidado poderá este danno ter remedio, como se verá na terceira consideração em que se ha de tratar dos bastimétos. E se he ilha a terra aonde se ha de fazer a guerra, como foy a q̄ Cesar fez a Inglaterra, & a de Marcello em Cicilia, sendo cousas tão differentes, a guerra da terra, & a do mar, só em somma se dirá o partido, que nella se deue seguir; porque (como ja se disse) não se tratará nesta Arte mais, que do que conuê para hũa guerra terrestre se fazer com a perfeição necessaria. Nesta guerra se considerará, se o poder que a ilha tem está no mar, como ordinariamente acontece, ou se tendo fracas arma-

das, pretende defender a terra, deixando o mar liure aos inimigos. Se té o seu poder nos nauios, & armadas he empresa mais difficultosa aos q̄ habitádo sempre a terra firme poucas vezes, ou nũa se embarcão, & assi o mostrou Pittaco Mitileno a Cresso, querendo fazer guerra às ilhas do mar Ionio; porque perguntandolhe Cresso, que nouas auia, respondeo, que os habitadores das ilhas Ionias tinhão cóprado grande copia de cauалlos, dizendo que lhe querião vir fazer guerra em Lydia: ao q̄ Cresso disse, ò prouesse a Deos, que assi o fizessem os Insulanos, & q̄ os achassemos na nossa terra a cauалlo, ao q̄ replicou Pittaco; terás grandes esperanças de vittoria, achando na sella os marinheiros? mas que queres tu, que esperem elles achando os cauалleiros nas nauios? senão fazer a vingança de todos os Gregos, q̄ na terra firme tens sugeirado? & assi não só Cresso com este parecer deixou a guerra que intentaua, mas fez amizade, & liga com todos os Ionios. Com cuja autoridade bem se pode affirmar quão perigosa seja esta guerra, a quem não estiuer prouido de praticos marinheiros, & bastantes armadas; porque em quanto não for senhor do mar, não poderá selo da ilha que pretende conquistar; porque quando por algum caso, que possa acontecer se ponha, sem combatter no mar, o exercito em terra, como se poderá sustentar nella, não tendo quem o prouija de bastimentos, munições, & cousas necessarias? pois sendo o inimigo superior no mar sempre impedirá todas as cousas, que por elle vicrem em fauor dos seus inimigos. E não podendo ser prouidos polo mar, & tirandolhe a cõmodidade dos bastimentos da terra, sem batalha poderão ser desbaratados; & assi por faltar a Cesar armada capaz de poder combatter com a de Pompeyo, se veyo a necessitar tanto das cousas necessarias para a cõ-

*Hero. l.1.*

*In cõmẽ. Cesar l.3.*

*Tit. Liu. D.3. l.4.*

publica, marinheiros, né dinheiro, cóq pagar osq auia mister, obrigou os particulares, a q prouesses delles a armada, dando hū cada pessoa, q tinha de 50. mil, até cē mil assis de fazēda. E no successo de Nicias capitaō dos Atheniēses em Cicilia, se vè bē claro o dāno, que sendo inferiores no mar, recebē os exercitos forasteiros que nas ilhas fazem guerra; porque tanto que a sua armada foy rota dos Siracusanos, entrou taō grande terror no exercito de terra, q ainda q no dia em q perderāo a jornada do mar, ficaram com a vittoria em terra, se não atreuerāo a estar mais em Cicilia, & querendose ir foraō todos vituperosamente degollados. E assi quem ouuer de fazer guerra a ilha que tenha pujātes armadas, & seja senhora do mar, quando senāo dissuadir da empresa, como Cresso, procure fazer armada, que em nauios, & marinheiros seja tal, que a possaō os inimigos temer, pois em quāto no mar os não vencer, ou ao menos não tiuer iguais forças não poderā ganhar a terra. Mas para hūa armada ser qual conuē, para pelejar cō inimigos costumados a cōbatter, e viuer no mar, como são quasi todos os islenhos, he necessario não sō copia de nauios, & soldados, mas q os nauios sejam governados de praticos marinheiros, e prouidos de destrissimos bōbardeiros & q os soldados sejam costumados por largo vso aos perigos do mar, porq não sendo assifizará inutil todo o apercebimēto q se fizer, o q bē entēdo Pericles quādo governaua Athenas; porq fazia todos os annos nauegar 60. galēs armadas, para q os Atheniēses se exercitasē nas cousas do mar. E tão necessario he este exercicio; q não sō se ha de cōtinuar na gēte q nūca entrou no mar, mas ainda os q o cursaō se hāo de fazer exercitar, para q cō o ocio não venhão a ser tais como aquelles q menos entendē das cousas do mar. E por isso Scipiāo quādo esteue em Carthago de Espanha fazia de cōtinuo exercitar a sua armada. E assi antes q se intēte esta guerra se farāo exercitar os marinheiros, & soldados muito tēpo, & principalmente os bombardeiros; por que nas armadas deste tēpo elles podē ser causa de se alcançar grandes vittorias nauaes. E não se entenda que todo o q sabe disparar hūa peça he bōbardeiro; porque para o ser bom té necessidade d'outras muitas cousas, de que agora senāo tratta por

não

não serem deste lugar, mas na terceira parte se trattarāo algūas pertencentes ao officio de bombardeiro, onde se verā o que neste lugar pode seruir. E quem os tiuer como conuem, & bastante armada, com praticos marinheiros, & destros soldados, bem poderā fazer a empresa considerando o tempo, que nas cousas do mar he de muita força, não sō o vniuersal curso do anno, tēdo por mais seguro o nauegar no verão, que no inuerno: mas as monções q costuma auer na parte aonde se ha de nauegar, que soem ser muy diferentes, & entendellas he de muita importancia, como nestes tempos se tem experimentado. E concluindo esta consideração quem quiser fazer guerra a algūa ilha poderosa nas armadas do mar, ha de procurar auentajallas, ou igualallas, entendendo, que em quanto o não fizer serā em vão tudo o que intentar. E se a ilha não tiuer poder no mar, & procurar defender a terra, impedindo a desembarcação, não deixa de ter tambem algūas difficuldades; porque pode ser cercada de altas rochas, com poucos lugares em que desembarcar, & esses bem fortificados, & cō bōs presidios, sendo assi sempre serā negocio arriscado, pois he muito diferente querer do mar ganhar a terra, que defendella estando nella, que os q desembarcāo hāo de sair desordenados, & com a pressa do desembarcar, mal tratados das ondas, & muitos com as cordas, & poluora molhadas, & os que estāo em terra aguardāo seguros na sua ordem; & se tiuerem hūa trincheira diante, bē se vè quāo a seu saluo poderāo ferir. Em tal caso serāo de effeito os estratagemas, & os trattos com a gente da terra, das quais cousas o capitāo vfarā como a occasiāo lhe offerecer? Mas se a ilha tiuer muitos lugares em q se possa desembarcar, não podendo todos ser guardados serā mais facil a desembarcação, pois não poderāo a todas as partes acudir, & em quāto guardaré hūa se poderá desembarcar na outra: procurando sempre desembarcar cō o menos risco possivel; porq os principios q succedē bē sempre, no animo dos soldados, pronosticāo prosperos fins. E a primeira empresa, despois de tomar terra, serā procurar porto capaz para a armada, e seguro para a prouisiāo dos bastimētos; como Scipiāo

Appia.  
Alex. de  
bel. Part.

Ff 2

ganhar

ganhar Vtica, cōmodissimo porto para a sua armada, & seguro deposito para as suas munições, & mantimentos. Com o apontado se tem satisfeito à primeira consideração: mas se raras vezes (como diz Herodoto) succedē cousas gloriosas aos homēs, que todas considerão, & que difficultosamente se aventuraō a novas empresas, ás vezes os homēs animosos, leuados com pouca consideração do desejo de gloria, emprendem com manifesto perigo difficultas empresas, polo que será proueitoso, para saber, despois de estar nelle o partido que se deue seguir, apōtar os erros que algūs capitães fizeraō, os quais seruirão de auiso, para não cayr nos mesmos, sendo certo (como diz Polibio) que ninguem duuida que se fação muitos erros pola fraqueza, & ignorancia dos capitães, dos quais se liurarã em parte, quem considerar o que aqui se escreuer; pois poderã fazer dos alheos successos hũa segura experiencia, & muito proueitosa; pois (como diz Aristotelis) a experiencia das cousas particulares he arte, & conhescimento das vniuersaes: & esta experiencia não sō nos successos proprios se pode tomar, mas també nos alheos, pois (como diz Plinio) he suaue cousa tomar a experiencia no erro alheo. E assi não sō são experimentados aquelles por quem passaō os successos, senão os que considerão os que outros tiverão. E por isto se viraō muitos homēs, que sem experiencia algũa, ou muy pouca de proprios successos, obrarão cousas tão maravilhosas, como os mais experimentados nelles, de que he clarissimo exemplo Scipião o mayor Africano, que sem nunca auer sido capitão, governou a guerra de Espanha felicissimamente, experimentando no successo de seu pay, & tio mortos nella, como se auia de governar; porque cōsiderando que elles se perderão por combatter com os exercitos dos Carthaginezes juntos, determinou rompelos, antes que se juntassem, como fez. E disto seruirã o que se escreuer dos erros de algūs capitães, porque não todos podem nos seus proprios casos ser experimentados, nem hum homem pode experimentar tudo.

\*\*\*  
\*

DIF-

**D I F F E R E N T E S P A R T I D O S E M Q U E S E M O S T R A M E R R O S ,**  
E aduertencias de algūs capitães.



**L G V N S** Capitães que celebrã os antigos escriptores, & ficaram como exemplares da militar virtude, fizeraō algūs erros, & se encontraraō em muitas cousas no processo das suas guerras; polo que he conueniente dizer neste lugar as cousas em que mais differem, & os erros que algūs fizeraō, para que se veja, que todos aquelles que com prudencia se governa-

raō, ellegendo o melhor partido, acabaraō felicemente, o que prudentemente intentaraō. E por isso disse Fabio Maximo, que o bom capitão auia de ter em pouca conta a fortuna, & q̃ a prudencia auia de fazer todas as cousas. Mas ainda que sem prudencia nenhũa cousa se acerta; pois (como diz Cicero) não pode ser alegre a vida a que faltar prudēcia, muitas se alcançaraō a caso, ou (como vulgarmente se diz) por fortuna, como aquelle pintor q̃ não podendo pintar a escuma do cauallo atirado cō hũa espōja à tauoa aonde aqueria pintar, se nenhũ trabalho lhe sayo tão perfeita, q̃ não podia ser mais. Mas tão indignamēte são louuados os q̃ deste modo acabaō as suas cousas, como dignamēte merecē todos os lououres aquelles q̃ guiando se por razaō, chegaō cō prospero successo as suas obras ao desejado fim. E assi diz Herodoto, q̃ que toma ruim cōselho, ainda q̃ o successo seja bõ merece ser vituperado. E por isso os Carthaginezes não cōdena uão aos capitães q̃ perdiaō a batalha, senão àquelles, q̃ ainda q̃ venceessem, imprudētamente se governa uão. Mas se bêha muitos, q̃ fazendo todas as cousas guiadas pola justa razaō, lhe succedē cōtrarios fins, do q̃ o bõ discurso dos homēs promettia, & outros q̃ fazendo todas as cousas a caso, & cō pouca considera-

Ff 3      ção

ção tem prospero, & felice successo, com tudo mais ordinariamente vemos, que succedem bem as cousas prudentemente governadas, que aquellas que se fazem com pouca consideração, fiandose (segundo o nosso modo de fallar) na boa fortuna. Mas como as cousas, q̄ se fazem cõ hum certo, & prudentissimo conselho (como diz Polibio) não podem ser conhecidas de todos, julgão que succedem a caso. Isto se pode considerar em Cesar, & Pompeyo, porque governando Cesar todas as suas cousas cõ hum prudentissimo conselho, todas foraõ attribuidas à sua boa fortuna, & Pompeyo q̄ sò por fortuna alcançou os felices successos que teve, he de muitos homẽs summamente celebrado. E porque estes dous capitães foraõ os primeiros que se fizeraõ guerra polo imperio do mundo, serà bem começar por elles o que se propos tratar neste lugar, dos partidos differentes, que algũs capitães ellegeraõ, mostrando juntamente a fortuna, ou boa forte de Pompeyo, & a prudencia de Cesar, no que se veraõ tambem algũas aduertencias dignas de consideração. E começando pelas cousas da republica, nellas foy Pompeyo taõ venturoso que não ouue Romano que tanto o fosse, nem se podia esperar tanto de hũa republica taõ liure como aquella. Porque governandoa como tyrãno era amado, & obedecido como hũ justissimo principe. E que elle a governasse como tyranno se proua com algũs lugares de Valerio Maximo, donde diz que tẽdo Pompeyo atada em hũa perna hũa faxa, ou liga branca, lhe disse Fauonio não importa que tenhas mais nesta, que em outra parte do corpo a diadema. E porque a diadema era insignia real, & era brãca quiz Fauonio mostrar nestas palavras que era absoluto senhor da republica, que he o mesmo que chamarlhe tyranno; porque nas republicas era tyranno o que absolutamente governaua. Isto quis dizer tambem Difilo representando; por que chegando a hum verso da tragedia, que dizia. *Miseria nostra Magnus est.* A nossa miseria; & calamidade he o magno, & que rẽdo inferir isto de Pompeyo, porque lhe chamauã o Magno, assenou para elle. O mesmo disse Gneo Lentulo, queixandose ao pouo da grandeza de Pompeyo, porque respondendo o pouo, ao que elle dizia, com hum grande grito, disse gritay rijo em quanto

Pol. l. 10

V. Ma  
xi. l. 6, c. 2

Idem.

Idem.

quanto vos he licito, porq̄ antes de muito tẽpo não podẽeis abrir a boca sem vosso danno. E assi o mostrou a ferida de Cato Uticense dada pola sacção de Pompeyo, por defender a liberdade da republica. E com tudo isto o amaua tanto o pouo, q̄ diz Plutarcho, que nunca o pouo Romano amou a ninguem cõ taõ desatinado amor como a Pompeyo. E assi diz elle que a Pompeyo se derã sò por fauor do pouo todas as honras, & dignidades que Silla ganhãra com as armas. Pompeyo foy antes de soldado Emperador, como lhe chamou Silla quando em Italia se encontrãraõ, & elle mesmo, perguntandolhe os seniores se tinha comprido os annos da milicia, conforme à obrigação dos caualleiros, disse que si, & perguntandolhe de baixo de que capitãõ, respondeo, que de si mesmo, & no seu exercito. E a Cesar foy isto taõ differente que despois de muitos annos de soldado, & gẽral lhe quis o senado tirar o enuelhecido exercito nas guerras de França, deixando a Pompeyo o seu com que nenhũa empresa digna de gloria fizera, como se apontarã. E descendo aos particulares feitos de cada hum muito claramente se conhece rã a fortuna de Pompeyo, & o valor, & prudencia de Cesar, por que na empresa de Espanha foy Pompeyo desbaratado por Sertorio, & fugindõ (como diz Plutarcho) quando menos se esperava se saluou, o que a Cesar nunca aconteceu, mas muitas vezes, sò com o seu valor, desbaratou grandes, & poderosos exercitos, pondose diante dos seus que friamẽre combattiaõ, como fez em Espanha, & França. Cuidaua Pompeyo indo a socorrer hũa terra de Espanha, q̄ Sertorio tinha cercada, q̄ o tomava em meyo, porq̄ Sertorio deixando os alojamentos se chegou mais à terra, mas achouse preso no mesmo laço, porque não vio que Sertorio estaua em hum lugar muy auentajado, & que lhe ficauã nos alojamentos soldados bastantes para o accommeterem pelas costas, & assi zombou delle Sertorio, dizendo que ensinaria aquelle discipulo de Silla. Differente o fez Cesar, que tendo cercado Alessua cidade de França, vindo cento, & sessenta mil homẽs a socorrerella, tomãdoõ em meyo os do socorro, & os cercados, ouue se com tal valor, & prudencia, que desbaratou os do socorro, & ganhou a terra. E considerando a guerra de Asia,

Plu. in vit  
ta Ces.

Plu. in vi  
ta Põp.

Idem.

Idẽ in vi  
ta Ces.

Plu. in vi  
ta Põp.

Cõm. Ces.  
de bel. Ga  
li. l. 2.

Plu. in vi  
ta Serr.

Cõm. Ces.  
de bel. Ga  
li. l. 7.



*Plu. in vita Luc.* verſcha que foy Pompeyo a ella ( como diz Plutarcho ) ſucceſſor de Lucullo no triumpho, mas naõ na guerra, porque ja naõ auia com quem pelear, tendo Lucullo desbaratado a Myrtrides muitas vezes, & ja naõ tinha exercito, ne Tigranes, a que o meſmo Lucullo tinha vencido. E aſſi em chegando Pompeyo a Aſia tudo ſe lhe rendeo, & o filho de Tigranes ſe lhe veyo humilhar, deueno iſſo a Lucullo, que o vencera, & naõ a Põpoy, que a mãos lauadas vinha colher o fruto, que outrem cõ o ſeu trabalho madurara. E por iſſo diſſe bem Lucullo, que Pompeyo fora a Aſia cõquistar os ſimulacros, & a ſombra da guerra ( por que era coſtumado ) como os abuitres, que voaõ depreſſa aos corpos que outrem tem morto, a ſe refazer ſobre as reliquias da guerra. E aſſi o fez na dos eſcrauos, & gladiatores, que ſendo por Crasso desbaratados, mattando vinte, & dous mil, cinco mil que ſe ſaluaõ foraõ dar nas mãos de Pompeyo que vinha entaõ de Eſpanha, & mattou a todos, & gloriãdoſe deſpois que elle acabara a guerra alcançou mais gloria que Crasso. Comparando agora as empresas, que Ceſar acabou felicemente, verſcha com quanta mais virtude, que fortuna as chegou a glorioſo fim, ſofrendo intoleraucis trabalhos nas duriffimas guerras, ſugeitãdo feroziſſimas nações, que naõ ſõ ſe lhe naõ renderaõ, mas vencendoos ſe lhe tornauã logo a rebellar. E aſſi parece que outro animo que naõ fora o ſeu inuenciuel, naõ pudera ſofrer a larga continuação de taõ perigoſas guerras, as quais elle acabou ſugeitando gentes ja mais domadas: O que Plutarcho bé claro mostra na vida de Pompeyo, dizendo que contendiaõ Scipiaõ Spentheres, & Domicio ſobre o pontificado de Ceſar, como que contra elles militaſſe Tigranes Rey de Armenia, ou o Rey dos Nabatheos, & naõ Ceſar, com aquellas gentes cõ as quais elle auia ganhado mil cidades por força, e ſugeitado mais de trezentas nações; ſendo inuito nas batalhas contra os Gallos, & Germanos, o qual tinha feito mais jornadas do que ſe podia dizer, & ſeguindo os inimigos, prendera hũ milhaõ de peſſoas, & mattara em batalha cem mil. Conſidereſe agora que batalhas deu Pompeyo, que inimigos por força ſugeitou, & que exercitos venceo, & verſcha a differença que ha de hum ao outro.

tro. E comparando a guerra que ambos tiueraõ, em toda ella ſe verã hũ ſingular prudencia de Ceſar, & cem mil erros, & inaduertencias de Pompeyo; & como elles neſta eſtãuaõ actualmente competindo com o exercicio do capitãdo, ſobre a ſenhoria do mundo, bem ſe mostra, que quem aqui na virtude de perfeito capitaõ ſe auentajar, ſerã nella ſuperior ao outro, & aquelle que tiuer mais fauores da fortuna, ſe deue crer que ſempre foy della mais fauorecido. Mas parece que ſe pode prouar iſto pola parte de Ceſar, ſendo elle o que venceo, dando cõ eſta vittoria principio ao imperio, que ainda oje cõ o ſeu nome ſe perpetua: mas vëdo iſto agora ao reues ſe ficarã entendêdo o q̄ diz Plutarcho, q̄ a fortuna naõ pode mudar em contrario hũ verdadeira virtude, eſtabelecida com razaõ, & o q̄ fez em fauor de Pompeyo, para mudar em contrario a militar virtude de Ceſar, coſtumada a vencer, ſe vë bem claro, em como o ſenado ſeguio a Pompeyo, deſamparando a patria, parecêdo a todos taõ mau cõſelho, que diz Plutarcho, que Cicero vituperaua ſeguir elle antes o conſelho de Themistocles, que o de Pericles; E Dionifio Caſſio diz, que deſamparando a patria trocou em infamia a gloria que tinha ganhado nas guerras que fizera às nações de quem neſta de Ceſar ſe queria amparar, & com tudo Cicero, & todos, com muita promptidaõ o ſeguiraõ. E que elle erraſſe em deſamparar Roma deixando Italia liurementemente em poder de Ceſar he couſa clara. Porque eſtando todo o poder dos Romanos ſõ em Roma, & Italia; pois ſõ cõ ella ſe fizeraõ ſenhores do mundo, claro eſtã que deixandoa liure ao inimigo ſe lhe acrescentaua tanto poder que ſe ficaua difficultando muito mais a empreſa, pois ao inimigo ſe ha de diminuir o poder, & naõ acrescentar. Podeſe reſponder a iſto, que Themistocles deſamparou Athenas, quando Xerxes vinha ſobr'ella, & que aſſi ſaluou a patria; mas Themistocles fez bem, & elle mal; porque Themistocles com deixar Athenas a Xerxes, naõ lhe acrescentaua poder, pois lhe ficaua ſõ hũ cidade deſamparada, ſem couſa algũã que lhe pudette ſer de proueito; & naõ ſendo elle poderoſo para a defender, ſem a companhia dos outros Gregos, antes por acompanhar a liga a auia de deixar, pois eſtaua aſſentado, que o exercito

*Plut. in vita. Sert.*

*Idẽ in vita Põp. Dio. Caſ. hiſ. Rom. li. 41.*

*Hero. l. 7, Plu. in vita Them.*

**Heró. l. 7** cito de terra defendesse o Isthmo, & a armada do mar não a podia defender do exercito de terra: & se elle se recolhia em Athenas com todas as suas forças era Grecia perdida; porque indese cada hum a defender a sua terra, nenhũa poderia fazer resistencia ao poder de Xerxes, como no conselho de Salamina se tratou. **Idem:** Antes de samparandoa acrescentou o seu poder; porq̃ poz muita mais gente na armada, que foy a que lhe deu a vittoria, & aquelles, que na patria serião de parecer, que a entregassem, pola não verem destruida, quando a não pudessem defender, de samparandoa auião de pelejar, por tornarem a ella. E Xerxes ainda que tomasse Athenas não por isso era senhor de Grecia, nem se auia de ficar nella. Tudo isto era ao contrario em Pompeyo; porque em largar Roma daua Italia a Cesar, & assi o fazia mais poderoso, & para defender Italia bastaua defender Roma; pois Italia sempre auia de obedecer mais ao senado, que a Cesar, & ao menos impedia, que toda se lhe não desse tão facilmente, & elle só por si podia defender Roma, & ao menos sustentar, até ter socorro. E Themistocles temia hum inimigo capital de toda Grecia, hum dissipador do nome Grego: cujas crueldades podião, com o temor dellas, fazer que os Athenienses pelas fugir se lhe quisessem mais entregar, que a venturar se ao que vêcidos padecerião. O que em Roma era diferente, porque Cesar era seu natural, & ainda nella tinha parentes, & amigos, & não procuraua destruilla, senão q̃ se lhe não tirassem as dignidades, que merecia, & nella queria gozar, & poderia com elle mais o amor da patria, para sem a offender a deixar, que a paixão da sua **Tit. Liu. D. l. 7.** offensa (como diz Tito Lúvio) que fizerão os Romanos, que desterrados da patria, por ordem dos consules, que pretendião diminuir a força do pouo, vierão sobr' ella, que pondo o campo junto aos muros, com animos obstinadissimos, quando virão os seus naturais sair da cidade, mouidos de piedade, & amor de puserão as atmas, pedindo que senão fallasse mais naquella rebellião. Não estaua Cesar mais endurecido, nem era menos affabil, & respeitiuo, que Marcio Coriolano, que tendo cercada Roma sua patria, donde fora desterrado, mouido polos rogos das matronas, & polo respeito de sua mãy, leuantou o cerco;

co; pois em Pharsalia se mostrou bem clara a sua clemencia, para os cidadães Romanos, gritando aos seus quádo seguiaõ a victoria, *Parcite ciuibus.* E por isso com razão se espantaua Cicero de seguir Pompeyo neste caso o conselho de Themistocles antes que o de Pericles; porque vindo os Lacedemonios, & outros povos de Grecia sobre Athenas, Pericles a não quis nunca desamparar, tendo muitos que lho persuadiaõ; porque se os inimigos a entrãõ sempre serião senhores della, estando na sua propria prouincia, polo q̃ não queriaõ destruylla, senão sugcitalla. E assi fez mal Pompeyo em desamparar os muros de Roma, quando esses podiaõ ser a sua defensa. Donde se aduertirà, que no caso de Themistocles se desampare a cidade, & no de Pompeyo não. E aqui se vê bem claro que o successo foy conforme a prudencia com que se ellegeo o partido. E assi Cesar não só deixou Roma lhe vitõpera, mas desamparar Brindes, sendo hũa cidade de fortissima, com muito bom porto, estando senhor do mar, & aonde lhe podiaõ vir os socorros, com muita cômodidade. Diferente prudencia foy a de Cesar, no principio da sua guerra; por que sabendo quanta força tem os improvistos, & não esperados accommetimentos, confiando se mais na pressa, & diligencia sua tão marauilhosa, com só cinco mil infantes, & dous mil cavalllos passou o rio Rubicon, que era o limite da sua prouincia; de sorte que a não esperada vinda perturbou a Pompeyo tanto, que tendo muita mais gente fugio, tão imprudentemente, que não sabia de que fugia, que he outro notavel erro, não saber a gente do inimigo, & o caminho q̃ faz; ainda não só do inimigo descoberto se haõ de espiar os passos por onde caminha, mas dos que se podem temer os pensamentos; como fizeraõ os Carthaginezes mandando Amilcar ao campo de Alexandre, como fugitiuo, para que inuestigasse se tinha pensamẽto de passar em Africa. E assi a esta imprudencia succedeo o danno, & a diligente prudencia de Cesar o proueito; pois co ella deitou Pompeyo de toda Italia. Mas teue polo contrario Pompeyo tanta vettura, que indo fugindo desta sorte não só (como ja se disse) o seguiaõ os senadores, posto que entendiaõ o ruim partido que ellegera, mas toda Asia, & os reys della, com promptissimo animo vierão

*Appi. li. 2. de bel. Cui.*

*Plu. in vi. ta Peric.*

*Plu. in vi. ta Põp.*

*Appia. Alex. de bel. Cui. l. 2.*

*Idem:*

*Just. l. 21*

rão obedientes aos seus mandados, sommeterse no seu exercito debaixo do seu imperio, aos trabalhos da guerra, & assi lhe chamou Ennio Barbo Agamenon Rey de muitos reys. E có toda esta gente, & com ser senhor do mar, & de todos os bastimêtos da terra, não soube vencer Cesar, com só o seu pobre exercito, morto de fome, & cansado da larga continuação dos trabalhos da guerra. E tendoo rotto em Duraso por ignorância, ellegendo o peor partido (como diz Appiano Alexandrino) não desbaratou de todo a Cesar, que disse entãõ aos seus, que aquelle dia tinhaõ os inimigos a vittoria se tiueraõ capitão que soubera vencer. Pois a vltima vittoria de Pharsalia que a deu a Cesar senãõ a pouca prudência de Põpeyo: pois tendo elle de todas as cousas muita abundancia, & Cesar de todas muita falta, ellegeo antes o partido de lhe dar a batalha que vencello com a fome, como facilmente pudera. E assi tendo elle todas as occasiões oppor-  
*Plu. in vi*  
*za Tõp.*  
*Appi. de*  
*bel. Cini.*  
*l. 2.*  
*Plut. in*  
*vit. Caf.*  
*Plu. in vi*  
*za Tõp.*  
*Idē in vit*  
*za Ara.*  
 tunas para vencer não se soube, com o conselho aprouciar dellas. E a prouidencia diuina, que he a verdadeira fortuna, offerece as occasiões, mas o nosso liure aluedrio, q̄ Deos não quis fugeitar a cousa algũa, né a si mesmo, de poder ordenado, ha de escolher, polo q̄ succedem as cousas segundo a sua elleição, como a Pompeyo, que tendo muito boas occasiões não se sabendo aprouciar dellas foy vencido. Mas podese dizer, que na batalha de Pharsalia não teue elle culpa; porque forçado dos amigos a deu: & esta he a mayor ignorancia de todas; porque em cousa de tanta importancia não se auia de governar por persuasões, senãõ por aprouada razão. E assi diz bem Plutarcho neste lugar, vituperando governarse Pompeyo polo que aos seus parecia, que não era cousa para hũ piloto de hũa não, quãto mais para hum general de tanta autoridade, & que louuando elle os medicos, que não satisfazião ja mais as vontades dos outros, elle satisfez aos capitães, pouço experimentados do seu exercito. Não fez assi o prudente Arato, que nem as injurias dos inimigos, nem as persuasões, q̄ os amigos lhe fazião, puderão acabar có elle que combatesse có Agides Rey de Lacedemonia, senãõ quando lhe pareceo, que era tempo conueniente, para o desbaratar, como fez. Se Pompeyo tiuera esta prudencia desbaratara a Cesar;

a Cesar, mas em ser desbaratado por elle se mostra que sempre fora mais venturoso, & Cesar mais governado por boa razão; porque sendo as cousas do mundo taõ varias, como todos vemos, não podia durar muito em hum mesmo sera felicidade de Pompeyo. E por isso Amasis Rey de Egypto, sabendo que Polycrates tinha alcançado prosperamente algũas vittorias, lhe escreueo que folgaua muito de ver a hum amigo, & confederado seu com prosperas fortunas, mas que taõ grande prosperidade não lhe contentaua, porque conhecia quãõ enuejosa natureza era a da fortuna. Polo que tendo Pompeyo alcançado todas as prosperidades, que lhe podia o mundo dar, chegando ao mais alto cume dellas de força auia de cayr, como quem caminha, que chegando ao alto cume d'algum monte, se quer passar adiante, não pode sem descer. E assi não tẽdo Pompeyo mais que sobir de força auia de tornar a descer. Mas Cesar, como se governaua com razão, que era o porque Annibal temia a Fabio Maximo, não pode a fortuna mudar os seus bons conselhos, porque sobre esses não tem ella poder. Donde Cesar, pola sua prudencia, alcançou justamente a vittoria, & justamente a perdeu Pompeyo, pola pouca com que se governou. E se dos successos de Cesar não fora causa a sua prudencia, tiueraõ todos o fim, que teue o intentõ de passar de Duraso a Brindes, pois hũa só vez que se fiou na fortuna persuadindo ao barqueiro q̄ contrastasse a força dos ventos, & das ondas, se vio em manifesto perigo não lhe consentindo a tempestade o fim de seu intento. Mas ainda que quiser chamar a Pompeyo mal afortunado, poderã allegar a sua morte aos olhos de todos miseravel, e lastimosa, parecendo que quẽ morria taõ miseravelmẽte deuia ser pouco vêturoso. O q̄ he muito ao reuez; porque hũa das cousas em q̄ mais se vio a sua boa fortuna foy a sua morte; porq̄ auendo elle de descer em miserias, como em prosperidades sobira, perdẽdo a vida ficaua liure dellas. E por isso contando Tito Liuius as prosperidades d'Alexãdre Magno, tẽ pola mayor de todas morrer no meyo dellas, porq̄ viuẽdo não podia deixar de prouar o contrario. E assi taõ venturoso foy Põpeyo em perder a vida no principio de suas infelicidades, como Alexãdre em lhe succeder

*Hero. l. 3.*

*Tit. Liuius*  
*D. 3 l. 24*

*Dio, Caf.*  
*his. Rom.*  
*li. 41. de*  
*bel. Cini.*

*Tit. Liuius*  
*D. 1. l. 9.*

a morte no meyo de suas felicidades, antes bẽ considerado mais venturoso foy elle; porque Alexandre podia ainda sentir o que deixaua, mas Pompeyo que ja na vida não tinha senão misérias, & defaunturas, recebeu grande beneficio em a perder, como disse Socrates estando condenado á morte; porque ( como refere Xenophonte) vendo que hũs amigos seus chorauão o estado em que o viaõ lhes disse: deueis vos outros chorar a minha morte quando eu esperasse gozar algũs bẽs na vida, mas agora que as misérias me começaõ a perseguir me parece, que vos deueis todos alegrar comigo, como de auer alcançado algũa felicidade. E assi perder a vida a quem nella não té senão misérias, & trabalhos he grande felicidade; pois ( como diz Sallustio) a morte he fim, & descãso de todos os trabalhos. E assi diz Plinio, que a mayor consolação da imperfeita natureza do homem he esta, que nem Deos pode todas as cousas; porque não se pode matar a si mesmo, quando quisesse, o que foy concedido aos homẽs por hũa grande consolação nos trabalhos desta vida. E sendo assi tambem nisto se vio a boa fortuna de Pompeyo, que não tendo elle animo para mörren peleijando, nem para se matar, como Catão, a quem os amigos estoruuão a morte; achou quem lha desse, & não morreo pola mão de algum seu escravo, como muitos fizeraõ, nem pelas suas proprias, como Catão, mas matou o hum capitão dos melhores de Egypto, que sem lho elle pedir lhe concedeo o que Cratesidea pedia aos ministros de Ptholomeo, leuandoa a onde a auiaõ de matar, com outras Lacedemonias: a qual pedia que lhe tirassem a vida primeiro que a hũs sobrinhos seus mininos, que com ella à mesma pena forão condenados, porque elle morreo sò, deixando viuos a molher, & filhos, como remate das suas prosperidades: às quais como se vé do que está ditto subio a caso, & por hũa certa, & diuina prouidécia, & Cesar em todas as suas acções mostrou hũ grande valor, & hũa militar prudécia, & virtude de perfeito capitaõ. E recolhendo os erros de hum, & prudécia de outro, no caso de Põpeyo, não se desampararã a patria, como fez Pericles, & no de Themistocles serã acertado deixalla. E quando o inimigo se puder vencer sem batalha, não se darã, & nunca se

Xenoph.  
in Apol.  
Socra.

Sal. de cõ  
in. Cate.  
Plin. l. 2.  
ca. 7.

App. A  
le. de bel.  
Cini. l. 2  
Plat. in  
vit. Cleo.

ca se fugira do inimigo sem se saber o poder que tem, & quando fauorecer a occasiã não se ha de deixar de seguir, sendo estas as cousas que com os erros de Pompeyo se manifestão: & a prudencia de Cesar nos ensina, que determinada a empresa se não deue dilatar a execução della, & que ao inimigo que se retira, para se refazer se ha de seguir apertando o até o consumir, & que a batalha se procure, como elle fazia em Pharsalia, quando sem ella se teme ser vencido.

São dous claros exemplos da militar disciplina Scipiã, & Annibal, os quais ambos combatteão hum contra o outro, ficando Scipiã com a vittoria, da qual se mostrarã a causa apontando a razã, porque hum a perdeu, & outro a ganhou. No tempo em que Annibal combatteo com os Romanos em Italia nenhuma cousa mais temia, que o vagar, & aduertencia com que Fabio Maximo continuaua a guerra, & governandoa os consules que lhe succederão, com a mesma prudencia, & vagar esteve Annibal quasi determinado de se retirar a Gallia; & entendeu, que se a guerra duraua muito daquelle medo, que não tinha outro remedio. E a razã porque Fabio assi se governaua era a com que ja Gayo Sulpicio, sendo Dittador, entretinha a guerra dos Gallos, contra os quais em Italia combatua: entendo que estando elles longe das suas terras, & combattendo nas dos Romanos, quanto mais se entretinhão mais cousas lhe hião faltando, & assi se enfraqueciã mais, quanto mais a guerra se dilataua. Considerando Annibal esta razã, & vendo ja por experiencia a proua della, deuia peleijando na sua terra fazer o mesmo, procurando ir pouco a pouco enfraquecendo o inimigo, & não aventurar tudo em hũa só jornada, pondo no successo della a liberdade da patria como fez; porque sendo chamado de Cathago para a defender de Scipiã, q̃ em Africa estava cõ o exercito, em poucos dias de pois de chegado deu a batalha, em q̃ foy vécido, de cujo erro parece, que senão pode desculpar, pois elle mesmo se condena cõ o danno, q̃ elle disse receber do vagaroso, & prudẽte proceder de Fabio, & se elle em Italia aprouaua este cõselho, por q̃ Fabio defendia a sua patria, quando cõbattia em Africa, pola defenõa de Carthago, o mesmo

Tit. Liv.  
D 3. li. 2.  
Idẽ D. 1.  
67.

Appia.  
Alex de  
bel. Pun.

deuia seguir; pois alé de ser melhor partido, elle o tinha appro- uado, & deixando a ordem da batalha, & o sitio em que a deu; porque não são deste lugar, bem se vê que o imprudente partido foy a principal caua de se perder; & Scipião prudentemê- te aceitou dar a batalha, antes a deuia procurar, pois além da occasião, & sitio em que a deu serem muito em seu fauor, assi como a Annibal estaua mal dalla, auenturando toda a causa da guerra só naquelle successo, a Scipião conuinha pelear, para acabar aquella empresa, pois quando elle perdesse aquella ba- talha, perdia só aquelle exercito, & quando a ganhasse, ficaua senhor de toda Africa: & mais sabendo quanto melhor pelei- jáo os soldados que vão a ganhar, que os que não esperão, quã- do muito mais que sustentar aquillo que ja possuem, com ra- zão deuia procurar dar a batalha, & assi como o seu partido foy o mais prudête, assi ficou com a vittoria: pois em a saber seguir o mesmo Annibal confessaua quanto melhor partido seguio Scipião; porque vencendo Annibal a batalha de Cannas, não soube seguir a vittoria, indo combatter Roma, desprouida de quem a defendesse, & temerosa de tantas rotas como delle ti- nha recebido. O q̄ conheceo quando se vio fora de Italia, arre- pendendose, & queixando se de si mesmo, porq̄ não fora sobre Roma, tanto q̄ alcançou a victoria de Cannas; & assi entendêdo Paulo Emilio, como prudente capitão, q̄ deuia de ir Annibal lo- go sobre Roma, disse, estando morrendo, despois da rota a Cor- nelio Lentulo, q̄ auisasse ao senado q̄ fortificasse Roma, q̄ Anni- bal seria logo sobre ella. Mas o prudente Scipião em desbara- tando Annibal, antes que se pudesse refazer com nouas forças moueo o exercito contra Carthago, cõ o q̄ deu fim àquella guer- ra. Donde se vê, q̄ Annibal errou em não seguir a victoria como Pópeyo, & q̄ Scipião seguindoa como fez Cesar, até deitar Pó- peyo de Italia, de todo ficou victorioso. O outro erro q̄ fez Anni- bal foi rõper cõ as forças todas em cápal batalha cõ Scipião, não seguindo o cõselho de Fabio q̄ elle em Italia aprouaua (como es- tá ditto) de q̄ se tirará, q̄ na propria terra se ha de dilatar a guer- ra, & na do inimigo procurar acaballa cõ a breuidade possivel. Antiocho q̄ foy hum dos poderosos reys, q̄ com os Romanos

tiuerão

tiuerão guerra, foy desbaratado, por dous erros que fez. O pri- meiro foy não seguir o conselho de Annibal: o qual era que si- zesse guerra aos Romanos em Italia, não aguardando que pas- sassem em Asia; & o outro não defender o passo de Lysimachia, ou guardar o Helesponto; para que não entrassem em Asia po- dendo fazer com facilidade, por serem passos accommodados para se poderem defender: porque deixando entrar os inimi- gos liuremente nos limites das tuas terras, sem achar defen- sa nos passos, que com muito trabalho lhes conuinha ganhar, es- taua certo que auiaõ de desprezar os outros perigos: pois pas- saraõ sem elle os lugares que mais temiaõ; deixandohe tam- bem a commodidade de se poderem aproueitar dos bastimen- tos, de que muito temiaõ os Romanos a falta. E assi diz Tito Liuius, que quando chegaraõ a Lysimachia, & a viraõ tão pro- uida de todas as cousas necessarias, que se alegraraõ grande- mente, & que vendo despois liure o passo do Helesponto, que cobraõ grandissimo animo, achando mantimentos quando temiaõ a falta delles, & passo liure quando cuidauaõ ser mui- to bem defendido. E assi quando os embaixadores de Antio- cho vieraõ tratar das pazes, não podendo alcançar nada de Lucio Scipião, que era o Consul foraõ se secretamente ter cõ P. Scipião, que era legado de seu irmão, pedindolhe quisesse fauorecer a Antiocho, no negocio das pazes, a que elle respon- deo, que era necessario, que guardassem Lysimachia, porque elles não entrassem no Chersoneso, ou conuinha oppor se no Helesponto, porque não passassem em Asia, se elles auiaõ de pedir a paz a pessoas que temessem, & estivessem duvidosas do fim da guerra: mas que auendoos deixado passar em Asia, & tendo recebido, não só o freo, mas o jugo, que era o que lhes fi- caua, para disputar mais da razão, q̄ cada hũ tinha, para tratar da igualdade, sendo ja necessario obedecer ao que lhe manda- ssem? Com o que bé se mostra, que a causa da sua ruina foy os er- ros apontados: deixar passar em Asia os inimigos, não lhe defen- dêdo os lugares q̄ podia defender, cõ pouco trabalho. O mesmo erro fez Perseo, não defendêdo o passo de Gõfis, podêdo facil- mête fazer: o q̄ diz Tito Liuius, q̄ o fez ser desprezado dos Roma- nos,

Gg 3

nos,

Appia:  
Alex. de  
bel. Ant.

Tit. Liui.  
D. 4. l. 7.

Idem.

Tit. Liui.  
D. 5. l. 2.

nos, por entenderem, que não soubera conhecer a ventaje do sitio. E assi se tira da aduertencia destes erros, que se haõ de defender os confins dos reynos, naõ deixado entrar liuremẽte os inimigos na propria terra, porq̃ depois de ter o exercito deõtro nella, he naõ sò soffrer o freo, mas o jugo, como dizia Scipião.

Passando Dario contra os Scitas se ouuera de perder, seguindo *Hero. l. 4.* do seu conselho, & polo de Choes, & pola fé dos Ionios se saluou; porque naõ se podendo passar o Histro senaõ por ponte, & fazenda para conduzir o exercito à terra dos Scitas, mandaua que em passando se desfizesse, aõ que se lhe oppos Choes dizẽdo, que se lhe succedia bem teria trabalho em a tornar a fazer, & se mal naõ se poderia saluar, naõ tendo por onde tornar a passar, & aceitando o conselho deixou boa guarda na ponte, & dando hũa correa aos que ficauaõ chea de nõs, mandou que cada dia desfizessem hum, & acabando se todos desfizessem a põte: mas tendo melhor conselho, os que tinhaõ isto a seu cargo, ainda que se lhe acabaraõ os nõs naõ vindo elle dahi a muitos dias, naõ quiferaõ nunca desfazer a ponte. E succedendolhe tudo ao reues do que cuidaua, foylhe forçado retirar se, naõ tendo ja com que sustentar o seu exercito. E chegando os Scitas, que o seguiaõ por diuerso caminho, primeiro que elle à ponte, q̃ deixara no Histro, aconselhauaõ aos principes de Ionia, que aguardaõ que a desfizessem, & liurassem a Ionia da sujeiçaõ de Dario; mas Hysteo senhor de Mileto, naõ quis consentir que a ponte se desfizesse, & por enganar os Scitas fez soltar algũs barcos sobre que ella estaua da parte de Scithia, com o que os Scitas, confiados que a desfariaõ, se tornaraõ a buscar Dario, & errando, tambem, o caminho que elle trazia, chegou ao Histro antes que elles o encontraõ, & achando a ponte feita passou com o exercito a saluamento: o que naõ pudera fazer se a põte se desfizera, & perecera sem nenhum remedio. Dõde se conheceraõ os dous erros que fez, & a prudencia, & fê de quem lhos estorou. O primeiro erro foy querer se priuar de retirada, vnico remedio aos reueses, que na guerra ordinariamente succedem. E assi leuando Scipião o menor Africano, o exercito contra Numancia, por hum caminho comprido, tendo outro breue, aconselhou.

*Appia. Alex de bel. Esp.*

selhan-

selhandolhe, que fosse polo mais curto, respondeo, que elle cuidaua no modo em que se auia de tornar. O segundo foy limitar tempo nas cousas da guerra, sendo algũas vezes necessario entretella, & outras apressalla, & o capitaõ prudente, naõ sò ha de imaginar os prosperos successos, senaõ os contrarios. E assi diz *Hero. l. 7.* Herodoto, que sapientissimo he aquelle capitaõ, que consultando a empresa teme tudo o que lhe pode acontecer.

Fez Antiocho guerra aos Parthos: na qual os desbaratou muitas vezes em batalhas campais, & lhes tirou o reyno de Soria, & cõtinuando na mesma empresa naõ tendo ainda de todo vencido os inimigos, nem taõ enfraquecidos, que lhe faltassem forças, para o poder offender, & continuar a guerra, como atẽ entaõ fizeraõ mandou no inuerno alojar o exercito em diuersos lugares, diuidindoo todo em pequenas partes separadas hũas das outras, conforme à distancia dos lugares, onde cada hũa alojaua. Sabendo os Parthos esta diuisaõ do seu campo, & forma de alojamento accommettendoo, antes que o seu exercito se pudesse ajuntar o desbarataraõ, & perdeu por este erro em hũa hora tudo o que em muitos dias ganhara: que esta he a condiçaõ dos erros da guerra, fazer mais danno, o erro de hũa hora sò, q̃ proueito a prudencia de muitos dias. E assi se mostra neste erro de Antiocho, que senaõ deue confiar tanto nos prosperos successos, que se diuidaõ as forças, em quanto os inimigos tem as suas inteiras; porque acontecerá a quem o fizer, o que a Antiocho, & a Cresso, que polo mesmo erro o desbaratou Cyro: porque fazendolhe elle guerra no seu reyno de Persia, quando veyo o inuerno em que se auia de alojar, retirouse às suas terras no reyno de Lydia, & despedio muita parte da gente; mas Cyro que estaua com o seu exercito inteiro, naõ quis aguardar, que elle tornasse ajuntar o que tinha despedido, & entrando em Lydia o desbaratou. No que Cresso fez dous erros, que foraõ dar lugar a Cyro, que lhe viesse fazer guerra no seu reyno de Lydia, & desfarmar se tendo o inimigo em campanha, como fez Antiocho; pois diuidir o seu exercito, quando o inimigo tem o seu jũto, o mesmo he que desfarmar se, porq̃ hũa, & outra cousa enfraquece as forças, cousa taõ danosa, como nos exemplos se vê.

*Hero. l. 1.*

**Pol. l. 8.** Diz Polibio, que merecem vituperados aquelles, que ignorantemente se metem em poder de seus inimigos; & com paixão aquelles que em quanto podem fazem todas as cousas prudentemente. No que se vé que de dous modos podem acontecer os successos infelices, ou por ignorancia de que nelles caye, ou por outros respeitoes que não estão na mão de quem prudentemente se governa. E assi errão todos os homẽs, ou por culpa sua, ou por outras causas, q̃ a errar os obrigue, não sendo mais na sua mão (se estes se podem chamar erros). Dos que por culpa da imprudencia se fizerão se têm ja mostrado algũs exemplos. E agora se mostrarã como infelice successo de Cleomenes, que podem a muitos capitães acontecer algũs, em que elles não tenham culpa. E he muito necessario saber se quais são, para que se conheça, que não he hum bõ capitão obrigado a mais, que a fazer tudo prudentemente, porque se fazendo assi lhe succeder mal a empresa que intentar, quando lhe não dê gloria, não seja vituperado, nem lhe falem com a diuida compaixão da sua fortuna. E parece, a quem não considera as cousas, julgando sò os successos dellas, & não o modo com que são feitas, que perde reputação o capitão que não vence, como se o vencer estivesse na sua mão, não conhecendo que não merecemos louvor das cousas q̃ não obramos. E assi não estando o vencer na mão do capitão, não pôde a vittoria ser cousa sua, & não sendo sua, não merece por ella louvor, mas mereceloha quando se governar com prudencia, porque a prudencia cõ o engenho são cousas próprias suas: polo que sendo estas só as que se hão de louvar, & não os successos, não sã merecerã louvor o capitão que pola sua prudencia alcançar a vittoria, mas aquelle que prudentemente se governar, ainda que o successo seja contrario. Donde posto que Cleomenes teve tão infelice successo, como se verá, não desmerece ser contado entre os valerosos capitães do seu tempo: como não perderã esta opiniaõ aquelle que prudentemente se governar, ainda que a vittoria por outros respeitoes fique com os inimigos, como aconteceu a Cleomenes: o qual

*Plat. in* sendo Rey de Sparta fez algũas empresas felicissimamente, mas *Vir. Cleo.* no ultimo, faltandolhe o dinheiro para sustentar o exercito, temendo

mendo q̃ o desamparassem os soldados, sendo inferior a Antigonon lhe deu a batalha, constringido da necessidade, mas ainda assi fez quanto pode, & quanto da sua parte como bom capitão era obrigado; & tão q̃ teve nella hũa aduertência muy digna de estar na memoria dos homẽs; & foy q̃ olhando de hum lugar alto, a gẽte de Antigonon, conheceo q̃ lhe faltauão certas bandeiras dos Illiricos, & Acarnanos, polo que entendeu que se devia temer de algũa cilada, & assi mãdou a Damoteles, q̃ fosse reconhecer os contornos, & descobrisse se auia algũa cilada dos inimigos, o qual estaua sobornado por Antigonon, & não fez a diligência como lhe era mãdado; polo que sayrão os mesmos de q̃ se temia da emboscada, & forão a principal causa de ser roto. O qual como se vé não por culpa sua teve o infelice successo da quella batalha, q̃ foy causa da sua ruina, por q̃ não podẽdo defender Sparta, nẽ querẽdo entregar-se a Antigonon foyse a el rey de Egypto, q̃ lhe tinha promettido fauor, & quando queria effectuar a promessa morreo, ficando o reyno a seu filho, q̃ não só negou a Cleomenes o socorro, mas não lhe dãdo licença para se tornar a Sparta o prẽdeo, aonde ainda Cleomenes fez quanto pode por se salvar, & não podẽdo se matou elle mesmo, aonde (como diz Polibio) he digno de cõpaixão, & assi o serão todos aquelles, q̃ obrãdo as cousas prudentemente, & valerosamente tiuerẽ infelices successos, pois nelles não té elles parte. E assi diz Cassiano q̃ ha homẽs tão bẽ afortunados, q̃ fazẽdo todas as cousas ignorantemente, lhe succedẽ prosperas; & outros de tão pouca vettura, q̃ fazendo todas as cousas prudentemente lhe succedẽ ao reues: & o mesmo mostra Polibio dizendo, q̃ a muitos, q̃ todas as suas empresas governã por razão, acontece q̃ são sugitados daquelles q̃ apressadamẽte passaõ pelas cousas q̃ a todos os homẽs parecẽ arzoadas, e justas. Polo q̃ não serã louuados os capitães q̃ imprudentemente se governarẽ ainda que vençã, nẽ vituperados, os q̃ não errando forẽ vencidos; que he mais digno de compaixão o prudente affligido, que de louvor o ignorante leuantado. E assi concluindo com isto os erros dos capitães, & partidos q̃ ellegerã, se tratarã do que pertence à segunda consideração, das tres apontadas, que se hão de fazer antes da guerra.

SEGUNDA CONSIDERAÇÃO DO EXERCITO QUE Se ha de levantar.

Veg. li. 2. ca. 1.



Idē li. 3. ca. 1.

Elian. de de nom. & ordi. mil.

Veg. li. 2. ca. 1.

DIFFININDO Vegetio o exercito, que he o de que nesta segunda consideração se ha de tratar, diz, que dos effeitos, & obras do exercicio tomou o nome; para que os homens pola sua significação não esquecessem o exercitar-se: & em outro lugar que o exercito não he outra cousa, que hũa multidão de legiões, confederados, & canalleiros, para exercitar a guerra. E Elia-

no diz, que a multidão daquelles q̄ se ajuntão para fazer guerra, parte combatte, & parte não. Mas ajuntando estas opiniões se dirã, que exercito he hũa multidão de gente armada, & de armada, que ordenadamente se governa fazendo guerra em campanha: & assi todo consta de tres partes, gente, armas, & ordē.

E Vegetio referindo hum certo exordio do poeta Latino diz, q̄ nos homēs, & nas armas consiste a Arte Militar: no que se mostraõ as tres partes, que contē o exercito (como está ditto) pois a Arte he a que ensina as ordēs com que a guerra se ha de governar. E assi se diuidirá esta segunda consideração em tres partes, a primeira do numero da gente, a segunda das armas com que se ha de armar, & a terceira da ordem com que politicamente se governarã, para estabelecer com bõs costumes hum animo disposto a soffrer os trabalhos da guerra, pois da que dispõe as batalhas, na forma que conuem, largamente se trata em toda esta Arte. Para se elleger o numero do exercito, com que se ha de fazer a guerra se deve primeiro considerar o inimigo com que se ha de combatter, porque conforme às suas forças se devem regular as que para defender delle, ou offendello seraõ necessarias. Isto mostraõ as perguntas que Alexandre fazia aos embai-

embaixadores de Persia, porque vindo elles a Philippo seu pay, *Plu. in vi* disenhando elle ja no seu animo a empresa de Persia, ou adevi- *ca Ale.* nhãdo o felice successo daquella guerra, não cessava de lhes perguntar, que caminho, & terras se passavaõ para entrar na Asia superior, como el rey procedia contra os inimigos, & que forças, & potencia, fosse a dos Persas: nas quais perguntas consiste o fundamento desta consideração, de uendo de começar polo poder, forças, armas, & prudencia do inimigo, para conforme a ellas se saber com que gente, com que armas, & com que prudēcia se deve fazer a guerra. Como o prudente, & douto medico, que para sarar o doente, antes de começar a applicar os remedios, procura primeiro conhecer a força da enfermidade, & cõforme a ella vay applicando os remedios que a medicina lhe ensina, para vencer o contrario humor. O mesmo fazia Annibal, *Tit. Liv.* que indo contra os Romanos que tinhaõ o campo junto de A- *D. 3. l. 2.* re so, cõ summa diligencia, procurava saber a natureza dos consules, o sitio da terra, & o caminho que avia de seguir, & a calidade da gente. E assi deste modo se conhecerã a força do inimigo, & conhecida se ellegerã o exercito, & armas conueniētes, para opprimir o contrario poder, que mal saberã o capitaõ se ha mister dez, vinte, ou trinta mil soldados, senão tiuer primeiro clara noticia dos inimigos contra quem ha de combatter, & assi precedendo o conhecimento delles se tratarã do numero do exercito, que he a primeira parte desta consideração.

Que seja necessário tratar do numero do exercito claramente o mostraõ os Romanos, que tendõ ja grandissimas rotas de *Tit. Liv.* Annibal, quãdo ellegerã a quarta vez Consul Fabio Maximo, *D. 3. l. 4.* consultaraõ no senado o numero dos exercitos, q̄ aquelle anno aviaõ de continuar a guerra, & parecendo-lhe que conuinha levantar mais seis legiões o fizeraõ, estando a republica em tanto aperto, que foy necessario, que os particulares dessem a sua custa os marinheiros para a armada de Cicilia. Mas cõsultãdo-se *Idem* como aqui se diz que fez o Senado de Roma, do numero do exercito, pode aver contrarios pareceres, querendo hũs que seja copiosissimo, & outros que não, contentãdo-se cõ hum exercito mediocre: & não deixa hũa, & outra opiniaõ de ter suas difficuldades



ficuldades polo que para se resolverem, se apontarão os inconvenientes d'ambas. Contra os grandes exercitos he boa razão a

*Hero. l. 7.* q̄ deu Artabano a Xerxes, porque olhando Xerxes em Albico de hum monte o numeroso exercito, & armada que cobria o mar do Helesponto, perguntava a Artabano, que lhe parecia do successo daquella guerra, se estava ainda com o temor que em Persia mostrara: a que respondeo, vejote dous grandes inimigos que são a terra, & o mar, porque não ha porto em todo elle capaz de tão grande armada, quando alguma fortuna lhe sobrevenha, & deves entender, que os homés estão sujeitos aos seus reuezes, & a terra creio que te he inimiga; porque indo de hũa em outra regiaõ, quando alcanças a vittoria seras vencido da fome; com cujas palauras mostra hũ grande defeito dos copiosos exercitos; pois não averá mantimentos que lhe bastem, nem fontes que lhes dem agoa, antes os rios lhes faltaraõ muitas vezes, com a corrente, como aconteceu ao de Xerxes, segundo Herodoto. E por isso Lucullo prometteo aos seus soldados que sem baralha alcançaria vittoria de Mythridates; porque tendo Mythridates hum exercito de 300000. homens, conheceo a difficuldade com que o sustentaria, & assi succedeo; porque vencido da fome se retirou. E hum exercito demasiadamente numerozo, não pode ser bem regido. E assi diz Aristotelis, que a grande multidaõ não pode receber ordem. E em grande multidaõ de gente ha de aver necessariamente mais differenças, principalmente nos exercitos, onde não podem ser todos os soldados de hũa nação. E esta he hũa das cousas, que todos os escriptores mais gabaõ a Annibal, não aver em exercito de tão varias gentes como o seu, de ordem, nem differença alguma. E gabando muito Appiano Alexandrino a Viriato diz, que elle alcançou o que he muito difficil, & até então não alcançado facilmente d'outro capitão, que o seu exercito composto de todas as nações, perseverou sem fazer nenhũ motim oytto annos continuos, que foy o tempo da sua guerra. E como sem concordia senão pode conseruar alguma companhia de gente, bem se vê quaõ afortunado vay a se perder hũ exercito onde a discordia se teme. E (como diz Plataõ) todo o excesso se soye converter no seu con-

seu contrario, & que isto acontece nos tempos, nas arvores, & principalmente na republica. E assi a republica demasiadamente grande virá a ser muito pequena, dividindose eo a sua potencia, como aconteceu à Romana. E do mesmo modo o exercito, que he hũa republica militar, se for grande, com excesso, em si mesmo se virá a diminuir, ou pelas discordias dos soldados, ou por falta de mantimentos, ou por outros accidentes, de que o excesso he causa. E tem tambem o defeito, que Annibal notou ao exercito de P. Scipião, quando combatteo com elle em Italia, que animando os seus soldados à batalha disse, que o exercito de Scipião era de bisonhos, que não conheciao o capitão, nem o capitão a elles; pois he impossivel, que em hum exercito demasiadamente grande sejam todos os soldados conhecidos, que he grandissimo defeito; porque não saberá o general aquelles de que mais conuem ficar os particulares cargos, & facções da guerra. E assi diz Aristotelis, que para julgar conforme a justiça, & ordenar os officios, conforme a dignidade he necessario, que os cidadãos se conheçaõ entre si. E isto he mais necessario no exercito; porque qualquer official manda a todos os soldados, & sendo o exercito numerozo muitos não serão conhecidos, & assi serão mal obedecidos, de que graue danno se receberá; pois sem obediencia não se poderá governar hum exercito. E não he menor defeito não poderem ser em grande multidaõ todos escolhidos, cousa de grandissimo inconveniente, porque os que forem indignos da milicia por sua couardia, & más partes, podem arriscar, fugindo o exercito, como succedeo aos Romanos, que foram vencidos por el Rey Perseo, junto ao rio Penco; porque no conselho, que juntaraõ depois da rotta, todos affirmaraõ, que os Etoles foram os primeiros que comecaraõ a temer, & a fugir, & que depois os seguirão todos os mais Gregos. E por isso diz Philo, que senão deuem admitir na milicia os couardes; porque não venhaõ a seguir os companheiros o exeplo da sua couardia. E porque em grande multidaõ não pode deixar de aver muitos couardes; pois não podem todos ser escolhidos he muito perigoso o exercito grande. E assi diz Diogenes Laercio, que he melhor fazer guerra com

ra com poucos, & bons, contra muitos, & ruins, que com muitos ruins, contra poucos bons. Isto entenderão os Carthagineses, quando Scipião passou em Africa, dizendo, que o seu exercito, feito da multidão do pouo, não se podia comparar com o dos Romanos, de soldados escolhidos. E chegando a combatter o grande exercito nunca acha lugar comodo, onde bem ordenado o possa fazer, & se os que combattem na frente vem a ser rotos, retirandose desordenado os outros, ou atemorizados de ver fugir os seus, se põe em fugida, & hũa, & outra cousa se mostra em hũa batalha que Sylla deu a Archelao, capitão de Mythridates; porque não sendo o lugar capaz do grande exercito de Archelao, desbaratando Sylla, com o seu piqueno a frente dos inimigos, pondose os que estavam nella, em fugida fizeraõ fugir todos os outros, parte desordenando, & parte atemorizando, com a sua fugida. E assi acõse lhaua Parmeno a Alexandre, q̄ aguardasse Dario na cidade Isso, junto à qual estava alojado, porq̄ aquelle lugar era estreito, & não cõsentia cõbatter nelle grãde exercito, como era o de Dario: ao qual aconselharaõ o contrario, dizendolhe, que leuasse o exercito aos campos de Mesopotamia, ou o diuidisse. He tambem grandissimo inconueniente o da ordem, com que haõ de marchar, deueno por força ser muy prolongada polo que difficulosamente sendo accommettido se poderã ordenar na forma que conuem. E assi o experimentaraõ os Lusitanos, que tendo saqueado grande parte de Espanha, retirandose em ordem prolongada por serem muitos, foraõ com pouca gente por Scipião filho de Gneo desbaratados. E no passar dos rios padecem tambem grande descommodidade, gastando muito tempo em se conduzir da outra parte, & sendo accommettidos neste meyo tempo não se poderaõ hũs aos outros ajudar, estando diuididos.

No exercito pequeno he grande incõueniente o temor, q̄ os poucos teraõ de ir contra muitos, como se mostra cõbattendo Camillo cõtra os Latinos, & outros pouos, que cõ elles se ajuntaraõ, que sendo os inimigos muitos diziaõ os Romanos, que não podiaõ combatter tendo cem inimigos para cada hum.

E assi

E assi não parecendo a Pyrrho, que tinha bastante gente para combatter com os Romanos na primeira batalha que tiueraõ em Italia, não queria chegar a dalla, sem primeiro ter consigo a gente que aguardaua dos confederados. He tambem de muita consideração o animo que os inimigos cobrataõ, vendo a pouca gente que lhes ha de resistir, como mostraõ as palauras de Tygranes, quando vio os poucos soldados do pequeno exercito de Lucullo, dizendo, que para embaixadores era numero bastante, mas que para soldados eraõ poucos, & sempre os poucos vaõ mais arriscados a perder, que a ganhar. Mas se bem se considerar veremos exercitos muito sem comparação, mais pequenos, que aquelles com quem combattem, serem vencedores muitas mais vezes, do que os grandes deraõ fim às suas empresas conforme a reputação com que as começauaõ. O que bem mostraõ os Crotonenses, que desbaratando os doze mil Locrenses, tendo elles hum exercito de cem mil soldados, venceraõ despois com pouca gente Dionisio. E assi o exercito do primeiro Dario, com seiscentos mil soldados, foy desbaratado em Marathona polos Athenienses com onze mil. Mas parece que tambem nestes successos ha algum particular misterio, que sempre se reparte de sorte a guerra, que os poucos soldados tem melhor capitaõ; porque se se juntarem o valor dos soldados, o copioso numero, & o prudente capitaõ, quem duuida, que não façaõ cousas marauilhosas? E assi, porque ajuntandose estas cousas todas se poderã mal defender hum exercito muito menor de numero, serã a conclusaõ deste argumento, que nem o exercito seja taõ grande, que tenha os defeitos apontados, nem taõ pequeno, que não pareça capaz da empresa, que com elle se intenta. E assi o mostra Annibal, que despois de fazer guerra aos Romanos dezaseis annos em Italia, querendo tornar a ella, não pedia a Antiocho o grande exercito com que elle baixara dos Alpes, mas hum de dezaseis mil infantes, & mil cauallos accommodado à guerra que auia de fazer. E assi tratando Plataõ do tamanho da republica, diz, que se guarde este preceito, que não seja, nem grande, nem pequena, mas hũa, & sufficiente. E na republica

Hh 2 tambem

Tit. Liu. D.3. l.9.

Appia. Alex. de bel. Mit.

Qu. Cur. l.3.

Idem.

Tit. Liu. D.4. l.5.

Tit. Liu. D.1. l.6.

Plut. in vit. Pir.

Appia. Alex. de bel. Mit.

Just. l.20.

Idem li.2.

Appia. de bel. Ant.

Plat. Rep. li.4.

## Primeira parte,

tambem se confidèraõ as mesmas cousas que no exercito, que são a ordem do seu governo, o seu sustento, & a sua força. E a força da republica não consiste na multidaõ senão na sufficiencia; porque (como diz Aristotelis) para se dizer, que a cidade he grã de se ha de olhar a potencia, & não o numero dos habitadores: & assi a potencia do exercito não consiste na multidaõ dos soldados, senão no numero sufficiente. Polo que o exercito, que se levantar serà accommodado, para cômodamente combatter, alojar, & ser provido de bastimentos. E para se acertar este numero não serà o capitaõ como hum certo rey de Lacedemonia: do qual Plutarcho conta, que dizia, que os Espartanos não perguntavaõ quantos eraõ os inimigos, senão a dõde estavaõ; por que saberá quantos são, & conforme a elles ellegerá hum exercito commodo, & capaz da empresa, antes de menos soldados, & bons, que de muitos, & ruins, que os bõs sempre são muitos. E assi diz Dionisio Halicarnasio, que não alcançaõ as vittorias aquelles que são superiores de numero, mas os que se auentajaõ na virtude. Mas pode se duuidar ainda, & não com pouca razãõ, que numero he este sufficiente, porque todo o numero que vence se pode dizer, que he sufficiente para combatter com o que venceo. E assi pois os Locrenses véceraõ com doze mil homẽs aos Crotonenses tendo cem mil, como se disse, numero sufficiente serãõ os doze mil, para combatter com cem mil, & vencendo os Athenienses, com onze mil soldados, seiscentos mil de Dario, tambem serãõ os onze mil suficientes, para combatter com seiscentos mil. Não se hãõ de julgar as cousas polõs successos, que Deos por sua diuina prouidencia permite, contra a opiniãõ dos homens: mas deixando o successo à disposiçaõ da sua prouidencia, deuem os homens prudentes governar todas as suas obras com a melhor razãõ, que segundo o juizo humano pode auer. Veja se agora o que assi o fizer se irá accometter cem mil homens com doze mil? Não se pode crer que o faça o que for prudente senão obrigado da necessidade. E assi diz Polibio, que a Scipiãõ parecia cousa de doudos, & temeraria, que aquelles que esperavaõ socorro dos amigos, dessem sem elles a batalha; no que fica a proua mais clara,

clara, pois não só parece que prohibe accommetter com pouco numero o muito mayor, mas que se procure sempre a crescentallo. E assi quando elle fazia guerra em Espanha contra Magon, & Asdrubal entendendo que tinhaõ junto hum grande exercito, & que o seu era pequeno, mandou fazer gente nas terras dos amigos, & não lhe quis nunca dar batalha, sem primeiro ter a ajuda dos confederados. E assi os homẽs que se gouernaõ por razãõ, não hãõ de gouernar as empresas segundo os successos, & se os Athenienses em Marathona (como está ditto) deraõ batalha cõ onze mil, a seiscentos mil, foy, porque não tinhaõ outro remedio, polo que forçados da necessidade de combatterãõ, & fauorecendo Deos a sua justiça alcançãõ hũa taõ celebrada vittoria. E a mesma razãõ tiueraõ os Locrenses; pois (como refere Iustino) a desesperaçãõ os fez peleijar taõ valerosamente; porq̃ vendo o pouco numero dos seus, & o muito dos inimigos, tendo por certa a morte, quiserãõ vingala, cõ mattar os mais inimigos que pudessem; & assi desesperar de remedio, lho deu: & bẽ se proua quaõ grande erro serà accõmetter tantos soldados, com taõ poucos, pois a razãõ de alcançar a vittoria he desesperar della. E assi não são estes numeros pequenos capazes de combatter com aquelles grandes; mas sello ha aquelle q̃ se elleger, considerando prudentemente o poder dos inimigos, o exercicio que tem da disciplina militar, & a continuaçaõ da guerra: porque ainda q̃ o inimigo tenha excessiuo numero de soldados, se esses forem imbelles, pequeno exercito serà necessario levantar contra elle; & as conquistas das Indias Orientais, & Occidentais o mostraõ bem claro; pois tantas vezes com muy pequenos exercitos se venceo grande multidaõ de inimigos. E auendose de levantar o exercito (como está ditto) precedendo as considerações referidas, regulandose polo poder dos inimigos, & polo proprio não se pode dar numero certo senão tendo presente a occasiãõ; porque como podẽ ser varias, varios serãõ os exercitos, que se deuem elleger. Mas considerando os exercitos que os antigos, com bom discurso, nas suas empresas vsaraõ se mostrarã mais algũa clareza do que na occasiãõ se ellegerã.

*Vege. l. 3. ca. 1.* Vegecio diz, que os antigos, os quais com a experiencia alcançaraõ os remedios das difficuldades, não estimaraõ tão os grandes exercitos, como os bem doutrinados. E que julgaraõ q̄ húa sô legião com mais dez mil infantes, & dous mil cavallo era sufficiente numero, contra os meãos poderes, & que estes exercitos se dauaõ não aos grandes capitães, mas aos pretores, & mancebos: & que se o exercito inimigo fosse mayor mandauaõ contra elle hum consul, com vinte mil infantes, & quatro mil cavallo. Mas que se infinita multidão de ferozissimas gentes se riuesse rebellado, constringidos da necessidade mandauaõ dous capitães com dous exercitos que vinhaõ a fazer, conforme ao que no mesmo capitulo se vê, corenta mil infantes, & oito mil cavallo com dous consules. E assi sendo este o mayor exercito, o meão era de vinte mil infantes, & quatro mil cavallo, & o pequeno de catorze mil infantes, & dous mil cavallo. E com estes exercitos conquistaraõ o mundo. E o exercito de corenta mil infantes, & oito mil cavallo he capaz para combatter contra qualquer grande numero, porque Alexandre elle geo para a guerra de Asia, onde tinha por inimigo Dario, com hum exercito de seiscentos mil soldados, hum de trinta, & quatro mil infantes, & quatro mil cavallo, segundo os que lhe fazem mayor numero, & os que menos dizem trinta mil infantes & cinco mil cavallo: mas hum, & outro numero differe pouco do que os Romanos em semelhantes empresas ellegião. E assi semelhante exercito he aptissimo, para qualquer grande empresa; porque para marchar com pouco impedimento, & para combatter escolhendo a comodidade do sitio he muito mais apto, que o demasiadamente copioso, como do apontado se vê, pois a descommodidade dos sitios, as difficuldades dos caminhos, a falta dos bastimentos, sendo de grande inconueniente ao exercito grande empedindoo, & enfraquecendoo, ficaõ acrescétando forças ao moderado; porque elle sempre acha sitio comodo para combatter, & alojar, & a aspereza dos caminhos empede o menos, & vay vnido, & polo consequente mais seguro, não teme a falta dos mantimentos, & sendo governado com prudencia, por respeito destas cousas pôde vir a vencer o inimigo, que

tuer

tuer excessiuo exercito. E assi diz Vegecio que Xerxes, Dario, *Vege. l. 3. ca. 1.* Mythridates, & outros reys, que ajuntaraõ grandes exercitos, se perderaõ vencidos mais da propria grandeza dos seus exercitos, que do valor dos inimigos. Mas com tudo quando os inimigos forem iguais em destreza, & governados de igual capitão, sempre se procurará igualar com o seu numero, quando se não puder auentajar. E assi o fizeraõ os Romanos na guerra Latina mandando dous consules com toda a gente que puderaõ, porque os Latinos tinhaõ a mesma disciplina militar que elles. Mas se o exercito inimigo for excessiuamente grande, como o *Tit. Liu. D. 1. l. 8.* de Xerxes, & Dario, não se leuantará outro igual a elles, para ganhar a ventaje que tem o exercito moderado, nos dannos que o grande receberá da sua grandeza. E quando a guerra pedir mayor exercito, procurese antes fazella de modo, que diuidindo o exercito em dous, ou tres, guiados por diuersas partes, façaõ o effeito que se pretende; porque sempre o exercito grande está arriscado a padecer grandes inconuenientes, & dannos. E também se ha de ter respeito à fertilidade, & abundancia da terra onde se ha de fazer a guerra, à calidade do sitio, se he montuoso, se plano, & a respeito disto se leuantará o exercito de mayor, ou menor numero; porque na terra falta de mantimentos, não se poderá sustentar grande exercito, & na terra montuosa, & aspera o pequeno receberá menos danno. E considerando estas cousas se poderá acertar o numero do exercito: mas também he necessario saber de que gente se ha de leuantar, o que agora se mostrará.

He de tanta importancia a elleição dos soldados, que nella consiste húa das principais cousas que daõ a esperanza da vitória; porque com ruins soldados não se pode esperar, nem confiar della quando forem bõs, & guiados por bom capitão. E por isso todos os homẽs que trattaraõ, ou da milicia, ou da conseruação da republica, que não pode ser sem soldados, fazê muito caso da elleição delles, como se vê em Vegecio na Politica d'Aristotelis, na republica de Plataõ, & no liuro de fortitudine de Philo, & em outros muitos. E assi se trattará agora da sua elleição; porque não conuem aceitar na milicia todos os homẽs

Hh 4

que

que querem ser soldados, como ordinariamente se faz, & deste erro succedem muitos na guerra. E por isso diz Philo que quando se ouerem de elleger os soldados, não conuem chamar todos os mancebos, mas que ha de auer excepção, por causas conuenientes. Trattando Vegecio desta elleição, & escolha diz, que a celeste região não só aproueita às forças do corpo, mas também á virtude do animo, & co este fundamento mostra os que são timidos, animosos, ou prudentes; dizendo que todos affirmão, que aquelles, que pola vizinhança do Sol são da sua quentura dessecados são prudentes no conselho, & sendo faltos de sangue, são polo consequente timidos no combatter, porq̄ mais teme ser ferido aquelle que té menos sangue; mas que os poucos Septentrionais que ficaõ longe do Sol são incõsiderados, & pola abundancia do sangue, se dispõe facilmente a qualquer guerra, polo que diz, que para fugir de hum, & d'outro extremo se ellejaõ os soldados noueis das temperadas regiões, os quais com a bastante copia de sangue igualmente desprezaõ as feridas, & a morte, & que não lhes pode faltar prudencia, com a qual guardaõ modestia no exercito, & aproueitaõ muito nos conselhos.

*Aristot. Poli. l. 7.* Aristotelis he da mesma opiniaõ, dando igualemte animo, & engenho aos que habitaõ a zona temperada, & aos da fria muito animo, & pouco engenho, & polo contrario aos habitadores da Asia. Mas quando seja assi, pudera seruir esta elleição ao imperio Romano, que de todas estas regiões podia o Senado, ou Emperador elleger soldados, & escolher os que Vegecio approua por melhores; porque os principes, ou republicas, que sãõ dominaõ os breues limites dos seus estados, não podem fazer esta elleição; pois dos seus subditos conuem que se siruaõ. E assi não se tratará aqui de elleger os soldados conforme as regiões, que habitarem, mas mostrarseha como em cada hũa se podem escolher os mais conuenientes, que em todas ha homẽs animosos, & couardes. E assi diz Plutarcho vencendo os Thebanos aos Lacedemonios, com muito menor numero que elles, sendo os Lacedemonios costumados a vencer todos os Gregos, que aquella vittoria ensinou aos Gregos, que não só o rio Eurota, & a terra, que está entre Babica, & Cnacion produz homẽs bellicosos, &

fos, & valentes, mas toda a outra terra, aonde as cousas mal feitas são vergonhosas, & aonde os mancebos voluntariamente se dispõem a todas as cousas honradas, dos quais he mais auorecida a infamia, que o perigo, porque estes são (diz elle) os que parecem fortes, & terribes aos inimigos. Donde não só os Septentrionais são animosos, nem só das temperadas regiões bõs soldados, mas em toda a parte que ouer homẽs que estimem a honra, & se corraõ de fazer cousas mal feitas se acharão bons soldados, sendo estes os que se haõ de buscar, & delles fazer o exercito. E assi querendo Socrates mostrar quais eraõ os melhores soldados conclue, que são os que amaõ a honra. Porque os que por natureza desprezaõ os perigos, são semelhantes aos animais irracionais; porque (como diz Aristotelis) o que não teme, he falta de razãõ, & o mesmo he ser falta de razãõ, que ser animal bruto. E por isso diz Philo que se não deuem aceitar na milicia todos os atreuidos, & logo adiante diz, que senaõ recebaõ aquelles que vem com hum desejo à guerra, como os famintos à comida, & como o appetite que o faminto té da comida, he commum com o dos animais irracionais, o homem, que deste modo se meter nos perigos, será semelhante aos brutos, & assi não se receberaõ na milicia senaõ os que por honra são animosos. E assi diz Xenophõte, que em nenhũa cousa se deue julgar Lycurgo por homem marauiloso senaõ em ordenar, que os Lacedemonios antepusessem hũa honrada morte, a hũa vida afrontosa. Porque estes sãõ os que na guerra fazem obras generosas. E assi disse Socrates no conuite de Xenophonte, louuãdo os Lacedemonios, que a fé, & valor de que elle os louua, procedia de não terẽ por Deos o defauergonhamento, senaõ a vergonha. E por isso diz Plutarcho, que lhe parece, que os antigos estimauaõ, que a fortaleza não fosse aquella que he falta de temor, mas de infamia, & de cousas vergonhosas; porque (diz elle) aquelles que temẽ as leys são animosos contra os inimigos, & aquelles que temem se diga mal delles, se metem sem nenhũ temor a todas as empresas difficeis, & perigosas. E isto proua bẽ o que muitas vezes ouui referir dos melhores capitães de nossos tépos, & approuar dos que alcancey, & he que raras vezes os bri-

*Xenoph. de fac. & dict. Soc. l. 3. Aristot. Eth. l. 3. Phil. de fortit.*

*Xenoph. de Repu. Lacc.*

*Xenoph. in conu.*

*Plu. in vi. ta Cleo.*

*Idem.*

## Primeira parte;

os brigosos são bons soldados. Polo que segundo esta opinião, & as mais razões apontadas, ellegerseão os soldados dos homens que mais honradamente viuerem, mais quietos, & obediētes às leys da sua patria; porque (como Epanimundas julgaua) *Plu. in vi* o sofrimento nas cousas ciuis, he grande parte de fortaleza, & *2a Pelop.* magnanimidade. Despois que Vegecio tratta da região de que *Vege. l. 1.* se deuem elleger os soldados diz, que se ellejão dos rusticos habitantes do campo, costumados ao trabalho, & a sofrer a cal- *ca. 3.* ma, & o frio, & não às delicias, & delicados banhos. Aristotelis *Aristot.* he da mesma opinião; porque diz elle, q̄ aquelle pouo he muito *Pol. l. 6.* bom, que consta de lauradores, & no segundo lugar de pastores, porque estes dous generos de gente são exercitados no trabalho dos corpos, & que por esta razão são de muito proueito nas expedições da guerra, & que podem estar ao ar, & que toda a outra multidão dos officiais he inutil, & dannosa. Mas ainda q̄ no tempo de Vegecio estes fossem os bons soldados, agora não o serão, porque então a agricultura era arte commum aos nobres, & plebeyos. E assi do arado (como diz Valerio Maximo: *Val. Ma* foy Attilio Colatino para a dittadura, & da dittadura tornou pa- *vil. 4. c. 4* ra o arado; E estando Lucio Quinto Cincinnato laurando hũa *Tit. Liu.* herdade sua, lhe vierão dizer da parte do senado, q̄ era elleito *D. 1. li. 3.* dittador. E tambem nenhum cidadão Romano podia fazer outra arte mais que a Militar, & de agricultura. Polo que se os nobres, & todos os Romanos se exercitauão na cultura do campo, não ha duuida em que estes exercitados nella serião melhores soldados, que os da mesma qualidade, criados em delicias; porq̄ na vergonha todos estauão igualmente; pois do arado vinhão aos supremos magistrados, & tinhão de ventaje o exercicio cõ que se fazião soffredores de trabalho. Mas agora que sã a gente rustica se exercita nos trabalhos da agricultura, não serão elles os melhores soldados, senão os das cidades, & villas costumados à vida politica; porque estão mais dispostos para ser gouernados, com mais facilidade, & ser mais obedientes, & temerão mais a vergonha dos erros, & couardias que fizerem, pois hão de tornar a habitar entre gente, que lhos pode reprobuar, q̄ não os que entre as mudas aruores hão de passar a solitaria vida. E *Dion. Ha* *li. 1. 2.* se os

se os que té vergonha, & honra são melhores soldados, daquelles se ellegerão de quem mais se podem esperar estas cousas. E agora principalmente neste nosso reyno, quasi toda a gente do campo são jornaleiros, cultiuando terras alheas, de que pagaõ renda, ou seruindo a jornal, & estes tambem senão admittiaõ em Roma na milicia (como diz Valerio Maximo). E assi os la- *Val. Ma* uradores que Vegecio approua eraõ homens nobres, ou que vi- *xi. l. 2. c. 1* uiaõ cultiuando a sua fazenda, & participantes do gouerno da republica, & quando agora os ouuera deste modo tambem se deuiaõ approuar. Ainda que agora como nos exercitos se costumaõ gastadores, o que não era no tempo dos Romanos, bastaõ para soldados homens animosos, ainda que não sejaõ de tanto trabalho, & destes auerã mais onde ouuer mais honra, & vergonha, polo que (como está ditto) se ellegerão das cidades, villas, & lugares. Mas podem estes soldados ser elleitos, para o seruiço de algũa republica, ou de algum reyno, no que segundo Polibio ha muita differença, porque (diz elle) que quanto a multi- *Pol. l. 11.* daõ do pouo nos estados populares soe ser mais valerosa nas batalhas, que os subditos dos tyrannos, tanto os soldados forasteiros, que recebem soldo dos monarchas, se auentajaõ dos soldados pagados da republica. E a razão disto se vê em Herodoto; *Herod. l. 9.* porque diz elle, que em quanto os Athenienses foraõ sугeitos aos tyrannos eraõ de todos os vizinhos maltrattados, desbarattados, & rottos, como que não se curassem de defender a sua terra, posta na proteiçãõ d'outrem; & que tornando à sua liberdade fizeraõ obras maravilhosas. E assi o pouo sугeito aos monarchas (como diz Polibio) he menos valeroso, que o das republicas, porque o monarcha, sendo senhor de tudo está obrigado a defender os subditos, como cousa sua, pois elles debaixo da sua proteiçãõ, & amparo té deposta a sua liberdade, & porque nas republicas he isto ao reuez, sendo os naturais dellas senhores da sua liberdade, & terra, he o pouo dellas muito mais valeroso. Isto mostraraõ Perchio, & Bulo, porque entédendo os Lacedemonios, que os Deofes estauão irãdos contra elles, porque *Idem* marreraõ os embaixadores de Dario, que lhe foraõ pedir terra, & agoa, que em vfança Persiana era pedir a senhoria, disserãõ, que

que era necessario satisfazer a esta culpa, mandando dous Lacedemonios, que com as suas vidas satisfizessem, & offerecendo-se a isto estes dous mancebos, Perchio, & Bulo, quando chegaram a Asia hospedandoos Hydranes, perfeito de Xerxes, por Dario ser ja morto, quillo persuadir a que servissem a el Rey, q' lhes faria largas merces; a que elles responderão, que elle não podia naquillo dar conselho, porque poderia estar bem informado, como el Rey premiaua os homés virtuosos, mas que da liberdade não tinha experiencia, & que se elle approvasse, não só com a lança, & espada, mas com os dentes defenderia a patria. Esta liberdade tão estimada; & porque os homés faziaõ tantas maravilhas, como se vé nas historias Gregas, & Romanas, se perde no estado real. Isto quis mostrar hũ certo Tarentino, chamado Methon, porque tratando os Tarentinos de chamar Pyrrho Rey dos Epirotas, para os defender da guerra dos Romanos, auendo no seu Senado varios pareceres, entrou nelle Methon, com hũa inuençaõ graciosa, trazendo na cabeça hũa grinalda, & hũa alenterna na mão, com hum trombeta diante, & rindose todos de o ver assi saltando, & baylando, disse, fazendo todos silencio, esperando cõ a tençaõ o que diria; senhores Tarentinos vós fazeis bem de deixar zombar, & folgar a quem o quer fazer, & se vos sois prudentes gozareis todos esta liberdade de vos desenfadar, antes que venha Pyrrho, porq' então não poderemos viuer a nosso modo, senão ao seu. E por isso disse Pyrrho aos Athenienses, quando lhe mostrarão a sua fortaleza, que lho agardecia muito, mas que lhe aconselhaua, que não me ressem dali por diante nenhum rey em Athenas; dando a entender, que estaua arriscada a sua liberdade metendo algum rey na sua cidade. E assi possuindo os homés no estado da republica a liberdade, que tanto estimauão, como não trabalharião pola defender? & os subditos dos reys como peleijarião por ella, pois ainda que vencessem sem ella ficauão, não tendo interesse que os estimulasse a combatter valerosamente. E assi diz Sancto Thoma, que muito ordinariamente acontece, que os homés sujeitos ao imperio dos reys, se fazem negligentes, para o bem commum; porque julgão, que aquellas cousas que pertencem ao bé

*Plut. in dit. Pir.*

*Idem.*

*Din. Tho. de Regi. prin. l. 1. ca. 4.*

commum;

commum, não as alcançaõ elles, para si mesmos; mas para outros, em cujo poder vem os bens communs: & que como os não vem communicados a todos não attendem ao bem commum, como cousa que he d'outré. E a razão dos soldados pagados dos reys serem melhores que os pagados das republicas, diz Polibio, q' he, porque a republica despois que té vencido os inimigos não comunica mais a sua liberdade cõ os soldados pagados; mas o rey quantas mayores, & mais empresas fizer, tanta mais necessidade té de soldados pagados, porq' fazendo elle injuria a muitos, acha muitos que lha procurem fazer. Polo que a segurança dos monarchas cõsiste toda na força dos soldados pagados. Nenhum homé vay à guerra voluntariamente, senão obrigado de algum particular interesse; porq' ella de si mesma he auonrecivel. E por isso diz Herodoto, que he de pouco saber o homem que se deleita mais da guerra, q' da paz. Isto se mostra em Deos a dar por castigo a quem o offender, como se vé nos castigos que o Propheta Gad propos a David da parte de Deos. E assi pois ella se dá por castigo, não deuem os homens ir a ella senão obrigados de algum particular respeito, & interesse. Polo que como os soldados pagados das republicas não tem que esperar do fim da guerra, não té para que se arriscar muito pola vittoria, pois como diz Polibio) não lhe cõmunicão despois os naturais a sua liberdade: & polo cõtrario, esperando os que seruem aos monarchas, que com as vittorias se lhe acrescentem os inimigos, & polo consequente mais occasião de os auer mister, & como a necessidade que delles se tem lhes dà mayores esperanças de merces, mais trabalhão por vencer, pois vencendo se acreceta a necessidade delles, & cõ a necessidade o interesse, poderoso meyo para leuar os homés à guerra, & assi d'elle estimulados peleijão valerosamente, como mostra Polibio na batalha dos Acheos, com Machanidas tyranno, onde os soldados forasteiros de Machanidas vencerão os forasteiros pagados dos Acheos, & os Acheos vencerão os subditos de Machanidas, & ficarão com a vittoria. E assi o pouo das republicas he melhor, que o das monarchias, & os soldados forasteiros pagados dos monarchas melhores que os pagados das republicas. Mas ainda

*Polib. in citato loco.*

*Hero. l. 1.*

*2. Reg. ca. 24.*

*Polibi. In loco citato.*

*Idem.*

li que

que Polibio (cuja he esta opiniaõ) parece que tratta de todo o monarcha vniuersalmente, naõ deixa de ter isto sua distincão. Porque a liberdade das republicas, taõ estimada, toda consiste em serem os naturais com summa justiça governados. E *Aristot.* *Polib. l. 7* *ca. 2.* assi diz Aristotelis, que a liberdade da republica consiste em alternadamente os naturais della governarem, & obedecerem. E deste modo na justiça consistia a liberdade; porque como o que governaua despois era subdito, naõ podia deixar de fazer justiça, temendo negalla, a que lha pudesse negar a elle. E no mesmo lugar declara isto melhor, porque dizêdo, que o pro supposto da republica he a liberdade, diz, que a justiça da republica he alcançarse o que he justo, naõ segundo a dignidade, senaõ segundo o numero, & que assi conuem, para que cada hum dos cidadãos alcance justiça: & pois o fim da republica he a liberdade, & a republica he aquella onde o numero dos vottos, & naõ a dignidade impera, & sendo isto necessario, para os cidadãos alcançarem justiça, a justiça he a liberdade da republica; pois a republica consistia naquillo que era necessario para alcançar justiça, q̄ he a multidaõ dos vottos, & naõ a singularidade da monarchia. Polo que a liberdade estaua em a terê os naturais das republicas, para pedir justiça, cõ segura cõfiança de lha fazerê que a sua liberdade naõ era para liuremente cada hum se governar, segundo o seu parecer, como o caualllo que sem freo, & solto, corre desordenadamente polos campos, mas com o freo da razão estauão sobmetidos à obediencia daquelles que os governauão. E q̄ a liberdade da republica estaua na justiça do seu governo, se vé em q̄ perdia o nome de republica como injustamente se governaua. O q̄ se mostra em Tito Liuiio, quãdo por razão *Tit. Liu.* *D. 1. l. 3.* das dez tauoas das leys, q̄ os Romanos querião ordenar se governou a republica, cõ hũ magistrado de dez homês, porq̄ fazêdo elles no seu governo algũas injustiças, logo lhe chamarão tyrãnia & sayndo elles cõ o costumado exercito do pouo Romano contra os inimigos, foraõ desbarados, procedêdo tudo do seu tyrãnico governo, sêdo em poder dos cõsules vécadores, como muitas vezes forão dos mesmos inimigos, no q̄ se mostra q̄ naõ os inimigos senaõ a injustiça de que governaua os Romanos foy a causa

a causa da sua rota. E assi diz Tito Liuiio, que era tanto o odio que os Romanos tinhaõ a estes governadores, que elles mesmos se deixaraõ vencer. E sendo assi, que a republica naõ tem a liberdade, porque valerosamente peleijaõ os seus naturais, senaõ na justiça com que saõ governados, todas as vezes que cõ a mesma justiça os governarem, a mesma liberdade teraõ, & como a justiça naõ está no titulo, & nome do governo, senaõ no inteiro animo que iguala as partes, naõ importa para a fazer chamar se consul, ou rey o que governar, ou o governo real, ou de republica. E assi pode hum rey governar com tanta justiça, & beneuolencia o seu reyno, como hum Pericles, ou como Tito Flaminio as suas republicas. E assi tendo os seus vassallos no seu governo a mesma liberdade que as republicas, cõ o mesmo amor, & afeição peleijataõ por ella, do q̄ fazia o pouo das republicas pola sua. E por isso diz Xenophonte, que o príncipe, q̄ alcança o amor dos subditos, naõ tem necessidade da guarda de forasteiros. E como o príncipe naõ pode ser amado, se *Xenoph.* *Hier. seu Prin.* naõ he justo, o que o for serà amado, & sendo amado, nos subditos, & naõ nos forasteiros terà bõs soldados. Aristotelis fazendo distincão entre o rey, & o tyranno diz, que os reys saõ guardados dos subditos, & os tyrannos dos forasteiros trazidos a *Aristot.* *Pol. l. 3.* *ca. 10.* soldo. E naõ ha outra differença do rey ao tyranno, senaõ ser o rey justo, & o tyranno injusto. E assi o rey que for justo, nos subditos terà bõs soldados. Isto se mostra na obediencie que tiueraõ os Cicilianos despois da morte de Anaxelao, a hũ escravo q̄ elle deixou no governo do reyno, em quanto seus filhos naõ tiuessem idade, para governar; porq̄ (como diz Iustino) lembra *Iust. l. 4.* dos da justiça cõ que Anaxelao os governara, naõ sò obedeceraõ ao escravo, mas defenderaõ o reyno de muitos q̄ o querião cõquistar, para que os filhos de Anaxelao o possuíssem. E assi cõ hũ príncipe justo, & que rectamente governe os seus vassallos, naõ se entenderà a differença que Polibio faz, pois essa sò terà lugar nos tyrannos, que injusta, & tyrannicamente se governaõ, porq̄ destes desejarã os vassallos ver se liures, & do príncipe benigno, & justo nunca se quereraõ priuar. Polo q̄ os príncipes justos, & amados dos seus vassallos do seu pouo, e dos forasteiros



se poderaõ seruir, ellegendo de hũs, & outros o seu exercito. E não serã inconueniente fazer a elleiçãõ de todo o pouo, como os Romanos costumãõ, escolhendo delle os mais aptos para a guerra, pois (como estã ditto) a mesma razãõ, que o pouo das republicas tem, para combatter animosamente em defençãõ dellas, faz aos vassallos dos reys justos peleijar pola sua patria, com o mesmo animo. E assi não se faça a difficuldade que Iusto Lipcio acha para nos reynos não poder auer a mesma ordem de elleiçãõ, que na republica de Roma; pois tambem a hum principe serã vtil prouer os cargos do seu reyno, assi politicos, como militares, polos annos, que no exercicio da guerra gastaẽ os seus vassallos, como diz Polibio, que faziaõ os Romanos, sendo os que na guerra seruem primeiro doutrinados nas cousas tocantes ao politico gouerno, pois os Romanos, até os soldados de pouca importancia (como diz Vegecio) querião que ao menos soubessem escrever, & contar, & todos os seus capitães primeiro erã oradores, que capitães. E podendo fazer a elleiçãõ como os Romanos, ajuntarẽhãõ todos aquelles que tiuerem idade competente para seruir na guerra, em o lugar para isso deputado, tendo primeiro elleito os officiais (como estã ditto); & de todã a multidaõ irãõ escolhendo os capitães, por ordem succedendo hũs aos outros, os soldados que lhe parecerem mais aptos, que como diz Polibio, de pois que os Romanos se ajuntauãõ, para se elleger o exercito, repartindo se os tribunos em quatro partes, por serem quatro as legiões, que se leuantauãõ deitando sortes sobre o tribu de que se auia de fazer a primeira elleiçãõ, daquelle ellegiaõ quatro soldados, que melhor lhe pareciaõ: dos quais escolhia hum o tribuno da primeira legiaõ, & tras elle outro o da segunda, & successiuamente até a quarta: & ellegendo outros quatro escolhia primeiro a segunda legiaõ, & logo a terceira, & a quarta, & a vltima que escolhia era a primeira, & com esta ordem hiaõ escolhendo todos successiuamente, até encher o numero. O mesmo que faziaõ os tribunos poderaõ fazer os capitães dos terços, que se ouuerẽ de leuantar, & fazẽdo a escolha em nome dos terços, como os tribunos, em nome da legiaõ, poderaõ os capitães de cada terço

Polib. de  
Castram.

Iust. Lip.  
de Mil.  
Rom.

Polib. de  
Castram.

Veg. l. 2.  
ca. 20.

Polibi. de  
Castr.

terço entre si fazer o mesmo; porque sempre as partes fiquem iguais. E com esta ordẽ, & igualdade se fará tambem a elleiçãõ dos caualleiros, escolhendo para elles, os mais nobres, & ricos, como faziaõ os Romanos, por ordem de Tulio terceiro rey de Roma. E porque os Franceses guardaõ a mesma, seruido a sua nobreza na caualleria, he taõ estimada em todo o mundo. Mas tambẽ se terá respeito á qualidade da terra, que pode ser em algũa de muita importancia a infantaria, & de pouca a caualleria, & entãõ se mudará esta ordem fazendo q̃ os caualleiros sejaõ infantas, pola muita confiança q̃ sempre se tem da nobreza fazer seu deuer nas occasiões de mayor perigo, & assi o fizeraõ muitas vezes os Romanos, que não sendo os caualllos de proueito se apeauãõ os caualleiros, & combattiãõ entre a infantaria, como se vé em Tito Liuius, cõbattendo Marco Valerio Coruino, contra os Samnitas, que não se podendo por ser o lugar estreito aproueitar da caualleria, nem melhorar dos inimigos, fez apear os caualleiros, & pondoos na frente alcãõu a vittoria. E assi quando for de mais effeito a infantaria, que a caualleria, serãõ infantas os caualleiros, & gẽte de menos qualidade seruirã na caualleria, como em Espanha se vĩa, tẽdo por de mais importancia a infantaria, o que ja os Romanos entenderãõ, segundo o que diz Vegecio. Mas não he tãõ infaliuel esta regra, que não tẽha suas excepções, como a seu lugar se dirã. Porem pode acontecer q̃ senãõ possa leuantar na propria terra exercito capaz da empresa que se pretende, sendo necessario valer de gente estrangeira, ou dos amigos, & confederados, ou trazidos a soldo das gẽtes q̃ costumãõ seruir, sãõ polo interesse da paga, como os Esuizatos, & Tudescos: sendo assi deuese cõsiderar quãtos soldados destes forasteiros se ellegerãõ, polo risco a q̃ se põe o exercito q̃ tiuer mais dos forasteiros, que dos naturais; pois rebellando se não só se perderã a empresa, mas fica arriscada a liberdade da patria. E por isso diz Vegecio, que nunca os Romanos traziaõ nos seus exercitos mais soldados dos confederados, que dos seus naturais. E hũa vez que não guardaraõ esta ordẽ se perdeu o seu exercito; porque tendo o exercito, que governaua em Espanha Gneo Scipiaõ mais Celtiberos, que Romanos, desprezã

Dion. Ha  
li. l. 3.

Tit. Liuius  
D. 1. l. 7.

Veg. li. 2.  
ca. 1.

Veg. l. 3.  
ca. 1.

Tit. Liuius  
D. 3 l. 54

do o pouco numero dos Romanos, se rebellaraõ os Celtiberos, incitados com as promessas dos Carthagineses, que foy a causa principal da rota de Gneo Scipiaõ. E os Capuanos trazendo para lhe ajudar a defender a cidade, chamada entaõ Vulturno, mais Samnitas do que eraõ os proprios naturais; perderaõ a patria leuandose com ella os Samnitas, despois de acabada a guerra. E assi naõ se meteraõ tantos forasteiros no exercito, que sejaõ mais poderosos, que os proprios naturais. E se succeder, q̄ despois de estarem no exercito os forasteiros se descõfie de todos, ou de parte delles, a quelles de que se desconfiar se despediraõ brandamente, antes que façãõ algũa trayçaõ, ou que fugindo leuantes os animos dos que ficãõ a desejar o mesmo. E assi passando Annibal de Espanha em França, para dar principio à guerra de Italia, entendendo, que tres mil Carpentanos, passando os Pirineos se lhe tornaraõ os deixou ir, & despedio sete mil delles, que lhe ficauaõ, fingindo que aos outros fizera o mesmo. E naõ ha cousa mais danosa na guerra, que fazella com soldados, que a seguem com pouca vontade, nem mais propria para esfciaar os animos de todos, que ver fugir algũs do perigo em q̄ elles ficãõ. Tendo (como estã ditto) leuandado o exercito necessario do numero, & qualidade se pretenderã armar, como agora se mostrarã.

De dous modos se deuem considerar as armas com que se ha de armar o exercito, ou a respeito dos proprios soldados, ou dos inimigos a que se ha de fazer guerra. A respeito dos proprios soldados se repartiraõ segundo a disposiçaõ do corpo, & paga. E assi o faziaõ os Romanos; porque (segundo Polibio) & os mais autores da sua historia para os de ligeira armadura elle giaõ os mais moços, & mais pobres, & para a graue, os mais robustos, & ricos. Mas porque da repartiçaõ das armas a respeito dos proprios soldados se trattou, quando se disse o que toca ua a cada soldado, aqui se tratarã só a respeito dos inimigos de quais armas auerã mais quantidade, & em que occasiões se seruireãõ mais de hũas, que de outras. E esta consideraçãõ he importantissima, sendo hũa das tres partes principais de que o exercito consta (como estã ditto): as quais de forte se correspondem hũas

hũas a outras, que por qualquer que falte seraõ as outras de pouco effeito, pois naõ seraõ de nenhum, armas sem gente, nem gente sem armas, nem a ordem sem quem a execute. E assi faltando em qualquer destas cousas a perfeiçaõ necessaria, serã grandissimo deffeito, & causa total de se perderem as empresas que se intentarem. E como na gente se té ja mostrãdo quanto importa a boa elleiçaõ, assi no numero, como na qualidade, agora se mostrarã, que naõ conuem menos fazella boa das armas; porque se os ruins soldados naõ seraõ de proueito, os bõs desarmados, ou com armas naõ cõpetentes á empresa, que seguem, tambem seraõ de pouco fruito. E assi diz Vegecio, que impetrando os Romanos do Emperador, poderem ir desarmados cõtra os inimigos, combattendo com os Godos, foraõ muitas vezes desbaratados, perdendo muitas cidades. E no mesmo lugar diz, que o soldado que se acha na batalha desarmado naõ pretende combatter senaõ fugir. E se Crasso se preuinira de Sagittarios cõtra os Parthos, ou de outras armas que pudessem resistir às settas, & offender aos inimigos, que com ellas o desbarataraõ, naõ se perdera elle, & todo o seu exercito. Polo que conuem considerar primeiro que se armem os soldados, contra que sorte de armas haõ de peleijar, para conforme a ellas elleger as que mais podẽ offender aos inimigos. Isto mostrãdo os Scythas, vencendo o exercito dos escrauos, com as prisoões, & instrumentos cõ que costumãuaõ castigallos; porque fazendo os Scythas muitos annos guerra fora da patria, enfadadas as molheres das largas esperanças da sua vinda, ou desesperadas della, casãõ se com os escrauos que ficaraõ para as seruir, & vindo os senhores, despois de darẽ fim à guerra a se refazer nas proprias casas dos trabalhos della, achãõ os filhos destes escrauos, que lhe resistiraõ com hum ordenado exercito, nos confins da sua patria, & naõ podendo desbaratallos em algũas batalhas que se deraõ, aduertiraõ os Scithas, que as armas com que os auiaõ de vencer eraõ as prisoões, & açoutes, que sempre os escrauos temeraõ: & com este parecer deixando as armas com varas, & grilhões os vencerãõ, naõ o podendo fazer atẽ entaõ com as espadas, dardos, & settas. E não o foraõ peores para Philippo pay de Alexandre, as

Veg. l. 1. ca. 20.

Appia. Alex. de bel. Par.

Hero. l. 4.

1. 8.

coroas, ou capellas de ramos, & flores; porque indo em favor dos Thebanos, contra os Focenses, que tinhaõ levantado hum poderoso exercito, com as riquezas do templo de Delphos, que elles roubaraõ, por não terem ja com que fazer guerra aos Thebanos, entendendo Philippo, que auiaõ de sentir o remordimẽto das consciencias, polo sacrilegio que commetteraõ, quiz lhe representar esta memoria na batalha, entendendo ser mais poderosa, que todas as armas, & assi mandou a todos os seus soldados, que se apresentassem aos inimigos, ao dar da batalha com capellas na cabeça, que era a insignia dos sacerdotes quando sacrificauaõ; & assi lembrando se naquella vista do peccado que tinhaõ commettido, cuidaraõ que os soldados de Philippo, eraõ mandados polos Deoses para os castigar, com cujo pensamento, deixando de combatter, vencidos com as capellas se puseraõ em fugida, sendo ellas melhores armas que as sariffas Macedonias. E sempre foy de tanta importãcia esta consideraçãõ, que a todos os que prudentemente a fizeraõ, & souberaõ seguir deu grandissimas vittorias, como foy a que Gneo Manlio teue dos Gallatas retirados no monte Olympo; porque sendo o sitio bastante pola aspereza, para os defender de muito auentajado poder, se tiuessem armas d'arremeço, com que de longe, em semelhantes lugares se peleija, por fazerem dellas pouco caso, forãõ com muita facilidade desbaratados, mostrando a muita importancia desta consideraçãõ. Mas tambem se deue considerar, que as armas que se ellegerem não possaõ nunca ser em dãno de quem as ellege, como aconteceu aos Vientanos; & Fidenates, que combattendo com os Romanos junto de Fidena, vêdo que os não podiaõ vencer com as armas ordinarias, armaraõ parte dos Fidenates de fachas de fogo, & sayndo de Fidena no feruor da batalha, com ellas nas mãos, accõmetteraõ os Romanos, que atemorizados da novidade se começaraõ a retirar; mas tomando animo, com as palauras do dittador, cõ as mesmas fachas q tomaraõ aos inimigos, os desbarataraõ. O mesmo successo tinerãõ os Tarquinos, & seus cõfederados; porq armãdose os seus sacerdotes com cobras, & fachas acetas, accõmettendo com ellas aos Romanos, os atemorizaraõ no primeiro

accom-

commettimento, mas despois estimulados os Romanos da vergonha daquella fantastica arremettida, voltando se contra elles os desbarataraõ. Donde se vê, que ainda que no principio foraõ fauorecidos da inuençãõ das armas, como não eraõ as q auiaõ de vencer homẽs valerosos, não foraõ de effeito. Mas sendo as armas conformes à empresa, sempre succederã bem, como aos Romanos a noua inuençãõ d'armas com que se defendiaõ dos elefantes, porque espantando (como diz Vegecio) cõ a grandeza do corpo, horribilidade da voz, & nouidade da forma os homẽs, & caualllos, inuentaraõ para lhe resistir muitas inuenções de nouas armas, sendo hũa dellas hum carro com dous caualllos acubertados, & nelle soldados com lanças compridas, ou piques, & armados de modo que as settas dos que vinhaõ nos eletantes lhe não podiaõ fazer danno, & inuestindoos com os piques compridos, & impeto dos caualllos, os faziaõ retirar. E os soldados da graue armadura os accommettiaõ com outra inuençãõ de armas marauilhosa; porque se cobriaõ da cabeça até os pés de hũas pontas de ferro agudas, que sayãõ para fora, como as carrancas com que os pastores armaõ os seus rafeiros, & assi impediaõ ao elefante podellos tomar com a tromba, & o podiaõ ferir seguros deste perigo. A mesma consideraçãõ fizeram em todos os tempos os grandes capitães que teue o mundo: & assi nos nossos ellegeo o Duque d'Alua, para a guerra de Flandes os mosquetes, sendo o primeiro que os introduzio na milicia Espanhola. Polo que (como se vê por todos estes exemplos) he muito necessario considerar as armas com que se ha de armar o exercito. Mas he raõ difficultoso particularizar todas as occasiões em que diferentes armas se deue elleger, que ainda que se apontarã o mais conforme à razaõ, & aos preceitos desta Arte, não deixará o general quando se lhe offerecer a occasiãõ de considerar particularmente as armas de que mais se deue seruir, resoluendo se com o parecer daquelles que melhor lho poderaõ dar; porque poderaõ os inimigos inuetar nouas armas, & nouo modo de peleijar, & como senãõ podem auer os pensamentos, & traças de todos os homẽs, não se pode preuenir a tudo o que neste particular se innouar, mas do que se apon-

Veg. l. 3.  
ca. 24.

D. Bern.  
nos Cõm.  
de Fran.

se apontar ficará hũa noticia geral, que dará muita luz ao que de nouo succeder. Para se ellegerem as armas mais conuenientes se deué considerar as forças, & armas dos inimigos, & a terra donde se ha de fazer a guerra. E assi se o inimigo tiuer a sua força na caualleria, sendo armada de lâças, se senão puder auer tanta caualleria, que baste para com ella vencer a força da sua, ellegerseão mais piques, que arcabuzes, se a terra onde se ouuer de combatter for cham; porque em terra cham não se podê os arcabuzeiros defender da caualleria; & por isso o Duque d'Alua fez em Flandes por industria de Ciapin Vitelli, capitão Italiano, hũas trincheiras leuadiças, para se porem diante dos arcabuzeiros defendendoos assi da caualleria. E os piques contra a caualleria foraõ inuentados, sendo poderosa arma contra o seu impeto. E por esta razão refere Aurelio Cicuta que se seruem delles os Esuizaros, defendendose da caualleria Alemã, que os trattaua mal, & bem se vio quanto esta arma lhe aprobeita-se contra ella na retirãda q̄ fizeraõ de Marinhano a Milãõ, não se atreuendo a caualleria Francesa accommettellos, retirando-se elles com muita perda. E na batalha de Rauena despois de roto o campo dos Espanhoes, o esquadrão delles se saluou inteiro, sem lhe fazer danno a caualleria Francesa, que o accommetteo quando se retiraua, antes recebeu muito danno. Mas se a terra for impedida de vinhas, matas, pedras, aruores, & barrancos, seraõ de muito effeito contra a caualleria os arcabuzes, porque impedidos os cauallos destas cousas podem os arcabuzeiros ferillos a seu saluo; & assi diz o Guiciardino, que caminhando o exercito del Rey de França, & o dos Venezianos junto a Adda, vindo se a encontrar em hum passo a retroguarda dos Venezianos com a vanguarda dos Franceses, parecêdo aos Venezianos que deuiãõ combatter, em quanto o fizeraõ entre hũas vinhas, sendo a caualleria Francesa impedida dellas, recebia muito danno dos arcabuzeiros, & sayndo à terra cham os rompeo. E assi sempre se verá mandar à guarda de hum bosque, de hum passo estreito, & aspero, ou de hũa cazeria, & a semelhantes cousas arcabuzeiros, como seguindo Ludouico Nasau, & o Principe de Orange fez em muitas partes o Duque d'Alua, porque nestes lugares

lugares estando seguros da caualleria, se ella os accommetter, lhe fazem muito danno. Mas se a caualleria dos inimigos se armar d'arcabuzes, de que muito se seruem os mouros Africanos, ellegerseão mais mosquetes, que nenhũa outra arma, porque procurando caminhar por lugares asperos, onde a caualleria não possa liurementemente correr por todas as partes, farlhesão muito danno; & ainda se pode affirmar, que serãõ na câpanha aberta de proueito, com qualquer pequeno reparo; porque chegando mais que os arcabuzes dos inimigos, necessariamente reprimiraõ o seu impeto, de modo que nunca com as suas balas chegarãõ a fazer danno; que se Marco Antonio tiuera armas que chegasse mais que as settas dos Parthos, quando se retiraua por asperos caminhos, não se chegarãõ ao seu campo tão ouladamente, atirando com as settas de que a cauallo se seruiãõ, como agora de arcabuzes os Africanos. Mas se nos mesmos arcabuzeiros de cauallo se puder auêtajar o exercito, serãõ de muito effeito, metêdo entre elles soldados bẽ exercitados nos mosquetes, que com hũas forquilhas curtas se podem disparar a cauallo. Se os inimigos forem pujantes nos piques, sendo nas outras partes do exercito mais fracos, ellegerseha grande numero de arcabuzeiros; porque não podendo os piques peleijar senãõ a pè quedo, podendo os arcabuzeiros escaramuçar à roda delles, facilmente os desbaratarãõ; & quando os arcabuzeiros forem de cauallo muito mayor effeito farãõ. Mas se polo contrario o inimigo for superior em arcabuzeria, oppor selheãõ mosqueteiros; porque ferindo de mais longe, recebendo pouco danno lhe faraõ muito. E se os inimigos em mosqueteiros se auentajarem, tem difficilto remedio nas armas, se bem no modo de gouernar a guerra se lhe pode dar algum, como se mostrarã, quando se tratar de fazer a guerra: mas se polas armas pode ter algum, serãõ a imitação dos carros falcados, q̄ Mythridates, & Antiocho vsuaõ, outros com pequenas peças de artelheria, como na batalha de Rauena tiuerãõ os Espanhoes, com os quais fizeraõ muito dãno aos inimigos, em quanto elles não mudãõ a sua artelheria mais grossa, que a dos carros para defronte delles; porque tendo os mosquetes toda a sua vé

ragé em chegarem muito, & em se reparar peor o seu tiro, as peças d'artelheria são nisto de mayor effeito, & não podem deixar de offender aos mosqueteiros, principalmente em terra onde se possa ajudar dos carros. Tem estes carros, o defeito de não poderem servir em toda a parte, como os mosqueteiros; mas como nunca a melhora que se fizer em hūas armas ha de ser de forte, que de todo se deixem as outras, auerá tambem os mais mosqueteiros que puder ser, & esses servirão nos lugares, que pola sua aspereza impedirá aos carros caminhar por elles; porque tambem nesses lhe não farão pela multidão os inimigos vértage, pois em lugares estreitos, & asperos, sendo o grande numero impedido, ficasse igualando com o pequeno. E não se querêdo servir dos carros cōtra mosqueteiros, armarseão os mais mosqueteiros, que puder ser. Mas se em largos, & desempedidos campos se ouer de fazer a guerra, procurar-se ha que o exercito tenha a mais caualleria possível; porque em terra chama he de muito effeito, & de muito mais se muita parte della foré arcabuzeiros. A differença que nas armas da gente de cauallo pode auer, he que peleijando com os Africanos, poucos homens d'armas bastaõ, porque sō da gineta se servem; mas nas nações, q̄ vsão mais pujante caualleria, se proueraõ da que lhe for igual, ou auentajada, & a toda farão trazer pistoletes, arma muy importanté, & que algūs approuaraõ por melhor que as lâças, mas dellas, & dos pistoletes se armará a caualleria, conforme as occasiões, armando (como fazem os Franceses) algūs homēs d'armas sō de pistoletes, & espadas. Enão se desprezem estas armas, antes se deuem ter em muita reputação, porque de longe cō os pistoletes offendem os inimigos, & de perto com as espadas aptas a ferir de talho, & de pontá se desenuoluem melhor, que cō as lanças. E não só se deue considerar as armas costumadas, mas com summo estudo se deue procurar saber se com nouas, & de fusadas armas se poderaõ vencer os inimigos, como fazia Marcello na expugnação de Caragoça, & Archimedes na sua defesa. E assi Annibal conhecendo que as armas dos Romanos eraõ melhores, que as Africanas deixou as suas, armando se das q̄ em Italia ganhara na rota do lago Trasymeno, & em outras. E

Poli. l. 8.

Tit. Liv. D. 3.

assi

assi com bastante numero de gente, & cōpetentemente armada não se pode deixar de ter esperanças de felicissimo successo, que seraõ seguras, quando da boa ordē foré acompanhadas. Polo que agora se tratará da que conuem ao bom governo do exercito.

Iphicrates compara ( como refere Plutarcho ) os infantes às mãos, & os caualheiros aos pés, a ordem ao peito, & o general à cabeça: no que mostra, que a ordem he a que dà força, & vigor aos soldados, como o peito a estes membros, q̄ delle recebe os vitais espiritos, & que assi como no peito está o coração, q̄ he o aposento da vida, & do esforço, na ordē consiste a vida, & fortaleza do exercito, & do mesmo modo, que os membros recebem do peito a virtude com que obraõ, os soldados alcançaõ da ordē todo o vigor, cō que acabaõ grandes empresas; & assi como qualquer mēbro separado do corpo, não recebēdo o vital espirito se corrõpe, os soldados q̄ da verdadeira ordē se apartarē, de força se perderão; como os ramos q̄ se mostraõ cubertos de verdura, & folha em quãto recebe vida do seu trôco, & cortados se secaõ. E assi deste modo se deue cōsiderar a ordē, e os soldados, pois ella he o trôco onde os soldados como ramos della florescē, em quãto cō ella vnidos ordenadamēte se governaõ. Mas esta ordē se cōsiderará de dous modos, militar, ou politica, a militar cōsidera a ordē das batalhas, & modo de fazer a guerra, de que em toda esta Arte se tratta, sendo só esse o fim della: a politica sō procura a conseruação do exercito entre si, despõdo o cōbõs costumes, justiça, & concordia para conseruar a sua força vnidamente, tendo por seu fim chegallo em seu vigor a executar o que a ordem militar dispor: polo que desta se tratará, para que se veja como o exercito se deue governar, para que em sua virtude, & força chegue a combatter com os inimigos, como adiante se mostrará. E assi he esta ordem politica taõ necessaria, que se faltar nella a perfeição que se pretende, não poderaõ ter bom fim aquellas cousas, que com a militar se disporerem: o que mostrou Scipião o menor Africano, quando foy elleito para a guerra de Numancia; porque não se attreueo a combatter com os inimigos até não ter reduzidos os seus soldados, com bons costumes, & ordem de viuer, à virtude mili-

Plu. in vit  
ta Pelop.Appia.  
de bel.  
Esp.

Kk

tar,

tar, que para seguir a guerra era necessaria: & o mesmo fez Metello, tomando o governo do mal costumado exercito, que Albino deixara para continuar a guerra, que Roma fazia a Iugurtha. Mas como todas nossas operações tem seu principio na cabeça, onde o entendimento determina o que conuem, sendo o general (como se disse) a cabeça do exercito, por elle deve começar a ordem, que os soldados haõ de seguir; porque assi como a cabeça participa do que padecem os outros membros, o general deve participar dos trabalhos. E assi mandãdo Scipião o menor Africano, que os soldados naõ tiuessem camas regaladas, elle foy o primeiro que dormia em hũa de feno. E (como diz Plutarcho) nenhũa cousa era mais grata aos Romanos, que comer o capitaõ do mesmo pão, que comiaõ os soldados, & que como elles estava tambẽ ao Sol, trabalhando nas cauas, & trincheiras. Entre as outras cousas com que Agesilao na guerra de Asia, alcançou grande gloria foraõ as de mais estima, que escalfamête se podia achar no seu exercito soldado que tiuesse mais vil leito, & que de sorte sofria a calma, & frio, que nunca para estas cousas buscou remedio: a razã de se ter isto em tanta estima he (como diz Plutarcho) porque muito mais honrados, & louuados saõ os capitães que participaõ dos perigos, & dos trabalhos, que a aquellos que repartem o dinheiro, & as honras, & mais os amaõ os que juntamente consigo fazem trabalhar, que aquellos que deixaõ estar ociosos: & por isso prudentemente ordenaõ os Espartanos q os seus reys fossem os primeiros a entrar na batalha, & os derradeiros a se retirar: & naõ deuiaõ elles querer, que os reys se arriscassem sem ordem, mas quiserãõ mostrar, que era necessario, para serem amados participar dos perigos com os vassallos. E assi vêdo Alexandre, q os seus soldados temiaõ a aspereza do caminho, por onde marchaua o exercito, sendo cuberto de neve, & por terra deserta, apeouse, & marchãdo a pè, participãdo do trabalho cõ os seus soldados todos o seguirãõ prõptissimamente. E por isso Cesar deu o seu alojamêto naõ auêdo outro, ao soldado doête ficãdo se toda a noite ao sereno, como os demais. E assi retirãdo se Artaxerxes da guerra dos Cadusos, sendo o caminho aspero se apeou, & caminhãdo a pè com

cõ os seus soldados, passãdo todos cõ mais animo, & presteza o trabalho do caminho, o q porvêtura naõ fizeraõ, se elle tambẽ cõ elles senaõ cansara, & chegãdo ás suas terras, vindo os soldados mortos de frio, naõ auendo lenha naquella parte, onde elle tinha hũa casa de prazer, elle foy o primeiro, que começou a cortar as arvores, que para sua recreaçãõ foraõ plantadas, mostrando nisto, que naõ só se ha de participar com os soldados dos trabalhos, mas que se lhes haõ de satisfazer, ou remediar, ainda, que seja à propria custa. E assi dizia Pyrrho, doendo se da morte de Aeropo, que a Aeropo acontecera o que a todos os homens acontece, mas que a elle lhe era muy penoso naõ lhe ter satisfeito na vida o que deuia a seus merecimentos; porque o dinheiro emprestado se pode tornar aos herdeiros do acredor; mas que a hũm homem honrado se offendia grandemente; se aquelles a quem fez algum beneficio o naõ satisfizeraõ a tempo. E por naõ cayr neste erro distribuy Alexandre, quando quis começar a guerra de Asia, todas as suas propriedades por aquelles que entendia auiaõ de merecer, despois della a satisfaçã das suas obras. E assi acompanhando o capitaõ os trabalhos, que os soldados padecerem, & satisfazendo os merecimentos de todos; virã a ser delles amado, & obedecido, como conuem para poder esperar bom successo nas suas empresas; pois naõ se pode alcançar com soldados pouco contentes do seu capitaõ. E por isso (como diz Tito Lúvio) mandou Philippo buscar os corpos dos soldados, que os Romanos lhe mataãdo no primeiro recontro, que teue com elles, & dandolhes sepultura, com honradas, & pias exequias ganhou a vontade dos viuos, por ser cousa, que os antigos tinhaõ por grande signal de piedade, & beneuolencia, dar sepultura aos mortos. E assi procurará o capitaõ, despois de junto o seu exercito, ganhar as vontades de todos os soldados, & ministros delle: para o que he poderoso meyo, alem do que está ditto tratar, & fallar com todos em publico, & particular, guardando o respeito, que ao seu cargo se deve; pois fazendo se, no termo do tratto guardar o decoro necessario, & deuido, com as palauras os fará amigos, principalmente se forem como deuem ser as de hum

*Plat.* capitão general, doudas, brandas, & eloquentes; porque (como diz Platao) a eloquencia he senhora dos animos dos homens. Mas não lerá de proueito esta eloquencia, quando a não acompanhar com os costumes; que como dizia Thucidides, *Plut. in vit. Peri.* mais poderosa, eloquencia he húa vida digníssima, & húa reputação de innocencia, & abstinencia. Polo que ajuntando o general estas cousas ao tratto affabil, & brando, será amado dos soldados, & respeitado, como conuem, usando tambem a seuera justiça quando for necessario; porque o rigor, & seueridade do principe, costuma os subditos a não errar, nem ser desobedientes: mas isto ha de ser acompanhado com a affabilidade, & partes que se tem ditto. Tem sobre tudo necessidade de conservar nos animos de todos, a sua boa opiniaõ, cousa muy necessaria; porque essa muitas vezes confirma os amigos, & vence os inimigos. E assi a reputação, q se tinha de Agefilao conferiu muita parte dos amigos de Lacedemonia, despois da rota, *Agef. Idē in vi 2a Pelop.* que tiueraõ dos Thebanos, & a boa opiniaõ em que Pelopidas estava, fez a el rey de Persia cõfirmar a amizade dos Thebanos, *Tit. Liv. D. 3. l. 4.* como elle lhe pedia, & a elleiçaõ de Fabio Maximo, & Marcello, quando juntamente, prorogando o consulado a Fabio, os fizeram consules contra Annibal, confirmou nos animos de todos os Romanos, & cõfederados húa segura esperança de prospero successo. E he taõ poderosa a boa opiniaõ, que (como diz *Iust. l. 42* Iustino) pode mais contra os Parthos a fama de Augusto, que as forças d'outro algum capitão; porque não podendo nenhum sogetallos, com as armas, elle os fugitou com a opiniaõ, que delle se tinha. E sendo o exercito dos Thebanos desbaratado dos Thessalos, mandaraõ Epanimundas por general, cuja fama, sem combatter, rendeo os inimigos. E assi procurará o capitão muito conservar a boa opiniaõ, que dos seus bons costumes, & justiça, he bem que se tenha, & das suas virtudes, fortaleza, & militar disciplina. Para o que será muy effcaz meyo, elleger dos seus officiais, & soldados os mais prudentes, pratticos, & virtuosos, para com elles se aconselhar em todas as cousas que ouuer de fazer. E assi diz *Vege. l. 3. ca. 9.* Vegecio, que a arte verdadeira, & a utilidade do capitão he, que elle de todo o exercito

xercito faça elleiçaõ dos mais doutos, & mais cursados na guerra, & com elles da sua gente, & do exercito do inimigo de continuo falle, não ouuindo adulações. E deste modo conseruará a sua opiniaõ; porque entendendo todos que não faz cousa algúa sem o parecer de approuados homens, sempre parecerá acertadas as suas determinações. Húa das cousas q notou Cinea em Roma foy, que o senado lhe parecera hum ajuntamento de muitos reys, & assi o disse a Pirrho, o qual parece, q *Plu. in vit. Pirr.* conhecendo quão prudentemente se governaria hum senado de tal reputação, procurou com muita mais instancia a amizade dos Romanos. E do mesmo modo mostra Iustino quanta reputação dem os graues conselheiros, louuando muito parecerem os capitães de Alexandre hum grauissimo senado da mais prudente republica do mundo. E assi tendo o capitão semelhantes homens por conselheiros, alem de acertar no que fizer, confirmará húa segura opiniaõ das suas cousas. E não só destes aceitará o conselho, mas escutará os que lhe derẽ os soldados, que poderá ser que lhe dem algum com que alcance a vittoria dos inimigos, como aconteceu a Themistocles, que saluou a Grecia, desbaratando Xerxes, polo conselho que escutou a Mnesiphilo seu soldado; porq sayndo Themistocles da junta dos Gregos, onde se tinha concluydo, que leuassem a armada de Salamina a Istmo, dizendo esta determinação a Mnesiphilo, q lhe perguntou o que se tinha assentado, lhe respondeo, q se tal faziaõ se perderia toda Grecia, & ajuntando as razões q tinha em proua disto, satisfizeraõ a Themistocles de sorte, que fez deter a armada em Salamina, com o que venceo a de Xerxes. E polo contrario Xerxes não seguindo o parecer que Demarato, & Artimisia lhe dauaõ (segundo Herodoto) foy roto. E assi o capitão *Hero. l. 8.* não peça cõselho a todos, mas não despreze os q lhe derẽ, & para fazer hum gouerno suaue, se deixará ver, & fallar a toda a hora, que em quanto he general, não viue para si, senão para a patria, & para o seu exercito. E Artaxerxes deu disto hum clarissimo exemplo, porque sendo costume das raynhas de Persia, *Plu. in vit. Artax.* sayrem de casa em hum carro cuberto com hum veo, para que ninguem lhe fallasse, elle mandou, que o carro de sua molher

fosse descoberto, para que todos liuremête lhe pudessem falar. E tendo elleito os conselheiros (como está dittò) ordenará com elles as mais cousas pertencêtes ao bom governo do exercito, pois (como ja se disse) a elle toca, despois de levantado, o seu governo: o qual disporá, como agora se apontaremos.

*Diu. Gre. in Mor.* Diz São Gregorio, que a justiça dos reys, he paz dos seus povos, & guarda, & amparo da patria. Polo que sendo o exercito ordenado para este fim, de ser paz dos povos, & amparo da patria, pois (como diz Vegecio) apercebendo a guerra se alcança a paz, deve ser a primeira cousa que nelle se ordenar a administração da justiça. E faltando ella se podem temer todos os ruins

*M. Tul. Cicer.* successos; porque segundo Cicero, todas as cousas são incertas, & duvidosas, que andão apartadas da justiça: & assi ficão sem ella incertos os bõs successos, os maos se podem temer. Mas o exercito aonde ella se guardar será felice, & prospero; porq̃ diz

*Phil. de fort. Plut. in vit. Ages.* Philo, se fores adornado da justiça, & das mais virtudes, & vires hũa vida quieta, quando se te levantar algũa guerra, facilmente vencerás os inimigos. E por isso dizia Agesilao, que a fortaleza do homem animoso onde faltasse a justiça era inutil. Polo q̃ se pode afirmar que será fraco o exercito que della carecer. Por

que faltando a justiça não deixaraõ os homẽs de se fazer danno hũs aos outros, & nenhũa cousa, que algũa comunidade hade fazer, pode ter effeito, se os q̃ a haõ de executar se offenderẽ hũs

*Pla. Rep. li. 1.* aos outros. E assi diz Plataõ. Nenhũa cidade, nenhum reyno, nenhum ajuntamento, ainda que seja de ladrões, ou matadores, ou qualquer congregação de homẽs, que vivem em commum, podem fazer algũa cousa se se offenderem hũs aos outros. Polo

q̃ se a justiça faltar no exercito, sendo os soldados injustos, não deixaraõ de se offender hũs aos outros, com o que não poderã alcançar a vittoria dos inimigos. E assi he necessario fazer os soldados justos, para que o exercito se faça poderoso: mas como

*Pla. Rep. li. 2.* em hum exercito he difficultoso serẽ todos os soldados justos, pelas varias naturezas dos homẽs, conuem buscar hum meyo cõ que se façã justos: o qual será o temor da pena; porque (como diz Plataõ) nenhum homem he justo de sua própria vontade: & porque não bastará a ley se faltar que a execute, a primeira

cousa,

ra cousa q̃ o general fará despois de elleitos os soldados, & conselheiros, será elleger os ministros da justiça do seu exercito: os quais julgando as cousas crimes, & ciucis faraõ guardar justiça aos soldados. Estes officiais seraõ hum auditor em cada terço, & hũ auditor general, a q̃ os Romanos chamaõ perfeito das legiões, ainda que este tinha mais poder; porque entendia nas cousas pertencentes à guerra, o q̃ o auditor general não fará entendendo sò na administração da justiça ciuil, & criminal; & a este que será sobre os mais auditores, se poderã dos outros appellar, os quais julgaraõ de primeira instancia: porq̃ o auditor general he cõsultor do general, ou tenête nas cousas da justiça, como os outros o são dos mestres de campo. Julgaraõ todas as causas ciucis, & crimes, segundo as leys, tirando aquellas cousas que se compreenderẽ nos bandos, porque o bando he inviolavel, & isento de novas interpretações, q̃ sem admittir nenhũa defesa, será condenado quem o quebrar, cõforme a pena nelle determinada. E assi quando se deitarem os bandos com pena da vida, será com muita consideração em cousas muito importantes: porque usando o rigor, que na execução delles se requiere, em muitas cousas de pouco momento, virseha a fazer hum governo intoleravel, & não será possivel, pondo graues penas em muitas cousas pouco importantes, deixar de passar algũas sem castigo, & he melhor poucos bandos, & bem guardados, que muitos para o não serem. Mas pode aver occasiões em que seja necessario (como dizia Agesilao) deixar dormir as leys: por

*Plu. in vit. Ages.*

que sendo entre os Lacedemonios julgados por infames os que fugiaõ nas batalhas, cayndo nesta pena muitos, quando Epanimundas alcançou delles a celebrada vittoria, tendo muita necessidade de soldados, parecendo ao senado que em tal caso se deuiaõ reuogar as antiguas leys, fizeraõ Agesilao senhor dellas, para as quebrar, & fazer as que lhe parecessem necessarias; mas elle pelas não quebrar, & restituir à cidade os soldados de que tinha muita necessidade, disse, que por aquelle dia dormissem as leys; & levantãdo a pena dellas ao outro dia tornou à sua authoridade as mesmas leys: ensinando assi que as leys senão haõ de quebrar, mas que em caso taõ importãte se ha de dissimular



*Plut. in Vit. Peri.* com ellas. Isto mostrou tambem hum embaixador de Lacedemonia, pedindo aos Athenienses que fizessem pazes com os Megarenfes, quebrando hũa ley, que cõtra elles tinhaõ feito, & allegando Pericles, que não podia ser quebrar aquella ley por outra que o vedava, respondeo o Lacedemonio, que elle não lhe pedia que quebrasse a ley, senão que a virasse, porque costumã uão ter as leys escrittas em tauoas, & assi dizialhe que virasse a tauoa onde ella estaua escrita, o que disse podia fazer sem quebrar a ley. Polo que auendo occasiã que obrigue a não executar o rigor do bando, virar-se à a ley, mas não se quebrarã, fazendo por aquella vez que durma, como fez Agesilao, mas tornará a ter seu vigor, como aquella occasiã passar, & se se quebrar se rá quando ao exercito, ou à patria vier disso grandissima utilidade, como fez Agesilao. A execução das penas toca ao Barrachel de campanha, & tem authoridade para enforçar sem processo os que achar comprehendidos no bando que esta pena der, a quem o quebrar, & prenderã gèralmête por todos os delittos que se commetterem, mas despois de mettidos na prisãõ, os soldados que prender, não terá autoridade para os soltar, sem ordem do general: & para que seja respeitado trará consigo algũs homẽs, cõ armas, para sua guarda. E conuẽ que neste officio se ellejão homẽs prudentes, & de consciencia, porque cõ tão liure poder não façãõ, sendo diferentes, cousas que encontrem a justiça, & clemencia tão necessarias a todo o governo.

Elleitõs estes officiaes, se ordenarãõ as particulares leys, & bandes, que no exercito se hãõ de guardar, importantes ao politico, & militar governo, tendo esta differença, que os bandos serãõ sõ para cousas pertencentes à ordem da guerra, & as leys na paz, & na guerra, & não durarãõ mais os bandos, que na occasiã em que se lançaõ, porque conforme à necessidade do tẽpo se deuem vsar, naquellas cousas, q̃ não hãõ de ser perpetuas; polo que se publicarãõ ao som dos tambores, & pifatos, por todo o campo em altas vozes, que bando parece que vem de bande, palavra Italiana, que quer dizer apregoar, & assi como pregãõ se lançaõ. & como se acabar o tempo em que he necessario que se guardem, se deuem levantar, ao mesmo som dos tambores,

res, porque se o tempo com o esquecimento delles, os reuogarã, viraõ a perder o respeito que se lhe deue, não sabendo quando se hãõ de guardar, ou não; sendo taõ necessaria a obseruancia delles, que porque era bando o que condenaua a Manlio, foy nelle, por seu pay mandada executar a pena, desculpando este rigor a sua mesma obediencia, porque sendo mancebo na segũda guerra que os Romanos tiueraõ com os Gallos, desafiando hum delles os Romanos a singular batalha, não quis sayr a ella sem licença do consul, que parece deuia ser deitado bãdo, que nenhum soldado combatteffe sem ordem sua: como tambẽ fez Mario estando com o exercito contra os Simbros, mandando que nenhum soldado combatteffe em particular batalha. Tambẽ era bando o de Tito Quinto Cincinnato, mandando, quando o fizerãõ Dittador, que todos os soldados se apresentassem em certo dia, com comida para cinco dias, & doze paos daquelles com que entãõ se fortificauaõ os alojamentos. E do mesmo modo no conflicto da batalha seruem os bãdos, como se vé no que Fabio Ambusto mandou deitar, combattendo a cidade Ansur, publicando no feruor da batalha, que não mattassem senãõ aos que tiuessem armas; & este bando lhe aproueitou tãto, que deitando os inimigos as armas por terra, foy sem mais resistencia ganhada a cidade. E assi os bandos se entendem por aquellas cousas, que no actual tempo da guerra se mandãõ publicar ao som de atambor, ou trombeta, não sendo necessario de outro modo, porque sõ naquella occasiã seruẽ. E porque conforme ao tẽpo, & occasiã se costumãõ lançar, senãõ apontarãõ aqui em particular. Os que se deitarem ficarãõ escrittos polo secretario do general em liuro particular, & leuantandose os riscará, escreuendo o dia em que se leuantarãõ, para que não possa nenhum soldado ser cõprendido, & castigado fora do tempo em que o bando estiuer em pé. As leys differem dos bandos (como ja se disse) seruindo para o bom governo do campo, na paz, & na guerra: polo que hãõ de ser perpetuas, & não se publicarãõ ao som de atambor, nem em altas vozes, mas impressas viraõ à noticia de todos; que como ja se disse na primeira parte do terceiro discurso, conuem que de todos sejião sabidas, para que os officiais

*Tit. Liu. D. 1. l. 7.*

*Plu. in Vita Mar.*

*Tit. Liu. D. 1. l. 3.*

*Idẽ D. 3. l.*

officiais saybaõ o que haõ de fazer guardar, & os soldados ao q̄ deuem obedecer. Mas destas se apontaraõ particularmente as q̄ parecerem necessarias, para o bom governo do exercito, assi ao tratto, vida, & costumes, como ao exercicio, & com estas se guardaraõ as mais, que a patria tiuer. A primeira ley serã da pena que teraõ os juyzes, que vendendo a justiça, derem injustas sentenças, porque mal poderã auer justiça no exercito se quem a ha de fazer for injusto. E no exercito he muito mais necessario auer nisto grandissimo rigor, que os animos dos soldados sofre mal injustas, & como estaõ juntos, & com as armas nas mãos, podem se temer grandes desordês, pola pouca justiça dos julgadores. E assi para que a façã se obrigarã com a pena, & quando for a que Cambisses deu a Sylameno, porque vendia a justiça por dinheiro, naõ serã diferente da que taõ grande delitto merece: a qual foy, que mandando o esfolar fez cobrir o tribunal donde julgaua de miudas correas da sua pelle, para que aduertidos os q̄ nelle julgassem, cõ aquella memoria fizessem por temor, o q̄ por virtude naõ esperaua; pois como se diz nos sagrados Canones, *Cito violatur auro iustitia*: Depressa se corrompe com ouro a justiça. E por isso disse bem a Cleomenes hũa filha sua, q̄ fugisse às promessas que Aristagoras lhe fazia, para que cõ elle se confederasse em certa guerra, que naõ conuinha a Lacedemonia, porque se aguardaua q̄ subisse mais o preço de suas promessas, de força o sobornaria; & se isto se temia de hum rey, que se pode esperar de hum pobre jurista. E assi sendo taõ ordinaria a corrupção da justiça, pola força do dinheiro, he necessario, para q̄ se naõ faça ninguẽ com elle senhor della, por diante do julgador o temor da morte, que pode ser bastãte remedio, pois a quem ha de morrer polo ouro, de pouco lhe serue recebelo, & com a memoria desta pena poderã ser que guardem os juizes os tres preceitos do direito, segundo os juriscõsultos, viuer honestamente, naõ fazer danno a outrem, & dar a cada hum o que he seu. E se elles os guardarem bẽ se pode esperar, que os façã guardar aos mais do exercito, & sendo assi tudo serã justo, que he hum grande meyo para alcançar vittoria, porque (como diz Plataõ) a justiça pare concordia, & amizade, & de hum exercito de

ro de amigos, todo o bom successo se pode esperar. E assi sobre estes tres preceitos se fundaraõ as leys que se apontarem.

Na vida honesta, que he o primeiro preceito, naõ se entende sã a continencia, senã todos os mais costumes que para ornamento della saõ necessarios, como aqui se apontaraõ. A primeira ley das que se comprehendem debaixo deste preceito, serã que naõ aja no exercito nenhũa mulher, & auendo a se lançarã del- le, & se parecer rigurosa, considerando a fraqueza humana, que sendo fraca para resistir a seus appetites, toma forças para fazer mayores offensas, cõsentir se haõ, mas seraõ publicas, como nos exercitos d'agora se costumã, & quem tiuer algũa em particular serã pola primeira vez apartado com branda amoestação, & à segunda perderã qualquer dignidade que tiuer no exercito, como Lucio Flamínio condenado por Cataõ a perder a dignidade senatoria pola paixão com que amaua hũa mulher, mandando sã pola comprazer antes do tempo hum condemnado, como Cataõ referio na sua condemnação; & sendo soldado serã lançado do exercito a som de atambor, como fazia Sertorio aos cõprehendidos neste vicio. E he muito para sentir estarem de sorte deprauados os costumes da vida honesta, que pareça ser necessario naõ se fazer em hum exercito de Catholicos, o que se fazia nos de Gentios; porque naõ sã Sertorio defendia o tratto das molheres, mas outros muitos capitães, como Scipiaõ o menor Africano, que mandou lançar todas as molheres do exercito de Espanha, de que era capitãõ general. E assi quando resolutamente se mandar que naõ aja no exercito molheres, serã muito justa ley, & muito vtil, porque alem de vedar a nossa fẽ o illicito tratto dellas, naõ ha cousa mais contraria à militar disciplina; pois ella he aspera, seuera, & dura, & a lasciuia delicada, & branda. E assi diz Tito Liuius, que com a lasciuia, & ociosidade se desfaz a disciplina militar. E assi (como elle diz) a causa principal da ruyna de Antiocho foy a lasciuia, deixandose vencer no meyo da guerra de hũa filha de Cleoptolemo. E por isso o Emperador Aureliano, entre as ordês, & leys que deu ao seu exercito, foy o preceito da continencia, entendendo quanto importa aos soldados guardalo, pois alem dos muitos males q̄ consigo traz este

Herol. 3.

Plu. in vita Cleo.

Plu. Rep. li. 1.

Va. Ma xi. l. 2. 6. 4

App. A le. de bel. Cui. l. 1. Idem de bel. Elisp.

Tit. Liu. D. 4 l. 6.

## Primeira parte,

este vicio faz os homẽs inconstantes, que he o principio de rebeliaõ, & trayçaõ. E assi Siphax por Sophonisba quebrou a pa-  
*Appia.* lara que tinha dada a Scipiaõ, de o favorecer na guerra d'Afri-  
*Alex. de* ca. E pola mesma causa perdeo Annibal Tarato, porque sendo  
*bel. Pun.* namorado de hũa Tarentina, hum dos capitães que Annibal ti-  
 nha deixado para guarda da terra, pola cõpraizer entregou Ta-  
*Tit. Liv.* ranto a Fabio. Polo que se deve com muito cuidado procurar  
*D. 3. l. 7.* todo o remedio possivel a vicio taõ contrario da militar disci-  
 plina: & os que com elle forçarem as fracas mulheres, atrozissi-  
 mo crime, serãõ condenados á morte, ou seja a mulher de ami-  
 gos, ou de inimigos; que como a fraqueza das suas forças naõ  
 he bastãte para se defender, he necessario favorecella cõ o rigor  
 da pena que se der a quem as forçar. Enãõ se contentou o Em-  
*In Vitt.* perador Aureliano de castigar este crime cõ hũa morte breue,  
*Aurel.* ou pouco penosa; porque sendo culpado hũ centuriaõ em for-  
 çar a mulher do hospede, que o agasalhãra, mandou o atar viuo  
 polas pernas, & braços aos ramos de duas arvores, que fez incli-  
 nar, & soltandoas despois de atado o pattiraõ polo meyo. E nas  
 terras dos inimigos que por força se ganharem, se deve cõ mui-  
 ta mais razaõ guardar o rigor desta ley, pola menos defenõa que  
 fica às mulheres. E alem do beneficio que o exercito recebe, ga-  
 nharse ha hũa illustre reputaçãõ de clemencia; porque o he trat-  
 tar bem os rendidos, & serãõ bastante causa para render os q̃ ain-  
 da se defenderem, como succedeo a Flaminio, a quem se rendeo  
 muita parte de Grecia pola sua clemencia, & piedade. & assi diz

*Petra. no*  
*triumph.*  
*da Fama.*

*Tuo Flamminio che con forza vinse,  
 Ma a sai con pietate il popol Greco.*

*Tito Flamminio que venceo com força,  
 Mas mais com piedade o povo Grego.*

E assi tanto nas terras dos amigos, para cõfirmar fazendolhe  
 justiça, como nas dos inimigos, para com a clemencia os rãder,  
 se deve fazer com todo o rigor observar esta ley. Mas para este  
 vicio se desterrar de todo, ou se conseruar a contraria virtude,

laõ

saõ necessarias outras muitas cousas, & a principal de todas he  
 a temperança das comidas. E assi serãõ a segunda ley pertencen-  
 te ao primeiro preceito, a moderaçãõ das comidas; pois tam-  
 bem a demasiada copia do regalo dellas, faz os soldados inuteis  
 para as largas empresas; pois tantas vezes na continuaçãõ da  
 guerra lhe haõ de faltar. E assi sendo os Romanos costumados,  
 no seu principio a gozar no inuerno o regallo das suas casas, dei-  
 xando a guerra por virem inuernar em Roma; na guerra de  
 Viento, foy necessario inuernarem os soldados no cerco desta  
 cidade, o que naõ quiserãõ sofrer os tribunos da plebe, polo  
 que disse Appio Claudio, na oraçãõ que fez por esta causa, que  
 se bem naõ importasse para a guerra de Viento inuernar no  
 cerco, que conuinha muito à disciplina militar, que os solda-  
 dos se costumassem naõ só a saber gozar a vittoria, mas a so-  
 frer o vagar se a guerra fosse prolongada, & o fim de qualquer  
 vagarosa esperança, & se no veraõ senãõ puder acabar aguar-  
 dar o inuerno. E assi sendo necessario continuar muito tem-  
 po os trabalhos da guerra, de necessidade ha de auer grandes  
 faltas, & descommodidades, as quais naõ poderaõ sofrer os  
 soldados se estiuerem costumados ao regallo das abundantes,  
 & delicadas comidas. E por isso diz Platão que os soldados de-  
 uem comer sãõ carne assada, porque alem de receber com ella o  
 corpo menos humidade, polo que serãõ mais agil, he comida  
 que facilmente se guisa. Mas porque a natureza dos homens  
 estãõ mais fraca, & os costumes menos seueros do que Platão  
 queria, farscha nisto a mesma ley, que Scipiaõ Nãtica deu ao  
 exercito de Espanha; a qual foy, que ao campo se naõ trou-  
 xessem, mais que as cousas necessarias, & que nenhum sol-  
 dado tiuesse cosinheiro, nem outro instrumento de cosinha,  
 mais que hum espeto, hũa panella, & certam, nem quis que  
 comessem mais que assado, & cosido. E assi esta serãõ a ley,  
 que para a moderaçãõ das comidas se farãõ; se bem no ter co-  
 sinheiros se respeitãõ a qualidade das pessoas, mas na comi-  
 da naõ auerãõ differença: & naõ pareça esta rigurosa ley, pois  
 he melhor sofrer o rigor della, em vtilidade commum, que  
 com o costume dos regallos particulares, nam poder sof-  
 frer

*Plat. Rep.*  
*li. 3.*

*Appia*  
*Alex. de*  
*bel. His.*

frer a falta delles, com danno da republica: o que entendeu Ly-  
*Xenoph.* curgo, quando mandou em hũa das suas leys, que naõ comel-  
*de Repu.* sem huns mais delicadas comidas que os outros, polo que era  
*Lace. &* forçado, que naõ fossem muito delicadas; pois todos naõ te-  
*Plu. in vi* riaõ possibilidade para ellas. E assi por esta igualdade, & parci-  
*ta Licur.* monia ser taõ necessaria, naõ tomava Cataõ, sendo capitaõ ge-  
 neral, para seu sustento, & da sua familia, mais que tres medin-  
 nos aticos de trigo, & hum, & meyo de ceuada, para as caual-  
 gaduras, tendo cada medinno 192. libras, que a respeito da gen-  
 te, que elle sustentava, era raçaõ conforme a dos mais solda-  
*Plu. in vi* dos. E assi diz Plutarcho, que fez muito pouca, ou nenhũa es-  
*ta Catõ.* pesa do publico: o que he tambem cousa de muita considera-  
 çãõ; pois para os soldados se sustentarem de regaladas comi-  
 das haõ mister muito; & assi nunca lhe bastaõ as pagas, que que  
 se contenta (como Curio) com pobre cea, naõ tem necessidade  
 de ouro; & bem mostra elle quaõ necessaria seja na milicia esta  
 virtude, pois deitando Pyrrho de Italia, & alcançando tres triu-  
*Va. Ma* phos, o acharaõ os embayxadores dos Samnitas assentado em  
*xi. l. 4 c 3* hum escabelo ao fogo comendo em hum prato de pao, & deuia  
*Saluf. de* a comida ser conforme ao aparato. E assi diz Sallustio, que as  
*coni. Cat.* delicias de Asia corromperaõ os soldados Romanos. E Cyro  
*lust. li 1.* mostrou que corrompem todos os animos, porque para se as-  
 segurar dos Lidianos, os obrigou a ter burdeis, & tauernas, &  
 costumandose a estas delicias, de valerosos se tornaraõ vilissi-  
 mos, & inhabeis para a guerra, como seraõ os soldados que a  
 este vicio se derem. E cõ a prohibiçaõ das demasiadas comidas  
 se mandará, que nenhum soldado coma em tauerna, sob pena de  
 ser à segundavez lançado do exercito, como infame; pois o he o  
 soldado q̄ fizer cousas indignas da nobre arte, q̄ professa; & do  
 mesmo modo o que duas vezes se entregar ao vinho serâ, como  
 infame, lançado do exercito, que mais danno fará hum soldado  
 vicioso nelle, que ter duzentos menos, & o que tiver este vi-  
*Pli. de na* cio sempre serâ de pouco proueito, pois (como diz Plinio) o  
*tu. hist.* vinho causa muitas enfermidades, & Seneca, que manca  
*Senec.* os peis, & as mãos, & faz os homens luxuriosos, & assi vejase  
 que fruto se poderâ tirar de quem o beber com demasia. E  
 (como

(como se lê nos Prouerbios) do homem que se toma do vinho  
 naõ se pode fiar secreto. E era dos Romanos este vicio taõ re-  
*Prou. ca.* prouado, que auendose de julgar no senado, qual de dous se-  
 31. nadores era mais injuriado, dizendo hum ao outro, que tinha  
 a mulher adultera, & replicando este, & vòs a vossa borracha,  
 se julgou por mayor injuria a da embriaguez. E assi era ley em  
 Roma, que nenhũa mulher bebesse vinho sem licença do sena-  
*Va. Ma* do; & se pudera ser guardar esta ley entre os homens naõ fora  
*xi. l. 2, c. 1.* pouco proueitosa; pois naõ deraõ lugar aos que pouco estimaõ  
 a sua honra, a render o entendimento a hũa taça de vinho; mas  
 naõ podendo ser, prohibirseha (como està ditto) lançando do  
 exercito todo aquelle que duas vezes se deixar vécer do vinho;  
 porque o primeiro erro facilmente se commette, & pode ser a  
 caso, mas o segundo ja he por malicia, pois do primeiro fica a-  
 uisado para se guardar de cayr no segundo. Pittacho fez hũa ley  
*Aristot.* em que mandava, que ao bebado que commettesse algum de-  
*Polib. l. 2* litto, se desse dobrada pena, do que merecia estando em seu ju-  
 izo. E he muito posta em razãõ; porque ainda que o bebado  
 naõ sabe o que faz despois de estar bebado, quando se embebe-  
 dou, bem sabia o que fazia, & voluntariamente se priuou do  
 juizo, com o que se dispos a todos os crimes, & assi pois se dis-  
 pos para commetter os mayores, he bem que tenha dobrada pe-  
 na, naõ polo crime senaõ pola disposiçaõ em que por sua von-  
 tade se pôs. E assi tambem se guardará esta ley. E serâ grande  
 meyo para os soldados se absterem do vinho, saberem que se a-  
 uenturaõ a commetter algum delitto, & que lhe haõ de dar por  
 elle dobrada pena do que tiueraõ se em seu juizo o commette-  
 raõ. Seguem a estes vicios as regaladas camas, descanso, & re-  
 pouso dos corpos, porque està a natureza taõ estragada, que se  
 conuerte em delicia, o que por remedio se tomou; & assi naõ se  
 feruem oje das camas para refazer os membros do trabalho do  
 dia, para tornar a elle com nouas forças, mas para com a delicia  
 dellas mais se enfraquecerem; porque esse he o seu effeito, que  
 romando dellas o necessario descanso acrescentaõ as forças,  
 & se por regalo, estando grande parte do dia nos deliciosos  
 leitos, causaõ fraqueza. E por isso Alexandre era taõ vi-  
*Plu. in vi* ta  
*Alex.*

gilante que dormia com hũa pedra na mão, & o braço fora do leito, cõ hum vaso de metal debaixo, porque abrindo se a mão, com o esquecimento do sono, cayndo a pedra no vaso que tinha debaixo o rumor o acordasse, preuinindo deste modo o demasiado sono, sendo (por ventura) lição de seu mestre Aristotelis, o qual diz, que o muito sono enfraquece os espiritos dos homens, & animais, & o moderado os esforça. E assi seruido a cama, para com a moderação do sono esforçar os membros, se ella he de sorte que cause mais sono, o dormir muito enfraquece, & se nella se está acordado esta delicia estraga o animo, & com o pouco exercicio se entorpecem os membros, & assi o soldado ha de ser mais vigilante, que amigo de estar no leito: mas a ley que nisto se porá serà obrigarallos a certos exercicios, que ajaõ de fazer em amanhecendo: nos quais se ache o general, porque nenhum se escusará de fazer o que o seu general fizer, & tendo elle pouco apparatus de camas, & tendas, o mesmo modo seguiraõ os soldados, que como diz Tito Lívio, o pouo sempre he da condição de quem o governa. Naõ he menos importante remediar o demasiado custo dos vestidos, inutilissimo gasto, principalmente a hum soldado, que tem por ultimo fim, pelear com o ferro contra os inimigos, & naõ fazer mascarar entre delicadas damas; & naõ ha cousa que menos conuenha a hum soldado, que as demasiadas gallas, pois com ellas naõ se vence o inimigo, que (como dizia Papiro) pe-nachos naõ pelearão, & os vestidos galantes se çujaõ do sangue quando combattem, & que o ferro he só o que vence. E por isso Agefilao venceo os Persas; porque diz Plutarcho, que fazendo guerra em Asia, contra os capitães del rey de Persia, costumando elle pouco apparatus, & pobres vestidos, deu grande marauilha, & gosto àquelles pouos, vendo sujeitos a hũ homẽ pobremẽte vestido, & pouco delicioso os capitães de Persia cubertos d'ouro, & purpura. E assi os Egypcios quando elle os foy socorrer esperando ver hũ homẽ taõ esplêdido nos vestidos, & apparatus, como era na fama, & gloria das suas obras zõbaraõ vendoo pobremente vestido, & sentado sobre a herua; mas quando despois foy necessario combatter elle sò cõ a sua prudencia, & valor

Aristot.  
de somn.  
vig. c.  
1.

Tit. Liv.

Tit. Liv.  
D. I, l. 10

Plu. in vi  
ta Agef.

Idem.

& valor liuroo ao rey moço do poderoso inimigo que o tinha cercado. E assi prohibir se hão os vestidos de seda, & as custosas guarnições, porque custão muito, & duraõ pouco, & auendo o soldado de andar em campanha, & sustentarse da sua paga, naõ se poderã sustentar, se os vestidos forem custosos, & de pouca dura. E assi; porque os naõ vsassem mandou Scipião o menor lançar do exercito todos os mercadores: o que tambem fez Metello em Africa, polo que serà esta hũa inuiolavel ley, que nenhum soldado, de qualquer calidade que seja, traga vestido de seda, nem guarnecido de ouro, nem tenha mais que dous, no que tambem se fica forrando o embaraço dos bagages, de que a seu lugar se tratarã. E para que isto tenha mais brandamente o effeito que se pretende, se farã outra ley, que ao campo naõ venhaõ mercadores, senaõ aquelles que trouxer as cousas necessarias ao sustento da vida. Isto quis mostrar Agefilao, que trazendolhe os Egypcios hum grande presente de cousas deliciosas, & regaladas, naõ tomou delle mais que fari-nha vitellas, & patos, & apertandoo que tomasse o mais que deixaua, mandou o dar aos escrauos, mostrando que o soldado naõ auia de querer mais que o necessario, sendo as cousas deliciosas, mais para os animos vis, que para os altos espiritos. E assi naõ se consentiraõ entrar no campo senaõ os mercadores que trouxerem as cousas necessarias para o sustento, polo que serã preso, & condemnado na perda da mercadoria o que se achar no campo sem passaporte do general. Mas porque a seueridade destas leys naõ cause, pola corrupção do tempo, nos animos dos homẽs auorrecimẽto da milicia, moderarse ha com algũs agradaueis exercicios necessarios tambem ao bom gouerno do exercito, & à conseruação da sua concordia, que os subditos alegres voluntariamente obedecẽ, & por isso todas as respublicas do mundo, q̃ prudentemente se governaraõ tinhaõ muito cuidado em fazer festas ao pouo, cõ que o tiuesse cõtente, & alegre. E por isso os Emperadores, q̃ se apoderaraõ do Imperio Romano, a primeira cousa que faziaõ despois de ganhar com o dinheiro a vontade dos soldados, era solenissimas festas com o que alegrando o pouo o tinhaõ quieto; & os Atheniẽses faziaõ

Appia.  
Alex. de  
bel. His.  
Saluf. de  
bel. Lug.

Plu. india  
ta Agef.

Hero. l. 6.

disto tanta conta que condenaraõ em mil dragmas a Phinicio por recitar na praça hũa tragedia da destruyção de Mileto; por que foy causa de se entristecer o pouo. E assi se concederaõ aos soldados algũs passatempos com que sobreleuem a aspereza da vida, que na perfeita milicia se requiere, temperando hũa cousa cõ a outra, que (como diz Plutarcho) os medicos nas largas enfermidades, para as curar, deixaõ algũas vezes entreter os doentes em algũs honestos passatempos, & às vezes applicaõ hũ forçoso, & aspero remedio. E assi junto às seueras, & rigorosas leys, que se tem apontado, se concederã aos soldados, que se deleitã da musica, não fazendo profissãõ della; porque isso não será ser soldados, que Philippo não disse a Alexandre seu filho, que não fosse musico, mas que o não queria tão grande, nem Alexandre desprezou a musica, quando engeitou a Lyra de Paris, por que pedio a cithara de Achilles, mostrando que a musica não auia de servir às branduras de Venus, senão às generosas proefas de Marte; & assi disse, que tomaria a cithara a que Achilles cantaua os feitos dos homẽs valerosos, que a hum homem generoso, nas cousas da guerra, não està mal sentir algũa cousa da musica, que não desacreditou o valor, & virtudes de Cimon cantar pedindo-lhe em hum conuite onde se achou, em casa de Laomedõte, antes foy por isso auentajado a Themistocles, como escreue Plutarcho, que se gabaua de não saber cantar, nem tocar nenhum instrumento, mas que sabia fazer hũa republica poderosa, & rica. Antes he esta arte tão conforme à militar disciplina, que os Lacedemonios, principes no seu tempo della, & os primeiros, q̃ a escreuerã tão valerosos, como as suas proefas mostrãõ, celebradas de tantos escriptores, não sõ a permittiaõ, mas fayaõ a combatter ao som da tibia, & da lyra, como diz Pausanias; & o mesmo refere Thuccidides; & cantãdo varias poesias; feitas para aquelle fim inuistiaõ os inimigos, & despois da vittoria, com cõposturas a ella appropriadas, cantando a celebrauaõ. E assi accomodando a musica no modo da compostura, & nos versos que se cantarem, fazendo tudo hũa consonancia, & bella cosa armonia, será de muito effeito, leuãtando os animos sobre a sua natureza a cousas generosas; pois ella he tão senhora dos animos

animos dos homẽs, que diz Aristotelis, que a musica aliuia os animos irados, & faz alegres os que estãõ vencidos d'outras paixões; o que se ha de entender da musica alegre: & do mesmo modo a que for composta para animar os soldados fará esse effecto. E assi o mostrou Alexandre; porque estando em hũ banquete no meyo das delicadas comidas se leuantou pedindo cõ muita pressa as armas, arrebatado polo artificio com que o grande musico Timotheo tocava hũa certa compostura, accommodada para mouer os animos a combatter. E assi a que deste modo for composta será vtilissima. E por isso Platão quer que os soldados aprendaõ, & exercitẽ a musica, mas que não aprenderã a Lydia, que se vsaua nas cousas tristes, nem a Ionica, que seruiã nas brãduras, & delicias, senão a Dorica, que diz, que imitaua a ferocidade dos soldados, & a brãdura do governo da paz. Nos versos que junto com o instrumento se cantarem, não ha menos virtude, para criar hũ nouo, & bellicoso espirito, sendo conformes a este modo de musica, como crãõ os de Tirtheo; porq̃ perguntando a Leonidas que poeta lhe parecia q̃ fosse Tirtheo, respondeo, que era bom para mouer os animos dos mãcebos, porque com os seus versos, como forçados de algum furor (diz) que entrauaõ nas batalhas sem temor de nenhum perigo. E Alexandre estimaua tanto a Iliada de Homero, que nunca a apartaua de si, porque cantaua os feitos dos homẽs valerosos, mouendo com elles o animo a enuejallos; pois (como diz Plutarcho) nenhum mancebo nobre vêdo a estatua de Iupiter, q̃ estaua em Pisa desejou de ser Phidias, que foy o escultor que a fez. Polo q̃ sendo a poesia, como a escultura, hũa imitaçaõ (como diz Aristotelis) representando com os conceitos, os homẽs, & feitos valerosos, mais se desejarã imitar esses, que o poeta; principalmente nas cousas da guerra, aonde os homens desejaõ fazer cousas em que se veja o seu esforço. E isto mostra Cleomenes dizendo, que o poema de Hesiodo era bom para os lauradores do territorio de Sparta, porque os faria bõs agricultores, & a Iliada de Homero para os cidadãos, como aquella que os ensinaua a combatter. Polo que não deixará de ser proueitoso, ter no exercito poetas illustres: não como os que agora ao som das frutas de

*Iust. li 3.* siringa, cantão hum morto Adonis, & hū roubado Ganimedes, mas como Cyrtheo, que recitando os versos, que para esse effeito tinha cōposto, moueo os Lacedemonios a não deixar a guerra dos Messenios, & de sorte com elles os animou, q̄ sendo desbaratados duas vezes, os fez tornar a combatter a terceira em que ficaraõ com a vittoria: no que se mostra, que sendo a poesia qual conuem à militar disciplina, será proueitosa; mas destas cousas senaõ consentiraõ aquellas que não seruirem a levantar os animos a cousas generosas. E assi tambem senaõ prohibiraõ as danças, que forem accommodadas aos exercicios militares, sendo ellas dispostas para fazer agil quem as exercitar; antes se forem conformes à militar disciplina seraõ de muito proueito, como eraõ as danças que os Gregos vsuaõ, instituidas para se exercitarẽ os que na guerra auiaõ de seruir, como era a de Orchestia bellica, na qual especie auia muitas differenças, como escreue Iulio Poluce: & os Espartanos tinhaõ hūa dança chamada Gymnopediã, que faziaõ vsar aos seus mininos, para os habitar nos exercicios da guerra. E Aristoceno escreue que era inuentada para mostrar o caminho da Pyrrhicha, a qual era hum principio da verdadeira guerra, dançando nella os moços armados: exercicio que será proueitossissimo, como foy aos Lacedemonios, cuja militar virtude não teue igual, em quanto não romperãõ as leys, que a estes exercicios os obrigauãõ, polo que todas as suas festas eraõ inuentadas a este fim de seruirem para a guerra, como hūa a que chamauãõ Carnia, que era a semelhança de hum alojamento: mas oje mudando todas estas cousas, que incitauãõ à militar virtude ao seruiço da lasciuia, vẽ a ser dannosas, sendo aos antigos de tanto proueito, não estando o deffeito nellas, senaõ no fim para que agora se vsaõ: polo q̄ mudandose esse, & fazendoas seruir ao militar exercicio seraõ muy proueitosas, & os soldados alegres se entreteraõ em honrosos passatempos, nos quais os farà occupar o general todo o tempo que dos ordinarios exercicios lhe vagar, para lhes não dar lugar a fazer a ociosidade seu effeito, porque como diz Herodoto, o ocio, & repouso induz rebelliaõ. E assi occupandose nestes passatempos serlhesha mais facil a prohibiçaõ do jogo;

para

para a qual se farà hūa ley, que ninguem jogue cartas, nem dados sobpena de perder a paga do mes em que for comprêdido neste vicio; mas jugaraõ os jogos apontados na terceira parte do terceiro discurso, fazendo tambem os mais exercicios nelle referidos, sendo os mais continuos os torneos, & justas, como mais conformes à militar disciplina. Mas tendo ja mostrado de baixo do primeiro preceito os vicios que se deuem prohibir, & os passatempos que se deuem conceder; deuem se tambẽ dizer debaixo delle as virtudes que conuem seguir; porque sejaõ os soldados como os Athenienses em conhecer a virtude, & como os Tartaros, em não conhecer os vicios: porque (como diz Iustino) os Tartaros eraõ mais excellentes em não conhecer os vicios, que os Athenienses em conhecer as virtudes, & prohibindo os vicios (como se tem ditto) ficaraõ não os conhecendo, & ensinando lhe as virtudes, cõ o conhecimento dellas seraõ mais excellentes. E segundo as republicas que melhor em paz, & em guerra se governaraõ auerã escollas onde se ensine tudo o que pertence à perfeiçaõ desta Arte, como se disse na terceira parte do terceiro discurso. E como diz Vegecio, os Romanos costumauãõ ter nas suas legiões escollas que seguiaõ os homẽs letrados; no que se vê, que ainda passauãõ adiante, pois se apontaõ sò das cousas pertencẽtes à milicia. E as mais se deixaõ; porque agora està perdida a doutrina dos Stoycos, a qual diz Plutarcho que tinha hūa certa agudeza, com a qual os engenhos grandes, & agudos facilmente se leuantauãõ a hūa segurança com que se costumauãõ a não temer nenhūa cousa: nem temos a sciência com que Anaxagoras Clefomenio ensinou a Pericles, hūa magnificencia, & altiueza muito accommodada para alcançar reputaçãõ. E assi não auerã mais escollas que aquellas em que se ensinar a Arte Militar, com todas as cousas a ella pertencentes; & disto se receberã grandissima utilidade, porque os soldados que souberem estas cousas, com a continuaçaõ de as praticar se faraõ muito mais perfeitos nellas, & os que as não souberẽ aprendelashaõ, & todos deste modo se occuparaõ em vtilissimos exercicios, com que se escusaraõ outros de que se recebe muito danno.

Naõ

Naõ fazer danno a outrem he o segundo preceito, conforme a primeira ley da natureza, a qual foy sempre taõ mal guardada, & he taõ necessaria para a conseruação da cõcordia, que em nenhũa cousa deue auer mais seueridade, & rigor, que na obseruancia das que debaixo deste preceito se comprehendem. Porque desde o principio do mûdo, que se vio nelle, senaõ grauissimos dannos, que injustamente hûs homês aos outros se fizeraõ, & fazem de continuo, com mortes, & afrontas? cousas que ninguê queria que lhe fizessem, com as quais todos os estados, & congregações de homês se arruynaõ, & com a concordia florescê.

*Plu. indi* E assi querendo Alcibiades leuantar Athenas, quasi destruyda, *za Alci.* a primeira cousa que procurou foy a concordia da republica de tro de si mesma com o que a tornou a hum prospero estado. E como a concordia senaõ possa conseruar aonde se façã os homês hûs aos outros danno, pois o contrario da concordia he a discordia, & essa consiste em hûs aos outros se offenderem; aonde senaõ guardar este preceito de naõ fazer danno a outrem, naõ pode auer concordia, pois aonde se quebra, necessariamente deue auer o seu contrario. E como a concordia consiste na igualdade, & vnião das partes, que formaõ qualquer corpo, deue se procurar, que os soldados, & officiais entre si estem concordes, vnidos, & igualmente governados; porque elles sã as partes de quem se forma o corpo do exercito. E por isso disse Demetrio, que assi como nos edificios, quando debaixo de hum tecto, & de hûs sôs liames, se comprehendem as casas, aquellas que juntamente estaõ vnidas duraõ mais: assi o exercito, aonde todas as cousas a homem por homem diligentemente, & com vnida vontade se ordenaõ, todo se faz mais duravel, & firme. Polo q̃ pois a concorde vnião das partes, que formaõ qualquer corpo, o faz mais poderoso, & firme, se esta faltar no exercito naõ poderã elle durar, nem preualcer contra seus inimigos. E porque senaõ poderã alcançar esta vnião, & cõcordia entre as partes do exercito, se senaõ guardar este preceito de naõ fazer danno a outrem, naõ serã mais nobre cousa vingar hũa injuria, que soffrella, por conseruar esta concordia. Toda a honra dos soldados está em vencer os inimigos, & chegar ao desejado

fim a

fim a empresa que seguirem, & esse fim naõ se pode alcançar se naõ polo meyo da concordia; pois (como está ditto) hum exercito discorde naõ poderã fazer cousa algũa, como conuem, como hum instrumento de musica destemperado, que naõ faz cõsonancia: logo se hû soldado por vingar a injuria puser o exercito em discordia, mediante a qual se perca a empresa q̃ seguia, & perdendo a naõ alcance a honra que vencendo esperaua; mais honra serã naõ querer vingança da injuria, que procuralla, pois naõ se vingando possue a concordia, & possuindo a concordia vence os inimigos, & vencendoos alcança a honra, que da victoria se espera. E Pericles mostra bem claro quanta mais honra seja soffrer injurias, que fazellas; porque sendo na praça de Athenas maltratado, com palauras afrontosas de hum certo Atheniense, homem de menos sorte que elle, naõ sô o soffreo, mas vêdo que vinha tras elle dizendolhe as mesmas afrontas, chegando a casa, sendo ja noite, mandou aos seus que o acompanhasssem com tochas até o porem na sua; & assi o despedio sem lhe dizer, nem hũa sô palavra em sua satisfação. Pois se esta paciencia foy a Pericles afrontosa, & a insolencia do outro honrosa, bem se vê, em que Pericles foy governador, & principe de Athenas, & teue grandissima gloria, assi no gouerno da republica, como nas muitas vittorias que alcançou, & do que o afrontaua nunca se fez conta na quella republica. E quem afronta a outrem mostra se homem injusto, & quem o sofre dá claras mostras de hum animo grande, & generoso, pois em o soffrer se vence a si mesmo, & mais forte he quem se vêce a si, que quem vence as cousas fortissimas: & assi pois he mais forte quem sofre a injuria, que quem a faz, mais honra se ganharã em a soffrer. E deste modo se o que sofre ganha mais honra, o que faz a injuria ficará com a afronta. Polo que mais afrontado fica quem faz a injuria, q̃ quem a sofre, pois quem a faz encontra o fim total da sua honra, porque sendo esse vencer os inimigos, ja vay contra elle, quem injuria os amigos, porque se tiuera esse honroso intento, procuraria conseruallos, para o conseguir, & naõ ser principio de leuantar discordia inimiga das militares empresas. E assi quem for causa della fazendo injuria aos amigos, naõ procurarã ganhar a honra de



ra de vencer aos inimigos; & quem esta não procura na guerra, sem ella fica; & como a honra he opposta á deshonna, ficando sem honra o soldado, que cuida tiralla ao outro, deve ficar com a honra o q̄ generosamente com paciencia sofre a injuria: pois a generosa paciencia de quem sofre tambem he contraria á insolente soberba do que injuria; & assi como se propos a afronta fica com quem a faz. Porque a virtude só se deve honrar: & se à virtude se deve a honra, ao vicio se deuerà a infamia, fazer injuria he effeito de vicio; porque procede da ira, ou da ignorancia, ou de vicios semelhâtes, & não vingar a injuria, procede de virtude; porque a magnanimidade (como diz Aristotelis) he hũa virtude do animo, pola qual se pode sofrer hũa, & outra fortuna, a honra, & a injuria, & assi se sofrer sem vingar a injuria he magnanimidade, segue se logo, que se o que faz a injuria fica honrado, & o que a sofre sem a vingar afrontado, que ao vicio se dà a honra, & à virtude a infamia, o que he cõtra toda a razão; porque (como diz Aristotelis) só ao bom se deve honrar. E assi não ficará honrado o que faz a injuria, senão o que generosamente a sofre sem a vingar. Todo o homẽ que faz injuria he máo, porque o bom não injuria a ninguem, & a injuria não se satisfaz (segundo as leys de duelo, & do mundo) senão com outra may or, se o que vinga a injuria, para a vingar a ha de fazer, tambem he máo, & a honra não se deve senão ao bõ, segue se logo, que pois o que vinga a injuria he máo não merece honra. E por isso diz Platão que de nenhum modo, nem por nenhũa cousa se hade fazer injuria a ninguem, nem ainda por vingar a injuria recebida; porque a ninguem se ha de fazer mal. E assi só ganharà honra o que generosamente sofrer a injuria, & o que a fizer, ou vingar infamia. E alem disto todo o homem ganha honra em fazer bẽ o que professa, o çapateiro ganharà honra entre os çapateiros, se fizer bem de calçar, & o philosopho entre os philosophos, se philosophar bem, & o capitão entre os seus naturais se vencer os inimigos; & assi he abominauel cousa que só o Christão ganhe honra entre os Christãos, por fazer mal o que professa, que he guardar a ley de Christo Senhor nosso, o qual nos mãda, não só que não façamos injuria, nem que não vingemos a q̄ se nos fizer

Aristot.  
de virtuti-  
bus libe-  
lus.

Aristot.  
Moral.  
Nicom. l.  
4. ca. 3.

Pla. Crit.  
seu de ve-  
ra, & ius,  
opin.

fizer, mas que amemos a nossos inimigos, & que façamos bem aos que nos querem mal, & que roguemos polos que nos injuriaõ. Polo que pois Christo nos manda isto, & nõs professamos ser Christãos, & que faz bẽ o que professa he honrado, que não injuriar, ou injuriado não vingar a injuria, pois nisso guarda bẽ a ley que professa ficará honrado, & polo contrario afrontado, quem fizer injuria, ou vingar a que se lhe fizer. Mas está o mundo tão corrupto, & o entendimẽto dos homẽs tão cego, que se Deos não alumia o dos Christãos não será de effeito o que aqui se escreue. Mas porque he muito necessario euitar quanto for possiuel a discordia do exercito se apontaraõ algũas leys, com que se poderá dar algũ remedio a cousa de tanta importancia; porque assi como basta hũa pequena palha, que detem hũa roda de hum relogio, para o desordenar todo, & a dor de hum dedo, para perturbar todo o corpo, assi bastará a discordia de algũs soldados, para desordenar, & perturbar todo o exercito, cõ que se poderaõ impedir as suas acções, & não conseguirá o fim que pretende quem o leuantar. Polo que, ainda que segundo a disposiçaõ do mundo, pareceraõ duras estas razões, não se deixaraõ de apontar as leys que parecẽ conuenientes. E será a primeira. Que todo o soldado, ou official, que afrontar a outro, ou se vingar da afronta que lhe fizerem, seja por infame reputado, não podẽdo ter nenhũ dos cargos da guerra, & o que tiuer algũ será deposto delle. E não pareça esta ley rigorosa, porque a que desejar o vtil, & honesto, não pode parecer mal, pois nunca será nella cõprendido, & quem tal não for, he bem que tema este castigo, & que o tenha quando o merecer; porque sendo todas as cousas criadas para utilidade dos homẽs, como só o homem ha de nascer para seu danno? & quem isto considerar verà, que toda a pena merece aquelle homem, que faz danno aos outros, pois fica peor que todas as creaturas, em quem Deos pões menos perfeiçaõ, pois essas viuem para nosso proueito, fazendo o para que foraõ criadas. E assi não pareça rigorosa nenhũa pena, que para a conseruaçaõ deste preceito se appontar. E seguindo a ordem das falsas leys do Duelo (encontradas ja doutramente por alguns homens) quem desmentir a outrem se

Matth.  
ca. 5.

porà a vergonha todo hum dia com as mãos atadas, & húa roca na cinta; porque he officio de molheres offender com a lingoa: & se for soldado falohaõ gastador, & sendo official de Alferes arriba, perdendo o cargo ficará soldado, mas não poderá subir nunca a mais. E quem der bofetada estará co a mão cravada todo o dia, & no mais terá a mesma pena; & dando cú pao em algum soldado, com seys trattos de corda se castigará, estando despois de lhos darem tres horas na corda, & no mais como se tem ditto. E se hum soldado ao outro desmentir, & o outro lhe der húa bofetada, ambos serão castigados, com as penas referidas, & o mesmo quando hum der húa bofetada, & o outro o espancar, a ambos se dará a pena que merecem, & nenhum se lançará do exercito, porque nelle paguem a pena do delitto, & sejaõ estando nelle exemplo aos outros. E parece que se dá assí vtil remedio a estes males, porque estimando todos os homês tanto a honra, vendo que estas mesmas cousas, com que cuidauão ganhalla, são causa de a perder, não as commetterão fazendo se polo temor da honra obedientes; pois polo de Deos o não são, que não promete pequeno premio aos pacificos. E porque tambem recebem danno os soldados, do que negligentemente faz a posta, ou se dorme nella; pois sempre este descuido he manifesto perigo de todo o exercito, será grauissimamente castigado, o que cayr nesta culpa: pola qual em algúas partes põe quem a commette na corda, onde se dão os trattos todo hum dia mettido dentro de hum cesto, pendurado della até meyo ar, ou mais levantado. Em Flandes mandou o Principe de Parma quando governaua aquelles estados, pôr em lugar de cesto hum berço, mas húa, & outra nos parece pouca pena, polo muito danno, que pode causar o descuido de húa posta; pois o capitolio Romano fora ganhado polos Gallos, se os patos não acordaraõ as postas que dormiaõ. E assí o soldado, que faz com pouco cuidado a sua posta auentura a se perder todo o exercito, polo que dando a pena conforme ao delitto, a primeira vez será ( como está ditto encestado, levando seys trattos de corda; & a segunda enforcado; porque ja he especie de trayçaõ; pois, quando a sua intençãõ não seja

seja essa, fica traydo o exercito, que se confiava na sua vigia; pois com a primeira pena senaõ emmendou. A mesma pena se dará ao soldado que sayr desfarmado contra os inimigos, pois tambem fica traido a confiança que os mais tinhaõ na sua ajuda, & executar se ha com mais rigor naquelles que forem faltos das armas defensiuas: porq̃ o soldado ha de procurar primeiro guardar se a si, & despois offender aos inimigos. E por isso disse Marco Valerio Coruino (dignissimo capitão no seu tempo) cõ battendo a cidade de Calez, que antes queria acabar a empresa com o trabalho, que com o perigo dos soldados: & assi diz Plutarcho, que as leys dos Gregos não cõdenauão aos q̃ perdiaõ a espada, ou lança, mas aos q̃ perdiaõ o escudo. E por isso diziaõ as molheres de Sparta aos filhos, ou maridos, que hiaõ à guerra, quando lhe dauão o escudo, neste, ou com este tornarás, porque se estimaua tanto o escudo, que só de defender seruia, que antes queriaõ os filhos, & maridos mortos, que sem elle, pola pena, ou infamia que de o perder teriaõ. E assi quãdo Epanimundas morreo, trazendo o ferido à tenda, não perguntou por nenhuma peça das armas senaõ polo escudo, & morreo com elle ao lado. E he muy descende aos homens valerosos armarse de sorte, que não fique inutil, & mal conhescido o seu valor por falta de armas defensiuas. E por isso Homero sempre manda a combatter homês animosissimos, & muy bem armados. E os Lacedemonios despois de darem a Isida a coroa, que merecia pelas proefas que fez em defensa da patria, quando Epanimundas a entrou, o condenaraõ em mil dragmas, porque se metteo na batalha despido, & se pôs sem armas defensiuas em taõ grande perigo. E assi a todo o soldado a que faltar algúa peça das armas offensiuas, ou defensiuas, descontar se lhe ha da paga, em dobro o que valer a peça que lhe faltar. E isto ( como se disse ) será executado com mais rigor nas armas defensiuas; porque o soldado que se defende, sempre chega a ter tempo em que offenda ao inimigo, & o que se não defende, com as armas que o guardaõ dos inimigos, primeiro será morto, que lhes possa fazer danno. Mas isto se entenderã nos que trazem armas defensiuas, como são os colloletes,

Tit. Lina  
D. 1. l. 8.

Plut. in  
vit. Pelos

Dio. Sic  
p. 1. l. 15.

Plu. in vi  
ta Ages.

cauallos ligeiros, & homens d'armas, nos quais serà mayor culpa entrar sem peito, braçais, ou escarcellas na batalha, que sem espada: & no arcabuzeiro, porque a sua arma de sorte offende, q̄ juntamente defende, por qual quer peça que lhe falte, das tocantes ao seu arcabuz, serà com o mesmo rigor executado, que a quem faltarem as armas defensivas. Nos mais crimes, que se deuiaõ apontar, prouem as leys ordinarias, polo que senaõ apontão, pois todos sabem que são dignos da força, as espias добres, & os que tem particulares trattos com os inimigos, & que se passa polos piques todo o que faz trayção, de qual quer genero que seja, queimando os bastimentos, ou enclauando a artilheria, dando entrada aos inimigos, & os que fizerem motins, que he sobre todos os dannos o mayor de hum exercito: mas os que fugirem, ou fizerem couardia se deuem tratar com o rigor que os Lacedemonios costumauão, mandando que nenhum pudesse mais entrar em magistrado, nem casarse, trazêdo os vestidos de diuersas cores, & a barba meya cortada, & meya crescida; & indo pelas ruas podiaõ todos os outros tratellos mal de obra, & de palaura: porem sendo muitos os merecedores desta pena, ou pessoas de que se espere que fação a emmenda, não serà defacertado darlhes lugar, para q̄ a possaõ fazer, como fizeraõ os Romanos cõ os q̄ fugiraõ da batalha de Cannas, q̄ não os querendo receber na patria, mandandoos a Cicilia lhe deraõ lugar, para q̄ peleijando valerosamente emmédassem a culpa passada. E assi o rey dos Darios deu por castigo aos seus soldados, vencidos polos Bactrianos, que no leito tiuessem a cabeça onde soyaõ ter os pès, & fizessem às molheres o seruiço, que ellas faziaõ a elles: mas isto em quanto não satisfaziaõ com obras valerosas a passada couardia. E em casos que mereçaõ este rigor basta rã o castigo com que o seuero Papiro Cursor castigou a negligencia com que hum pretor dos Prenestinos gouernou em certa batalha os seus soldados; porque passeando ao outro dia, depois da batalha, polo campo chegando à sua tenda o fez chamar, & juntamente ao licitor que era o algoz entre elles, & cuidando o pretor que era para lhe cortar a cabeça, Papiro ficou satisfeito, com mandar cortar os ramos de hũa aruore, que

que tinha diante, entendendo que com o medo ficaua castigado, para conhecer o que em outra occasiã deuia a seu cargo. E assi com este castigo em semelhantes occasiões seraõ trattados os que faltarem nellas.

O terceiro preceito, que he dar a cada hũ o seu he o verdadeiro objecto da justiça; porq̄ a justiça (como diz Aristotelis) he virtude do animo que dá a cada hum o q̄ merece; a qual como elle entẽde não he hũa parte da virtude, mas toda a virtude. E assi se deue ter muita cõta cõ este preceito; pois guardãdo se alcança rã todas as virtudes; porque no exercito, a onde bẽ se guardar não faltará fortaleza, dãdo cada soldado à patria, & á fé a vida q̄ deue arriscar, & perder pola defenfa dellas, nẽ faltaraõ as mais virtudes, pois em nenhũa cousa se excederã, nem faltará dando a cada hum o que he seu. E o general que o guardar serà (com razão) mais digno do nome de Magno, que Põpeyo; porq̄ os principes, & os que gouernaõ taõ grãdes são como a justiça que tẽ. E assi dizêdo a Agesilao, que aograõ rey (entendendo o de Persia) contentauaõ certos ditos seus acerca da justiça, respõdeo, não he mayor que eu senaõ he mais justo: estimando (como diz Plutarcho) q̄ a justiça he a medida dos reys. E assi o capitaõ q̄ for justo resplandecerã cõ grandeza em todas as suas obras. E não serã taõ inclinado aos amigos como Themistocles, o qual dizia q̄ não queria estar em lugar onde os seus apaixonados não recebessem mayores beneficios que aquelles que o não eraõ; nẽ taõ austero como Aristides, que fugia das amizades, porq̄ (dizia elle) q̄ ou auia de peccar cõ os amigos, ou os auia de offender, negando lhe algũa cousa; nẽ serã taõ amigo de seu proueito, que anteponha a sua vtilidade a todas as cousas. E assi não ha de fauorecer tanto aos amigos, q̄ só elles tenhaõ os premios, & nunca o castigo, pois os merecimentos se haõ de premiar, & não as afeições; nem serã taõ seuero com os amigos, que não fauoreça largamente os que tiuerem merecimento; nem serã taõ amigo do vtil, que commetta injustiças, sã polo seu interesse. E fazendo deste modo justiça serã grande, poderoso, & temido, & juntamente amado; pois como diz Plutarcho, auendo de ser Deos, necessariamente, polo seu grande poder, temido, pola justiça

Aristot. de virtutibus lib. 1.

Aristot. Moral. Nicom. l. 5. ca. 1.

Plu. in vita Ages.

Idẽ in vita Them.

Idẽ in vita Arist.

Plu. in vita Arist.

he amado, & adorado. E assi guardarscha este preceito com summa inteireza, dando premio a quem por suas virtudes, ou seruiços o merecer, & castigo ás culpas que delle foré dignas, como se disse na quarta parte do terceiro discurso. E isto he em summa o que este preceito cõprende, sendo hum mar aonde todos os outros como rios entraõ. E deixando as muitas leys, que de baixo delle se haõ de guardar, em que o direito dispõe, todo o official que negar ao soldado algũa cousa das suas pagas, ou socorro, ou outras cousas, que por direito lhe toquem, por pequenas que sejaõ, serà deposto do cargo, & pagará em dobro ao soldado o que lhe tomou. Está introduzido entre os officiais da milicia hũ perniciosissimo costume de passar praças falsas, o que he causa de grauissimos dannos; porque a el rey se faz dobrada espela do que na verdade ouera de ser, & faltandolhe o dinheiro, por esta causa, retardãose as pagas dos soldados, de que succede passarem elles miseravelmête, & fazerem grandissimas, & continuas offensas a Deos, roubando, & matando aos proprios amigos, para se sustentar, & tras isto amotinandose, como cada dia acontece. E ainda ha nisto outro danno mayor, que he chegar a dar batalha cõ menos gente da que se entende ser necessaria, como aconteceu a el Rey Francisco em Pauia achandose ao dar da batalha com menos gente da que polas pagas entendeu que tinha. E esta quer o Guiciardino q̄ seja a principal causa da sua rota; o q̄ pode ser em outras occasiões, quando nesta o não fosse. E assi o official que passar praças falsas serà condemnado na perda dos bês, que não forem vinculados, porque se pode presumir que tenha furtado tâto, que menos não baste para pagar; mas sabendose em certo pagalloha em dobro, & de hum modo ou d'outro serà deposto do cargo, & quando parecer cõdenallo em mayor pena, ou à morte como traydor, não serà desacertado, pois he hũa tacita trayção, em que senão pode dar remedio sem muito rigor. O soldado que furtar a outro qualquer cousa, por pequena que seja, serà enforcado, porque andando em campanha aonde tem de continuo infinitas occasiões de furtar, se se não atalhar este vicio, com o riguroso castigo delle, não se poderá viuer entre tão varios homês, como os de que he cõposto hum

Guiciard.  
l. 15.

hum exercito. E assi diz Iustino, que o mayor peccado entre os Tartaros era furtar; porque nunca habitauão em pouoados, andando sempre em campanha. E tambem do mesmo modo se castigará o furto que se fizer aos amigos; porque se o exercito q̄ os ha de defender os rouba, muda em contrario o seu fim, fazêdolhes danno, em lugar de lhes fazer proueito. E por isso o Emperador Aureliano mandaua castigar seuerissimamente todo o soldado q̄ furtasse algũa cousa ao seu hospede, ou a outra qualquer pessoa. E Possenio Nigro condenou à morte sette soldados que furtarão hum gallo ao seu hospede, & pedindolhe elle que lhes perdoasse lhes deu a vida com condição que lhe pagassem dez vezes mais do que valia, & deulhes por penitencia, que não accendessem fogo durante aquella guerra. E assi serà seueramente castigado todo o soldado que furtar qualquer minima cousa aos amigos, ou sejaõ seus hospedes, ou não, pondo a este crime pena de morte.

Como todas as leys té a sua autoridade na obediência dos subditos: sendo esse tâbem o fim dellas, fazêdo polo temor da pena obedecer aos q̄ sem elle o não fizeraõ; deue se procurar cõ muito cuidado fazer os soldados obedientes, não sò cõ a execuçãõ das penas, mas com todos os modos que para isso podê seruir; pois sem a obediencia dos subditos não podem os que gouernão conseruar a sua autoxidade, nem a paz do seu gouerno. E por isso diz Plutarcho, q̄ os Lacedemonios mandauãõ aos seus maiores cortar a barba, para que nas cousas de pouca importancia se costumassem a obedecer, entendendo prudentissimamente, que a obediencia das cousas pequenas dá autoridade às grandes, & vem a constituir hũ animo obediente a todos os preceitos. E sendo a obediência muito mais necessaria no gouerno do exercito, aonde muitas vezes está a vittoria em obedecer a hũa palavra, com mais cuidado, & diligencia se deuem instruir, & doutrinar os soldados na obediencia, até das minimas cousas; para que venhaõ com este costume a fazer habito de obediência. E bem mostra Macheo capitaõ Carthagines quanto importa, & se deue estimar a obediencia dos soldados ao capitaõ, pois mandou enforçar seu filho, porque passando por diante do seu

Inst. li 1.

Plu in vi  
ta Cleom.

Inst. l. 18

campo com que tinha cercado Carthago, que ingrata aos benefícios que delle recebera o tinha desterrado, não quis obedecer ao seu chamado dizendo, que o mandava enforçar, porque desobedecera a hum capitão Carthagines, parecendo-lhe mayor crime que o de não obedecer a seu pay, porque a obediencia q se tem ao capitão redonda em vtilidade cômum, sendo pay da patria, pois he amparo della, que assi chamaraõ a Camillo quando liurou Roma dos Gallos, & a do pay he respeito particular.

*Tit. Liv. D. 3. l. 4.* E assi Fabio Maximo sendo consul, porque seu pay, estando a cavallo, quando elle passava, lhe não guardou o decoro q se guardava aos consules, mandou ao licitor q fizesse seu officio, o qual o fez apear, & elle disse ao filho, q passara daquelle modo, por q quisera ver se conhecia que era consul: polo que mais obediencia, se deve ao general, que ao pay; pois aqui não sò o pay obedece ao filho cõsul, mas nesta obediencia quer que se conheça a dignidade do seu cargo. O que mostra que nenhũa cousa se deve castigar com mais rigor, que a desobediencia, como se fará acrescentando às leys, que ordinariamente se guardão na militia contra os desobedientes, a pena que ao general parecer, dando mayor, ou menor castigo, conforme a desobediencia o merecer, & não se apontão os casos particulares, porque he tão importante a obediencia no exercito, que toda a desobediencia fica sendo tão grande crime, que nas cousas pequenas nos parece digna de morte, & nas grandes não ha outra pena mayor.

Pois se tem ja com os poucos preceitos que se apontaraõ a aberto o caminho, para com mais facilidade se poder seguir o q conuem à perfeição do politico governo do exercito, mostrarsehaõ agora as cousas cõ que se poderá dispor, para melhor na occasião executar as ordẽs militares: o q se fará seguindo a doutrina de Marco Valerio Coruino, Scipião o mayor, Metello, Mario, & outros muitos que com os exercicios, q faziaõ continuar aos soldados, em quanto não combattiaõ com os inimigos, alcançaraõ tudo o que nesta parte se pode desejar. E assi por meyo do exercicio se alcançará hũa perfeita disposição nos soldados, apra a vencer os inimigos, como se tem mostrado na terceira parte do terceiro discurso. Mas para que dos exercicios se ti-

re o

re o fruto que se pretende, he necessario que os soldados os fação de boa vontade, applicandose a elles de todo o seu animo, & que sejaõ conuenientes. O primeiro se alcançará fazendo o capitão general o que fazia Marco Valerio Coruino, & se dirá aqui do modo que Tito Livio o escreve: o qual diz, que nunca se viu outro capitão mais domestico com os soldados, exercitando com os mais infimos todas as cousas militares; & nos jogos em que os soldados fazem experiencia das forças, com igual rosto sofria ser vencedor, que vencido; não desprezava nenhum, era igual com todos nas obras, segundo conuinha, & benigno nas palavras, & finalmente se lembrava tanto da liberdade dos subditos, quanto da sua dignidade. Nas quais palavras se mostra hum modo facilissimo para que os soldados se exercitem de boa vontade, pois nenhũa cousa faz aos soldados mais leues os trabalhos, que exercitados em companhia do affabil capitão. E sendo este o modo com que o capitão alcançará que se exercitem os soldados de boa vontade, Scipião o mayor mostra quais os exercicios deuem ser, & a ordẽ que nelles se ha de guardar; porque quando quis levar o exercito de Carthago de Espanha contra os inimigos, fez primeiro exercitar os soldados (segundo Polibio) deste modo. O primeiro dia mandou que cada soldado armado corresse trinta estadios; o segundo, que todos othassem as suas armas, & as alimpassem, & concertassem; o terceiro que repouassem; o quarto que cõbattem com espadas de pau cubertas de couro; & o quinto q corressem como o primeiro, & logo ensinou como auiaõ de marchar, accommetter, & retirar-se, & as mais cousas pertencentes á guerra, trabalhãdo sobre tudo, que em todas as occasiões mantivessem a diuida ordẽ militar. Mario imitou estes dous capitães; porque diz Plutarcho, que nunca recusou nenhũ grande trabalho, nem os pequenos achou indignos delle: mas contendendo com os homens de mais autoridade em cõselho, & prudencia, contendia cõ os soldados de parsimonia, & estreiteza de vida; polo que alcançou como Marco Valerio Coruino a beneuolencia de todos: & quando aguardava os Cimbros, que baixauã a Italia, fez, como Scipião, exercitar os soldados em todas as cousas da guerra, fazendoos

*Tit. Liv. D. 1. li 7.**Pol. l. 10**Plu. in vita Mar.*

doos correr, & caminhar, fazer fossos, & trincheiras; & assi todos os seus soldados obedição de boa vontade seguindo propriamente o q'elle ordenava. E ficaraõ taõ destros, como nas suas vittorias se vê. E o mesmo beneficio alcançaraõ os capitães que seguirão o mesmo estilo, como foraõ Metello em Africa, & Scipião o menor em Espanha, como se vê em Sallustio, & Appiano Alexandrinõ. E assi segundo estes exemplos se apontará o que convê para exercitar os soldados. E adverta o capitão que não leve o exercito cõtra os inimigos sem ter algũs meses continuado com todo o exercito estes exercicios, principalmente sendo os soldados novos. E por ser isto muito necessario costumavaõ os Romanos (como diz Vegecio) despois de elleitos os soldados fazellos exercitar ao menos quatro meses, & entãõ se constituya a legião. Polo que levantando, como se tem feito hum exercito de novos, polo menos se exercitaraõ seis meses antes q' se faça algũa empresa cõ elles. E seguindo a ordem de Scipião, & a doutrina de Vegecio. A primeira cousa em que os soldados se exercitaraõ será em correr, agilizando cõ isso os pelados corpos, para lhe ficar mais facil, quando lhe for necessario seguir cõ presteza os inimigos, & retirar-se: fazendo-se tambem com este exercicio mais aptos para sofrer hũa larga escaramuça, o que será de muito proveito, não sendo de menor (como diz Vegecio) costumarem-se a trazer peso, pois com este exercicio lhe viraõ a parecer as armas mais leues, & a poder levar, quando seja necessario as cousas do seu prouimento, como fizeraõ muitos capitães, como se dirá na terceira consideração. E os cavalleiros, quando os infantes continuarem estes exercicios, faraõ o mesmo correndo nos seus cavallõs, & subindo, & descendo nelles (como Vegecio aponta) estes seraõ os exercicios do primeiro dia, os quais se faraõ pola manhaã ficando a tarde liure para se occuparẽ nos passatẽpos, q' se permitiraõ, como está ditto. O segundo dia gastaraõ todos a manhaã em cõcertar, & alimpãr as armas, que por limpas, & concertadas que estem, sempre lhe será proveitoso vellas, de oyto a oyto dias hũa vez. E a tarde lhe ficará tambem liure. O terceiro se exercitaraõ em tirar a barra, & cousas semelhãtes, que espartem as forças. E o quarto em todo

o gene-

Salust. de  
bel. Jug.  
Appia.  
Alex. de  
bel. Hisp.

Veg. l. 2.  
cap. 6.

Veg. l. 1.  
ca. 9.

Idem. ca.  
19.

Idem. l. 1.  
ca. 18.

o genero de armas: os arcabuzeiros, & mosqueteiros atirando à barreira, os piques torneando, & jugando cõ o pique, os cavalleiros escaramuçando, & rompendo lanças em hum estafermo. E assi hũs, & outros exercitaraõ todas as armas cõ que haõ de peleijar. O quinto caminharãõ em ordem o que se puder, da manhaã até horas de comer, recolhendo-se a essas no seu alojamento, quando o não ouverẽ de mudar. E este exercicio he muy necessario, fazendoos hora caminhar de pressa, ora de vagar ao cõ passo do atambor. E assi diz Vegecio, que na ordenança, & no caminho he de muita utilidade guardarẽ os soldados igualmente esta ordem; polo que diz que no veraõ caminhem em cinco horas vinte mil passos, com passo cheo, & com mais apressado, nas mesmas horas vinte & quatro mil: mas não convem limitar o caminho, nem fazello com tanto vagar, & deixando aos officiais do exercito a determinação disto, sãõ se adverta agora, que caminhem de pola manhaã até o meyo dia, ora de pressa, ora de vagar, fazendo que de hum, & outro modo guardẽ a ordem necessaria. O sexto dia se ordenará hũa batalha, como se com os inimigos se ouvesse de combatter, ensinando aos soldados os lugares, & distancias em que haõ de estar. E assi dizia Scipião que se avia de ter muita conta com os espaços, que os soldados deviaõ occupar: & nos cavalleiros dizia, q' não avia cousa mais perigosa que arriscarse, desfazendo a ordem. Polo que a hũs, & outros se ensinarã a guardar a sua ordẽ, mostrando-lhes tambem como haõ de accommetter os inimigos, & como retirar-se; & todas as mais cousas, que em hũa batalha podem ser vteis, & necessarias. E deste modo cõtinuaraõ todas as somanas, sem interpoler nenhũa até que despois de continuarem a guerra, percaõ o nome de soldados novos, que entãõ bastará fazerẽ cada cousa destas hũa vez cada mes, como Vegecio diz, q' mandavaõ Augusto, & Adriano aos soldados novos. Mas sendo para elles pouco este exercicio, exercitarse haõ, como está ditto, & os soldados velhos hũa vez cada mes, porque lhe não esqueça o que aprẽderaõ. Todos estes exercicios se faraõ sempre na presença do general, & mais capitães, para fazer nelles cõceito do valor de cada hum dos soldados, & mais officiais, & para elles

com

Veg. l. 1.  
ca. 9.

Pol. l. 10.

Veg. l. 1.  
ca. 27.

cô mais cuidado seguiré aquellas cousas, q̄ lhe ensinai é. E cõ estes exercicios, & cõ o mais q̄ das ordẽs politicas se té mostrado, fazêdo tudo (como está ditto) naõ só se terãõ perfeitissimos soldados, & hũ poderoso exercito, mas se ganharaõ as vontades de todos os subditos, como acõteceo a Cataõ Vticése, q̄ sem a procurar ganhou a benevolência dos soldados, porq̄ naõ lhe parecêdo q̄ elle só deuia proceder hõradamente, procurou cõ todas as suas forças, q̄ os soldados fossẽ em virtudes iguais a elle mesmo: reprimêdoos, naõ cõ lhe fazer temor, mas cõ as boas palauras, e a razaõ. E assi diz Plutarcho, q̄ difficilmête se pode dizer, se cõ a sua disciplina os fez, ou mais humanos, ou mais fortes, ou mais ferozes, ou mais justos; porq̄ os fez ferozes cõtra os inimigos, humanos para os cõfederados, timidos em fazer injurias, e prõptos a ganhar hõras. Mas a graça q̄ cõ elles alcãçou, como nome no lugar se vé, foy porq̄ trabalhaua cõ elles nas mesmas cousas q̄ mãdaua fazer aos outros, vsando os vestidos mais de soldado, q̄ de capitão. E assi o capitão q̄ governar cõ justiça, benevolência, & amor os seus soldados, e q̄ se exercitar cõ elles igualmête nas cousas q̄o permittiré, fatã (como Cataõ) o seu exercito adornado de todas as virtudes, e polo cõ seguinte inuito na guerra. E para hũ exercito chegar a este grao de perfeição ele jase antes de bisonhos, q̄ naõ dos q̄ ja tiueré militado, cõ outros preceitos: porq̄ mais facilmete se ensina o q̄ naõ aprêdeo outra cousa em cõtra rio do q̄ se lhe quer ensinar, q̄ naõ a quelle q̄ aprêdeo ruim doutrina; pois será necessario fazello esquecer della, & ensinarlhe a boa; & o outro cõ só aprender de hũa vez fica bê doutrinado. E por isso faziaõ bê os Lacedemonios, q̄ de pequenos se costumauã aos perfeitos exercicios da milicia. E assi diz Plutarcho, q̄ a chamou Simonides domadora dos homẽs, domãdoos do principio como os cauallos: o q̄ senãõ poderã fazer tãõ facilmente aos soldados q̄ tiueré ruim doutrina; como os cauallos, q̄ mais facilmete se domãõ do q̄ se lhe tira algũa ruim manha. E assi doutrinado do principio os soldados noueis, como se apõtou, seguiramete se alcãçará hũ exercito domestico na paz, cõ os amigos, & forte na guerra cõtra os inimigos, como Platão q̄r q̄ sejão os soldados, & será jutamete obediẽte aos mayores, & justo cõ os subditos, & iguais.

Plut. in  
Vitt. Cat.  
Vitt.

Idem.

Plat. Rep.  
li. 2.

TER-

T E R C E I R A C O N S I -  
D E R A C A O D A S M U N I C O E S , E  
Bastimentos necessarios.



ANDANDO O Senado Romano, por conselho de Q. Metello, hũ pretor cõ dez legados, dous tribunos da plebe, & hũ edil, a informar-se, junto cõ hũa causa de q̄ os Locrenses se queixauãõ, do procedimento de Scipião, assi dos costumes da sua vida, como da ordẽ, & apercebimento do exercito, cõ que se esperaua q̄ passasse em Africa; por se dizer em Roma, que tudo estaua corrupto, quando o pretor, & legados chegarãõ a onde elle estaua, informados ja da sua inteira virtude, para se escusar com obras, & naõ com palauras, dos feitos com que em Roma calumniãõ o seu exercito, mostroulhes o primeiro dia os soldados de terra, & a armada do mar, na forma em que se auiaõ de apresentar para combatter com as armas, & ordẽ, que a hum perfeito exercito conuinhaõ: & logo lhes mostrou as munições, & bastimentos, que julgaua bastarem para a empresa de Africa, q̄ despois com estas mesmas cousas acabou felicemete. E segũdo este exẽplo pois se té ja mostrado os costumes, & proceder do capitão, & hũ exercito armado, & ordenado como conuẽ, para bê se governar, & cõbatter, deue se agora tratar das munições, & bastimentos q̄ auerã mister. E he cousa de tanta importãcia, q̄ nenhũa fez mais dãno a Marco Antonio, quãdo foy cõtra os Parthos, que deixar as suas munições, pois esta desordem lhe causou todos os reuezes que naquella empresa lhe succederãõ, como se vé em Appiano Alexandrino. E Tito Liuiõ diz, que Annibal se ouuera de perder, no principio da guerra de Italia, por falta de bastimentos, se por trayção lhe naõ entregarãõ hũa villa, onde os Roma-

Tit. Liv.  
D. 3. l. 9.

Appian.  
Alex. de  
bel. Par.  
Tit. Liv.  
D. 3. li. 1.

Nã

nos

nos tinhaõ feito deposito dos seus. Por não pôr neste risco o successo da guerra, se deve procurar com muito cuidado, prover de munições, & bastimentos em abundancia. E por isso quádo Pompeyo passou em Africa, cõ cem navios de guerra, leuou 80. de munições, & bastimétos. Cujo exéplio claramente mostra o que dizia Archidamo, que a guerra não se sustenta de mantimento dado por medida: & por isso se ha de prover o exercito de sorte, que se possa antes queixar o principe, que faz a despeza, de superfluidade, que de falta os soldados. E assi respondeo Scipiaõ o mayor a Cataõ Censorino, que o reprehendia da muita despeza que fazia para a guerra de Carthago, que seguindo elle a guerra a vellas cheas, não tinha necessidade de questor tão diligente, porque elle não auia de dar cõta do dinheiro despendido, senão da empresa a que o mandauaõ; E por isso (como está ditto no segundo discurso) o dinheiro he necessario em segundo lugar; porque com elle se pagaõ os soldados, & se fazem as munições, & compraõ os bastimétos, sem as quais cousas se não pode fazer nenhuma guerra. E assi sendo de tanta importácia nella o dinheiro, começaremos esta cõsideração polos officiais que tem conta com o que no exercito se ha de gastar, & o que em seus officios haõ de fazer, & logo se dirá as munições, & bastimentos que com elle se haõ de ajuntar.

Os Romanos tinhaõ o officio de Questor para entender na despesa do publico, & cobrar as rédas da republica, como se vê em Tito Livio. E assi quando algũ capitão trazia para o cõmum algũ dinheiro aos questores o entregava. E na guerra també do mesmo modo o questor tinha o dinheiro, & assi querendo Marcello premiar em nome da republica a Lucio Bancio, mandou ao questor que lhe desse 500. bigates moeda daquelle tépo. E o mesmo officio, & cargo dà Polibio ao questor dos Romanos. E Polibio de assi este officio entédia particularmète no q se auia de gastar, & podia ir á mão ao general quádo lhe parecesse q conuinha. Na milicia moderna ha o mesmo cargo, mudando o nome de questor em veedor general: o qual entède em toda a despesa q no exercito se faz, por ordẽ do general a que elle ha de obedecer, & só cõ o cõsultar lhe poderá aduertir, q não gaste em cousas desnecessa-

necessarias; mas em fim ha de seguir o que elle determinar: mas terá supremo imperio sobre todos os mais officiais, que tiuerẽ cuidado do prouimêto do exercito, dos quais a seu lugar se tratará, & elle lhes tomará conta sabendo particularmente os preços do que se comprar, & se fazem a despeza que dão em cõta: no que auerá mister tanta vigilancia, como o general na guerra que faz contra os inimigos, ou mais porque estes officiais particulares: & assi como se aquenta mais quem mais se chega ao fõgo, deue se temer q sendo lhe tão facil satisfazer à cobiça, & particular interesse, que o fação, pois mudando hũa cifra, & concertando se cõ hum ministro do mesmo negocio alcançaraõ o seu intento. E por isso Cataõ Vticése, quando o mandáráo por Pretor a Chipre, em todas as cousas que auia de vender, ou cõprar para a republica, elle mesmo era o corretor, concertando as vendidas com as mesmas partes; porque senão fiaua dos ministros, q elle tinha por auarétos, & cobiçosos, polo que ha de ter este official muito cuidado com todos os que hão de administrar a fazenda do principe a que seruir, & conhecendo que entre elles ha algum cobiçoso, & auarento, ainda que o não compréda em erros de seu officio o disporá do cargo; porque (como diz Tito Livio) a luxuria, & auareza todos os imperios derrubaõ. E assi se o auarento não he para senhor, nem para vassallo, nem para gouernador, nem para subdito, nem para pay, nem para filho, nem para amigo, nem para vizinho. Polo que dos homens deste vicio senão fiará cousa algũa do gasto, & despesa do exercito; porque quando não furtará o dinheiro do seu principr, né o dos soldados o seu natural vicio os não deixará fazer as cousas como cõuẽ; porq regateãdo no q comprarẽ, temêdo sempre gastar, nunca terãõ nada ao tépo que se ha mister, ou deterãõ aos soldados as pagas, & cousas necessarias, cuidãdo q poupaõ nisso; q he hũ grã de engano; porq sendo auaros no q hãõ de dar, não se acresceta nada, & não dão aos soldados o q lhes toca, he causa de se cõmitterẽ grãdes males: porq os soldados malpagos, quádo senão amotinarem, não poderaõ deixar de furtar, fazendo mal aos amigos,



migos, & desacreditando ao seu principe, & nação. E assi escollhe-sehaõ para este cargo de veedor general, & para os mais a elle inferiores, homẽs liures deste vicio; não sendo tão inconsiderados que prodigamente gastem tudo, mas de juizo para saber considerar o tempo, occasião, & dinheiro, que tiuerem, para conforme a isso vsar a liberalidade, que està no meyo destes dous vícios, prodigalidade, & auareza. E não se entenda q̃ o rico està liure de ser auaro; porq̃ antes nelles he mais certa a parte deste vicio a q̃ chamamos cobiça; como o hydropico, q̃ quãta mais agoa bebe, tãto a sede he mayor; porq̃ (como diz Seneca) ao auaro não se pode dar tãto q̃ lhe baste, & quãto mais tẽ, tãto mais deseja; porq̃ como a força da chama he tanto mais vehemẽte, quãto he mayor ofogo dõde saye, assi a auareza he mais ardẽte, quãto os auaros são mais ricos. E assi diz Iustino, q̃ a cobiça das riquezas està onde ha o vso dellas. E o auaro em sua propria significação não se pode chamar rico, porq̃ senão a proueita da sua riqueza. E assi se elle senão serue da riqueza tã rico he como o q̃ nada possue. E por isso disse Bias, q̃ rico he a quelle, q̃ não cobiça nada, & pobre o auarẽto. E pois nẽ as riq̃zas tirão a hũ homẽ ser auarento, & cobiçoso, nem quẽ auaramente as guarda, se pode ter por rico; busquem-se para estes officios, não os ricos, senão os desinteressados, & que se contentẽ com o que possuẽ: nem se ellejaõ os que com nouas traças, & inuencões para ajuntar dinheiro, com danno dos subditos, se quiserem mostrar mercedores destes cargos; porq̃ nos tais não pode deixar de auer os vicios apontados; porque assi como as artes, & sciencias tem seus particulares objeitos, nos quais occupão o pensamento os professores dellas, do mesmo modo os vicios tem seus particulares sujeitos, que leuão tras si o animo de quem os tem. Polo que assi como os professores das artes se conhescem no modo com que dellas falaõ o homem que falar em ajuntar, & guardar dinheiro, dãdo para isso traças exquisitas, deuese ter por auaro, & cobiçoso; porque os sujeitos destes vicios são adquirir, & guardar dinheiro. E quẽ se occupar em buscar traças para auer dinheiro de qualquer modo q̃ seja, sendo (como està ditto) auaro, & cobiçoso, não procura estas traças, senão respeitãdo a sua

vtili-

vtilidade, & naõ a publica da sua patria, & do seu principe. E por isso diz S. Ghrisostomo q̃ o auaro he cõmũ inimigo de todos. E assi as suas traças naõ redundão em proueito vniuersal ainda q̃ tenhaõ essa cõr; mas como dizia Lisandro serue-se da pelle de raposa, onde naõ chega a de leão. E assi o q̃ naõ podẽ descuberta-  
 Di. Chris.  
 Plu. in vi  
 ta Lisand.  
 mente grangear, pretendẽ alcançallo, cõ fingimento de proueitos falsos; porque o auaro (como diz Seneca) para ninguem he bom; porque como diz S. Gregorio, quando vê outro mais poderoso cuida que o ha de destruir, & se vê outro que he menos, que elle, cuida que he ladraõ. E assi dos tais senão seruirão em semelhantes cargos; porque temendo os mayores procuraraõ fazer lhes mal, & desconfiando dos pequenos naõ poderaõ nunca fazer nada, que como diz Polibio naõ crer nada a ninguem naõ he proueitoso aos negocios; q̃ se haõ de fazer. E sendo qual deue o veedor general, liure destes vicios, tomarã conta aos mais officiais, como està ditto, & miudamente saberã em que gasta raõ, o que se lhes entregou: & assistiraõ, que he seu particular officio, a todas as mostras; & poderã mandar riscar a praça áquelles que lhe parecerem indignos della, & terã conta com q̃ todos passẽ a mostra com as armas que lhe tocaõ, & que os capitães naõ passẽ praças; cousa a que atẽgora senão tem dado remedio, sendo muito prejudicial: porque alem da despesa que mais fazem, podẽ o engano das praças ser tanto, que por elle se perca a empresa, tentãdoa com menos gente do que conuinha, enganãdo o general, ou principe, com as listas dos pagadores, & officiais do soldo, que são os que entendem nas contas, & pagas de tudo o que se despẽde, como ministros do veedor general. E assi conuem que sejaõ homẽs de muita confiança, como se tem ditto. Mas para que o veedor general estẽ aduertido do modo com que se costumaõ passar praças falsas o apõtaremos. Quando em ausencia do veedor general, se manda fazer pagamento a algũas companhias, costumaõ os officiais que as fazem, concertarem-se com os capitães, & partirem as praças que faltaõ, ou de mortos, ou de fugidos das companhias (que sempre são muitas a onde as pagas se fazem de tarde em tarde) pola amettade entre elle, & o capitão, & depois o po-

bre capitação, causa principal daquelle furto, faz a partilha q̄ elles chamaõ dous, tres, & àz, fazendo da sua parte seis, das quais he ficaõ tres, & duas ao alferes, & hũa ao fargento. E deste modo por bẽ pouco preço, a cobiça dos officiais, he ruina do seu principe. O outro modo he, fazêdo, que outros passem as praças cõ o nome dos mortos, fazendohe artificialmente os sinais que os outros tinhaõ. E està este embuçado furto taõ introduzido, q̄ parece a hum official que perde do seu officio se o não faz. Polo q̄ nos parece q̄ deuemõs defenganallos, pois se tratta desta materia. E assi entenda o official, que isto fizer, que furta, & he obrigado à restitução, não só do dinheiro do seu principe, mas da honra, & liberdade da sua patria, pois com semelhante furto a aventura a hũa graue ruina, cõsumindolhe falsamente o dinheiro com que se ha de defender, tirandolhe os soldados, que mais pudera ter em seu beneficio, com o dinheiro que lhe furta. E assi ainda que o dinheiro pode ter restitução, como algũs capitães fizeraõ, deixando por herdeiro a el rey, o segundo furto não se pode restituir, pois não se podem fazer, que a batalha, que por este respeito se perdeo, seja ganhada, nem que viuão os q̄ nella morrerãõ, nem que a patria destruyda não tenha padecido este danno. Ia quizerãõ algũs homẽs dar remedio para se não passarem praças, mas em fim todos se achaõ vãos, nẽ ha outro senão a consciencia dos officiais, & o temor do soldado que passar a praça, tendo pena de morte, & os officiais sabendo que he diuida, que não tem restitução; alguns disserãõ que se dobrassem as pagas aos capitães, & que se enforcasse todo o que depois fosse comprehendido, mas nem este pareceo bom remedio; porque elles não passaõ praças, porque lhe não baste a paga, se não porq̄ para as dilicias d'agora tudo he pouco: & assi ainda q̄ se lhe acrescentãra, como as condições senão podião mudar sempre as passãrãõ. Polo q̄ senão apontarã outro remedio, porque em estamagos dannados não aproueitãõ as mezinhas; & este mal não terá cura em quanto senão tirarem os superfluos gastos deste tempo, como fonte donde mana; pois assi na demasia dos regallos, como no custo do necessario ha tanto crescimento, que nem os capitães se contentãõ com as suas pagas, nẽ os sol-

os soldados podẽ viuer com as q̄ tem, sendo tão poucas a respeito da careza do tempo. Polo q̄ se deue tratar dellas, como couza digna de muita consideração, porque segũdo Polibio, os Romanos dauã a cada infante para seu sustento dous obolos, que faziaõ de nossa moeda 13. reis, & 2. ceitis, porque hũa dragma, q̄ tinha seis obolos valia 40. reis, aonde 2. obolos faziaõ a terçã parte de hum real de prata, que he 13. reis, & 2. ceitis. Aos centuriões dauã dobrado soldo, & aos caualleiros hũa dragma, que era hum real de prata: o mesmo se vè em Tito Luiuio dizendo, q̄ a paga dos caualleiros continha tres dos infantes, que como já se disse era a terçã parte de hũa dragma, que tinha valia de hum real de prata; & dauãõ mais a cada infante dous terços de hum medinno attico de trigo cada mes, que crãõ 72. arrates de 16. onças, que fazem 4. alqueires, sayndo por cada dia, pouco mais de meya quarta. E aos caualleiros dauãõ 7. medinnos de ceuada, & 2. de trigo: & este trigo, & ceuada lhe dauãõ à conta das suas pagas, donde o Questor o abattia, segundo o que valia; & tambem os vestidos, & armas q̄ ouessem mister. E assi era mayor a sua paga que os 13. reis, & 2. ceitis por dia, & vinha a ser ao todo 40. reis, como se vè em Plinio signalando as pagas aos soldados de 10. assis, que faziaõ hum dinheiro, porq̄ ainda q̄ 16. assis erãõ hum dinheiro que valia 40. reis, nas pagas dos soldados erãõ sò de 10. assis. Em Cornelio Tacito se mostra o mesmo, quando tratta da rebelião das legiões de Pannonia, aonde queixãdo se Perfeneo disse, entre outras cousas que os mouia a rebelarse, que estimaõ o seu corpo pouco mais que hum real de prata cada dia. Com este pouco soldo lhes conuinha comprar os vestidos, as armas, & fazer todas as cousas necessarias; & conforme a isto (segundo Polibio) vinhaõ a ter os soldados para sua comida 18. reis, & 4. ceitis cada dia 13. reis, & 2. ceitis em dinheiro, & 5. & 2. ceitis de trigo, porque valendo hum alqueire dous vintéis, que era o preço, porque entãõ se vendia, custaua a ração de cada dia nos meses de 30. dias 5. reis, & dous ceitis, & a demasia até 40. reis lhe dauãõ em vestidos, armas, & cousas necessarias. Do que se vé claramente que era a paga daquelle tẽpo tres cruzados cada mes; como a q̄ agora se dà aos soldados; porque ainda q̄ aos menos

roque esta paga, he a ordinaria, & o mais se dá por ventage, assi o terço que se acrescenta nas companhias dos piques, como o cruzado mais que nas de arcabuzeiros se dá aos soldados, o que os Romanos também fazião, pois (como se vê em Polibio) o cuidado com que premiauão os soldados, era causa da felicidade das suas empresas; & Tito Livio mostra bẽ claro quanto mais dauão aos soldados nas suas vittorias, do que agora tem de ventage nenhum, como se vê quando Lucio Scipião triumphou de Asia, & Fabio Maximo dos Gallos, Toscanos, & Samnitas, dando a cada soldado, & official premios, que naquelle tempo, diz Tito Livio, que eraõ de muita estima. E em Cornelio Tacito se vê que os Romanos dauão ventages aos seus soldados, porque perguntando Arminio a seu irmão Flauio, que premio lhe deraõ os Romanos, polas feridas que em seu seruiço recebera, respondeo que lhe deraõ hũa cadea, & hũa coroa, & lhe acrescentarão o soldo. E assi a paga que dauão os Romanos aos seus infantas era a mesma que se dá agora, & a dos caualleiros contando o trigo, & ceuada polos preços daquelle tempo era igual aos oyto cruzados que se daõ de paga aos cauallos ligeiros. E quando se quiser contar o trigo a como agora val, bem se vê a muita ventage da paga dos Romanos. & respeitando o tempo acharse ha que nenhuma comparação faz, pola careza das comidas, vestidos, & espesa que nas armas se faz agora, pois a poluora, & corda leua meya paga. E assi considerando, que as pagas são em numero iguais, como he possiuel, que hum soldado se sustente neste tempo, com o mesmo, que no dos Romanos se sustentauão, pois deixando antigos exemplos, todos sabemos quanto o preço de todas as cousas tem subido de 10. & 20. annos a esta parte, & polo conseguinte quanto deuiaõ crescer do tẽpo dos Romanos atégora; & assi respeitãdo o preço das cousas tinhaõ os Romanos dobrada paga da que agora se dá aos soldados, polo que não he possiuel que se possaõ sustentar cõ a sua paga, & assi peréceraõ, como he de crer que succeda, se de outras cousas se não ajudarem. Pois se he vtil á milicia terem os soldados pagas com que se possaõ sustentar, claramente se conhescerã dos danos que a falta do sustento em toda a parte faz; pois como diz

Stobeu,

Stobeu, a pobreza está sempre apercebida, para cõmetter qualquer mal. E daqui nasce a vniuersal queixa que tẽ dos soldados todos os estados onde ha presidios, porque não se podendo sustentar os soldados com as proprias pagas, he forçado valerem se do alheo, fazendo odiar o seu principe. E deixando o que toca á consciencia, em senão darem aos soldados pagas, que lhe bastẽ para a guerra, he causa de grauissimo danno, pois por este respeito duraõ os soldados pouco tempo nella, desfazendose com facilidade os grandes exercitos. E assi se deue considerar com muita diligencia, & maduro cõselho a paga, que serã bem se dê aos soldados, respeitando o que neste tempo, para se sustentarem auerão mister, conforme á careza dos mantimentos, & vestidos, & custo das suas armas: & em hũas partes se lhes darã mais soldo que em outras, conforme nellas estiuer o preço das cousas necessarias, pois sempre se ha de respeitar o que auerão mister para seu sustento. E só na paga dos soldados se deue fazer esta consideração, & não na dos capitães; porque aos soldados a careza dos vestidos, & comida lhe faz não se poderem sustentar, & aos capitães o costume dos regalos, & delicias, porque sustentandose os centuriões dos Romanos cõ duas pagas de infante; não bastarem aos capitães d'agora 13. parece que o superfluo he o que lhes falta, & aos soldados o necessario; pois quando conforme aos Romanos se regulara o soldo, tendo hũ capitão 40. cruzados, deuiaõ elles ter vinte: & sendo esta muito demasiada, antes a dos capitães se deuia diminuir, que acrescentar. O que serã acertado, quando se guardarẽ as leys, que na ordem politica do exercito se apontarã, não se auentajando em vestidos, & comidas dos seus soldados; pois daqui nasce acharẽ a sua praça pequena, & furtarem ao seu principe, ou republica, as que falsamente fazem passar. E sabendo o soldo que a cada soldado, & official se ha de pagar, se verã em summa quanto dinheiro serã necessario para as pagas, que ao exercito se hão de fazer, a respeito da gente, & tempo que na empresa se pode gastar, acrescentando sempre no tẽpo, porque esse he incerto, não estando na mão do general o fim da guerra; mas fazendo orfamento cõ boa consideração, se aperceba primeiro q̃ se comece a guerra

a guerra todo o dinheiro, que nella será necessário ao menos da maior parte, tendo lugar certo donde se possa tirar o resto.

Depois de elleitos o veedor general, & officiais do soldo, se ellegerão os mais que tem a seu cargo as munições, & bastimentos. As munições se costumão entregar ao general da artilheria o qual alem de particularmente entender no governo della, ha de pôr o mesmo cuidado em todas as munições, & instrumentos necessários governando os artifices delles, como os ministros da artilheria. Os Romanos, segundo Vegecio, chamauão a este official, *Perfectus fabiorum*, O qual entendia nas mesmas cousas que o capitão da artilheria, tendo à sua conta os instrumentos com que então se battrão, & expugnauão as cidades, & fortalezas, & todos os officiais mecanicos do exercito: & o mesmo fará o capitão da artilheria: ao qual depois de elleito, se darão os ajudantes, & artilheiros, que pareceré necessários conforme a artilheria do exercito: dos quais se dirá o numero que alguns aprouão, segundo as peças. Os ajudantes são os que ajudão aos bombardeiros no serviço da artilheria, & os bombardeiros os que apontaão, & disparaão quando conuem. Os officiais mecanicos serão todos os necessários a hũa republica, ainda que à contra do general da artilheria, parece que sò deuem estar serralheiros, ferriteiros, mestres da artilheria, ou fundidores, carpinteiros de toda a sorte, para fazer as rodas, caixas, & toldos da artilheria, & torneiros, poluoristas, cordoeiros, & ferradores, & com estes são também da sua jurdição os gastadores, de que auerá bastante numero conforme ao do exercito, & artilheria, porque ainda q os Romanos os não vsauão, seruindo os soldados de fazer os alojamentos, & quaifquer reparos necessários, & de cortar madeira, & fazer cousas semelhâtes como agora os gastadores, elles não tinhaão artilheria, a qual tem necessidade de quem lhe concerte o caminho, por onde ha de passar, o que os soldados não podem fazer, pois são necessários para aguardar, & defender, & sendo occupação de todo o dia, quando se marcha o accommodar os caminhos, sempre se perderião muitos soldados não podendo poucos fazer este officio. E assi he bem que aja gastadores, & elles em cantidade, que antes sobejem, que faltem,

aos

aos quais se darão capitães, que os governem, com hús pendões por bandeiras, & às vezes seruem com suas armas metendoos entre os infantes, ou fazendo com elles algum estratagemia, como se mostrará quando se tratar de fazer a guerra. O seu particular officio he concertar os caminhos, fazer os alojamentos, as trincheiras fossos, & mais reparos necessários. E assi se ellegerão respeitando o caminho, que se ha de fazer, & o exercito q se ha de alojar, & defender: porque onde os caminhos forem asperos, mais gastadores se auerão mister, para melhor accommodarem os passos, para a artilheria. E se o exercito for grande, de mais gastadores terá necessidade, que o pequeno, pois maiores alojamentos auerão mister. E se o exercito ouuer de combatter terras fortes, também terá necessidade de mais gastadores, que se só em campanha combatresse, por respeito das minas, & trincheiras. E quando por algum accidente sejaõ necessários mais dos que se tiuerem leuantado, (o que poderá aeontecer no cerco de algũa terra, ou fortaleza) os soldados trabalharaõ também, que em semelhantes occasiões todos cõ o trabalho se honraõ. E por isso se prouerá o general d'artilheria em abundancia, entre as mais munições, que a seu lugar se apontaraõ, de enxadas, picões, cabanejos, pás, & aluiões.

Para as mais cousas, q ao serviço da artilheria são necessárias, se cõsiderará o numero, e calidade das peças, q se regulará pelas terras, ou fortalezas, q se haõ de batter. E assi cõ esta cõsideração se mostrará que peças, & quantas, pouco mais, ou menos se ellegerão, para qualquer empresa: & logo conforme a ellas os bombardeiros, & ajudantes que auerão mister, & a poluora, & balas que gastaraõ, & as mais cousas ao serviço da artilheria necessárias, & que sorte de caualgaduras, & quantas para a leuar.

Para se elleger a calidade das peças se deue considerar o fim para que se ellegem, porque diferentes se haõ mister para pelear em campanha, que para batter hũa fortaleza. Também se deue respeitar a calidade do muro que se ha de batter, como se dirá na terceira parte a que pertence tratar das batterias, & aqui sò se dirá o que seruir para se saber as munições que se auerão mister. Para campear serue a artilheria de hũa liura de bala até

doze;

*Eniciar.*

*Gab. Bu. della es. pugna. delle for. ca. 4. Cap. 8.*

doze; porque para campear he necessaria artilheria ligeira por ser mais accommodada em se mudar com facilidade de hum lugar para outro, vtilissima cousa, como se vio na batalha de Ra-uena, que a presteza com que os Franceses mudarão a sua artilheria, a onde ficaua ferindo por lado aos esquadrões Espanhoes, lhe deu a vittoria: & por isso Gabriel Busca approua os cauallos para cõduzir a artilheria antes que os boys, polo vagar cõ que se mouem; & assi quando elle falla da vtilidade que nas batalhas terrestres se tira da artilheria, quer que a grossa se accõmode em lugares auentajados; & que a miuda fique na batalha polo que se ellegerà para campear artilheria ligeira, q̃ não passe de 12. liuras de balla. Mas auendose de batter algũas fortalezas, se ellegerà para hũa batteria a que aqui se aponta, & por ella se verá a que para duas, ou tres se auerà mister: succedendo muitas vezes ser necessario em hum mesmo tẽpo batter em tres, & quatro partes hũa fortaleza. E esta he a necessaria para hũa só batteria duas atẽ tres colobrinas de 60. ou 50. libras de balla para tirar as defensas das casas matas, dous, ou tres canhões da mesma balla, para bater a cortina quatro canhões de 30. ou 20. libras para bater do cordão para riba seis quartos de canhões de 12. libras, para campanha, & os mais que se seguem, oytos falcões, ou sacres de 6. libras, & 12. falcões sinhos de tres libras. E conforme a isto se leuarà a artilheria, segũdo as batterias que se hão de fazer, porque sendo duas será necessaria outra tanta artilheria, & tres duas vezes mais, principalmente das peças de bater, mas nem sempre se ha de guardar esta ordem, porque pode auer occasiões em que seja necessario acrescentar, ou diminuir o numero das peças, & a grandeza dellas, & assi se ellegerão as necessarias respeitando a empresa que se ha de fazer, as baterias q̃ nella se farão, & a qualidade dos muros, porque são muito differentes, os de terra dos de ladrilho, & os de ladrilho dos de pedra, & os que tem cõtra fortes, esporões, ou borareos aos que são sem elles, como na terceira parte se dirà. E conforme as peças, & a qualidade dellas se ellegerão os bombardeiros, & ajudantes dando a cada peça de 50. libras hum bombardeiro, dous ajudantes, & vinte gastadores, ou soldados, ainda que sendo o seruiço dos soldados

dados tão necessario em outras muitas partes, parece que será mais conueniente que este da artilheria seja só dos gastadores: mas as occasiões podem ensinar ao general o que deue seguir, conforme a necessidade, que dos soldados, ou gastadores se tiver em outra parte, & às peças de 30. libras se darão hum bombardeiro, & hum ajudante, & 14. gastadores, ou soldados, & os mesmos aos quartos de canhões, & às peças mais pequenas hũ bõbardeiro, & cinco gastadores, o numero das ballas, & poluora necessarias se poderà saber considerãdo os tiros q̃ pode tirar cada peça em hũ dia, & cõforme a elles será necessario mais, ou menos poluora, & ballas. E assi para que em nada aja duuida se apontará em todo o genero de artilheria, o q̃ se poderà gastar destas cousas cada dia. Hũa colobrina de 60. libras pode tirar cada dia 40. tiros, & assi auerà mister para cada dia que ouuer de bater 40. ballas, & 1500. libras de poluora, as de 50. tirarão 45. tiros & tantas ballas lhe serão necessarias para cada dia, & de poluora as mesmas 1500. libras; e hũa colobrina reforçada de 25. libras pode tirar 60. tiros cada dia, e ha mister 60. ballas, e 1000. libras de poluora; hũ canhão de 60. libras tira cada dia 80. tiros, ha mister tantas ballas, & 3200. libras de poluora; hũ canhão de 50. libras pode tirar cada dia 90. tiros tãtas ballas ha mister, & 3000. libras de poluora; hũ meyo canhão de 30. libras pode tirar cada dia 110. tiros, gastará outras tantas ballas, & 2200. libras de poluora; hum sacre, ou falcão de 6. libras pode tirar cada dia 120. tiros, ha mister as mesmas ballas; & de poluora 720. libras; hum falconete de tres libras pode tirar 140. tiros cada dia gastará de poluora 420. libras. Algũs autores, que trattão da artilheria differem desta conta, mas he tão pouca quantidade que vay pouco em seguir mais esta opinião que a sua, & a differença está só nos tiros q̃ cada peça pode disparar cada dia, porque sabendo isso, o numero de poluora, que gastará he facil, sendo em todas cousas certa quãta por cada carga se dà a cada peça. E assi cõforme a esta cõta se poderà fazer orsamẽto da poluora, q̃ para a artilheria se auerà mister: mas porq̃ he difficultoso darlhe numero certo dependẽdo do successo da guerra, sempre se leuarà mais da q̃ se cuidar q̃ bastará, porq̃ a sobeja não se perde, & a falta della pode

fazer muito d'ano. E do mesmo modo se proverão de ballas, e das mais munições necessarias ao serviço da artilheria, como são rodas de sobrecelête, porq' acertado a quebrar algũas não se impida o caminho, pontes para passar os rios, cabrestâtes para encaualgar as peças, & polas onde for necessario, cordas de toda a sorte, cayxas para as ballas, cartuchos, & cayxas em que se leuem, taboas accomodadas, para fazer esplanadas sendo necessario, cestões para reparo dos artilheiros, lanternas, candeas, ballas de fogo, & em fim todas as mais cousas ao serviço da artilheria necessarias. As caualgaduras que hão de tirar a artilheria serão cauallos antes que boys, porque são mais prestes, & de melhor serviço, que os boys não farão em duas horas, o q' os cauallos fizerem em hũa: & sendo tão necessaria, & de tanta importancia a presteza, muita vêtaje faz a colera dos cauallos à fleima dos boys, à só o inconueniente da despesa, porq' os boys sô com pascer das heruas, que polo campo alcançarem se sustê tão, & os cauallos hão mister mantimento custoso, sendo também o preço dos cauallos muito differente, podendo se cõprar dous boys com o que custa hum cauallo. E assi quem quizer forrar despesa, elleja os boys para o serviço da artilheria, & quem quizer fazer cõ ella mais effeito os cauallos. O numero dos que se auerão mister se saberà polo peso, & numero das peças, porque cada cauallo, ou boy pode tirar em hũ carro doze arrobas, antes mais que menos: & assi sabêdose o peso das peças, & quantas são se saberà quantas caualgaduras se auerão mister, porque suppõdo que aja em todas as peças do exercito 2000. arrobas, partindoas por 12. que he o que pode levar cada cauallo, quantas sayrem na repartição, tantos cauallos se auerão mister, & fazendo o mesmo em cada peça, se lhe darão os necessarios. E saber o que pesão as peças he cousa facil, pois pola grossura, cõpimento, & vão se sabe o que pesão. E sabendose deste modo precisamête os cauallos, ou boys necessarios, sempre se leuarão de respeito os mais que for possivel. E assi também para os carros das munições, aos quais senão darão mais, q' dous cauallos, ou boys para cada hum. A cargo do general da artilheria, irão também a poluora, & ballas dos arcabuzes, mosquetes, & quantidade de chum-

de chumbo para se fazer sendo necessarias, & corda em abundancia; que sempre será acertado procurar que sobeje o que faltando pode fazer muito danno.

Mandando os Athenienses a Demades, que pusesse em ordem a armada, auêdo pouco dinheiro para as cousas necessarias, disse que primeiro conuinha amassar o paõ, & despois tratar dos nauios mostrando nisto que antes q' se faça a guerra se deuê prover os bastimentos, que nella se auerão mister; & que em quãto delles senão proverem, senão deue começar empresa algũa, polo que agora se tratarà dos bastimêtos necessarios; pois (como diz Vegecio) muito mais consume o exercito a falta dos bastimentos, que as espadas, & lanças, & que muito mais cruel que o ferro he a fome. E assi primeiro se ha de procurar defender o exercito de tão grande inimigo, que dos que cõ as armas o offendê; porque hum exercito mal provido de bastimentos, não poderà cõtinuar a empresa que pretende, ou se perderà nella; & o que tiver os necessarios sempre pode ter esperança, em quanto de todo senão desfizer, de dar felice fim a sua empresa; porque muitos soldados se saluaraõ com a força das armas despois do exercito destruido, como fizeraõ os que escaparaõ da rota de Cannas, rompendo por meyo dos inimigos; & não se viu nunca exercito que sitiado da fome senão perdesse: & esta foy a principal causa, porque em Caudino os Romanos passaraõ polo jugo dos Samnitas, pois entendiaõ, que sem perigo nenhum os inimigos os venceriaõ, vencendoos primeiro a fome. E assi tinhaõ os Romanos por de tanta importancia a provisãõ dos bastimentos, que senão acha em todas as suas historias que se encomendasse o cuidado delles senão ao general, & quando a outré era á segunda pessoa do exercito; como fez Augusto Posthumio sendo Dittador deixando na cidade o mestre dos caualleiros para fazer esse officio; & Camillo indo cõtra os Antiatos, deixou na cidade para o prover de bastimêtos a hũ tribuno militar q' era igual cõ elle no cargo. Polo q' ainda q' aja particular official q' entenda nos mantimêtos o general deue ter delles tanto cuidado como da ordem cõ q' ha de cõbatter. Mas ejetoca por ser teu particular officio ao commissario general prover

*Plu in di  
ta Cleom.*

*Veg. l. 3.  
ca. 3.*

*Tit. Liv.  
D. 3. l. 20*

*Idem. D.  
I. l. 9.*

*Tit. Liv.  
D. I. l. 4.*

*Idem. D.  
I. l. 6.*

o campo de todos os mantimentos necessarios. E assi se ellegerà neste cargo hum homê de muita confiança, & de bastante intelligencia para se saber prouer com as cômodidades que nisso pode auer dos tempos em que se haõ de comprar os bastimentos, & de q̄ terras para serẽ melhores, & mais baratos. Debaixo deste official ha outros muitos q̄ o ajudaõ a administrar o seu officio, hũs que andaõ correndo as terras para cõprar os bastimentos que acharem, outros que recenceaõ, & deitaõ em liuro o que trazem, & outros que o guardaõ q̄ serãõ obrigados a dar conta do que lhe entregarem. Terã o commissario gèral à sua conta prouer o exercito de todos os officios que seruem para a administração do sustento como moleiros para que nas moendas que ganharẽ possaõ fazer a farinha necessaria, & forneiros, magarefes, regatões que tragaõ ao exercito o de que tiuer necessidade, & assi os mais que seruem a este particular. Qualquer dos officiais que trazem os bastimentos, a que chamaõ commissarios poderã tomar aos soldados os que ganharem, ou ouuerem por qualquer via que naõ sejaõ comprados com o dinheiro, pagando lhe a metade, ou a terça parte do q̄ valerem nos lugares mais vezinhos; & sendo comprados se forem mais dos que haõ mister os soldados que os trouxerẽ os poderã tomar pagando lhos por seu justo preço. O commissario general assistirà tambẽ às mostras para determinar algũas duuidas, se as ouuer no alistar, & cobrar o que os soldados lhe deue de bastimentos q̄ lhes aja dado, ou outras couzas; porque tendo elle conta cõ prouer o câpo de tudo o necessario para o sustento d'elle, descõtará das pagas dos soldados o q̄ a cada hũ der, & terã cõta cõ q̄ nenhũ soldado chegue a deuer mais do q̄ té de soldo; porq̄ morrêdo, ou fugindo do exercito, naõ terá por quẽ auer a diuida cõ q̄ ficar, & carregará sobr' elle. Para se prouer como conuẽ, terã respeito à terra aonde se ha de fazer a guerra; cõsiderando se he esteril, ou q̄ mântimentos lhe faltaõ, como poderã auer os q̄ tiuer, e logo o lugar aonde os depositará, pa q̄ lhe fique mais cômodos; e auêdoos de trazer d' fora, como lhe serã mais facil cõduzillos, e d' q̄ bastimentos se prouera. Estas cõsiderações fizeraõ sèpre os grãdes capitães, e cõforme a ellas se prouiaõ. E assi Metello indo sobre Thala

Salus. de  
bel. lug.

cidade

cidade fortissima de Numidia, auendo de pãssar antes que chegasse a ella por hum deserto falto d' agoa, & bastimentos, mandou tirar todas as cargas dos bagajes, & em lugar dellas lhe pos outras de farinha, & fazendo muitos odres, os leuou cheos d' agoa, & mãdou aos soldados que cada hum leuasse comida para dez dias, & aos Numidas seus confederados, que em certos lugares o aguardassem com mantimentos, & agoa: com o que lhe sobejou tudo onde nada auia, & se vé, que a boa preuenção naõ só vence a fortuna, mas a natureza, pois co ella em terra seca, & esteril naõ faltou o necessario ao exercito de Metello. E do mesmo modo Pompeyo indo contra os Albanos; temendo a sede, por ser falta d' agoa a terra por onde auia de caminhar, mandou encher dez mil odres della, com o que deu fontes aos soldados a onde a natureza as naõ criara. O mesmo cuidado se porã em recolher os mantimentos que tiuer a terra aonde se faz a guerra, como fazia Publio Licinio, quando combatia contra Perseo, que por recolher os trigos do territorio Phari-

Plu. in vi  
ta Pomp.

Tit. Lina  
D. 5. l. 2.

Plu. in vi  
ta Mar.

Appia.  
Alex. de  
bel. Mir.

O o 3

mostra

*Tit. Liv. D. 4. l. 8.* mostra nas pazes de Antiocho, & Tabe. Mas porq̃ nẽ sempre ha a cômodidade de fazer a caua que Mario fez, nem se està tanto em hum lugar que conuenha aproueitar desse remedio, seruir-sehã do mais facil, que serà com barcas quando ouuer cômodidade para o poder fazer, ou por se combatter em lugares chegados ao mar, ou junto a rios nauegaueis como Germanico fez na guerra de Alemanha, seruindo-se das barcas, assi polos rios nauegaueis, q̃ ha muitos naquella prouincia, como por leuar o exercito junto ao mar, & assi o fez Iuliano Emperador quando passou contra os Persas, leuando polo Eufrates mil nauios carregados de munições, & bastimentos, & deixar despois esta commodidade foy causa do pouco felice successo do seu exercito. E assi auendo se vsarà della, sendo mais facil, & mais barato conduzir as munições, & bastimentos em embarcações, q̃ nos bagajes. Mas não podendo ser por caminhar o exercito apartado do mar, & dos rios nauegaueis serà forçado valer de carros, & caualgaduras, que não pode deixar de ser muito custoso, mas porque sem este gasto senão poderá sustentar o exercito, he necessario fazello; porem para que seja menos seruirão para este effeito carros com boys, porque custão menos que os outros animais, que nisto podẽ seruir, & o seu sustento não faz nenhũa espesa, ou muy pouca; porque como mais ordinariamente se costuma marchar em verão quando os campos estão cubertos de herua, não tem necessidade d'outro mantimento, & no inuerno com pouca palha aonde faltar herua, & com os ramos das arvores podem aguardar a primavera: tendo com elles outra muy grande commodidade, que faltando mantimentos, não sendo necessarios para os trazer, se pode o exercito sustentar cõ elles. E assi para forrar espesa, esta sorte de bagajes se ellegerà: se bem para hũa apressada diligencia são melhores os cauallos: polo q̃ para ir prouido a todas as occasiões leuando a mayor cantidade de boys auerã algũs cauallos, que tirãdo polos carros, ou carregados por si possaõ seruir. Os Romanos por fugir quãto fosse possiuel o embaraço dos bagajes fazião marchar os soldados cõ a sua comida, & armas ás costas: mas quando este vso senão possa oje introduzir procurar-se ha com toda a diligencia possiuel

uel trazer os menos bagajes que a necessidade permittir: para o que se deue elleger hũa praça, na terra onde se ha de cõtinuar a guerra, capaz para defender, & guardar, os mantimẽtos, & munições, & commoda para della se prouer o exercito: & quando sem se ganhar senão possa ter, serã a primeira cousa em q̃ o exercito se occupara, como fez Scipião na guerra de Espanha, sendo a primeira empresa que fez, a expugnação de Carthago noua. E assi ganhando algũa praça capaz desta commodidade se depositarão nella todos os mantimẽtos, & munições, começãdo a guerra com o exercito desembaraçado, & ligeiro leuando sõ os mantimentos, & munições, que parecer se auerão mister até se tornar a refazer. E he esta consideração de tanta importãcia, que quando senão puder ganhar praça conueniente he menor danno gastar dinheiro, & tempo em fortificar a mais cômoda das que se puderem auer que leuar tanta copia de bagajes, & embaraços tras o exercito, porque detem o seu transito, fazem alargar os alojamentos mais do que conuem para serem bem defendidos, & sendo os bagajes muitos sempre se perdẽ algũs com o que se perde reputação, & da perda della se pode receber muito danno. Polo que assi nos que seruem ao gẽral prouimento do campo, como nos particulares se porã a mayor moderação possiuel; que como dizia Scipião Nasica, que se pode esperar dos soldados que não sabem caminhar por seus pès? & assi lhes vedou caminhar a cavallo, saluo os doẽtes a cuja imitação o Marquez de Pescara, estando junto a Carinhano, mandou que nenhũa companhia pudesse ter mais que dõze caualgaduras, & ainda parecem muitas: mas sendo este o numero que aprouaua hum capitão tão experimentado, não o estreitaremos mais, tendo por superfluo todo o que exceder. Puderão se deixar de apontar os bastimentos de que o exercito se ha de prouer sendo tão commum a todos saber a comida de que os homẽs se sustentão: mas por não ficar imperfeita esta consideração se apontará breuemente os que parecerem mais necessarios, seruindo de sustento, & não de regalo, & que não fação danno à saude. E assi a primeira cousa de q̃ se prouerã o commissario serã de trigo, farinha, & biscouto, que este he o mais necessario mantimẽto de todos,

*Appian. Alex. de bel. His.*

*Idem.*

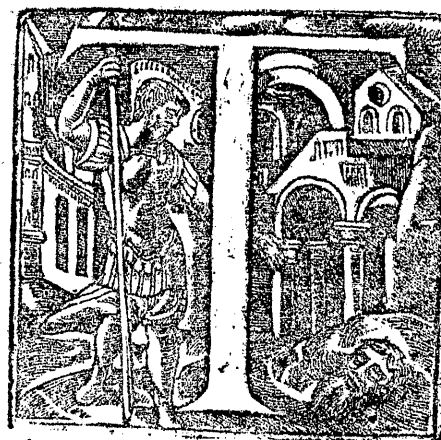


pois em quanto o ha não pode auer fome, & faltando ainda que das outras cousas aja abundancia logo se sente. E por isso nas pazes em que os Romanos se acordauão (como se disse) interessando o prouimento do exercito, não pediaõ mais que trigo & aos seus soldados ( como està ditto trattando do seu soldo) hũa parte delle lhe dauão em trigo; mas pola descommodidade de o fazer em farinha quando se està em campanha serà melhor dar esta parte nella, porque o amassalla, & cozella he facil, bastãdo como fazem os Africanos cozella no borralho, em delgados bollos: & na grande fome que o exercito de Papiro Curfor padecia no cerco de Luceria se sustentou com pouca farinha que os caualleiros traziaõ nas ancas dos caualllos em pequenos sacos de couro. Esta farinha serà de trigo por ser a que mais sustenta, & a mais saã; & assi della se prouerà o exercito quando com sua commodidade o pode fazer, & quando não de centeyo, cevada, & milho, não he má, nem hũa que no Brasil se vsa de pão deixará de ser muy vtil a quem a costumã; & desta ha duas sortes, hũa que se ha de fazer cada dia, porque se corrõpe facilmente, & outra a que chamão farinha da guerra, que està sempre em sua perfeição. No que nos mostrão estes barbaros que os mantimentos que para a guerra se juntarem se jão os que menos corrupção padecerem: para o que não serà mau o biscouto, tendo mais de comodidade, que com elle està sempre a comida feita. E assi não só nas armadas onde elle he o principal mantimento, mas nos exercitos terrestres se deuem prouer delle copiosamente; pois alem da comodidade apontada, he comida muy propria de soldados, sendo enxuta, que he qualidade muy conforme ao militar exercicio. E não se prouerà só de biscouto, nem só de farinha, ou trigo, porque todas estas cousas seruem, & de todas juntas se fará a prouisaõ: porque no inuerno estando nos alojamentos terão comodidade de moer o trigo, & serà menos despesa dar as rações em trigo que em biscouto; & andando em campanha não serue o trigo de nada, & da farinha se podẽ aprouciar, sendo tambem necessario o biscouto, porque pode auer occasiaõ em que da farinha se não possa seruir. A segunda prouisaõ serà de carnes salgadas, & frescas; as salgadas para quando as fres-

Tit. Liu.  
D. 1. li. 9.

as frescas faltarem: para a carne fresca se leuará gado que caminhará com o exercito, & todo o que acharem nas terras dos inimigos, fará o commissario recolher, para cõ o mais seruir à sustentação do exercito; Peixe salgado, & seco he tambem necessario prouimento. Mas sendo estes os principais mantimentos, não deixará o commissario de se prouer d'outros de menos importancia, porq̃ quando os melhores faltaõ, todos são bõs; & assi leuará os legumes ordinarios, & sal que soe fazer muita mais falta, q̃ os outros bastimentos, pola que delle té as mais das terras. Prouer se ha tambem o commissario de todas as cousas necessarias para os doentes, & feridos, assi da comida, como das mezinhas. E todos os mantimentos venderá aos soldados por seus justos preços, não ganhando nada com elles, & aos que não tiuerem com que pagar, o que tomarem darlhosha à conta das suas pagas, & no tempo que se lhe derem cobrará dos pagadores o que cada hum deuer fazer com a boa conta que se nisto terà, q̃ se não leue aos soldados mais do que deuerem. E com esta ordem serà o campo bẽ prouido, os soldados contentes, & o principe não perderá nada da sua fazenda.

## CONSIDERAÇÃO DA GUERRA.



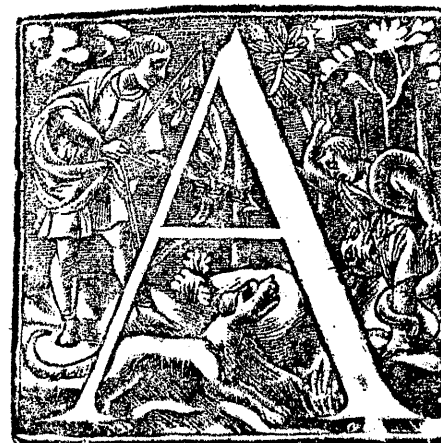
ENDO la determinado a guerra que se ha de fazer, o exercito q̃ se ha de levantar, as armas cõ que se ha de armar, & a ordem que no seu governo se deue ter, & prouido das munições, & bastimentos necessarios pode se dar principio à guerra, pois com exercito capaz bem armado, governado, & bastecido, se deuem ter boas esperanças do successo della. E assi se mostrará agora como nella se deue proceder para que o mau governo não impida acaballa com a prof-

*Senec.* prosperidade que as boas prevenções promettem. E ainda que seja difficuloso ensinar a vencer, pois (como diz Seneca,) *Nō refert, quā multa sciam, si scis quod ad victoriam sat est.* Não importa que saibas muitas cousas se sabes o que basta para vencer, diz Platão, que todas as cousas de tres modos se fazem, ou por natureza, ou por fortuna, ou por arte: & assi não se fazendo a guerra por natureza, pois com ella cria as plantas, aves, & animais, & por fortuna se fazem aquellas cousas que casualmente succedem; a guerra que senão faz senão com muita consideração, & cōselho, & que não entra no numero das cousas criadas pola natureza, deuse fazer por arte, & fazendo se por arte, em razão se funda; porque (como diz Aristotelis) a arte he habito effectiuo com verdadeira razão. Logo se ella se faz por arte, & essa arte se funda em razão, se em clara, & aprovada razão se fundar o que nesta consideração se tratar arte será; & sendo arte, & arte da guerra, bem se poderá com ella ensinar a ordem que se deue seguir para combatter, de sorte que se tenha por mais certo ganhar a victoria que perdella: & porque (como diz Aristotelis) a experiencia gera a arte; o que desta se tratar será provado com os particulares successos que os antigos experimentaraõ nas suas guerras, para que assi se faça hũa arte vniuersal, porque a experiencia das cousas particulares he arte, & conhecimento das vniuersaes. E assi com o que se apontar se poderá conhecer o que conuem para fazer a guerra de sorte, que por boa razão (não dispondo Deos outra cousa) se deua antes vencer que ser vencido. Diuidir se ha esta consideração em tres, porque tantas são as acções, que faz hum exercito em campanha aberta, que são ir buscar o inimigo, & marchar junto a elle, considerar, & tentar todos os modos com que se pode vencer, & como se procederá no transse

da batalha.  
\*\*\*  
\*

PRIMEI-

PRIMEIRA CONSIDERACAM, DE COMO SE IRA, BUSCAR O INIMIGO, & SE MARCHARÁ JUNTO A ELLE.



N T E S Que se de principio à guerra se deue considerar o tempo em que mais commodamente se fará, porque se fóra de tempo se fizer não pode ter bom successo. E por isso diuidindo Platão o cōselho em tres partes, diz, que hum se toma do tempo passado, outro do poruir, e outro do presente. Polo que quem se não aconselhar com o tempo não poderá acertar

cousa algũa. E assi dissuadindo Pericles algũs Athenienses de se guir Tolmides na guerra que fora de tempo queria fazer a Beo- cia lhes disse, que ao menos aguardassem o tempo, que elle he o que dá os conselhos prudentissimos; & não o fazendo elles assi forão na primeira batalha desbaratados. Polo que considerando o general o tempo, & aconselhando se conforme a elle não errará nas suas determinações, pois como diz Plutarcho, o tempo he de grande importancia nas cousas que se hão de fazer. E assi se o general fizer todas as cousas a tempo sempre terá bom successo: que esta ventaje fazem os grandes capitães aos q̃o não são, que fazerem todas as cousas a tempo lhes deu as vittorias, que alcançarão, & os que sem considerar o tempo se governarão se perderão. Porque o mesmo com que Philopomenes rōpeo a Nabedes polo fazer a tempo, foy de pouco proueito, ou de muito danno a Philippo Rey de Macedonia, quando combatia com Tito Quintio por ser fora de tempo: porque auêdo Philippomenes de dar batalha a Nabedes, mandou a noite d'antes meter detras de hum monte algũs soldados armados à ligeira, & deu ordem aos capitães do exercito que no feruor da batalha

*Aristot. Moral. Nicom. l. 6. ca. 4.*

*Aristot. Metap. li. 1.*

*Diog. Laert. l. 3.*

*Plu. in vita Peri.*

*Plut. in vitt. Lucul.*

*Tit. Liu. D. 4. l. 1. c. 5.*

talha se retirassem como fugindo até meter os inimigos na emboscada, & fazendo assi, & sayndo os que estauão nella a tempo desbaratarão os inimigos quando cuidauão ficar com a victoria. E fazendo Philippo a mesma emboscada cõ os armados á ligeira diz Tito Liuius, que sayndo fora de tempo os que estauão nella perderão a occasião de conseguir prospero fim, & os Romanos ficarão com a victoria; que pode ser não alcançarão se a confiança que na emboscada tinham os de Philippo não fora causa de se retirar combattendo frouxamente. E assi se vé, que acertar o tempo deu a Philippomenes a victoria, & erralo a fez perder a Philippo, polo que em todas as occasiões da guerra se deue ter muita conta com o tempo; que como se entende do q̄ respondeo Antigono a Pyrrho, a boa milicia não ha de depender mais das armas que do tempo; porque estando alojado em hũ lugar forte, & superior ao que occupaua Pyrrho, não lhe parecendo tempo conueniente para deixar o seu alojamento por cõbatter, mandando Pyrrho desafiar lhe respondeo, que a sua milicia não era mais das armas que do tempo. E por isso diz Aristotelis, que aquelles que obrão he necessario que obrem conforme ao tempo. E pois a guerra he a mais importante obra que faz hum príncipe, ou republica, deue se considerar muito particularmente o tempo, para que fazendo se conforme a elle succeda como se pretende. E assi antes que se comece a guerra deue considerar o general o tempo em que lhe dará principio, se será no verão, ou no inuerno, & auendo se de valer do mar considerará em que tẽpo se nauega melhor, o de que se ha de seruir, para começar nelle a guerra: considerará as forças do inimigo, & o cuidado que tem da sua defenſa, para o accommetter em tẽpo que elle esté mais fraco, & menos apercebido. E para considerar isto como conuẽ fará congectura das forças, & vigilancia que teue nos tempos passados com as que tem no presente, por que se outras vezes se intentou com elle a guerra, não succedendo bem, & elle té ainda as mesmas forças, deue se aguardar outro tempo, quando naquelle em que se quer começar senão o tenham por algum modo acrescentado as proprias forças, de sorte, que sejam ao menos iguais. E consideratã os inconuenientes que

que no tempo futuro poderão succeder, & preuinindo se, no presente poderá esperar bom successo, & polo contrario se fõra de tempo der principio à guerra.

Tendo considerado o tempo estando ja resoluto em dar principio à guerra antes q̄ leue o exercito cõtra os inimigos cõsiderará a segurança q̄ fica na propria terra para q̄ sendo necessario a deixe prouida de bastãtes guardas; porq̄ não deue hũ príncipe fazer mais caso da esperança do q̄ quer ganhar que da conseruação do que possui. E assi sayndo Camillo com o exercito de Roma para fazer guerra aos Antiates deu ordem a se leuantes outros dous, hum para a guarda da mesma terra, & outro contra os Toscanos se quisessem entrar no territorio de Roma, & não começou a guerra até se não leuantes. E isto se vé em Tito Liuius, que fizeraõ os Romanos despois de Camillo muitas vezes, & assi antes que saya o exercito a buscar os inimigos deue o prudente príncipe, ou general deixar a terra prouida de bastante guarda para a defender de qualquer inimigo, que a quiſer accommetter pola não pôr no perigo em que estaua Lacedemonia de ser ganhada dos Thebanos por terem (como diz Iustino) Ageſilao com o exercito em Asia, & se elle não chegara ao tempo que se daua a segunda batalha, sendo ja em outra os Lacedemonios vencidos perderão a cidade. E em Polibio se vé o grande risco da terra que tem inimigos, se fica desprouida de bastãtes guardas; porque diz que no tempo em que Epanimundas capitão de Thebas combattia com Ageſilao Rey de Lacedemonia, junto a Mantina fingindo hum dia tomar hum sitio para dar ao outro mais commodamente a batalha, deixando Ageſilao em Mantina, foy contra Lacedemonia, que estando sem gente que a defendesse foy por elle saqueada, & sabendo q̄ Ageſilao a vinha socorrer fez a mesma cõsideração de Mantina, e assi indo sobre ella do mesmo modo a ganhara, se os Atheniẽses a não socorrerão se se esperar. E por isso quando Annibal queria começar a guerra de Italia antes de sayr de Espanha deixou nella exercito q̄ a pudesse defender, e proueo de guardas, a todas as prouincias sujeitas aos Carthagineſes, e assi conuẽ q̄ o mesmo faça o general, para q̄ o perigo do q̄ deixa não lhe impida ga-

Pla. in di  
ta Pir.

Aristot.  
Eth l. 2.

Tit. Liu.  
D. 1. l. 6.

Iusti. l. 9.

Polib. l. 6.

Tit. Liu.  
D. 3. l. 1.

da ganhar o q̄ pretende: como Agefilao, q̄ por socorrer Lacedemonia deixou de seguir a prospera fortuna das vittoria de Asia.

Deue tambẽ o general antes que saya cõ o exercito da patria ter espias na terra dos inimigos, q̄ o auisem de todas as suas determinações, para q̄ se possa sempre preuinar cõtra os seus desenhos, q̄ se Demorato não auisara de Media, onde residia na corte de Xerxes aos Lacedemonios, como Xerxes determinaua de passar cõtra Grecia, tomara os Gregos tão desapercibidos que não lhes fora possível jutar-se para se defender como fizeram; nẽ

*Hero. l. 7.*

Cyros fora senhor de Media se Arpago o não auisara do q̄ deuia fazer: nẽ Silla ganhara Athenas, senão tiuera dẽtro que o auisaua do q̄ fazião os inimigos; & se Philippo tiuera que o auisasse da noua guarda q̄ tinha entrado em Elia, não fora desbaratado quando cuidou ganhalla. Mas sendo estes auisos tão importantes he necessario, q̄ a pessoa que se elleger, para os mãdar, alem

*Hero l. 1.*

*Appia.*

*Alex. de*

*bel. Mit.*

*Tit. Liu.*

*D. 3. l. 7.*

*Tit. Liu.*

*D. 3. l. 3.*

*Tit. Liu.*

*D. 3. l. 7.*

de ser de muita confiãça, tenha astucia, & entẽdimento para os saber encaminhar, de sorte, que se não aproueitem os inimigos delles sabendoos, porq̄ não offendão cõ o mesmo, q̄ para os offender se inuẽtaua, como acõteceo aos Capuanos, q̄ querẽdo enganar aos Cumanos, forão delles enganados: porq̄ desejado os Capuanos ganhar Cumas com titulo de amizade mandarão pedir aos Cumanos se quisessem achar certo dia em Hama, onde todos os annos tinhão por costume celebrar certa festa, para q̄ là determinassem o q̄ deuião fazer acerca da guerra dos Romanos, & Carthaginezes; mas entẽdẽdo os Cumanos q̄ determinauão ir cõ gente armada para os prẽder, & tomar Cumas, seruindo-se da mesma astucia, quando os Capuanos estauão mais descuidados matarão, & prenderão muitos, ficando enganados cõ o engano q̄ querião fazer. O mesmo acõteceo a Annibal querẽdo ganhar Salapia; porq̄ matando em certo recõtro a Marcello Cõsul Romano, & auendo à mão o seu sello mandãdo por signal, auisou ao capitão q̄ guardaua Salapia, q̄ aquella noite auia Marcello de ir alojar dẽtro da terra cõ o exercito, o q̄ facilmente fizera, mas Crespino o outro Cõsul collega de Marcello tinha auisado da morte do Cõsul, & como o seu sello estaua em poder dos inimigos cujo auiso fez, q̄ chegãdo Annibal cõ a sua gente às por-

tas portas de Salapia, lhe abrirão até q̄ entrarão aq̄lles cõ que os de dẽtro se atreuião, & ferrãdo as portas, matarão a todos ficãdo Annibal enganado, quãdo cuidou enganar. E assi he necessario que estes auisos se fação de sorte, q̄ não possaõ vir à noticia dos inimigos. E por isso Demorato quando auisou aos Lacedemonios do apercebimẽto de Xerxes, mãdou os auisos escriptos em hũas taboas pequenas, & cubrindoas de cera despois de escriptas, ordenou q̄ as presentassem deste modo, sem dar outro recado no conselho de Lacedemonia; & Arpago dẽtro em hũa lebre, mãdou o auiso a Cyros, que foy o q̄ lhe deu o reyno de Media, & passou o imperio dos Medos aos Persas; & a Silla mandauão de Athenas os auisos em pastas de chũbo, q̄ despois de escriptas dobrãdo como ballas, e cõ as fundas as deitauão do muro no seu cãpo: mas a todos os modos cõ q̄ algũs auisos se mãdarão excede o engenhosissimo, q̄ Hysteo Principe de Mileto v-

*Hero. l. 1.*

*Plu. in di*

*ta Licur.*

foi, auisando da corte de Dario a Aristagoras, se rebelasse; porq̄ estãdo elle entretido de Dario cõtra sua võtade, não tẽdo remedio para tornar a Grecia, senão auẽdo nella guerra, quis mãdar a Aristagoras, q̄ gouernaua o seu estado, q̄ se rebellasse, & temẽdo pelas muitas guardas q̄ Dario tinha nos passos ser descoberto, remediou esta difficuldade, fazẽdo rapar à naualha a cabeça de hũ escrauo, & escreuerlhe no couro cõ causticos o q̄ lhe pareceo necessario, & guardãdo em casa até lhe crescer o cabello, o mãdou, o qual chegando a Aristagoras lhe disse, que lhe mandasse cortar o cabello, cõ o q̄ ficou entẽdendo o auiso q̄ Hysteo lhe mãdaua. E não sõ os antigos buscãdo nouas traças de mandar auisos seguros de virẽ à noticia dos inimigos: mas tãbem agora polo mesmo respeito se descobrẽ cada dia nouas inuẽções de cifras; as quais são muy necessarias para os particulares auisos do principe, ou senado, a q̄ o general obedecer. Polo q̄ antes q̄ se parta deixará algũa cifra, q̄ sõ entendão a quelles a que toca o successo da guerra; para este effeito vsauão os Lacedemonios hũa cifra a q̄ chamãdo Scithala, a qual (como se vẽ em Plu-

algum auiso ao capitão faziaõ hũa tira de papel, ou purgaminho bẽ estreita, & enuoluedoa à roda da taboa até a cobrir toda estreuaõ por cima das voltas q̃ a tira fazia o q̃ importaua, & desenuoluedoa a mandauõ sem a taboa ao general, o qual a enuoluiua na sua Scithala até ficar como estaua quando nella se estreueo, e deste modo lẽdoa entẽdia o auiso q̃ lhe mãdauaõ naõ se podẽdo de outro nenhũ modo entender. & assi assegurauaõ dos inimigos o segredo do seu cõselho. Polo q̃ antes q̃ o exercito se parta, deue ter o general sabido por secretos auisos o intẽto dos inimigos, & ordenarã a cifra, por onde mais seguramẽte possa ser auisado, & auisar das cousas q̃ de nouo podẽ succeder.

E porque se costuma antes q̃ se parta o general darlhe a ordẽ q̃ ha de seguir no discurso da guerra, se dirã agora de q̃ modo se rã, para q̃ o sobmeterse a ordẽ pouco cõueniẽte lhe naõ faça perder a empresa, nẽ quebrãdoa encorra no crime de desobediẽte q̃ he grauissimo nas cousas da guerra. E assi a ordẽ q̃ o general deue aceitar naõ tratarã mais q̃ do principio, & do fim da guerra deixãdo os meyoos della, pois os q̃ o tẽpo, & occasiões derẽ naõ podẽ anteuellos o principe cõ o seu cõselho, nẽ o da mais prudente republica. E assi o senado Romano deixaua cõ tãta liberdade aos seus capitães, q̃ muitas vezes, nẽ o principio da guerra resolutamẽte determinauaõ, como se vé em Tito Liui,

Tit. Liv. D. 3. l. 8.

quando mandaraõ Scipiaõ a Cicilia cõ ordẽ q̃ se lhe pareceffe fizesse guerra a Carthago, e as ordẽs mais cõmũs eraõ só fareis tal guerra, & naõ fallaeis deste modo, q̃ nẽ a Terécio Varraõ mãdaraõ q̃ temerariamẽte se auẽturaõ em Cãnas, nẽ a Fabio q̃ cõ o seu uagar profeguisse a guerra: & a Scipiaõ Nafica sã determinaraõ o fim de Carthago, & naõ o meyo q̃ para o alcãçar auia de seguir. E assi nas mais guerras o fim dellas cõ a ordẽ do senado se determinaua como a de Philippo, & de Antiocho, e outras, polo que as ordẽs que o general deue aceitar sãõ só as que determinã a guerra que se ha de fazer, & o fim que lhe hade dar, ordenando a quẽ se ha de fazer a guerra, & se a acabarã cõ ganhar algũa cidade, ou força, prẽder algũ principe, ganhar algum reyno, ou fazer accordo, e quais haõ de ser os acordos: mas os meyoos por onde ha de cõseguir o fim q̃ se pretẽde haõ dẽ ficar sãõ ao general nã

lhe

lhe mandando q̃ dẽ, ou q̃ naõ dẽ batalha, q̃ siga, ou q̃ fuja aos inimigos, & cousas semelhantes, que só a occasiã pode mostrar.

E tomando a ordem da guerra que ha de fazer, & a que inimigo, & se defendendo a patria, ou offendendo a outrẽ cõsiderarã cõ os seus conselheiros antes que comece a marchar cõ o exercito o caminho que ha de levar para acertar o que conuem seguir. E assi o fizeraõ todos os grãdes capitães. E por isso Q. Marcio estando em Thesalia, com determinaõ de entrar cõ o exercito em Macedonia, consultou primeiro o caminho que auia de levar: para o que fez ajuntar todas as guias, & espias, que bẽ sabiaõ a terra, & dos pareceres de todos ellegeo o que lhe pareceo melhor. O mesmo deue fazer o general ellegando sempre o caminho mais seguro, ainda que seja mais largo, como fez Scipiaõ Nafica indo contra Numancia, que sabendo q̃ os inimigos lhe queraõ impedir o passo de hũ rio leuou o exercito por outro caminho muito mais comprido, mas seguro. E os Romanos experimentaraõ em Caudino a quanto danno se auentura quẽ deixa o caminho seguro, ainda que comprido polo curto, & perigoso, porque como diz Tito Liui, indo socorrer a Nocera, q̃ sendo sua confederada estaua opprimida dos Samnitas, tendo dous caminhos hũ junto ao mar seguro, mas cõprido, & outro breue, & perigoso tomãdo este foraõ em hũ passo delle chamado Caudino, ou Forcas Caudinas, desbaratados polos Samnitas, a que tantas vezes tinhão vencido. E assi acontẽceo a Annibal querendo ir a Areso, q̃ deixãdo o caminho seguro por ser cõprido polo curto, & perigoso, lhe custou gastar muitos mais dias do q̃ polo outro gastara, & perder hũ olho, & algũa gẽte, & muitos bagajes. E por isso consultando Germanico, quãdo quera ir buscar os inimigos, qual de dous caminhos seguiria se hũ curto, & vsado, mas guardado dos inimigos, se outro cõprido, & desusado, & por isso liure da guarda dos inimigos, ellegeo o mais cõprido & seguro. E assi o mais seguro caminho se deue elleger, & deixar o perigoso. E querendo saber qual he o caminho perigoso os mesmos exemplos o mostraõ: pois Scipiaõ teue por ariscado o caminho que o leuaua a passar hum rio, que os inimigos defendiaõ, & os Romanos se perderão em Caudino, por-

Tit. Liv. D. 5. l. 4.

Appia: Alex. de bel. His.

Tit. Liv. D. 1. l. 9.

Idem. D. 3. l. 3.

Corn. Tac. ci. l. 1.

que se meterão em hum valle cercado d'altos, & fragosos montes de q̄ os inimigos estauão apoderados, & Anibal recebeo o danno que se disse por caminhar junto ao Arno, pelas alagoas & prauis que se alagauão cō as suas enchentes, porque crescendo quãdo elle passaua o deteuue muitos dias cō grãdissima perda; o mesmo acôteceo a duas legiões que Germanico mandou em Alemana caminhar junto ao mar, em parte que elle cobria a terra cō a crescente das mares; porque acontecendo assi quando elles passauão cobrindo o mar a terra estiueraõ quasi perdidos, & quando se saluarão foy com muito danno dos viuos, & ficando muitos mortos. He tambem perigoso caminho o que se faz por bosques, como experimentou Lucio Posthumio, que leuando o exercito contra os Gallos, sabendo elles que auia de passar por hũa selua de especissimas, & grãdes aruores cortarão todas polos pès, de sorte, que ficando em pè qualquer pequeno mouimento bastaua para as derrubar, & entrãdo o exercito entre ellas fazendo cayr as vltimas, dando hũas nas outras, todas vieraõ a terra, & cayndo sobre os soldados não ficou nenhum viuo; porq̄ ou os golpes das aruores, ou as armas dos inimigos, que a seu saluo, naquella desordem, os feriraõ lhe deraõ a morte. E assi não será caminho seguro o q̄ leuar o exercito ao passo do rio que os inimigos guardarẽ, nem o que for serrado d'altos montes de que os inimigos estem apoderados, nem o que se fizer por alagoas, & pauis, ou terra que se alague com a enchente d'algun rio, ou crescente do mar, nem o que passar por espesso, & serrado bosque, & será caminho seguro o q̄ for por terra chã descuberta, & liure destes inconuenientes. Mas Seneca mostra o mais seguro de todos, dizẽdo, que o mais seguro caminho he o de que se duuida, no que quer dizer, que em todo o caminho deue o general ser muito vigilante, & que sem isso nenhum será seguro; porque a duuida causa receo, q̄ he principio de temor, & que teme sempre procura assegurar-se. E por isso Ioseph diz, que Herodes filho de Antipatro, vendo os seus temerosos do exercito dos Arabios, que contra elles baixaua animandoos em hũa oração que lhe fez disse, que quãto os inimigos mais cuidauão alcãçar a vittoria, mais perto estauão de ser vencidos: porq̄ quem

Corn. Ta. cil. 1.

Tit. Lia. D. 3. l. 3.

Senec.

Ioseph, de bel. Iud.

quem muito se confia he incauto, & pouco aduertido; & polo contrario faz quem teme, porque que teme he preuinido; & assi diz bem Seneca, que o caminho de que se duuida he o mais seguro; pois essa duuida he causa de se fazer assegurar com a diligencia, & vigilancia. Quem passa algum rio de q̄ não sabe o vao vay com hũa astea na mão apalpando o fundo que tem, & se he alto procura passallo por outra parte; isto diz Seneca no lugar referido, que para o caminho ser seguro, se duuide delle para q̄ se mande primeiro apalpar, & ver pelas guias, ou espias q̄ sempre iraõ no exercito, & sabendose por ellas que està seguro, se mandaraõ os descobridores diante por todas as partes, & não dando differente auiso passarseha adiante, se o caminho estiuer tomado dos inimigos, buscarseha outro, & não podendo farsehaõ os remedios necessarios para se assegurar como a seus lugares se apontarã. Tendo elleito o caminho mais seguro, porseha o exercito em ordẽ, & não sō pelas terras dos inimigos marchará ordenadamente, como fizeraõ todos os prudentes capitães, & como mostra Gneo Manlio caminhando com o exercito contra os Gallatas, que chegando aos seus confins, o leuou sempre em ordẽ de batalha, & não daua hum passo, que primeiro não tiuesse descuberto, mas na propria terra dos amigos iraõ sempre as espias, & descobridores diante, & o exercito ordenado como fazia Metello na guerra Iugurtina, que recebẽdo em todas as terras de Numidia como amigo, sem ver nenhuma demõstração do contrario, sempre diz Sallustio, que caminhaua com as espias diante, & o exercito em ordẽ. Assi o farà o general, pois estando em campanha com gente armada he bem que nenhum successo o tome desapercebido, por que se perderã como aconteceo a Marco Posthumio, que despois de romper os inimigos, andãdo pola fresca victoria mais descuidado do q̄ cõuinha, accõmettendo, não se pode defender, & fugindo se saluou.

Tendo o capitão considerado o tempo, prouido a terra das guardas necessarias, sabido os desenhos do inimigo, deixado a cifra, de que se ha de seruir, elleito o caminho por onde ha de marchar, descuberto, & reconhecido. Ordenarã o exercito para marchar. E em quanto o leuar por terra de amigos, ou segura

Tit. Lia. D. 4. l. 8.

Saluf. de bel. Iug.

Tit. Lia.

terá diferente ordẽ da que seguirá quando caminhar junto aos inimigos; porque caminhando por terra de amigos, ou segura ainda que ha de ir ordenado (como se disse); só se terá respeito ao sitio do caminho, & como mais despidida, & commodamente o faça: mas quando marchar junto ao inimigo, ha de ter respeito ao caminho, para saber como melhor nelle pode repartir agẽte, & aos inimigos, q̃ he a principal cousa de que se deve guardar. E para em hũa, & outra se ordenar, deve se primeiro que tudo saber o numero dos infantes, & separadamente quantos são piques, arcabuzeiros, & mosqueteiros: & do mesmo modo o da cavalleria, sabendo em particular, quãtos são cauallos ligeiros, arcabuzeiros, & homẽs d'armas; para cõforme ao seu numero ordenar o exercito, como ja se tem mostrado. E assi ordenado para marchar por terra d'amigos, & segura, dividindo a infantaria em tres partes, se farão dellas a vanguarda, corpo, & retroguarda, as quais marcharão igualmente separadas não se adiantado hũa da outra se a terra o consentir, & aos lados marchará a cavalleria, tanto em hũ, como em outro. A artilheria para marchar, melhor, & mais commodamente, irá com igualdade repartida pelas tres partes do exercito: mas não sempre se guardará esta ordem; porque a estreiteza do caminho, & aspereza da terra por onde se marchar, pode necessitar a que esta ordẽ se altere: mas não auendo cousa q̃ a impida, esta se seguirá, levando diante as peças grandes, & detras as pequenas: porque se o caminho soffrer o peso das mayores, seguramẽte passarão as pequenas, & indo as pequenas diante, poderá chegar a caminho, q̃ dando lugar a ellas, não deixe passar as grandes por respeito dos atoleiros, barrancos, ou pontes, & mal concertadas esplanadas, & detendo-se as peças grandes, despois de passarem as pequenas, ficará o exercito dividido. E assi por escusar estes inconuenientes irão as grandes diante quando a terra for segura de inimigos; porq̃ não o sendo se respeitaraõ outras cousas, como a seu lugar se dirá. Os gastadores irão diante de todo o exercito concertado os caminhos por onde ha de passar a artilheria, & cõ ella ficará parte delles; porque sendo necessarios para mais, possaõ servir sem a detença de os ir buscar a outra parte. E detras de cada tres peças

ças irão os carros, que leuão as munições, que nellas haõ de servir por sua ordem, no primeiro irão pregos, cordas, & coulas semelhantes, no segunda a ferramenta dos carpinteiros, & ferreiros, no terceiro escaletas, martinets, cabrestantes, & cordas para alçar as peças da terra; tras estes irão os carros da poluora, as quais leuaraõ quem os defenda do fogo, não deixando chegar a elles arcabuzeiros, nẽ mosqueteiros, logo irão as ballas, & detras as rodas, & eyxos, & detras o mais pertencente ao seruiço da artilheria; como pontes, cestões, & cousas semelhantes, não consentindo outro nenhum carro entre estes, & detras de todo o exercito irão os bagajes, que leuão as munições, & bastimentos necessarios ao seruiço, & prouimento d'elle, cõ os quais irão todos os almocreues, carreteiros, moços criados de soldados, mercadores, regatões, & todos os mais, que sem armas seguem o exercito, & com elles os municioneiros, pagadores, veedor general, auditores, & auditor general, meirinhos, escriuães, & todos os mais ministros de justiça necessarios naquelle lugar, para aquietar as reuoltas, & aluoroços, que em semelhante gente como moços, almocreues, & carreteiros sõe auer. Irão tambem neste lugar os doentes, & feridos a quem seguirão os medicos, & cirurgiões, & detras de todos irá hũa banda de arcabuzeiros bastante para a guarda destas cousas: a qual guiará hum mestre de campo, para que os soldados procedão com mais tento nas desordẽs, que he ordinario auer nas retroguardas. Irão tambem algũs cauallos, mas poucos para acudirẽ ao que for necessario. Dos mosqueteiros hũs irão com os bagajes, outros acompanharão a artilheria, com os arcabuzeiros que à guarda della se puserẽ, porque como a sua arma he tão pesada, não podem marchar sempre com ella aos ombros. E assi irão nestas partes, porque levando os mosquetes nos carros das munições da artilheria, & nos bagajes do exercito, não lhes empede o caminho o seu peso. E todos se porão nestes lugares, & marchando por terra segura não terão outro. Para se pôr em practica o que está ditto se suppõe que se ha de marchar cõ hum exercito de vinte, & hũ mil infantes, & quatro mil cauallos, que he conforme aos que se costumão nesta parte de Europa. Os infantes serão repartidos

dos em 7. terços de 3000. soldados cada hum (como está ditto) dos quais são 1000. piques, 1300. arcabuzeiros, & assi virá a ter todo o exercito que marchará em ordem, 7000. piques, 12000. arcabuzeiros, & 2000. cauallos ligeiros, 1000. arcabuzeiros de cauallo, & 1000. homens d'armas.

Tendo o mestre de câpo general a que toca ordenar o exercito somado a gente, como aqui está feito, dispolaha segundo a ordem que tiuer do general, que será (como ja se disse) repartindo em vanguarda, retroguarda, & corpo, & aduertirá, que sendo de nações diuersas, as ponha separadas, como a seu lugar se dirá. E se por serem de numeros desiguais não puderem fazer as partes iguais, não vay muito em que a vanguarda seja mais numerosa, que a retroguarda, porem sempre se aduertirá, que a retroguarda, & corpo sejam as de menos numero. Logo mandará tres companhias de arcabuzeiros de cauallo, & tres de cauallos ligeiros por descobridores, & estes irão repartidos em tres partes, diâte do exercito meya legoa, ou mais, ou menos, segundo parecer, & destas sayrão em tres esquadras os soldados, que bastarem para ir diante descobrindo outra meya legoa das companhias donde sayem, as quais ficaraõ como seu corpo de guarda, para que succedendo algũa cousa se possaõ amparar dellas. E achando novidade os que foré por cabos dellas auisarão aos capitães, & elles ao general da caualleria, que dará, ou mandarão ao auiso ao general. Detras desta gente distante hũa milha do exercito irão mil arcabuzeiros com hum mestre de campo, para focorrer os cauallos sendo necessario; a estes seguirão os gastadores concertando os caminhos para a artilheria, ficando com ella algús, como se disse, para acudir ao que for necessario. Logo marchará o exercito em tres partes iguais, ordenadas de sorte que de cada hũa se possa formar hũa batalha quadra de terreno, & aos lados dellas irá a artilheria, com a ordem referida, na qual se repartirão outros mil arcabuzeiros para guarda della, & ajudar a mencia, como ja se tem ditto. E se estes forem poucos cõforme as peças, darlhecão mais; ou em lugar dos q faltarem seruirão os gentishomês da artilheria, & não bastando os gastadores: mas isto será quando os mosqueteiros seruire em outra parte

parte, que indo elles com a artilheria, como se tem ditto, elles encherão o numero. Aos lados do exercito ordenado nesta forma irá a caualleria, de modo, que facilmente se possa reduzir em suas allas, da qual se tirarão duas companhias, hũa de arcabuzeiros, & outra de cauallos, para a retroguarda, a que se dará tambem 2000. arcabuzeiros com hum mestre de campo, a que todos obedecerão, como ja se disse. E assi ficarão para ordenarem a batalha redobrada, como he a proposta de tres batalhas quadras de terreno 8600. arcabuzeiros, 7000. piques, 600. arcabuzeiros de cauallo, 1600. cauallos ligeiros, e 1000. homens d'armas. Os piques, & badeiras se partiraõ em tres partes, & ficaraõ 23. bandeiras a duas, & 24. a outra. E do mesmo modo se repartirão os capitães, ficando 20. a cada parte, & os 10. q sobejão acõpanharão a arcabuzeria de vanguarda, e retroguarda. Os arcabuzeiros se repartirão tambem em 3. partes, & ficaraõ a cada hũa 2866. não se cõtando os dous q sobejão que se poraõ cõ os sobejos. De cada parte destas se ordenará hũa batalha quadra de terreno com duas mangas d'arcabuzeiros, cada hũa de mil, e os 866. que sobejão seruirão nas escaramuças que se reforçaraõ mais, ou menos segundo for necessario, & estes se ordenaraõ se parados dos que haõ de formar a batalha, que como ja se disse, haõ de estar firmes, & com elles irá outro mestre de campo, & dous capitães dos 20. que ficaraõ para cada batalha, & com cada manga irão mais dous, & ficaõ 14. para o esquadrão. Pondo em ordem esta batalha para marchar, diante de cada parte della irá hum batalhão solto dos 866. arcabuzeiros, & logo detras delles marchará hũa manga em 20. fileiras de 50. soldados cada hũa, & tras ella marchará o esquadrão dos piques de 31. fileiras a 76. soldados cada fileira, & os sobejos de que agora senão falla se accommodaraõ na vanguarda, não sendo necessario em outra parte. E as outras mangas irão nas retroguardas dos esquadrões na mesma ordem que as da vanguarda. E não cabêdo no caminho, farfheão de cada manga destas dous, ou tres manipulos, & hũ tras o outro marcharão na frôte, & retroguarda de cada batalha. Por fora destas batalhas irão os homens d'armas, tantos de hũa parte, como da outra, marchando de dous em dous, que



que farão 250. fileiras, & logo por fora delles irão os cavallo li-  
geiros, os quais tirado as quatro companhias que se mandaraõ  
tres a descobrir, & hũa com a retroguarda saõ 1600. q postos em  
250. fileiras, seraõ as primeiras 50. de 4. & as 200. de 3. E por fora  
de toda a batalha irão os arcabuzeiros de cavallo em 150. filei-  
ras de dous cada hũa, porque tirando as 4. companhias dos de-  
cobridores, & retroguarda, ficão 600. dos quais se poem 300.  
em cada lado.

Com esta ordem começará o exercito a marchar, guiando as  
3. batalhas 3. mestres de campo. E o segundo dia se mudará a da  
vãguarda no corpo, e a do corpo na retroguarda, & a retrogar-  
da para a vanguarda. E com esta ordem se proseguirá cada dia,  
tendo a mesma cõ os mais arcabuzeiros mudado os primeiros  
cõ os segundos; assi os mais até os vltimos que guardaõ os ba-  
gajes ficarem os primeiros de vanguarda; a qual ordem se segui-  
rá em quanto se não temer algũa novidade nos soldados, q en-  
tão será bẽ que não saybão o lugar em que os hão de pôr senão  
despois de estarem nelle. E parecendo bem não juntar os terços  
para de todos juntamente ordenar o exercito, como se té feito,  
senão que cada hũ do seu quartel se venha a pôr na ordẽ. Des-  
pois de ter determinado a forma da batalha cõ que se ha de mar-  
char, & quantos manipulos se hão de fazer, verseha quãtas filei-  
ras se podem fazer cõ os piques que tem cada terço por si, & or-  
denados em seus quarteis, se irão ajuntar hũs com os outros até  
fazerem os manipulos que na batalha ha de auer. E porque na  
presente batalha à 7. terços, que cada hũ tem 1000. piques, 10.  
bandeiras, & 2. capitães, por q os mais se occupão fora do esqua-  
draõ, & fazem todos 1012. começando polo primeiro co elle se  
ordenaraõ as primeiras fileiras do esquadraõ de vanguarda par-  
tindo os 1012. por 76. q té cada fileira deste esquadraõ, & darão  
13. & tantas fileiras de 76. soldados se farão deste terço sobejan-  
do 24. soldados, que irão na retroguarda, para se vnirẽ com os  
dos outros terços, & deste modo se irão compondo os mais ter-  
ços succedendo ao primeiro o segundo, & assi de mão em mão  
atẽ se comporem todos os esquadraõs. E despois que todos mar-  
charẽ desta sorte, chegando a ajuntar se, cortará o mestre de cam-

po go-

po general de hũs, os soldados, que ha de acrescentar nos ou-  
tros, & porã as bandeiras em seu lugar. E do mesmo modo se  
ordenaraõ os arcabuzeiros, que tiuerem, que seraõ sempre to-  
dos os que tem hum terço, porque os que se tiraraõ para os lu-  
gares referidos, não seraõ hũs poucos de cada terço, senão to-  
dos os que tiuer o terço, donde se tirassem, para assi se irem tam-  
bem mudando mais facil, & ordenadamente. Mas se os esqua-  
draõs ouuerem de marchar em manipulos partirseha o nume-  
ro de que cada hum se ha de fazer polo dos soldados que tem  
cada fileira dos manipulos, & os que sayrẽ seraõ as fileiras que  
se faraõ do terço, & juntandose todos compoloha o mestre de  
campo general (como està ditto) acrescentando a hũs manipu-  
los o que sobeja dos outros, & o mesmo farà dos arcabuzeiros  
começando sempre polo primeiro terço, & proseguindo até o  
vltimo. Esta ordem tem algũs por muy boa, mas não poderaõ  
vsar della, senão os officiais em estremo praticos nesta Ar-  
te; porque de outro modo com difficuldade se daraõ aos capi-  
tães cabos, bandeiras, & alabardas os lugares que lhes tocaõ,  
& será necessario ao mestre de câpo general desordenar o que  
os sargentos mayores tiuerem feito, polo que será mais facil cõ  
fundir os soldados todos, & delles ordenar as fileiras na forma  
determinada. E tambem assi se poderaõ ordenar todos os de hũ  
terço em hũa batalha, & quando faltarem algũs tomarsehaõ do  
outro que se seguir.

Marchando (como està ditto) irã o general corredo o exercito  
para q todo vã sempre ordenado, imitando a Scipiaõ o mayor,  
q diz Polibio, q marchando por Espanha fazia o mesmo, estado *Pol. l. 10*  
hora na vanguarda, hora na retroguarda, ou corpo. E o mesmo *Appia.*  
refere Appiano Alexandrino do menor Africano. E chegando *Alex. de*  
a algum rio q os inimigos não defendãõ, mandará tentar o vão, *bel. Hisp.*  
vendo particularmente a altura da agoa, a força da sua corréte,  
& o fundo do rio, se he de lama em que se atolle, de pedras q im-  
pidaõ o passo aos carros, ou se té altos barrancos para lhos apla-  
nar, como fizeraõ os Franceses em Rauena auendo de passar *Gul. l. 10*  
polo vão contra os Espanhoes. E achando que se pode vadear,  
mãdarã fazer duas allas da caualleria, as quais se porã de hũa,

Qq

&amp; de

& de outra parte do vão impedindo os deriba a furia da corrente, & defendendo os debaixo, que não leue os soldados, que lhe não puderem resistir: & se correr com muito impeto, os carros poderaõ fazer com mais segurança este effeito, pondo huns tras outros, porq̃ dandolhe a agoa de trauez não poderá mouellos do lugar onde estiuerẽ. Mas se o rio for tão fundo, ou de tão ruim vão que se não possa passar por elle serà necessario fazer alguma ponte capaz de passar por ella o exercito. Estas são de dous modos, leuadiças, ou fixas, & hũas, & outras seruem em differētes occasiões, porque para hum transito, sò quando não ha de ser

*Plu. in vi* necessaria a retirada seruem as leuadiças, como vsaua Alexandre passando contra a India, & Cesar em muitas partes; & o duque d'Alua, quando passou cõ o exercito de Lombardia em Flãdes leuaua consigo as barcas de que auia de fazer as pontes com que passaua os rios. Mas quando se teme o poder dos inimigos, & a terra he pouco segura, podendo ser necessaria a retirada, ou o socorro as pontes firmes se deuem elleger: & assi o mostra Cesar fazendo duas vezes no Rheno a celebrada ponte q̃ nos seus *Cõm. Caf. 1.4. & 6.* Comẽtarios descreue, porque combattendo contra gente bellicosissima difficultando o sitio da terra muito mais a empresa não se quis auenturar a não ter por onde se retirar sendo he necessario. E polo mesmo respeito fez Gneo Manlio hũa no Sanguatio passando contra os Gallatas, & Trajano no Danubio a custosa, & bella ponte, por onde o passou quando fazia guerra a Decebalo, porque rebellandolhe muitas vezes, era he necessario passar muitas com o exercito o Danubio onde a fez: & assi tendo com ella o passo seguro, para com pouca detença leuar, & retirar o exercito, & ser socorrido, entendia ter os inimigos mais sujeitos, & elle estar mais seguro. E se a ponte que Dario fez sobre as barcas, no mar Pontico, quando passaua contra os Scithas, não fora polos Ionios sustentada, atẽ por ella se retirar, elle, & todo o seu exercito se perdera. E *Her. 1.6.* assi em Rauena deixaraõ os Franceses guarda na ponte, que estaua no rio, que elles passaraõ, para que sendo lhes necessario retirar se, tiuessem por onde. Polo que, podendo ser necessario retirar se, ou passar contra huns mesmos inimigos muitas

vezes, ou aguardar socorro, pontes fixas se ellegerãõ. As leuadiças se fazem cõ odres, pipas, & com paos de pinho, faya, & outros que se tem sobre a agoa, & fazendo feixes de grossas traues destas aruores, bem atados, liando hũs com os outros por lado se vê a fazer a ponte pondo he taboas por cima que fação o caminho chãõ. Mas a melhor de todas estas pontes he a de barcas, porque não em todas as partes a as aruores que podem seruir para a ponte de madeiros, & a de pipas, ou de odres, não he tão segura, nem sustentará tanto peso, se bem pareceraõ mais facteis, pois as pipas se podem leuar desfeitas, & com pouco trabalho se tornaraõ ajuntar, & os odres vãos occupão pequeno lugar, & pesão pouco: Mas não faltaõ às de barcas estas comodidades, porque Alexandre as leuaua desfeitas em partes, & assi em poucos carros poderaõ ir, & quando as ajaõ de lançar em algũ rio tão facilmente, ou mais que as pipas o poderaõ fazer. E Cesar quando passou o rio. Ilerda, ou Lerida cõtra Afranco, & Perreo, fez hũa ponte de barcas de bem pouco embaraço, porque eraõ com aquilha, & cauernas de madeira, & as ilhargas de hũa grade de paos de bastãte grossura para sustetar o peso, as quais cobrião de couro, cõ o que ficauão barcas de couro, & de madeira, pouco pesadas, & proueitosas para o fim que se fazião. E assi estas, ou as que Alexandre vsaua, que erãõ semelhantes às que se disse leuaua o duque d'Alua, quando passou a Flãdes, serãõ de muito proueito, & pouco embaraço. Todas estas pontes se lançaõ atando a primeira barca, odre, pipa, ou madeiros com fortes cabos a terra onde o exercito està, & liando com aquella outra por lado, irãõ deste modo procedendo ao longo da terra, da mesma parte polo rio acima, & despois que estiuer do comprimento necessario pondo sobre ella algũs soldados, irãõ largando pouco a pouco, por hum cabo de bastante grossura, a parte da pòte q̃ ficar cõtra a corréte, q̃ será a em q̃ se acabou, & assi a mesma corréte a leuará atẽ ficar direita chegando com aquella ponta a outra parte do rio, onde saltaraõ os soldados que nella estauão, & atarãõ a ponte naquelle lugar de modo q̃ fique segura, & assi passará o exercito. As fixas se farãõ como Cesar ensina nos seus Comẽtarios, que ainda que

parece que nelles he difficulosa a construyção, Leaõ Baptista, Alberto declara na sua architectura a forma della, da qual particularmente senão tratará aqui, porque no lugar referido se pode ver cõ a clareza necessaria. E assi sò em summa se entêda que era de traues, que, agudas de hũa póta como estacas, metião no fundo do rio sobre as quais armaraõ a ponte. Elle fez outra em Espanha no rio Bethis de maravilhoso engenho, & era que não tendo outro modo de fazer ponte, nem parte por onde passar o rio enchendo hũas sacas grandes de pedras deitandoas no rio veyo a fazer dellas pilares sobre os quais armou a póte, por onde passou com o exercito, mas a de madeira quando a ouuer he melhor, que ainda que Trajano fez a que se referio de pilares de marmor, & de bellissima fabrica, teue outros respeito, que justamente o moueraõ a fabricalla desta sorte, que foraõ serlhe necessario todos os annos, ou os mais passar a quella rio polas rebelliões que de cõtino na quella nação auia, & tendo o seu exercito lugar em todo o tempo, por onde pudesse passar contra os rebeldes, faloshia este temor estar mais quietos, querendo tã bem mostrar aos que despois d'elle viessem na magnificêcia della o seu poder. Por onde não deue o general que não tiver estes respeito, fazer a grande despesa de Trajano, assi em tempo, como em dinheiro, sendo a do tempo mayor, pois o que se perde nunca se cobra, polo que conuem não gastar mal nenhum em a guerra, principalmente onde a presteza faz tantas maravilhas, como de Cesar, & Alexãdre se lê. E assi a póte q̄ for mais facil, & breue de fazer sendo segura se ellegerà, & porq̄ esta perfeição té as de madeira se deuem antes elleger, q̄ outras, ou sejaõ pola orde q̄ Cesar fez a sua no Rheno, ou por qualquer outra que os architectos approuarẽ. Outros sã pótes passaraõ ja copiosos rios, q̄ Cyro passou o Guindo diuidindoo em 180. canais, polos quais diuertio a agoa q̄ correndo por elle lhe impedia o passo, & assi diuidido em pequenas partes lhe desempedio o caminho de xãdoo passar cõmodamente, Cesar fez o mesmo no rio Licoris, mas ainda que assi se passe facilmête sendo necessario retirar se são melhores as pótes, porq̄ derrubãdoas em passando cõ o exercito ficãõ os inimigos impedidos do rio, & os canais a hũ, & a outro

Leo Bap.  
Alberz.

Cõm, Caf.  
de bel.  
Disp. l. 6.

Hero. l. 1.

Cõm, Caf.  
de bel. Ci.  
xi. l. 1.

a outro exercito deixaraõ passar, pois para os tapar todos se gastarã muito tẽpo, & tapando as bocas serã mais facil aos inimigos desta pallas, que fazer outra ponte se a acharem derrubada polos que se retiraõ. E assi as pontes são melhores, das quais terã cuidado o general da artilheria, & elle as fará deitar sendo leuadiças, ou fabricar se forem fixas. Aduertindo que as peças grandes não poderaõ passar senão em barcas, & não a auendo tal q̄ possa cõ ellas, atando duas juntas fazendo sobre os bordos hũa cuberta, sobre ella se passaraõ seguramente. E se o rio for tão largo, que senão possa fazer nelle póte, nem se possa vadear, como ja os Espanhoes fizeraõ em Flãdes ao mar, & os Romanos muitas vezes em tempo de Octauiano, & de Tiberio seu successor, com armada de barcas se passaraõ, ou com outras embarcações, que possaõ conduzir o exercito a outra parte. Mas se o rio pode se vadear for defendido dos inimigos, que he o primeiro caminho perigoso dos que se apontaraõ serã necessario valer da industria, & manha cõ que enganando os inimigos se passe da outra parte o exercito, para o que vsaraõ algũs capitães varios estratagemas, com os quais, & cõ o que mais se aduertir se mostrarã a ordem que nisto se deue seguir. O primeiro remedio de todos serã pretender que a arcabuzeria, & mosqueteria, sendo o rio estreito, faça afastar os inimigos da parte que defendem, para que dem lugar a passar o exercito, & não bastando a arcabuzeria, & mosqueteria seruirã para o mesmo as peças de artilheria, & ferindo com ellas os inimigos faraõ bom effeito. Mas porque os que defendem se forem praticos haõ de fortificar a parte contraria do rio, sendo assi de menos proueito a artilheria, aproueitarse haõ do remedio que o capitãõ Gonçalo Fernandez teue para passar o Garelhano, que os Franceses defendiaõ, tendo fortificado a parte onde mais commodamente se podia passar. E foy, que deixandose estar cincoenta dias no alojamento, sem em todos elles fazer nenhum mouimento, nem se chegar ao rio, nem dar outro nenhum indicio de o querer passar, hum dia quando os inimigos estauãõ mais descuidados, o passou por outra parte, sem os inimigos o sentirem, & achandoos descuidados os desbaratou. Tambem he bom

Dõ Berni  
de Méd.  
en los Cõ  
ment. de  
Fland.

Guic. l. 6.

*Idem. l. 5* estratagemas o que os Espanhoes fizeram para passar o rio Sobre, que (junto a Gioya) estava alojado o exercito del rey de França, de que era capitão Obinho: porque defendendo os Franceses o rio de sorte aos Espanhoes, q̄ por onde elles o defendião era impossivel passallo: ordenarão os Espanhoes, q̄ Manoel de Benauides com a vanguarda se chegasse ao rio, & fallasse com Obinho, & em quanto elle o entretinha, o corpo, & a retroguarda secretamente forão passar por outra parte, & quando os inimigos o sentirão, para acudir a tempo, forão tão depressa, & por esse respeito tão mal ordenados, que achando ja os Espanhoes em ordem forão desbaratados. E se o rio não der lugar a se vadear sendo necessario aproueitar da ponte; conuem para se lançar fazer alargar os inimigos cō a arcabuzeria, & artilheria do passo do rio; como fizeram os Franceses que lançarão a ponte no Garelhand, plantando artilheria na parte opposta aos Espanhoes. E o Imperador Carlos Quinto, por virtude da artilheria, plantada do mesmo modo, a pesar de que lho defendia, lançou a ponte no rio Albis, onde alcançou hũa muito grande vittoria. Mas quando isto não bastar, se valerá o general dos estratagemas apôtados, & do maravilhoso q̄ Cresso, & Sertorio fizeram; Cresso não podendo passar o rio Alys alojando pegado a elle fez por detrás do alojamento hũa caua capaz de recolher em si a agoa do rio, & começado da parte para onde corria, quando chegou à outra dôde a agoa vinha, achouse com o rio nas costas, & assi a pé enxuto o passou com todo o seu exercito. E Sertorio retirãdose de Pompeyo em Espanha fez o mesmo a Guadiana, & quando Pompeyo cuidou que o tinha seguro, por lhe impedir o rio o passo, & elle estar detrás cō muito auentajado exercito, achou se ao outro dia com o rio entre elle, & Sertorio, onde não auia mais que hum campo raso. No que se vé, que não sō este maravilhoso modo de passar os rios aproueitou a Cresso, quando hia buscar os inimigos, mas a Sertorio, quando delles se retiraua. Para o mesmo effeito, querendo ter a retirada segura se lhe succedesse mal a jornada, como succedeo, fez Publio Scipião na primeira batalha que teue com Annibal hũa ponte no Thesim cō hum forte que a defendesse. E assi seruindo se dos modos apôtados

*Guicciar. li. 6.*

*Hero l. 1.*

*Plu. in vit. l. 6.*

*Tit. Liv. D. 1. l. 3.*

tados se passará o rio estando liure da defensão dos inimigos, ou sendo delles defendido, que he o primeiro caminho perigoso. E assi se dará aos mais referidos o remedio, que podem ter, quando seja necessario fazellos, não tendo outra parte, por onde levar o exercito; porque auendoa esse he o melhor conselho, como se tem ditto.

O segundo caminho perigoso se disse ser aquelle, que for serrado de altos montes dos quais se tenham apoderado os inimigos: o qual he tão difficultoso de passar seguramente, como ja se disse, com tudo o valor, como dizia Alexandre, todas as difficultades tira, & sendo ajudado de arte não auerá quem o impida, & detenha. Polo que valendo se della, a primeira cousa, que para assegurar se deve fazer, será mādãr reconhecer por expertos, & praticos capitães, & soldados, todos os passos perigosos: q̄ se Aulo Cornelio Cossio o fizera assi, quando hia contra os Samnitas, não se metera em parte donde fora impossivel saluar se, se lhe não vallerã Decio tribuno, com o animoso, & prudente partido, que tomou; porque caminhando o consul com pouca vigia, veyo dar em hum passo cercado de asperos montes, & serrados bosques, onde os inimigos o aguardauão, tendo nelle segura a vittoria: mas Decio lha tirou das mãos ganhando cō hũa esquadra de escolhidos soldados os montes q̄ ficauão superiores aos inimigos, donde os podiaõ accommetter pelas costas; o que os atemorizou de sorte, que derão lugar para se retirar o exercito do consul. E assi reconhecendo que os inimigos estão apoderados de semelhãtes passos, ganhando lhe os cumes dos mōtes se assegurará o exercito; como tambẽ fez Antiocho, q̄ defendendo lhe os de Arsaces hũ passo das montanhas de Hircania, mādou de noite a certos soldados seus, armados à ligeira, que secretamente se apoderassem dos montes, que ficauão nas costas dos inimigos: os quais vendo pola manhaã nos lugares superiores os soldados de Antiocho desemparrão o passo que defendião. E assi isto fará o capitão para se assegurar de semelhãtes passos ganhando com arcabuzeiros os lugares superiores aos inimigos, & podendo ser secretamente, como Antiocho fez, será mais seguro. E quando nesses mesmos lugares, que conuem ganhar,

*Plu. in vit. l. 6.*

*Tit. Liv. D. 1. l. 7.*

*Pol. l. 10.*

estem os inimigos tambem cõ os mesmos arcabuzeiros, se lançaraõ delles, como fez o mesmo Antiocho com os Sagittarios, & Fundatarios, ganhando algũs passos em que os inimigos esta uão. E se tiuerem todos os lugares com tanta vigilancia, & boa guarda, que seja impossivel ganhallos, nem liurar do perigo, cõ a força das armas, serà necessario valer de algum estratagemã, semelhante ao que Annibal fez, para se salvar nos montes de Casilino de Fabio Maximo, que o tinha cercado em hũ estreito lugar delles; porque vendo Annibal, que nem aonde estaua se podia sustentar, nem ganhar o passo, para tirar daquelle aperto o seu exercito, por estar tudo cercado dos soldados de Fabio, fez pôr nos cornos de algũs touros feixes de ramos secos, & pegando lhe de noite o fogo, voltandoos contra a parte, por onde lhe conuinha passar, corrédo elles com furia, estimulados do fogo, quando chegauão ás postas dos Romanos foy tanto o temor, q̃ esta novidade lhe pos, que desemparrado os passos q̃ guardauão deraõ lugar ao exercito de Annibal, para passar da outra parte dos montes, com que se liurou do manifesto perigo em que estaua. E assi cõ este, ou outro qualquer semelhante estratagemã, procurarà salvarse o general que chegar a tal aperto, & todo o remedio desta difficuldade cõsiste em reconhecer primeiro os passos, porque sem isso irã desatentadamente dar nas mãos dos inimigos; & não sempre auerã hum Decio, nem touros cõ que se faça outro semelhante estratagemã.

O mesmo auiso preccederã, quãdo o exercito ouuer de passar por terras alagadiças, que he o terceiro caminho perigoso: mas neste se reconhecerã, se os inimigos á mão o podem alagar, de modo que impida o transito ao exercito, como em Flandes muitas vezes fizeraõ os rebeldes, defendédose, & embaraçando os Espanhoes com abrirem as esclusas, por onde a agoa da crescente do mar entraua, & assi pretendia Ludouico Nasau estando alojado em Iemingem defenderse do duque d'Alua, mas a boa diligencia do duque em mandar reconhecer, foy causa de não ter effeito a sua pretençaõ: porque achando os que hiaõ a reconhecer algũs dos inimigos, que abriaõ as esclusas, lhas ganharaõ. E assi o remedio que a este incõueniente se darã he ir sempre tão

Tit. Lia.  
D.3. l.2.

Dõ Bern.  
de Mēd.  
en los Cõ  
ment. de  
Fland.

vigilate, que não possaõ os inimigos ganhar primeiro estes passos. E por isto he a diligencia, & presteza tão louuada na guerra; pois sem ella serã impossivel defenderse de semelhantes perigos: & assi diz Vegecio, que nos successos da guerra aproueita muito mais a diligencia, & presteza, que a virtude, & força. Mas não estando na mão dos inimigos allagar a terra por onde o exercito marchar, serã mais facil assegurar deste perigo, mandando reconhecer o caminho, se está enxuto, ou cuberto de agoa. E se for junto a rio que o possa allagar engrossando com a agoa da chuva, não se passará ainda que esté enxuto senão em tempo seguro de chouer aguardando a conjunção da lua; & se for seca poder seha caminhar, & senão aguardarseha a melhor tẽpo, q̃ se Annibal assi o fizera não recebera o danno que se apontou lhe fez. a crescente do rio Arno, & auendo de caminhar junto ao mar onde elle cobre a terra com as suas mares, saberseha o tempo em que cresce, & mingoa, para na minguante fazer o transito, & assi se passaraõ os perigos que este caminho representa.

Auendo de passar o exercito por algũs bosques, que he o ultimo caminho perigoso, do mesmo modo reconhecendoos se fará seguro. E assi Fabio Maximo, não tendo por onde passar com o exercito na Toscana senão atraueesãdo a selua Giminia, não quis entrar nella até a não ter muy bem reconhecido por fies espias. E se fizera isto Gneo Manlio não perdera em Thracia tanta gente, & bagajes como perdeu: porque vindo victorioso d'Asia, passando em Thracia por hum grande bosque sem o reconhecer, foy accõmettido de dez mil Thracios, que metidos nelle o aguardauão, para o roubar, o que fizeraõ com muita perda dos Romanos; & conhecendo o erro que fizera, em não reconhecer o bosque, fazendoo o dia seguinte o passou sem perigo. E assi reconhecendo o bosque por onde se á de passar, se asseguraraõ os passos. E quando os inimigos estem apoderados delles, com os arcabuzeiros, & mosqueteiros lhos ganharaõ, como pretendiaõ fazer os rebeldes, que seguiaõ o principe d'Orage, mandando tres, ou quatro mil arcabuzeiros, que ganhassem o bosque que Iuliaõ Romero, com os arcabuzeiros do seu terço defendia junto a Hicerne, & senão fora socorrido com fresca

Vegev.

Tit. Lia.  
D.3. l.2.

Idem. Da  
I. l. 9.

Idem.  
D.4. l. 8.

Dõ Bern.  
de Mēd.  
en los Cõ  
ment. de  
Fland.

arcabu-

arcabuzeria estava mais arriscado ao perder q̄ seguro em o sustentar. E ganhando deste modo, eu de qualquer outro o bosque se passará seguramente. E assi cõ as advertencias referidas se poderão passar com menos risco os caminhos perigosos.

Os remedios que se apontarão cõtra as dificuldades, que no marchar se podem offerer ferirão quando se pretenda passar contra o inimigo, estando elle dentro da nossa terra ou na sua. Mas quem não tiver poder para o buscar em nenhuma destas partes, deuo pretender defenderse, a onde mais commodamente o possa fazer, terá diferentes considerações. Porque assi como quem deseja verse com o inimigo em campo aberto, por lhe parecer que lhe excede em forças, deue tirar todos os inconvenientes que lho podem impedir, quem pretende sõ defender se, temendo por ser inferior chegar a descoberta batalha, a de procurar que o inimigo ache diãte todos os impedimentos, & embaraços, que se podem imaginar, para com elles, o deter, &

cançar, até ver melhor occasião. E por isso Artaxerxes quando temia a Cyro seu irmão, q̄ vinha sobre elle, polo deter fez hũa caua de 50. milhas de comprido, & 50. pès de largo, & outros tantos de alto. E quando Annibal vinha sobre Roma, os Fregelanos polo deter quebrarão a pôte do rio Liris, por onde auia de passar, & elle temendo Fulvio, que vinha socorrer Roma lhe queimou as barcas com que auia de passar o Vulturno. E assi quando se pretende defender, não querendo chegar a romper cõ os inimigos, hão selhe de impedir os passos, não lhe deixando passar os rios liuremente, antes fortificando a parte cõtraria, se defenderão com toda a força. E assi os Espanhoes perderão em Raue na a vittoria por não defenderem o passo do rio aos Franceses, porque não podendo ja os Franceses sustentarse conuinhalhes pelejar, & vencer, & tendo hũ rio entre o seu exercito, & o dos Espanhoes não lhe defendêdo o passo, a seu saluo se puserão da outra parte, & derão a batalha em que ficarão com a vittoria auendo de ser ao cõtrario se os Espanhoes lhe defenderão o rio, como diz o Guiciardino. E assi os passos dos rios serão defendidos do exercito menos poderoso, & do mesmo modo procurará defender todos os passos difficultosos, a onde cõ pouco risco pos-

so possa retardar os inimigos, como fizeraõ os Gregos defendendo com 300. Lacedemonios o passo de Thermopylas ao grã de exercito de Xerxes; pois bem se vê, que não podiaõ elles esperar que 300. homês vencessem hum cõto, & novecentos mil: mas bastauão para com a ventage do sitio, & fortificaçãõ delle entreter o exercito, que temiaõ, por ser mais pujante q̄ o seu. E assi quem defende deue procurar entreter os inimigos, impedindo lhe todos seus disenhos, guardando os passos, em que cõ ventage conhecida, lhe pode fazer dãno: & sobre tudo que não entre nos confins da terra que se ha de defender. E por isso fizeraõ os Gregos a fortificaçãõ do Hismo, quando Xerxes vinha sobre Grecia, & o mesmo fez Cleomenes para defender a Grecia de Antigono; & Perseo Rey de Macedonia temendose que os Romanos entrassem em Macedonia com o exercito mado guardar todos os passos, por onde podiaõ entrar nella. E do mesmo modo Nigro quando se temia de Seucro, que elleito Emperador em Roma, passaua com o exercito, & armada contra elle, que se chamaua Emperador no Oriente, mandou tanto que se teue o auiso, guardar todos os passos de terra, & os portos de mar, & fortificou inexpugnaelmente o monte Tauro, que está do entre Cappadocia, e Cilicia diuide o Oriete das nações Septentrionais. E Alexandre Rey de Iudea para impedir a Antiocho chamado Dionisio, que não entrasse na Arabia diuidio cõ hum fosso, & muralha todo o espaço que ha entre Antipatrida, & a ribeira de Ioppe. E assi quem defende impedirá o caminho aos inimigos; & sobre todas as cousas que em sua defença hade fazer, será esta, defender que o inimigo não entre na terra defendida guardando os seus limites.

E achando o general, que pretêde ganhar algũa terra, prouincia, ou reyno, os seus limites bem guardados, & defendidos procurará passar pola parte, que menos guardada estiuer, porq̄ vendoo a seu saluo dentro na terra os que lhe defendiaõ a entrada, ou perderão o animo, ou por acudir ás suas casas que ficão sem defença desemparrarão o seu exercito, como fizeraõ os Penos, q̄ passando contra elles Megabizo, capitão de Dario Rey de Persia, defendêdo lhe os passos por onde auia de entrar nas suas ter-

ras,

Herod. l. 7.

Herod.

Tit. Lid.

D. 5. l. 4.

Herodias

de vit. im

per. l. 3.

Joseph, de

bel. Iud.

Herod. l. 5.

## Primeira parte.

ras, quando virão que elle leuado pelas guias entrara por diferente caminho no seu territorio, & começaua a saquear os lugares, todos desampararã o exercito, para acudir a suas casas, & sem mais guerra os sujeitou. E assim chegando o exercito proposto à terra que pretende conquistar, ou tirar de poder dos inimigos, que della se tenhaõ apoderado, & achado a entrada prouida de boas guardas, fará o caminho por onde os inimigos o não fintaõ, de sorte, que primeiro o vejaõ na sua terra, do q se possa oppor ao nouo desenho, que se Xerxes assi o não fizera guiado por Epialtes ao passo de Thermopylas por hũ desusado caminho, não desbaratara os poucos Gregos, que o guardauã: nã Bruto, & Cassio ganharaõ o passo de Sapeores, que Cecidio, & Norbano defendiaõ, senã passaraõ com o exercito por hũs bosques, & asperas serras guiados por Raseupolis, que sabia aquelle secreto caminho, & soffendo em quatro dias a aspereza delle, chegarã a onde sem impedimento podião commetter os inimigos, os quais fugindo se saluarã. Mas para este effeito tẽ o general necessidade de leuar consigo fieis, & praticas guias, para que lhe não acõteça o que a Crasso, que fiandose d'Abaro, foy guiado por elle, onde cõ todo o seu exercito pereceo, desbaratado por Surena capitã dos Parthos, & as falsas guias que fuziraõ a Asdrubal o fizeraõ andar toda hũa noite cãlando os soldados sem fazer caminho, o que (segũdo Tito Liuius) foy a principal causa da sua morte, & perda do seu exercito: mas para assegurar das guias, quãdo não sejaõ de tãta confiança, como he necessario, se leuaraõ presas, como fez Marco Antonio, quãdo se retiraua dos Parthos. E assi culpa Tito Liuius a Publio, & G. Mãlio, não prenderẽ hũ Latino, q como espia Romana os auiso, q certas esquadras, q tinhaõ mandado saquear estauã cercadas dos inimigos; porq cuidando q os hiaõ socorrer deraõ em hũa emboscada, onde sendo rotos cõ perda de muitos soldados se retiraraõ. O q seruirã d'auiso ao capitã para senã fiar de quẽ não conhecer: pois (como diz Polibio) ninguẽ temerariamente se deue fiar de nenhũ homẽ, quanto mais de quẽ senã conhece. E assi cõ boas guias se procurará entrar na terra dos inimigos, por caminho que delles não seja defendido.

Entram-

Entrãdo na terra dos inimigos, do mesmo modo iraõ as guias mostrando o melhor caminho cõforme ao intento do general: o qual leuarã toda a prouincia, ou reyno em que ha de fazer a guerra muy bem disenhada: porque deste modo estẽ mais seguro de ser pelas guias enganado, porque mostrãdo-lhe o desenho onde estaõ os montes, bosques, & rios poderã por si, sem o conselho das guias determinar o caminho que ha de seguir. E assi quando Vegetio tratta da ordem com que hum exercito deue marchar, aponta este por grandissimo remedio, para assegurar dos inconuenientes que lhe podem acontecer por caminho, & terra que senã sabe: & diz que todos os antigos capitães leuauã disenhada a terra onde auiaõ de fazer a guerra, como fizeraõ Scipiaõ, Alexandre, Annibal, & o Emperador Carlos Quinto quando passou a Africa. E considerando com o desenho o caminho que mais conuem poderã o general seguir o que quizer sem o manifestar a ninguem, que he cousa de muita importãcia para ir mais seguro das ciladas dos inimigos, & das trayções dos falsos amigos. E assi diz Vegetio, que o caminho que se ha de fazer não seja entendido de muitos.

Deste modo aduertido, & acutelado guiarã o general o exercito seguindo a mesma ordẽ que ja tẽ mostrado, em quãto não riueraõ auiso dos inimigos, porque marchando junto a elles, deue marchar com diferente ordẽ deixando sempre os bagajes, & artilheria grossa na parte contraria ao caminho por onde marchaõ os inimigos, & contra elles se porã a caualleria, & assi diz o Guiciardino, q partindose o exercito da liga ecclesiastica de Põte vico, ficãdo-lhe os inimigos de retroguarda, leuaua os bagajes de vãguarda. E quãdo os Frãceses se retiraraõ do Garelhan seguindoos o capitã Gõçalo Fernãdez leuauã a artilheria diãtras ella a infanteria, & a caualleria na retroguarda opposta aos te, & inimigos. E o dia que o duque d'Alua foy alojar a Cestel leuaua os bagajes ao lado direito do exercito, porque o principe d'Orange marchaua com o seu ao esquerdo. E do mesmo modo quando seguia o inimigo que marchaua diante do seu exercito leuaua a caualleria de vanguarda. E assi o fez o Emperador nas guerras de Alemanha; & todos os praticos capitães anti-

R r gos,

rigos, & modernos guardaraõ a mesma ordẽ no marchar, e naõ  
*Asc. Cõt.* a q̃ Ascanio Cõtario diz, q̃ vsuaõ os Romanos, querẽdo q̃ a mes-  
 ma se guarde, & quãdo elles a seguiraõ o q̃ naõ cõcedemos, de-  
 nuamos reprovalla, por ser imperfeitissima, porq̃ diz elle, q̃ des-  
 pois de mandarẽ diante os delcobridores marchaua, o corno di-  
 reito cõ os seus bagajes, na retroguarda, detras dos quãis se col-  
 locaua hũa legiaõ cõ os seus bagajes do mesmo modo ordena-  
 dos: a esta seguia outra legiaõ cõ os seus bagajes, e logo o corno  
 esquerdo cõ os seus de retroguarda, & vltimamẽte o resto da ca-  
 ualleria. Mas se os Romanos vsuaõ esta ordẽ, claramẽte se verã  
*Vege. l. 3. cap. 6.* em Vegecio, onde diz. O exercito se ordena para marchar man-  
 dando diãte escolhidos caualleiros, q̃ por todas as partes façaõ  
 a descuberta, aos quais segue a infantaria, e detras della os бага-  
 jes, & sacomanos, & na retroguarda de todo o exercito se collo-  
 ca parte da caualleria: & se d'ambas as partes se temessem os ini-  
 migos, em ãbas se repartirà a caualleria. Estas, atéqui sãõ as mes-  
 mas palauras de Vegecio, nas quais se vé bẽ grãde differença do  
 q̃ diz Ascanio Cõtario, pois aqui vaõ todos os bagajes jutos, &  
 separados da infantaria, & os caualleiros se oppõe cõtra os ini-  
 migos, q̃ no caminho lhe quiserẽ fazer dãno, cõ algũa improui-  
*Eliau. de nom. & ord. mil.* sa accõmettida. E isto mesmo declara Eliano, dizẽdo q̃ de cinco  
 modos se ordena o exercito cõ os bagajes para marchar, leuan-  
 doos todos diãte do exercito, ou na retroguarda, ou aos lados,  
 ou no meyo. Porq̃ marchãdo pola terra dos inimigos, quãdo el-  
 les poderẽ accõmetter pola retroguarda iraõ diãte, & temẽdo se  
 q̃ accõmettaõ por hũ lado se collocaraõ no outro, & se o exerci-  
 to for accõmettido por todas as partes no meyo d'elle, e leuãdo  
 o inimigo por frõte na retroguarda, no q̃ se vé q̃ sempre vão jũ-  
 tos, & separados da infantaria q̃ se ha de ordenar para cõbatter,  
 & a razãõ assi o pede; porq̃ indo entreçachados cõ os soldados  
 da batalha naõ os deixarãõ ordenar cõ a facilidade, & presteza  
 necessaria ás occasiões q̃ podẽ succeder; q̃ he grandissimo defei-  
 to: o qual se salua leuãdoos jutos, & separados da batalha (como  
 està ditto) pois naõ podẽ impedir a ordẽ cõ que o general qui-  
 ser despõr o exercito. E a comodidade q̃ se pode allegar, leuan-  
 do cada terço, ou parte do exercito os seus bagajes junto de si,  
 podendo

podẽdo os soldados auer o necessario d'elles, cõ mais facilidade;  
 serã causa de mais danno à ordẽ principal do exercito, q̃ de pro-  
 ueito aos particulares; porq̃ tendo os soldados esta comodida-  
 de naõ se proueraõ do necessario cada dia, antes de sayr do alo-  
 jamento, & assi quando quiserẽ comer de força haõ de deixar a  
 ordẽ polo ir buscar aos bagajes, o q̃ pode ser causa de muitas de-  
 sordês, principalmente, quando se marchar junto aos inimigos;  
 pois accõmettendo naquelle tẽpo o exercito mal se poderã de-  
 fender estãdo desordenado. E se differẽ q̃ naõ impede esta ordẽ  
 poderẽ leuar a comida nas muchilhas, tomãdo a cada dia ao sair  
 do alojamento, de q̃ serueõ entraõ os bagajes entreçachados cõ a  
 gẽte q̃ ha de cõbatter; pois o embaraço de os mudar, quãdo se-  
 ja necessario juntar os soldados para resistir aos inimigos, nũca  
 pode ser prouitoso; & leuallos juntos, como se tẽ apõtado na  
 parte mais guardada, nũca pode fazer danno. E assi marchando  
 junto ao inimigo, quando o leuarẽ de vanguarda iraõ na retro-  
 guarda os bagajes, & a caualleria diãte de todo o exercito. E po-  
 lo cõtrario vindo os inimigos de retroguarda, nella estarã a ca-  
 ualleria, & os bagajes de vanguarda, & o mesmo respeito se guar-  
 darã nos lados. Mas (como diz Vegecio) mayor perigo tẽ o exer-  
*Vege. l. 3. ca. 6.* cito quãdo marchar junto do inimigo, q̃ nas descubertas bata-  
 lhas, porq̃ vay arriscado a ser a cada passo accõmettido. E assi  
 conuẽ q̃ vã sempre muy vigilãte, & cõ tanta ordẽ, & cuidado, q̃  
 nunca o possaõ tomar desaperebido: o q̃ diz Vegecio se alocaõ  
 rá fazẽdo entẽder aos soldados q̃ sãpre estaõ para dar batalha;  
*Remph. de fac. & dict. Soc.* porq̃ apercebẽdo se para ella nunca seraõ sobresaltados de im-  
 prouiso accõmettimẽto, porq̃ as cousas q̃ antes de succederẽ se  
 consideraõ, quãdo vẽ, menos perturbaõ o animo q̃ as esperava.  
 E indo sempre cõ este arreço de ser accõmettidos iraõ mais a-  
 perebidos, & todas as cousas se faraõ com mais diligencia, por  
 q̃ (como dizia Socrates) a confiança pare negligencia, & a pri-  
 guica, desobediencia, & o temor faz os homẽs circũspectos, &  
 ordenados. Polo que para os soldados estarem sempre vigilan-  
 tes, & apercebidos, se leuarãõ sempre cõ o receo de ser accõ-  
 mettidos. E marchando junto ao inimigo se terã sempre muy-  
 to bem reconhecida a terra para se aproueitar, sendo necessa-  
 ria a



*Dõ Bern. de Mẽd. en los Cõment. de Fland.*  
 rio da commodidade dos sitios. E poreste respeito ( como diz Dõ Bernardino de Mendoça) os mais dos dias q̃ o duque d'Alua marchou cõ o exercito, junto ao do principe d'Orange hia na vanguarda, naõ sendo esse o seu lugar, porq̃ assi reconhecia mais a tẽpo a cãpanha, cõ o q̃ sem dar batalha lançou os inimigos dos estados. E assi ainda q̃ o lugar do general naõ seja este, deve quando lhe parecer q̃ conuem ir de vanguarda, para reconhecer a campanha, & deste modo se adiantará a ganhar os lugares auentajados, que he cousa que soe dar grandes vittorias.

**SEGUNDA CONSIDERACAM, DOS ESTRATAGEMAS,**  
 E modos com que se podem vencer os inimigos.



*Appia. Alex. de bel. Hisp. Plu. in Vita Sert.*

**VEM** Bem considerar discorra do polas historias antiguas, & modernas, verã mais vittorias alcançadas pola prudencia, & industria dos capitães, que pola força, & armas dos soldados. E assi se verã sõ com a prudencia preualecer Viriato pobre portuguez, contra os poderosos exercitos dos Romanos. E por isso dizia Sertorio, que mais valia o engenho, que as forças, o que muito ordinariamente succede na guerra. E assi diz Polibio, q̃ nas cousas da guerra saõ de menos importãcia aquellas q̃ manifestamete, & cõ violencia se fazẽ, que aquellas, q̃ cõ o engenho, & opportunamente se põe em effeito. Polo que se mostraraõ agora as considerações, & cautelas, que para vencer os inimigos se devẽ fazer, procurando antes a vittoria cõ o bom conselho, que com as forças; pois (como diz Plutarcho sendo os Lacedemonios bellicosissimos estimavaõ tanto mais as vittorias q̃ cõ o engenho, enganos, & persuações alcançaveõ, que as que lhe dauaõ

*Pol. l. 9.*

*Plu. in Vita Mart. bel.*

dauã a força, & violencia, que sacrificãdo nestas hum galo, em hõra das que o engenho lhe daua sacrificauão hum touro. E assi dizia Cesar, que elle era do mesmo parecer contra os inimigos, que os bõs medicos contra as enfermidades do corpo, que assi como muitos querem mais sarar os corpos com dieta, & bõ regimento, que com violentas medicinas, elle queria antes sugar o inimigo viuo com a fome, que morto com o ferro. E Scipiaõ era da mesma opiniaõ, dizendo; que o bom capitaõ ha de ser como o medico, que no extremo vfa o ferro, & o fogo. Isto mostra Polibio, porque contando que os Acheos, denunciauã as batalhas aos inimigos, & o lugar onde auiaõ de cõbater, naõ se seruindo d'armas de arremesso, nẽ secretas: diz, & agora naõ se tem por bõ capitaõ o q̃ faz manifestamete algũa cousa das tocantes á guerra. E por isso diz Vegecio, q̃ os Romanos traziaõ na bãdeira das legiões o Minotauro, porq̃ assi como elle estaua escondido no Laberinto deve o cõselho do capitaõ estar secreto dẽtro do seu pensamento. Polo que conue q̃ o capitaõ procure chegar as suas empresas ao fim q̃ pretende cõ as cautelas, & bõ conselho, antes que cõ as forças. O q̃ he muito mais seguro, & certo; porq̃ deste modo nunca se auẽturaõ todas as forças, & accõmettendo o inimigo aonde o naõ esperaua, ou quãdo estã mais descuidado fica mais certa a vittoria, q̃ quando elle estiuer preuenido. E assi anteuẽdo todas as cousas, & prouẽdo cõ bom conselho o necessario se poderã sem manifesta batalha alcãçar a vittoria; pois como diz Herodoto o fim das grandes empresas cõsiste no bõ conselho. E por isso diz Polibio, q̃ se nós naõ cõsiderarmos todas aquellas cousas q̃ se pòde anteuẽr, como naõ diremos q̃ perdemos muitas por nosso deffeito? Polo q̃ considerãdo o capitaõ tudo o q̃ lhe pode de bẽ, ou de mal acõtecer preuinindo se cõ o bom conselho conseguirã prospero fim, & fugirà dos males q̃ podia padecer. E assi acontecco aos Cariãnos, por que sendo em duas batalhas vencidos polos Persas, vendo que as forças lhe não aprobeitauã, valendo se do engenho, & conselho os desbaratarão com hũa emboscada: & diz Herodoto, que não ficou nenhum viuo. Mas para melhor se alcãçar o que conuem para este fim, se tratarã particularmente das considerações

*Pol. l. 13.*

*Vege. l. 3. cap. 6.*

*Hero. l. 7. Poli. l. 9.*

*Hero. l. 5.*

rações necessarias para vencer com o engenho, & conselho, antes que com as armas.

Para chegar, por este modo a guerra ao fim que se pretende se considerará a natureza, & animo dos naturais da terra, d'onde se ha de fazer a guerra, a condição, & natureza do general dos inimigos, a qualidade, & poder do seu exercito, & o sitio da terra. E quanto à primeira consideração nella se deve considerar, se a gente onde a guerra se ha de fazer, he de natureza ligeira, amiga de novidades, & pouco constante; porque (como diz Plutarcho) os inconstantes não conseruaõ amizade: & assi poder se hão facilmete com a esperança de futuros bês tirar da deuação dos inimigos, como Annibal fez a muitas cidades de Italia, pois por esta razão se lhe entregou Capua, porque diz Tito Livio, q' eraõ os Capuanos de animos ligeiros, & amigos de novidades.

Plut.

Tit. Liu.  
D. 3. l. 3.

Idem. D.  
3. l. 5.

Idem.  
D. 3. l. 1.

Appi. de  
bel. Hisp.

Herodia.  
l. 3.

Ellevados das mesmas esperanças tres Tarantinos lhe entregarão Taranto. E por isso elle no principio da guerra vsou de clemencia com os que nella prédia, o que he cousa de muito effeito com gente desta natureza. E assi foy de tanto proveito a Scipião a clemencia cõ que trattou os Espanhoes que prendeo em Carthago de Espanha, q' por ella se lhe renderaõ muitas terras: as quaes senaõ fora a esperança que ella lhe daua de futuros bês, não deixaraõ a amizade dos Carthagineses. E que os habitadores de Espanha fossem entaõ de ligeira natureza, se mostra bem com as mudanças que fizeraõ Indibile, & Mandonio, os maiores principes della, mudandose húa vez da amizade dos Carthagineses, para a dos Romanos, & rebellandose dos Romanos da hi a pouco tempo, sem ter causa para isso. E assi a clemencia cõ que Scipião começou a tratar os Espanhoes, dandolhe esperanças de futuros bês, os trouxe quasi todos a sua amizade. Para o que também serà de proveito ter homens de respeito, & credito, que secretamente vaõ espalhando por todos os inimigos promessas dos bês, que podê esperar entregandose ao governo de quem procura conquistallos, & o dâno que de resistir se lhes seguirà; porque com gente desta natureza, saõ poderosas cousas a esperança do bem, & o temor do mal. E assi deraõ o imperio a Bassiano, que despois se chamou Antonino os soldados, que

secretamente espalhauaõ polo exercito e speranças de grandissimos premios, dos quais persuadidos o levantaraõ por Emperador. E isto mesmo aproueitou a muitos que o foraõ por serẽ os animos de todos os soldados Romanos naquelles tẽpos raõ amigos de novidades, & ligeiros, como se pode conhescer pelas muitas mudanças que fizeraõ de Emperadores. Pois se o temor dos males faz o mesmo effeito? em Seuero se verá, que sendo odiado do pouo Romano: o qual tinha feito Iuliano Emperador, polo temor que do seu poder tinhaõ, matado Iuliano se acostaraõ a elle, ainda que desejavaõ mais obedecer a Nigro, q' no Oriente se tinha levantado com nome de Emperador. E por isso Sertorio sendo mais piadoso, que cruel, como escreuem Appiano, & Plutarcho, queimou húa cidade em Espanha, à vista de Pompeyo, porque com o temor de semelhante crueldade se lhe rende sem as, mais. E assi serà de muita importancia, com gente desta natureza, darlhe esperança de futuros bês, se se renderẽ, & pòr nos seus animos o temor de grandes males resistindo, para o que he necessario trattallos cõ clemencia no principio da guerra, & mádar homens q' secretamete persuadeaõ estas cousas. E para isto ter melhor effeito se ganharà algũa praça forte, e arrimado se cõ o exercito a ella se deixará estar, & dalli se tentaraõ com dadiuas, & promessas as pessoas que entre os inimigos tiverem algum poder, & juntamente homens de menos cõta, que também saõ muitas vezes necessarias para os auisos, & elles costumaõ ser os meyoõs com q' se atrayem os de mais importancia. E pode succeder, q' sem mais guerra deste modo se acabe a q' se começou: como Mardonio acabara a q' fazia a Grecia, se tomando o cõselho dos Thebanos, se deixara estar junto a Thebas cõ o exercito, tentando por esta via a empresa que com a batalha perdeo. Porque como os Thebanos conhesciaõ a inconstancia dos Gregos, pois ella foy a que destruyo a sua potencia, como escreuem Herodoto, Plutarcho, & Iustino, seguramente esperauaõ vencellos com este modo. Mas em quem defende he isto ao contrario; porque quando se aja de defender algũa terra habitada de semelhante gente, he necessario confirmalla na fẽ por todos os modos possiveis, dos quais he o melhor, & mais seguro

secretamente espalhauaõ polo exercito e speranças de grandissimos premios, dos quais persuadidos o levantaraõ por Emperador. E isto mesmo aproueitou a muitos que o foraõ por serẽ os animos de todos os soldados Romanos naquelles tẽpos raõ amigos de novidades, & ligeiros, como se pode conhescer pelas muitas mudanças que fizeraõ de Emperadores. Pois se o temor dos males faz o mesmo effeito? em Seuero se verá, que sendo odiado do pouo Romano: o qual tinha feito Iuliano Emperador, polo temor que do seu poder tinhaõ, matado Iuliano se acostaraõ a elle, ainda que desejavaõ mais obedecer a Nigro, q' no Oriente se tinha levantado com nome de Emperador. E por isso Sertorio sendo mais piadoso, que cruel, como escreuem Appiano, & Plutarcho, queimou húa cidade em Espanha, à vista de Pompeyo, porque com o temor de semelhante crueldade se lhe rende sem as, mais. E assi serà de muita importancia, com gente desta natureza, darlhe esperança de futuros bês, se se renderẽ, & pòr nos seus animos o temor de grandes males resistindo, para o que he necessario trattallos cõ clemencia no principio da guerra, & mádar homens q' secretamete persuadeaõ estas cousas. E para isto ter melhor effeito se ganharà algũa praça forte, e arrimado se cõ o exercito a ella se deixará estar, & dalli se tentaraõ com dadiuas, & promessas as pessoas que entre os inimigos tiverem algum poder, & juntamente homens de menos cõta, que também saõ muitas vezes necessarias para os auisos, & elles costumaõ ser os meyoõs com q' se atrayem os de mais importancia. E pode succeder, q' sem mais guerra deste modo se acabe a q' se começou: como Mardonio acabara a q' fazia a Grecia, se tomando o cõselho dos Thebanos, se deixara estar junto a Thebas cõ o exercito, tentando por esta via a empresa que com a batalha perdeo. Porque como os Thebanos conhesciaõ a inconstancia dos Gregos, pois ella foy a que destruyo a sua potencia, como escreuem Herodoto, Plutarcho, & Iustino, seguramente esperauaõ vencellos com este modo. Mas em quem defende he isto ao contrario; porque quando se aja de defender algũa terra habitada de semelhante gente, he necessario confirmalla na fẽ por todos os modos possiveis, dos quais he o melhor, & mais seguro

secretamente espalhauaõ polo exercito e speranças de grandissimos premios, dos quais persuadidos o levantaraõ por Emperador. E isto mesmo aproueitou a muitos que o foraõ por serẽ os animos de todos os soldados Romanos naquelles tẽpos raõ amigos de novidades, & ligeiros, como se pode conhescer pelas muitas mudanças que fizeraõ de Emperadores. Pois se o temor dos males faz o mesmo effeito? em Seuero se verá, que sendo odiado do pouo Romano: o qual tinha feito Iuliano Emperador, polo temor que do seu poder tinhaõ, matado Iuliano se acostaraõ a elle, ainda que desejavaõ mais obedecer a Nigro, q' no Oriente se tinha levantado com nome de Emperador. E por isso Sertorio sendo mais piadoso, que cruel, como escreuem Appiano, & Plutarcho, queimou húa cidade em Espanha, à vista de Pompeyo, porque com o temor de semelhante crueldade se lhe rende sem as, mais. E assi serà de muita importancia, com gente desta natureza, darlhe esperança de futuros bês, se se renderẽ, & pòr nos seus animos o temor de grandes males resistindo, para o que he necessario trattallos cõ clemencia no principio da guerra, & mádar homens q' secretamete persuadeaõ estas cousas. E para isto ter melhor effeito se ganharà algũa praça forte, e arrimado se cõ o exercito a ella se deixará estar, & dalli se tentaraõ com dadiuas, & promessas as pessoas que entre os inimigos tiverem algum poder, & juntamente homens de menos cõta, que também saõ muitas vezes necessarias para os auisos, & elles costumaõ ser os meyoõs com q' se atrayem os de mais importancia. E pode succeder, q' sem mais guerra deste modo se acabe a q' se começou: como Mardonio acabara a q' fazia a Grecia, se tomando o cõselho dos Thebanos, se deixara estar junto a Thebas cõ o exercito, tentando por esta via a empresa que com a batalha perdeo. Porque como os Thebanos conhesciaõ a inconstancia dos Gregos, pois ella foy a que destruyo a sua potencia, como escreuem Herodoto, Plutarcho, & Iustino, seguramente esperauaõ vencellos com este modo. Mas em quem defende he isto ao contrario; porque quando se aja de defender algũa terra habitada de semelhante gente, he necessario confirmalla na fẽ por todos os modos possiveis, dos quais he o melhor, & mais seguro

secretamente espalhauaõ polo exercito e speranças de grandissimos premios, dos quais persuadidos o levantaraõ por Emperador. E isto mesmo aproueitou a muitos que o foraõ por serẽ os animos de todos os soldados Romanos naquelles tẽpos raõ amigos de novidades, & ligeiros, como se pode conhescer pelas muitas mudanças que fizeraõ de Emperadores. Pois se o temor dos males faz o mesmo effeito? em Seuero se verá, que sendo odiado do pouo Romano: o qual tinha feito Iuliano Emperador, polo temor que do seu poder tinhaõ, matado Iuliano se acostaraõ a elle, ainda que desejavaõ mais obedecer a Nigro, q' no Oriente se tinha levantado com nome de Emperador. E por isso Sertorio sendo mais piadoso, que cruel, como escreuem Appiano, & Plutarcho, queimou húa cidade em Espanha, à vista de Pompeyo, porque com o temor de semelhante crueldade se lhe rende sem as, mais. E assi serà de muita importancia, com gente desta natureza, darlhe esperança de futuros bês, se se renderẽ, & pòr nos seus animos o temor de grandes males resistindo, para o que he necessario trattallos cõ clemencia no principio da guerra, & mádar homens q' secretamete persuadeaõ estas cousas. E para isto ter melhor effeito se ganharà algũa praça forte, e arrimado se cõ o exercito a ella se deixará estar, & dalli se tentaraõ com dadiuas, & promessas as pessoas que entre os inimigos tiverem algum poder, & juntamente homens de menos cõta, que também saõ muitas vezes necessarias para os auisos, & elles costumaõ ser os meyoõs com q' se atrayem os de mais importancia. E pode succeder, q' sem mais guerra deste modo se acabe a q' se começou: como Mardonio acabara a q' fazia a Grecia, se tomando o cõselho dos Thebanos, se deixara estar junto a Thebas cõ o exercito, tentando por esta via a empresa que com a batalha perdeo. Porque como os Thebanos conhesciaõ a inconstancia dos Gregos, pois ella foy a que destruyo a sua potencia, como escreuem Herodoto, Plutarcho, & Iustino, seguramente esperauaõ vencellos com este modo. Mas em quem defende he isto ao contrario; porque quando se aja de defender algũa terra habitada de semelhante gente, he necessario confirmalla na fẽ por todos os modos possiveis, dos quais he o melhor, & mais seguro

secretamente espalhauaõ polo exercito e speranças de grandissimos premios, dos quais persuadidos o levantaraõ por Emperador. E isto mesmo aproueitou a muitos que o foraõ por serẽ os animos de todos os soldados Romanos naquelles tẽpos raõ amigos de novidades, & ligeiros, como se pode conhescer pelas muitas mudanças que fizeraõ de Emperadores. Pois se o temor dos males faz o mesmo effeito? em Seuero se verá, que sendo odiado do pouo Romano: o qual tinha feito Iuliano Emperador, polo temor que do seu poder tinhaõ, matado Iuliano se acostaraõ a elle, ainda que desejavaõ mais obedecer a Nigro, q' no Oriente se tinha levantado com nome de Emperador. E por isso Sertorio sendo mais piadoso, que cruel, como escreuem Appiano, & Plutarcho, queimou húa cidade em Espanha, à vista de Pompeyo, porque com o temor de semelhante crueldade se lhe rende sem as, mais. E assi serà de muita importancia, com gente desta natureza, darlhe esperança de futuros bês, se se renderẽ, & pòr nos seus animos o temor de grandes males resistindo, para o que he necessario trattallos cõ clemencia no principio da guerra, & mádar homens q' secretamete persuadeaõ estas cousas. E para isto ter melhor effeito se ganharà algũa praça forte, e arrimado se cõ o exercito a ella se deixará estar, & dalli se tentaraõ com dadiuas, & promessas as pessoas que entre os inimigos tiverem algum poder, & juntamente homens de menos cõta, que também saõ muitas vezes necessarias para os auisos, & elles costumaõ ser os meyoõs com q' se atrayem os de mais importancia. E pode succeder, q' sem mais guerra deste modo se acabe a q' se começou: como Mardonio acabara a q' fazia a Grecia, se tomando o cõselho dos Thebanos, se deixara estar junto a Thebas cõ o exercito, tentando por esta via a empresa que com a batalha perdeo. Porque como os Thebanos conhesciaõ a inconstancia dos Gregos, pois ella foy a que destruyo a sua potencia, como escreuem Herodoto, Plutarcho, & Iustino, seguramente esperauaõ vencellos com este modo. Mas em quem defende he isto ao contrario; porque quando se aja de defender algũa terra habitada de semelhante gente, he necessario confirmalla na fẽ por todos os modos possiveis, dos quais he o melhor, & mais seguro

Herodia.  
l. 2.

Appi. de  
bel. Hisp.  
Plut. in  
vit. Sert.

Hero. l. 9.

## Primeira parte,

*Senec.* o brando, & affahil governo. Porque (como diz Seneca) não tẽ reyno feguro o principe defamado; & a justiça, & brando governo he o melhor meyo para ganhar as vontades dos subditos. E por isso diz Stobeu, que as leys conuem que sejam asperas, & rigorofas, mas o governo que por ellas se fizer brando, & piadoflo. He tambem de não menos importancia para ganhar, & confirmar as vontades dos subditos hum animo gratto, & liberal remunerador dos feruiços que se fizerem, porq̃ aos liberaes nunca faltão amigos, como mostrou Arato, que vendo a patria em discordia, donde se temia vir a poder de algum tyranno, como até então estiuera, entendendo q̃ sò na liberalidade estaua o remedio della, alcançando grãde soma de dinheiro de Ptolomeo Rey de Egypto o distribuyó polos seus naturais, com o que lhes ganhou as vontades, & aquietou os animos alterados. E polo contrário o principe, que em lugar de fazer merces carregar de tributos os vassallos, está muy arriscado a se perder, como diz Appiano Alexandrino, que acontecera a Octauiano, se Marco Antonio passara em Italia, quando elle tinha contra si todas as vontades dos moradores della, pola peita que lançou para esta guerra: mas dilatando Marco Antonio a jornada, pode elle cõ a brandura do seu governo, & merces q̃ a algũs fez, confirmar os quasi rebellados animos; & assi se defendeo, & offendeo ao inimigo, como se sabe. Polo que quando de antes que os inimigos comecem a fazer a guerra, se não tenha com o bom, affabil, & brãdo governo, & liberalidade ganhado as vontades dos subditos, temendo se a guerra; conuem cõ estas coufas confirmallos na deuida obediencia: que posto que seja difficultoso ganhar, cõ pouco tempo de beneficios, as vontades, que em muito de tyrannia se perderão, he este o melhor meyo. Porque o que por temor he obedecido, sello ha em quanto se não tiuer occasiã de o desobedecer. E polo contrario o pouo que ama ao principe em nenhuma occasiã desobedece: E se com rigor os quiserẽ opprimir, & forçar como todo o violento se corrompe, essa mesma força os obrigará, para que em tendo occasiã se liurem della; como se vio no imperio, & morte de Maximino, que fazendo se obedecer por temor, ainda que todo o imperio temia muito o seu poder,

poder, & crueldade como o desamaua, em tendo occasiã para se rebelar com a elleiçã de Gordiano feito Emperador na Lybia, todo se rebellou de forte, que vendose os seus soldados cõ todo o mundo por inimigo, ellegerã por melhor pãrtido matallo, que defendello. E assi com brando, & justo governo, premiando os feruiços dignos de merces, confirmará o principe, ou capitaõ os animos dos subditos, que ha de defender, & o haõ de ajudar. Mas se a gente que se ha de cõquistar, ou defender for de animo constante, & amiga do seu principe será necessario a quem conquista valer se sò da força, & disciplina militar, como Annibal no cerco de Sagunto, que até a não desfazer com a força, a não pode fugeitar; & quem defende tais subditos, terá necessidade de menos diligencia em os confirmar. Mas hũs, & outros deuem procurar conseguir seus intentos com os modos apontados.

Considerar a natureza, & condiçã do general, he de tanta importancia, como se experimentou na guerra, q̃ os Romanos tiueraõ em Italia cõ Annibal, & na de Iugurta em Numidia; & em outras muitas de que as historias Gregas, & Latinas fazem mençãõ. E assi despois de terem os Romanos recebido algũas rotas de Annibal, conhescendo o senado a sua condiçãõ, entendia (como diz Tito Liui) que conuinha buscar contra elle capitaõ, que com a mesma arte se governasse. E o mesmo acõteceo a Metello na guerra Iugurtina, porq̃ foy pouco felice nella em quãto não conhesceo a natureza, & condiçãõ de Iugurta, & conhescendo a desbaratou. E assi Vegecio tem por vullissima cõsideraçã esta do general encomendando a como hũa das principais causas de chegar a guerra a prospero fim. Polo que sendo de tanta importancia conhescer a condiçãõ do general (como por estes exemplos se vè) se dirã em particular o que della se deue considerar, & o modo como cõforme a ella se procederã, para vencer. Considerar se ha se he arrogante, inconsiderado, & temerario, se he prudente, astuto, & cõ isto animoso quando conuem, se he cobiçoso, ou se está liure deste, & dos mais defeitos apontados. Se for arrogante, inconsiderado, & temerario, facilmente se enganará, como Annibal fez a Flaminio ao lago Trasymeno

*Plu indi  
sa Arat.*

*Appia:  
Alex de  
bel Cini.  
li. 5.*

*Herodia.  
de vit. im  
pera. l. 7.*

*Appi. de  
bel. Hisp.*

*Tit. Liui.  
D. 3. l. 4.  
Salus. de  
bel. Iug.*

*Veg. l. 3.  
ca. 9.*

*Tit. Liui.  
D. 3. l. 2.*

lymeno, que conhecendo esta natureza sua, para o cegar da paixão, até que o leuasse a ser, como foy, roto, & vencido, destruyo à sua vista todo o territorio de Friesol, & Areso. E assi leuado da sua condição, atizada com esta industria, veyo cõtra o parecer de todos os que o acõselhauão, sem querer aguardar polo collega, a dar batalha, onde Annibal tinha feito hũa emboscada, como que o rompeo, alcançando a vittoria que fez mais celebrado o lago Trasymeno. E assi com razão diz Plutarcho, que os homens desta natureza, & condição facilmente cayem em todos os enganõs, & cilladas do inimigo, & que muitas vezes desprezando os conselhos proueitõs são causa de sua ruina. Polo que contra semelhantes capitães se deue fazer a guerra, como mostra o exêplo referido, dádolhe occasiã para ascender o animo furioso no desejo da batalha, & logo offercerilha, onde cõ secreta cillada, se tenha por certa a vittoria. E porque Annibal se sabia aproueitar da arrogancia de algũs capitães Romanos, alcançou em Italia tantas vittorias, que esta causa lhe deu també a de Trebia; porque sabendo por suas espias, que Sempronio collega de Scipião estaua arrogante, & desejoso da batalha pola vittoria q̄ tiuera de hũa banda de soldados que encontrou carregados de despojos, determinou em quanto Scipião não podia continuar pola falta de faude, cõ o exercito, de o incitar a dar batalha, onde com o engano de hũa emboscada o venceisse: & assi mandãdo pôr em cillada Magon com a caualleria, fez sayr os Numidas a escaramuçar diante do exercito de Sépronio, o qual sem mais consideração, como estaua desejoso de combatter, sayo logo cõ todos os soldados, e assi mesmo Annibal, o qual no feruor da batalha fez retirar os seus até q̄ Magon sayo da emboscada, & desbaratou cõ a sua chegada o inconsiderado Sempronio. E o mesmo aconteceu a Minúcio, que tendo igual autoridade cõ o ditador Fabio Maximo, estando arrogante por hũa fresca vittoria que tiuera, dando batalha incõsideradamente foy roto por Annibal, & de todo se perdera se Fabio o não socorrera. E M. Centorio foy do mesmo modo desbaratado por Annibal em Lucania, por ser incõsiderado, & temerario. E assi o capitão desta natureza se vencerã com os estratagemas, & cilladas em que facilmente

eilmentẽ cayrã fazendoo com manha, & arte cegar da natural paixão. Esta consideração deue fazer assi quem conquista, como quem defende, que ambos se podem aproueitar da condição do inimigo: pois do mesmo modo quem defende pode vsar dos enganõs, & cilladas, que quem conquista. E assi tambem he cõmum a ambos considerar como se deue combatter contra o capitão, prudente, astuto, & animoso, pois do mesmo modo que Fabio Maximo, & Marcello defendião Italia do prudente, & sagaz Annibal conquistou Metello as terras que o astutissimo Jugurta defendia. Polo que conhecendo no inimigo tal condição, assi quem conquista, como quem defende, deue estar tão aduertido, & acutelado que nem o inimigo o possa tomar descuidado, nẽ os enganõs, & estratagemas meter em algum perigo, do que nos mesmos capitães temos bellissimos exemplos, pois Fabio estaua tão aduertido, como se vé, quando Annibal se saluou cõ o estratagema dos boys, que sendo de noite não conhecendo ninguẽ o engino que o inimigo fazia, elle o entendeu, & toda a noite estue com o exercito ordenado como para combatter. E assi nunca o inimigo o podia achar de fardado, nem fazer que desse de fatentada mãe nos enganõs, que lhe ordenaua. como se vio quando lhe mandou hũs certos Metropolitanos com cartas dos mais principais da terra em que lhe diziaõ quererilha entregar, que tenãõ moueo com esta esperança até que não soube polos agoureiros que era estratagema de Annibal, & assi não cayo nella, nem em outra algũa, que elle fizesse. E Marcello do mesmo modo andaua tão precavido que não lãõ não recebia danno de nenhũa emboscada, & estratagema que Annibal lhe fizesse, mas andando sempre sobre elle, lhe fazia mais danno do que recebia, cõ tal prudencia, & valor que recebendo hũa vez dano dos inimigos, tornou logo ao outro dia a fazerlho: polo que disse Annibal, que combattia cõ terribel capitão, que vencedor não o deixaua repousar, & vencido não repousaua. E assi diz Possidonio, q̄ Fabio foy chamado escudo, & Marcello espada de Roma. Polo que cõ inimigo da sorte, & condição de Annibal se deue combatter cõ muito tento, andando sempre muy precavido, & tão solícito, que como Marcello

Plut. in  
vit. Ann.

Tit. Liu.  
D. 3. l. 1.

Idem. D.  
3. l. 2.

Idem.  
D. 3. l. 5.

Tit. Liu.  
D. 3. l. 2.

Tit. Liu.  
D. 3. l. 7.

Plu in vi  
ta Mar.  
Tit.  
Liu. D. 3.  
l. 7.

Mem.  
Possid.

cello não repouse, nem o deixe repousar, usando também dos mesmos enganos cō que elle faz a guerra, como estes capitães fazião: pois se Annibal com engano ganhou Taranto, também com engano o recuperou Fabio; por quem elle então disse que também os Romanos tinhaõ o seu Annibal. E se desbaratou muitas vezes os Romanos cō estratagemas com elles o rópeo Marcello, como se vio em Nolla, q̄ entendêdo que os Nollanos estavam determinados, porque tinhaõ practica com Annibal de lhe faquear os bagages, sayndo elle da terra onde estava alojado a dar batalha aos Carthaginezes, mādou cerrar as portas, & ordenando o exercito dentro da terra, mandou que todos os naturais della se retirassem, & senão puse sem sobre o muro; & entêdendo Annibal por estas demonstrações, que combattiã dentro da terra, chegou se cō o exercito cuidando ganhalla; mas como esteue perto foy accõmettido por hũa parte do exercito de Marcello, e logo por outras duas portas, sayraõ outras duas partes, que tomando em meyo os Carthaginezes os desbarataraõ, fazendoos fugir aos alojamentos com perda de cinco mil soldados. E assi também Metello usando da mesma arte de Iugurta o venceo: porque conhecendo que não podia vencer a Iugurta com as armas, porque elle cō os seus enganos, & estratagemas lhe fazia mais danno, do que recebia, voltouse a fazer a guerra com os mesmos enganos, & estratagemas; & assi o pode vencer mostrando, que para vencer os astutos, & prudentes capitães, deue o que contra elles combatte fazer se da sua natureza, ainda que a tenha differente, & se elle com enganos, & ciladas faz a guerra, usar do mesmo modo: andando taõ precatado que não caya nas que o inimigo lhe armar: seguindo o exemplo de Gayo Fulvio, que servindo de legado na guerra dos Toscanos, sendo Fabio Maximo Dittador; querendo os inimigos enganallo cō hum estratagemas o não puderaõ fazer, descobrindo elle cō muita prudencia. Porque estando metidos os inimigos entre as ruinas de hum lugar destruydo, que ficava perto do seu campo, mandaraõ algũs soldados em habito de pastores com algũgado a hum prado que ficava entre as casas, & os alojamentos dos Romanos; para que sayndo algũs a lho querer tirar fossem accom-

mettidos polos q̄ estavaõ na emboscada; mas Gayo Fulvio não quis que ninguẽ saysse a elles, polo que se chegaraõ mais aos alojamentos, dizendo algũas palavras aos Romanos com que os moueraõ a desejo de os castigar; & pedindo licença ao capitão, elle mandou que escutassem os que entendiaõ a lingua, se cõformavaõ as palavras com os habitos, ou se eraõ os habitos pastoris, & ellas de homẽs militares, & polidos: & fazendoo assi conheceraõ, q̄ eraõ soldados com o que se manifestou o engano, & os Romanos não cayraõ nelle. E assi estando o capitão aduertido deste modo para senão deixar inconsideradamente meter nos enganos que o inimigo lhe fizer, & procurando fazerlhe a guerra cō os enganos cō que elle a faz, cō tanto q̄ sejaõ licitos, não deixará de ficar victorioso. Mas se o capitão for cobiçoso, ferã facil de réder: pois assi como não auerã cousa q̄ hũ doête de ardētissima febre, não dé por hũ pucaro de agoa; hũ cobiçoso q̄ se abraza na febre da sua cobiça, não auerã cousa q̄ não faça por matar a sede della. E assi se esperẽ delle todas as trayções, & maldades, q̄ os homẽs podẽ cometer. E por isso diz o mestre Medo *Medi* na, q̄ os filhos desta ruym máy, são trayções, enganos, perjurios, *Medi* inquietação, violencia, deshumanidade, & crueldade. Polo q̄ se pode ter segura esperança de fazer commetter todas estas cousas ao cobiçoso, pola satisfação do seu appetite. E assi ao capitão desta natureza se cõprará cō ouro a fê q̄ deue a sua patria, ou ao principe por que faz a guerra, ou seja cõquistando, ou defendêdo; como fez Pericles, q̄ lançou do territorio de Athenas o exercito dos Megaréses, & Lacedemonios, cõprado cō dadiuas a fê de *Plu. in Di* Cleandrides, dado por cõpanheiro no gouerno da guerra a Pli *ta Peric* stonates rey de Lacedemonia, por ser moço: E do mesmo modo (segũdo Iosepho) se liuraraõ os Hierosolimitanos de algũs capi *Ioseph. de* *bel. Ind.* tães dos Romanos, porq̄ conhecêdo nelles esta vil cõdição cõ praraõ cõ dadiuas a paz cõtra a ordẽ q̄ tinhaõ para fazer guerra. Mas neste tẽpo somos de parecer q̄ todos se tẽtem por esta via, porq̄ despois q̄ Agesilao morreo q̄ não quis aceitar a grãde co- *Xenoph.* pia de ouro, q̄ el Rey de Persia lhe mādaua, porq̄ deixasse a guer *in orati.* ra de Asia, não vimos outro q̄ fizesse o mesmo; antes sabemos *Ages.* muitas empresas, q̄ por esta via se acabaraõ. E se Plutarcho escre

uera neste tempo, cõ mayor razão differa q̃ o ouro applicado de este modo, era o neruo da guerra: pois achãra poucos peitos a q̃ elle nã rēdesse. Ia Licurgo entēdia isto quãdo desterrou de Lacedemonia o ouro, e prata. Enisto se vé quãto mayor poder elle tē agora, pois cõ mettēdo continuamēte grauissimas maldades, fazendo injustiças aos homēs, trayções aos reys, & aos reynos nãõ ha quē o desterre, senãõ muitos q̃ o abracem, & se se pode dizer q̃ o adorē. E pois agora he tãõ poderoso tentemse cõ elle os capitães, ainda q̃ conhecidamente senãõ tenham por cobiçosos; porq̃ se hũa gota de agoa passa, cõ os seus brãdos golpes, a dura pedra; bē se pode esperar q̃ em breue tēpo cõ os duros golpes da cobiça se penetre o peito de qualquer homē. E assi aduirta o q̃ quiser ser digno do glorioso nome de bõ capitão, q̃ entrãdo neste cargo ha de deixar a cobiça, em quanto o administrar. Sēdo Lyfandro capitão de Lacedemonia, mandoulhe Dyonisio tyranno de çaragoça dous vestidos riquissimos para suas filhas, os quais elle nãõ quis aceitar; & sendo mandado despois por embaxador ao mesmo tyranno, mandandolhe elle dous vestidos, para q̃ escolhesse qual lhe contētaffe para hũa filha sua, tomou ambos dizēdo q̃ melhor escolheria ella. E assi em quãto foi capitão nãõ quis aceitar o q̃ lhe dauaõ, tomãdo mais do q̃ lhe offereciaõ sendo particular, no q̃ se vê q̃ era cobiçoso, mas q̃ refreou este vicio em quãto era capitão general da sua patria. Polo q̃ em quãto hũ homē he general de hũ exercito, conuē fugir deste vicio, ainda q̃ fora do cargo lhe nãõ possa resistir; porq̃ sendo capitão farà dãno a sua patria, & nãõ o sendo, só a si. Mas estando liure delle, & dos mais defeitos apõtados, tēdo todas as partes q̃ a hũ perfeito capitão se deue attribuir, nãõ se podendo o tal cõ nenhũa das cousas referidas vécer, nē desbaratar, procura se ha ver se por algũa via se pode inimizar cõ os seus naturais, & soldados, para q̃ o deponhaõ do cargo, & o nãõ queiraõ obedecer. E assi procurou Annibal, quando vio q̃ nãõ podia desbaratar a Fabio Maximo, como aos capitães, cõ quē atē entãõ cõbattera, fazer q̃ os Romanos o odiassem imitando nisto os Lacedemonios, que fazendo guerra aos Athenienses quiserãõ fazerlhes suspeito Pericles, q̃ era o capitão que só podia defender Athenas,

*Idem. in Rep. & leg. Laced.*

*Plu. in di. na Lyf.*

nas, como fez. E assi ambos se seruitão de hum mesmo estratagemã; porque Annibal queimando todos os lugares, & fazendas q̃ estauãõ junto de hũa propriedade de Fabio a deixou liure da ruyna q̃ as outras padesciaõ; querēdo mostrar nisto q̃ tinha practica cõ Fabio; o q̃ nãõ deixou de se cuidar, & fazer muita alteraçãõ no pouo. Do mesmo modo os Lacedemonios querēdo fazer amigo Pericles, ou suspeito aos Athenienses, deixaraõ inteiras as suas propriedades, queimando todas as outras da cãpanha. Mas elle como prudētissimo entēdeo o estratagemã, antes q̃ elles o fizessem, & apercebendose cõtra o dãno, q̃ lhe podia resultar, fez doaçaõ ao publico das propriedades, q̃ os Lacedemonios lhe deixasē inteiras, cõ o q̃ nãõ teue effeito o engano dos inimigos. E assi este he o remedio q̃ neste caso farà o capitão q̃ defende a sua patria, porq̃ cõtra elle sãõ pode servir semelhãte estratagemã: o qual se remedearã, como fez Pericles. E quãdo nãõ for tãõ preuinido, & os inimigos façãõ primeiro o engano, que se lhe ponha o remedio; serlheha necessario para se tirar a suspeita q̃ delle se pode ter, fazer o q̃ o inimigo nãõ fez, queimãdo & destruindo a propriedade q̃ lhe deixou, ou vedēdo a, & gastãdo em seruiço da sua patria o q̃ lhe derē por ella, como fez Fabio Maximo, a q̃ Annibal lhe deixou liure do dãno das outras, como estã ditto. Mas seruido este estratagemã contra quē defende, pois só elle pode ter propriedades na terra, onde se faz a guerra: serã necessario fazer, cõtra o que cõquista outros para o mesmo fim: os quais cõtra ambos poderaõ servir. E seraõ fazer crer cõ engano, & fingimento aos seus naturais, & soldados, ou ao seu principe, q̃ tē algũa cõuençaõ cõ os inimigos, recebēdo delles presentes de importãcia, & q̃ governa a guerra frouxamente, isto cõ cartas falsas, ou peitãdo algũs soldados seus para q̃ espalhē esta voz polo exercito; de sorte q̃ sem se saber dõde sayo, chegue aos ouvidos de todos. E deste modo poderã alcançar a sua pretēçaõ, como Octauiano, q̃ temēdose de Marco Antonio mãdou ao seu exercito algũs soldados q̃ espalhassem por elle semelhantes cousas, & todas as mais q̃ pude sē mouer os soldados contra o seu capitão. E juntamēte mãdou deitar hũs liurinhos em q̃ estas cousas estauãõ escritas; cõ o q̃ quasi todo o exercito

*Tit. Liu. D. 3. l. 2.*

*Plut. in vit. Peric.*

*Appian. Alex. de bel. Ciuit.*

esteue por se lhe rebellar. Mas sustentando Marco Antonio, cõ as suas persuasões algũas legiões, não pode fazer q̃ outras o não desamparassem. Polo q̃ com estes, & semelhantes estratagemas se procurará com muita cautela q̃ se tire do cargo o capitaõ contra quem não a proueito as armas, nem outros estratagemas.

*Vege. l. 3. ca. 9.* Considerar a qualidade, & força do exercito inimigo, como Vegecio diz, he de muita importancia: mas ha de ser como elle en-  
 fina, dizẽdo, que estará o capitaõ prõptamente especulando como em hũa lite civil todas as condições, & partes dos seus soldados, & dos inimigos, porque deste modo poderã julgar qual dos exercitos excede ao outro. E assi não só se deve considerar a qualidãde, & força do exercito cõtrario, mas do proprio, porque de outro modo não se poderã perfeitamẽte saber, como cõ os propios soldados, se ha de defender, ou offender aos inimigos, porque os cõtrarios cõparados melhor se conheceẽ. E sem este conhecimẽto dos exercitos, não poderã o capitaõ fazer cõccito do modo cõ que deve proceder para chegar a sua empreza ao desejado fim. E assi para não cayr em algũ erro de importãcia se cotejaraõ as qualidades, e forças dos exercitos, para o q̃ se considerará o tẽpo q̃ andaraõ na guerra, & cõ q̃ nação cõbatterãõ; & se era poderosa, ou fraca, se valerosa, ou couarde, e depois de andar algũ tẽpo na guerra viueraõ muito fora da milicia; porq̃ como as forças, e arte da guerra se presume estarẽ mais em quem mais a exercita; principalmẽte nos soldados q̃ cõ a cõtinauação della se fazẽ mais soffredores dos trabalhos, & menos temerosos nos perigos, polo tẽpo q̃ hũ, ou outro exercito cõbatteo, se conhecerã qual delles se auẽtaja; pois do q̃ mais tẽpo andou na guerra se deve ter melhor opiniaõ. Mas porq̃ não só andar na guerra muito tẽpo pode fazer os soldados mais destros, & animosos, senãõ a gente cõ q̃ pelejaraõ, & a arte cõ q̃ cõbatterãõ, cõsiderar se ha se aquella a q̃ fizeraõ guerra tinha pouco poder, porq̃ ainda q̃ a sugeitassẽ não se pode presumir q̃ tiuesse necessidade de muita força, & disciplina militar, & assi não podiaõ ficar tão exercitados, & destros, como polo tẽpo q̃ durou a guerra se podia julgar, nem combattendo contra gente couarde, & pouco destra na Arte Militar, podẽ, ainda que muito tempo cõ  
 ella

ella combatte sem, ficar aptos para offender, ou se defendendo exercito que se gouernar cõ a verdadeira, & poderosa Arte Militar, pois (como ja se tem mostrado no segundo discurso, & como Vegecio diz em muitos lugares) sempre a vittoria fica com os que mais sabem della. Mas se depois de gastar muito tempo na guerra, que se fizesse cõ arte, & contra gente bellicosa, viuessem algũs annos na paz, & quietação da pacifica patria (como diz Vegecio) deuem se reputar por bisonhos: E assi como tais os manda elle de nouo exercitar. Mas conhecendo por estas considerações que o exercito inimigo se auentaja em disciplina, & sciencia militar, junto com ter poder bastãte conuẽ (como diz Vegecio, que de nenhũ modo se chegue a dar batalha. E em outro lugar ensinando o q̃ ha de fazer o general que se acha cõ exercito inexperto, diz, q̃ quando os inimigos andarem pelas cõtinauas correrias que se fazem desordenados, mande algũ parte dos seus soldados bisonhos, & daquelles que por algum tempo deixaraõ de seguir a guerra, em cõpanhia dos q̃ tiuer por mais exercitados, para que pondo os inimigos em fugida, & matãdo algũs, confirme aos exercitados a experiencia, & aos não exercitados augmentẽ o animo, & esforço. E do mesmo modo diz, que se accõmettaõ com impeto os inimigos ao passar dos rios, ao descer dos asperos montes, na espessura das seluas, nas difficuldades das terras alagadiças cheas de paues, & alagoas, & nos caminhos difficultosos, sem o fazer manifesto a ninguẽ. E q̃ disponha o seu caminho de sorte, & cõ tanto segredo, q̃ sem os inimigos se poderẽ aperceber os tome durmindo, & comendo, ou espalhados polo cãpo descuidados de semelhãte accõmettimẽto; & quãdo chegarẽ cãfados do largo caminho cõ improuisas accõmettidas os não deixará repouzar. E que primeiro se deuem tentar todas as cousas, que se succederem mal não façãõ muito danno, & se bem, sejaõ de grande proueito. E o que se tira destes auisos se proua bem com a guerra que Sertorio teue com os Romanos: porque com hũm exercito de seis mil, & seiscentos infantes, entre Africanos, Romanos, & Lusitanos, & settecentos cauallos Lusitanos, rompeo muitas vezes os exercitos dos Romanos, combattendo contra tres, que tinhaõ cento, & vinte mil

*Vege. l. 1. ca. 1.*

*Idem. l. 3. ca. 9.*

*Idem.*

*Vege. l. 3. ca. 10.*

*Plin. in vi ta Sert.*

Appia.  
Alex. de  
bel. Hisp.

Vege. li. 3.  
ca. 9.

re mil soldados, & sette mil cauallos, todos experimentados em continuas, & importantes guerras; o que faz com escaramuças, & estratagemas, sofrendo trabalho, andando polos montes, & padescendo a fome que muitas vezes o apertava. E no successo de Mumio cõ Cessaram capitão dos Lusitanos se vê tambem hũ clarissimo exẽplo desta doutrina. Porque tendo o antecessor de Cessaram roto algũs exercitos dos Romanos, vindo Mumio cõ outro nouo foy desbaratado por Cessaram na primeira batalha q̃ se deraõ perdendo deza seis mil soldados, & os alojamentos; & saluando se cõ cinco mil, se retirou a hũ lugar forte, onde os este ue exercitando atẽ que os sentio dispostos, para accõmeter os inimigos: & sayndo dali aos que via desmandados, com improuisas accommettidas matando muitos, tornou a cobrar os despojos que tinha perdido, & fez com cinco mil, o que não pode com vinte mil. Polo que fazendo a guerra do modo que està apontado, se poderã preualecer, como estes capitães fizerão, contra o exercito que for mais poderoso, & exercitado; porque dilatando a guerra, na continuaçãõ della, se viraõ os soldados a exercitar de sorte, que lhe não façaõ os inimigos muita ventage, antes elles lha podem fazer, polo mais trabalho, & cuidado cõ que se haõ de defender: & com os pequenos recontros em que ficarem com a vittoria, se iraõ animando para os mayores. E como diz Vegecio, hum exercito pouco numeroso, & debil, guiado por hum bom capitão com continuos estratagemas, & improuisas accommettidas muitas vezes alcança a vittoria. E assi gouernando se (como està ditto) pode o capitão, que gouerna o pequeno exercito ter esperanças de ficar com a vittoria: ainda que se o exercito inimigo, & poderoso, tiuer hum capitão não menos destro, & experimentado, que o contrario, parece q̃ està da sua parte mais certa: pois exercito superior em forças, & continuaçãõ da guerra, guiado por hũ prudente capitão, claiamente parece q̃ promete hũa segura esperança de prospero successo. Mas posto que esta seja a mais ordinaria opiniaõ, Sertorio cõ a experiencia mostrou o contrario; pois combattendo com Metello prudentissimo capitão de hum bellicoso exercito, do modo q̃ està ditto, não sõ se defendeo delle, mas lhe fez muito dan-

no; por onde parece que com este modo de fazer a guerra se vê a igualar o poder que nas forças falta. E a razãõ he, porq̃ o exercito de mayor numero, não pode seguir o inimigo polos passos asperos, & estreitos, por onde elle anda de ordinario, & quãdo o queira fazer a sua grandeza lhe farã mayor danno, sendo impedido dos caminhos estreitos, & asperos, nos quais os poucos tem melhor partido, porque se ordenaõ melhor, & sendo lhe necessario com mais facilidade se tiraõ. Os quais andando por lugares seguros, nunca chegaraõ a combatter descendo ao campo aberto, senãõ quando com muita ventage o puderem fazer. E se o exercito mayor mandar algũa parte, que pelas mōtanhas persiga os inimigos; ja se igualaõ de numero: e assi não fica cõ a ventaje do poder. Nem terã tambem a de saber melhor a terra; porque sempre serã mais ordinario ser menor, & mais fraco o exercito que defende a propria terra, que o que a conquista, porque o capitão que se defende, obrigado da necessidade ampara se do exercito que pode auer: & quem conquista podendo escolher o exercito que lhe parecer mais necessario conforme a empresa, sempre o ellegerã dos mais praticos soldados, & de mayor numero, & assi sempre o menor saberã melhor a terra. Polo que ainda que esta consideraçãõ a quem defende, & a quem cõquista pode seruir; cõ tudo he mais prouauel ser mais necessaria a quẽ se defende. E assi seruindo se do q̃ nella se aponta poderã cõ o pouco numero dos naturais resistir aos poderosos exercitos dos inimigos estrangeiros. Mas trocando se a sorte por algũ accidẽte, como se mostra no successo de Mumio, q̃ indo a cõquistar, perdendo a mayor parte do seu exercito ficou muy inferior ao inimigo tambẽ das mesmas aduertencias se aproueitarã, como Mumio fez, a quem taõ vteis foraõ. Mas o capitão que gouernar o exercito mais poderoso seguirã cõ differẽte modo a guerra; procurando tirar os inimigos a terra cham, & desocupada para romper cõ elles, pois està certo, que chegando a dar batalha cõ exercito superior de forças, & de arte, tem segura a vittoria: pois não sõ os que de numero, & de arte se auentajaõ costumaõ ficar com ella; mas os muito inferiores de numero se na arte se auentajaõ, ordinariamente vencẽ. E assi para alcançar este fim,



procurará chegar a dar batalha: & quando o inimigo estando sobre este aviso cõ nenhuma cousa se possa trazer a ella, será de muito effeito tomar lhe os passos, tirar lhe os bastimentos, & védo o em lugar que dé de si poder se cercar fazello. E quando por este caminho se puder acabar a guerra, ainda q̃ na batalha se tenha certa a victoria, por elle se procure, quando a brevidade não for de mais importancia, porque dizia Cesar, que quando se tem esperança de acabar a empresa sem ferida a que fim (ainda q̃ com prospera batalha) se querem perder os proprios soldados, & sofrer que os dignos de ser galardoados se aventurem às feridas, & à morte? E assi do modo que está ditto estes dous exercitos farão a guerra. Mas se o capitão que defende se vir tão inferior ao inimigo, que lhe não possa resistir, nem defender as terras por onde ha de passar, fará como Fabio Maximo, que em tomando a dittadura, mandou que toda a gente que habitasse lugares fracos se retirasse a os mais fortes, & guardados, & que toda a terra por onde passasse o exercito de Annibal se delamparasse queimando as casas, & mantimentos, destruyndo a campanha, não ficando cousa que o fogo não consumisse, para que necessitando Annibal de bastimentos, o viesse a apertar cõ a falta delles. E ja os Scytas deste modo, sem dar batalha, tiueraõ tão apertado a Dario, que por graõ marauilha se saluou, & assi será isto hum grande remedio contra o mais poderoso exercito, quando o inferior defender a patria onde lhe não faltaráõ os bastimentos necessarios. Tambem se cõsiderará em que parte o inimigo he mais superior, se na cavalleria, ou infantaria, & em que parte da cavalleria, ou infantaria para se aperceber contra ella, como ja se disse, quando se trattou de levantar, & armar o exercito, polo que aqui senão dirá mais. Será tambem vtilissimo remedio para o exercito inferior, ou seja conquistando, ou defendendo fazer que se leuante no exercito inimigo algũa discordia, o que será mais facil no que for mais numeroso, pois auerá nelle mais vontades ençontradas, & mais variedades de costumes, & poderá leuatar será principalissima causa de o destruyr, que (como diz Seneca) não bastaõ forças sem conformidade: E assi encomendando muito Vegecio, que se semeie discordia no exercito inimigo,

inimigo, diz, que nenhuma nação, ainda q̃ seja pequena pode ser facilmente arruinada de seus inimigos se ella mesma cõ as suas discordias senão consumir. Eraclea he disto bom exemplo, pois *Iust. l. 16* pola discordia dos seus naturais, foy entregue á cruel tyrannia de Clearco, que podia tão pouco, que por elles mesmos estava della desterrado. E Roma que não pode ser de nenhuma potencia domada, pola discordia dos seus naturais se fugitou á tyrannia do imperio. E assi podendo semear discordia (que he principio de trayção, & rebellião) no exercito inimigo, será causa da sua ruyna. Para remedio disto se fará o que fez Eumenes, porque temendo algũa trayção, ou rebellião dos seus, quando se declaram por inimigo de Macedonia, vindo contra elle Antigono, disse, *Iust. l. 14* em hũa falla que fez aos soldados, que quem temesse a guerra se podia ir onde quisesse, & como ninguem de seubertamente se quer mostrar traydor, esta liberdade fez com q̃ de secreto o não fossem, & fez dar aos principais do seu exercito cartas falsas para cada hum delles em nome de Antigono, em que lhes prometia grãdes merces de dinheito, & outras cousas se mata sem Eumenes, & não aceitando nenhum o partido, agardecendo lhe a sua fidelidade, descobrio o engano; porq̃ se Antigono quisesse tentar o mesmo cuidãdo que era industria sua lhe não aprontasse. E assi deste modo se poderá assegurar o capitão das trayções dos seus soldados, que em discordias são muy ordinarias, assegurãdo se primeiro da discordia, cõ não querer no seu exercito senão os soldados que com muita vontade o seguirẽ, pois tendo todos hũa mesma vontade ao seu capitão, não seráõ de muito momento as discordias que entre elles ouuer, pois não deixarão por ellas de seguir o que se lhes ordenar.

De cousas de pequeno momento, diz Tito Livio, que de pen de muitas vezes a summa de grandes empresas, polo que ainda que não pareça de muita importancia a consideração da terra em que se ha de fazer a guerra, com ella se alcançaráõ grandes vittorias, & acabarão difficeis empresas, como se vê na morte de Metello, pois considerando Annibal primeiro que elle a terra accommodada a fazer emboscadas, quando Metello a foy reconhecser, com perda de quasi todos os que o acompanhauão, fi-

cou elle morto, & o collega ferido pola emboscada que Annibal tinha feito, alcançando tão grande vittoria, como foy matar a Metello. E Sertorio não podendo ganhar certa parte do reyno de Toledo com a consideração da terra em que os moradores della se defendião os fugeitou, porque sabêdo que era toda solta como cinza, & que com o vento se levantava muita, & facilmente era levada a onde elle a guiaua, mandou fazer grandes montes della da parte do Norte defronte das couas em que habitavaõ os que naquella parte vivião, & assi ventando hum Norte rijo ao dia seguinte, ajudando com o pisar dos cauallos, a levantar o pó, foy tão o que penetrou nas habitações, que não o podendo soffrer ao terceiro dia se renderão, não sendo até então nenhũa força bastante para os fugeitar. Polo que senão deve fazer desta consideração pouco caso, considerando se a terra he montuosa, cheia de bosques, se té passos estreitos, & asperos, & alagoas, pauis, & se se allaga, ou se he cham, desoccupada, & liure destes impedimêtos, se té agoa para beber, ou se he falta della.

Sendo a terra montuosa, cheia de bosques, & de passos estreitos, & asperos, serão de proveito os soldados, & armas, que se disse conuinhaõ para combatter nella quando se armou o exercito. E suppondo que ja conforme ao apontado no lugar referido, se tem armado com ellas o exercito deve o capitão aproveitar se em semelhante terra da industria, & manha, fazendo emboscadas, & estratagemas, cousas que ordinariamente dão grandes vittorias. E assi o capitão prudente, astuto, & practico neste modo de combatter não deve tirar a guerra de semelhantes partes; pois nellas poderá cõ cilladas, & pouca perda chegar a sua empresa ao desejado fim. Poreste respeito buscava Annibal, quando entrou em Italia, as terras de bosques, e passos dispostos para exercitar as astucias Africanas. Mas se o capitão não estiver tão confiado no seu engenho, & talento para este modo de combatter, tendo exercito com que possa estar com o inimigo em campo aberto, & desembaraçado, onde as cilladas não tem lugar, fugirá da terra onde ellas se puderem fazer, como Philippo q̄ estando alojado entre Fera, & Thebas, mudou o câpo a Escotussa, por ser a terra onde estava cheia de arvores, & balças, cou-

fas accõmodadas às emboscadas, & que não deixavão combatter liuremête. Mas o capitão que tiver exercito inferior, como qual nas manifestas batalhas não espera alcançar a vittoria, como na consideração passada se disse, não deixará a terra montuosa, & de passos estreitos pola cham, & desembaraçada, pois nella com as emboscadas, & estratagemas se poderá defender, & offender aos inimigos, & em semelhante terra hũ, & outro exercito mais, ou menos poderoso, deve fazer deste modo a guerra pretendendo alcançar a vittoria com as emboscadas, & estratagemas que a disposição da terra lhe offerecer. Mas na que for cercada de alagoas, & pauis, & se allagar, procurará não meter nella o seu exercito por senão ver nos perigos em que Cesar se vio por este respeito na guerra de Gallia, è os Romanos despois delle tantas vezes em Alemanha, porque sendo os naturais costumados a caminhar por semelhantes partes sabêdo os passos onde se podem salvar, ou perder, & ignorando os soldados do exercito estrangeiro poderá ser com facilidade roto. E não engane o successo de Massimino, que sendo novamente elleito Imperador deu batalha aos Alemães dentro dos seus lagos, & alagoas, & os veeo; porq̄ considerando Germanico despois de fazer algũs annos guerra em Alemanha o poder dos Alemães, & o modo com que os avia de vencer, diz Cornelio Tacito, q̄ resolveo que os Alemães se podiaõ vencer com hum exercito bẽ ordenado em campo aberto, & desembaraçado; porque toda a sua confiança, & defenõ estava nos bosques, & alagoas, & assi se determinou a fazer a guerra por mar, entẽdendo liurar se com isso do perigo com que em semelhante terra combattia. O mesmo deve fazer todo o capitão procurando tirar a guerra a parte onde os inimigos senão aproveitẽ desta ventage, & quando não for possivel faça a com muito tento, não chegando a combatter sem primeiro saber os passos tambem como os proprios naturais, para se guardar dos perigosos, & se apoderar dos que lhe podem ser de proveito: mas isto não será senão quando não tiver outro remedio. E para não chegar a esta necessidade em quanto os inimigos se amparem das suas alagoas lhe queimará os lugares, destruirá as propriedades prenderá as mulheres, & filhos

Cõm. Caf. de bel. G. l. 10.

Corn. Tac. ci. l. 1. 2.

Herodias de vit. impera.

Corn. Tac. ci. l. 1.

Amian.  
Mar.li.  
16.

& filhos, para com a paixão destas perdas os tirar do seguro re-  
paro à terra onde sem impedimento possa combatter, ou para  
q̄ vendo em poder dos inimigos as mais estimadas cousas quei-  
raõ renderse pelas cobrar, ou fação como os Alemães q̄ aguar-  
daõ a Iuliano: os quais vendo destruir as suas terras de sampa-  
raraõ as emboscadas aonde esperãuaõ o proueito cõmum, por  
acudir ao danno particular, & assi deste modo poderã com os  
commús, & particulares danos que fizer aos inimigos liurar se  
dos que elles lhe farã nas suas alagoas. Mas que defende tẽdo  
por amparo alagoas, & pauis, procurarã naõ sayr delles senã  
cõ muita ventage, & para isso naõ deixará nas conuezinhas ter-  
ras cousa q̄ obrigue a defendellas, ou de q̄ tanto sinta a perda, q̄  
por ella se concerte com os inimigos: mas pondo molheres, fi-  
lhos, & fazêda, em lugar seguro aguardará os inimigos nas suas  
alagoas, & pauis, onde defendendo selhe farã muito danno.

Na terra cham, & desoccupada, onde destes reparos senã  
pode aproueitar quem defende, nem quem conquista he a guer-  
ra muito mais perigosa, porque governandose ambos os exer-  
citos com a vigilancia necessaria, de força se ha de vir a acabar  
com a vniuersal batalha, onde em hũa só hora se pode perder o  
que muitos annos se cõseruou. Polo que antes que em semelhã  
te parte se comece a fazer a guerra, deue quem hade conquistar  
pretender que o seu exercito, quando naõ puder ser auetajado  
ao dos inimigos, em numero, valor de soldados, & practica de  
capitães seja igual a elle, & polo menos quando no numero for  
inferior seja no mais auetajado; porque como mostraõ muitos  
successos das antigas guerras a vittoria fica ordinariamẽte cõ  
aquelles que tem mais valor, & saõ mais practicos na Arte Mili-  
tar, & experimẽtados na guerra. E fazêdo guerra em terra cham,  
& desempedida se deue proceder com muito tento; porque em  
terra descuberta, e onde a vista do inimigo fica descobrindo os  
erros, & desordês que se fizerẽ, pode qualquer ser de muito dan-  
no; porque sendo descoberto polos inimigos, pode se facilmẽ-  
te aproueitar delle, & assi a principal coula que hũ capitão de-  
ue pretender em semelhante terra he naõ fazer desordẽ algũa,  
& governarse com todo o cuidado, & ordem possivel, & procu-  
rar

rar por todas as vias, & modos possiueis naõ dar batalha senã  
quando se conhescer com ventage, & para poder aguardar a oc-  
casiaõ se valerã dos alojamentos, como se mostrarã na segun-  
da parte, porque estãdo seguro nelles poderã aguardar a con-  
junçãõ que deseja, & se a procurar com promptidaõ, diligen-  
cia, & manha, tellaha mais depressa do que a esperãua: mas es-  
te remedio succede ordinariamente ser mais necessario a quem  
defende, que a quem conquista; porque ninguem vay a con-  
quistar a terra que outro possui, senã cuidando que he supe-  
rior, & quem defende a necessidade o obriga a se defender do  
modo que pode. E alem disto muitas vezes quem se defende  
só com se entreter offende aos inimigos. E assi entendendo isto  
detinha Gayo Sulpicio a guerra dos Gallos, quando defen-  
dia Roma delles. Polo que o capitãõ que defende, aproueitan-  
do se dos alojamentos naõ darã batalha senã quãdo tiuer muy  
conhescida ventage. E se a terra onde se ha de dar a batalha for  
falta de agoa, hum, & outro exercito leuarã carros com pipas,  
ou barris della; porque a sede lhe naõ tire a victoria, & assi com  
este temor auendo Philippo de cõbatter com os Romanos em  
hum lugar falto de agoa mandou leuar na retroguarda do exer-  
cito muitos carros com pipas, & barris della. E fazendo o capi-  
tãõ as considerações referidas, & preuenindose no transe da ba-  
talha, do mais que na seguinte consideraçãõ se dirã terã mais  
certo ganhar a victoria, que perdella.

## TERCEIRA CONSI- DERAC, AM DA BATALHA.

**T**ORC, A DOS Da verdadeira razaõ da Arte  
Militar, como quem, para chegar ao fim da jor-  
nada, he leuado da necessidade do caminho a hũ  
difficiloso passo, trataremos neste lugar de aquel-  
le espantoso, & incerto dia, em que de commum  
consentimento de ambos os exercitos, está aplasada, & se dà

T e a cam-

a campal, & manifesta batalha; porque assi como he preceito desta Arte não chegar a este ultimo transe sem primeiro tentar por todos os outros modos possiveis, acabar prosperamente a empresa começada, tendo ja mostrado nas passadas considerações o que conuem para vencer, sem aventurar ao successo de hũa batalha, a importancia de toda a guerra, deuse agora, para dar fim a esta primeira parte, mostrar as razões que deuem obrigar a dar batalha, & como nella se deve proceder. Porque o successo das batalhas (deixando a providencia diuina, que he sobre tudo) consiste na prudencia do capitão, executando perfeitamente, & como conuem as regras, & preceitos desta Arte. Isto se vio na batalha que os Romanos tiueraõ com os Latinos, pois como affirma Tito Livio a parte donde estiuera Tito Málio ficãra com a vittoria, polo que sendo elle capitão dos Romanos forão elles vencedores, o que ao reues succedera se o seu capitão o fora dos inimigos. E o mesmo mostrou Fabricio, porque vencendo o exercito dos Epirotas aos Romanos, disse, que os Epirotas não vencerão aos Romanos, mas que Pyrrro vencerá Albino, que era consul dos Romanos, & capitão da sua patria naquella batalha, como Pirro dos Epirotas. E assi a prudencia, & valor do capitão alcança a vittoria. E porque aquelle será mais prudente, que melhor souber os preceitos da Arte Militar, & melhor os souber executar se tratará agora dos que se deuem guardar na batalha campal, dizendo primeiro (como está ditto) as cousas que deuem obrigar a dallá.

Duas razões podem obrigar os capitães a querer acabar a guerra com o successo de hũa batalha: as quais são não ter outro remedio para se salvar, ou conhecer algũa ventage da sua parte bastante a lhe dar esperanças da vittoria. Porque (como ja se disse nas passadas considerações) qual será o capitão que podendo alcançar o que pretende sem aventurar os seus soldados, o seu exercito, e a sua patria ao successo de hũa batalha, queira antes com a dar por todas estas cousas a perigo: mas quando não ouuer outro remedio, imprudente será, o que não quizer antes aventurar a vida, & o exercito a hum bom successo, que deixar se consumir, & vencer sem nenhũa esperança de remedio; pois

pois por este caminho se virão muitos, que se tinhaõ por perdidos, salvar se desbaratando os inimigos. E Cesar, & Pompeyo são ditto muito claro exemplo, pois he cousa certa que Cesar se perderia senão dera a batalha de Pharsalia, q̄ procurou constangido da necessidade: da qual com a vittoria se liurou, & Pompeyo entendeu que lhe não conuinha dalla, por não ter causa q̄ a isso o obrigasse. Polo que quando senão tenha esperança de outro remedio se deve tentar a fortuna da batalha, tendo por certo q̄ a falta delle darà nouo animo aos soldados, como fez aos de Agathocles em Africa, aos de Lucio Marcio em Espanha, & aos Ingleses quando prenderão el Rey de França Ioão. E assi querêdo Quinto Fabio animar os soldados para dar batalha aos Sãntas lhe fez crer q̄ não tinhaõ outro remedio para se salvar senão romper os inimigos, & para melhor os persuadir mandou pôr fogo nos proprios alojamentos, & crescendo lhe (como diz Tito Livio) pola necessidade o animo desbaratou os inimigos. E por isso gaba Herodoto tãto o cõselho de Pissandro: o qual foy q̄ estádo cõ el Rey de Cilicia jũto ao rio Meãdro para defender o passo a Daurise capitão de Dario acõselhou a el Rey q̄ passasse o rio, e cõbatte se cõ as costas nelle, porq̄ perdêdo os soldados de este modo a esperança de se poder salvar tenãõ vécendo cõbatte rião com mais animo do que costumauãõ. O mesmo cõselho seguiu Cataõ o mayor: porq̄ a nõdo de dar batalha aos Iberos deixando a noite antes os alojamentos dando hũa volta cõ o exercito appareceo pola ma manhã nas costas dos inimigos, & antes de os accõmetter disse aos seus soldados, que entre elles, & os seus alojamentos estauãõ os inimigos, & que tinhaõ cõtra si toda a terra que lhe ficaua nas costas, & que era cousa honrosa, & bella, & a mais segura ter a esperança só no proprio valor. E assi a pouca esperança de outro remedio acresceta as forças, & dà animo para vécer os inimigos, como mostraõ estas palauras de Cataõ. E como se vio na segũda batalha que os Romanos derão a Antiocho, porque fugindo os Romanos que tinhaõ o cor no direito aos alojamentos, cuidando salvar se nelles, impedindo lhe Marco Emilio, com os soldados q̄ tinha para os guardar, que entrassem dentro, mandando que matasem aos que nelles

Appian. Alex de bel Ciuit. li. 2.

Diod. Sic. p. 2. l. 20. Tit. Liv. D. 3. l. 3.

Tit. Liv.

Hero. l. 5.

Tit. Liv. D. 4. l. 4.

Tit. Liv. D. 4. l. 7.

se quisessem salvar, faltos desta esperança tornando contra os que os seguião fizeraõlhe voltar as costas, cõ a ajuda de Marco Emilio, & Attalo, & ficaraõ de vencedores vécidos. E por isso diz *Dio. Ha. li. 18.* Dionisio Halicarnasio, q̃ as grãdes necessidades, & o perigo da ultima cousa (q̃ he a vida) são sufficientes para dar animo a qual quer pessoa q̃ por natureza o não tenha. E assi chegãdo a estado o capitãõ cõ o seu exercito q̃ não tenha outro remedio, para o salvar serã obrigado cõforme a verdadeira disciplina militar, & virtude de perfeito capitãõ a dar batalha aos inimigos, procuraõdo por todos os modos possiveis trazellos a ella, quando elles prudentemẽte a recusarẽ, querẽdo antes morrer cõbattendo animosamẽte, que não por couardia, & vileza perder o prospero successo, q̃ (por vêtura) Deos lhe cõcedera. Não se queixava o animoso, & esforçado Callicrates de morrer ferido de hũa setta em Platea senãõ de não morrer cõbattẽdo valerosamẽte, & por *Plu. in vi. Arist.* isso Mardonio animoso capitãõ de Xerxes vêdo se sem remedio para sustetar o seu exercito se determinou em dar a batalha de Platea aos Gregos, tẽdo entẽdido do oraculo, que nella avia de morrer, querẽdo antes cõ hũa morte hõrada procurar remedio ao seu exercito, que não ter vida com o certo danno d'elle. Polo que quando a necessidade obrigar não deve nenhũ perigo impedir o remedio, que pode ter o exercito. E quando for mayor mais gloria se ganharã vencendo; porque mayor he a vittoria donde ha mayor perigo.

Ter conhescida vêtage ao inimigo, que he a outra razãõ por a qual se deve procurar cõ effeito dar batalha, por si mesma estã mostrando hum clarissimo fundamento, que sem mais argumẽ *Tit. Liu. D. 4.* tos proua que se deve dar, porque se tendo conhescida vêtage; *Pol. li. 17.* & esperança certa da vittoria senãõ der, q̃ tempo pode achar, o *Plu. in vi. ta Pers.* capitãõ mais cõveniente, pois por hũa hora destas se cãpea mui *Tit. Liu. D. 1. 6.* tos dias, & se fazem todas as diligẽcias possiveis, como fizeraõ *Dõ Bern. de Mẽd. en los Cõ ment. de Fland.* Flamínio, & Philippo, & Paulo Emilio, & Perseo, & todos os capitães q̃ atẽgora teue o mũdo dignos de memoria, q̃ por buscar esta vêtage entretinha Camillo a guerra dos Volscos, & o Duque d'Alua mudou tãtos alojamẽtos cãpeãdo cõ o príncipe d'Orãge capitãõ dos rebeldes dos payzes baixos. E pois tãto procuraõdo todos

todos estes capitães ter algũa ventage ao inimigo, bẽ claro estã q̃ aquelle q̃ a tiver fará notavel erro se senãõ aproueitar della; poi q̃ lhe poderã acontecer o q̃ aconteceu a Labieno, & Petreo, *Appia. Alex. de bel. Cini. 1. 2.* q̃ tendo conhescida ventage a Cesar deixaraõ de o desbaratar, dizendo, q̃ guardavaõ a vittoria para Scipiaõ, q̃ era seu capitãõ general, & despois foraõ por Cesar desbaratados. E o mesmo aconteceu a Põpeyo filho do Magno, q̃ tendo muita, & muy conhescida vêtage a Octauiano, quãdo desembarcou a Taurome *Idem. 1. 3.* no pola não conhescer, ou não se saber aproueitar della, como outras vezes fizera, foy despois desbaratado polo mesmo Octaviano. E assi quãdo o capitãõ conhescer vêtage da sua parte darã a batalha: mas pode acõtecer q̃ tendo algũa vêtage se espere outra mayor, & cõ q̃ mais seguramẽte se desbaratarã o inimigo, sendo assi não se darã a batalha até ter toda a vêtage q̃ se espera. E por esta razãõ seguindo Arminio as legiões q̃ Cecina leua *Corn. Tac. fa. li. 1.* a passar o Rheno, & podendo a seu salvo accõmettelas, & fazerlhe muito danno sem elle o receber não quis esperãdo q̃ entrassem em hũas alagoas, & pauis, onde era mais facil desbaratillos, & assi lhe succedeo. Polo q̃ quãdo se esperar mayor vêtage não se darã a batalha cõ a menor, antes se esperarã para com mais facilidade se alcãçar a victoria, e tẽdo a vêtage q̃ se espera, não se perderã a occasiãõ; porque muito difficulto samẽte se cobra a q̃ se perde. E assi não se perderã a boa occasiãõ de vencer, & tendoa se darã a batalha, & tambem se a necessidade obrigar, & de outro modo senãõ aventurarã a guerra ao successo d'ella. E assi (como refere Valerio Maximo) dizia Scipiaõ, que senãõ *Va. Ma. xi. li. 7. ca. 2.* avia de dar batalha senãõ quando se offerecesse prospera occasiãõ, ou a necessidade obrigasse.

E pois estas são as cousas que deuem obrigar o capitãõ a dar batalha, serã bem mostrar agora como se hãõ de entender esta necessidade, & falta de remedio, & quais são as vantagens com que se ha de dar a batalha. E quanto ao primeiro a falta dos mantimentos he a cousa que mais deve obrigar o capitãõ a procurar a victoria, que quando esta necessidade he grande não tem outro remedio, porque (como diz Ammiano) ella he o ultimo *Ammian. Mar. li. 19.* de todos os males, & assi se ha de remediar com o ultimo de todos

dos os perigos que he a batalha vniuersal. E auendose de perder o exercito por fome, melhor he procurar liurallo della com as armas, dando batalha, & alcançando a vittoria, ou morrer fazendo danno aos inimigos, que deixarse vencer sem nenhum perigo delles. E como dizia Licurgo he mais para temer a ira do faminto, que as armas dos fartos: polo que fica sendo menor o perigo: pois a necessidade dos proprios soldados os faz superiores às forças dos inimigos. E por isso disse Themistocles (persuadindo, q̄ senão desfizesse a ponte, q̄ Xerxes tinha feito no Helespõto, para q̄ se saluasse por ella) q̄ os homẽs forçados da necessidade fazem muito mayores cousas do q̄ se pode esperar do animo, e propria força. E como diz Polibio, assi como os animais mais ferozes se fazem mais feros quando na caça se vem cercados de todas as partes, os homẽs do mesmo modo mostrandolhes a razão do perigo muito mais se deue animar para se liurar delle. E assi sendo a necessidade da fome de sorte, que senão espere se não hũa gẽral ruyna de todo o exercito dar-se ha batalha, porq̄ esta desesperaçãõ farã os soldados mais animosos, vido que sãõ vencer os hade saluar. E assi della se valeo Quinto Fabio para vencer os Sãntas, porque estando em hum lugar estreito, & seguro mas falto de bastimẽtos para animar os soldados à batalha lhes disse, que estando cercados da aspereza da terra senão abriaõ o caminho cõ a victoria não tinhaõ outra esperança de remedio. E que os seus alojamẽtos para estar nelles eraõ muito seguros, mas que a falta de bastimentos os fazia muito perigosos. E mostrandolhe com estas palauras, que pola falta dos mantimẽtos não tinhaõ outro remedio senão vencer os animou grandemẽte para a batalha de que ficou com a victoria. E assi a razão que obrigou a Octauiano, & M. Antonio a procurar com muita instancia dar a vltima batalha a Bruto nos câpos Philippicos foy a falta das cousas necessarias ao sustẽto do exercito, como dizẽ Dion Cassio, & Appiano. E do mesmo modo procuraraõ os Espanhoes em Pauia dar a batalha a el Rey Francisco, porq̄ temiaõ não se poder sustentar faltando-lhe as cousas necessarias, & hum dos erros que se nottaõ a el Rey Frãcisco, he não se apartar de Pauia para não chegar a dar batalha, porque sem ella a fome

fome dos Espanhoes lhe daria a victoria. E tãbem quando se temer que venha ao inimigo algum grande socorro de gẽte com q̄ fique muito superior se deue dar a batalha antes que chegue, porque será mais facil vencer o numero menor, & que dos menos não pudes alcançar victoria, mal poderã dos mais? E assi vido Claudio Nerão, q̄ Annibal ficaria muito poderoso se se lhe ajuntasse o exercito cõ que seu irmão Asdrubal o vinha socorrer, & não podendo estoruar isto cõ dar batalha a Annibal, procurou desbaratar Asdrubal sem elle o sentir, o que fez com marauilhosa presteza socorrendo a Marco Liuto, q̄ defendia o passo a Asdrubal. E do mesmo modo entendendo Scipiãõ que Magon, & Asdrubal se auiaõ de juntar com Asdrubal Barchino, antes que o fizessem deu batalha ao Barchino, & desbaratãdo o diminuyõ o poder dos inimigos, de modo que despois os desbaratou. E assi tambem he necessidade que obriga a dar batalha o temor de se acrescetar o poder do inimigo. E o mesmo será quando se temer que se diminuaõ as proprias forças, ou por discórdia do exercito, ou por algũa occasiãõ que obrigue a separar a gente delle, porq̄ ainda he mayor o perigo quando as proprias forças se diminuem, que quando se acrescentaõ as do inimigo, porque muito peor se defenderã o homem que por enfermidade, ou por qualquer outra occasiãõ se lhe debilitarem as forças que a quelle que estando saõ, & com ellas inteiras lhe for necessario defenderse de tres, ou quatro inimigos; porque o saõ, ou com as forças, ou com a industria pode ter esperança de se saluar, & o fraco, & debilitado em nenhũa coua pode esperar. E assi, ou quando o inimigo espere grãde socorro se deue dar batalha, ou quando se temer que as proprias forças se debilitem.

A ventage que ha de obrigar a dar batalha, de tres modos se deue considerar, ou a respeito do proprio exercito, ou do inimigo, ou dos sitios da terra. A respeito do proprio exercito se considerã o numero, as armas, & o animo dos soldados, porque se excede no numero dos soldados ao do inimigo, & se elles estaõ melhor armados, & com melhor animo saõ grandes ventages com as quais se não deue dilatar a batalha. E destas tres cousas a de mais consideraçãõ he o animo dos soldados, porque dõde

Dio. Caf.  
his. Rom.  
l. 47.  
Appia.  
Alex. de  
bel. Cui.  
li. 4.  
Gui. l. 15

Tit. Lian  
D. 3. l. 7.

Pol. l. 10.

Corn. Ta-  
ci. l. 2.

Tit. Liv.  
D. I. 18.

Aristot.  
Eth. l. 3.

este falta, todas as outras cousas são de pouco effeito, & cõ elle todas ficão de melhor condiçãõ. E assi querẽdo Germanio dar batalha aos Alemães, não considerando nenhũa das outras cou-  
sas lhe pareceo q̃ conuinha saber primeiro que a desse, o animo dos soldados, para o que andou disfiçado espreitando de tẽda em tenda o que praticavaõ os soldados quando ceavaõ, pare-  
cẽdolhe que nesta hora melhor cada hum descobria o seu ani- mo, porque estando seguros de ser ouvidos falariãõ liuremẽte. E Lucio Papirio experimentou quãto importa a boa disposiçãõ do animo dos soldados; porque sendo vencido polo odio que elles lhe tinhãõ, procurou grangeallos: o que fez visitandoos de tenda em tenda, fazendo curar os feridos, com o q̃ mudavaõ o animo de sorte, que ao outro dia desbarataraõ o exercito que antes os tinha vécido. E assi não só se ha de saber o animo dos soldados antes que se dê a batalha, mas deue se grãgear, para q̃ o amor do capitão os faça mais animosos: porq̃ alli como ha efforço que procede de temor dos superiores (como diz Aristote-  
lis) tamẽ o ha procedido do amor delles. E he tãto melhor o q̃ procede de amor, quãto he mais liure; porq̃ muito mais perleve- ra em qualquer obra, & cõ mais promptidãõ estã nella quem a faz por vótade, q̃ quem sem ella se dispõe a obrar por temor do castigo; porque que trabalha por amor busca todos os meyo-  
para chegar a obra ao fim q̃ pretende, & quem por temor faz al- gũã cousa, com ter escusa para não ser castigado, fica satisfeito, não se cãndo no bõ successo della. Polo que muito mayores em- presas, acabarãõ o capitãõ amado, q̃ o temido dos seus solda- dos. E assi o que conhecer nos seus soldados hum animo próp-  
to para o que elle emprender, desejando a sua prosperidade co- mo quem o ama, avẽurese ao successo da batalha; porq̃ esta he hũa grande ventage, se o inimigo não tiuer disposto do mesmo modo o seu exercito. No qual se cõsideraraõ as mesmas cousas. E assi se em numero for muito menor, ou se se lhe tiuerẽ debilita- do as forças por dẽças, de q̃ lhe morre se muitos soldados, ou por se lhe averẽ ido algũas bandas de importancia, ou por algũ motim, cõ que a discordia enfraqueça o exercito, precurar se ha a batalha, porq̃ a fraqueza do inimigo he a mayor vantage q̃ pode  
aver.

aver. E porq̃ Germanico sabia isto, quando se lhe amotinaraõ algũas das legiões do seu exercito temia ser accommettido dos inimigos; porque polo motim se faz o exercito discorde, e pola discordia fraeo. E assi se entãõ o accõmetteraõ, como elle temia, difficulosamẽte se poderia salvar. E tambem he grande vantage serẽ os inimigos delicados, & mimosos: de que se argue pouca força, & menos animo para pelear. E assi querẽdo Agesilao animar os seus soldados mãdou que os Persas que se prendiaõ se vendessem nũs, porq̃ vendoos com os corpos brandos, & de-  
licados os desprezassẽ, como diz Xenophonte, que fizeraõ tẽ- doos em conta de molheres. O mesmo fez Iuliano, porque entẽ- dendo, quando fazia guerra aos Persas, que por algũs accidẽtes estavaõ os seus soldados temerosos, mandou vir á presença de todo o exercito os Persas q̃ prendera naquella guerra, os quais polos trabalhos da prisãõ estavaõ magros, & descorados, e disse vedes aqui aquelles que são temidos dos vossos valerosos cora- ções, crẽdo q̃ são homẽs, sãdo elles villissimas ouelhas. E se por algum caso repentino, & supersticioso, o exercito inimigo esti-  
uer temeroso dese a batalha, porque he muito grande ventage. Indo Alexandre buscar Dario, para lhe dar a segunda batalha vi- raõ os seus soldados resplandecer hũ rayo sobre o exercito dos inimigos, polo que entrou grande medo em todos. E diz Quin- to Curcio, q̃ se entãõ os accõmettera Mazeo perfeito de Dario, que estava com gente para lhe impedir o caminho, os desbara- tara facilmete. E os Siracusanos quando souberaõ que os Athe- niẽses estavaõ atemorizados polo eclipse da lũa, & pola super- sticiaõ dos agoureiros sayraõ a lhe dar batalha, por mar, & terra, não se atrevedo a dalla atẽ entãõ, & alcançaraõ a vittoria. E assi offerecendose algũã occasiãõ semelhãte a estas, não se deixaraõ perder. E se ao exercito inimigo faltare as armas cõveniẽtes, pa-  
ra a guerra he grande vantage; porq̃ nenhũa arte pode acabar per- feitamẽte algũã obra sem instrumentos cõvenientes. E assi não cõseguiraõ a vittoria o exercito desfarmado, ou que não tiuer as armas conformes, & necessarias; porque ellas são o instrumẽto com que a Arte Militar segundo os seus preceitos alcança a vit- toria da batalha, que he a mais perfeita obra que faz. E por isso  
animar-

Corn. Ta-  
ci. l. 1.

Xenoph.  
in orati.

Ages.  
Amnia.  
Mar. li.  
24.

Qu. Cur.  
l. 4.

Diod. Sic.  
li. 13.

Qu. Cur.  
li. 4.

animando Alexandre aos seus soldados, quando queria dar a segunda batalha a Dario, disse, que olhassem o exercito dos barbaros desordenado, que hús não traziaõ mais q dardos, & outros sò fundas, & que poucos tinhaõ as armas conuenientes, & assi que ainda que da parte do inimigo estauaõ mais em numero da parte dos Macedonios (por estarẽ armados como cõuinha) auia muitos mais homẽs para combatter. E pois elle com a falta das armas do exercito de Dario persuade ao seu a esperança da victoria, bem se vé que a tinha por hũa grande ventage. Polo que com ella se procurará dar a batalha. Etambem quando se virem os inimigos desordenados, & com pouco cuidado de ser accõmettidos; porque a sua desordem, & o accõmettimento não es-

Tit. Liu.  
D. 4. l. 1.

perado os atemorizará, & dará facilmente a vittoria. Isto se viu em hum recontro, que tiuerão Philippo, & Sulpicio; porq vendendo Philippo, q algús soldados de Sulpicio andauaõ espalhados polo campo recolhendo o trigo que estaua maduro, accommettendoos cõ a caualleria, & infanteria armados à ligeira matou muitos, & matara todos se Sulpicio sendo auisado os não socorrer com todo o exercito, & achando os de Philippo desordenados facilissimamente os fez fugir para os alojamentos onde se salvarãõ com perda de muitos: & assi em quanto os Romanos andauaõ desordenados véceos Philippo, & como os de Philip-

Quic. l. 5.

po foraõ os desordenados, vencerãõ os Romanos. O mesmo aconteceu aos Florentins, & Pisanos; porque vindo os Pisanos cõ hũa presa carregados, & cõ pouca ordem, foraõ rotos polos Florentins, & saindo de Pisa em seu socorro cento, & cincoẽta homẽs de armas, achando os Florẽtins desordenados, por se occuparem na presa os romperãõ. E assi a desordẽ dos inimigos he hũa grande ventage. E do mesmo modo accõmettellos quando elles o não esperaõ, como se viu no successo de Cesar cõ os

Tom. Caf.  
de bel. Ga.  
li. 1.

Heluccios junto ao rio Arar, q accõmettendoos quando o não esperauãõ matou todos os que se defenderãõ. A ventage do sitio da terra não he menor que todas estas, antes cõ ella se tem alcançado muitas, & muy grandes vittorias, como alcançará todo o capitaõ, que se souber aproueitar della. De tres modos se considerará a ventage do sitio, ou a respeito do numero, & qualidada

lidade da gẽte, ou da sorte das armas, ou da propria terra. A respeito do numero da gente, quando o exercito inimigo for muito grande será o sitio auentajado se for estreito, & apertado de asperos, & altos montos; porque não cabẽdo nelle todos os soldados, ficaõ se igualando os exercitos, & vencendo os que estiuerem na frente, não tẽdo por onde se retirar senãõ polo meyo dos que lhe succedem a sua propria desordem os romperã. E ao reues será a ventage do exercito mayor, tendoa no sitio espaçoso, & desimpedido onde se possa ordenar de modo que todo cõbatta não ficando algũa parte sua impedida; porque se aproueitará da ventage do numero, que he muito grãde quando for de gente destra, & exercitada. E quanto à calidade da gente, se o inimigo exceder na caualleria será grande ventage dar a batalha em sitio impedido de vinhas, bosques, barrancos, & pedregoso, porque nelle ficará inutil a caualleria, não podendo correr liuremente, & fazendoo perigarã. E o que nella exceder terá grande ventage se der a batalha em sitio chaõ, & liure destes impedimentos onde se possa seruir liuremente da caualleria. A respeito das armas, o exercito q exceder em arcabuzeria, & mosqueteria terá ventage nos sitios desiguais, & asperos, onde a caualleria, nem os cõsolletes possaõ pelejar ordenadamente. E o q exceder nos piques terá ventage no sitio chaõ, & desimpedido, onde se possaõ ordenar, & accõmetter do modo que for necessario. O sitio considerado sò a respeito da terra he commum a ambos os exercitos; porque ambos se podem aproueitar das emboscadas & estratagemas que elle offerecer. E assi estando junto ao exercito de Annibal, & dos consules Marcelo, & Crispino hum mõte accommodado para ciladas ambos os exercitos se quiserãõ aproueitar delle: mas sendo Annibal o que primeiro o considerou, quando os consules o foraõ reconhecer mataraõ a Marcelo, & feriraõ Crispino os inimigos que ja nelle estauaõ em cilada. Polo que podẽdo se ambos os exercitos aproueitar de semelhantes sitios conuem andar vigilantissimo na consideraçã delles; porque o capitaõ que primeiro os cõsiderar, & se seruir da sua ventage ficará com a vittoria. E por isso Philippomenes capitãõ dos Acheos, & dos melhores de Grecia, não sò na guerra,

Tit. Liu.  
D. 3. l. 7.

Plu. in vi  
ta Phil.  
mas



mas sempre considera a consigo mesmo, ou com os que cõ elle caminhauão nos sitios q̃ via a ventage que delles se podia tirar. E assi o deue fazer todo o capitaõ, porque as cousas que se consideraõ antes q̃ succedaõ quando succedem podem se remediar, & aquellas em que nõca se cuida nõ pode deixar de fazer muito dano, porque em todas as cousas importantes se segue a ruyna ao descuido. Polo que deue o capitaõ, assi na guerra, como fora della, cõsiderar sempre em todos os sitios da terra que se lhe offerecerem a vantage que nelles poderã ter, & cõ este exercicio nõ se lhe offerecerã algum na guerra de q̃ senãõ aproueite primeiro que o inimigo, com o que pode ter hũa esperança certa da vittoria, porque o primeiro capitaõ que se aproueitar das vantagens dos sitios vencerã o q̃ nisso se descuidar, ou nõ for taõ diligente. Os sitios que o capitaõ deue considerar para este effeito sãõ os eminentes, & difficultosos de subir os passos estreitos, os vãos dos rios, os bosques, & lugares escuros, & todos aquellas onde se pode meter gẽte que o inimigo nõ veja; porq̃ nos sitios eminentes ficando os soldados superiores ao exercito inimigo rompelohaõ facilmente com a arcabuzeria, como Cesar fez aos Helucios cõ os pilos, porque retirãdose Cesar, por falta de mantimẽtos a Bibratte terra dos Heduos, & seguindo os Helucios, pos o exercito em hũ monte a onde aguardou os inimigos, aos quais desbaratou facilmente a vanguarda com os pilos pola eminencia do lugar. E nos passos estreitos aonde os inimigos de necessidade aõ de vir a passar estã a victoria certa, porque a estreiteza delles, ordinariamẽte procede da aspereza dos montes q̃ lhe ficãõ aos lados, & assi pondo de hũa, & outra parte a arcabuzeria de modo que a nõ veja o inimigo atẽ nõ se accõmettido della, como he ferido de ambos os lados, & de lugares eminentes nõ poderã deixar de ser desbaratado. Isto se viu na victoria, que os Hespanhoes alcãçaraõ dos Venezianos junto a Vicenza; porque vindose retirãdo os Hespanhoes com pouca esperança de se salvar, aguardaraõ por cõselho de Prospero Colona, os Venezianos em hum passo estreito, no qual facilmente os desbarataraõ. No passar dos rios se offerrece grãde vantage a quẽ se sabe aproueitar d'ella, porq̃ nõ se deixando vadear facil-

facilmente como succede nos rios caudalosos, nõ pode o exercito passar em ordem, nem chegar à outra parte, senãõ passando poucos a poucos soldados, & assi sendo accõmettidos no tempo em que passaõ seraõ facilmente desbaratados: mas he necessario para cõseguir mais facilmente este fim, que nõ saybaõ os inimigos, que haõ de ser accõmettidos, porque se preueniraõ, & poderaõ cõ a industria, & diligencia diminuir, ou tirar de todo esta ventage, como se disse quando se trãttou do passar dos rios: mas se se accõmetterem sem elles se terem preuenido, sem duuida a desordem cõ que passarem darã a victoria. E assi tẽdo Timoleã cinco mil soldados, foy cõ elles ao rio Crimeso *Plu. in vi* dõde sabia q̃ auiaõ de passar os Carthaginezes cõ hum exercito *ta Timol.* de sessenta mil soldados, & tendo todos esta determinaçãõ por temeraria, elle os desbaratou quando passauãõ o rio seguros de ser accõmettidos. Os bosques, & mais lugares onde se pode meter gẽte sem que o inimigo a veja sãõ muito accõmodados a ciladas, cõ que se alcãçaraõ sempre muito grãdes vittorias; porque vindo o inimigo por si a entrar na silada, ou sendo leuado artificialmente a ella, como he accõmettido quando o nõ espera, & em lugar descõmodo, & sendo as mais das vezes tomado no meyo, poucas deixará de ser roto, ainda mais polo temor & desordẽ dos proprios soldados, q̃ pola força dos inimigos. E assi Annibal, q̃ era por natureza aptissimo para este modo de pelear, cõ as emboscadas alcãçou grãdissimas vittorias dos Romanos: mas vsãdo Claudio Nerõ melhor q̃ elle esta arte sua (como diz Tito Liui) rõpeo cõ pouca perdã dos Romanos o seu *Tit. Liui* exercito. Porq̃ quẽ desta arte se sabe aproueitar, como pedẽ as *D. 3. l. 7.* occasiões, poderã cõ ella alcãçar a victoria, ainda quando espere a vltima, & propria ruyna. E assi despois de ferẽ os Sãntas nauis *Idem. D.* tantas vezes desbaratados por Gayo Iulio Bubulco, nõ lhe podẽ *l. 2.* do resistir em parte algũa, com hũa emboscada o apertaraõ tanto, q̃ de todo se perdera se os soldados cõ maravilhoso valor rõpendo polos inimigos nõ tomaraõ hum monte que lhes ficaua nas costas. Polo que o capitaõ q̃ se souber aproueitar dos sitios accõmodados a emboscadas, deue procurar dar nelles a batalla esperãdo ter nelles hũ felice successo se obseruar todas as

Corn. Ta. ci. l. 2.
Côm. Caf. de bel. Ga. li. l. 8.
Côm. Caf. de bel. Ci. ni. l. 5.
 coufas, q̄ se requerẽ para alcáçar a vittoria: as quais são primei-  
 ro q̄ tudo o segredo da emboscada, para q̄ não venha à noticia  
 dos inimigos, porq̄ (como diz Cornelio Tacito) a emboscada,  
 & estratagemas, q̄ sabe o inimigo resulta em danno de que a faz,  
 porq̄ cõtra o engano manifesto facilmente se pode fazer outro  
 mayor, & quando se vé enganado o q̄ cuidava enganar muito  
 mais se perturba. Isto se vio na rota de Corbeo capitão dos Be-  
 louacios; porq̄ fazendo muito danno cõ emboscadas aos solda-  
 dos de Cesar, sendo auisado Cesar de hũa que lhe tinha ordena-  
 do de muito mais gente que as passadas, ordenou de sorte o seu  
 exercito, que sayndo Corbeo da emboscada cuidando ter o suc-  
 cesso como as passadas, vêdo que elle era o que cayra na cilada,  
 todos os seus soldados perderão o animo de sorte, que o seu te-  
 mor, & confusão mais que as armas dos inimigos, os desbarata-  
 raõ. Alem disto se ha de obseruar cõ grande cuidado, que senão  
 faça cousa algũa contrã a ordem que se tiuer dado, accõmetten-  
 do antes do tempo signalado, ou descobrindo se antes dos ini-  
 migos estarem metidos na emboscada, porque ficará em vão to-  
 do o dissenho, & os soldados que estiuerem na emboscada fica-  
 raõ arriscados a ser desbaratados; porque sempre as embosca-  
 das se fazem com poucos soldados. E assi tendo Labieno feito  
 hũa emboscada em hum lugar muito accommodado, polo qual  
 auia de passar o exercito de Cesar, descobrindo se certa banda  
 dos seus cavalloos, antes de accommetter os Cesarianos, não sõ  
 elles foraõ mortos pola caualleria de Cesar, mas Labieno, & a  
 mais gente da emboscada se saluou com grande difficuldade. E  
 com estas duas coufas o segredo da emboscada, & guardar nel-  
 la perfeitamente a ordem que se der sempre succederã prospe-  
 ramente a que se fizer.

Tendo algũa das necessidades, ou ventages referidas se da-  
 rá a vniuersal, & campal batalha. Na qual he muito mais ne-  
 cessario ter hum summo cuidado de todas as coufas que po-  
 dem dar a vittoria, por ser a mais perigosa, & importante ac-  
 ção que se faz na guerra; porque com ella se poem no succes-  
 so de tres, ou quatro horas a ruyna, ou prosperidade dos que  
 combattem, a liberdade, ou sujeição da patria, & a mudança  
 dos

dos imperios, como muitas vezes se vio. E quanto he mais im-  
 portante, tãto he mais difficultoso dar regras, & preceitos iguais  
 à grãdeza da obra: mas assi como Platão inuocãdo a Deos espe-  
 rava cõ o seu fauor poder disputar da criaçãõ do mundo, & de  
 todas as coufas criadas deuemos agora, & com mais razãõ espe-  
 rar, que o diuino espirito nos inspire o que neste lugar conuen-  
 pois tudo o que se escreue de sejamõs q̄ sirua para augmento da  
 fè, & destruyçãõ dos hereges, & para seruiço de aquelle Senhor  
 q̄ he Deos dos exercitos: & assi inuocãdo o seu nome diremos  
 como se ordenará o exercito para a cápal batalha. Esta vltima  
 acção he só do general; porq̄ todas as outias coufas se podem de-  
 terminar cõ o conselho dos capitães; mas os varios successos da  
 batalha, assi como não podem ser anteuistos, não podem ser reme-  
 diados senão só cõ o valor, & entendimẽto do proprio general  
 q̄ ha de estar vigilatissimo sobre todas as coufas, para q̄ nenhũ  
 descuido lhe possa fazer dãno, & para se saber aproueitar das oc-  
 casões, q̄ he a principal cousa em q̄ consistẽ grãdes vittorias. E  
 assi diz Polibio, q̄ a occasião senhorea em todas as coufas do mũ-  
 do, mas sobre todas nas empresas da guerra. E das empresas da  
 guerra não ha nenhũa em que faça tanto effeito, como na bata-  
 lha; porq̄ depẽde de breuissimos espaços, & vehemẽtissimas ac-  
 ções. Mas para o capitão general se saber aproueitar das occa-  
 sões q̄ se offerecerẽ té necessidade de arte, & fortaleza, porq̄ nas  
 coufas grãdes, e difficultosas sem estas duas não se poderá cõse-  
 guir o fim q̄ se deseja. E assi diz Aristotelis, q̄ nas coufas muito  
 difficultosas são necessarias arte, & virtude. E não ha algũa mais  
 difficultosa q̄ ordenar hũa batalha de modo q̄ se vença o inimi-  
 go. E por isso trattãdo Vegecio do q̄ se ha de fazer o dia da bata-  
 lha diz, q̄ naquelle breue espaço de tẽpo claramẽte senhoreaõ  
 a doutrina do combatter, & o vso da verdadeira arte cõ o bom  
 conselho: nas quais palauras se mostra que a arte, & virtude são  
 as que alcançãõ a vittoria, pois o conselho aonde faltar a virtu-  
 de da verdadeira fortaleza militar não será como cõuem; por-  
 que não pode dar bom conselho hum animo temeroso do pe-  
 rigo da batalha. E assi são necessarias arte, & virtude para apro-  
 ueitar das occasões com que se pode alcançar a vittoria. Polo

que se mostrará cõ estas duas cousas, como se deve ordenar a batalha, & como nella se ha de proceder.

Cõ a arte se haõ de considerar antes da batalha todas as cousas cõuenientes para vêcer, & aquellas q̄ podê dar a vittoria ao inimigo, & se ha de prouer a tudo como pedirê as occasiões, assi para aproueitar das boas, como defender das cõtrarias, & na batalha se haõ de cõsiderar todos os mouimentos della, a ordẽ, & disposiçãõ dos esquadrões, & batalhas para ordenar as desordenadas, & mudar as formas dellas se os successos o pedirê. E a virtude ha de fazer hũ animo cõstante, assi antes da batalha, como no trãse della, de modo que antes da batalha conheçaõ os soldados no capitãõ general hũa confiança da vittoria cõ q̄ todos se animê; & na batalha hũa verdadeira fortaleza, com q̄ nê a perda dos seus o atemorize, nê quãdo ganharê se ensoberbeça, & descuide, para q̄ remediado os dãnos, e naõ se descuidãdo nos peros successos alcance perfeita vittoria. Mas porq̄ cõ esta vniuersal doutrina se naõ poderã facilmente alcãçar o q̄ se deve fazer nos particulares successos se mostrarã agora cõ particulares exêplos: mas porque sãõ muitos, & muy varios os successos da guerra, & das batalhas naõ serã possivel tratar de todos, mas trattãdo dos mais ordinarios, & principais se poderã delles fazer hũa sciência para os que extraordinariamente succederem.

Têdo o capitãõ general assentado cõ o cõselho q̄ se dê a batalha terá secreta esta resoluçãõ, & muito mais o dia q̄ se ha de dar: o qual elle naõ cõferirã cõ ninguê, porq̄ naõ chegue à noticia do inimigo, e se preuina cõ algum estratagemã q̄ fauoreça o seu partido. E assi diz Polibio, que sãõ aquelles deuê saber o desenho do general, sem os quais se naõ possa alcãçar o effeito do q̄ se rẽ assentado, & q̄ nê estes se naõ quãdo a necessidade o pedir. Assentando o general cõsigo sãõ, ou cõ quẽ lhe parecer q̄ conuê, & lhe terá segredo o dia que se ha de dar a batalha, mandarã no outro antes d'elle reconhecer todo o contorno do sitio em que determina dalla, para q̄ se ouuer algũa cilada se descubra, & elle se preuina, & para que achando de occupados algũs legares de que se possa aproueitar para o mesmo effeito, o faça. E assi querendo Cesar dar batalha aos Helucios, mandou a noite antes

Labieno cõ gente occupar hũ monte dondẽ podia fazer muito dãno aos inimigos, & a T. Confidio q̄ descobrisse a terra em torno. Sendo auisado o general, q̄ tudo estã quieto se aproueitarã segundo o auiso q̄ tiuer das cõmodidades, & ventages q̄ o sitio offerecer, & elle ja tiuer determinado. E sabendo q̄ os inimigos estãõ apoderados dos lugares auentajados, & accommodados para estratagemas, & emboscadas, considerãõ os modos com que estoruarã os seus dissenhos, & entendendo que o poderã fazer seguirã a sua determinaçãõ, & quando naõ aguardarã melhor occasiãõ, que de hũ dia para outro pode succeder, & a mudança do sitio a pode dar. E nunca em quanto se tiuer esperança de melhorar o partido se deve querer vencer cõ o mayor perigo dos soldados; porque (como disse Marco Valerio Coruino) he melhor acabar a empresa com o trabalho que com o perigo dos soldados. Mas naõ auendo causa que impida dar-se a batalha, como estã determinado, ao tempo que se entra de guarda se mandarã publicar para o dia seguinte, para q̄ todos se apercebaõ para ella, & juntamente se mandarã dobrar as guardas do campo, & pôr nellas as pessoas de mais cõfiança, para q̄ naõ faya d'elle ninguê que auise os inimigos. Porque (diz Vegecio) que neste sãõ preceito resume todos os seus, q̄ se faça de modo q̄ o inimigo naõ possa por algũa via saber o modo com que se ha de ordenar a batalha, para que com os remedios que elle ordenar, naõ sãõ naõ possa vencer, mas nem resistir. E no mesmo tempo despois de assentadas as guardas se mandarã ajuntar o exercito, & o capitãõ general lhe farã hũa practica em que lhe dê cõta do seu desenho, & afigure a victoria, naõ de modo que elles entendãõ q̄ sem trabalhar a poderãõ alcançar, mas para os animar; porq̄ com mais animo se trabalha por aquellas cousas de q̄ se tem esperança, & tambem aduertir aos soldados do q̄ deuê fazer para proceder como conuem na batalha. E porque sem o fauor de Deos em nenhũa cousa se pode alcançar prospero successo, a mesma tarde irãõ os religiosos q̄ ouuer no exercito aos corpos de guarda aonde farãõ practicas aos soldados com q̄ os incitem a se pôr bê com Deos, & a pôr na sua misericordia a esperança da victoria, q̄ he o mais certo signal de a alcançar; por-

Tit. Liv. D. 1. l. 8.

Veg. l. 3. ca. 26.

Pol. l. 9.

Cõm. Ces. de bel. Ga. li. l. 1.

Labieno

V u 3

que,

*Psal. 124.* que, *Qui confidunt in Domino sicut mons Sion non commovebitur eternum;*  
 E nisto se guardará tambem hum preceito seu, porq̃ mandava,  
*Deuter. ca. 20.* como se vê no Deuteronomio, que ao dar da batalha se puseſſe hum sacerdote diante dos soldados, o qual os animasse dizêdo, que não temesse, porque Deos estava entre elles, & pelejaria em seu favor. E não só os Israelitas, que tantas vezes tinhaõ experimentado, q̃ só vençião os favorecidos de Deos: mas os idolatras Gregos, & Romanos não conhecêdo a Deos conhecêdo que só nelle estava a esperança da vittoria. E assi cuidando que cõ os seus sacrificios o podiaõ ter propicio não dâoõ batalha sem primeiro sacrificar. Polo que nós que conhecemos o verdadeiro Deos que só pode dar as vittorias, ainda que cõ arados, & aguilhadas se peleje, como Sanguar contra os Philisteos, estamos muito mais obrigados a procurar o seu favor renouando este costume de animar os soldados com o seu nome, por meyo de sacerdotes doutos, & aptos para esse effeito. E juntamente se mandaraõ cõfessar todos os soldados, fazêdo sacrificio a Deos das proprias vontades, que lhe he muito mais aceito, que o das vitimas, porq̃ (como diz David) não se deleita de holocaustos, mas não despreza o sacrificio do coração contritto, & humilde.  
 Amanhecendo aquelle horrendo dia, fatal, & incerto (como *Vege. l. 3. ca. 11.* lhe chama Vegecio) em que se ha de dar a vniuersal batalha cõ os soldados, porque estas são as armas que melhor os podê defender dos inimigos, porque o nome de Senhor he torre fortissima, & este he o mais poderoso socorro que pode auer para alcançar a vittoria, porque o Senhor he forte, & poderoso na batalha. Despois de cõmungarê os soldados se mandaraõ comer, porque indo em jejum à batalha não poderaõ durar nella muito, porque enfraquecido o estomago pola falta do mantimento debilitar-se-hão as forças corporais, & os corpos não poderaõ sofrer o peso das armas, & o trabalho da batalha. E assi a todos os capitães que deraõ batalha cõ os soldados em jejum succedeo mal, como a Sempronio, porque esta foy hũa das cousas (segundo Tito Livio) que lhe fizeraõ perder a vittoria de Trebia. E a mesma foy hũa das que deraõ a Scipião a vittoria que alcançou de Af-

de Asdrubal, porq̃ accõmettendo elle aos Carthagineſes antes de terem comido, & detendo artificiosamente a batalha, para q̃ durãdo muito sentissem os inimigos a fome, enfraqueceraõ de sorte, que diz Tito Livio, que se arrimauaõ aos escudos para se poderê ter. E assi todos os bõs capitães obseruaraõ a mesma ordem, não só quando elles ordenauaõ a batalha com sua cõmodidade, mas tambẽ quando eraõ accõmettidos dos inimigos, podêdo fazer cõ segurãça, como fez Emilio, q̃ sêdo accõmettido dos Toscanos não quis sayr dos alojamentos sem primeiro comerem os seus soldados. E assi diz Vegecio, q̃ antigamente se costumaua não dar batalha sem primeiro comerê os soldados, mas que não queraõ q̃ comessem muito, porq̃ a moderada comida os fazia mais ligeiros, & fortes, & que se fossem em jejum seriaõ, durãdo a batalha opprimidos da fome. Polo que se mandaraõ comer os soldados antes que se ordenem para a batalha. Mas isto seirà quando a pressa não seja mais importante, que o combatter cõstantemente, como se vio na vittoria q̃ Timoleõ ouue de leite socorrendo aos Adranitas, da sua parcialidade, porque (como ja estã ditto em outro lugar) se deixara comer os soldados fora sentido de leite, & não o pudera vencer, porque leite tinha mais gente, & a vittoria consistia em o accommeter repentinamente. E tambem quando os soldados estem taõ desejosos de cõbatter, que não queirão aguardar a comer, não seirà erro obedecer nesta parte a Arte ao animo dos soldados, como fez Iuliano, q̃ indo cõtra os Germanos, estando ja perto do seu exercito quis fazer alto, & alojar, para q̃ os soldados comessem, & repoufasssem aquella noite, mas elles instãdo cõ grandissimo animo pediraõ q̃ logo os leuasse a inuestir os inimigos, o q̃ vendo Iuliano sem se deter deu a batalha, & vêceo, como lhe prometia o valor dos soldados. Mas não auendo estas occasiões comerãdo primeiro, & logo os porãdo em ordem procurando anticipar o inimigo, & apparecer em campanha com o exercito posto em ordem antes que elle ordene o seu, porque ou seirà accõmettido estando confuso, & desordenado, ou ordenandose cõ pressa, & tumulto darã grande commodidade para ser accõmettido com muita ventage do exercito quieto, & ordenado. E

*Tit. Liv. D. 1. l. 9.*  
*Vege. l. 3. ca. 11.*

*Plu. in vita Timol.*

*Ammia, Mar. li. 16.*

Assi a principal causa da victoria que Claudio Neron alcançou de Annibal a Grumento foy sayr elle em ordem para dar a batalha antes que o exercito inimigo se pudesse ordenar, porque  
*Tit. Liu. D. 3. 17.* (como diz Tito Liuo) andauão os soldados de Annibal tão espalhados pelo campo, & tão desordenados, que facilmente podiaõ todos ser pisados, & mortos da caualleria Romana. E assi he tão estimada a presteza nas acções da guerra, que cõ ella diz  
*Val. Ma. xi. li. 3. c. 7.* Valerio Maximo q̄ destruyo Scipião Carthago, & por isso persuadindo Demosthenes os Athenienses que se apercebessem para a guerra de Philippo, disse, que por nenhũa cousa Pilipho foy superior aos Athenienses, senão por ser sempre o primeiro a fazer todas as cousas, & ir sempre diante em todas as facções. Mas para ordenar o exercito como conuem, se deuem considerar cinco cousas, as quais são, o sitio onde se ha de dar a batalha, as nações, & qualidade dos soldados de hum, & outro exercito, o sol, o vento, & o p̄d. No sitio se deue considerar se he estreito, se largo, & desimpedido, & se tem de algum dos lados algum rio, ou outro impedimẽto semelhante, porque se he estreito se ha de accommodar a elle a forma da batalha. E assi diz Tito Liuo, que ordenou Marco Attilio, na batalha em que desbaratou Antiocho nas Thermopylas, o exercito cõ a fonte estreita, segundo a natureza do sitio. E na batalha q̄ se derão os Hespanhoes, & Franceses a Raspal, não forão os Esuizaros de effeito, porque usando elles hum modo de esquadrão semelhante à Phalange dos Macedonios, não se souberão accommodar ao sitio que era estreito, & descomposto. Polo que se ordenará a batalha com a forma que ao sitio melhor se accõmodar, & se for estreito será de grão fundo, & se for largo, espaçoso, & desimpedido com mayor fronte atè a do quadro de terreno, se se pelear com gente igual, & igualmente armada: mas se for mayor o exercito inimigo alargarse a frente, para que não possa cercar a batalha com os cornos da sua. Isto fez Cesar sendo accommetrido por Labieno, com hum exercito de Africanos muito maior que o seu; porque vendo que os inimigos alargauão os cornos para tomarem no meyo o seu exercito, mandou estender a frente da sua batalha tudo o que lhe foy possivel, & com isso

isso se defendeo, & se pode retirar ordenadamente a seu salvo. E se ao lado da batalha ouuer algum rio no outro corno que ficar liure delle se ordenará a caualleria, não pondo algũa entre o rio, & a batalha, porque impedida do rio, & da infantaria não será de effeito. E assi na batalha de Pharsalia collocou Põpeyo a sua caualleria no corno esquerdo, porque ao lado direito corria hum rio. E ainda que elle não alcançou a victoria, nem por isso deixa de ser esta ordem conueniente, pois elle era hum dos melhores capitães que então tinha o mundo, & dos mais exercitados na guerra, polo que ainda que fosse vencido não podia errar no modo de ordenar o exercito. E a batalha de Rauena he grande proua disto; porque tendo a hum lado o rio que corre junto a esta cidade, puserão os Hespanhoes entre elle, & os esquadrões da vanguarda, & corpo os homẽs de armas, & algũas lanças, & ordenando os Franceses a sua caualleria no lado que ficaua liure do rio, foy de muito effeito, não sendo a Hespanhola de algum, por estar impedida da infantaria, & do rio. Considerar as nações he muy necessario para as pôr separamas; porq̄ a competencia as faça combatter melhor, & sendo hũas mais animosas que outras, collocarseão segundo a disposiçãõ dos inimigos, em que tambem se deue considerar o mesmo, pondo cõtra os melhores soldados dos inimigos os melhores do proprio exercito, & assi os mais segundo a sua disposiçãõ como fizeram Cesar, & Põpeyo na batalha de Pharsalia, a onde puserão Romanos contra Romanos, que eraõ os soldados em que ambos mais confiauaõ, & as outras nações de menos conta, hũas contra as outras. E tambem segundo a disposiçãõ das cousas, se collocaraõ com mais alta consideraçãõ, os fortes contra os fracos, porque vencendo atemorizem os mais, & accommettendo liures deste impedimẽto a parte do exercito inimigo, que sendo mais forte se mantiuer, podellaõ mais facilmente romper. Esta consideraçãõ fez Scipião quando desbaratou Afrubal, & Magon em Hespanha, & foy hũa clarissima proua do seu grande engenho. Estauão alojados Scipião, & Afrubal à vista hũ do outro, & costumauão sayr dos alojamentos todos os dias pola manhã em ordem de batalha, & estando assi todo o dia retirauão se à tarde,

*Cõm. Caf. de bel. Ci. ui. l. 3.*

*Gui. l. 10.*

*In Cõmẽ. Caf. de bel. Cui. l. 3.*

*Tit. Liu. D. 3. l. 8.*

tarde, & continuando isto algũs dias sempre com hũa mesma ordem, tendo Scipião os Romanos no meyo da batalha, & os Hespanhoes nos cornos, & Afrubal defrõte dos Romanos, os Carthaginefes, & dos Hespanhoes Hespanhoes, quando todos cuidaõ que com esta ordem se auia de pelejar, o dia q se deu a batalha mudoua Scipião, & pos os Romanos nos cornos, cõtra os Hespanhoes, & os Hespanhoes no meyo contra os Carthaginefes, & mandou aos Hespanhoes que marchassem com passo vagaroso, & aos Romanos que estauão nos cornos que se adiantassem a inuestir os inimigos, & assi primeiro os Romanos desbaratarão os Hespanhoes, que os Carthaginefes tiuessem lugar de accommetter os Hespanhoes da parte de Scipião, nem puderão socorrer os cornos, por não abrir a batalha no meyo. E assi vencendo os Romanos, que erão os melhores soldados de Scipião os mais fracos do inimigo, & tendo he impedidos os mais fortes alcançou Scipião aquella grande victoria, com que ficou senhor de toda Hespanha. Mas se o inimigo fizer esta consideraçã mudando as nações, para se melhorar mudar se ha tambem do mesmo modo a ordem, & ficará a batalha cõ a primeira, como fizeraõ os Gregos, & Persas na batalha de Platea. Porq̃ iêdo os Lacedemonios o corno direito, & os Athenienses o esquerdo ficauão pelejando os Lacedemonios contra os Persas, & os Athenienses contra os Thebanos, & parecendo a Pausãias general dos Gregos, que pelejarião melhor os Lacedemonios contra os Thebanos, polos terem vencido muitas vezes, & os Athenienses contra os Persas, de quem ja alcançatão a illustre victoria de Maratona, ordenou o dia da batalha que se trocassem os lugares, o que vendo Mardonio capitão dos Persas fez o mesmo, & tornando se a trocar os Gregos tornou elle a trocar tambem os seus, & vierão a pelejar com a primeira ordem. O sol, o pò, & o vento forão sempre cõsiderados de todos os capitães, & assi diz Vegecio, que para se ordenar bem hũa batalha se deuem considerar estas tres cousas, sol, pò, & vento, & que dellas se costumão guardar os expertos capitães naquelle breue espaço de tempo em que a batalha se ordena. Polo que se deue aduertir com muita diligencia, que nenhũa destas con-

fas

fas fique por frente do exercito; porque dando o sol nos olhos aos soldados impedirhesha a vista, de modo que não poderão acertar a ferir os inimigos, nem a se defender delles quando pe leijarem de perto; porque turbada a vista com a claridade do sol, & resplendor das armas inimigas farà de hũa espada duas, com o que se poderaõ reparar mal os golpes della. O pò do mesmo modo impede a vista com grandissima molestia, polo que se o vento açoprar rijo, & der no rosto aos soldados, alem da perturbaçã que elle por si causarã, será grandissima a que darã a todo o exercito com o pò que trará a ferir no rosto dos soldados. E assi diz Tito Liui, que leuantandose na batalha de Cannas o vento chamado naquella parte Vulturno, & ferindo com o pò que leuantou os Romanos no rosto, lhes tirou a vista. E o mesmo effeito farà se vier com agoa, como se vio na victoria que Pompeyo alcançou em Africa de Domicio. Porque vindo a commettello Domicio, estando ja os exercitos á vista hum do outro se leuantou hum temporal muito rijo com grande vèto, & agoa, & dãdo no rosto ao exercito de Domicio obrigou a se retirar: mas Pompeyo a proueitandose da occasiã o accommetteo com o vento, & agoa nas costas, & o desbaratou, sendo esta a causa da victoria (como diz Plutarcho.) Polo que quando se ordenar o exercito, procurar se ha que o sol, o vèto, & o pò, fiquem nas costas, ou ao menos por lado, por não ser roto por esta causa, como foy o dos Cimbro, & mais nações que com elles passaraõ a Italia; porque sendo taõ grande o numero delles que occupaua a sua batalha que era quadrada quatro milhas de largo, & quatro de comprido forão desbaratados por Mario, & Catullo, sendo (como diz Plutarcho) hũa muito principal causa da victoria o sol q̃ daua no rosto dos Cimbro, & o pò que como hũa nuue os cobrio.

Tendo feitas estas considerações se ordenarã o exercito na forma que conuem, & suppondo que se ha de combatter em terra cham, larga, & desimpedida, & com igual poder ordenar se ha (como està proposto) cõ o quadro de terreno. Mas como muitas vezes acontece serem varios os successos de hũa batalha, hora melhorando, & hora perdendo, he necessario que em orde-

nas

Hero 19.

Vege. li. 3.  
c. 14

Tit. Liui  
D. 3. l. 2.

Plut. in  
vit. Põp.

Idem in  
ita Mar.

nar o exercito se considere não só a ordem com que se ha de pe-  
leijar, mas tambem como se poderá vencer quando essa não ba-  
star, & os inimigos se melhorarem. E em todos os negocios he  
couisa utilissima cuidar primeiro todos os inconuenientes que  
terão, porque preuenindo os males muito melhor se podem re-  
mediar, que quando vem sem se terem antes cõsiderado, & pre-  
uenido. E de todas as couisas que na vida se trattaõ nenhũa tem  
tanta necessidade de hũa grande preuenção como hũa batalha,  
porque quando nella succeda o que senão esperaua, o temor da  
morte, a confusão dos que perdem, & a furia dos que se melho-  
rão impedem grandemente o remedio. E assi diz Polibio, que a  
Pol. l. 10. elle lhe parece hum grandissimo argumento da ignorancia, &  
froxição do capitaõ, o que ordinariamente se costuma dizer,  
eu não crera isto, & quem poderia crer que tal couisa ouesse de  
succeder? Polo que antes que se dê a batalha se ha de cõsiderar  
poderemse nella melhorar os inimigos, & como succedendo  
assi se lhes poderá estoruar a vittoria, & ainda ficar com ella ti-  
randolha das mãos. Para o que se deuem ordenar duas couisas.  
A primeira, he deixar fora da batalha algũs soldados que socor-  
rão a parte que tiuer necessidade de socorro; porque como es-  
taõ determinados para socorrer os que se retirarem não se ate-  
morizarão com a perda dos seus; pois isso aguardaõ para entrar  
tambem na batalha, & os soldados que temerosos se retirarem  
cobraraõ animo vendo se bem socorridos, & voltando todos  
juntos contra os inimigos, he muito posto em razaõ fazerem-  
lhe perder o que tiuerem ganhado. E assi sendo accommetti-  
do Scipião por Magon, & Massinisa ouuera de ser roto se o não  
Tit. Liv. socorreraõ algũs cauallos que para este effeito tinha deixado  
D. 3. 18. na encuberta de hum monte: mas socorrendo, com danno dos  
inimigos fez os alojamentos, como de terminaua. E os soldados  
que Puzilio tinha deixado para socorrer os que disso tiuessem  
Idem. D. necessidade, na batalha que elle, & Sulpicio deraõ aos Samo-  
l. 9. ritas, lhe fizeraõ alcançar a victoria; porque vendo elle que os ini-  
migos tinhaõ muito apertado o corno esquerdo da sua batalha,  
fez que os socorressem estes soldados, que para este effeito fi-  
caraõ fora da ordem do exercito, o que fizeraõ, & ajuntando  
parte

parte da caualleria ao socorro rompeo neste corno os inimi-  
gos, com o que tambem se alcançou a vittoria no outro. E as-  
si se deixará algũa gente fora da batalha para socorrer a parte  
della que for opprimida dos inimigos. A outra couisa he fazer  
que estes soldados que ficão de socorro, ou outros algũs se po-  
nhão em parte que sem os inimigos o sentirem os possaõ ac-  
commetter pelas costas, quando a batalha estiuer mais traua-  
da, & isto sem duuida dará perfeitamente a victoria. E para  
proua disso basta sò ser estratagemas ensinadas por Deos. Por-  
que pedindolhe Dauid conselho para accommetter os Philis-  
theos lhe disse Deos, que os não accõmettesse pola frõte, mas  
que voltasse com o exercito á roda de hum bosque de pereiros  
que ficaua entre os exercitos, & que os accommettesse pelas  
costas quando sentisse que os accommettiaõ pola fronte. E fa-  
zendo Dauid, assi alcançou a victoria. E o mesmo mandou  
fazer a Josue, quando lhe quis entregar a cidade da Hai. E ac-  
commettendo trinta mil soldados a cidade pelas costas quan-  
do o rey della combattia com Josue pola outra parte, a ganha-  
rão, & accommettêdo despois do mesmo modo o exercito del-  
rey, em quanto a batalha duraua, tãbem alcançaraõ delle a vit-  
toria. E como he estratagemas ensinadas por Deos, nunca faltou  
aos que o puserão em effeito. Porque elle deu a Annibal a pri-  
meira victoria que teve dos Romanos em Italia, & o fez alcan-  
çar perfeitamête a de Cãnas. E não sò aproueitou este estratage-  
ma aos capitães q̃ a fizeram com animosos soldados, mas també  
cõ só a demonstração deu a algũs a victoria, como se vio na que  
Sulpicio alcãçou dos Gallos; porq̃ mandou pôr nos bagages de  
carga os homens que as governauão armados com as armas dos  
doentes, & cõ as q̃ tinha ganhado aos inimigos, os quais fez q̃ a  
noite antes da batalha se pusesse secretamête escondidos em hũs  
montes q̃ ficauão nas costas do exercito inimigo, para q̃ apare-  
cendo quádo elle lhe fizesse signal atemorizassem os inimigos,  
cuidando q̃ erão soldados, & fazendoo quádo a batalha estaua  
na mayor furia temerosos os inimigos do fingido accommet-  
timento se puserão em fugida. E este estratagemas, diz Tito Li-  
uio, que fizeraõ despois muitas vezes outros capitães Romanos

& estrangeiros com grande proueito. E assi o receberá quem a fizer com soldados verdadeiros, ou fingidos.

Xenoph.  
in orati.  
Agcf.

Ordenado o exercito (como está ditto) marchará cõtra o inimigo a passo cheo, & sosssegado, por se não desalentarem os soldados com a pressa do marchar. E todos irãõ em seus lugares com silencio, & quietação. Gabando Xenophonte Agcf. na oração que fez na sua morte diz, que quando marchaua em ordem contra os inimigos leuaua o exercito com tanto silencio, & repouso que parecia que caminhasse hũa honestissima dõzella. E com esta comparação se declara melhor o que neste lugar cõuem q̃ cõ outras palauras. Os Lacedemonios costumauãõ câtar ao som dos pifaros hũa canção, a que chamauãõ Castorio, quando deste modo marchauãõ, para cõbatter. E diz Plutarcho *in Licur.* que quem considerar os versos que elles cantauãõ ao som dos pifaros nas batalhas, julgara cõ razão, que Therpandro, & Pindaro ajuntaraõ a fortaleza à musica, porque (diz elle) Therpandro disse falando dos Lacedemonios.

*Hic iuuenum cuspis viret, & dulcissima Musa,  
Iudiciumq̃ patens.*

*As armas iuuenis aqui florescem,  
Clara justiça, & musica suave.*

E Pindaro.

*Hic, & consilij senes,  
Et qui decernant pralio  
Beligerum iuuenum sunt chori:  
Hic arma Musas addecent.*

*Aqui ha velhos bõs para conselho,  
E mancebos que a guerra determinem:  
E aqui juntas estão armas, & Musas.*

Mas se os Lacedemonios cantando versos se animauãõ para a batalha, porque tambem senãõ animarãõ agora os soldados cantando outros versos, pois temos outros com que mais seguramente podemos esperar que se infundãõ novos, & valerosos animos nos soldados que os cantarem, & noua confusão nos inimigos que os ouirem, como aconteceu a Iosaphat, que indo contra grande multidãõ de inimigos mandou pôr diante da batalha os musicos q̃ costumauãõ cantar a Deos, & que fossem cantando este verso do Psalmo 135.

2. Paral.  
ca. 20.

Con.

*Confitemini Domino quoniam  
In aeternum misericordia eius.*

E começando a cantar encheo Deos os inimigos de tantã cõfusão, que voltando as armas contra si, hũs aos outros se mata- raõ. E assi pois temos versos tanto mais poderosos, vaõ os solda- dos à batalha cantando.

*Confitemini Domino quoniam  
In aeternum misericordia eius.*

Porque confiando na sua misericordia elle dará novos ani- mos aos que nelle confiarem, & noua confusão aos inimigos. Marchando deste modo irãõ o general vendo particularmẽte to- da a batalha considerando se lhe falta algũa cousa, & com prac- ticas a proposito animará os soldados assi em particular algũa nação, terço, companhia, capitaõ, ou soldado, como em gẽral to- do o exercito, fazendo as praticas gẽrais na vanguarda, corpo, & retroguarda, para ser ouvido de todos. E vendo, & ouindo todos os soldados em todas as partes o seu capitaõ general em nenhũa auerã descuido, antes em todos se acrescentará a diligẽcia, & o animo, pois vem que saõ vistos de quem ha de ser juiz das suas obras, & remunerador dellas. Dando Cõstantino a Iu- liano o titulo de Cesar para ir defender França dos Alemães, disse-lhe. Se participe dos meus trabalhos, & dos meus perigos, & toma a defesa de França à tua conta. E se for necessario cõ- batter pôete no meyo de teus capitães, & dalhe animo quando seja necessario, aduertindo sempre o q̃ mais conuẽ, & caminhan- do ordenadamẽte diante dos q̃ cõbattem, ascêdeos à guerra, & socorre aquelles q̃ temerosos se deixarẽ róper, & reprẽde os fro- xos, & assi serás testemunha, & juiz das couardias, & esforços. Isto mesmo deue fazer o capitaõ general: mas cõ tal resguardo q̃ se não meta nos perigos arriscando a sua vida, porq̃ nella ar- risca todo o seu exercito, porque sendo a cabeça d'elle se elle se perder não se poderá salvar o exercito, e assi se viraõ muitos ex- ercitos rotos só por lhe matarẽ o capitaõ. Como acõtecco aos Toscanos cõ a morte de Tolumnio, porque em o matando Au- lo Cornelio Cossõ, logo foraõ rotos. E na primeira batalha que

*Ammias  
Mar. li.  
15.*



*Plu. in vi  
ta Pyrr.* Pyrrro deu aos Romanos, o auiso hum amigo que se guardasse de certo soldado Romano, que não tirava os olhos d'elle, & no mesmo tempo o accômetteo o Romano, mas errou o golpe, & ferio o cavallo, polo que Pyrrro mudou a sobreueste cõ hũ dos seus soldados, o qual matao, & entendendo ambos os exercitos q̄ era Pyrrro o dos Romanos se animou, & o dos Gregos se encheo de temor, de modo q̄ se perdera se conhescendo Pyrrro não tirara a celada da cabeça, & se mostrara viuo aos seus soldados, cõ o q̄ cobrando o perdido animo desbaratao os Romanos. E assi deve o capitão general proceder com tal resguardo q̄ sem a vltima necessidade senão meta nos perigos. E por isso Plu

*Plu. in  
vit. Pelo.* tarcho louua muito hũa reposta de Timotheo. Porque mostrã do Carete capitão Atheniense aos Athenienses algũs sinais de feridas cõ o escudo passado de hũa lança, lhe disse Thimotheo. Eu me corri grandemente estando no cerco de Samo, porque cayo hũa lança junto de mi, parecendome que procedera mais temerariamente do que conuinha a hum capitão general. Mas quando for necessario aueturar a vida para salvar o exercito não temerã nenhũ perigo. Porque o vltimo fim do capitão general he a vitoria, & cõseruação do seu exercito, & patria, & assi quando para isto for necessario auenturar, & perder a vida, esse he o seu proprio officio. E por isso Silla vendo na segunda batalha q̄

*Appia.  
Alex. de  
bel. Mirr.* deu a Archelao, que os seus soldados combattiaõ froxamente temendo a ruyna de todo o exercito, tomando a insignia da Aguia se pos diante d'elle, dizendo em alta voz. Se alguẽ vos perguntar o Romanos em que lugar desamparastes Silla vosso capitão, dizey que em Orchomeno combattendo com Archelao, & arremeteo contra os inimigos, o que vendo os seus cobrãdo animo alcançaraõ hũa insigne vitoria. E Epaminũdas Illustrissi

*Diod. Sic.  
par. 1. li.  
85.* mo capitão dos Thebanos, conhescendo na vltima batalha que deu aos Lacedemonios, q̄ se o valor da sua pessoa não poderia alcãçar a vitoria deixãdo os mais respeitos se meteo nos mayores perigos cõ o que ainda que morreo saluou o seu exercito. E assi irã o capitão (como està ditto) animando cõ a sua presença, & palauras os seus soldados quando forem marchando contra os inimigos, & na batalha senão arriscarã senão quando esse

fos

for o vltimo remedio para alcançar a vitoria: mas estará em parte a onde veja os successos della, os quais estará promptissimamente cõsiderando como o jogador de xadres os lanços do inimigo para desfazer os disenhos d'elle, & melhorar os seus, o que não poderã fazer se se occupar em pelear como soldado, porque o que combate não pode aduertir mais que ao inimigo que tem diante, & he necessario quem aduirta o successo vniuersal de todos, pois na batalha se considera, não as vitorias particulares dos soldados, mas a vniuersal de todo o exercito. E deste modo socorrerã onde for necessario, reformarã as partes desordenadas, & mudarã a ordem sendo necessario, segundo o successo, & disposição das cousas.

Tudo o que atéqui se trattou, he segundo a Arte, mas he necessario (como està ditto) que todas estas cousas sejaõ acompanhadas da virtude, que he como o espirito nos corpos, porque sem ella nenhũa destas acções terã vida, morrendo nos soldados o animo que por meyo dellas deuia reuiuer. E assi em todas ellas conuem que o capitão com a virtude da perfeita fortaleza ponha hũa segurança no animo dos soldados com que se augmẽte em cada hũa a propria virtude, porque em todos os homẽs a esperança da vitoria acrescẽta o esforço, & o temor de a perder couardia. E por isso sentindo Quinto Fabio, q̄ os seus soldados estauã temerosos pola grande multidaõ dos inimigos, fez lhe crer q̄ elle tinha aparelhado certa arma secreta cõ q̄ os auia de desbaratar, & tornãdo elles a cobrar animo pola cõfiãça q̄ o capitão mostrava da vitoria sayraõ a dar a batalha, & vee rão os inimigos. E assi deve o capitão cõ a virtude do seu animo cõfirmar nos soldados a esperança da vitoria, para q̄ elles com mais animo a procurem. E para que os soldados conheção isto nelle he necessario não sò animallos cõ as palauras q̄ para esse fim lhes dirã, mas cõ a alegria do rosto, & cõ mostrar em todas as cousas q̄ se offerecerẽ o pouco temor que tem do perigo da batalha. E não ha cousa em que mais se conheça a segurança de animo, que em trattar os perigos da guerra com galanterias de corte, porque o temeroso não sabe trattar, senão do perigo que teme, & do remedio d'elle. E assi todos os grãdes, & valerosos ca

Xx 3

pitães

pitães mostraraõ deste modo a segurança de seus animos, & cõ ella a virtude da perfeita fortaleza de que eraõ dotados. Succedendo Diente despois da morte de Leonidas, ao governo dos trezentos Lacedemonios, que defendiaõ o passo de Thermopylas, ao quasi innumerauel exercito de Xerxes, ouindo dizer a hum certo Trachinio, que eraõ tantas as settas dos inimigos, que tirauaõ, como hũa escura nuue, a luz ao sol, respondeo boa noua he esta, porque combatteremos à sombra, & naõ nos cegarã o Sol. E dizendo a Pelopidas, que os inimigos eraõ muitos mais em numero que os seus soldados, respondeo, que isso era melhor para elles, que venceriaõ mais. E retirandose com pouca gente de certa empresa que queria fazer contra Orchomeno, & indo a encõtrar os inimigos que a caso vinhaõ polo mesmo caminho, disselhe hum soldado, que o auisaua disto, que hiaõ a dar nas mãos dos inimigos, & elle respondeo, & porque naõ diràs tu, que elles vem dar nas nossas, & assi foy, porque os desbaratou. E Alexandre auendo de dar batalha a Dario, naõ mostrou menos confiança; porque dormindo mais do costumado, & sendo hora de se ordenar a batalha, entrou Parmenion a despertallo, & dizêdolhe despois de o acordar. Que descuido he este teu, que dormes como se tiuesses vencido, & naõ estiuesses para entrar agora em hũa grandissima batalha? respõdeo. E naõ te parece a ti que temos vencido, pois que estamos liures do trabalho de seguir a Dario por esta terra deserta se elle fugisse, & naõ quisesse combatter? E na batalha perseverou na mesma constancia; porque mandandolhe dizer o mesmo Parmenion, que se da primeira frente da batalha naõ sayãõ os mais valerosos soldados a focorrer a retroguarda perderiaõ os alojamentos, & bagajes, respondeo, que elle estaua fora de si, & que por estar temeroso senãõ lembrava, que os vencedores ganhaõ as facultades dos inimigos, & que os vécidos naõ tem cuidado de bagajes, dinheiro, & escravos, porque sò cuidaõ como poderaõ combattendo morrer gloriosamente. E Cesar que sendo dar batalha aos Heluecios, que o accommettiaõ cõ hum grande exercito estando retirado em hum monte, disse, trazendolhe hum cauallo para se seruir delle na batalha, que o guardassem

*Hero. l. 7.*

*Plu. in vi  
ta Pelo.*

*Plu. in vi  
ta Alex.*

*Plu. in vi  
ta Caf.*

dassem, que despois da vittoria se seruiria delle para seguir os inimigos que fugissem. E assi mostrando o capitaõ deste modo em todas as occasiões pouco temor, & grande confiança confirmarã os animos dos soldados no desprezo dos perigos, & mostrarã que he adornado da virtude da perfeita fortaleza, cõ o que cobraraõ credito entre os seus as suas opiniões, que importa muito para o seguirem promptamente em todas as empresas que intentar. E assi por esta reputaçã foy Marco Antonio seguido dos soldados com muito mais animo do que prometia a prospera fortuna de Octauiano; ajudada do grande fauor que lhe dauaõ a memoria de Cesar, & a sua beneuolencia: mas cobrou Marco Antonio pola batalha das Philippicas tanta reputaçã entre os soldados de animoso, & prudente capitaõ que por esta causa diz Appiano Alexandrino, que senãõ passaraõ muitos dos seus a Octauiano.

Procedendo o capitaõ, como estã ditto, antes da batalha, & no transe della em quanto naõ vencer naõ se occuparã em coufa algũa mais que em pelejar, ainda que possa ganhar os bagajes dos inimigos o naõ fará; porque occupandose os seus com a presa serãõ facilmete desbaratados. E assi isto deu a Aulo Cornelio a vittoria que teue dos Samnitas; porque retirandose para buscar lugar commodo onde alojar accommettendo os inimigos quando naõ podia ir adiante, né fazer alojamento, mandou pôr na retroguarda os bagajes com pouca guarda, & vendo a caualleria dos inimigos, que os podia saquear com facilidade o foy fazer, & como Aulo Cornelio soube, que estauãõ occupados com a presa, abrindo os fardos, & cayxas mandou à sua caualleria que os accommettesse, & matando a todos accommetteo despois a batalha pola retroguarda com o que alcançou a vittoria. E do mesmo modo romperãõ os Franceses aos Italianos junto ao Taro, por se occuparem os Italianos em saquear os bagajes que estauãõ com pouca guarda. Polo que em quanto a batalha durar senãõ entenderã em mais que pelejar até vencer. E se vir o capitaõ que a victoria se começa a mostrar da sua parte, entãõ com mais impeto faça pelejar os seus soldados; porque os inimigos percaõ a esperança de recuperar o que

*Appia.  
Alex. de  
bel. Ciuil.  
l. 5.*

*Tit. Liv.  
D. 1. l. 8.*

*Guic. l. 2.*

tiuerem perdido, & desconfiado da vittoria se ponhão mais de pressa em fugida; porque assi como os medicos desconfiaõ da saude do enfermo quando se acrescenta o mal com que ja não podia, assi desconfiarão os capitães inimigos da vittoria se vi- rem accommetter o seu exercito com mayor impeto, quando ao menor não podia resistir. Isto se vio na batalha de Pharsalia, porque vendo Cesar hum claro principio da vittoria tendo roto a caualleria de Pompeyo, & os soldados de fundas, & settas mandou entrar na batalha o terceiro esquadraõ, que até entãõ não tinha peleijado; & Pompeyo vendo que os seus perdiaõ, & que as forças dos inimigos cresciaõ, desesperou da vittoria, & desamparou a batalha procurando saluar-se. E assi não se deixará de combatter com a mayor furia possiuel até os inimigos não serem de todo vencidos. E quando Deos chegar o capitaõ a este felice estado não se contente sò com ver fugir os inimigos, mas persigaos até não ficar delles parte algũa que se possa vnir, & tornar a fazer cabeça, ainda que debil; porque se virão muitos exercitos rotos, por se contentarem sò com a vittoria deixando os inimigos com algũa força. E assi descuidandose os Carthagineses em seguir as reliquias dos exercitos dos Scipioes ajuntãdose ellas, & fazendo capitaõ a Lucio Marcio desbaratarão despois os vittoriosos exercitos. E se Pópeyo quando venceo Cesar em Duraso soubera seguir a vittoria até de todo destruir os inimigos, não fora despois em Pharsalia desbaratado. Mas nisto se vio quanta ventage Cesar lhe fazia na disciplina militar, que alcançando a vittoria de Pharsalia não repousou até de todo não serẽ desfeitas as reliquias do exercito Pompeyano, as quais seguio cõ o seu tão ordenado, como que riuerão os inimigos as forças todas inteiras. E assi quando se seguirem os inimigos vencidos seja com muita ordem, porque seguindoos desordenadamente isso lhes darã animo para se tornar a vnir, & reparar a sua ruyna ganhando a vittoria perdida; porque diz Vegecio, que aquelles capitães que se dispoem a seguir a vittoria com os seus desordenados, querẽ que a victoria que no principio foy sua, seja no fim dos inimigos. E tambem não quis Cesar que os seus se occupassem em saquear os despojos

jos do exercito de Pompeyo, em quanto auia delle algũas reliquias. E assi não se occupará o capitão vittorioso em cousa algũa em quãto ouuer algũa parte dos inimigos a que seguir, porque lhe darã lugar para se reunirem, & o accommetterem estando desordenado o que serã bastante causa de tornar a perder a vittoria. E por isso Iosue ainda que Deos lhe tinha promettido a vittoria dos cinco reys Amorreos, não quis despois de a alcançar occuparse em outra cousa mais q̃ em perseguir as reliquias que fugindo se saluaraõ, & dizendolhe que os reys estauã escondidos em hũa coua, nem em os prender se detene mandando sò tapar a boca da coua, & pôrlhe boa guarda. E assi em nenhuma cousa se occupará o exercito vittorioso em quanto ouuer algũas reliquias do exercito vécido senãõ sò em as desfazer de todo, despois do qual gozarã da vittoria, & dos despojos della dando algum repouso aos soldados, enterrando os mortos, repartindo a preza liberalmente, & premiando os que o merecerem, & dispondo as mais cousas como conuem o que farã nos alojamentos que terã com a mesma guarda, & vigia, que he necessario quando os inimigos estauãõ em campanha, principalmente se for em terra estranha, & não na propria. Mas quando a victoria se mostrar pola parte contraria, se de todo se perder a esperança de vencer, procurese antes da vltima ruyna retirar o exercito com a melhor ordem possiuel a algum sitio forte onde por meyo das trincheiras, & alojamentos bem fortificados se defenda até poder melhorar o partido, como se mostrarã na segunda parte.

F I M.

# TABOADA DESTA

## LIVRO.

### A

- A**rte Militar inuenada só para fazer guerra com ordem, folio 1. pagina 1.
- Arte Militar nunca a ouue sem guerra nem guerra sem Arte Militar, fo. 1. pag. 2.
- Affeitos da vótade, segundas causas da guerra, f. 2. p. 2.
- Ambição he insaciavel sede de senho-rear, f. 8. p. 2.
- Arte Militar, & guerra nascerão jun-tas, f. 10. p. 1.
- Abrahão fez guerra antes de vir a Cha-nanea, f. 10. p. 2.
- Arte Militar se aperfeçoou com a con-tinuação, & necessidade, f. 16. p. 2.
- Arcabuz inuentado no tempo de Ala-dio, f. 17. p. 2.
- Arte Militar conserua os estados, f. 18. pag. 1.
- Arte Militar conseruando as cidades, conserua nellas a humana especie, fol. 18. p. 2.
- Arte Militar tem por objecto a guerra fo. 18. p. 2.
- Arte Militar ensina a fazer guerra cõ ordem, fo. 19. p. 1.
- Arte Militar muito necessaria, fo. 20. pag. 1.
- Arte Militar cõserua a paz, f. 20. p. 2.
- Apercebimento para a guerra pertence só à Arte Militar, f. 20. p. 2.
- Arte Militar muito mais necessaria que todas as outras artes, f. 20. p. 2.
- Arte Militar he custodia, & guarda de todas as outras cousas, f. 21. p. 2.
- Arte Militar mais necessaria que as leys, fol. 22. p. 1. & 2.
- Arte Militar he o neruo da guerra, & não o dinheiro, f. 24. p. 1.
- Arte Militar he a força, & poder de todos os estados, & especie, de republi-cas, f. 24. p. 2. & f. 25. p. 1. & 2.
- Arte Militar mais poderosa que as forças corporais, f. 25. p. 2.
- Arte Militar he hũa força, & poder or-denado pela razão para vencer todas as forças humanas, f. 26. p. 1.
- Arte Militar mudou o imperio de hũas nações em outras, f. 27. p. 1.
- Arte Militar tem necessidade de leys, f. 29. p. 1.
- Arte Militar se ha de apredar na paz, & não na guerra, f. 42. p. 1. & 2.
- Arte Militar se ha de ensinar em publi-cas escolas, f. 43. p. 1.
- Arithmetica necessaria para a Arte Militar, f. 51. p. 1.
- Astronomia necessaria a Arte Mili-tar, f. 51. p. 2.
- Architectura hũa parte da Arte Mili-tar, f. 52. p. 1.

T A B O A D A.

Armas dos Macedonios, f. 95. p. 2.  
 Armas dos Romanos, f. 96. p. 1. & 2.  
 Armas com que se armão os soldados de  
 q̄ se ordenão os esquadrões modernos se  
 melhãtes aos dos Phalangarios, e graue  
 armadura dos Romanos, f. 104. p. 1.  
 Arte Militar que seja, f. 108. p. 2.  
 Arcabuzeiros, & o que lhe toca, fo. 125,  
 p. 1. & 2.  
 Arcabuzeiros de cavallo, & o que lhe  
 toca, f. 127. p. 2.  
 Alferes, & o que lhe toca, f. 131. p. 1. e 2.  
 Ajudãte de sargento mayor, f. 133. p. 1.  
 Alferes de cavallo ligeiros, homes d'ar  
 mas, e arcabuzeiros de cavallo, f. 134. p. 2.  
 Alabardas o lugar que terãõ, f. 138. p. 1  
 & como se ordenarãõ, p. 2.  
 Armas de dous modos se hãõ de conside  
 rar, f. 189. p. 2.  
 Armas com que se ha de armar o exerci  
 to, f. 191. p. 2. & 192. p. 1. & 2.  
 Auditor general, e auditores, f. 196. p. 1  
 Afronta injuria a quem a faz, f. 204.  
 p. 1. & 2.  
 Auaricos não se hãõ de elleger para ad  
 ministrar a despesa do exercito, f. 212. p. 1,  
 Artilheria f. 216. p. 1. e 2. & f. 217. p. 1.  
 Auisos, e modos de os mãdar, f. 224. p. 1  
 Arte, & virtude necessarias ao capitão  
 para alcãçar a victoria, f. 254. p. 1. e 2.  
 Accommetter pelas costas na batalha,  
 f. 259. p. 1.

B

Boa vontade parte do capitão, fo. 82.  
 p. 1. & 2.  
 Batalha primeira quadra de gẽte, f. 137.

p. 1. reprovada, f. 141. p. 2,  
 Bãdeiras o lugar q̄ terãõ no esquadraõ,  
 f. 139 p. 2. reprovãr o q̄ agora lhe dãõ  
 f. 140. regra para se accommodarẽ na  
 forma que conuem, f. 140. p. 2.  
 Batalha accommettida por todas as par  
 tes, e a sua ordem, f. 146. p. 1. & 2. &  
 tendo bagajes, f. 147. p. 1.  
 Batalha quadra de terreno, f. 148. p. 2. e  
 accommettida por vanguarda, & re  
 troguarda, f. 150. p. 1.  
 Batalha de grãõ fronte, & as occasiões em  
 que serue, f. 151. p. 1,  
 Batalha de grãõ fundo, & quando serue  
 f. 152. p. 1,  
 Batalhas dobradas, & redobradas, fol.  
 157. p. 1,  
 Batalha redobrada perfeita, f. 158. p. 1.  
 Batalha não se ha de ordenar para fugir  
 senãõ para vencer, f. 158. p. 2.  
 Bando como se ha de lançar, f. 196. p. 1. e  
 2. & f. 197. p. 1,  
 Barrachel de campanha, f. 196. p. 2,  
 Bastimẽtos, f. 218. p. 1. e 2. & f. 219. p. 1, e 2,  
 e 220. p. 1, e 221. p. 1,

C

Causa segunda vniuersal da guerra  
 a injustiça, f. 3. p. 1,  
 Causas segundas, e origem da guerra, fo.  
 3. p. 2,  
 Cobiça causa da guerra despois da inue  
 ja, f. 5. p. 2,  
 Cobiça que cousa he, f. 5. p. 2,  
 Cobiça causa das primeiras guerras que  
 se fizerãõ despois da morte de Abel,  
 fol. 6. p. 1.

Cobi

T A B O A D A.

Cobiça causa de muitas guerras f. 6. p. 2  
 Cidades ricas não estão seguras de lhe fa  
 zerem guerra, f. 7. p. 1.  
 Caim deu principio á guerra, & arte mi  
 litar, f. 11. p. 2.  
 Cham primeiro habitador do Egypto, fo.  
 15. p. 1.  
 Cidades não podẽ estar sem leys, f. 29. p. 1.  
 Castigo se pode alterar, & o premio nun  
 ca, f. 70. p. 1.  
 Conueniente doutrina parte do capitam,  
 f. 83. p. 1. & 2.  
 Cavallos ligeiros, & o que lhe toca, folio.  
 107. p. 2.  
 Cossolete, & o que lhe toca, f. 125. p. 2.  
 Companhia que causa seja, & de que nu  
 mero, f. 128. p. 2.  
 Companhia, & sua diuisão, f. 129. p. 1.  
 Cabos das fileiras, e o q̄ lhe toca, f. 129. p. 1  
 Cabo d'esquadra, e o q̄ lhe toca, f. 129. p. 2  
 Cabo de ceto, ou centuriãõ, & o que lhe to  
 ca, f. 130. p. 1.  
 Capitam, & o que lhe toca, f. 131. p. 2. &  
 132. p. 1.  
 Cabos de fileiras, & caporais da cavalle  
 ria, & homes d'armas, f. 134. p. 1. & 2.  
 Capitães de cavallo ligeiros, homes d'ar  
 mas, & arcabuzeiros de cavallo, fol.  
 134. p. 2. & 135. p. 1.  
 Cavalleria como se ordenarã nas bata  
 lhas quadras de gente, f. 154. p. 1. &  
 nas quadras de terreno, f. 155. p. 1. e  
 nas de gram frente, f. 156. p. 1. e nas  
 de gram fundo, f. 157. p. 1.  
 Capitam general se ellegerã antes que a  
 guerra se comece, f. 160. p. 2. e despois

de eleito nam se desporã de nada sem  
 o seu parecer, f. 161. p. 1.  
 Capitam he o que se vence, f. 161. p. 1.  
 Capitam que proceder bem nam se muda  
 rã do cargo, f. 161. p. 2.  
 Consideraçam da guerra que se ha de fa  
 zer, f. 162. p. 1.  
 Capitães que imprudentemente se gover  
 narem, ainda que vençam nam mere  
 cẽ louvor, nẽ ser vituperados os q̄ forẽ  
 vencidos nam errando, f. 178. p. 2.  
 Considerar as armas com que se ha de ar  
 mar o exercito muito necessario, fol.  
 191. p. 1;  
 Comissario general, & comissarios, folio  
 218. p. 2.  
 Citala cifra dos Lacedemonios, f. 224. p. 1  
 Cifra q̄ se ha de deixar quando parte o ex  
 ercito para os auisos, f. 224. p. 2.  
 Caminho qual se ha de elleger, & qual he  
 o perigoso, f. 225. p. 1. & 2. o cercado  
 demontes como se passarã, f. 232. p. 1.  
 & 2. o alagadiço, fo. 232. p. 2. & fol.  
 233. p. 1. & o que passa por bosques,  
 233. p. 1. & 2.  
 Considerações para vencer sem batalha,  
 f. 237. p. 2. a natureza, & condiçam  
 dos naturais da terra onde se faz a  
 guerra, f. 237. p. 2. a natureza, & con  
 diçam do general, f. 239. p. 1. a quali  
 dade, & força do exercito, f. 242. p. 2.  
 a terra a onde se ha de fazer a guerra  
 f. 245. p. 1.  
 Consideraçam da batalha, f. 247. p. 1.  
 Confessar antes da batalha, f. 255. p. 2.  
 Comer os soldados antes da batalha, fo.

Y y . lio

T A B O A D A.

lio 255.p.2. & f.256.p.1.  
Cantando vão os soldados a batalha, fol.  
259.p.2. & f.260.p.1.

D

**D**iffinição da guerra, f.2.p.1. & 2.  
Diffinição da ambição, f.7.p.2.  
Diffinição da ley, f.29.p.1. & 2.  
Diuisão da ley, f.29.p.2.  
Diffinição da fortaleza, f.38.p.2.  
Diffinição da perfeita fortaleza, f.39.p.1.  
Deos só pode fazer boa eleição, f.92.p.2.  
Defeitos dos esquadrões Romanos, f.102  
p. & 103.p.1. & 2.  
Diuisão da Arte Militar, fo.108.p.2.  
Diffinições do que contém esta primeira  
parte, f.109.p.1. & 2.  
Distancias que ham de guardar os solda  
dos, f.126.p.2.  
Danças proveitosas, f.202.p.2.  
Danno he nam terem os soldados pagas  
com que se sustentam, f.214.p.2. & f.  
215.p.1.  
Disenho da prouincia onde se ha de fazer  
a guerra q̄ o leue o capitam, f.235.p.1

E

**E**xercicio da Arte Militar ha de ser  
geral em toda a republica, fol. 28.  
p.1. & 2.  
Exercicio necessario para alcançar a for  
taleza militar, f.40. & 41.p.2.  
Exercicios das forças no corpo, & for  
taleza no animo, f.45.p.1.  
Escollas de gramatica mudadas em gym  
nastios da Arte Militar, f.56.p.1.  
Elleição principio de todas as obras, fol.  
85.p.2.

Elleição não se ha de fazer dos que pre  
tendem, fo.91.p.1.

Esquadrão dos Macedonios, f.94.p.2.

Esquadrão dos Romanos, f.95.p.1.

Esquadrões modernos, semelhantes á  
Phalange, f.104.p.1.

Esquadrões melhores que a Phalange,  
& esquadrões dos Romanos, f.104.  
p.1.

Especies dos esquadrões, & diffinições  
delles, f.110.p.1. & 2. & f.111.p.1.

Exemplo do quadro de terreno, f.115.p.  
2. & f.116.p.1. outro exemplo, f.116  
p.2. & f.117.p.1. & f.118.p.1.

Esquadrões nam tem numero certo, fo.  
158.p.2.

Erros de Pompeyo, & aduertencias de  
Cesar, fol.173.p.1. & f.175.p.2. &  
176.p.1.

Erros de Pompeyo desamparar Roma, &  
deixar Italia liure a Cesar, f.174.p.  
1. & deixar Brindes, f.174. & não  
saber de que fugia, idem. E nam saber  
vencer em Duraso, idem, p.2. & dar ba  
talha a Cesar em Pharsalia podendo  
vencer com a fome, & deixarse persua  
dir, no que nam conuinha, idem.

Erros, & aduertencias de Annibal, &  
Scipiam, f.176.p.1.

Erros de Annibal dar batalha em Afri  
ca a Scipiam deueno entreter a guer  
ra, f.176.p.1. & nam ir sobre Roma  
quãdo tene a victoria de Cannas, idem.  
& romper com as forças em campal  
batalha, idem.

Erros de Antiocho, f.177.p.1. nam fazer  
a guerra em Italia, não defender o pas  
so

T A B O A D A.

so de Lesemachia, ou o Helespoto, idem.  
Erro de Perseo em não defender o passo  
de Gonfi, f.177.p.1.

Erros de Dario em se priuar de retirada  
f.177.p.2. & limitar tempo as cousas  
da guerra, f.178.p.1.

Erros da guerra fazem mais danno em  
hum hora, que a prudencia proveito  
em muitos dias, 178.p.1.

Erro de Antiocho em separar o alojamẽ  
to do seu exercito, f.178.p.1.

Erros de Cresso em desfazer o exercito,  
ficando o inimigo co elle, & dar lugar  
a que lhe fizesse guerra na sua terra,  
f.178.p.1.

Exercito he hũa multidão de gente arma  
da, & desarmada, que ordenadamen  
te se governa fazendo guerra em cam  
panha, f.179.p.2. tratar do seu nu  
mero he necessario, f.180.p.1. defeitos  
do grande, f.180.p.2. & 181.p.1. &  
2. & do pequeno, f.182.p.1. & 2.

Exercito de numero sufficient, f.182.  
p.1. & 2.

Exercito de que numero, f.183.p.2. & de  
que soldados, f.184.p.2. & f.185.p.1.

Elleição dos soldados como se fará, f.188.  
p.2.

Exercicios militares, f.203.p.1.

Exercicios dos soldados, fol.208.p.2. &  
209.p.1. & 210.p.1. & 2.

Espias necessarias, f.223.p.2.

Esperanças da victoria se hão de ter em  
Deos, f.255.p.1. & 2.

F

**F**im da guerra principio da paz, f.2.p.2

Fim da guerra he a paz, f.19.p.1.

Força, & esforço inuteis na guerra, se se  
não ordenarem com as regras, & pre  
ceitos da Arte Militar, f.26.

Fim do soldado, f.33.p.1.

Fortaleza mais propria virtude do ho  
mem que nenhũa outra, f.38.p.1.

Fortaleza he hum composto de todas as  
virtudes, f.38.p.2.

Fortaleza militar necessaria para a guer  
ra, f.39.p.2.

Fortaleza luz cõ que resplandece a Ar  
te Militar, f.39.p.2.

Fortaleza se ha de alcançar com os exer  
cicios da Arte Militar, f.41.p.2.

Fortaleza se pode ensinar, f.41.p.2.

Felicidade de qualquer cousa està na ope  
ração da sua perfeição, f.82.p.2.

Forma perfeita das batalhas, f.141.p.2.  
& 143.p.2.

Fim da guerra incerto, f.159.p.2.

Fortuna não tem poder sobre os bõs com  
selhos, f.175.p.1.

Furtar praças, como se faz, f.213.p.1. & 2.

G

**G**uerra he acto das potencias, f.1.p.2.

Guerra procede da parte da alma i  
rasciuel, & concupisciuel, f.2.p.1.

Guerra he acto da vontade, f.2.p.1.

Guerra não he acto demonstratiuo, mas  
executiuo, f.2.p.1.

Guerra he hum acto da vontade executi  
do, ou de vontades contrarias, f.2.p.1.

Guerra em que differe do desafio, & mo  
tim, f.2.p.1.

Guerra ciuil, f.2.p.2.

T A B O A D A.

Guerra não pode ser justa d'ambas as partes, tirada a ignorancia. f. 3. p. 1.  
 Guerra primeira segundo Moyses. f. 10. p. 1.  
 Guerra primeira segundo Iosepho. fo. 10. p. 1. & 2.  
 Guerra pelo seu fim he utilissima,  
 Guerra não pode alcançar o seu fim sem Arte Militar. f. 19. p. 1.  
 Geometria necessaria para a Arte Militar. f. 51. p. 1,  
 Geographia necessaria a Arte Militar, f. 52. p. 1.  
 Governo mais perfeito he o que se reduz a hũa só cabeça. f. 73. p. 1. & 79. p. 1.  
 Governo de hum só capitão necessario na guerra. f. 79. p. 1.  
 Governo do capitão general semelhante ao real. f. 81. p. 1.  
 Graue armadura. f. 97. p. 1.  
 Cinetes reprovados. f. 124. p. 2.  
 General de infantaria. f. 134. p. 1.  
 Generais da cavallaria, & homens d'armas. f. 135. p. 1.  
 General supremo. f. 135. p. 2.  
 Guerra não se faz se não sendo justa. f. 159. p. 2. & f. 160. p. 2.  
 Guerra injustamente feita não pode ser bom fim. f. 160. p. 1.  
 Guerra não se ha de começar sem forças bastantes. f. 160. p. 1.  
 Guerra defensiva. f. 165. p. 2.  
 Guerra offensiva. f. 165. p. 2. a que gente se ha de fazer. f. 166. p. 1. e 2. ef. 167. p. 1. e a q̄ provincia. 167. p. 2. ef. 168. p. 1. e 2. ef. 169. & se he ilha. f. 168. p. 2. e 169. p. 1.

General ha de participar dos trabalhos dos soldados. f. 193. p. 2. & remedeallos. idem. & f. 194. p. 1.  
 General tẽ necessidade de cõservar a sua opinião nos animos de todos. f. 194. p. 2.  
 General não peça conselho a todos, mas não despreze os que lhe derẽ. f. 195. p. 1.  
 General d'artilheria, & seu officio. f. 215. p. 2.  
 Castadores. f. 215. p. 2. & 216. p. 1.  
 Guarda conuena que fique na terra quã do sayr o exercito, a fazer guerra fora. f. 223. p. 1.  
 General o que fará indo a dar batalha, f. 260. p. 1. & na batalha. p. 1. & 2. & f. 261. p. 1.

H

H Abitos viciosos não pertencem ao homem. f. 38. p. 1.  
 Homens d'armas, e o q̄ lhe toca. f. 128. p. 1.

I

I Inveja que causa seja. f. 3. p. 2.  
 Inveja fonte de todas as guerras. fo. 3. p. 2.  
 Inveja foy causa do primeiro acto com q̄ a guerra. & Arte Militar se manifestarãõ. f. 4. p. 1.  
 Inveja foy causa de se inventarem, & fazerem muitas guerras. f. 5. p. 2.  
 Injuria não he mais nobre causa vingalla que se frella. f. 203. p. 2. ef. 204. p. 1.  
 Justiça he a medida dos reys. f. 207. p. 1.

L

L Eys necessarias à republica. f. 28. p. 2.  
 Ley que ordena penas aos vicios necessaria. f. 30. p. 1. & 2.

Ley

T A B O A D A.

Ley que incita à virtude necessaria. f. 30. p. 2.  
 Leys que incitão ao bem cõservãõ a re-publica. f. 31. p. 2.  
 Leys differentes às differentes ordẽs de milicia. f. 32. p. 1.  
 Lugar que terãõ na batalha os cabos de esquadra, centuriões, & capitães. fol. 138. p. 2. & 139.  
 Ley primeira da pena que terãõ os juyzes que julgarem mal. f. 197. p. 2.  
 Leys do primeiro preceito da vida honesta. f. 198. p. 1. e 2. segunda ley. f. 199. p. 1. terceira ley. f. 199. p. 2. quarta. f. 200. p. 1. quinta. f. 200. p. 2. sexta. f. 201. e setima. idem.  
 Ley do jogo. f. 203. p. 1.  
 Leys do segundo preceito de não fazer dãno a outrem. fo. 205. p. 1. & 2. & fol. 106. p. 1. & 2.  
 Leys do terceiro preceito. f. 207. p. 1. e 2. & f. 108. p. 1. & 2.

M

M ilicia moderna melhor que a Grega & Romana. f. 107. p. 1.  
 Milicia que causa seja. f. 108. p. 2.  
 Mosqueteiros, e o que lhe toca. f. 125. p. 1.  
 Milicia superior, inferior, & media. fo. 122. p. 2. a media. f. 123. p. 2.  
 Mestre de campo. f. 133. p. 1. & 2. & fol. 134. p. 1.  
 Mestre de campo general. f. 135. p. 1. & 2.  
 Magas numerosas a razã par q̄. f. 153. p. 1.  
 Mosqueteiros o lugar que terãõ, & de q̄ servẽ. f. 153. p. 2. e 155. p. 1. (p. 2.)  
 Musica q̄ se cõceda aos soldados. f. 201.

Munições se entregãõ ao general da artilheria. f. 215. p. 2.  
 Marchar junto ao inimigo. f. 235. p. 1. & 2. & f. 256. p. 1.

N

N Emroth o primeiro que fez guerra. despois do diluvio. f. 16. p. 1.  
 Nobreza que se cõserva em todas as nações. f. 87. p. 2.  
 Nobres se ellegarãõ para as cousas de mais perigo. f. 189. p. 1.  
 Necessidades q̄ obrigarãõ a dar batalha a fome. f. 249. p. 1. e 2. e auer-se de acrescentar o poder ao inimigo. f. 250. p. 1. & diminuir-se o proprio. f. 250. p. 1.

O

O Rigem da discordia he tambem da guerra. f. 2. p. 2.  
 Origem da guerra o peccado dos primeiros pays. f. 2. p. 2.  
 Osiris filho de Noe, & o mesmo q̄ Cham. f. 14. p. 2.  
 Ordẽs de milicia. f. 32. p. 2.  
 Observancia das leys da justiça na paz, & forças na guerra. f. 34. p. 2.  
 Observancia das leys militares necessaria para a cõservaçãõ das republicas. fo. 36. p. 1. & 2.  
 Obras cõrespõdẽ a sua elleiçãõ. f. 86. p. 1.  
 Ordẽ d' pelejar dos Macedonios. f. 100. p. 1.  
 Ordẽ de pelejar dos Romanos. f. 101. p. 2.  
 Ordẽ noua na repariçãõ das cõpanhias introduzida nesta arte. f. 128. p. 1. e 2.  
 Officiaes da cavallaria. f. 134. p. 1.  
 Ordem do exercito para combatter, & marchar. f. 136. p. 1.

Ordem

T A B O A D A.

Ordem da perfeita forma das batalhas, f. 143. p. 1. e 145. p. 2.  
 Ordem politica necessaria. f. 193. p. 1.  
 Ordem politica ha de começar polo general. f. 193. p. 2.  
 Officiaes do vecdor general inimigos secretos. f. 212. p. 1.  
 Officiaes mechanicos do exercito. fo. 215. p. 2.  
 Ordẽ q se ha de dar ao general. f. 224. p. 2.  
 Ordẽ de marchar cõ o exercito. f. 226. p. 1 e 2. e 227 p. 1. e 2. e f. 228. p. 1 e 2. q se fará o general marchando. f. 229. p. 1.  
 Ordenar o exercito para a cãpal batalha. f. 253. p. 2. e 254 p. 1. e 2 e cinco causas necessarias para ordenar o exercito para a batalha. f. 256. p. 2. e f. 258. p. 1. e 2.

P

Principio da guerra o mesmo que o da Arte Militar. f. 1. p. 2.  
 Paz he impossivel a uella vniuersal. f. 12. p. 2. e f. 20. p. 1.  
 Premio, e castigo dous polos que sustentão as republicas. f. 57. p. 2.  
 Premio das obras virtuosas necessario. f. 60. p. 1.  
 Premios da virtude. f. 59. p. 1. e 2.  
 Premios necessarios à milicia. f. 61. p. 1.  
 Premios nunca se deixarão de dar a quẽ os merecer, e poder se hão acrescentar. f. 71. p. 1.  
 Partes do capitão. f. 82. p. 1.  
 Primeira coisa que se ha de considerar nas elleições. f. 93. p. 1.  
 Peltates. f. 99. p. 1.

Piques secos. f. 126. p. 1.  
 Preceitos da practica seruem na guerra pola ordẽ que a especulatiua ordenar. f. 159. p. 1.  
 Partido que se deue elleger na guerra de fensua. f. 164. p. 2. e 165. p. 1.  
 Partidos diferentes de particulares empresas de algũs capitães. f. 171. p. 1.  
 Prudencia de Cesar em accommitter Roma. f. 174. p. 1.  
 Pompeyo venturoso na sua morte. f. 175. p. 2.  
 Prudencia de Scipião em dar batalha a Annibal. f. 176. p. 2. e em ir tanto que venceo sobre Carthago. idem.  
 Poesia proveitosa. f. 202. p. 1. e 2.  
 Pagas dos soldados deste tempo iguaes ás dos Romanos. f. 214. p. 2.  
 Paga dos soldados se acrescetarã, e não a dos capitães. f. 215. p. 1.  
 Pontes como se fabricarão. fol. 230. p. 1. e 2.

R

Riqueza dannosa se he desacompanhada da Arte Militar. fo. 24. p. 2.  
 Republica de que tem necessidade para se conseruar. f. 33. p. 2.  
 Republica onde se conserua a virtude he poderosa. f. 35. p. 1.  
 Rey justo nos seus subditos tem bõs soldados. f. 188. p. 1.  
 Rigor, e seueridade do principe costuma os subditos a não errar, nem ser desobedientes. f. 194. p. 2.  
 Rico não está liure de ser auaro. f. 212. p. 2.

Rios

T A B O A D A.

Rios como se passaram. f. 229. p. 1. e 2. e f. 230. p. 2. e cõ estratagemas. f. 231. p. 1. e 2.  
 Remedios q se fará que defende. f. 233. p. 2. e 234. p. 1. e os q se farã para entrar na terra defendida. p. 2.  
 Razões que obrigaram a dar batalha. f. 247. p. 2.  
 Regra para fazer o quadro de gẽte. f. 111. p. 2. e f. 112. p. 1. e 2. e f. 113. p. 1. e 2.  
 Regra para fazer o quadro de terreno. f. 114. p. 1. e 2. outra regra. f. 115. p. 1.  
 Regra para fazer os esquadrões de graõ frente, e gram fundo. f. 118. p. 1. outra regra para o mesmo. fo. 119. p. 2. os de gram fundo. f. 120. p. 2. outra regra. f. 121. p. 2.

S

Soldados vã à guerra por cobiça. f. 7. p. 1.  
 Soldados voluntarios sempre por cobiça vãõ à guerra tirãdo os que defendem a patria. f. 7. p. 2.  
 Saturno o mesmo q Noe. f. 12. p. 1. e 13. p. 2.  
 Soldados hão de temer antes o capitão q os inimigos. f. 37. p. 1.  
 Sciencia civil, e militar saõ a conueniente doutrina do capitão. f. 83. p. 1.  
 Sciencia civil hũ supposto de todas as virtudes. f. 83. p. 2.  
 Sargento, e o que lhe toca. f. 130. p. 2.  
 Sargento mayor, e o q lhe toca. f. 132. p. 2.  
 Successos infelices podẽ acontecer de dous modos. f. 178. p. 2.  
 Soldados poucos, e bons, antes q muitos, e ruins. f. 182. p. 2.  
 Soldados quãis se hão de eleger. f. 185. p. 1. e 2. e 186. p. 1.

Soldados forasteiros nunca serãõ mais q os naturais. f. 189. p. 1.  
 Soldados justos fazem o exercito poderoso. f. 195. p. 2. (p. 2.)  
 Socorro deixado fora da batalha. fo. 258.  
 Seguir a victoria. f. 262. p. 1. e 253. p. 1.

T

Terço de que numero. f. 128. p. 1.  
 Terço como se diuide. f. 129. p. 1.  
 Tenete de cauallõs ligeiros, arcabuzeiros de cauallõs, e homẽs d'armas. f. 134. p. 2.  
 Tempo se ha de considerar antes q se comece a guerra. f. 222. p. 1. e 2.

V

Vessor, e Thanõ os primeiros que fizerãõ guerra. f. 11. p. 2.  
 Virtudes sãõ obras pprias do homẽ. 38. p. 1.  
 Virtude premio de si mesma. f. 52. p. 2.  
 Virtude perfeita parte do capitã. f. 84. p. 1.  
 Verdadeira nobreza propria virtude. f. 88. p. 2. e Velites. f. 99. p. 2.  
 Ventage com que os Romanos vencerãõ os Macedonios. f. 102. p. 2.  
 Vecdor general conresponde ao Questor dos Romanos. f. 211. p. 2. seu cargo, e f. 212. p. 1. e 213. p. 1.  
 Victoria se ha de procurar antes cõ o conselho que com as forças. f. 236. p. 2.  
 Vecages q obrigarão a dar batalha. f. 250. p. 1. e 2. e a respeito do proprio exercito. f. 250. p. 1. e 2. e a respeito do inimigo. f. 250. p. 2. e f. 251. p. 1. e 2. e do sitio da terra. f. 251. p. 2. e 252. p. 1. e 2. e 253. p. 1. e 2.  
 Virtude da fortaleza como amostrarã o capitão na batalha para animar os soldados. f. 265. p. 1. e 2.